

ANAIS DO 9º SIMPÓSIO  
INTERNACIONAL  
DIÁLOGOS NA  
CONTEMPORANEIDADE

UNIVERSIDADE  
DO VALE DO TAQUARI  
UNIVATES

# *IX* DIÁLOGOS

na contemporaneidade

**POR OUTROS MODOS**  
*DE PENSAR A VIDA, A*  
**TERRA E NOSSO JEITO**  
*DE ESTAR NO MUNDO*

14, 15 E 16  
DE ABRIL  
DE 2025





Fabiane Olegário  
Cristiano Zluhan Pereira  
Flávio Roberto Meurer  
Gisele Dhein  
Kári Lúcia Forneck  
Marcus Vinicius Staudt  
Neli Teresinha Galarce Machado  
Rosiene Almeida Souza Haetinger  
Sandro Fröhlich  
(Orgs.)

## **Anais do IX Simpósio Internacional Diálogos na Contemporaneidade: por outros modos de pensar a vida, a terra e o nosso jeito de estar no mundo**

1ª edição



EDITORA  
**UNIVATES**

Lajeado/RS, 2025



**Universidade do Vale do Taquari - Univates**

**Reitora:** Profa. Ma. Evania Schneider

**Vice-Reitora:** Profa. Dra. Cíntia Agostini

**Pró-Reitor de Ensino e Extensão:** Prof. Dr. Tiago Weizenmann

**Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:** Prof. Dr. Luis Fernando Saraiva Macedo Timmers



EDITORA  
**UNIVATES**

**Editora Univates**

**Coordenação:** Vagner Zarpellon

**Editoração:** Marlon Alceu Cristófoli

**Capa:** [ Enter ] Estúdio Experimental de Comunicação e Design

Avelino Talini, 171 – Bairro Universitário – Lajeado – RS, Brasil

Fone: (51) 3714-7024 / Fone: (51) 3714-7000, R.: 5984

editora@univates.br / <http://www.univates.br/editora>

S612 Simpósio Internacional Diálogos na Contemporaneidade (9. : 2025 : Lajeado, RS)

Anais do IX Seminário Internacional Diálogos na Contemporaneidade: por outros modos de pensar a vida, a terra e o nosso jeito de estar no mundo, 14 a 16 de abril de 2025, Lajeado, RS [recurso eletrônico] / Fabiane Olegário et al. (org.) – Lajeado : Editora Univates, 2025.

Disponível em: [www.univates.br/editora-univates/publicacao/449](http://www.univates.br/editora-univates/publicacao/449)  
ISBN 978-85-8167-344-8

1. Filosofia da educação. 2. Sociologia. 3. Anais. I. Olegário, Fabiane. II. Pereira, Cristitiano Zluhan. III. Meurer, Flávio Roberto. IV. Dhein, Gisele. V. Forneck, Kári Lúcia. VI. Staudt, Marcus Vinicius. VII. Machado, Neli Teresinha Galarce. VIII. Haetitinger, Rosiene Almeida Souza. IX. Fröhlich, Sandro. X. Título.

CDU: 37.01:316

Catálogo na publicação (CIP) – Biblioteca Univates  
Bibliotecária Gigliola Casagrande – CRB 10/2798



As opiniões e os conceitos emitidos, bem como a exatidão, adequação e procedência das citações e referências, são de exclusiva responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a visão da Editora Univates e da Univates.

## **ANAIS DO IX SIMPÓSIO INTERNACIONAL DIÁLOGOS NA CONTEMPORANEIDADE por outros modos de pensar a vida, a terra e o nosso jeito de estar no mundo**

**14, 15 e 16 de abril de 2025**

### **COMISSÃO ORGANIZADORA**

Dra. Fabiane Olegário (presidenta)  
Me Cristiano Zluhan Pereira  
Dr. Flávio Roberto Meurer  
Dr<sup>a</sup> Gisele Dhein  
Dra. Kári Lúcia Forneck  
Me. Marcus Vinicius Staudt  
Dra. Neli Teresinha Galarce Machado  
Dra. Rosiene Almeida Souza Haetinger  
Dr. Sandro Fröhlich

### **COMITÊ CIENTÍFICO**

Dra. Angélica Vier Munhoz  
Dra. Cláudia Inês Horn  
Dra. Claudete Rempel  
Dra. Ieda Maria Giongo  
Dra. Fabiane Olegário  
Dra. Fernanda Stork Pinheiro  
Dra. Jane Márcia Mazzarino  
Dra. Jamile Maria da Silva Weizenmann,  
Dra. Joana Bucker  
Dra. Gisele Dhein  
Dr. Luciano Nunes Duro  
Dr. Luis Fernando Laroque  
Dra. Márcia Solange Volkmer  
Dra. Maria Elisabete Bersch  
Dra. Morgana Domênica Hattge  
Dra. Neli Galarce Machado  
Dr. Rogério José Schuck  
Dra. Rosiene Almeida Souza Haetinger  
Dr. Sandro Fröhlich  
Dra. Simone Stülp  
Dra. Sofia Royer Moraes  
Dra. Suzana Feldens Schwertner  
Dr. Tiago Weizenmann

## APRESENTAÇÃO

O Simpósio Internacional Diálogos na Contemporaneidade é um evento que ocorre a cada dois anos, promovido pela Universidade do Vale do Taquari – Univates, e tem como desafio repensar a realidade contemporânea nas suas interlocuções com diversas áreas do conhecimento, em especial com as ciências humanas e sociais aplicadas.

Em sua 9ª edição, o Simpósio Internacional Diálogos na Contemporaneidade se propôs a dialogar sobre a nossa relação com a Terra, a refletir sobre a vida comum e a acolher os múltiplos modos de existir e viver neste planeta. Por tal motivo, esta edição abraçou o tema **Por outros modos de pensar a vida, a terra e o nosso jeito de estar no mundo**, trazendo à tona o colapso climático que assolou o estado do Rio Grande do Sul em maio de 2024, e mostrando a profunda desconexão entre o modo de vida dominante e os ciclos de vida da mãe Terra. As enchentes devastadoras não são meros acidentes climáticos, ao contrário, são amostras de uma natureza sufocada e de rios que pedem socorro. Poderíamos nos perguntar: o que os rios dizem quando transbordam? Os eventos extremos são vozes da Terra, ignoradas por uma lógica capitalista e consumista sem limites que transforma tudo em mercadoria, inclusive a própria vida.

No intuito de promover um diálogo de saberes, o evento também se abriu para diversas áreas do conhecimento que têm aproximação com a temática proposta, pois é pelo debate plural que se dá a constituição humana. Nesta publicação, compilamos os trabalhos – resumos e artigos – apresentados em formato de comunicações científicas e relatos de experiências – que trouxeram à tona uma ciência comprometida com a preservação do Planeta Terra e da humanidade, articulados em oito grupos de trabalho, que se pautaram nos seguintes temas: GT 1 - Complexidades e Transversalidades; GT 2 - Educação, Comunicação e Tecnologias; GT 3 - Modos de Ensinar e de Aprender; GT4 - Arte e Linguagens; GT 5 - Filosofia e Direitos Humanos; GT 6 - Decolonialidade: Histórias, Pessoas e Territórios; GT 7 - Identidades, Gênero e Cultura; GT 8 - Saúde, Qualidade de Vida e Bem-estar; GT 9 - Inclusão e Diversidade nos Espaços Educacionais e GT10 - Gestão de Riscos, Emergências e Desastres.

Esta publicação reflete a riqueza e a diversidade dos pontos de vista compartilhados durante o evento. Agradecemos a todos os participantes que se dispuseram a fortalecer o pensamento múltiplo, diverso e plural.

Um agradecimento especial também à comissão científica, aos coordenadores de GT, à equipe de funcionários técnico-administrativos do Setores de Eventos e de Marketing, bem como à Universidade do Vale do Taquari – Univates, pelo apoio incondicional.

Esperamos que as produções aqui publicadas sirvam de inspiração para outros movimentos de reflexão, aprendizagens e muito diálogo.

**Comissão Organizadora**



## SUMÁRIO

### **RESUMOS**

#### **GT 1. Complexidades e Transversalidades**

O ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA PÚBLICA TRANSBORDANTE: MOVIMENTOS, DISTRAÇÕES E DESLOCAMENTOS .....	13
IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO: UMA INTERVENÇÃO LITERÁRIA E SUAS REVERBERAÇÕES NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA .....	14
DIREITO COMO ARMA: LAWFARE AMBIENTAL NO BRASIL .....	15
ARTETERAPIA COMO MOBILIZADORA DA COMUNICAÇÃO ECOSÓFICA: CONTRIBUIÇÕES PARA SITUAÇÕES DE DESASTRES CLIMÁTICOS .....	16
ALÉM DO ANTROPOCENTRISMO: RECONHECENDO OS DIREITOS DA NATUREZA PARA UM BEM VIVER SUSTENTÁVEL .....	17
O DESPERTAR GEOPOÉTICO COMO UM DISPARADOR PARA RESSIGNIFICAR A RELAÇÃO HUMANO-NATUREZA NO ANTROPOCENO DO RIO GRANDE SUL, BRASIL .....	18
A AUTOCOMPLACÊNCIA COMO PRINCÍPIO MORAL DO CONSUMO .....	19
DESAFIO E OPORTUNIDADES DA INDÚSTRIA DA MODA SUSTENTÁVEL: IMPACTOS AMBIENTAIS E SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DE UM FUTURO CONSCIENTE .....	21

#### **GT 2. Educação, Comunicação e Tecnologias**

PRODUÇÃO DE AUDIOVISUAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA COM O ENSINO MÉDIO .....	23
ARTERAGENS: PROMOVENDO A ESCRITA A PARTIR DE JOGOS .....	24
CARREIRA DOCENTE E OS DESAFIOS DA PROFISSÃO E DAS POLÍTICAS PÚBLICAS .....	25
TECNOLOGIA, HUMANIDADE E ENSINO: PERSPECTIVAS DOCENTES NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL ...	27
SIMPOIÉSE E INVENTIVIDADE HUMANA: SUPERANDO DESAFIOS DO ENSINO NA ERA TECNOLÓGICA .....	28
MOVIMENTAÇÕES TEMPESTUOSAS: ESPAÇOS DE RESILIÊNCIAS E CUIDADO DE SI .....	29
O USO DE APPS PARA O ENSINO DE INGLÊS NO BRASIL E NA CHINA .....	30
EDUCAÇÃO ONLIFE E ABORDAGEM CRÍTICO-EMANCIPATÓRIA: POTENCIALIDADES EMERGENTES PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL .....	31

#### **GT 3. Modos de Ensinar e Modos de Aprender**

UM OLHAR PARA O DESEMPARELAMENTO DAS INFÂNCIAS EM JUNDIAÍ -SP: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA TRANSFORMADORA .....	33
POR UM CURRÍCULO AFRO-REFERENCIADO: A PROPOSTA DA ESCOLA MARIA FELIPA - SALVADOR/BA .....	34
UMA AULA QUE SOBREVIVE: NOTAS INACABADAS DE UM SEMINÁRIO .....	35
ENTREVISTAS COM PROFESSORES(AS) DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: DO APAGAMENTO DO ENSINO AO CULTO DA APRENDIZAGEM .....	36
OS ESPAÇOS TERRITORIAIS DA CIDADE E OS PROCESSOS DE ENSINAR E APRENDER NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....	38

FORMAS DE FORMAR: UM ESTUDO ACERCA DA INFLUÊNCIA DA FORMA ARQUITETÔNICA DA ESCOLA NOS PROCESSOS DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM A PARTIR DAS MIRADAS DE ADOLESCENTES DO VALE DO TAQUARI/RS .....	39
A IMPORTÂNCIA DOS PRODUTOS EDUCACIONAIS NO AMBIENTE ESCOLAR .....	40
UM OLHAR PARA O COTIDIANO: A ESCUTA SENSÍVEL NA PRÁTICA DOCENTE DA EDUCAÇÃO INFANTIL .....	41
OS PERCURSOS DA ALFABETIZAÇÃO POR MEIO DA LEITURA LITERÁRIA.....	42
A EDUCAÇÃO COMO MODO DE VIDA: CUIDADO, INFÂNCIAS, MAGIA .....	43
A PERCEPÇÃO DOCENTE E A ABERTURA À ESCUTA E AO DIÁLOGO NO ENSINAR PELA PESQUISA NO ENSINO SUPERIOR.....	44
ESPAÇOS AO AR LIVRE DA CIDADE: INVESTIGANDO POSSIBILIDADES PARA O ENSINO.....	45
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: EM BUSCA DE NOVOS CAMINHOS A PARTIR DE VIVÊNCIAS COM A NATUREZA .....	46
ENTRE MUROS E VIDAS: OBSERVAÇÕES E PERCEPÇÕES DOS SENTIDOS E DAS RELAÇÕES QUE A ESCOLA ESTABELECE .....	47
O PERFIL DOS EDUCADORES SOCIAIS NA OBRA SOCIAL CHICO XAVIER: PRÁTICAS E DESAFIOS NA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL .....	48
ETNOFÍSICA E ENSINO DE FÍSICA: INVESTIGANDO O SOM ATRAVÉS DOS SABERES DAS CAIXEIRAS DO DIVINO .....	49
PROBABILIDADE E ESTATÍSTICA EM UM MUNDO COMPLEXO: A QUALIFICAÇÃO DO PENSAMENTO RACIONAL COMO CHAVE PARA A FORMAÇÃO CIDADÃ.....	50
ENTRE O DIGITAL E O ANALÓGICO: O QUE CONTAM JOVENS EGRESSOS SOBRE A EXPERIÊNCIA DE SER ENSINADO? .....	51
ENTRE ENSINAR E APRENDER: CONTRIBUIÇÕES DE GERT BIESTA TRANSFORMAÇÃO DO ENSINO .....	52
O ARQUITETO ALGORÍTMICO NO CURRÍCULO DO INSTRAGRAM .....	53
RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NO BRASIL: ENTRE RASTREIOS, ARQUIVOS E POSSIBILIDADES .....	54
COOPERAÇÃO DIALÓGICA: BUSCANDO ALTERNATIVAS PARA UMA FORMAÇÃO DE ENCONTRO COM O DIFERENTE .....	55
JOGOS DE LINGUAGEM E ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA: UM ESTUDO NA PERSPECTIVA DA ETNOMATEMÁTICA .....	56
CIDADES E ESCOLAS QUE ESCUTAM AS CRIANÇAS: POR UMA ABORDAGEM PARTICIPATIVA NA INFÂNCIA. ...	57
FORMAÇÃO CONTINUADA E SUAS REPERCUSSÕES NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL EM SORRISO-MT .....	58
DOS MODOS PROVISÓRIOS DE ORDENAR DOCUMENTOS ESCOLARES EM UM ARQUIVO .....	59
A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: CONTRIBUTOS DO TEMA DA PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS .....	60
A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS NO COTIDIANO DE UMA ESCOLA INFANTIL: REFLEXÕES INICIAIS A PARTIR DA PESQUISA. ....	61
NARRATIVAS SOBRE PRÁTICAS EDUCACIONAIS EM DIFERENTES TEMPOS E ESPAÇOS .....	62
CULTURA ECOLÓGICA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ESPAÇOS VERDES SOTEROPOLITANOS.....	63
SIMULAÇÃO DE PROCESSOS DECISÓRIOS EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS EM ESCOLAS DO VALE DO TAQUARI/RS .....	64
BIBLIOTERAPIA E CARTOGRAFIA: MAPEANDO CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES .....	65
RASTREANDO DOCUMENTOS AVALIATIVOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO PROJETO BROCANTE .....	66
PESQUISA ARQUIVÍSTICA SOBRE O USO DOS ENUNCIADOS ENSINO E APRENDIZAGEM E ENSINO-APRENDIZAGEM .....	67

BANHOS DE FLORESTA COM ADOLESCENTES EXPOSTOS A DESASTRES NATURAIS .....	68
PRÁTICAS DE ENSINO EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES .....	69
ENSINO DE FILOSOFIA PELA INVESTIGAÇÃO: PROMOVENDO A AUTONOMIA E A EMANCIPAÇÃO COM O USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL .....	70
INVENTARIANDO MEMÓRIAS DE GESTOS DOCENTES .....	71

## **GT 4. Arte e Linguagens**

SABERES PINDORÂMICOS: MODOS DECOLONIAIS DE ARTE E VIDA NO AMBIENTE ESCOLAR .....	74
QUAIS MUNDOS PODEM EMERGIR A PARTIR DAS MARGENS? UMA LEITURA DE VIAJANTES DO ABISMO, DE NIKELÉN WITTER. ....	75
ESTÉTICA E POLÍTICA NA CAIXA AUSENTE DE PANDORA. ....	76
INVENTÁRIO DO AZUL PELA LENTE DA JUSTIÇA POÉTICA: UMA ANÁLISE .....	78
UM OUTRO OLHAR SOBRE A POESIA DIGITAL E O CIBERPOEMA NA ESCRITA POÉTICA DE AUGUSTO DE CAMPOS .....	79
DE LAMA E DE CAOS: PERCURSOS PARA BROTA A VIDA EM TEMPOS DE RECONSTRUÇÃO .....	80
O ENSINO DE ESTRATÉGIAS DE LEITURA NO CONTEXTO DO ENSINO MÉDIO: UM ESTADO DA ARTE SOBRE SUA PRÁTICA NOS DIVERSOS COMPONENTES CURRICULARES .....	81
BREVES NOTAS SOBRE A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: ENCONTROS ENTRE A ARTE, A ESCOLA E O ATELÊ PRATEADO .....	82
PROJETO MARIAS: ARTE E ESCUTA NO CÁRCERE FEMININO .....	83
O QUE O TEATRO CRIA NA ESCOLA: UM OLHAR SOBRE O GRUPO TEATRAL CRIARTE .....	84
AS PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES EM RELAÇÃO AO ENSINO DA ESCRITA ACADÊMICA. ....	85
RETRATOS DESCONHECIDOS NO VALE DO TAQUARI: A FOTOGRAFIA COMO MEMÓRIA .....	86
A DOBRA EPIGRÁFICA: PRODUZINDO UM ÁLBUM DE EPÍGRAFES COM TESES E DISSERTAÇÕES DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UFRGS .....	87
OS QUATRO ELEMENTOS E A IMAGINAÇÃO MATERIAL EM BACHELARD. ....	88
CORPO-PAISAGEM: (GEO)POÉTICAS DO VIVER E NARRATIVAS DO ESPAÇO .....	90
ÍM(PAR): PROCESSOS COMPOSICIONAIS EM PARCERIA .....	91
PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL PARA IMIGRANTES NO PROJETO VEM PRA CÁ: ANÁLISE DOS IMPACTOS NA COMUNIDADE .....	92
RUÍNAS E RESISTÊNCIA: O IMAGINÁRIO SIMBÓLICO NAS FOTOGRAFIAS DA ENCHENTE DE 2024. ....	93
ARTE NA UNIVERSIDADE: EXPERIMENTAÇÃO, REPERTÓRIOS E ENCONTROS .....	94
AS BAGAGENS BOJUNGUIANAS DE “ANGÉLICA” .....	95
PROJETO DE EXTENSÃO LINGUAGENS: PALAVRAS E IMAGENS: O X FESTIVAL ESCOLAR REGIONAL DE CINEMA E LITERATURA: CRÔNICAS DE JOSÉ FALERO. ....	96

## **GT 5. Filosofia e Direitos Humanos**

EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: UMA EXPERIÊNCIA DE PARCERIA ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLAS ..	98
EVASÃO NO ENSINO MÉDIO NOTURNO NA E.E.E.M. REYNALDO AFFONSO AUGUSTIN, TEUTÔNIA/RS .....	99



**GT 6. Decolonialidade: Histórias, Pessoas e Territórios**

ARREBANHANDO VIDA, MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE PELA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL ENTRE VALES E ARROIOS (RS) .....	101
SABERES ANCESTRAIS: A ETNOCIÊNCIA NA SECAGEM DA TRAÍRA NA BAIXADA MARANHENSE .....	102
LIDERANÇAS KAINGANG NA TERRA INDÍGENA FOXÁ: DINÂMICA DE REPRESENTATIVIDADE .....	103
ESCREVIVÊNCIAS E SUBJETIVAÇÃO DO SER-DOCENTE NEGRO: PRÁTICAS EDUCATIVAS E ANCESTRALIDADE EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAIS DE SANTA CRUZ DO SUL .....	104
POLÍTICAS PÚBLICAS E SUSTENTABILIDADE NO TERRITÓRIO QUILOMBOLA: OS DESAFIOS DA EQUIDADE SOCIAL NO CASO DO QUILOMBO CAMPO REDONDO, EM BACABAL, MARANHÃO. ....	105
TERRITÓRIO, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: O PENSAMENTO KAINGANG E OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS ..	106

**GT 7. Identidades, Gênero e Cultura**

REPRESENTAÇÕES MÍDIÁTICAS DA DEPORTAÇÃO DE BRASILEIROS .....	108
O TRABALHO FEMININO E O BEM VIVER A PARTIR DE RELATOS DO COTIDIANO DE MULHERES TRABALHADORAS NO MUNICÍPIO DE LAJEADO/RS .....	109
O CORPO FEMININO COMO UM JEITO DE ESTAR NA CIDADE: DIÁLOGOS ENTRE VISTA CHINESA, DE TATIANA SALEM LEVY, E GOSMA ROSA, DE FERNANDA TRÍAS .....	110
"CONTINUE ASSIM!" EXPECTATIVAS DE GÊNERO EM UM ARQUIVO DE BOLETINS ESCOLARES .....	112
E SE EU NÃO FOR UM HOMEM COM "H"? AS CONSTRUÇÕES E NARRATIVAS DE SI DAS TRANSMASCULINIDADES DO VALE DO TAQUARI/RS.....	113

**GT 8. Saúde, Qualidade de Vida e Bem-estar**

HORTAS COMUNITÁRIAS: SAÚDE EM ESPAÇO URBANOS QUE SURGE DO CONTATO COM A TERRA.....	115
REDUÇÃO DA JORNADA DE TRABALHO NO BRASIL: PROPOSTAS, DESAFIOS E EXPERIÊNCIAS .....	116
A REINTEGRAÇÃO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO PESSOAL DE APENADOS DO SISTEMA PRISIONAL GAÚCHO POR MEIO DA IMPLANTAÇÃO DE HORTAS.....	117
ITINERÁRIO TERAPÊUTICO PARA PENSAR OUTROS MODOS DE CUIDADO EM SAÚDE MENTAL: UM ESTUDO DE CASO .....	118

**GT 9. Inclusão e Diversidade nos Espaços Educacionais**

BEYOND FIXED IDENTITIES: DIFFRACTIVE ANALYSIS OF RURAL RELATIONALITIES IN KAZAKHSTAN .....	120
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS NA EDUCAÇÃO: INCLUSÃO, RESISTÊNCIA E A MAQUINARIA ESCOLAR .....	121
CONTRIBUIÇÕES DE BELL HOOKS PARA PENSAR AS PRÁTICAS INCLUSIVAS NA SALA DE AULA COMUM ....	122
AS CARACTERÍSTICAS DO DESENHO UNIVERSAL PARA A APRENDIZAGEM (DUA) E A CONSTRUÇÃO DE UMA SALA DE AULA MAIS INCLUSIVA .....	123
MEMÓRIAS DA PLANTAÇÃO: PROBLEMATIZANDO O PACTO DA BRANQUITUDE .....	124
ETNOMATEMÁTICA E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: ESTRATÉGIAS ADAPTATIVAS PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA A ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA VISUAL .....	125
COM A PALAVRA, AS CRIANÇAS .....	126
MODELOS DA DEFICIÊNCIA E OS EFEITOS DO PROCESSO DE MEDICALIZAÇÃO NAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS INCLUSIVAS .....	127
THE AFFORDANCES OF INCLUSION IN RHIZOMATIC CURRICULUM .....	128

A PLANET FOR ALL - BEFORE IT IS TOO LATE: BRIEF NOTES ON CITIZENSHIP, EDUCATION, AND CHILDREN'S LITERATURE .....	129
BECOMING PLANETIZEN .....	130
EDUCAÇÃO INCLUSIVA: AS REPRESENTAÇÕES DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA EM LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS .....	131

## **GT 10. Gestão de Riscos, Emergências e Desastres**

VÍNCULOS DA RECONSTRUÇÃO: O SENTIDO NA UNIÃO DE ESFORÇOS DO CURSO DE PSICOLOGIA E DE ARQUITETURA E URBANISMO NO ENFRENTAMENTO AO DESASTRE NO VALE DO TAQUARI .....	133
ENTRE A PROTEÇÃO E A EXPOSIÇÃO: A FRAGILIDADE DA INFRAESTRUTURA EM ABRIGOS PARA POPULAÇÕES DESABRIGADAS EM CONTEXTOS DE DESASTRES NATURAIS .....	135
DESLOCADOS CLIMÁTICOS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A PROTEÇÃO INTERNACIONAL .....	137
SEMINÁRIO COMPARTILHAR: PROPORCIONAR O AMPLO CONHECIMENTO DAS AÇÕES INSTITUCIONAIS, COLETIVAS E INDIVIDUAIS DURANTE E APÓS AS CHEIAS DE MAIO DE 2024 .....	138
AS ENCHENTES E A ESCOLA: UM ARQUIVO DE IMAGENS .....	139
CIÊNCIA CIDADÃ E DESASTRES NATURAIS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA NO MAPEAMENTO DE ÁREAS AFETADAS NOS EVENTOS HIDROLÓGICOS EXTREMOS DE 2023 E 2024 NO VALE DO TAQUARI, RS, BRASIL .....	140

## **ARTIGOS**

### **GT 1. Complexidades e Transversalidades**

IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO: UMA INTERVENÇÃO LITERÁRIA E SUAS REVERBERAÇÕES PARA A FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA .....	142
O DESPERTAR GEOPOÉTICO COMO UM DISPARADOR PARA RESSIGNIFICAR A RELAÇÃO HUMANO-NATUREZA NO ANTROPOCENO DO RIO GRANDE SUL, BRASIL .....	149

### **GT 2. Educação, Comunicação e Tecnologias**

A PRODUÇÃO DE VÍDEOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA CONSCIÊNCIA CORPORAL E AMBIENTAL .....	164
---	-----

### **GT 3. Modos de Ensinar e Modos de Aprender**

ESPAÇOS AO AR LIVRE DA CIDADE: INVESTIGANDO POSSIBILIDADES PARA O ENSINO .....	171
NARRATIVAS SOBRE PRÁTICAS EDUCACIONAIS EM DIFERENTES TEMPOS E ESPAÇOS .....	179
UMA AULA QUE SOBREVIVE: NOTAS INACABADAS DE UM SEMINÁRIO .....	186
VIVÊNCIAS COM A NATUREZA COMO PROPOSTA DE FORMAÇÃO ECOLÓGICA DE PROFESSORES .....	195

### **GT 4. Arte e Linguagens**

A DOBRA EPIGRÁFICA: PRODUZINDO UM ÁLBUM DE EPÍGRAFES COM TESES E DISSERTAÇÕES DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UFRGS .....	204
CORPO-PAISAGEM: (GEO)POÉTICAS DO VIVER E NARRATIVAS DO ESPAÇO .....	212
OS QUATRO ELEMENTOS E A IMAGINAÇÃO MATERIAL EM BACHELARD .....	224



“RETRATOS DESCONHECIDOS” NO VALE DO TAQUARI: A FOTOGRAFIA COMO SUPORTE E EXPRESSÃO DE MEMÓRIA.....	232
--	-----

## **GT 6. Decolonialidade: Histórias, Pessoas e Territórios**

SABERES ANCESTRAIS: A ETNOCIÊNCIA NA SECAGEM DA TRAÍRA NA BAIXADA MARANHENSE .....	245
--	-----

## **GT 7. Identidades, Gênero e Cultura**

ETNOMATEMÁTICA E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: ESTRATÉGIAS ADAPTATIVAS PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA A ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA VISUAL.....	256
O TRABALHO FEMININO E O BEM VIVER A PARTIR DE RELATOS DO COTIDIANO DE MULHERES TRABALHADORAS NO MUNICÍPIO DE LAJEADO/RS.....	263

## **GT 9. Inclusão e Diversidade nos Espaços Educacionais**

MODELOS DA DEFICIÊNCIA E OS EFEITOS DO PROCESSO DE MEDICALIZAÇÃO NAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS INCLUSIVAS.....	281
---	-----



# RESUMOS

## GT 1. Complexidades e Transversalidades

**IX DIÁLOGOS**  
na contemporaneidade

**POR OUTROS MODOS**  
*DE PENSAR A VIDA, A*  
**TERRA E NOSSO JEITO**  
*DE ESTAR NO MUNDO*



## O ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA PÚBLICA TRANSBORDANTE: MOVIMENTOS, DISTRAÇÕES E DESLOCAMENTOS

*Alex Valadão Toledo, Cláudia Inês Horn*

**Resumo:** O presente resumo é fruto de um recorte do Projeto de Pesquisa desenvolvido junto ao Programa de Pós Graduação Stricto Sensu - Doutorado em Ensino, da Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado/RS. A proposta se debruça num ato investigativo sobre as possíveis dificuldades do ensino, baseadas nas interferências e transbordamentos sofridos pela escola contemporânea, que deslocam a execução do planejamento do professor de geografia durante suas aulas no Ensino Fundamental. Acredita-se que a atividade docente na Educação Básica vem enfrentando muitos questionamentos quanto à sua capacidade de gerar resultados de aprendizagem que atendam aos critérios valorizados pelos agentes sociais e institucionais interessados no processo escolar. Partindo deste pressuposto, este projeto de pesquisa, que está em seu primeiro ano de execução, tem como objetivo principal mapear a relação das interações externas deste componente curricular com sua dificuldade em construir elementos consolidados de aprendizagem no contexto da escola pública contemporânea transbordante. Neste cenário escolar, o problema originário da pesquisa e que a sustentará durante todo o percurso metodológico está na necessidade de elucidar se as aulas de Geografia estão sendo dissolvidas por ações e distrações de um ambiente educativo, que abraça funções além de suas condições e que acaba por distanciar o ensino de seus propósitos estabelecidos enquanto currículo formativo. Quanto aos procedimentos metodológicos previstos na pesquisa, esta será caracterizada como um Estudo de Caso de abordagem qualitativa. A coleta de dados se dará através da observação estruturada de salas de aula de três escolas públicas da rede estadual de educação de Mato Grosso, localizadas no município de Juína/MT. Adicionalmente, serão realizadas entrevistas semiestruturadas com os professores das turmas observadas, respeitando-se os critérios de inclusão e o interesse da ação de investigação. Por fim, para interpretação dos dados, será utilizada a análise de conteúdo, permitindo a categorização para definição dos resultados alcançados. Por se tratar de uma proposta de pesquisa ainda em fase inicial, ou seja, em seu primeiro ano doutoral, não é possível apresentar conclusões ou resultados parciais, tendo como aspecto concreto destacar a relevância do assunto pesquisado para estabelecer critérios, que delineiam para uma possível reorganização da estrutura escolar e sua responsabilidade, enquanto instituição educacional no contexto da geografia.

**Palavras-chave:** Ensino. Geografia. Escola Pública Transbordante.

## IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO: UMA INTERVENÇÃO LITERÁRIA E SUAS REVERBERAÇÕES NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA

*Arthur Hoffmann Kessler, Elisângela Mara Zanelatto, Gisele Dhein*

**Resumo:** A formação em psicologia habilita o futuro profissional a compreender e, de certa maneira, auxiliar sujeitos em sofrimento a encontrarem estratégias para conviverem com aspectos disfuncionais. As diversas linhas que constituem a ciência psicológica e, portanto, constroem os conceitos de sofrimento e funcionalidade, emergem de espaços que muitas vezes escapam das discussões. As Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia (Brasil, 2023) definem a transversalidade temática como fundamental, no intuito de envolver o estudante em discussões e reflexões em temas urgentes, como Educação Ambiental e Direitos Humanos. Assim, este trabalho objetiva apresentar uma reflexão produzida no componente curricular de Psicologia Social do curso de Psicologia da UNIVATES, realizada a partir da obra de Ailton Krenak (2019) “Ideias para adiar o fim do mundo”, uma parábola contemporânea que alerta para os problemas da separação entre humanidade e natureza. Ao observar que a realidade é, em si, não-experienciável, pois sua experiência é sempre pautada pelo discurso, entende-se que se trata de uma dimensão relativa, vivenciada de diferentes modos a partir da seleção de quais discursos imperam. Ao pensar no próprio conceito de humanidade, encontra-se a herança colonial eurocêntrica que concebe um jeito certo e, como consequência, um modo hegemônico de estar no mundo, abrindo espaço para a construção de modelos únicos, que sob um véu de superioridade caracterizam-se como padrões universalmente aplicáveis, atribuindo a determinada humanidade uma missão de salvação. Neste modo de viver, o próprio homem se torna o único responsável pelo sucesso humano, abrindo justificativa para modos de exploração e dominação, onde a riqueza é medida pela quantidade de capital acumulado. A partir desta desconexão, perde-se um dos aspectos essenciais do ser humano: seu território. Desconectado, o ser humano se enxerga solto em um mundo prestes a acabar, vivendo numa realidade que lhe afirma uma única forma permitida de existir: a do capital, tendo que ser convencido por discursos de preservação. É necessário encarar que, muitas vezes fundadas em bases capitalistas, a legitimação de decisões desmatadoras estão permitidas, pois supostamente acontecem de acordo com a humanidade que nos foi dita e vendida, ou seja, a partir do modo de subjetivação que nos constituiu. Faz-se, assim, necessário questionar a hegemonia do pensar, nos modos de fazer ciência, vida, e psicologia. Não parece possível promover saúde distante da compreensão dos atravessamentos que constituem a existência de cada sujeito em cada lugar do planeta, em sua própria realidade concebida. Por fim, entende-se que espaços como este experimentados em sala de aula são urgentes para se pensar em outros modos de produzir cuidado, pois convidam e permitem o debate de dimensões fundantes do ser humano, como seu território e sua construção social e histórica, assim como suas concepções de mundo.

**Palavras-chave:** Psicologia Social. Formação. Transversalidade. Direitos Humanos. Ensino na Saúde.

### Referências

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Psicologia*. Resolução Conselho Nacional de Educação/Câmara Ensino Superior, nº 1, de 11 de outubro de 2023. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.



## DIREITO COMO ARMA: LAWFARE AMBIENTAL NO BRASIL

*Bruno Pinto Coratto, Luciana Turatti*

**Resumo:** A crescente instrumentalização estratégica do Direito em favor de interesses políticos, econômicos e ideológicos vem revelando uma prática complexa denominada lawfare. Inicialmente concebido como forma de substituição da guerra tradicional por mecanismos jurídicos, o conceito evoluiu para abarcar o uso abusivo e ilegítimo das instituições legais com o fim de deslegitimar grupos sociais, de manter relações de poder assimétricas e de enfraquecer garantias fundamentais. Esta prática, quando aplicada ao campo ambiental, revela uma grave ameaça ao desenvolvimento sustentável e à proteção do direito das futuras gerações ao acesso ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, especialmente em contextos marcados por retrocessos institucionais e normativos. Neste contexto surge a necessidade de identificação e de caracterização das formas de lawfare ambiental no Brasil como instrumento de fragilização do princípio constitucional da proibição do retrocesso socioambiental, o que compromete a efetividade de políticas públicas e a preservação de direitos fundamentais. Parte-se da hipótese de que a prática de lawfare no contexto ambiental brasileiro ocorre de maneira sistemática, sendo legitimada pela aparente legalidade dos instrumentos jurídicos utilizados, como ocorre na desregulação do setor de agrotóxicos e nas desonerações fiscais a estes produtos, materializando a utilização do sistema de justiça para promover retrocessos socioambientais, a exemplo da discussão realizada no Supremo Tribunal Federal no âmbito da ADPF nº 910. A metodologia utilizada é qualitativa, de cunho jurídico-teórico, com base em revisão bibliográfica e análise documental, tendo como marco teórico os estudos de Dunlap Jr., Comaroff, McKeown, Guardiola-Rivera, Zanin e Gloppen sobre lawfare, e os fundamentos de Prieur, Sarlet, Canotilho e Benjamin sobre a proibição do retrocesso socioambiental, além de dados empíricos oriundos de decisões judiciais e relatórios de órgãos de controle como o Tribunal de Contas da União. Como conclusão parcial, observa-se que o lawfare ambiental se manifesta como obstáculo significativo à justiça socioambiental ao operar pela via do Direito para legitimar retrocessos normativos e inibir a participação democrática de grupos mais vulneráveis. A análise demonstra que o princípio da proibição do retrocesso socioambiental, embora implícito no ordenamento jurídico brasileiro, assume papel essencial como contrapeso à utilização do sistema jurídico por interesses privados, exigindo, assim, fortalecimento institucional e normativo para garantir sua efetividade. Este estudo visa contribuir para a construção de mecanismos jurídicos e políticos que enfrentem o uso abusivo do Direito como arma contra o meio ambiente e os direitos fundamentais, com vistas à consolidação de uma justiça ambiental substantiva e intergeracional.

**Palavras-chave:** Lawfare Ambiental. Justiça Ambiental. Proibição do Retrocesso Socioambiental. Desenvolvimento Sustentável.

## ARTETERAPIA COMO MOBILIZADORA DA COMUNICAÇÃO ECOSÓFICA: CONTRIBUIÇÕES PARA SITUAÇÕES DE DESASTRES CLIMÁTICOS

*Jane Mazzarino, Danrlei Felipe Heisler, Airton Agostinetto, Gabriela Kohler Mainardi*

**Resumo:** No Rio Grande do Sul, e de forma mais grave no Vale do Taquari, região mais afetada pelas enchentes de maio de 2024, milhares de pessoas perderam suas casas e pertences e, com eles os registros das memórias afetivas, o que, muitas vezes, é o mais doloroso. A situação afetou a saúde mental e gerou um número considerável de migrantes ambientais. As enchentes, além da falta de casas e do excesso de incertezas, deixaram milhares de pessoas sujeitas aos transtornos de estresse agudo (TEA), que podem evoluir para os transtornos de estresse pós-traumáticos (TEPT), ainda mais com a reincidência das chuvas. As mudanças climáticas não são um problema limitado ao ambiente externo, mas referem-se aos modos de habitar um planeta. O ser humano tem alterado tanto os ambientes que os tornam tão irreconhecíveis como as águas o fizeram. Pensar as mudanças climáticas a partir de uma ótica comunicacional complexa e interdependente nos aproxima do conceito de ecosofia, que articula três ecologias: intrapessoal/mental/pessoal/subjetiva, interpessoal/social/comunitária e ambiental/não humana. Em tempos de catástrofes decorrentes das mudanças climáticas, como a arte pode ser ponte para recuperarmos a força vital para seguir sem sucumbir ao desânimo? O que os estudos científicos sobre a arteterapia têm evidenciado como sua contribuição para a saúde mental em situações de trauma? A proposta deste artigo, situado na vertente da comunicação ecosófica, é investigar os usos da arteterapia como recurso de saúde mental para o enfrentamento de situações traumáticas. O estudo é bibliográfico, apoiado em uma revisão sistemática de artigos do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) utilizando o descritor “art therapy”. Os artigos foram classificados quantitativamente quanto à área de aplicação e/ou finalidade de tratamento sendo que 9,19% ou 92 tratavam de traumas psicossociais. Destes, 21 foram selecionados pelo aporte teórico-metodológico, dos quais sete referiam-se à arteterapia aplicada para situações de refugiados, que se assemelha aos migrantes, e um estudo apenas abordava um relato de experiência em situação de catástrofe ambiental, o qual foi incluído na amostra pela proximidade com o objetivo do artigo. Os dados foram organizados nas seguintes seções: a) Trauma, b) Arteterapia, c) Arteterapia em situações de trauma de refugiados. Os resultados apresentam como, nos estudos selecionados, a arteterapia mobilizou as três dimensões da ecosofia - subjetiva, social e ambiental. Evidencia-se que a arteterapia em uma perspectiva ecosófica possibilita reintegrar a experiência resignificada, restabelecendo gradativamente fluxos comunicacionais que se refletem na saúde mental do paciente. Trata-se de uma contribuição para o enfrentamento de situações de trauma decorrentes das catástrofes climáticas.

**Palavras-chave:** Desastre ambiental. Trauma. Arteterapia. Comunicação. Ecosofia.



## ALÉM DO ANTROPOCENTRISMO: RECONHECENDO OS DIREITOS DA NATUREZA PARA UM BEM VIVER SUSTENTÁVEL

*Leila Viviane Scherer Hammes, Luciana Turatti*

**Resumo:** Diante do contexto da crise ambiental global e da urgência de ações transformadoras é relevante avançar no que diz respeito à integração dos direitos da natureza às políticas públicas. Certamente o primeiro passo ainda consiste em reconhecer os direitos da natureza atribuindo um valor intrínseco, isto é, um valor por si mesmo, aos elementos naturais como rios, florestas, animais e outros seres vivos. Para tanto, é preciso superar o tratamento e o uso que se faz da natureza, como mero objeto a ser explorado para benefício do homem. Isso exige da sociedade uma mudança de relação com a natureza, pois ela deveria ser utilizada para atender as necessidades vitais e não figurar como um objeto. Exige também uma mudança de centro, não mais o homem é o centro, mas a vida deve ser colocada no centro. Esta vida, é a vida humana e não humana e implica numa nova relação com a Mãe Terra para que se possa viver em plenitude. Colocar a vida no centro significa reconhecer que no seu entorno há uma teia com elementos naturais, sejam humanos ou não humanos e estes são interdependentes. Esta é a teia da vida, que necessita de proteção. Considerando o exposto, o presente estudo tem por objetivo analisar as condições e possibilidades de uma interpretação constitucional do direito fundamental ao ambiente, prevista na Constituição Federal de 1988, que permita o reconhecimento jurídico dos direitos da natureza e a implementação de um modelo de desenvolvimento alinhado à teoria do bem viver. O problema de pesquisa questiona quais são as condições e possibilidades de se realizar uma interpretação constitucional do direito fundamental ao ambiente previsto na Carta Magna de 1988 de forma a permitir o reconhecimento dos direitos da natureza e a implantação de um modelo de desenvolvimento alinhado à teoria do bem viver? O desenvolvimento da presente pesquisa adotará a abordagem qualitativa e o método dedutivo, por meio de pesquisa exploratória. Os procedimentos técnicos combinarão a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental, sendo a análise dos dados realizada por meio da técnica da revisão textual discursiva. O resultado parcial aponta para a perspectiva de que a Constituição Federal de 1988 apresenta elementos que podem embasar a teoria do Bem Viver e proteger os Direitos da Natureza, contudo podem não ser suficientes para modificar a lógica do desenvolvimento tal como se apresenta até aqui e nem para garantir a sustentabilidade ambiental e a justiça intergeracional.

**Palavras-chave:** Bem viver. Direitos da Natureza. Sustentabilidade.

## O DESPERTAR GEOPOÉTICO COMO UM DISPARADOR PARA RESSIGNIFICAR A RELAÇÃO HUMANO-NATUREZA NO ANTROPOCENO DO RIO GRANDE SUL, BRASIL

*Lucas George Wendt, Jean Michel Valandro*

**Resumo:** A crescente frequência e intensidade dos desastres climáticos são sintomas inequívocos das transformações ambientais que caracterizam o Antropoceno. Dados do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) indicam que eventos extremos, como ondas de calor, ciclones e enchentes, tornaram-se mais frequentes e intensos nas últimas décadas. No Brasil, o número desses desastres triplicou entre 1991 e 2020, segundo o Atlas Brasileiro de Desastres Naturais. Essas condições causam destruição imediata e evidenciam a urgência de repensar as relações humanas com a Terra. Nesse sentido, os eventos ocorridos no Rio Grande do Sul, em 2023 e 2024, com enchentes e deslizamentos que afetaram cerca de 90% dos municípios, são um alerta sobre a fragilidade dessa relação. Diante desse cenário, torna-se fundamental não apenas modificar as práticas humanas que impactam o planeta, mas também fortalecer a resiliência comunitária por meio de novas formas de percepção e interação com o ambiente. Nesse contexto, a geopoética emerge como um instrumento transformador, propondo uma reconfiguração simbólica da relação entre o ser humano e a natureza, uma vez que une reflexão, emoção e ação, estimulando uma consciência mais profunda sobre o papel do humano no mundo e no tempo. Este estudo tem como objetivo debater a importância da geopoética como resposta aos desafios do Antropoceno e das mudanças climáticas induzidas pelo ser humano a partir do seguinte problema de pesquisa: de que modo a geopoética pode contribuir para a ressignificação da relação entre humanidade e natureza, promovendo maior consciência ambiental e práticas sustentáveis em um contexto de crise climática? A pesquisa adota como metodologia a análise documental da bibliografia existente sobre o tema, por meio de uma revisão de literatura assistemática. Alguns dos resultados apontam que a geopoética, enquanto “teoria-prática”, confronta a fragmentação moderna das ciências, artes e práticas cotidianas, propondo uma reorientação radical das relações humanas com a Terra e, ao enfatizar um contato sensível, inteligente e sutil entre o espírito humano e o planeta, possibilita a criação de um “mundo” no sentido pleno do termo. Diante de situações como as do Rio Grande do Sul, se torna uma ferramenta para reconstruir o elo entre comunidades e seus territórios. Quando enchentes destroem cidades e ceifam vidas, como ocorreu com os gaúchos, a relação utilitarista com o meio ambiente e o modelo econômico dominante revelam-se insustentáveis. Nesse sentido, a geopoética propõe um contra-modelo baseado no reconhecimento da Terra como sujeito, não apenas como objeto de exploração, de modo que cultivar um pensamento geopoético significa enxergar o planeta como um organismo vivo, complexo e interconectado, cujas dinâmicas exigem respeito e cuidado, gerando, assim a reconexão humana com o meio natural.

**Palavras-chave:** Geopoética. Antropoceno. Desastres climáticos. Rio Grande do Sul.



## A AUTOCOMPLACÊNCIA COMO PRINCÍPIO MORAL DO CONSUMO

*Pedro Sampaio Minassa*

**Resumo:** No Ocidente, a sociedade contemporânea herdou de sua predecessora configuração moderna, industrial e mecanicista, modos de produção e, principalmente, de consumo, que se tornaram indissociáveis da constituição individual (e individualista) do homem ocidental e, mais que isso, de suas relações intersubjetivas. A cultura capitalista em sua mais recente conformação logrou transformar cidadãos em inveterados consumidores, promovendo a lógica de que a cidadania é um título que se adquire apenas por meio da exposição do acesso pleno a bens e serviços. Todos aqueles (ainda) não integrados ao prometeico e intenso mundo do consumo, escapariam do radar da sociedade e, invariavelmente, do próprio Estado. No entanto, este modelo começa a dar sinais de crise já a partir de 1970, sobretudo diante dos crescentes alertas científicos sobre o esgotamento dos recursos naturais em face de uma população de configuração moderna, industrial e mecanicista, modos de produção e, principalmente, de consumo, que se tornaram indissociáveis da constituição individual (e individualista) do homem ocidental e, mais que isso, de suas relações intersubjetivas. A cultura capitalista em sua mais recente conformação logrou transformar cidadãos em inveterados consumidores, promovendo a lógica de que a cidadania é um título que se adquire apenas por meio da exposição do acesso pleno a bens e serviços. Todos aqueles (ainda) não integrados ao prometeico e intenso mundo do consumo, escapariam do radar da sociedade e, invariavelmente, do próprio Estado. No entanto, este modelo começa a dar sinais de crise já a partir de 1970, sobretudo diante dos crescentes alertas científicos sobre o esgotamento dos recursos naturais em face de uma população de cidadãos-consumidores em expansão. Apesar da crise social e ecológica a reboque desse modelo, pouco se discutiram até o momento os motivos de ordem moral, que sustentaram o funcionamento — até aqui exitoso — da sociedade de consumo ocidental. Isto é, raros são os estudos que se aprofundaram na compreensão da influência das virtudes e desvirtudes do homem (pós-)moderno na viabilização, quando não da legitimação, de um modo de consumir afirmativo da posição de poder subjetivo no meio social. Autores como Skolimowski (2017) e Spengler (2013), encapsularam bem essa ideia na figura do “homem fáustico” que assume a frente do processo civilizador ocidental. Ele é capaz de tudo para satisfazer os seus anseios ilimitados de transcender a condição humana, em termos de conhecimento e poder. Individualista e autocomplacente, o homem fáustico do nosso século assume o consumo como código universal de conduta e, com o intuito de afirmar-se socialmente, é benevolente com os próprios hábitos. Como resultados provisórios, temos que a satisfação dos seus próprios desejos e caprichos é justificada tanto externamente, por uma cultura que atribui cidadania por vias econômicas, quanto internamente, pela autocomplacência. Confiante de que para ser considerado e validado como parte do todo social é preciso ser consumidor ativo e de que a finitude da vida impede uma preocupação moral que fuja da satisfação e do prazer individual no gozo e fruição dos recursos, o homem fáustico contemporâneo assume o “carpe diem” como lema de autocondescendência com o seu estilo de vida predatório, que consome os recursos naturais presentes, dos seus contemporâneos não-cidadãos, porque não-consumidores, e os recursos futuros, dos homens de amanhã. Diante disso, por meio de uma pesquisa exploratória, com método dedutivo, abordagem qualitativa e técnica de revisão da literatura, nos propomos a identificar e explicar a relação entre a autocomplacência e o atual modelo de consumo, buscando demonstrar como esta atitude se tornou um dos esteios morais mais eficazes para sustentá-lo na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Autocomplacência. Consumo. Contemporaneidade. Moral. Sociedade.

## Referências

SKOLIMOWSKI, Henryk. *Filosofia viva: La ecofilosofía como un árbol de la vida*. Atalanta, 2017. SPENGLER, Oswald. *A decadência do Ocidente: esboço de uma morfologia da história universal*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

## DESAFIO E OPORTUNIDADES DA INDÚSTRIA DA MODA SUSTENTÁVEL: IMPACTOS AMBIENTAIS E SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DE UM FUTURO CONSCIENTE

*Sofia Laís Hammes, Luciana Turatti*

**Resumo:** A crise climática, moldada por processos naturais ao longo dos últimos séculos, tem sido profundamente impactada pela atividade humana, especialmente nas eras mais recentes. As Nações Unidas (ONU) afirmam que todos têm o direito a um ambiente de qualidade e a responsabilidade de protegê-lo <sup>1</sup>. No entanto, o consumismo desenfreado, impulsionado por um modelo econômico insustentável, devastou os recursos naturais em um ritmo alarmante, acelerando o colapso ecológico e comprometendo irreversivelmente o equilíbrio do planeta. Segundo estudos da ONU, os mais ricos têm a maior responsabilidade pelo aquecimento global, pois a parcela de 1% mais rica da população global emite mais gases de efeito estufa do que os 50% mais pobres. O excesso de consumo, especialmente na indústria da moda, alimenta a produção em massa de roupas, gerando desperdício e um ciclo insustentável que intensifica a degradação ambiental. Dentro desse contexto, a indústria da moda surge como um dos principais contribuintes para a emissão de gases de efeito estufa. Em 2023, o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) informou que o setor é responsável por 10% das emissões globais de carbono a cada ano, superando as emissões combinadas de voos internacionais e transporte marítimo. Caso as tendências atuais persistam, espera-se que as emissões de gases de efeito estufa (GEE) desse setor aumentem em mais de 50% até 2030.<sup>3</sup> Considerando tal cenário, este estudo visa mapear e problematizar os desafios e oportunidades da indústria da moda sustentável, explorando suas dimensões ambientais, sociais e econômicas, de forma a contribuir com uma reflexão crítica e a construção de um futuro mais consciente e igualitário na indústria têxtil. Para subsidiar tal propósito foi realizada uma busca na base de dados do Portal CAPES no dia 16 de janeiro de 2025, utilizando os seguintes descritores: consumismo, “fast fashion” e aquecimento global. A pesquisa resultou na identificação de somente 2 artigos, os quais foram estudados para contribuição da pesquisa. A busca por si só já denotou um primeiro resultado, qual seja, a baixa produção de artigos sobre o tema e a necessidade de maior discussão. Enquanto análise qualitativa verificou-se que os artigos oferecem uma visão detalhada das dificuldades da transição para uma moda sustentável, o que envolve desde questões econômicas e culturais até considerações de estratégias de produção responsável. Os resultados parciais destacam uma correlação entre os tópicos mencionados, porém, revelam a limitação dos estudos sobre essas relações. Isso aponta para uma lacuna na pesquisa sobre a viabilidade das alternativas sustentáveis no setor da moda.

**Palavras-chave:** Sustentabilidade. Fast Fashion. Consumismo.

### Referências

ONU. Declaração sobre o direito ao meio ambiente saudável. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/192608-onu-declara-que-meio-ambiente-saud%C3%A1vel-%C3%A9-um-direito-humano>. Acesso em: 12 dez. 2024. 2. ONU. Mudança climática: causas e efeitos. Disponível em: <https://www.un.org/pt/climatechange/science/causes-effects-climate-change#:~:text=Exc%20de%20consumo,que%20os%2050%25%20mais%20pobres>. Acesso em: 12 dez. 2024. 3.

PNUMA. Lista de cinco resoluções para um 2020 mais verde. Disponível em: [https://brasil.un.org/pt-br/84869-pnuma-lista-cinco-resolu%C3%A7%C3%B5es-para-um-2020-mais-verde?utm\\_source=chatgpt.com](https://brasil.un.org/pt-br/84869-pnuma-lista-cinco-resolu%C3%A7%C3%B5es-para-um-2020-mais-verde?utm_source=chatgpt.com). Acesso em: 24 mai. 2024.



# GT 2. Educação, Comunicação e Tecnologias

**IX DIÁLOGOS**  
na contemporaneidade

**POR OUTROS MODOS**  
*DE PENSAR A VIDA, A*  
**TERRA E NOSSO JEITO**  
*DE ESTAR NO MUNDO*



## PRODUÇÃO DE AUDIOVISUAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA COM O ENSINO MÉDIO

*Derli Juliano Neuenfeldt Willian Cauã Fell, Rafael Kovalski*

**Resumo:** Este relato de experiência tem como objetivo apresentar e analisar a produção de audiovisuais como estratégia didático-pedagógica nas aulas de Educação Física do Ensino Médio. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com aproximações à pesquisa-ação. O estudo ocorreu em uma escola de Ensino Médio de Lajeado/RS/BR, envolvendo alunos do terceiro ano e o professor responsável pelo componente curricular. A proposta incluiu a produção de vídeos sobre práticas corporais definidas coletivamente, sendo elas: Slackline, Yoga, Ciclismo, Calistenia e Trilhas Sensitivas. Os estudantes participaram ativamente de todas as etapas, desde a elaboração dos roteiros até a gravação e edição. Durante o processo, foram estimulados a refletir sobre as relações entre corpo, tecnologia e meio ambiente, promovendo uma integração entre aspectos pedagógicos e ecológicos. As informações foram produzidas por meio de questionários, diários de campo e análise das produções audiovisuais dos alunos. A análise foi conduzida com base na Análise Textual Discursiva. Os resultados destacaram desafios técnicos e organizacionais, mas também evidenciaram o desenvolvimento de habilidades como trabalho em equipe, criatividade e planejamento, além de um aprofundamento investigativo sobre os temas abordados. Adicionalmente, a experiência proporcionou um contato significativo com a natureza e uma reflexão crítica sobre sustentabilidade e responsabilidade ambiental. Concluímos que a produção audiovisual nas aulas de Educação Física pode ser uma estratégia pedagógica potente, capaz de articular práticas corporais, tecnologias digitais e formação ecológica, ampliando as possibilidades pedagógicas no ensino da Educação Física e promovendo o protagonismo estudantil.

**Palavras-chave:** Educação Física. Audiovisuais. Ensino Médio. Tecnologias Digitais.

## ARTERAGENS: PROMOVENDO A ESCRITA A PARTIR DE JOGOS

*Gabriela Huppes, Larissa Kuhn, Maria Elisabete Bersch*

**Resumo:** O Projeto Alter - Linguagem e Tecnologia potencializando Redes Colaborativas de Aprendizagem, atuante desde o ano de 2019, visa promover o letramento literário, a compreensão leitora, bem como promover a fluência e a cultura digital. O projeto, desenvolvido pela Universidade do Vale do Taquari - Univates, tem como território parceiro a comunidade do Centro Lenira Maria Müller Klein, atuando junto a crianças entre 10 e 14 anos de idade. As ações envolvem a produção de histórias, jogos idealizados e produzidos pelas crianças, a criação de podcasts, vídeos em formato de tiktok e oficinas diversas. As ações são elaboradas a partir das demandas manifestadas pela comunidade por meio de reunião realizada com a equipe diretiva e a professora envolvida, bem como pela escuta das crianças. Em 2024, a equipe diretiva manifestou o desejo e a importância de que uma parte das ações fossem desenvolvidas nas dependências da Univates, oportunizando vivências outras em espaços múltiplos. Assim, o primeiro encontro com as crianças ocorreu no Labrinque, laboratório do curso de Pedagogia da Univates, a fim de explorar diferentes tipos de jogos. O segundo encontro foi realizado nos espaços coletivos da biblioteca da universidade, com a exploração do conto “Sobrou pra mim”, de autoria de Ruth Rocha. O conto versa sobre “Arteragens”, situações cotidianas em que uma “arte” feita pelos espectadores gerou uma situação engraçada. A compreensão do conto foi realizada a partir da adaptação do jogo “verdade ou desafio” para o contexto do conto e de roda de conversa sobre travessuras que os participantes lembram de ter realizado ou presenciado. O encontro seguinte ocorreu na Slan, tendo por objetivo a elaboração, em grupos, de uma proposta de jogo abordando o tema, descrevendo, inclusive, suas regras. Nos encontros seguintes, ocorridos novamente no Labrinque, cada grupo confeccionou o jogo elaborado, com o reaproveitamento de materiais disponíveis no laboratório. A última atividade desta sequência de encontros voltou-se para a exploração dos jogos. Neste momento, as crianças puderam avaliar a clareza com que descreveram as regras e funcionamento do jogo produzido na medida em que os colegas tiveram maior ou menor dificuldade de compreender sua jogabilidade. Ao longo da proposta, as crianças foram desafiadas a ampliar sua fluência digital pelo uso de chromebooks e de buscas por imagens na internet para confeccionar algumas peças dos jogos e organizar a “folha de regras”. Apesar da dificuldade das crianças em elaborar a proposta do jogo em torno do tema da proposta, isto é, “arteragens”, o movimento de redigir a concepção do jogo, produzi-lo, descrever suas regras, sua jogabilidade, e, posteriormente, observar outros jogando, contribuiu para com o desenvolvimento da linguagem na medida em que possibilitou-lhes verificar a clareza comunicacional de sua escrita.

**Palavras-chave:** Linguagem. Oficinas. Letramento.



## CARREIRA DOCENTE E OS DESAFIOS DA PROFISSÃO E DAS POLÍTICAS PÚBLICAS

*Lucimara Fiorese, Lesly Diana Pimentel Yong, Hendy Barbosa Santos, Kári Lúcia Forneck*

**Resumo:** O Ensino Médio (EM) no Brasil tem sofrido impacto pela constante mudança nas legislações (Fiorese; Forneck, 2024). Essas transformações contribuem para o risco de um apagão docente, devido à falta de atratividade da carreira, desvalorização dos professores e desafios institucionais. Assim, objetiva-se discutir sobre a necessidade de políticas públicas e ações institucionais que promovam a valorização e o fortalecimento da profissão docente visando evitar a escassez docente no Ensino Médio. A pesquisa foi produzida a partir das investigações do Grupo de Pesquisa “Ensino, Linguagens e Tecnologias” da Univates e aprovada pelo COEP (CAAE nº 2742722.1.0000.5310). A metodologia foi descritiva e qualitativa, desenvolvida com a participação de dois docentes por meio de entrevistas semiestruturadas e quatorze discentes em grupos de discussão, sempre gravados, todos integrantes de duas instituições públicas do EM do Rio Grande do Sul. A análise de dados foi por Análise Textual Discursiva (Moraes; Galiazzi, 2016). Para essa comunicação, contextualizam-se apenas as falas dos docentes, que evidenciam duas categorias que envolvem os desafios docentes: (1) a falta e a rotatividade de professores e (2) a insuficiência de políticas públicas de valorização docente. Na primeira categoria, observa-se que o EM vem enfrentando escassez e rotatividade de professores, o que compromete a implementação eficaz de mudanças, como do Novo Ensino Médio, e afeta o planejamento escolar e a consolidação de estratégias pedagógicas. Na segunda categoria, pontua-se que há a necessidade de políticas públicas que valorizem a profissão docente, a qual não se resume a questões salariais, mas envolve um reconhecimento mais amplo da educação e de seus profissionais. Os professores enfrentam desafios para exercer sua autonomia devido a demandas externas impostas por governo, escolas e famílias; têm baixa remuneração; trabalham em uma infraestrutura precária e com falta de equipamentos; e são desafiados pela violência escolar e assédio moral (Pinheiro; Pena; Lima, 2018; Brasil, 2020); isso gera estresse e afastamento da profissão que na última década teve uma queda de 9,8% no número de ingressantes nos cursos de licenciatura (Brasil, 2020). Em decorrência dessas problemáticas, o Ministério da Educação instituiu o Programa Mais Professores para o Brasil que pretende promover a valorização e qualificação do magistério, incentivar a docência e reduzir a evasão nos cursos de licenciatura no país (Brasil, 2025a; 2025b). Diante desse cenário, entende-se que qualquer proposta de mudança no EM enfrenta desafios estruturais e humanos que comprometem sua efetividade, o que exige um esforço coletivo entre governo, escolas, universidades e sociedade, visando a implantação de políticas públicas que valorizem e fortaleçam a carreira docente.

**Palavras-chave:** Ensino Médio. Escassez docente. Políticas públicas.

### Referências

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Portaria CAPES nº6, de 15 de janeiro de 2025. Brasília: CAPES, 2025a. Disponível em: <https://cad.capes.gov.br/ato-administrativo-detalhar?idAtoAdmElastic=17145#anchor>. Acesso em: 15 mar, 2025.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Estudos e Pesquisas Educacional Anísio Teixeira - INEP. Censo da Educação Superior. Brasília: INEP, 2020. BRASIL. Ministério da Educação. Decreto nº 12.358, de 14 de janeiro de 2025. Programa Mais Professores para o Brasil - Mais Professores. Brasília: MEC, 2025b. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2023-2026/2025/decreto/d12358.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2025/decreto/d12358.htm). Acesso em: 15 mar, 2025.

FIGLIOS, L.; FORNECK, K. L. Vicissitudes do ensino médio brasileiro: um olhar retrospectivo. Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar, 2024. [no prelo].

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. Análise textual discursiva. 3. ed. rev. e ampl. Ijuí: Ed. Unijuí, 2016.

PINHEIRO, Â. F. S.; PENA, K. A.; LIMA, N. T. S. R. Estresse ocupacional em professores do ensino médio: fatores que contribuem para o adoecimento. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, v. 4, n. 10, p. 106-121, 2018.



## TECNOLOGIA, HUMANIDADE E ENSINO: PERSPECTIVAS DOCENTES NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

*Luiz Fernando Togni, Rogério José Schuck*

**Resumo:** O presente resumo tem como objetivo compartilhar algumas percepções de docentes de uma Instituição de Ensino Superior (IES) localizada no Nordeste do Brasil acerca dos impactos das TDIC e da Inteligência Artificial (IA). Foca atenção nos métodos de ensino e aprendizagem, além de examinar os desafios e as possibilidades que essas ferramentas trazem para a docência. Quanto à metodologia, a pesquisa adotou uma abordagem qualitativa. A coleta de dados foi conduzida por meio de um questionário elaborado na plataforma Google Forms. Atualmente as respostas obtidas estão em fase de análise, baseada na perspectiva da análise textual discursiva (ATD). O questionário foi preenchido por 32 docentes de diferentes núcleos de graduação. Os dados obtidos serão utilizados na elaboração de um artigo científico. Das respostas às duas primeiras perguntas da pesquisa, emergiu uma categoria a priori, a saber: “As tecnologias são importantes, mas é necessário considerar outros aspectos integrados a elas”. Já entre as categorias emergentes, optou-se por destacar, para este momento, a seguinte: “a tecnologia como algo que precisa ser adaptada e usada conforme diferentes contextos”. Essas categorias revelam uma visão dos docentes que vai além da simples adoção de ferramentas digitais, apontando para uma integração consciente e sensível, alinhada às demandas específicas de cada contexto de ensino. As respostas dos professores destacam que as tecnologias digitais são reconhecidas como ferramentas importantes no ensino superior, porém não devem ser vistas como solução única. A maioria dos participantes (84,4%) afirma que essas tecnologias são relevantes, mas precisam ser integradas a outros aspectos pedagógicos, como o contexto da turma, os objetivos de aprendizagem e a realidade da região onde atuam. Além disso, os professores enfatizam que o engajamento dos alunos não depende exclusivamente do uso de tecnologias, e, ainda, que é essencial equilibrar o digital com práticas como aulas expositivas e diálogos, para preservar a interação humana e o desenvolvimento do pensamento crítico. Por outro lado, 12,5% dos respondentes consideram as tecnologias imprescindíveis para o ensino e a aprendizagem. No entanto, mesmo entre esses, há a ressalva de que o uso dessas ferramentas deve ser adaptado às necessidades específicas de cada disciplina e turma. Questões como a formação docente, a infraestrutura das instituições e a exclusão digital, também são apontadas como aspectos a serem observados. Em síntese, as respostas dos docentes apontam para a noção de que as tecnologias digitais são vistas como aliadas que enriquecem o processo educativo, mas sua eficácia depende de uma integração consciente e contextualizada, sem perder de vista o papel do professor e a importância de outras práticas pedagógicas.

**Palavras-chave:** Ensino. Tecnologias digitais. Inteligência Artificial.

## SIMPOIÉSE E INVENTIVIDADE HUMANA: SUPERANDO DESAFIOS DO ENSINO NA ERA TECNOLÓGICA

*Miriam Magedanz, Rogério José Schuck*

**Resumo:** Este resumo aborda a questão das Tecnologias Digitais e Comunicação (TDIC) no Ensino Superior. O tema vem sendo estudado por um grupo de pesquisa da Univates, vinculado ao PPGEnsino, o qual tem como objetivo mapear desafios, oportunidades e as percepções de docentes sobre como as TDIC e a Inteligência Artificial (IA) vem impactando as formas de ensinar e aprender, seja no âmbito individual ou coletivo. Percebe-se a transformação de uma visão da epistemologia antropocêntrica para uma concepção reticular das relações, onde o protagonismo está nas diferentes formas de inteligências, sejam elas humanas ou não humanas. Se até este momento a hegemonia das relações se dava entre Homem-Mundo, com a chegada das novas tecnologias digitais, nomeadas como machine learning, linguagens sintéticas, big data, algoritmos, redes neurais, IoT, Wearables e metaverso, a compreensão das relações se dá em outro nível de complexidade, que é melhor descrita pelo paradigma: Humano-Tecnologia-Mundo. Somos interpelados a compreender que os sistemas humanos e não humanos, simpoética e interdependente, participam da maneira como se aprende, como se dá a comunicação e de como se está neste mundo. Portanto, não só o modo de ser e estar em sociedade passam por transformações, mas também se transforma o ensinar e o aprender. A pesquisa, de natureza qualitativa, buscou, com docentes de uma Instituição de Ensino Superior do Nordeste, a colaboração para coleta de dados, que se deu mediante o envio de formulário Google Forms. Para a análise do conteúdo, a metodologia utilizada foi Análise Textual Discursiva (ATD). Do questionário, destacaram-se das questões um e dois, a seguinte categoria a priori: “As tecnologias são importantes, mas é necessário considerar outros aspectos integrados a elas”. Entre as categorias emergentes, priorizou-se a seguinte: “a tecnologia é algo que precisa ser adaptada e usada conforme diferentes contextos”. Os dados coletados até este momento apontam para uma realidade, em que a docência é provocada pelo desafio de ensinar no contexto em que a informação e o conhecimento não seguem mais uma lógica centralizada e hierárquica. O ensino e a aprendizagem estão caminhando para formas colaborativas de fazer-com, num hibridismo entre humanos, tecnologias, espaço, tempo, linguagens, presenças e culturas. Docentes e estudantes, cultura e máquinas fazem parte dessa ecologia-conectiva em que todos ensinam e aprendem. Em tempo de inteligência artificial, a inteligência natural, expressa na capacidade de inventividade, surge como possível caminho para superar as rupturas provocadas pelo tempo presente.

**Palavras-chave:** TDIC. Inventividade. Ensino.



## MOVIMENTAÇÕES TEMPESTUOSAS: ESPAÇOS DE RESILIÊNCIAS E CUIDADO DE SI

*Paulo Henrique Vieira de Macedo, Rogério José Schuck*

**Resumo:** Recentemente vivemos em um cenário que além da pandemia trouxe uma autorreflexão sobre muitas coisas, principalmente, sobre a nossa vida, o que fazemos dela e sobre que sentidos damos após momentos radicais de tempestuosas movimentações que dão reviravoltas em tudo o que somos e o que pensamos. O presente ensaio tem como objetivo retratar excertos de uma obra filosófica que envolve diálogos acerca do cuidado de si. Isso linca na busca pela resiliência, em momentos tempestuosos: capazes de ver a vida de entes amados, imóveis com fortes laços de lembranças de infância serem levados por toda uma força da natureza, além de condições insalubres vivenciadas por muitas pessoas em diversas partes do país. Nessa linha condutora partimos de um estudo qualitativo e bibliográfico, envolvendo excertos da obra de Platão (2015). No ensejo, percebemos algumas características da Antiguidade que estão diretamente ligadas às vivências atuais dos seres humanos. Por conta disso, destacamos por meio dessa obra algumas características que envolvem o cuidado de si, como: o não envaidecimento, a paciência, a irrefutabilidade do conhecimento sobre as coisas, a justiça, a consciência da ignorância, além da coragem. Nesse momento do ensaio, remontamos virtudes, atitudes que, desde a Antiguidade Clássica, Sócrates instigava entre seus congêneres, para de fato buscarem conhecer o que se passa sobre a tomada de suas decisões. Diante desse excerto, aproximamos essas características com as vivenciadas pelo povo gaúcho mediante as condições que afetam toda uma história de vida. Portanto, o encorajamento, a resiliência que parte de alguns desses pontos permearam as forças internas para que aos poucos toda uma população se reerguer, unindo pessoas, esperanças e um novo horizonte, que coaduna encorajamento, e cuidado de si e dos outros.

**Palavras-chave:** Resiliência. Cuidado de si. Autorreflexão.

### Referências

PLATÃO, 427-347 a. C. Primeiro Alcibiades. Segundo Alcibiades. Tradução: Carlos Alberto Nunes; editor convidado Plínio Martins Filho; organização Benedito Nunes & Vitor Sales Pinheiro; texto grego John Burnet. - Ed. Bilingue. - Belém: ed.ufpa, 2015. \* O texto foi escrito na primeira pessoa do plural para retratar as ideias expostas pelos autores.

## O USO DE APPS PARA O ENSINO DE INGLÊS NO BRASIL E NA CHINA

*Suzinara Strassburger Marques, 艾湓芳*

**Resumo:** Tanto no Brasil quanto na China, o inglês é a segunda língua mais importante. Os alunos de ambos os países têm dificuldade em falar inglês porque as escolas públicas, muitas vezes, concentram-se na gramática e não no uso real. Por isso, quando os professores têm a oportunidade de ensinar inglês de uma forma mais dinâmica, geralmente utilizam aplicativos para chamar a atenção dos alunos e facilitar o processo de aprendizagem. Porém, os APPs comumente usados para aprender inglês no Brasil e na China são diferentes, principalmente porque existem muitos APPs na China que substituíram os APPs ocidentais. Com base nisso, analiso como os professores de inglês no Brasil e na China usam APPs em suas aulas diárias e como eles julgam quais aplicativos são úteis para eles e seus alunos. Para entender a cultura educacional desses dois países, selecionei algumas referências que poderiam ajudar a entender melhor a cultura do ensino de inglês no Brasil e na China e que tipo de APPs os pesquisadores da área discutem em seus artigos. Essas referências incluem artigos sobre os principais métodos de ensino de inglês usados no Brasil e na China; o processo de o inglês se tornar uma segunda língua no Brasil e na China; e alguns aplicativos específicos que podem ajudar professores e alunos de inglês em cada país. Além disso, para entender a visão dos professores sobre o uso de APPs em aulas de inglês e os tipos de APPs que eles utilizam, um questionário semiestruturado foi enviado a professores de inglês que atuam no Brasil e na China. Em geral, 95,5% dos professores de inglês brasileiros e 37,5% dos professores de inglês chineses preferem usar APPs em cursos de idiomas. Por meio da análise, foi possível perceber que alguns dos entrevistados em nosso país não têm clareza sobre o conceito de APPs, mas a maioria deles usou ferramentas tecnológicas como APPs em sala de aula. Ao comparar as respostas ao questionário com pesquisas acadêmicas, fica claro que ambos os países estão tentando integrar a tecnologia aos cursos de idiomas, mas precisam superar desafios relacionados a diferentes formações educacionais e à falta de recursos nas escolas. No geral, Brasil e China têm muito em comum, especialmente a vastidão de suas massas terrestres e a dificuldade de ensinar inglês. No entanto, a China está trabalhando para padronizar seus métodos, enquanto o Brasil está indo na direção oposta, tentando promover o pensamento crítico nos alunos. Como parceiros de negócios, então, China e Brasil também devem trocar experiências em ensino de línguas. Isso pode melhorar as visões de ambos os países sobre o futuro da educação.

**Palavras-chave:** APP. Brasil e China. Aulas de inglês.



## EDUCAÇÃO ONLIFE E ABORDAGEM CRÍTICO-EMANCIPATÓRIA: POTENCIALIDADES EMERGENTES PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

*Tiago Wagner, Derli Juliano Neuenfeldt*

**Resumo:** O desenvolvimento tecnológico proporciona novas formas de organização e funcionamento da sociedade. Na educação, podemos perceber que a pandemia de Covid-19 potencializou o uso de tecnologias digitais no ensino. Na Educação Física escolar, durante o período de pandemia, algumas propostas pedagógicas utilizando tecnologias digitais foram experimentadas. No entanto, os saberes conceituais foram os mais desenvolvidos nas aulas, devido a uma dificuldade em abordar o movimento de forma virtual. No retorno à presencialidade mantém-se a resistência da associação de tecnologias digitais ao ensino da Educação Física, pois predomina a compreensão de que elas não corroboram com um ensino que tem na sua essência o movimento humano. Contudo, não há como ignorar o mundo digital e o interesse crescente de crianças e adolescentes pelas tecnologias digitais. Dessa forma, a Educação Física escolar pode desenvolver experiências corporais que associam as tecnologias digitais às práticas corporais. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é investigar possibilidades de articular o ensino da Educação Física com a perspectiva de Educação Onlife para propor o ensino de Jogos Eletrônicos nos Anos Finais do Ensino Fundamental de forma contextualizada com os tempos digitais da realidade dos estudantes. O problema deste trabalho é: quais são as potencialidades de ensino ao se articular a abordagem pedagógica crítico-emancipatória da Educação Física escolar com a Educação Onlife? Essa pesquisa, de abordagem qualitativa, parte de uma pesquisa bibliográfica. A partir das informações levantadas e estudadas sobre a Educação Onlife e a Abordagem Crítico-Emancipatória no ensino da Educação Física, procuramos analisá-las e articulá-las. A análise e interpretação realizada resultou em quatro potencialidades importantes, que marcam o entrelaçamento da perspectiva de Educação Onlife com a Abordagem Crítico-Emancipatória, sendo elas: 1) a superação de um ensino tradicional transmissivo, transcendendo práticas tecnicistas, visando uma educação emancipatória e crítica; 2) a conexão com a realidade social e cultural, abordando temáticas articuladas com o mundo de vida dos estudantes e promovendo reflexões sobre os desafios e potencialidades do contexto digital em que vivem; 3) a construção coletiva do conhecimento, incentivando as interações e a coletividade, impulsionando práticas criativas e colaborativas; 4) e a ampliação das possibilidades de ensino sem limites entre o físico e o digital, dando espaço para práticas inventivas, interativas e conectadas. Tem-se como considerações finais, que a Abordagem Crítico-Emancipatória de ensino da Educação Física encontra na Educação Onlife espaço para expandir as possibilidades didático-pedagógicas na Educação Física escolar, promovendo a superação do ensino transmissivo e incentivando práticas corporais criativas, conectadas e coletivas, contribuindo na emancipação dos estudantes para a vida em uma sociedade cada vez mais hiperconectada.

**Palavras-chave:** Educação Física escolar. Tecnologias digitais. Educação Onlife. Ensino. Abordagem Crítico-Emancipatória.



# GT 3. Modos de Ensinar e Modos de Aprender

**IX DIÁLOGOS**  
na contemporaneidade

**POR OUTROS MODOS**  
*DE PENSAR A VIDA, A*  
**TERRA E NOSSO JEITO**  
*DE ESTAR NO MUNDO*



## UM OLHAR PARA O DESEMPAREDAMENTO DAS INFÂNCIAS EM JUNDIAÍ -SP: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA TRANSFORMADORA

*Aline Dayane dos Anjos Lima, Angelita Santa Rosa Baldani, Cláudia Inês Horn, Jacqueline Silva da Silva*

**Resumo:** Desemparedar as infâncias, termo cunhado por Tiriba (2018), ganhou destaque na sociedade brasileira a partir do período pandêmico, quando os estudiosos da área da educação começaram a refletir sobre o desenvolvimento da prática pedagógica ao ar livre. Nesta perspectiva, o Desemparedamento propõe a criação de ambientes de aprendizagem em espaços externos, dentro das escolas ou fora delas, incentivando que as crianças construam os seus conhecimentos de maneira ativa e integrada à natureza. Ao possibilitar experiências nos ambientes externos, o desemparedamento fomenta o desenvolvimento da autonomia das crianças, estimulando a socialização, a criatividade e a consciência ambiental. Apesar de reconhecermos a sala de aula como um importante ambiente para as trocas e interações entre as crianças, os estudos contemporâneos nos mostram que restringir o ensino a tal local, limita e empobrece as suas experiências, desencadeando em aprendizagens sem real sentido para as suas vidas. O presente resumo possui como objetivo relatar as experiências vividas por um grupo de pesquisadoras na cidade de Jundiaí-SP, no mês de setembro de 2024, após realizarem uma visita técnica, em diferentes territórios educativos de tal município. As visitas foram guiadas por profissionais da Secretaria Municipal de Educação e durante as mesmas, foi possível conhecer as suas diretrizes curriculares, a prática pedagógica de algumas instituições escolares, compreendendo a metodologia do Desemparedamento e observando a constante presença das crianças, em diferentes espaços da cidade, ao exemplo dos jardins, praças, parques e outros lugares públicos como ambientes de aprendizagem. Tal visita surge como uma das ações planejadas pelo Grupo de Pesquisa: “A participação das crianças no cotidiano da Escola de Educação Infantil e da Cidade”, com o apoio da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul/FAPERGS. A metodologia utilizada para produção de dados foi a abordagem qualitativa, com observação participante, filmagens, fotografias e rodas de conversas. As experiências vividas validaram os estudos baseados em diferentes estudiosos, realizados nos encontros do Grupo de Pesquisa, visto que, pode-se comprovar que é possível desemparedar as infâncias, proporcionando ambientes inovadores que fomentam as posturas investigativas das crianças e possibilitam a construção do conhecimento para além da sala de aula, ao exemplo dos pátios escolares e dos diferentes espaços da cidade, entrelaçando o ensino formal com a realidade do cotidiano.

**Palavras-chave:** Desemparedamento. Infâncias. Visita técnica.

### Referências

TIRIBA, L. Prefácio. In: BARROS, M. I. A. (org.). Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Alana, 2018. p. 04-05. Disponível em: [https://criancaenatureza.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Desemparedamento\\_infancia.pdf](https://criancaenatureza.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Desemparedamento_infancia.pdf). Acesso em: 15 mar. 2024.

## POR UM CURRÍCULO AFRO-REFERENCIADO: A PROPOSTA DA ESCOLA MARIA FELIPA - SALVADOR/BA

*Angélica Vier Munhoz, Fabiane Olegário, Morgana Domênica Hattge, Suzana Feldens Schwertner*

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo discutir sobre educação antirracista por meio de um relato de quatro pesquisadoras do grupo Currículo, Espaço, Movimento (CEM/CNPq/Univates), a partir de uma visita realizada à primeira escola afro-brasileira, Maria Felipa, na cidade de Salvador, Bahia. A escola criou, em 2019, o primeiro currículo afro-referenciado, reconhecido pelo Ministério da Educação (MEC), hoje já com uma filial no Rio de Janeiro. Para a idealizadora da escola, Bárbara Carine, o foco da instituição não é o antirracismo, mas a afro-referência, o que possibilita que crianças afrodescendentes sejam formadas para se nutrir do que efetivamente são (Pinheiro, 2023). Na oportunidade da visita, o grupo foi recebido pela equipe diretiva e conheceu diferentes espaços da escola, além de acompanhar as atividades cotidianas, como a aula de rima com hip hop. Entre os elementos que inicialmente chama atenção acerca da escola, aponta-se o ensino trilingue (português, inglês e Libras), o calendário de celebrações decolonial, as turmas intituladas com o nome de impérios africanos e indígenas, os espaços verdes do canteiro e das ervas, o amplo tanque de areia, a composteira, a decolônia de férias. Foi possível perceber um número expressivo de professores homens na Educação Infantil, contando também com professores trans, algo destacado pela idealizadora na seleção de professores para atuar na escola (Pinheiro, 2023). Para a diretora, a representatividade importa muito e escolas afro-referenciadas constituem um modo de transgredir as práticas, apresentando outras narrativas do povo africano. Como resultados iniciais desta atividade, destaca-se a realização de uma aula específica sobre o relato, no componente curricular Pedagogia e Diferenças, além de outras ações já planejadas para a graduação das licenciaturas de Pedagogia e Letras, incluindo o Programa de Pós-Graduação em Ensino da Univates. Essas ações buscam problematizar o pensamento colonial, binário e eurocêntrico de nossas práticas escolares e curriculares, cumprindo também com o que está proposto na lei 10639/2023, alterada pela lei 11.645/2025, a qual visa incluir a história e a cultura africana, afro-brasileira e indígena em toda a extensão curricular da educação básica. Tais práticas tornam-se imprescindíveis para que possamos nos perguntar constantemente: de que modo esses saberes estão entrando no currículo da formação de professores? Como estamos formando professores de modo decolonial para atuar nos currículos da educação básica? São perguntas que seguem ecoando, tanto em nossos debates quanto nas práticas pedagógicas, e que ganharam novas perspectivas e visibilidades a partir da visita realizada.

**Palavras-chave:** Currículo. Educação antirracista. Decolonialidade.

### Referências

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. *Como ser um educador antirracista*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.



## UMA AULA QUE SOBREVIVE: NOTAS INACABADAS DE UM SEMINÁRIO

*Bianca Isabel Pederiva, Elisandro Rodrigues*

**Resumo:** Como uma aula sobrevive no tempo? O resumo tem como objetivo movimentar essa questão a partir da apresentação dos vestígios de um seminário, que aconteceu entre os meses de setembro e novembro de 2024, no Programa de Pós Graduação em Educação (PPGEDU) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Intitulado “Palavras inacabadas: habitar a pesquisa com Marília Garcia, Elida Tessler e Georges Didi-Huberman”, o seminário teve como propósito estudar determinadas obras desses autores e artistas, tencionando a criação de possíveis interlocuções com práticas de pesquisa que se preocupam com os processos de leitura e de escrita. Em doze encontros semanais, os quais ocorreram tanto de modo virtual quanto de modo presencial, textos selecionados dos mesmos autores eram apresentados aos alunos, visando algo como um manuseio de fragmentos. Diante disso, ao longo do seminário, foi possível elaborar um arquivo coletivo, na concretude de um pequeno fichário, composto por escritas desenvolvidas pelos participantes a partir de exercícios de pensamento que tinham como matéria palavras que apareceram do encontro com os textos, desde suas variações, e do seguinte problema inicial: “como fazer para ver o que está ali?”. No entre dessas propostas, diferentes ações de montagem (conceito presente nas produções das referências estudadas, com mais intensidade em Georges Didi-Huberman) foram sendo criadas. De certa maneira, o presente trabalho busca uma (des)continuidade dessas montagens possíveis, procurando ensaiar breves notas sobre os inacabados de uma aula, após três meses do seu encerramento. Com isso, questiona: o que será que resiste de uma aula? O que pode persistir em nosso pensamento? Aqui, a escrita distancia-se radicalmente de uma perspectiva de reconhecimento, em que a aprendizagem aconteceria pelo reconhecimento de conteúdos e de informações. Inversamente, ensaia-se uma aposta nos vestígios enquanto restos que resistem e que persistem; enquanto rastros dos componentes de uma aula – dos materiais, dos problemas, dos afetos, entre outros – que podem aparecer e desaparecer, engendrando sobrevivências contingentes. Assim, não parece se tratar de conclusões e de respostas e, conseqüentemente, quem sabe, o que permanece de uma aula diga menos de uma aprendizagem por meio de assimilação de conhecimentos do que de um ritmo de contrações e de dilatações que retomam o pensar (Didi-Huberman, 2020) e que movimentam os vestígios para um novo plano de imanência. Nesse sentido, dos encontros produzidos por uma aula, resta para o aprender aquilo que afeta e que repete, diferenciando-se, a cada novo encontro, a cada nova imaginação. Afinal, o que sobrevive não é pouco; mas é da ordem de algo menor – e a todo momento demandante de um olhar inacabado.

**Palavras-chave:** Aula. Seminário. Pesquisa. Aprender.

### Referências

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Pour commencer encore*. França: Editora Argol, 2020.

## ENTREVISTAS COM PROFESSORES(AS) DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: DO APAGAMENTO DO ENSINO AO CULTO DA APRENDIZAGEM

*Camila Garghetti Sperotto, Fabiane Olegário*

**Resumo:** O presente resumo é parte do projeto de pesquisa “O planejamento docente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: uma questão de leitura e escrita de arquivos”, desenvolvido pela Universidade do Vale do Taquari - Univates e apoiado pela FAPERGS, que busca compreender como os(as) professores(as) interagem com os arquivos durante o planejamento das aulas. O planejamento é compreendido como processo central da atividade docente, uma ação política e uma luta cultural, fundamental para a invenção da aula (Corazza, 1997, 2020). No que tange ao arquivo, a pesquisa utiliza os estudos de Derrida (2001), uma vez que ele critica a visão tradicional de arquivo como depósito estático de documentos, e o descreve como um texto aberto à interpretação, ou seja, um lugar de poder e memória. Este texto tem por objetivo discorrer sobre as respostas obtidas em entrevistas semiestruturadas com professores(as) dos Anos Iniciais de uma escola municipal de Paverama (RS) de modo a refletir sobre o apagamento do processo de ensino e o culto à Linguagem da Aprendizagem. As entrevistas foram realizadas com seis (6) professores da escola, os quais trabalham com o 1º, 2º, 3º, 4º e 5º Ano, além da professora de educação física. Para essa análise, a pesquisa se valeu dos estudos de Biesta (2013), uma vez que o autor problematiza a substituição em grande parte da linguagem da educação pela linguagem da aprendizagem. Tal linguagem se volta, principalmente, para o desenvolvimento de habilidades utilitaristas, ignorando aspectos centrais da educação, como a formação ética, a convivência democrática e o desenvolvimento subjetivo do indivíduo. Nesta linguagem, o(a) professor(a) atua como um(a) mediador(a) do aprendizado que é performado pelo estudante, o que torna a Educação um processo meramente transacional no qual o aprendiz é o consumidor e o professor o provedor. A partir das entrevistas realizadas com os(as) professores(as) observou-se uma predominância da linguagem da aprendizagem em seus discursos. Termos como “objetivos” e “dificuldades de aprendizagem” emergem com frequência, enquanto a ideia de “ensinar” aparece de forma tímida ou ausente. Isso reflete uma mudança significativa na forma como a educação vem sendo compreendida nas últimas décadas, o foco excessivo no aprendizado pode vir a acarretar prejuízos ao ensino que tende a focar, como é citado pelos professores, intensamente em dificuldades apresentadas pelos alunos, o que tira espaço de tarefas que venham a desafiá-los em outros aspectos da sua formação, como o cultivo da sua humanidade (Biesta, 2013), que vai além da simples aquisição de conhecimentos e habilidades, pois ser humano não significa apenas ser um indivíduo autônomo e racional, mas também um ser que se relaciona com o mundo de maneira ética e responsável.

**Palavras-chave:** Planejamento. Linguagem da Aprendizagem. Educação transformadora.

### Referências

BIESTA, Gert. *A (re)descoberta do ensino*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

BIESTA, Gert. *Para além da aprendizagem: Educação democrática para um futuro humano*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

CORAZZA, Sandra Mara. Planejamento de ensino como estratégia de política cultural. Currículo: questões atuais. Campinas: Papirus, p. 103-143, 1997.



CORAZZA, Sandra Mara. Métodos de transcrição: pesquisa em educação da diferença. \_\_\_\_ (org.). São Leopoldo: Oikos, 2020.

DERRIDA, Jacques. Mal de arquivo: uma impressão freudiana. Tradução Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

## OS ESPAÇOS TERRITORIAIS DA CIDADE E OS PROCESSOS DE ENSINAR E APRENDER NA EDUCAÇÃO INFANTIL

*Carine Rozane Steffens, Jacqueline Silva da Silva*

**Resumo:** Este estudo é um recorte do Projeto de Tese intitulado “A cidade como território de ensino na Educação Infantil: perspectiva favorecedora do processo de desenvolvimento da cidadania infantil”, que está sendo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu de Doutorado em Ensino, junto a Universidade do Vale do Taquari - Univates/RS. O estudo tem como objetivo investigar como a prática educativa desenvolvida por uma professora nos espaços territoriais da cidade contribui para o desenvolvimento da cidadania das crianças na Educação Infantil. A pesquisa de abordagem qualitativa, com aproximação aos tipos de pesquisa-ação e documental, visa conhecer e acompanhar a prática educativa de uma professora atuante em uma turma de Pré-Escola nível B. O lócus de pesquisa será uma escola de Educação Infantil, situada na região do Vale do Taquari/RS. A temática investigativa, parte do pressuposto de que os processos de ensinar e aprender na Educação Infantil transcendem os muros da escola, visto que o desenvolvimento infantil decorre das experiências cotidianas, ofertadas de forma intencional nos diferentes espaços territoriais da cidade, tanto na sala referência da turma, quanto nos demais espaços internos, externos e no entorno da instituição de ensino, proporcionando às crianças habitar, investigar, explorar, brincar, conhecer e se relacionar-se com o mundo e a natureza que a cerca, de forma livre e autônoma. A proposta de Tese inspira-se na abordagem do Projeto internacional Cidade das Crianças, idealizado pelo pedagogo italiano Francesco Tonucci, que objetiva impulsionar as crianças a se locomoverem e a se apoderar dos diferentes espaços que integram a cidade, assim como, incentivar a gestão municipal a criar e implantar políticas públicas para as infâncias; e também, na metodologia do Desemparedamento da Escola efetivada pela Rede Municipal de Jundiaí/SP, que tem como propósito incentivar os profissionais da rede e repensarem a sua prática pedagógica, promovendo cotidianamente experiências educativas, para além das ações habituais que costuma se desenvolver no contexto escolar, priorizando a ocupação e a exploração dos diferentes espaços da cidade. Espera-se que por meio desta investigação, além de repensar, compreender e ressignificar as múltiplas dimensões que permeiam a prática pedagógica na Educação Infantil, também, refletir de que outros modos são possíveis promover o desenvolvimento integral das crianças na primeira infância. Ao final da pesquisa, pretende-se elaborar um produto educacional, através de um Guia Educativo, que poderá ser utilizado para a formação continuada de professores voltado para o ensino de práticas educativas que contribuem para o desenvolvimento da cidadania das crianças na Educação Infantil.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Espaços territoriais da cidade. Ensino. Aprendizagem.



## FORMAS DE FORMAR: UM ESTUDO ACERCA DA INFLUÊNCIA DA FORMA ARQUITETÔNICA DA ESCOLA NOS PROCESSOS DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM A PARTIR DAS MIRADAS DE ADOLESCENTES DO VALE DO TAQUARI/RS

*Carlos Augusto Seibel, Dieli Soldi, Elisângela Mara Zanellato, Jamile Maria da Silva Weizenmann*

**Resumo:** O modelo escolar atual tem raízes na Idade Média, quando mosteiros e escolas catedrais educavam o clero e parte da elite. Os claustros — pátios internos cercados por galerias — eram marcantes na arquitetura monástica, influenciando futuramente os espaços escolares (Correa; Boschetti, 2020). Desde então, a escola é vista não só como abrigo infantil, mas como ambiente de transmissão do conhecimento formal. Essas visões dos espaços escolares podem anular as inúmeras possibilidades que ela guarda. Podendo ser um local para além de aprendizagens previstas nos documentos oficiais e de espaços de trocas, de desenvolvimento psicossocial e de incentivo à construção de novas habilidades sociais, da autonomia e da criatividade. Busca-se conhecer e observar a partir do olhar de estudantes do Ensino Médio, a organização formal e funcional dos espaços escolares e investigar suas influências no processo de ensino e aprendizagem, nas relações sociais e no desenvolvimento de adolescentes estudantes do Ensino Médio do Rio Grande do Sul. A questão que impulsiona este estudo é: quais as influências da organização formal e funcional dos espaços escolares no processo de ensino e aprendizagem de estudantes do Ensino Médio? No primeiro momento, será realizada uma revisão integrativa, com base nos descritores apontados. No segundo momento, a partir dos materiais teóricos coletados na pesquisa bibliográfica, será organizado um roteiro com os principais pontos a serem observados na arquitetura escolar e nas relações entre os sujeitos nas escolas estaduais da cidade de Lajeado/RS. Após a organização do roteiro de observação, serão realizadas visitas a escolas estaduais de Lajeado/RS. A observação será conduzida de forma sistemática, considerando aspectos arquitetônicos e a interação dos estudantes com os espaços, a fim de identificar possíveis influências no processo de ensino e aprendizagem. A pesquisa buscará analisar de que maneira a arquitetura escolar influencia os processos de ensino, aprendizagem e desenvolvimento dos adolescentes. Espera-se que os dados obtidos forneçam subsídios para reflexões e propostas que valorizem a subjetividade dos estudantes e otimizem o uso dos espaços escolares. Dessa forma, espera-se que, a partir das metodologias aplicadas, sejam encontradas relações entre a forma arquitetônica, os processos de ensino e aprendizagem, bem como do próprio processo de adolescer na escola, a fim de contribuir com estudos que permitam colaborar para a criação de projetos arquitetônicos mais alinhados às necessidades e especificidades da adolescência. Espera-se, também, que esta pesquisa contribua para ampliar o debate sobre o tema, incentivando novas investigações acadêmicas, além de disseminar informações relevantes a arquitetos e órgãos governamentais responsáveis pelo planejamento das instituições de ensino em que os adolescentes passam a maior parte dos seus dias.

**Palavras-chave:** Escola. Adolescente. Arquitetura. Psicologia.

### Referências

Correa Strieder, C., & Boschetti, V. R. (2020). Mosteiro e Colégio de São Bento: um estudo centrado na educação monástica e seus monumentos. *Cambios Y Permanencias*, 11(1), 1804-1835. Recuperado a partir de: <https://revistas.uis.edu.co/index.php/revistacyp/article/view/11155>

## A IMPORTÂNCIA DOS PRODUTOS EDUCACIONAIS NO AMBIENTE ESCOLAR

*Carol Kimberly Rodrigues, Cláudia Inês Horn, Jacqueline Silva da Silva*

**Resumo:** Este trabalho busca apresentar a temática dos Produtos Educacionais (PE's) produzidos por discentes dos programas de pós-graduação Mestrados e Doutorados Profissionais, que nesse cenário são replicados nas escolas. Os Produtos Educacionais são materiais educativos que servem de suporte e/ou inspiração para docentes planejarem suas aulas. Eles abrangem diferentes modalidades e etapas de ensino envolvendo diferentes áreas do conhecimento. O presente resumo é referente à pesquisa institucional “Ensinando, Aprendendo e Desenvolvendo Produtos Educacionais nas Ciências” e apresenta um recorte produzido pelo grupo da sub pesquisa “Infância, Docência e Educação Infantil”, vinculado ao programa de Pós-Graduação Ensino de Ciências Exatas da Univates. Este resumo tem como objetivo geral mostrar a importância que os Produtos Educacionais têm dentro do ambiente escolar a partir de sua replicação. Os PE's trazem consigo uma grande importância no meio escolar, servem como material de apoio ao professor que deseja abordar algum assunto e não sabe como fazê-lo ou precisa de algumas ideias. O problema é que mesmo esses produtos tendo grande valor, ainda são pouco conhecidos pelas instituições escolares, principalmente devido à falta de divulgação dos mesmos. A pesquisa realizada, buscou a replicação de um Produto Educacional com três turmas de uma escola de Educação Infantil no Vale do Taquari no ano de 2024, envolvendo crianças da faixa etária de 4 a 6 anos, tendo como procedimentos metodológicos a realização de entrevistas com as professoras das respectivas turmas. A pesquisa mostrou que é possível replicar um Produto Educacional e que a participação das crianças e o comprometimento da professora faz diferença durante todo o processo. As professoras participantes da pesquisa se mostraram satisfeitas com o resultado obtido após replicar o Produto Educacional com suas turmas, reconhecendo sua importância e utilidade, além de, informarem que irão recorrer novamente a estes materiais quando necessário para enriquecer suas aulas. Também foi possível verificar sobre a importância dos professores saberem da existência desses Produtos Educacionais e, também, como proceder para encontrá-los nos diferentes sites das Instituições de nível superior onde os mesmos são elaborados, testados e aprovados para a devida replicação. Ressalta-se ainda, que o planejamento para a replicação exige atenção, comprometimento e um olhar atento para o que as crianças dizem enquanto formulam hipóteses e constroem conhecimento.

**Palavras-chave:** Produto Educacional. Replicação. Crianças.



## UM OLHAR PARA O COTIDIANO: A ESCUTA SENSÍVEL NA PRÁTICA DOCENTE DA EDUCAÇÃO INFANTIL

*Cláudia Inês Horn, Mariana Lima Knecht*

**Resumo:** A busca por aprimorar práticas pedagógicas e potencializar as ações voltadas para as crianças, colocam a escuta sensível como um elemento essencial para o desenvolvimento das práticas pedagógicas, como o planejamento, documentações, avaliação, entre outras ações voltadas ao âmbito educacional. Este texto é um recorte do Projeto de Dissertação que está sendo elaborado junto ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino, na Linha de Pesquisa “Formação de Professores, Estudo do Currículo e Avaliação” da Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado-RS/Brasil. O referido estudo conta com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), está em processo de elaboração desde abril de 2024 e tem como objetivo principal: Investigar como a escuta sensível das crianças no cotidiano da escola reverbera na prática pedagógica de uma professora da Educação Infantil. A partir disso, apresenta-se algumas questões norteadoras que conduzem esta investigação: Qual a concepção dos professores em relação aos conceitos: criança, infância e escuta sensível? De que modo as experiências cotidianas das crianças na escola potencializam o ensino na Educação Infantil? Deste modo, os caminhos metodológicos seguem uma abordagem qualitativa, será realizado um estudo de caso e para esse propósito, o lócus selecionado será uma escola de Educação Infantil, elegendo uma professora a ser observada em suas práticas pedagógicas na sala referência e nos demais espaços do ambiente escolar. Além das observações da prática pedagógica acontecerão: entrevistas com a professora, gravações e filmagens, bem como o registro no Diário de Campo. Para compor a produção de dados será disponibilizado para a professora um Diário Reflexivo com alguns disparadores que instiguem a professora e possibilitem reflexões com relação a sua prática pedagógica e a temática investigada. A fim de responder os questionamentos que emergem da referida pesquisa, será necessário analisar a legislação brasileira e aportes teóricos para apresentar um breve histórico da Educação Infantil no Brasil e como o campo das políticas educacionais tratam desta etapa. O estudo também propõe estudar as práticas pedagógicas na Educação Infantil, com um olhar atento às crianças, ao professor e ao cotidiano do ambiente escolar. É importante salientar que o estudo faz parte de uma discussão a ser desenvolvida com mais aprofundamento na dissertação que está em andamento. Durante a investigação pretende-se analisar os dados produzidos na pesquisa de campo, articulando-os com os estudos teóricos pesquisados, a fim de perceber de que modo a escuta sensível das crianças por parte da professora reverbera no seu planejamento e na sua prática pedagógica.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Escuta sensível. Prática Pedagógica.

## OS PERCURSOS DA ALFABETIZAÇÃO POR MEIO DA LEITURA LITERÁRIA

*Danise Vivian, Garine Andréa Keller*

**Resumo:** O projeto de extensão Alfab&letrar tem como objetivo despertar, por meio de experiências lúdicas criadas com base em textos literários, o interesse dos alunos da Educação Básica, contribuindo, assim, com a aquisição da leitura e da escrita e a qualificação da alfabetização. A partir de histórias da literatura infantil, poemas e músicas, são desenvolvidas sequências didáticas de dois a três encontros, com cerca de uma hora e meia de atuação cada, que promovem a compreensão e a interpretação do texto, o estudo da língua escrita e da oral. Os conceitos bases que ancoram o projeto, quais sejam, a alfabetização, o letramento e o letramento literário são tomados como processos contínuos e interdependentes, os quais proporcionam às crianças, aos jovens e adultos acesso de forma mais autônoma à sociedade grafocêntrica e ampliam as possibilidades de construir novos conhecimentos por meio da sua inserção na cultura letrada. As sequências didáticas, planejadas coletivamente pelos integrantes do projeto de extensão Alfab&letrar, envolve três momentos distintos: A) a pré-leitura do livro, em que se promove uma ambientação da temática central da história, antes mesmo de revelar o seu título e a sua capa, com o objetivo de identificar os conhecimentos prévios dos participantes; B) a leitura propriamente do livro, sempre procurando diferentes maneiras de contar a história e verificar a compreensão leitora, também utilizando-se de diferentes ferramentas para esse trabalho de interpretação do texto; e C) atividades de alfabetização e de letramento associadas ao tema do livro, utilizando-se de jogos, músicas e dinâmicas. De forma parcial, ao longo dos anos de atuação do projeto de extensão Alfab&letrar percebeu-se que integrar o texto literário aos processos de alfabetização é essencial para despertar o prazer pela leitura, promovendo, ao mesmo tempo, uma compreensão afetiva e racional da linguagem. Dessa forma, compreende-se que o texto literário forma leitores de si e do mundo. Está além da construção de conhecimentos linguísticos ou da socialização de um patrimônio cultural validado socialmente. Em âmbito escolar, torna-se um importante meio para promoção de uma aprendizagem significativa no ciclo alfabetizador, pois a exploração de diferentes textos contribui para a significação do processo de alfabetização, em especial, a compreensão do uso social da leitura e da escrita. E, no que compete a um dos grandes desafios de projetos de extensão como este, está o fato de avaliar os impactos gerados por suas ações, já que há um trabalho paralelo e regular sendo desenvolvido pelos professores titulares das turmas das escolas parceiras.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Letramento. Literatura. Sequências didáticas.



## A EDUCAÇÃO COMO MODO DE VIDA: CUIDADO, INFÂNCIAS, MAGIA

*Dayana Uchaki de Matos*

**Resumo:** O que podemos aprender na relação com um gambá sobre outros modos de com-viver? Como as formigas podem nos ensinar a lidar com a devastação na era do antropoceno? E se uma infância desacelerada e desemparedada nos desse a perceber outros regimes de cuidado e de habitabilidade? Água, plantas, vento ou montanhas podem ser também educadores? Se a educação no ocidente é a manifestação de um modo de viver, o modo de existência da modernidade ocidental tem como princípio o alterocídio em larga escala, isto é, a tentativa de generalização de um modo único e brutalizante de habitar a Terra. Diante disso, proponho que pudéssemos imaginar outras educações a partir da escuta a outros modos de existências. Aquelas que praticam outros regimes de cuidado e sustentação de convivência com/na Terra poderão dar amostras de maneiras múltiplas e criativas de compor mundos em comum. A partir de uma experiência autoetnográfica do conviver com minha filha e outros seres não-humanos em um lugar liminar entre urbanidade e ruralidade, sugiro três eixos que indicam estas narrativas: cuidado, infâncias e magias. O cuidado-interdependente como gesto de uma política existencial de cuidado sistêmico no lugar do das práticas de autossuficiência de um autocuidado liberal; a compreensão da suavidade e da lentificação que beneficia as infâncias como uma qualidade irrenunciável da vida; e a magia de gestos contrafeiteiros ao reativar práticas outrora desqualificadas pela métrica científica moderna, restituindo o estatuto de valor às potências mágicas, telúricas, vegetais, humanas e mais que humanas.

**Palavras-chave:** Educação. Infância. Cuidado.

## A PERCEPÇÃO DOCENTE E A ABERTURA À ESCUTA E AO DIÁLOGO NO ENSINAR PELA PESQUISA NO ENSINO SUPERIOR

*Delano Carneiro de Almeida, Rogério José Schuck*

**Resumo:** A resignificação dos processos de ensino e de aprendizagem por meio do ensinar pela pesquisa estão dentro do processo crítico, reflexivo e transformador do ser humano, no ensino superior. Como problema de pesquisa, inquieta-se: qual a percepção docente sobre a abertura e ao diálogo no ensino pela pesquisa? A pesquisa objetiva examinar a imprescindibilidade do pressuposto filosófico da abertura à escuta e ao diálogo, tendo como lócus da pesquisa uma Instituição de ensino, privada, no Estado do Ceará que oferta os Cursos presenciais de Graduação em Direito, Enfermagem, Psicologia e Serviço Social. A pesquisa foi realizada por meio da abordagem qualitativa, tendo como instrumento entrevistas estruturadas, com professores da instituição, na qual segue para tratamento dos dados a proposta de análise textual discursiva de Bardin. Trabalhou-se, nesse sentido, com categoria a priori sobre a visão dos professores no que diz respeito ao pressuposto da abertura à escuta e ao diálogo. Analisando esse pressuposto de forma mais aprofundada, ele se caracteriza como o marco inicial do ensinar pela pesquisa, haja vista a natureza inquietante de quem escuta e de quem se encontra inserido no diálogo. Esta abertura caracteriza-se pela disponibilidade em estar sempre aberto ao novo, ao desconhecido, promovendo a discussão e a reflexão dos problemas e das necessidades políticas, sociais e educacionais. Na concepção freireana, quando o sujeito se encontra aberto às novas possibilidades, ele se torna partícipe para a construção ou reconstrução do conhecimento. Estar propenso à escuta e ao diálogo é assumir uma postura madura de colocar-se à disposição de outras pessoas com empatia e solidariedade para ouvir questões, de acordo com a realidade de quem fala, que, talvez, jamais foram pensadas. Freire destaca que para ensinar exige saber escutar. A necessidade de escutar faz parte do processo pedagógico de ensino e de aprendizagem, sendo parte integrante do método transformador e do desenvolvimento do indivíduo. Tanto a escuta quanto o diálogo são promovedores de novos saberes e de um olhar crítico e paciente, pois por meio deles são formadas relações e laços de escuta e fala, criando elos que possibilitem ações reflexivas. Nessa linha, Freire enfatiza a relevância da escuta e do diálogo afirmando que não há ensino sem saber escutar e sem saber dialogar. Permitir o caminhar desse pressuposto é uma provocação à reflexão dos problemas políticos, sociais e pedagógicos que possibilitam a criação e a recriação dos processos de ensinagem. É desfrutar de um ensino contextualizado que converse com o meio social e aponte questões que possam alavancar ainda mais o desenvolvimento sociopolítico de uma determinada sociedade. Como resultado da pesquisa, percebeu-se que os pressupostos filosóficos no ensinar pela pesquisa no ensino superior são fundamentais para a formação de profissionais críticos e participativos que dialoguem com a comunidade onde se encontram inseridos.

**Palavras-chave:** Diálogo. Docência. Ensino superior. Ensinar pela pesquisa. Escuta.



## ESPAÇOS AO AR LIVRE DA CIDADE: INVESTIGANDO POSSIBILIDADES PARA O ENSINO

*Derli Juliano Neuenfeldt, Ângelo de Oliveira Peixe, Eduarda Gregory da Rosa,  
Robson Leal dos Santos, Jaqueline Luiza Klein*

**Resumo:** A Educação Física Escolar contemporânea reconhece que não somos apenas um corpo biológico, mas também cultural e afetivo. Por essa razão, seu compromisso está no ensino das mais variadas práticas da cultura corporal de movimento, indo além dos esportes hegemônicos, como futebol, voleibol e basquetebol. Isso se evidencia na Base Nacional Comum Curricular brasileira, que apresenta as práticas corporais de aventura como uma unidade temática. Nesse sentido, percebe-se a possibilidade de utilização de espaços ao ar livre das cidades como ambientes pedagógicos, bem como uma forma de estimular a consciência crítica dos estudantes quanto ao lugar em que vivem. Mas, será que as escolas fazem uso dos espaços ao ar livre da cidade como ambiente de ensino? Desta forma, este estudo teve como objetivo analisar se as escolas da rede municipal de ensino de Lajeado/RS/BR estão utilizando espaços ao ar livre da cidade para o ensino e, em caso positivo, identificar quais são os ambientes com potencial para o desenvolvimento dessas vivências corporais. Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa qualitativa, cuja técnica de produção de informações consistiu na realização de entrevistas semiestruturadas com as equipes diretivas das escolas da rede municipal de Lajeado. Das 18 escolas do município, 10 participaram da pesquisa. Todas foram convidadas, mas 8 não aderiram. As entrevistas foram previamente agendadas, conduzidas de forma presencial ou remota por videoconferência, gravadas, transcritas e posteriormente disponibilizadas às equipes para validação das informações ou ajustes. Como resultados, constatou-se que, das 10 escolas participantes, 9 realizam saídas para espaços externos. Os locais mais citados incluem praças, parques e áreas naturais de Lajeado, como o Jardim Botânico, o Parque do Imigrante, a Aldeia do Papai Noel e a UNIVATES. Algumas escolas utilizam apenas os arredores da unidade, enquanto outras participam de eventos promovidos pela Secretaria de Educação e exploram locais mais distantes, como Porto Alegre e sítios pedagógicos. Por outro lado, uma escola não está realizando saídas devido às enchentes de 2024, que comprometeram sua estrutura, exigindo readaptações. Conclui-se que a localização geográfica influencia a viabilização de vivências fora da escola, mas a maioria das instituições utiliza-se de espaços da cidade para atividades pedagógicas. Na continuidade do estudo, investigar-se-á quais práticas corporais estão sendo desenvolvidas nos espaços da cidade e, em especial, como a Educação Física Escolar está abordando a unidade temática das práticas corporais de aventura. Entende-se que o ensino em espaços ao ar livre da cidade oferece a oportunidade de abordar temas importantes, como o cuidado e a preservação do patrimônio cultural e ambiental, o lazer de consumo e as desigualdades no acesso aos espaços públicos, considerando as diferentes realidades dos alunos e cidadãos de diversos bairros.

**Palavras-chave:** Cidade educadora. Educação Ambiental. Educação Física. Ensino em espaços não formais.

## FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: EM BUSCA DE NOVOS CAMINHOS A PARTIR DE VIVÊNCIAS COM A NATUREZA

*Derli Juliano Neuenfeldt, Leonardo Fernandes*

**Resumo:** A necessidade de desenvolver essa pesquisa emerge da preocupação com a formação continuada de professores relacionada com a preservação do meio ambiente e a sua sustentabilidade. A intenção é elaborar e experimentar uma proposta formativa para professores a partir de vivências com a natureza, partindo da realidade escolar e analisar a compreensão deles sobre a relevância da proposta vivenciada para o ensino. No referencial propomos uma análise referente à Educação Ambiental na atualidade, relacionando a escola e a formação de professores. Portanto, o objetivo geral da pesquisa é investigar contribuições de vivências com a natureza para a formação continuada de professores de uma escola de Ensino Fundamental em relação à atuação com Educação Ambiental no contexto escolar. Dessa forma, tem-se como problema: Quais as contribuições de uma proposta a partir de vivências com a natureza para a formação continuada dos professores da escola Escola Estadual de Ensino Fundamental Adolfo Mânica, visando à atuação com Educação Ambiental no contexto escolar? Quanto aos procedimentos metodológicos, a pesquisa está sendo desenvolvida na Escola Estadual de Ensino Fundamental Adolfo Mânica, de Linha Araçá, interior do município de Boqueirão do Leão-RS, com os dez professores que atuam na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Esta pesquisa é qualitativa e tem aproximações com a pesquisa-ação pois busca contribuições para um problema em comum. Ela parte da escuta dos anseios dos participantes para a construção e a experimentação de uma proposta de formação continuada a partir de um método que explora vivências com a natureza como proposta de ensino, que passa pelo corpo, como possibilidade para uma formação ecológica. Quanto aos resultados parciais, a primeira etapa da pesquisa foi realizada na primeira semana de fevereiro deste ano (2025), momento de formação continuada da rede estadual. A partir dos relatos realizados nas rodas de conversa, registros no diário de campo, áudios e vídeos, evidencia-se que todos os participantes da pesquisa estão entusiasmados com a proposta de formação diferenciada das que já conheciam, participaram com dedicação e comprometimento, desde o planejamento das atividades até o desenvolvimento, com intencionalidade de desenvolver as atividades com seus educandos. Constata-se a relevância desta proposta de formação continuada para os professores. Ao realizar as vivências com a natureza, eles demonstram, através de suas atitudes, expressões corporais e relatos, uma sensibilização e conexão com a natureza, bem como empolgação e desejo de realizar as atividades vivenciadas na natureza com seus alunos, tornando-se uma proposta significativa para o ensino.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental. Sustentabilidade. Sujeito Ecológico. Ensino. Formação Continuada de Professores.



## ENTRE MUROS E VIDAS: OBSERVAÇÕES E PERCEPÇÕES DOS SENTIDOS E DAS RELAÇÕES QUE A ESCOLA ESTABELECE

*Dieli Soldi, Elisângela Mara Zanellato*

**Resumo:** A escola é considerada uma instituição que permite experimentações, as quais mostram-se organizadoras na vida dos sujeitos, em especial dos adolescentes. Este espaço permite a construção de novos conhecimentos, bem como mostra-se potente para o desenvolvimento de novas habilidades tanto intelectuais como cognitivas. Objetivo: Relatar a experiência vivenciadas a partir de um trabalho avaliativo realizado no componente curricular “Psicologia e Instituições Escolares” do curso de Psicologia da Univates, onde por meio de observação de uma escola buscou conhecer e analisar os efeitos deste espaço na vida escolar dos estudantes. O desenvolvimento do trabalho, orientou-se a partir da questão: “Quais são os sentidos e as relações que ocorrem no espaço da escola? Foi estabelecido o contato com uma Escola Estadual de Educação Básica, do Vale do Taquari e a formalização da visita durante um período, bem como a combinação da atividade com o professor responsável que aceitou participar junto com a turma do terceiro ano do Ensino Médio, contando com cerca de 25 estudantes. Durante a observação, foram realizadas anotações, relacionadas ao ambiente escolar, sobre as relações dos estudantes com o professor e entre eles. Em seguida, realizou-se uma escrita que seguiu a ideia de narrativa, com observações, reflexões e aporte teórico que estavam sendo estudados no componente e outros fruto de novas pesquisas. Foi observado a forma que o espaço físico da escola se organiza. Destacando a organização com dois portões na entrada da escola, que após o início das aulas ficavam fechados e constantemente vigiados. A maior parte da escola é pintada de cor neutra, as salas estão em um nível abaixo da rua, corredores têm baixa iluminação com pouca ventilação. Entender como a arquitetura pode auxiliar no desenvolvimento do adolescente é essencial para o processo de aprendizagem nas instituições escolares. Foi possível observar a escassez de pesquisas e olhares para a arquitetura no contexto escolar do Ensino Médio. Embora haja um grande interesse por ambientes educacionais no ensino infantil e fundamental, as estruturas voltadas para essa fase da vida escolar ainda são frequentemente negligenciadas. A arquitetura desse período acadêmico, pode desempenhar um papel crucial no desenvolvimento dos adolescentes, promovendo um ambiente que favoreça a interação, o bem-estar e o incentivo à subjetividade do sujeito ali inserido. A falta desse olhar, resulta em espaços que mostram-se desconfortáveis e desestimulantes, que influenciam a forma que irá ocorrer o processo de ensino e aprendizagem, bem como diz das possibilidades de convivência e desenvolvimento social dos estudantes. Portanto, torna-se relevante voltar o olhar para estudos que promovam a investigação de como a vida na escola acontece de modo a sugerir melhorias na infraestrutura da escola, para que ela possa ser também um espaço físico que promova saúde.

**Palavras-chave:** Instituições Acadêmicas. Adolescente. Observação. Psicologia Escolar e Educacional.

## O PERFIL DOS EDUCADORES SOCIAIS NA OBRA SOCIAL CHICO XAVIER: PRÁTICAS E DESAFIOS NA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

*Ellen Silva de Oliveira Marques, Ieda Maria Giongo*

**Resumo:** A Obra Social Chico Xavier, é uma instituição espírita localizada no município de Itacoatiara no Amazonas, onde se desenvolve vários projetos sociais junto à comunidade de Itacoatiara, no Amazonas. Neste espaço não formal de ensino ocorre aulas de letramento, numeramento, desenho e pintura, possui uma Biblioteca comunitária, o Cine Biblioteca, Oficinas mão na massa (preparo de doces, salgados, artesanatos, sandálias) entre outras. Esta organização desempenha um papel importante na vida de crianças, jovens, adultos e idosos em vulnerabilidade social. Nesse contexto, os educadores sociais apresentam um papel relevante como mediadores do aprendizado, fomentando valores como cidadania, solidariedade, empatia e respeito à diversidade e ao território. Eles promovem práticas pedagógicas adaptativas e criativas, a fim de atenderem às necessidades dos educandos, com metodologias que possam alcançar todos que participam do processo formativo, respeitando os diferentes ritmos e formas de aprendizagem. Assim, o objetivo deste trabalho é traçar o perfil dos educadores sociais da Obra Social Chico Xavier, analisando suas formações, metodologias e desafios no processo de ensino-aprendizagem. O problema da pesquisa é: Qual o perfil dos educadores sociais da Obra Social Chico Xavier, analisando suas formações, metodologias e desafios no processo de ensino-aprendizagem? Esse estudo se justifica pela necessidade de compreender como ocorre a construção do conhecimento em espaços não formais de educação e de identificar o processo formativo desses profissionais, suas motivações e anseios diante da realidade vivida neste ambiente. Assim, para responder a esta situação problema, adotou-se uma abordagem qualitativa, através de pesquisa bibliográfica e entrevistas semiestruturadas. Desta forma, a análise dos dados foi conduzida por meio da técnica de análise de conteúdo que permitiu identificar as respostas sobre a temática pesquisada. Os resultados parciais demonstraram que os educadores sociais da Obra Social Chico Xavier possuem formações diversas, com um número significativo da área de educação, administração e alguns cursando o ensino superior. Muitos construíram sua experiência prática na Obra Social, outros trouxeram do ambiente formal de educação. A maioria procura oferecer práticas de ensino significativas para os educandos. Um dos desafios encontrados é a escassez de recursos para implementar os trabalhos, mas que através dos editais que a instituição participa já conseguiram implantar melhorias no ambiente. Eles participam de oficinas formativas e cursos oferecidos pela própria instituição e instituições parceiras como a Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Fundação André e Lúcia Maggi FALM e a Federação Espírita Amazonense (FEA). Contudo, destaca-se o impacto positivo desses profissionais na vida dos alunos, promovendo não apenas aprendizado acadêmico, mas também valores humanos essenciais para a formação cidadã.

**Palavras-chave:** Educador social. Educação não formal. Obra Social Chico Xavier.



## ETNOFÍSICA E ENSINO DE FÍSICA: INVESTIGANDO O SOM ATRAVÉS DOS SABERES DAS CAIXEIRAS DO DIVINO

*Fátima de Jesus Soares Corrêa, Cláudia Inês Horn*

**Resumo:** Este resumo é um recorte do Projeto de Pesquisa desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu - Doutorado em Ensino de Ciências Exatas da Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado/RS. A Festa do Divino Espírito Santo é marcada pelo toque e pelo cântico das caixeiras, mulheres que, com sua voz e seus braços, ditam o ritmo das ladainhas que realizam a Abertura e o Fechamento da Tribuna. O culto tem suas raízes no catolicismo, apresentando diferentes significados e origens, mas todas as suas manifestações homenageiam o Divino Espírito Santo, que faz parte da Trindade Divina. No Maranhão, esses cultos se conectam às tradições afro-brasileiras, como o Tambor de Mina, a Umbanda e o Candomblé, além de ocorrerem em algumas residências particulares. A festa também se configura como uma expressão de fé e gratidão, sendo realizada como forma de pagamento de promessas em agradecimento por bênçãos recebidas. Nesse sentido, considerando o valor cultural da festa sob a perspectiva da educação, busca-se, no som produzido pelas caixeiras por meio do instrumento musical chamado “caixa” - pertencente à família dos membranofones -, identificar saberes que possam ser relacionados aos estudos do som na Física escolar. Dessa forma, investiga-se o seguinte problema: como a musicalidade das Caixeiras do Divino pode contribuir para a construção do conhecimento sobre o som no ensino de Física, promovendo uma aprendizagem contextualizada e significativa? Para responder a essa questão, a pesquisa tem como objetivo geral investigar de que maneira os toques e os cânticos das Caixeiras do Divino podem ser integrados ao ensino de Física, proporcionando uma abordagem mais contextualizada e acessível para a compreensão dos conceitos relacionados ao som. Este estudo fundamenta-se no programa etnomatemático proposto por Ubiratan D'Ambrosio, bem como na etnofísica de Bárbara da Silva Anacleto, aproximando-se da transdisciplinaridade de Edgar Morin e dos conceitos de som da Física. A metodologia de pesquisa seguirá uma abordagem qualitativa, na qual os objetivos serão investigados descritivamente, e os procedimentos técnicos consistirão em um estudo de caso, e por se tratar de uma manifestação cultural - as Caixeiras do Divino -, a pesquisa também possui aproximações com o método etnográfico. Os dados serão produzidos por meio de questionários, entrevistas, visitas a campo, observações participantes, registros fotográficos, gravações em vídeo e diário de campo, posteriormente será realizada a análise de conteúdo. O estudo será desenvolvido com alunos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) - Campus Pinheiro, que já mantém parceria com as Caixeiras do Divino por meio de projetos de extensão e do Coletivo Terreiro de Saberes Baixadeiros (TEBA). Por fim, espera-se que a musicalidade das Caixeiras do Divino revele-se uma ponte entre cultura e ciência, tornando o ensino do som mais próximo da vivência dos alunos.

**Palavras-chave:** Ensino. Física. Cultura. Etnofísica. Caixeiras.

## PROBABILIDADE E ESTATÍSTICA EM UM MUNDO COMPLEXO: A QUALIFICAÇÃO DO PENSAMENTO RACIONAL COMO CHAVE PARA A FORMAÇÃO CIDADÃ

*Flávio Roberto Meurer, Gabriel Goldmeier*

**Resumo:** O professor António Nóvoa (2022) entende que a missão de um professor de matemática não é ensinar matemática, mas formar cidadãos por meio da matemática. Tomando essa afirmação como ponto de partida, nos interessa neste trabalho discutir particularmente a importância de ensinar probabilidade e estatística como componente essencial de uma formação cidadã plena, que torne nossos jovens capazes de enfrentar os desafios dos mundos atual e futuro. Alguns fenômenos recentes causam especial preocupação. Observa-se um movimento crescente de deslegitimação da ciência enquanto forma de conhecimento capaz de oferecer soluções para nossos problemas. A título de exemplo, de acordo com dados da Fundação Oswaldo Cruz, de 2016 a 2022, houve significativa queda na cobertura vacinal no Brasil, muito causada pela desconfiança em sua eficácia (FIOCRUZ, 2023). A política se converteu em disputa de narrativas, sem que a discussão racional sobre a coisa pública tenha lugar, abrindo espaço para a desinformação, quando não para teorias da conspiração. Sem falar das questões que envolvem a circulação de dados no ambiente digital, a ascensão das inteligências artificiais e a sedução do dinheiro fácil por meio dos aplicativos de apostas (bets) ou dos (falsos) gurus do mercado financeiro. Nesse sentido, entendemos que a valorização da probabilidade e da estatística significa a valorização da ciência, pois acreditamos que o cidadão precisa desenvolver habilidades racionais ligadas à compreensão de dados estatísticos apresentados pela imprensa (e mesmo pelas redes sociais) por meio de comparações, gráficos, tabelas etc., estando assim mais preparado para tomar melhores decisões, tanto na esfera pública quanto na vida privada. As dificuldades quanto à compreensão dos conceitos ligados a essas áreas da matemática se tornam ainda maiores em mundo complexo, em que excesso de informação e de desinformação andam juntos. A discussão aqui proposta se dá a partir de uma revisão bibliográfica crítica de autores como Steven Pinker (2020; 2022), que defendem a importância da racionalidade como guia de condução da vida pública, sendo a matemática em geral - e a probabilidade e a estatística em particular - um fator central nesse processo, enquanto ferramenta para a leitura do mundo. Este trabalho faz parte de um movimento inicial de pesquisa, que abrange desde de grupos informais de discussão sobre as obras dos autores aqui referidos até movimentos institucionais para a promoção de um congresso que tratará da importância da racionalidade pública na formação cidadã.

**Palavras-chave:** Racionalidade. Valorização da Ciência. Formação Cidadã. Probabilidade e Estatística.

### Referências

FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz. Disponível em <https://portal.fiocruz.br> NÓVOA, António. *Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar*. Salvador: SEC/IAT, 2022.

PINKER, Steven. *O novo iluminismo: em defesa da razão, da ciência e do humanismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. PINKER, Steven. *Racionalidade*. São Paulo: Intrínseca, 2002.



## ENTRE O DIGITAL E O ANALÓGICO: O QUE CONTAM JOVENS EGRESSOS SOBRE A EXPERIÊNCIA DE SER ENSINADO?

*Giorgio Huwe de Paoli, Luana Docena Reis, Suzana Feldens Schwertner*

**Resumo:** A investigação “Pesquisar com jovens e imagens suas trajetórias na escola: a experiência de ser ensinado” (JImE/CNPq; CEM/CNPq), iniciada em 2024, retoma o contato com participantes de uma pesquisa anterior, estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental entre 2015 e 2017, para discutir sobre seus olhares para a escola. Como estarão esses egressos, cinco anos após concluir o Ensino Médio - e nove anos após o encontro com a pesquisa? O que é possível dizer sobre suas vidas após a escola? O que poderiam contar acerca da experiência de serem ensinados? Os objetivos da presente investigação concentram-se em analisar as percepções de jovens egressos sobre a Escola Básica e os efeitos da instituição escolar em suas vidas. Também, possui a intenção de analisar as fotografias produzidas pelos então estudantes e sua articulação com aquilo que hoje pensam sobre tais imagens. Para isso, foi utilizado a fotoelicitação, que evidencia a potência das imagens para a rememoração e estimulação de diálogos significativos. A fotografia produzida na época contribui para as recordações e é centro das entrevistas semiestruturadas realizadas. Via Meet, as entrevistas abordaram suas experiências na escola, lembrando momentos marcantes de suas vidas. Até o momento, foram entrevistados sete participantes, conduzidos por uma dupla de pesquisadores. Os dados foram transcritos na íntegra e analisados a partir da combinação entre imagens e textos, utilizando-se da Análise Textual Discursiva (Moraes; Galiazzi, 2011). Na perspectiva dos participantes, a experiência de ser ensinado passa por diferentes aprendizagens e espaços, tais como a biblioteca, o pátio, a sala de aula. Destaca-se, neste trabalho, uma das unidades de análise que envolve relações com as memórias da escola e as tecnologias. Duas das imagens apresentam os celulares na escola, associadas a palavras como inovação e tecnologia. É curiosa a forma como a tecnologia é retratada nas imagens à medida que, em certas fotografias, os celulares aparecem como ferramentas para auxiliar nos processos de ensino e aprendizagem. Em outras, os materiais didáticos clássicos são enfatizados como o centro da aprendizagem, especialmente livros físicos. Também, essa categoria é refletida na fala dos egressos que, ao visualizarem o ambiente escolar das fotografias, destacam as diferenças significativas ao comparar com ambientes escolares atuais. Seria possível, até mesmo, questionar o que podemos pensar sobre a proibição dos celulares, a partir do ano de 2025, no espaço da escola. Embora parciais, é possível evidenciar a importância de pensar e questionar os processos de ensinar e aprender, escutando o que os jovens têm a dizer e buscando diferentes modos de expressão de suas opiniões e perspectivas. A pesquisa destaca a importância de promover o exercício questionador de olhar para as escolas e pensar acerca delas por meio de egressos.

**Palavras-chave:** Egressos. Escola. Tecnologia. Ensino.

### Referências

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. *Análise textual discursiva*. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

## ENTRE ENSINAR E APRENDER: CONTRIBUIÇÕES DE GERT BIESTA TRANSFORMAÇÃO DO ENSINO

*Guilherme João Mantovani, Jheniffer Otilia Costa, Suzana Feldens Schwertner*

**Resumo:** As discussões acadêmicas acerca do papel e dos propósitos do ensino no contexto contemporâneo, de grandes desafios sociais, culturais, políticos, filosóficos e relacionados a diversidade e inclusão, são um campo vasto para problematização, uma vez que, as respostas de hoje podem não ser mais suficientes ou adequadas frente a esses desafios, como sugerem Gatti (2023), e Pletsch, Oliveira, Colacique (2020). O objetivo geral desse trabalho é analisar as proposições de Gert Biesta para transformação do ensino no contexto contemporâneo, a fim de problematizar acerca de como as contribuições de Gert Biesta podem contribuir para o ensino contemporâneo? Este trabalho é uma revisão bibliográfica, de interpretação hermenêutica, da obra “A (re)descoberta do ensino” (Biesta, 2020). O autor introduz sua teoria analisando mudanças no comportamento das sociedades contemporâneas, avaliando o crescimento da susceptibilidade ao desejo platônico, e da necessidade de imediata satisfação. Desenvolve reflexões semânticas sobre o humanismo enquanto domínio do campo educacional. Conjecturando com a filosofia de Emmanuel Levinas defende que o humanismo, atualmente, não é suficientemente humano, pois repousa na inabilidade e incapacidade dos indivíduos em se oporem às desumanidades. Com Foucault reflete sobre a linguagem, sugerindo que é através dela que nos tornamos humanos, e de que nosso agir e existir no mundo ocorre sempre na relação com o outro, por intermédio da linguagem. Biesta discute os impactos da linguagem na educação, e teoriza a ascensão do termo “learnification”, uma nova linguagem da aprendizagem, com influência na pesquisa e na política. Biesta delibera que a qualificação e a socialização preponderam na linguagem da aprendizagem, bem como a necessidade de mensuração de resultados. Biesta (2020) argumenta que a subjetivação, por sua capacidade de transformar a experiência educacional e as relações pedagógicas, seria capaz de promover transformações significativas no ensino. Entretanto, o autor observa e pondera que os desafios para a subjetivação no ensino são múltiplos, e começam na necessidade de aprofundamento sobre este conceito. Finalmente, podemos concluir que pensamento de Biesta (2020) sustenta possibilidades de uma experiência educativa emancipatória e democrática, transcendendo a transmissão de conhecimentos, com potencial de contribuir para a autonomia e responsabilidade, e por conseguinte, contribuir para a transformação da relação entre os sujeitos e o mundo.

**Palavras-chave:** Gert Biesta. Subjetivação. Ensino contemporâneo.

### Referências

BIESTA, Gert. A (re)descoberta do ensino. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 205p.

GATTI, Bernardete Angelina. Contemporaneidade: educação, modernidade e pós-modernidade. Revista Práxis Educacional. Vitória da Conquista, v 19, n. 50 : e11995, p.1-16, fev. 2023. DOI: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.vXXiXX.XXXX>. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/369223825\\_Contemporaneidade\\_educacao\\_modernidade\\_e\\_pos-modernidade#fullTextFileContent](https://www.researchgate.net/publication/369223825_Contemporaneidade_educacao_modernidade_e_pos-modernidade#fullTextFileContent). Acesso em 21/08/2024.

PLETSCH, Márcia Denise; OLIVEIRA, Mariana Corrêa Pitanga de; COLACIQUE, Rachel Capucho. Inclusão digital e acessibilidade: desafios da educação contemporânea. Revista Docência e Cibercultura. Rio de Janeiro, v. 4. n. 1, p. 13-23, jan/abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.12957/redoc.2020.50573>. ISSN 2594-9004. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/341147763\\_APRESENTACAO\\_-\\_INCLUSAO\\_DIGITAL\\_E\\_ACESSIBILIDADE\\_DESAFIOS\\_DA\\_EDUCACAO\\_CONTEMPORANEA#fullTextFileContent](https://www.researchgate.net/publication/341147763_APRESENTACAO_-_INCLUSAO_DIGITAL_E_ACESSIBILIDADE_DESAFIOS_DA_EDUCACAO_CONTEMPORANEA#fullTextFileContent). Acesso em 07/08/2024.



## O ARQUITETO ALGORÍTMICO NO CURRÍCULO DO INSTAGRAM

*Heber Macel Tenório Vasconcelos, Marlécio Maknamara*

**Resumo:** O trabalho resulta de uma pesquisa de doutorado em conclusão, ainda em andamento, inserida no campo dos estudos pós-críticos de currículo. Um rápido olhar sobre diferentes artefatos da cultura midiática possibilita supor que o ensino, a aprendizagem e a atuação profissional em Arquitetura não são mais exclusividade das instituições “formadoras por excelência”. Instituições de pesquisa e suas produções científicas seguem empenhadas na construção e difusão de significados sobre Arquitetura e arquitetos/as, mas tanto o conhecimento fornecido por elas quanto seu primado sobre a formação têm sido disputados por outras instâncias da vida social. Assim, esta pesquisa tem focalizado a produção da Arquitetura e de arquitetos/as na cultura da mídia. O objetivo tem sido analisar investimentos da cultura midiática que procuram configurar a Arquitetura e a formação de seus/suas profissionais. A questão central é a seguinte: o que tem sido ensinado como possível e desejável para a Arquitetura e arquitetos/as? A pesquisa parte do referencial de que é possível reconhecer currículos em artefatos culturais que comportam-se como “máquinas de ensinar”. Objetiva analisar a produção cultural de arquitetos/as no currículo do Instagram. Argumenta que há um tipo de sujeito-arquiteto sendo forjado pela rede social digital, que tem um currículo constituído de regras e instruções para colocar arquitetura e arquitetos em novos termos. Inspirado metodologicamente da cartografia, mapeiam-se aqui as possibilidades e modelos de saberes, valores, comportamentos e aspirações na divulgação de fios e desafios com seus feitos e efeitos na Arquitetura e atuação de arquitetos/as. A cartografia aqui apresentada tem o desafio de mapear formas textuais e visuais que têm composto significados sobre Arquitetura e arquitetos/as na cultura da mídia. A cartografia tem acompanhado o processo de como tem sido imaginada a Arquitetura na cultura da mídia, desenhou as redes de diferentes narrativas midiáticas e padrões de visualidade que contam sobre atuações em Arquitetura, evidenciou as conexões de forças que se acoplam aos conjuntos de significados e estratégias representacionais que essa cultura aciona para disponibilizar, demandar e constituir modos de ser arquiteto/a. As categorias conceituais que balizaram a cartografia para acompanhar a produção da Arquitetura e de arquitetos/as na cultura da mídia foram: poder, representação, endereçamento, currículos e pedagogias culturais. Como resultados, tem-se a produção de um arquiteto algorítmico a partir de modos específicos de divulgação: de interesses, campos e instrumentos de trabalho; formas, finalidades e resultados de projeto; e modos de ser e estar como arquiteto/a ensinados pelo currículo do Instagram. Conclui-se que os investimentos de poder desse currículo procuram configurar a Arquitetura e a formação de seus/suas profissionais.

**Palavras-chave:** Teorias pós-críticas. Currículo. Instagram. Arquitetura.

## RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NO BRASIL: ENTRE RASTREIOS, ARQUIVOS E POSSIBILIDADES

*Helena Cristina Soares Menezes, Angélica Vier Munhoz*

**Resumo:** Este resumo decorre de um dos movimentos situados na pesquisa de tese, vinculada ao doutorado em Ensino da Universidade Vale do Taquari - UNIVATES. Amparado na Filosofia da Diferença e nos estudos de Foucault, diz respeito aos primeiros arquivamentos em torno de como a noção de Residência Pedagógica (RP) se inscreve na política de formação docente no Brasil. Utiliza-se da noção arquivo a partir de Foucault (2002; 2008), Farge (2009) e Aquino (2020) como perspectiva teórico-metodológica ao abordar a formação inicial de professores, com ênfase na subjetividade docente no contexto do Programa de Residência Pedagógica (PRP). O objetivo desse recorte se deteve em rastrear e arquivar as condições de possibilidade para a existência do PRP no Brasil, tomando como base teses e dissertações disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes (CTDC). Para isso, foram utilizados os descritores “residência pedagógica” e “residência docente”, resultando em 58 trabalhos - 14 teses e 44 dissertações, vinculados a programas de Educação e de Ensino. Após a análise de títulos, resumos e sumários foram priorizados 08 estudos que, de algum modo, circundam temporalidades e iniciativas relacionados às condições de possibilidade acerca de uma RP no Brasil. Por meio desse movimento, foi possível destacar que, no Brasil, as iniciativas relacionadas à experiência de uma RP receberam diversas nomenclaturas ao longo do tempo. Essas variações vão desde a representação de cada iniciativa tais como: Residência Pedagógica, Residência Docente e Residência Educacional, até os seus mais diferentes objetivos. O arquivamento também permitiu evidenciar que, além da diversidade de nomenclaturas atribuídas às iniciativas de RP e seus desdobramentos na formação inicial e continuada, é possível conceber residências pedagógicas no plural e não em um único modelo de residência. Algumas tendências se mostraram emergentes dentre os recortes temáticos das pesquisas quando dizem de uma residência pedagógica no âmbito da formação de professores, tais como a relação do PRP com o estágio supervisionado, com a educação do campo, com a educação escolar indígena. As menções à docência também aparecem relacionadas com outros aspectos distantes de residência docente, tais como: identidade docente, atuação docente, formação docente, dentre outros.

**Palavras-chave:** Formação. Residência Pedagógica. Docência.

### Referências

- AQUINO, Júlio Groppa. *Foucault, arquivo, educação: dez pesquisas*. Universidade de São Paulo. 2020.
- FARGE, Arlete. *O sabor do arquivo*. São Paulo: edusp, 2009. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.



## COOPERAÇÃO DIALÓGICA: BUSCANDO ALTERNATIVAS PARA UMA FORMAÇÃO DE ENCONTRO COM O DIFERENTE

*Humberto Freitas Bambini, Miguel Rossetto*

**Resumo:** A sociedade em que vivemos hoje é marcada pela pluralidade e complexidade, ou seja, com o contato com aquele que é diferente e seus múltiplos desdobramentos possíveis. Dentre os principais deles, destacam-se o confronto e o encontro, a primeira postura não reconhece o diferente e busca distância, já a segunda busca possibilidades de convivência pacífica em conjunto com as diferenças. É na postura que visa o encontro que é possível a cooperação, através dela acreditamos residir as possibilidades não apenas de convivência pacífica com o diferente, mas também, que cooperar com o outro pode ser uma poderosa forma de aprendizado. Richard Sennett (2013) define a cooperação como uma troca em que ambas as partes se beneficiam visando alcançar um objetivo que não conseguem sozinhas. Todavia, essa troca vem sendo desabilitada pela sociedade moderna de diversos modos, economicamente com a crescente desigualdade entre classes, no trabalho com seu caráter de compartimentação e curto prazo, culturalmente à medida que há uma constante homogeneização cultural que visa reduzir as ansiedades que causam o encontro com o outro, por fim, social à medida que o novo caráter é o de um indivíduo que não coopera. Se coloca no horizonte, então, o problema de como cooperar com o outro, Sennett (2013) argumenta que um dos possíveis caminhos passa por uma postura dialógica. O autor diferencia a postura dialética, que busca através dos opostos encontrar um terreno comum, da dialógica, que não identifica esse terreno, mas “nesse processo de troca as pessoas podem se conscientizar mais de seus próprios pontos de vista e ampliar a compreensão recíproca” (Sennett, 2013, p. 32). Uma postura dialógica busca a atenção e receptividade aos outros, sendo capaz de ouvir, interpretar, para apenas depois buscar responder, sendo uma postura cooperativa. Todavia, juntamente com a inclinação para a cooperação, da mesma forma ocorre para a competição, a busca por ser melhor que o outro. Poderiam cooperação e competição coexistir? Sennett (2013) acredita que sim, mas para isso, além de uma postura dialógica é necessário um contexto que permita esse equilíbrio, esse contexto se dá nas trocas ganhar-ganhar e diferenciada. As trocas ganhar-ganhar consistem nas duas partes em que ambas as partes saem ganhando, as diferenciadas, são aquelas onde, apesar de territórios bem definidos, as partes buscam minimizar a competição agressiva, podendo ainda assim contribuir uma com a outra. A postura dialógica nesse contexto pode favorecer trocas cooperativas, de modo especial entre aqueles que são diferentes. Resta então, refletir e propor modelos formativos que busquem construir indivíduos com posturas dialógicas, criem contextos mais propícios para trocas cooperativas e que possam não apenas conviver com o diferente, mas buscar um novo caráter para uma sociedade de encontro para todos.

**Palavras-chave:** Cooperação. Diálogo. Sociedades Complexas.

### Referências

SENNETT, Richard. *Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

## JOGOS DE LINGUAGEM E ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA: UM ESTUDO NA PERSPECTIVA DA ETNOMATEMÁTICA

Ieda Maria Giongo, Kári Lúcia Forneck

**Resumo:** O texto apresenta resultados preliminares de uma investigação - financiada pelo Conselho Nacional Científico e Tecnológico (CNPq) - que tem como objetivo examinar como grupos de estudantes do primeiro e segundo anos iniciais do ensino fundamental operam com jogos de linguagem matemáticos e os alusivos às linguagens, bem como as semelhanças de família com aqueles usualmente presentes na escola. Em adição, a investigação intenta problematizar tais jogos em consonância com ideias atinentes à alfabetização na idade certa. Entende-se que o acesso à alfabetização na idade certa é direito de toda criança como forma de inclusão em uma sociedade altamente marcada por rápidas transformações que exigem capacidade de interagir com o mundo, sobretudo a partir de conteúdos matemáticos e os alusivos às linguagens. De natureza qualitativa e inspirações etnográficas, a investigação prevê a constituição de grupos de estudos com professores dos anos iniciais do ensino fundamental, por meio da metodologia Lesson Study e a consequente criação, desenvolvimento, avaliação e replanejamento de tarefas envolvendo conteúdos matemáticos e relativos às linguagens. Estas serão endereçadas a grupos de estudantes dos primeiro e segundo anos iniciais do ensino fundamental de escolas parceiras da região do Vale do Taquari, RS, bem como de distintas regiões brasileiras, locus de docência de mestrandos e doutorandos dos PPGS Ensino e Ensino de Ciências Exatas da Univates, RS. Outros modos de avaliar, sobretudo a partir de anotações das crianças, também são privilegiados. Os referenciais teórico-metodológicos dizem respeito ao campo da etnomatemática, conforme descrito por Knijnik et al. (2019) em seus entrecruzamentos com estudos acerca da alfabetização na idade certa e às linguagens. Os materiais de pesquisa são constituídos de gravações, posteriormente transcritas, dos grupos de estudo bem como as enunciações e materiais escritos e produzidos pelos estudantes. A análise se dá na perspectiva foucaultiana - (Foucault, 1997) - a partir das ideias de discurso, enunciado e enunciação do filósofo. Os resultados, incipientes, mostram a potência de operar com práticas pedagógicas que intersectam o âmbito das linguagens e da matemática, tendo como ponto de partida os distintos contextos estudantis. Espera-se que os resultados finais da investigação produzam referenciais teórico-metodológicos consistentes para a problematização de questões vinculadas ao entrecruzamento de jogos de linguagem matemáticos e alusivos às linguagens gerados pelos estudantes dos anos iniciais como mote para efetivar a alfabetização na idade certa.

**Palavras-chave:** Etnomatemática. Anos Iniciais. Alfabetização na idade certa. Anos iniciais do ensino fundamental. Linguagens.

### Referências

- KNIJNIK, Gelsa et al. *Etnomatemática em movimento*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.



## CIDADES E ESCOLAS QUE ESCUTAM AS CRIANÇAS: POR UMA ABORDAGEM PARTICIPATIVA NA INFÂNCIA

*Isadora Lütz Luca, Cláudia Inês Horn, Jacqueline Silva da Silva*

**Resumo:** Este resumo baseia-se no projeto de pesquisa “A participação das crianças no cotidiano da Escola de Educação Infantil e da Cidade”, aprovado pela FAPERGS, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul em 2023, sendo desenvolvido junto ao Programa de PósGraduação em Ensino da Universidade do Vale do Taquari - Univates/Lajeado/Brasil. A pesquisa tem como objetivo investigar e compreender as perspectivas das crianças sobre a escola de Educação Infantil e a Cidade em que vivem, visando aprimorar a qualidade do atendimento educacional, a proposta pedagógica e as políticas públicas voltadas para a infância. A organização e estrutura das escolas de Educação Infantil são predominantemente influenciadas por uma visão adultocêntrica, na qual os adultos definem rotinas, práticas pedagógicas e até mesmo as formas de brincar, sem a participação efetiva das crianças. Essa abordagem, que ignora as vozes e experiências das crianças, resulta em um cotidiano escolar que não reflete plenamente suas necessidades, interesses e possibilidades. Segundo Martins Filho (2022), a Pedagogia contemporânea confirma que as crianças devem ser compreendidas como sujeitos ativos na sociedade, cidadãos participativos e com potencialidades, assumindo um papel de protagonismo. Essa concepção tem representado um desafio para os pesquisadores da infância. Desta forma, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, centrada na escuta ativa das crianças, objetivando compreender suas perspectivas acerca da escola de Educação Infantil e da Cidade que habitam. Martins Filho (2022) destaca a importância de ampliar as pesquisas com crianças, a fim de evidenciar as singularidades que elas buscam para vivenciar plenamente a infância. O autor ressalta que o campo de estudos com crianças oferece possibilidades teóricas, críticas e práticas, para que a voz das crianças seja ouvida e valorizada. Técnicas como rodas de conversa, painéis e registros audiovisuais serão utilizadas para capturar vozes e experiências das crianças, visando qualificar o atendimento, a proposta pedagógica e a qualidade de vida no ambiente escolar e na cidade. O diário de campo também será utilizado como um instrumento de apoio para os registros escritos gerados pela pesquisa. É possível concluir que esta pesquisa visa contribuir para a melhoria da qualidade de vida das crianças na escola e na cidade, propondo possibilidades educacionais e sociais que priorizem a escuta ativa das crianças, aproximar-se de seus interesses e necessidades a fim de construir uma escola e cidade que seja das crianças, e não apenas para elas. Espera-se, com isso, promover o protagonismo infantil e garantir que suas vozes sejam consideradas na construção de espaços educacionais e urbanos mais inclusivos e adequados às suas realidades.

**Palavras-chave:** Cidade. Crianças. Educação Infantil. Protagonismo.

### Referências

MARTINS FILHO, Altino José; MARTINS FILHO, Lourival José. *Múltiplas linguagens na infância: protagonismo compartilhado entre adultos e crianças nos contextos de educação infantil*. Revista Linhas. Florianópolis, v. 23, n. 51, p. 259-280, jan./abr. 2022. MARTINS FILHO, Altino José; MARTINS FILHO, Lourival José. *Pesquisa com crianças: deixar fazer viver a voz das crianças*. Revista Didática Sistemática, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 287-300, 2022.

## FORMAÇÃO CONTINUADA E SUAS REPERCUSSÕES NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL EM SORRISO-MT

*Kamylla Mayara Gonçalves Rocha, Cláudia Inês Horn*

**Resumo:** Este resumo apresenta um recorte do projeto de pesquisa de Mestrado vinculado ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino, na linha de pesquisa “Formação de Professores, Estudo do Currículo e Avaliação” da Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado - RS, Brasil. A pesquisa busca investigar como o processo de formação continuada influencia a prática docente em sala de aula e o desenvolvimento de crianças bem pequenas e pequenas. O estudo objetiva analisar se essas capacitações garantem um padrão de qualidade, considerando a necessidade de atualização constante e aprimoramento profissional das professoras. O estudo tem como foco avaliar os impactos da formação continuada promovida pelo Centro de Formação de Profissionais da Educação de Sorriso (CEMFOR) na prática pedagógica de professoras pedagogas que atuam com crianças de 0 a 3 anos. O problema de pesquisa busca compreender por que, apesar das iniciativas de formação continuada oferecidas às professoras da Educação Infantil no município de Sorriso-MT, ainda persistem desafios na efetivação dessas práticas. Também se questiona se essas formações atendem às demandas específicas das docentes, considerando a diversidade do contexto educacional da Educação Infantil e as exigências de constante atualização profissional. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, e os dados serão obtidos por meio de entrevistas e observações, com foco nas atividades desenvolvidas pelas professoras regentes. Para além disso, será constituído um grupo focal com a participação de dez professoras, proporcionando discussões mais aprofundadas sobre as formações recebidas e sua aplicabilidade na prática em sala de aula. A análise dos dados será realizada com base na identificação de padrões e categorias comuns, a fim de avaliar a relação entre a formação continuada e as práticas pedagógicas. Espera-se que os resultados contribuam para uma maior compreensão do papel da formação continuada na qualificação profissional das professoras da Educação Infantil. A pesquisa pretende oferecer subsídios para a melhoria das políticas educacionais voltadas à Educação Infantil no município de Sorriso-MT.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Formação de Professores. Práticas Pedagógicas.



## DOS MODOS PROVISÓRIOS DE ORDENAR DOCUMENTOS ESCOLARES EM UM ARQUIVO

*Kauana Beatriz Wenneker, Inauã Weirich Ribeiro, Angélica Vier Munhoz*

**Resumo:** Este resumo apresenta uma pesquisa realizada junto ao Grupo de Pesquisa Currículo, Espaço e Movimento (CEM/Univates/CNPq), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino. O grupo de pesquisa é dividido em três linhas de pesquisa (GTs), dentre as quais o Grupo de Trabalho 2 (GT2) - Arquivo, Docência, Criação, no qual é produzido este trabalho, vêm desenvolvendo pesquisas arquivísticas, a partir da noção de arquivos de Michel Foucault (2008). Para o pensador, o arquivo não remete somente a um passado, mas a partir dele é possível construir uma história do presente. Com o intuito de romper com a linearidade temporal ocidental, propõe, através da arqueologia, correlacionar elementos comuns em fenômenos diferentes. Atualmente, o GT2 está desenvolvendo o projeto Brocantes: palavras e coisas da escola, que trata de documentos institucionais que contam uma genealogia da escola (ofícios, circulares, projetos, atas, etc), mas também papéis que dizem de uma vida singular daquele que passou pela escola (provas, boletins, pareceres, cartas, desenhos, bilhetes, recados, agendas, cartazes, entre tantos outros papéis escolares). O projeto Brocantes busca produzir um repositório digital público com documentos e papéis escolares, oriundos de vidas produzidas pela escola, desde o início do século XX. Os dados (arquivos) são coletados a partir de doações. As doações físicas são digitalizadas e anexadas na base de dados do grupo com as demais doações realizadas digitalmente. A partir de uma ordenação que é sempre provisória, percebeu-se a necessidade de aperfeiçoar a classificação dos arquivos, pois, a um primeiro olhar, foram percebidos elementos comuns em arquivos cronologicamente distantes. Nessa perspectiva, buscou-se analisar a estrutura das classificações (ex: há cabeçalho? se sim, quais informações constam nele?) e a estética (por vezes, é mais simples classificar um pôster como um “pôster” pela estética, e não por sua estrutura) dos arquivos doados e, a partir delas, encontrar padrões que estreitam as noções acerca de cada classificação de arquivos escolares. Desse modo, indagou-se: quais são as características estruturais e estéticas que permitem a classificação de arquivos escolares? Para o desenvolvimento da análise, em um primeiro momento investiga-se a estrutura formal do arquivo (1570 documentos de 71 doadores). Após, busca-se informações nos conteúdos a fim de validar as hipóteses de classificação (resumos, material de estudo, avaliação, boletim), as quais são registradas na base de dados do estudo. Por fim, tecem-se observações sobre a necessidade ou não de alteração da classificação (“prova” para “material de estudo”). Considerando que se trata de uma pesquisa em andamento, o resultado esperado para esta primeira etapa é desenvolver uma espécie de “manual” de classificação, a fim de ordenar os modos de classificar os arquivos escolares.

**Palavras-chave:** Arqueologia. Foucault. Arquivos escolares. Análise. Classificação.

### Referências

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

## A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: CONTRIBUTOS DO TEMA DA PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS

*Lara Brum Ramalho, Cláudia Inês Horn*

**Resumo:** Este resumo apresenta um recorte do Projeto de Dissertação que está sendo elaborado no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado em Ensino, na Linha de Pesquisa “Docência, Sociedade e Linguagens”, junto à Universidade do Vale do Taquari - Univates/Lajeado - RS. Esta pesquisa terá como principal objetivo investigar como a formação continuada dos professores pode influenciar e aprimorar as práticas pedagógicas voltadas para a participação das crianças nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Além disso, como objetivos específicos, intenciona-se compreender se as abordagens teóricas e metodológicas acerca participação das crianças são utilizadas no conteúdo da formação continuada dos professores de uma escola do município de Garopaba/SC; acompanhar um curso de formação continuada de professores de uma escola do município de Garopaba/SC e identificar se os estudos desenvolvidos na formação continuada reverberam em práticas pedagógicas que consideram e incentivem a participação das crianças na escola. Neste trabalho entende-se que dar voz às crianças é permitir que elas participem ativamente das decisões e atividades que fazem parte do seu cotidiano escolar, tornando a escola um espaço mais justo, no qual todos têm a oportunidade de contribuir para o bem comum. Neste sentido, acredita-se que a partir do desenvolvimento de práticas pedagógicas que incentivam a escuta ativa das crianças, cria-se espaços democráticos nos quais elas podem expressar suas opiniões de maneira segura e respeitada e a desenvolver autonomia, às ajudando a se sentir acolhidas e a se tornar mais responsáveis e conscientes. Isto exige uma formação docente que valorize a escuta, a flexibilidade e a inclusão da voz das crianças nos processos decisórios, legitimando a perspectiva delas no ambiente escolar. Sendo assim, pretende-se realizar uma pesquisa de abordagem qualitativa, aproximando-a de alguns pressupostos do estudo de caso. A pesquisa será realizada com a equipe de gestão de uma escola do município de Garopaba/SC e três professores. Para isso, pretende-se realizar uma entrevista semi-estruturada com as pessoas responsáveis pela gestão e coordenação da escola, as quais se envolvem com a escolha dos cursos de formação continuada para os docentes, assim como analisar os documentos escolares relacionados aos cursos de formação; observar um curso de formação continuada; realizar uma entrevista semi-estruturada com três professores e observar três aulas destes docentes. Após a produção dos dados no campo de pesquisa, será feita a análise destes, a partir de uma aproximação com a Técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (2012). Acredita-se que a escola pode ser um lugar que garanta a verdadeira participação das crianças, devendo adotar estratégias que as valorize como pessoas e cidadãos ajudando-as a assumir responsabilidades, promovendo seu desenvolvimento integral.

**Palavras-chave:** Ensino. Formação continuada de professores. Participação das crianças. Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

### Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2012.



## A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS NO COTIDIANO DE UMA ESCOLA INFANTIL: REFLEXÕES INICIAIS A PARTIR DA PESQUISA.

*Luísa Gerhardt Weiland, Cláudia Inês Horn, Jacqueline Silva da Silva*

**Resumo:** Este resumo emerge do Projeto de Pesquisa “A participação das crianças no cotidiano da Escola de Educação Infantil e da Cidade”, aprovado pela FAPERGS (2024-2027). A pesquisa conta com a coordenação de professores da Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES) e bolsistas que auxiliam na produção de material, investigação e estudo do tema durante o projeto. A pesquisa objetiva explorar as percepções das crianças sobre a Educação Infantil e o município em que residem, examinando as propostas pedagógicas, o currículo, o cotidiano escolar e a participação das crianças na educação. O intuito é contribuir para a melhoria da qualidade do atendimento educacional, da abordagem pedagógica e das políticas públicas voltadas à infância, levando em conta a visão das crianças sobre sua vivência escolar e seu contexto. Ao estudar sobre o tema da pesquisa, é perceptível que quando se trata da participação e voz dada às crianças no ambiente escolar, há um predomínio do perfil adultocêntrico, onde as rotinas na educação infantil são frequentemente construídas a partir de uma perspectiva que não conta com a participação do principal afetado, tornando as escolhas das crianças como figurantes do ambiente escolar. Para Barbosa (2006), “as propostas educacionais são organizadas e estruturadas pelos adultos”, ou seja, o autor problematiza a forma de organização na educação infantil, a qual pode estar atrapalhando o desenvolvimento da criança ao longo da trajetória escolar. Um dos grandes empecilhos para a criança conseguir conquistar mais seu espaço e se sentir livre para tomar decisões, melhorando a qualidade do ensino, é porque essas escolhas vão direto para os seus responsáveis. Cohn (2005), ao explorar a “Antropologia da criança”, enfatiza que as crianças devem ser vistas como produtores de significado e cultura, não meros receptores passivos do conhecimento, como acontece atualmente e acaba gerando prejuízos no seu desenvolvimento. A metodologia é de uma pesquisa qualitativa, que foi realizada com crianças de 3 a 5 anos e os materiais foram transcritos e analisados seguindo a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin. Como instrumentos metodológicos foram utilizados desenhos, fotografias e estudos bibliográficos, os quais permitem uma aproximação mais significativa das experiências infantis. Esses instrumentos ajudam os educadores e os pesquisadores a entenderem melhor as experiências e os interesses das crianças. Conclusão: Sendo assim, sugere-se que, ao proporcionar mais espaço para as crianças expressarem suas opiniões, pode-se construir uma educação mais democrática e inclusiva, com reflexos positivos no desenvolvimento das crianças e na qualidade de ensino. Também, poderão ser sugeridas às direções das escolas, prefeituras e secretarias mudanças que possam melhorar as condições e qualidade do ambiente escolar ofertado às crianças atualmente.

**Palavras-chave:** Educação. Crianças. Voz.

### Referências

COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BARBOSA, Maria Carmen S. *Por amor e por força: rotinas na educação infantil*. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

## NARRATIVAS SOBRE PRÁTICAS EDUCACIONAIS EM DIFERENTES TEMPOS E ESPAÇOS

*Mariane Inês Ohlweiler*

**Resumo:** As práticas educacionais e escolares sofrem mudanças sob os mais diversos campos de influência, entre os quais destacam-se: o econômico, o político, o social e o cultural. Estes campos convergem em relação a algumas mudanças e em outras instâncias servem de barreira para que determinadas rupturas não ocorram. Destaca-se o uso da expressão práticas educacionais e escolares, no sentido de que práticas escolares são concomitantemente práticas educacionais e estas por sua vez perpassam transformações e expectativas oriundas de outros espaços, para além do espaço escolar, tais como: o familiar, o religioso, o geográfico, o cultural, entre outros. Este trabalho é oriundo de um projeto de pesquisa que tem como objetivo principal analisar as percepções e compreensões discursivas sobre práticas educacionais que permeiam a formação docente de alunas/os de Cursos de Licenciatura. Discursos estes verbalizados pelas/os próprias/os alunas/os e que trazem à tona vivências pessoais, experiências de vida, compreensões de mundo, e claro, percepções variadas a nível macro e micro sobre Educação. Nesse sentido, o problema de pesquisa foi delineado a partir da seguinte pergunta: de que modos as percepções e compreensões sobre práticas educacionais permeiam a formação docente de alunas/os de Cursos de Licenciatura? Os dados que serão obtidos na pesquisa contribuirão para o conhecimento e problematização de práticas legitimadas historicamente, reiteradas ou modificadas conforme o contexto espaço temporal. A título de exemplo, dados referentes à organização escolar, às práticas didática-metodológicas de ensino e aprendizagem, à relação entre os segmentos professor-aluno, aluno-aluno, professor-professor e escola-família contribuem para que possam ser repensadas práticas adotadas atualmente. Trata-se de um projeto a ser desenvolvido através de entrevistas - por meio de narrativas - com estudantes de Cursos de Licenciatura. As práticas educacionais contemplam um campo amplo de pesquisa, mas há uma intencionalidade nisso, trata-se exatamente de fazer as/os alunas/os narrarem o que compreendem por práticas educacionais e a partir disso analisar suas percepções. O projeto exige, portanto, um exercício de análise das características elencadas, no sentido de procurar sondar particularidades e especificidades das práticas educacionais. Por se tratar de um projeto em andamento, ainda não obtiveram-se resultados, mas pode-se inferir, por ora, que os espaços de escuta e produção de narrativa constituem-se em práticas de interlocução e compreensão das subjetividades contemporâneas e em especial dos sujeitos em processos de formação de professores.

**Palavras-chave:** Práticas educacionais. Narrativas. Formação Docente.

## CULTURA ECOLOGISTA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ESPAÇOS VERDES SOTEROPOLITANOS

*Marlécio Maknamara*

**Resumo:** A educação ambiental insere-se no cenário de uma “cultura ecologista”, um conjunto de artefatos e formas de vida à disposição para, em jogos do verdadeiro e do falso em nossas relações com a natureza-mais-que-humana, disputar indivíduos no sentido de transformá-los em tipos de sujeitos ecológicos. Tal cultura tem se traduzido em inúmeros artefatos e formas de vida, dentre os quais despontam espaços verdes urbanos (EV). Eles incluem equipamentos diversos e podem ser problematizados em suas vontades de significar, educar e fazer-se currículo. Interessado em conhecimentos e formas de ser e estar no mundo que circulam e são disputadas em artefatos culturais ecologistas, este texto parte dos pressupostos de que a cultura também pode ser problematizada em uma dimensão subjetiva e que “as dinâmicas curriculares podem ser “vistas não somente a partir do interior da escola, mas mais especificamente a partir do interior de sujeitos da educação escolar e das forças do fora que lhes procuram constituir”. Quando a cultura é “eixo de internalização de controle social” e quando cidades anunciam-se com distintos compromissos políticos de educar populações, é importante perguntar pelo que se ensina e que se pode aprender com seus artefatos. Inserido no quadro de análises que examinam a produtividade de culturas e currículos na constituição de sujeitos, este trabalho deriva de uma pesquisa que objetivou conhecer currículos, raciocínios pedagógicos e processos de subjetivação articulados à oferta de educação ambiental (EA) de espaços verdes na cidade de Salvador. A questão, aqui, foi: os currículos, pedagogias e sujeitos demandados na oferta de EA de espaços verdes soteropolitanos, deixam a diferença proliferar? Tomei a textualidade das atividades que EV realizam em nome da EA e analisei suas relações de poder e vontades de sujeito, enquanto procuram seduzir, interpelar e conduzir indivíduos em direção a uma cultura ecológica. Para investigar os discursos que neles circulam, constituem currículos e pedagogias, concorrem para processos de subjetivação e ensejam possibilidades de uma experiência de educação ambiental, a metodologia articulou elementos da genealogia e da cartografia. Trata-se de apontar para outras possibilidades analíticas nas conexões entre cultura ecologista, discursos e experiência de educação ambiental, ao esquadriñar, analisar e ressignificar artefatos culturais ecologistas quanto às suas configurações pedagógicas, problematizando diferencialmente o que neles se faz formativo. Conclui-se evidenciando aspectos reguladores dos currículos e pedagogias de espaços verdes urbanos sobre seu público, no quadro de uma cultura ecologista repleta de disputas, ampliações e reveses, como forma de atentar às possibilidades constitutivas de sujeitos ecológicos em instâncias e práticas ainda pouco analisadas no campo da EA.

**Palavras-chave:** Cultura ecologista. Educação ambiental. Espaços verdes urbanos.



## SIMULAÇÃO DE PROCESSOS DECISÓRIOS EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS EM ESCOLAS DO VALE DO TAQUARI/RS

*Mateus Dalmáz, Luiza Udovic Bassegio*

**Resumo:** Desde 2014, o projeto de extensão “Relações Internacionais na sala de aula”, vinculado ao curso de Relações Internacionais da Univates (Lajeado/RS), vem aplicando oficinas de extensão com o objetivo de estudar temas históricos ou atuais de Relações Internacionais com estudantes dos ensinos fundamental e médio das redes pública e privada do Vale do Taquari/RS. Tais oficinas são elaboradas a partir de demandas das escolas da região, as quais têm solicitado, frequentemente, temáticas que envolvem os conflitos em curso na trama política internacional. Busca-se analisar o modo como o projeto de extensão “Relações Internacionais na sala de aula” tem utilizado simulações de processos decisórios, nas oficinas, para estudar temáticas internacionais nas escolas. Questiona-se qual o impacto da metodologia de simulação de tomadas de decisão no estudo dos temas ligados às Relações Internacionais. Quanto aos procedimentos metodológicos, primeiramente, é feito um diagnóstico a respeito das temáticas que os estudantes das escolas parceiras demandam, para que sejam abordadas sob a ótica das Relações Internacionais. Nessa etapa, o papel do professor da escola é fundamental, já que a percepção sobre o que pode ser estudado é derivada da vivência docente em sala de aula. Uma vez que um tema é demandado, elabora-se a oficina de extensão, que organiza os estudantes das escolas em grupos, cada grupo assume o papel de um ator internacional, os quais simulam decisões em determinados cenários. Em outras palavras, as oficinas de extensão simulam processos decisórios em Relações Internacionais, fazendo com que os estudantes desempenhem o papel de atores internacionais em conjunturas do sistema internacional reproduzidas em sala de aula. Aplica-se às oficinas tendo como referencial teórico a escola realista, para quem o cenário externo é anárquico e o interesse dos Estados por poder é o que prevalece nas Relações Internacionais. Assim, cabe aos estudantes das escolas elaborar estratégias para alcançar as metas desejadas em cada conjuntura simulada. Quanto aos resultados parciais, a partir dos instrumentos de avaliação do impacto das oficinas na comunidade, entre eles o feedback dialógico com os alunos ao final de cada simulação e o parecer escrito do professor titular da escola no encerramento do ano letivo, percebe-se a autonomia do estudante no processo decisório, o desenvolvimento da oratória argumentativa, a compreensão sobre a estrutura do sistema internacional e da conjuntura específica e, por fim, o esclarecimento a respeito de temas presentes no noticiário internacional.

**Palavras-chave:** Relações Internacionais. Realismo. Processos decisórios. Extensão.

## BIBLIOTERAPIA E CARTOGRAFIA: MAPEANDO CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES

*Monique Izoton*

**Resumo:** Este trabalho propõe-se a mostrar o exercício de pesquisa de uma bibliotecária-mediadora que utilizou suas experiências em diferentes bibliotecas e clubes de leitura como aposta investigativa na pós-graduação. A pesquisa busca explorar como a biblioterapia, prática baseada na fruição de textos literários, pode contribuir para o desenvolvimento pessoal, o autoconhecimento e a formação de leitores, ao mesmo tempo em que promove a coexistência e o diálogo com o outro. A biblioterapia é uma possibilidade potente de objeto investigativo porque se preocupa com o cuidado emocional dos participantes por meio do diálogo, ao mesmo tempo em que se configura uma solução alternativa para estreitar a relação entre estudantes adolescentes e a leitura literária, tentando torná-la mais prazerosa e interessante. Dessa forma, a biblioteca seria o espaço ideal para os encontros biblioterapêuticos, pela possibilidade de ser um ambiente acolhedor e de promoção do diálogo. Intenciona-se verificar se a prática biblioterapêutica pode contribuir para (re)pensar a formação de leitores e, para isso, aposta-se na cartografia enquanto metodologia, uma vez que se alinha à proposta da biblioterapia por ser um método aberto e flexível, construído a partir dos interesses e desejos dos participantes, incluindo o próprio pesquisador como parte do processo. Para construir uma pesquisa-intervenção de forma conjunta, a partir da cartografia, o primeiro passo será mapear os desejos e os interesses de quem vai participar dos encontros de biblioterapia, ou seja, as e os adolescentes estudantes de um instituto federal. Tal mapeamento ou diagnóstico se dará no primeiro encontro, por meio de diálogo e exercícios de escrita em que os/as participantes possam expressar temas, fraturantes ou não, que lhes afetem. A partir da seleção desses temas, será feita uma curadoria de textos literários que conversem com as temáticas e que tenham potencial terapêutico para serem compartilhados em cada um dos encontros. Além dos textos, pretende-se lançar mão de recursos como música, vídeos, imagens e dinâmicas para enriquecer os encontros. A pesquisa-intervenção será registrada em um diário de campo, onde serão anotadas as observações e reflexões ao longo do processo. A cartografia, como caminho metodológico, permitirá acompanhar as transformações e os deslocamentos dos participantes, bem como do próprio pesquisador, durante a investigação. A expectativa é a de que a biblioterapia se revele uma prática potente para (re)pensar a formação de leitores, ao mesmo tempo em que promove o cuidado emocional, o diálogo com o diferente e a valorização da pluralidade de saberes. Acredita-se que essa abordagem possa contribuir para a criação de estratégias educacionais que tornem a leitura literária mais prazerosa e significativa, especialmente para adolescentes, e que inspirem novas formas de ensinar e aprender, tanto no ambiente escolar quanto não escolar.

**Palavras-chave:** Biblioterapia. Formação do leitor. Leitura literária. Cartografia.

## RASTREANDO DOCUMENTOS AVALIATIVOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO PROJETO BROCANTE

*Natália Hoppe Schultz, Naiana Kamili Thiel Ramos, Géorgia Paula Theves, Angélica Vier Munhoz*

**Resumo:** Qual o lugar da avaliação nas vidas escolares? Em que momento começamos a quantificar essas vidas? De que modo as diferentes infâncias são abordadas nas avaliações? Esses questionamentos são o início de um diálogo que busca pensar os documentos avaliativos da Educação Infantil ao longo dos anos. A investigação proposta é desenvolvida pelo projeto de Pesquisa “Palavras e coisas da Escola: Uma pesquisa Arquivística”, também compreendida enquanto Projeto Brocantes, realizado pela GT2: Arquivo, Docência, Criação, do Grupo de Pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM CNPq/Univates). O projeto Brocantes tem por propósito recolher, digitalizar e catalogar documentos escolares, desde o início do século XX, a fim de produzir um arquivo digital público. Este projeto é pensado na esteira teórica-metodológica do arquivo de Foucault, para quem “[o] arquivo é, de início, a lei do que que pode ser dito (...) o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa” (Foucault, 2022, p. 158). Nessa perspectiva, para Foucault (2022), algo só pode ser pensado e dito em um certo tempo e espaço em que existam condições de possibilidade para tais ações. Os documentos que constituem cada arquivo são pequenos retalhos, não uma linha contínua, de palavras, pensamentos, ditos proferidos por alguém. São fragmentos de vidas atravessados por instituições de poder, neste caso, a escola. Registros de atos intrínsecos ao dia a dia escolar e que produziram efeitos na subjetividade dos sujeitos escolares. Assim, o que interessa não são documentos isolados, mas as repetições e coleções que marcaram e foram marcadas pela escola. Em meio a esse propósito, tal investigação voltou-se para o arquivo digital do Projeto Brocantes com vistas a rastrear os documentos avaliativos da Educação Infantil, em meio aos 1400 documentos já arquivados. Dessa totalidade, 38 são documentos avaliativos da Educação Infantil, compreendidos entre os anos de 1986 e 2022. Estes, por sua vez, foram divididos em décadas, assim organizados: 4 documentos dos anos 1980; 2 documentos dos anos 1990; 7 documentos dos anos 2000; 22 documentos dos anos 2010 e, por fim, 3 documentos dos anos 2020. A divisão dos documentos realizou-se com a intenção de proporcionar uma lateralização, de modo a dar a ver as rupturas e descontinuidades contidas nesses materiais nos referidos períodos cronológicos. Após realizada essa análise, os resultados serão publicados em um periódico científico, a fim de mostrar e problematizar o que produzimos documentalmentemente acerca da avaliação da Educação Infantil.

**Palavras-chave:** Avaliação. Arquivo. Educação Infantil. Michel Foucault.

### Referências

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2022.



## PESQUISA ARQUIVÍSTICA SOBRE O USO DOS ENUNCIADOS ENSINO E APRENDIZAGEM E ENSINO-APRENDIZAGEM

Nelisa Rabelo de Oliveira, Fabiane Olegário

**Resumo:** Este resumo parte da pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Ensino - PPGEnsino da Universidade do Vale do Taquari - Univates, e tem por objetivo mostrar o estudo arquivístico sobre os enunciados “ensino e aprendizagem” (separados por “e”) e “ensino-aprendizagem” (com hífen). A problemática para a investigação surgiu mediante inquietações sobre o uso desses termos e teve como ponto de partida, para a análise, o corpus documental denominado “Escopos das Revistas dos Cursos de Pós-graduação Acadêmicos”. Tal arquivo foi compilado no âmbito do projeto “A produção discursiva da área de conhecimento de Ensino: o que o arquivo nos diz?” (Fapergs 07/2021), vinculado ao Grupo de Pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM/CNPq/Univates). O objetivo geral da pesquisa consistiu em investigar a representação dos enunciados “ensino-aprendizagem” (com hífen) e “ensino e aprendizagem” (separados pelo aditivo “e”) nas discursividades presentes nos periódicos da área de ensino, no período de 2011 a 2024. Os procedimentos arquivísticos foram fundamentados em Aquino (2020) que propõe uma perspectiva analítica do arquivo com base em três planos (eixos ou estratos) a serem desenvolvidos mediante o trabalho com o arquivo: o temático, o teórico-metodológico e o empírico. O arcabouço teórico-metodológico da pesquisa incluiu os estudos de Biesta (2020), para a análise da linguagem da aprendizagem; Corazza (2016), para a compreensão do trabalho criador do professor e de Larrosa e Rechia (2019), para a fundamentação das concepções sobre o ofício do professor. Diante do estudo, os resultados da pesquisa, obtidos por meio dos procedimentos arquivísticos, apontaram para o uso indiscriminado dos enunciados analisados, bem como para a maior recorrência do enunciado “aprendizagem” em detrimento do enunciado “ensino”, que frequentemente aparece em posição de subordinação nas discursividades analisadas dos artigos. Além disso, foi possível observar que o entendimento acerca da linguagem da aprendizagem é amplo e predominante nas produções acadêmicas analisadas, destacando-se na concepção e no desenvolvimento dos processos educacionais. Sob outra perspectiva, o ensino, embora se apresente como um conceito essencial para a educação, surge de forma mais pontual nos trabalhos examinados, o que sugere uma abordagem secundária, ou menos explorada, nas produções acadêmicas da área. Essa aparição mais restrita pode ser uma consequência da centralidade na aprendizagem nos discursos educacionais contemporâneos. Este estudo contribui para a compreensão dos discursos sobre ensino e aprendizagem na área de ensino, oferecendo uma base para futuras investigações arquivísticas no campo do ensino.

**Palavras-chave:** Arquivo. Enunciado. Ensino e aprendizagem. Ensino-aprendizagem.

### Referências

AQUINO, Julio Groppa. *Foucault, arquivo, educação: dez pesquisas*. Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação, 2020. DOI: Disponível em: [www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/530?gathStatIcon=true](http://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/530?gathStatIcon=true). Acesso em 14 março. 2025.

BIESTA, Gert. *A (re)descoberta do ensino*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 205p.

CORAZZA, Sandra Mara. *Base Nacional Comum Curricular: apontamentos crítico-clínicos e um trampolim*. Educação, [S. l.], v. 39, n. 4, p. s135-s144, 2016. DOI: 10.15448/1981-2582.2016.s.23591. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/23591>. Acesso em: 17 mar. 2025.

LARROSA, Jorge; RECHIA Karen. *P de professor*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019. 532p.

## BANHOS DE FLORESTA COM ADOLESCENTES EXPOSTOS A DESASTRES NATURAIS

*Renata Fernandes Herdina, Jane Márcia Mazzarino*

**Resumo:** Os banhos de floresta têm sido cada vez mais estudados no mundo todo, pelos seus efeitos sobre a saúde. O termo “banho de floresta” ou “shinrin-yoku” foi criado em 1982 por Tomohide Akiyama, Comissário da Agência Florestal Japonesa, onde a prática é uma política pública da área da saúde. O termo, que surgiu no Japão, faz referência a um exercício fisiológico e psicológico que consiste em uma prática de absorver a atmosfera da floresta, passando tempo com a vegetação local, interagindo, de forma atenta a todos os sentidos (LI, 2018). Considerando os benefícios abrangentes para a saúde mental, física e emocional (MOURÃO; FERRAZ, 2022), o estudo tem como objetivo analisar os efeitos dos banhos de floresta sobre aspectos de ânimo e humor de adolescentes expostos a desastres naturais, investigando seu impacto sobre nove itens (bem-estar, relaxado, bom humor, estressado, com sono, irado, confuso, ansioso e depressivo). O método refere-se a aplicação de banhos de floresta e de um teste avaliando estes estados de ânimo e humor. A aplicação do teste antes e depois dos banhos de floresta foi realizada com duas turmas do 8º ano do ensino fundamental de uma escola do Vale do Taquari, em que os estudantes e a escola foram vítimas das enchentes de maio de 2024. O teste baseou-se noutro, Profile of Mood States (POMS), e na sua forma reduzida, traduzida e validada na versão em português, denominada Escala de Humor de Brunel (BRUMS). Da mesma forma que as escalas POMS/BRUMS, a avaliação se deu de acordo com a intensidade, sendo 0 para nada, 1 para um pouco, 2 para moderadamente, 3 para bastante e 4 para extremamente. Sobre os dados coletados realizou-se análise estatística, realizada no programa Bioestat, versão 5.4. As variáveis contínuas são apresentadas como média  $\pm$  desvio padrão (DP), enquanto as variáveis categóricas são expressas em valores absolutos e percentuais, indicados como n (%). Para as comparações, considera-se como estatisticamente significativo o valor de  $p < 0,05$ , utilizando-se o teste t para a avaliação. Os resultados evidenciam que os banhos de floresta contribuíram para o aumento do bem-estar, relaxamento e bom humor, além de gerar uma diminuição na sensação de confusão, ansiedade e estresse entre os participantes. Em algumas intervenções os níveis de depressão e ira/raiva permaneceram estáveis, com baixas pontuações registradas antes da prática, o que sugere que os estudantes não estavam tristes ou irritados antes da imersão no fragmento florestal. Esses achados sugerem que a imersão na natureza pode ser uma forma complementar eficaz para o cuidado emocional de jovens afetados por eventos traumáticos.

**Palavras-chave:** Banhos de floresta. Saúde. Ânimo. Análise estatística. Enchentes.

### Referências

LI, Q. El Poder del Bosque. Shinrin-Yoku: Cómo Encontrar la Felicidad y la Salud através de los Árboles. Roca Editorial, 2018. MOURÃO, J. H.; FERRAZ, H. Banhos na Floresta. Percursos & Ideias, p. 38-45, 17 out. 2022. Disponível em: . Acesso em: 12 fev. 2025.

## PRÁTICAS DE ENSINO EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES

*Gilmara Aparecida Esteves Scapini Fabiane Olegário, Derli Juliano Neunfeldt*

**Resumo:** O estudo em andamento está vinculado ao Programa de Pós-graduação em Ensino da Univates e pretende investigar as práticas de ensino em espaços não escolares no contexto do Programa Viva o Taquari-Antas Vivo. Tal programa integra a pasta de responsabilidade social coordenada pela Unidade Parceiros Voluntários, com sede na Associação Comercial e Industrial (ACIL) do município de Lajeado (RS). Com o intuito de colaborar com o ensino em espaços não escolares, este estudo tem como objetivo compreender como as práticas de ensino desenvolvidas pelos Educadores Sociais (oficineiros voluntários) de diferentes áreas do conhecimento contribuem para o programa Viva o Taquari-Antas Vivo. Para fundamentar a pesquisa são utilizados os referenciais teóricos de Gohn (2010, 2011 e 2012) e Freire (2011). Os procedimentos metodológicos deste estudo seguem uma abordagem qualitativa, que se justifica pela natureza exploratória e descritiva. A pesquisa terá como técnica de produção de informações o Grupo Focal (Gatti 2005) que será realizado com no máximo dez Educadores Sociais (oficineiros voluntários) envolvidos no Programa Viva o Taquari-Antas Vivo. Paralelamente, serão utilizados registros documentais, como os relatórios elaborados pelos educadores sociais (oficineiros voluntários) e pela coordenação da Unidade Parceiros Voluntários de Lajeado. Esses documentos permitirão uma compreensão detalhada das atividades realizadas, observações e reflexões dos sujeitos da pesquisa. As informações obtidas serão analisadas por meio da análise de conteúdo de Bardin (2011) e permitirão a identificação de categorias e subcategorias que emergem dos relatos dos participantes e da análise dos documentos. Finalmente, os resultados serão apresentados aos Educadores Sociais e à coordenação do programa, com o objetivo de promover a reflexão sobre as práticas de ensino e fomentar melhorias contínuas no programa Viva o Taquari-Antas Vivo. Além disso, os resultados poderão servir como base para a formulação de políticas públicas e práticas educativas que contribuam para fortalecer a integração entre a educação formal e não formal.

**Palavras-chave:** Ensino. Espaço não escolares. Educador Social. Educação Ambiental.

### Referências

- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Tradução Lis Antero Reto, Augusto Pinheiro. - São Paulo : Edições 70, 2011
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura)
- GATTI, B. A. *Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*. Brasília, DF: Líber Livro, 2005.
- GOHN, Maria da Glória. *Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais*. São Paulo: Cortez, 2010
- GOHN, Maria da Glória. *Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. / 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- GOHN, Maria da Glória. *Movimentos sociais e educação*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.



## ENSINO DE FILOSOFIA PELA INVESTIGAÇÃO: PROMOVENDO A AUTONOMIA E A EMANCIPAÇÃO COM O USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

*Tatiana Brum da Silva, Rogério José Schuck*

**Resumo:** Um dos desafios enfrentados no ensino de Filosofia no contexto do Ensino Médio brasileiro reside em compreender como é possível despertar o interesse dos discentes e fazê-los se engajar mais com ideias que vêm construindo o pensamento há mais de vinte e cinco séculos. Como aproximar o pensamento antigo do contemporâneo? Como demonstrar que as inquietações filosóficas do passado ainda ressoam no presente e ressoarão no futuro? Essas inquietações motivaram o estudo aqui descrito, que visa compreender como o ensino pela investigação, associado ao uso de inteligência artificial, pode contribuir para o desenvolvimento da emancipação e do pensamento autônomo dos alunos. O foco será nos desafios e oportunidades apresentados pela integração de tecnologias de IA em práticas pedagógicas, que serão aplicadas nas aulas de Filosofia, com alunos do Novo Ensino Médio de uma escola pública da cidade de Teutônia/RS, no ano de 2025. Esse estudo justifica-se pela ausência de uma análise aprofundada sobre a relação entre ensino pela investigação, Filosofia e IA no contexto do Ensino Médio brasileiro. Embora existam estudos que explorem cada um desses aspectos separadamente, ao fazer o Estado da Arte, constatamos que poucos têm investigado os seus entrelaçamentos e como essas dimensões podem se articular na construção de práticas pedagógicas que promovam, de fato, a formação de sujeitos autônomos, emancipados e protagonistas da aquisição e construção do conhecimento. O presente projeto, portanto, busca contribuir para o preenchimento dessa lacuna, através da compreensão acerca das mudanças nas metodologias de ensino, da aceitação, da adaptação e dos limites destas por parte dos professores e alunos, bem como dos impactos na qualidade do ensino. Considerando que a Filosofia é uma área de conhecimento que opera com significativo grau de abstração e, muitas vezes, de difícil compreensão para o nível de maturidade e experiência dos educandos, surge o desafio de torná-la mais acessível e relevante. No contexto brasileiro, é comum que os estudantes entrem em contato com a Filosofia apenas no Ensino Médio, geralmente com pouco aprofundamento e descontextualizada. Tal realidade impede que eles se apropriem do que foi produzido nessa área e percebam sua relevância para suas vidas cotidianas. Tendo em vista o fato de que vivemos em tempos de avanço acelerado do desenvolvimento e utilização das tecnologias digitais, temos aqui um desafio adicional, que é utilizá-las como recurso nesse percurso. O crescente uso dessas ferramentas no ensino representa, por um lado, uma oportunidade inédita de personalização e otimização do processo de ensino e do processo de aprendizagem, mas, por outro, um desafio significativo.

**Palavras-chave:** Ensino. Filosofia. Investigação. Autonomia.

## INVENTARIANDO MEMÓRIAS DE GESTOS DOCENTES

Tatiana Linhares dos Santos, Angélica Vier Munhoz

**Resumo:** A presente pesquisa investiga o gesto docente como um elemento constitutivo da prática pedagógica, analisando-o a partir de uma perspectiva ética, estética e política. O estudo se fundamenta no conceito de arquivo de Michel Foucault (2008) e Julio Groppa Aquino (2020), buscando compreender como os gestos docentes emergem nas experiências vividas em sala de aula e ficam registrados na memória do corpo. A pesquisa fundamenta-se metodologicamente na perspectiva foucaultiana de arquivo e nos procedimentos arquivísticos delineados por Aquino (2020), o qual consiste em três eixos: 1) temático, o qual rastreou produções acadêmicas sobre gesto e docência no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES; 2) teórico, que buscou percorrer a produção discursiva de autores como Galard (2008), Flusser (2014), Larossa (2021), Agamben (2008), Deleuze (2010), que se debruçam sobre a noção de gestos e de gestos docentes; 3) empírico, em que, por meio de três encontros com um grupo de professores do nono ano de uma escola de ensino fundamental, propôs-se inventariar as memórias de gestos docentes. Para Aquino (2020), o eixo empírico envolve a mão do arquivista. Se o eixo temático e o eixo teórico são trabalho de edição de fontes, o trabalho empírico exige um trabalho de criação do pesquisador. Assim, o inventário é uma prática discursiva que visa criar, organizar, categorizar e interrogar elementos de determinados fragmentos de realidade, a partir de um contexto específico (Martins, 2017). Os encontros com o grupo tiveram o propósito de provocá-los a pensar sobre os gestos que foram arquivados no seu corpo, mas também de compreender de que modo produzimos esses gestos e como somos capazes de criar outras gestualidades. Cada encontro partiu de uma obra artística que tinha o propósito de ser disparadora para que os participantes se mobilizassem a perceber, sentir, experimentar uma outra relação com a gestualidade para além daquilo que reincide no senso comum. Ao final foi produzido o inventário, criado em forma de lista de palavras e expressões ditas e escritas pelos participantes, a fim de mostrar o quanto as gestualidades que marcaram e marcam a vida de cada um desses professores produziram neles um conjunto de sensações, afetos, resistências que lhe são muito próprias. Por fim, acessar e inventariar as memórias de gestos docentes possibilitou ao grupo de participantes compreender que os gestos não se restringem ao campo da técnica ou da repetição mecânica. Eles podem emergir como uma expressão autoral, um modo único de existir no mundo enquanto professor.

**Palavras-chave:** Gesto docente. Arquivo. Memória. Ensino.

### Referências

- AGAMBEN, Giorgio. Notas sobre o Gesto. In: *Artefilosofia*, Ouro Preto, n.4, p.09-14. Jan. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/raf/article/view/731/687> Acesso em 14 mar. 2024
- AQUINO, Júlio Groppa. *Foucault, arquivo, educação: dez pesquisas*. Universidade de São Paulo. 2020.
- DELEUZE, Gilles. *Um manifesto de menos*. In: Deleuze, Gilles. *Sobre o teatro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- FLUSSER, Vilém. *Gestos*. 1ª ed. São Paulo, Annablume, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- GALARD, Jean. *A Beleza do Gesto: Uma estética das Condutas*. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. - 1. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

LARROSA, Jorge. *Esperando não se sabe o quê*: sobre o ofício do professor. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MARTINS, Jordan Ávila. Inventário do artista: um pequeno relicário de grandes afetos. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais no PPGAV no Centro de Artes da UFPEL) - Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul, 2017. Disponível em: <https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/3918> Acesso em 20 jan. 2025.



# GT 4. Arte e Linguagens

**IX DIÁLOGOS**  
na contemporaneidade

**POR OUTROS MODOS**  
*DE PENSAR A VIDA, A*  
**TERRA E NOSSO JEITO**  
*DE ESTAR NO MUNDO*



## SABERES PINDORÂMICOS: MODOS DECOLONIAIS DE ARTE E VIDA NO AMBIENTE ESCOLAR

*Alexandra de Castilhos Moojen, Eduardo Guedes Pacheco*

**Resumo:** Nesta pesquisa busco construir confluências entre conhecimentos e tecnologias pindorâmicas (indígenas) e as aulas de Arte na escola pública. Questiona-se o que é possível apreender e aprender dos modos de existência dos povos originários para criar possibilidades de ações educacionais nos espaços da educação básica. Como a criação das aulas de arte a partir das poéticas artísticas destas cosmologias pode compor com os processos de subjetivação? Como o compartilhamento destes modos de vida, de relações entre seres e de visões de mundo podem movimentar as relações hierárquicas e de aprendizado dentro do ambiente escolar? Como o corpo reage ao ser convidado a movimentar determinados valores e crenças cristalizados em modos liberais de envolvimento? Conhecimentos centrados em produções estrangeiras, seguem construindo subjetivações calcadas no antropocentrismo exploratório. A pesquisa que é apresentada por meio deste texto busca colaborar com o fortalecimento da visão pindorâmica dentro da educação, expondo as políticas de apagamento das contribuições destas populações na arte e na sociedade brasileiras e latino americana. Busca-se ampliar as ferramentas pedagógicas de combate ao preconceito e ao racismo estrutural contra a cultura afro-brasileira e indígena. Contribuindo para aplicação da lei 11.645/08 e ampliando as possibilidades de aplicabilidade da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Prioriza-se a decolonialidade, como caminho para olhar a prática escolar fundada pela modernidade, pelos valores liberais, e para expor as diferentes formas que o racismo estrutural se mantém no ambiente escolar, desde a escolha do currículo, pedagogias e relações de poder. Busca-se criar caminhos e propostas para a desconstrução de símbolos capitalistas, hegemônicos e excludentes através da arte. Para tanto, além da produção de conhecimento acadêmico e a pesquisa se valem de diversos artistas que propõem ações decolonizadoras, movendo imagens, gestos e palavras para o desfazimento de amarras coloniais que subjugam a cultura brasileira, latina, negra e indígena. Entre eles estão Jaider Esbell, Moara Tupinambá, Edgar Kanaykō Xakriabá e Uýra Sodoma. A metodologia desta pesquisa parte da perspectiva da criação, da invenção, do questionamento das hierarquias e da possibilidade de produzir novos sentidos partindo da filosofia da diferença. Dentre os procedimentos metodológicos estão vivências com estudantes da Comunidade Kaingang de São Leopoldo/RS, trocas de saberes com lideranças desta comunidade e o mapeamento das produções artísticas indígenas contemporâneas locais e nacionais. A pesquisa encontra-se em fase inicial e neste sentido, projeta-se desenvolver um movimento questionador sobre os conhecimentos eleitos, bem como reposicionar o que é considerado individualidade, se afastando da compreensão capitalista sobre educação e ensino e se aproximando de valores da coletividade, propondo rupturas que possam avançar de forma ontológica no ambiente escolar.

**Palavras-chave:** arte contemporânea indígena. aula. bncc. subjetivação.

### Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm) acesso em 12 de março de 2025.

## QUAIS MUNDOS PODEM EMERGIR A PARTIR DAS MARGENS? UMA LEITURA DE VIAJANTES DO ABISMO, DE NIKELÉN WITTER

*Alexandre Kirst de Souza*

**Resumo:** A ficção científica (FC) é um gênero narrativo e um modo ficcional frequentemente posicionado às margens de uma tradição literária. Ao mesmo tempo, também é local de profundas reflexões e críticas sociais, provenientes das mais diversas perspectivas e discutindo uma ampla gama de tópicos relevantes na contemporaneidade. A partir desta premissa, o presente estudo tem como objetivo relacionar a condição do meio-ambiente do nosso planeta com a possibilidade de mundos imaginados pela FC, através de uma leitura da obra *Viajantes do abismo* (2019), de Nikelen Witter. Na trama, acompanhamos a jornada de Elissa Faina Till, uma jovem que se torna símbolo de resistência diante de uma cruel guerra civil entre governistas e independentistas. Com o advento do vapor, a principal tecnologia daquele mundo, o cenário ambiental passa a ser severamente atingido, com falta de chuvas, secas e desmatamentos. Tal contexto cria extensos locais desérticos, que crescem mais e mais ao longo do tempo. As tempestades de areia são comuns, assolando vilarejos e cidades, ferindo pessoas e dizimando vidas. Contudo, cego pelo poder e míope pelos conflitos políticos, o governo minimiza as questões ambientais e mantém posicionamentos comerciais e industriais intensamente ativos. Nesse sentido, questionamos sobre quais mundos podem emergir a partir da perspectiva da ficção científica de autoria feminina no Brasil? Para tanto, traremos como metodologia a revisão bibliográfica e a aplicação teórica. Como aporte teórico, dialogando principalmente com Sherryl Vint (2021), Mark Bould (2011), Veronica Hollinger (2014) e Gary Wolfe (2011), iremos nos debruçar sobre conceitos da FC, entendendo o surgimento do termo, sua trajetória histórica e seu atual momento. Após isso, realizaremos uma leitura da obra em questão, colocando-a em diálogo com a FC, a partir de três eixos centrais. O primeiro deles trata do meio ambiente e das mudanças climáticas, característica marcante na narrativa de Witter, principalmente com a presença dos desertos e das tempestades de areia. Depois, abordaremos o steampunk, uma estética retrofuturista, ou seja, que faz uso de elementos do passado para projetar futuros imaginários, caso da tecnologia do vapor. Por fim, discutiremos sobre distopia, uma vez que o enredo apresenta um espaço duplamente opressor, seja pelos problemas ambientais, seja pelo terror da guerra. Através desse caminho, procuramos demonstrar como a FC pode ser um espaço de expressão, de debates e de alertas não somente para o futuro do nosso planeta, mas também para o nosso presente. Além disso, refletiremos como as ações nocivas dos seres humanos e a falta de políticas públicas resultam em graves danos ambientais e geram sérios problemas para nossas vidas.

**Palavras-chave:** Ficção científica. Literatura brasileira. Ficção climática. Autoria feminina. Ficção especulativa.



## ESTÉTICA E POLÍTICA NA CAIXA AUSENTE DE PANDORA

Ana Emília Klein

**Resumo:** “Pandora”, de Ana Paula Pacheco (2023), narra o estado de crise de uma professora universitária durante a pandemia de coronavírus. A narrativa, em alguma medida caleidoscópica, encontra certa organização em torno de três relacionamentos que a protagonista mantém durante a narração: com Alice, uma militante de uma ocupação, com um pangolim e, por fim, com um morcego, na ordem do narrado. Este estudo, em andamento (Klein, 2025), pretende argumentar sobre a montagem e o mito como princípios estéticos e políticos que orientam o romance. A montagem é condição da própria organização do romance em textos de diversos gêneros — narrativa curta, plano de aula, diário — e aparece nas referências a figuras híbridas, em sua maioria de origem mítica, mas não só: quimera, sereia, ornitorrinco, coala com ratazana. Ela também está refletida em um jogo tensivo mais implícito, entre aquilo que é orgânico, regido pelas leis da natureza, e que chamamos, portanto, de natural; e aquilo que não seria caso não houvesse um esforço para ser, é o que foi inventado, construído ou urdido, e a que damos o nome de fabricado. O mito clássico, por sua vez, marcado na superfície do texto literário por menções diretas a figuras mitológicas, como Poseidon, Ulisses, hidra de Lerna, para além das já citadas, é inscrito na contemporaneidade e articula questões de identidade, memória e circularidade histórica, especialmente quanto à permanência de estruturas autoritárias na sociedade. A defesa de tais hipóteses de leitura emerge da análise da própria forma estética, colocada em diálogo com teorias do mito e arquétipos narrativos e sua relação com a literatura (Eliade 1972; Frye, 1973; Adorno; Horkheimer, 1985), bem como com a concepção de mito enquanto discurso ideológico e instrumento de atualização do passado (Barthes, 2003; Benjamin, 2013; Eco, 2018). Nesse sentido, para realizar essa análise, o estudo está fundamentado nas concepções de Antonio Candido sobre forma literária, como uma estrutura em que forma e conteúdo se imbricam e que se relaciona com a experiência social, e acerca do ato crítico. Segundo Candido (2017), a teoria não deve se confundir com o ato em si, pois a interpretação deve partir das tensões imanentes à obra. Tais considerações apontam a construção formal de “Pandora” como uma resposta estética à crise contemporânea e conduzem à intuição de leitura aqui proposta: de que a combinação da montagem e do mito constituem a saída encontrada pela autora para dar conta do objeto narrado — o absurdo cotidiano e a dissolução da experiência subjetiva e social no contexto do capitalismo, que confere novas aparências a formas arcaicas, perpetuando, desse modo, estados de crise e de falta de perspectivas de superação dos impasses simbólicos e políticos.

**Palavras-chave:** Literatura contemporânea. Mito. Montagem. Absurdo. Autoritarismo.

### Referências

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Tradução de Rita Buongiorno, Pedro de Souza e Rejane Janiwitser. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama trágico alemão*. Tradução de João Barrento. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

CANDIDO, Antonio. O ato crítico. In: CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017. p. 147-165.

ECO, Umberto. O fascismo eterno. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2018. ELIADE, Mircea. Mito e realidade. Tradução de Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FRYE, Northrop. Anatomia da crítica. Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.

KLEIN, Ana Emília. A experiência social em Pandora, de Ana Paula Pacheco. In: MAZZARINO, Jane Márcia; JOHANN, Liana (Orgs.). Modos de existência: o que a ciência tem a ver com isso? Lajeado: Univates, 2025. No prelo.



## INVENTÁRIO DO AZUL PELA LENTE DA JUSTICIA POÉTICA: UMA ANÁLISE

*Cassimere Elisa Zago, Detimar Pereira de Lima, Sheila Correa Soares,  
Marli Teresinha Silva da Silveira*

**Resumo:** Este artigo tem como foco analisar a questão da ética, com embasamento teórico no estudo filosófico apresentado na obra *Justicia Poética*, de Martha Nussbaum, em diálogo com o romance *Inventário do Azul*, de João Anzanello Carrascoza, por meio de uma abordagem qualitativa. O objetivo da pesquisa é investigar a importância da literatura para e na formação humana, de modo especial, formação ética e aberta para o outro. Parte-se da questão problematizadora: como a literatura, enquanto espaço de reflexão estética e ética, pode oferecer recursos que estimulem o pensamento crítico e moral em leitores, influenciando suas interações no convívio pessoal e social. A pesquisa de cunho qualitativo se fundamenta na análise textual crítica e interpretativa, explorando o referencial teórico e os aspectos estilísticos e narrativos do romance *Inventário do Azul*. Para tanto, faz-se uma revisão da teoria apresentada pela autora Nussbaum, com ênfase em sua análise sobre a relação entre literatura, ética e a formação moral, examinando como estes conceitos se manifestam na obra de Carrascoza. As discussões da pensadora se orientam pela perspectiva de que a literatura, mais do que as demais disposições epistemológicas e científicas, permite ao indivíduo se colocar em jogo, tensionando sua própria existência a partir do ler, das histórias narradas, das ações dos personagens. O romance, por sua popularidade na contemporaneidade, segundo Nussbaum (1997), desenvolve no leitor empatia, compaixão e amor, encaminhando-o para um debate sobre valores morais, sobre ética e compreensão do espaço de cada um, no mundo. Observou-se com esta pesquisa que o gênero literário em questão conecta o leitor, emocionalmente, com a história, através dos recursos linguísticos que impregnam um ritmo a narrativa trazendo para a leitura uma experiência estética mais significativa; e também através dos personagens, de suas ações e dos espaços faz o leitor sair do lugar comum, seguindo os nexos com o imaginário e reformulando muitas vezes a sua forma de ver, pensar e agir no mundo. O romance *Inventário do Azul* se evidencia como um espaço que estimula debates sobre ética e formação moral, indispensáveis para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. O diálogo entre as reflexões filosóficas de Nussbaum e a narrativa de Carrascoza revela que a literatura é um agente na promoção da empatia, do respeito pelo outro e da humanização das interações sociais. Nas palavras de Carrascoza, “o mundo não é mundo sem a palavra que o inunda” (2022, p. 44), o que reforça a ideia de que a linguagem é essencial para a construção de nossa percepção, da compreensão da realidade, como também na criação de um mundo compartilhado, em que experiências, emoções e conhecimentos são comunicados e interpretados coletivamente.

**Palavras-chave:** Ética. Estética. Empatia. Romance. Filosofia.

### Referências

CARRASCOZA, João Anzanello. *Inventário do azul*: Romance. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2022. NUSSBAUM, Martha C. *Justicia poética: la imaginación literaria y la vida pública*. Tradução de Carlos Gardini. Barcelona: Editorial Andrés Bello, 1997.

## UM OUTRO OLHAR SOBRE A POESIA DIGITAL E O CIBERPOEMA NA ESCRITA POÉTICA DE AUGUSTO DE CAMPOS

*Darlina Sidicléa França, Vanessa Weber Sebastiany e Ana Claudia Munari Domingos*

**Resumo:** Outros tempos, outros desafios, outros olhares, outras possibilidades de escuta, outra configuração de sujeito é necessária, uma vez que houve alteração no comportamento individual e até social do ser humano a partir da imersão aos meios tecnológicos e da internet. O sujeito está submerso em uma sociedade midiática, globalizada, líquida, tecnologia e da informação, logo faz-se necessário adaptar-se a essa nova realidade. A sociedade transita para uma nova configuração, assim também, os gêneros literários acompanham essa evolução, surgem gêneros digitais repletos de multissemitoses. No espaço da cibercultura, encontramos minicontos digitais, poesia digital, hipercontos, ciberpoemas, gênero digital híbrido e impuro produzidos pelo meio virtual, valendo-se da multiplicidade de signos, dentre eles a palavra, a imagem e o som e ainda se apropriando de recursos multimodais, multissemióticos e multimidiáticos. Indagamos na presente pesquisa, o que diferencia a poesia digital da ciberpoesia? E as poesias “Pulsar” e “Poema-bomba” de Augusto de Campos, poeta concreto, são consideradas poesia digital ou ciberpoesia? A poesia digital e o ciberpoema corresponde aquele “texto que não é físico, mas exibido, semelhante a filmes, vídeos, hologramas, e outras mídias projetáveis (Santaella, 2007, p. 348), com características próprias que a cada dia conquista novos ciberleitores. Por meio de uma pesquisa bibliográfica e qualitativa, buscamos propor um debate teórico entre estudiosos com vários anos de pesquisa e alguns mais contemporâneos, que investigam acerca da poesia digital e dos ciberpoemas, observando os traços e as características peculiares desses gêneros, sua origem e por fim, nosso olhar irá pairar sobre a poesia de Augusto de Campos, poeta originalmente concretista, que vem adentrando ao universo virtual. Na ciberpoesia a escrita é colaborativa, várias pessoas adentram no ciberespaço, rompendo com as barreiras mentais e geográficas, e colaboram no construto poético, são inúmeras ideias, conhecimentos, mãos que contribuem para formar um todo polifônico, assim essa escrita eletrônica pode estar em construção constante. Ao observar os dois poemas supracitados de Augusto de Campos, “Poema-bomba” e “Pulsar”, verificamos que ambos possuem características da poesia digital, imagens animadas, efeitos sonoros, idas e vindas de textos escritos ou imagens na tela, a verbivocovisualidade é muito presente na escrita, no entanto o leitor é passivo, não colabora com a sua construção. Assim sendo, a poesia de Augusto de Campos configura-se como uma poesia digital. O espaço da ciberpoema ainda não foi conquistado por Augusto, talvez seja esse o próximo desafio do poeta.

**Palavras-chave:** Poesia digital. Ciberpoema. Augusto de Campos.

## DE LAMA E DE CAOS: PERCURSOS PARA BROTA A VIDA EM TEMPOS DE RECONSTRUÇÃO

*Deborah Vier Fischer*

**Resumo:** Ano de 2024. Chuvas intensas e intermitentes tomam conta do estado do Rio Grande do Sul. Alagamentos, transbordamentos e medo, muito medo instaurado. Perdas de todo o tipo e de toda a ordem: financeira, social, emocional, física, estrutural, ambiental. Morte, abandono, desespero. Lama, muita lama! Caos! Uma tragédia ambiental anunciada. Diante disso, como lidar com as crianças, com a escola, com as notícias amplamente veiculadas e compartilhadas em uma velocidade impactante? As imagens falaram por si e trouxeram à tona a urgência da temática de repensarmos a nossa relação com a vida hoje, no tempo presente, neste momento em que não temos mais como voltar atrás no que está feito, mas precisamos olhar para frente, para que nunca mais aconteça. Eis aí um solo fértil para esta escrita. Uma escrita que se pretende matéria orgânica, uma escrita adubo, quem sabe, semente. Uma escrita que nasce em meio à lama das enchentes de maio de 2024 e brota em formato de terra fresca, pela imaginação das crianças, que nos convocam à força do acreditar na possibilidade de reconstruir e de esperar. Nesta escrita, fruto de uma experiência escolar de retorno após o caos, mesmo ele ainda estando presente em nossas vidas durante muitos meses, busca-se trazer à pauta, metodologicamente, com a movimentação de pensamento provocada pela arte contemporânea em conversa ativa com a educação, de que modos resistimos e de que modos enfrentamos o que, seguramente, poderia ter sido evitado. E é no encontro com a artista visual Carolina Caycedo e sua pergunta arrebatadora: “os rios da sua cidade estão vivos?”, fruto de suas investigações sobre a relação das populações ribeirinhas com a água e das empresas que a privatizam, que é trazida à conversação, em sala de aula, com turmas de 4º ano do ensino fundamental (crianças de 9-10 anos), o assunto desta escrita: a enchente do RS e suas marcas na história social, cultural e ambiental do estado e de cada um(a) de nós. Ao modo de artesanato, buscando a escuta e o acolhimento aos relatos e percepções individuais das crianças, sem pressa ou incentivo às finalizações, alimentada por mais perguntas relacionadas à nossa relação com a água, foi ganhando corpo a realização de mapas que mostrassem, de alguma maneira, o que havia sido vivenciado, como uma forma de cartografar sentimentos, questionamentos, experiências, sensações e reações. Nasceu assim o que foi chamado de “Memórias da Enchente”, uma espécie de registro de cada turma com a ideia de construção de uma memória histórica ambiental, para ser lembrada e para que não se repita. E o que levamos dessa experiência? A certeza de que, em companhia da arte, da educação e das crianças, mesmo em meio à tragédia, à dor e às perdas, é possível esperar e acreditar que as transformações podem acontecer. É uma aposta, na qual vale a pena investir!

**Palavras-chave:** Arte. Educação. Crianças. Enchentes RS

### Referências

ARTEVERSA. Carolina Caycedo: os rios da sua cidade estão vivos? 2024. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/artevera/carolina-caycedo-os-rios-da-sua-cidade-estao-vivos/>. Acesso em: 23 mar. 2025.



## O ENSINO DE ESTRATÉGIAS DE LEITURA NO CONTEXTO DO ENSINO MÉDIO: UM ESTADO DA ARTE SOBRE SUA PRÁTICA NOS DIVERSOS COMPONENTES CURRICULARES

*Edilene Freitas Silva de Almeida, Kári Lúcia Forneck, Sara Lis Bohn Rohde*

**Resumo:** A leitura desempenha um papel essencial na construção do conhecimento. No Ensino Médio, as estratégias de leitura são fundamentais para o desenvolvimento da compreensão leitora, pois favorecem a interpretação, a análise crítica e a resignificação dos conhecimentos escolares, contribuindo para uma aprendizagem ativa e significativa. Nesse sentido, elas constituem um recurso pedagógico valioso para a formação de leitores autônomos que refletem sobre o próprio sistema de aprendizagem. Diante disso, este estudo, vinculado à pesquisa de doutoramento do Programa de Pós-Graduação em Ensino, da Universidade do Vale do Taquari - Univates, assume como objetivo mapear e analisar as pesquisas acadêmicas que discutem o ensino de estratégias de leitura nesse nível de ensino, destacando sua aplicação nos diversos componentes curriculares, a fim de identificar potencialidades, desafios e lacunas existentes na literatura. A pesquisa segue a abordagem do Estado da Arte, que se caracteriza como um estudo baseado em levantamento bibliográfico, cujo objetivo é identificar e sistematizar a produção acadêmica sobre um determinado tema. Parte-se, portanto, da seguinte questão norteadora: o que tem sido pesquisado sobre o ensino de estratégias de leitura nos diversos componentes curriculares do EM? Metodologicamente, adota-se uma abordagem qualitativa, baseada na revisão de estudos acadêmicos publicados em bases científicas de dados, como periódicos, dissertações e teses, que abordam o ensino de estratégias de leitura no EM. Ainda em fase inicial, a seleção dos trabalhos segue critérios como a abordagem explícita de estratégias de leitura, recorte temporal dos últimos dez anos e foco no Ensino Médio, visando mapear as principais tendências e lacunas na produção científica sobre o tema. A análise preliminar da literatura indica uma lacuna na abordagem desse ensino, em especial nos diferentes componentes curriculares. Além disso, evidencia que as pesquisas sobre estratégias de leitura têm se fundamentado em referenciais consolidados sobre os processos cognitivos e metacognitivos da leitura. Esse panorama reforça a relevância das contribuições teóricas existentes, servindo de base para a aplicação das estratégias de leitura em distintos contextos escolares. Dessa forma, a pesquisa contribui para a reflexão sobre a leitura como prática transversal no EM, apontando caminhos para futuras investigações e intervenções pedagógicas que favoreçam sua integração ao ensino das diferentes áreas do conhecimento e, conseqüentemente, o desenvolvimento de leitores proficientes.

**Palavras-chave:** Ensino de Estratégias de Leitura. Componentes Curriculares. Ensino Médio. Estado da Arte.

## BREVES NOTAS SOBRE A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: ENCONTROS ENTRE A ARTE, A ESCOLA E O ATELIÊ PRATEADO

*Enio Bergamaschi, Maristela Juchum, Fabiane Olegário*

**Resumo:** A experiência, segundo Larrosa (2014,p.18), “é o que me acontece e o que, ao me acontecer, me forma ou me transforma, me constitui, me faz como sou, marca minha maneira de ser, configura minha pessoa e minha personalidade.” Nesse sentido, este resumo tem como objetivo compartilhar experiências estéticas vivenciadas no componente curricular extensionista intitulado Transitando entre a arte e a vida na escola e na cidade, de oitenta horas, distribuídas em Seminário e Atelier. O componente é compartilhado entre os cursos de Letras e de Pedagogia da Universidade do Vale do Taquari - Univates, na modalidade presencial. Por esse motivo, o componente conta com duas professoras, uma de cada curso. No componente curricular ofertado no semestre A de 2024, os estudantes realizaram uma experimentação extensionista tendo como parceiras duas instituições de educação, sendo elas: o Ateliê Prateado e a EMEF Campestre. Os estudantes foram organizados em quatro grupos de trabalho, dois grupos tiveram como instituição parceira o Ateliê Prateado e duas tiveram a EMEF Campestre. Antes da realização da ação, representantes das instituições parceiras são convidados a participarem de uma aula, a fim de apresentarem as propostas de arte que circulam nos espaços em que atuam. O trabalho dos estudantes consistiu em ir até as instituições parceiras para observar como a Arte transita nesses espaços. Os participantes de cada grupo realizaram duas idas à instituição parceira para fazerem observações, registros fotográficos, conversas com educadores, crianças/jovens, etc, com horários pré-agendados com o professor responsável pela instituição. Com base nas observações e nos estudos realizados no decorrer do componente curricular, elaboraram a escrita de um Projeto/Experimentação, o qual originou a produção de um vídeo, de aproximadamente três minutos, apresentando reflexões sobre as percepções do grupo em relação à forma como a Arte circula no espaço observado. O vídeo, produto extensionista, foi entregue, ao final do componente curricular, a cada instituição parceira. Como resultados, entendemos que as experiências extensionistas são de extrema importância para a formação dos estudantes, considerando que essas experiências possibilitam um diálogo entre os conhecimentos acadêmicos e os saberes da comunidade. Além disso, trata-se de uma maneira de articular a pesquisa, o ensino e a extensão de forma interdisciplinar, contribuindo com a formação integral do estudante, estimulando a sua formação como cidadão crítico e responsável.

**Palavras-chave:** Experiência. Extensão universitária. Arte.

### Referências

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre a experiência*. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

## PROJETO MARIAS: ARTE E ESCUTA NO CÁRCERE FEMININO

*Fabiane Olegário, Lydia Koetz Jaeger*

**Resumo:** O Projeto de Extensão “Marias: Corpo e Linguagem na Instituição Prisional”, vinculado ao Programa de Extensão “Arte, Estética e Linguagem”, da Universidade do Vale do Taquari - Univates desenvolve ações de extensão no Presídio Estadual Feminino de Lajeado/RS com as mulheres privadas de liberdade. O objetivo central do Projeto é contribuir para a humanização e a socialização das mulheres no cárcere, através de práticas corporais e artísticas, sendo que a escuta permeia todas as ações, visto que envolve o acolhimento e o cuidado, além de ser um elemento importante na construção dos vínculos com as mulheres. Para Aspahan (2017, p.128) “o ato de escutar [...] associa-se a uma atitude consciente e emocional de perceber os sons”, através do qual a atenção às palavras e aos gestos do outro constroem uma escuta focalizada. Os encontros com as mulheres privadas de liberdade são semanais e o planejamento das ações é realizado de modo coletivo, em uma reunião mensal, com todo o grupo de voluntárias e a coordenação do projeto. Nesses encontros mensais, o grupo avalia as ações anteriores e, a partir delas, propõe as próximas ações. O planejamento prevê ações que possibilitam às Marias não apenas expressarem os sentimentos, mas de experimentarem outras perspectivas de entendimento de si e do outro por meio de oficinas envolvendo a arte, pois ela “teria este privilégio de poder suspender momentaneamente o chumbo que corroeu a vitalidade, de abrir o corpo e permitir que as inscrições revitalizem a existência” (Borges, 2017, p.61). Nem sempre, a depender dos acontecimentos, as Marias participam das ações propostas, sendo que este é um dos grandes desafios do Projeto. Entende-se que a complexidade do contexto prisional, o peso da privação da liberdade, a falta de desejo de se expor ao grande grupo, afastam as Marias das atividades. Ao serem questionadas sobre os impactos das atividades sobre o seu cotidiano, através de escrita individual e anônima, as Marias evidenciam a importância do projeto, pois o sentimento de acolhimento, escuta e diálogo são para elas um porto seguro. O desejo de estar em liberdade, as dificuldades de lidar com a lentidão do tempo no presídio e os diferentes efeitos da privação de liberdade dificultam e impactam no convívio interno, o que resulta na resistência, por exemplo, às atividades propostas nos encontros. A cada semana, portanto, é preciso que o exercício de uma escuta focalizada e sensível se dê, para que o projeto possa seguir produzindo sentido para as Marias.

**Palavras-chave** Cárcere Feminino. Escuta. Extensão Universitária.

### Referências

- BORGES, Hélia. A língua do vivo: ressonâncias entre a arte e a clínica. In: COSTA, Luciano Bedin da Costa; PACHECO, Eduardo Guedes. Partituras do silêncio: poéticas do movente. Porto Alegre: Sulina, 2017.
- DOMINGUES, Glauber Resende. Devir-escuta. In: COSTA, Luciano Bedin da Costa; PACHECO, Eduardo Guedes. Partituras do silêncio: poéticas do movente. Porto Alegre: Sulina, 2017.



## O QUE O TEATRO CRIA NA ESCOLA: UM OLHAR SOBRE O GRUPO TEATRAL CRIARTE

*Gabriela Nunes Pereira, Eduardo Guedes Pacheco*

**Resumo:** Ainda que o teatro na escola à muitos olhares se limite aos espetáculos e apresentações em datas comemorativas, onde os estudantes mostram ao público o resultado do que foi produzido, podemos sempre considerar o processo como um todo e analisar os meios que os fizeram chegar até ali. Mas o mais importante é: como este resultado é percebido por quem o executou? Quais as sensações nascem desse encontro, dos estudantes com o fazer artístico teatral? Como a arte compõe com ele? (será que compõe?) Dentre os diversos questionamentos que podemos lançar sobre o fazer teatral, penso que o mais relevante diz respeito ao aluno/artista em processo de criação. Como o teatro afeta este discente teatreiro? Quais as emoções que o levam a prosseguir em uma caminhada complexa e o que o faz continuar? O que este aluno faz com os resultados disso? Dentro deste processo há uma gama de outras questões a serem analisadas e consideradas, uma vez que cada um carrega seus objetivos, seus sentimentos, suas histórias, considerando em cada ser as suas expectativas e limitações, e principalmente, que no ambiente escolar não estamos lidando com artistas, e sim, com alunos em processo de experiência artística. Mas será que com o tempo que temos, com envolvimento dos alunos com as demais questões da escola, conseguimos sair do campo do idealismo e alcançar de forma mais aprofundada o que a arte propõe? Esse trabalho que discute o Grupo Teatral Criarte - Teatro na escola, o qual tem por objetivo trazer a experiência artística para dentro da sala de aula, de forma interdisciplinar, buscando desenvolver com os alunos um pouco do que podemos experimentar através do teatro, ou seja, instigar o processo criativo, deixar fluir o que os corpos produzem, experimentar a arte da encenação, de montar um espetáculo teatral com o máximo de elementos, além de vivenciar as emoções que estão no campo das artes e que estas podem proporcionar ao ser humano. O projeto Criarte ocorre anualmente desde o ano de 2014 em uma escola da periferia da cidade de Osório, tendo como público alvo os alunos do ensino médio, buscando auxiliar no combate à evasão escolar que é tão frequente entre os alunos desta comunidade escolar. Este projeto se desenvolve de maneira diversificada em cada edição pois leva em consideração as particularidades das turmas que iniciam no processo, porém, sempre mantendo um caminho que percorre os jogos teatrais, o estudo dos elementos do teatro, o processo de criação, até a montagem do espetáculo final. O Criarte é um projeto em andamento e os resultados são diferentes a cada edição pois dependem dos diversos fatores da escola. Nos dez anos do projeto já foram encenados mais de 20 espetáculos para a comunidade escolar, além de o grupo ter participado de festivais de teatro estudantil, feiras do livro e mostras pedagógicas. Este trabalho se propõe a questionar e analisar o processo de criação do aluno/artista onde se dá ênfase à criação ao longo do processo.

**Palavras-chave:** Teatro na escola. Educação. Arte. Criação.

## AS PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES EM RELAÇÃO AO ENSINO DA ESCRITA ACADÊMICA

*Garine Andréa Keller, Maristela Juchum, Kári Lúcia Forneck*

**Resumo:** O letramento acadêmico se caracteriza pelas práticas de uso da linguagem (oral e escrita) no contexto da universidade, ou seja, há usos específicos de discursos que circulam nessa esfera de atividade humana. Este estudo, alinhado à área dos Novos Estudos do Letramento, tem como objetivo compreender qual é o lugar do ensino da escrita acadêmica no curso de Psicologia e no curso de Direito da Universidade do Vale do Taquari - Univates/RS/Brasil. Com o propósito de atender ao objetivo da pesquisa, os dados foram gerados a partir de uma entrevista semiestruturada realizada individualmente com cada participante. Essas entrevistas aconteceram virtualmente, em setembro de 2022, através do uso da plataforma digital Google Meet, na qual agendamos videochamadas com datas e horários específicos. Cada entrevista teve duração de 15 a 20 minutos, tempo suficiente para a geração de dados prevista para o atendimento do objetivo deste estudo. Participaram da pesquisa oito estudantes dos cursos de Direito e de Psicologia, dois em estágio inicial de cada curso e dois finalizando o curso. Planejamos as entrevistas semiestruturadas a partir do seguinte roteiro de perguntas: (1) Que textos você precisou escrever neste semestre?; (2) Quais foram as dificuldades que você encontrou para produzir os textos solicitados pelos professores?; (3) Onde você procurou ajuda quando se deparou com alguma dificuldade na escrita?; (4) Onde você aprendeu a escrever os textos que foram solicitados pelos professores? Os resultados apontam que são exigidos dos estudantes textos que nem sempre são ensinados aos alunos, e que, muitas vezes, eles não têm clareza do gênero discursivo que é solicitado pelo professor, o que pode gerar dificuldades no momento da escrita. Quanto ao ensino, foi possível verificar o quão é importante para os estudantes que os textos acadêmicos sejam não apenas solicitados para fins avaliativos, mas que sejam apresentados em sala de aula como material de estudo. Essa apropriação que se dá por meio da leitura e do estudo dos textos é que, no nosso entender, fornecerá a base para a produção textual dos estudantes, e não apenas conhecer a estrutura de um determinado gênero. Por fim, entendemos, com base em Street (2017), que a universidade precisa criar projetos de letramento acadêmico, a fim de auxiliar os estudantes no exercício da escrita acadêmica. Acreditamos que os professores devem ser os que ensinam a escrita dos textos que exigem dos estudantes. Defendemos que o lugar do ensino da escrita acadêmica deva ser o mesmo em que é exigida a produção de textos.

**Palavras-chave:** Escrita acadêmica. Ensino. Cursos de graduação.

### Referências

STREET, B. Letramentos acadêmicos: avanços e críticas recentes. In: AGUSTINI, C., and ERNESTO, B., eds. *Incursões na escrita acadêmico-universitária: letramento, discurso, enunciação* [online]. Uberlândia: EDUFU, 2017, pp. 21-33. ISBN: 978-65-86084-26-9. <https://doi.org/10.7476/9786586084269.0002>.

## RETRATOS DESCONHECIDOS NO VALE DO TAQUARI: A FOTOGRAFIA COMO MEMÓRIA

*Guilherme Martins Meneguzzi, Paola Caroline Soares da Silva Ribeiro, Lucas George Wendt*

**Resumo:** A fotografia surgiu no século XIX como uma ferramenta documental, mudando a forma como as pessoas se relacionam com a passagem do tempo. À medida que a tecnologia se tornou mais acessível, a fotografia se estabeleceu como um meio de registrar histórias pessoais, práticas culturais e eventos históricos — incluindo o ser humano, as suas relações e o ambiente natural. A capacidade da imagem de criar registros que se perpetuam a tornou útil tanto para a preservação da memória individual quanto coletiva, uma vez que a fotografia serve como elo entre o passado e o presente. Atua também como evidência de momentos vividos e como catalisadora para a produção da memória. Embora as fotografias em si não sejam memórias, são ferramentas para estabelecer a memória pessoal e a coletiva. Elas ajudam as pessoas a processar, a preservar e a reconstruir suas experiências. Ademais, dados os recentes desastres ambientais de 2023/2024, considera-se o Vale do Taquari como um lugar de perpetuação das memórias traumáticas da população local que passou por duas enchentes recentes. Diante do cenário de pós-destruição imediata, o fotógrafo Brian Baldrati registrou, no projeto Retratos Desconhecidos, fragmentos da história visual e da história oral dos gaúchos desta região. Baldrati tem como um dos seus focos retratar a diversidade de experiências e a vida do povo brasileiro. Dada a extensão da tragédia no RS e o impacto que teve no país — um exemplo para um futuro próximo no qual o convívio com os impactos das mudanças climáticas será a tônica —, o trabalho de Baldrati é uma forma de registrar e de interpretar as vivências desses milhares de brasileiros. Sendo assim, questiona-se: como a fotografia pode ser uma ferramenta de preservação da memória em contextos de desastres ambientais? Portanto, esta pesquisa objetiva analisar o papel da fotografia documental na construção e na preservação da memória de comunidades afetadas por desastres ambientais, com foco nos registros visuais e orais, compreendendo como isso auxilia na formulação de estratégias de construção de memória social. Os resultados preliminares são baseados na interseção entre os campos da História, da Memória e da Fotografia, e as imagens de Baldrati. Com a análise inicial permite-se identificar que as fotografias e os registros audiovisuais do fotógrafo, como documentos históricos dos desastres, são fontes de informação, de expressão de memória, de preservação e de difusão de experiências individuais e coletivas representativas da população local. Logo, estas imagens são elementos destes momentos que trazem para o debate público e auxiliam na compreensão de um conjunto de questões sociais atreladas a essa tragédia. Percebe-se, ainda, o potencial de capitalizar e de promover a consciência social para que outras pessoas vejam, compreendam e ajam no auxílio e reconstrução local, buscando evitar catástrofes similares.

**Palavras-chave:** Fotografia. Memória. Preservação. História. Desastres Ambientais.



## A DOBRA EPIGRÁFICA: PRODUZINDO UM ÁLBUM DE EPÍGRAFES COM TESES E DISSERTAÇÕES DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UFRGS

*Isadora Yasmin de Mello Borges, Cristiano Bedin da Costa*

**Resumo:** A epígrafe, enquanto gesto inaugural de um texto, é uma citação que pode orientar os rumos de uma obra. Sozinha na página, entrelaça os papéis de autor e de leitor. Sob um viés etimológico, relaciona-se com as noções de “inscrição” e “inscrição acima de”. A epígrafe, portanto, surge como uma primeira incursão no tecido das citações. No âmbito acadêmico, apresenta-se como a união entre os aspectos institucionais (tema, problema e aspectos gerais do estudo) e circunstâncias íntimas de uma vida (gostos, interesses e preferência pessoais, a parcela de saber livre de avaliação), funcionando como uma dobra que entrelaça o dentro e o fora de uma pesquisa. Este estudo toma como Arquivo Base o catálogo de Teses e Dissertações produzidas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e tem como objetivo inventariar, analisar e escrever com epígrafes de pesquisas de Mestrado e Doutorado desenvolvidas no Programa. Para realizar essa investigação, a pesquisa assume uma lógica arquivística de apropriação e reescritura de citações epigráficas alógrafas, entendidas como vestígios afetivos, liminares e de segunda mão da cultura educacional em relevo, sendo amparada pela teoria de autores como Michel Foucault, Walter Benjamin e Marjorie Perloff. Em um primeiro momento, realiza-se um trabalho de inventário, no qual se gerencia citações e se estabelece um movimento contínuo de arquivamento epigráfico. Trata-se de encarar esse arquivo como um encontro de matérias heterogêneas, de modo a deslocar os modos de apropriação e de recriação na produção de conhecimento. Tal operação de apropriação e transcrição do arquivo é operacionalizada a partir da noção de Álbum, proposta por Roland Barthes nas suas últimas lições. Assim, em um segundo momento da pesquisa, procede-se para a montagem do Álbum das epígrafes, momento em que se faz uma série de costuras textuais, de construções fragmentadas, um movimento de articulação dos elementos heterogêneos do arquivo, que agem como novos princípios de escrita. O arquivo é mobilizado por montagens inventivas e não hierarquizadas dos elementos textuais inventariados. Dessa forma, faz com que seus efeitos incidam ao mesmo tempo na renovação das leituras de produções passadas e na reconfiguração das matrizes expressivas e dos modelos de autoria presentes.

**Palavras-chave:** Epígrafe. Dobra. Arquivo. Apropriação.

## OS QUATRO ELEMENTOS E A IMAGINAÇÃO MATERIAL EM BACHELARD

Ivan Jeferson Kappaun

**Resumo:** A imagem emerge e se enraiza no instante mesmo de sua criação, assim como o poeta só o é em ato, nem antes e nem depois. É o ato poético que inventa seus meios - irrepetíveis - e que faz do humano, que habita a linguagem poética, poeta. Desse modo, a temática do presente trabalho discorre acerca da imaginação material dos quatro elementos a partir dos escritos de Gaston Bachelard, para pensar sobre como nos relacionamos com o mundo, propondo uma relação mais encarnada com o mesmo e nos lançando em direção ao originário. Como modo de circunscrever um campo de pensamento assumo o método fenomenológico, que me coloca como partícipe do fenômeno na pretensão de retornar às coisas mesmas. Da descrição fenomenológica, quero propor uma reflexão filosófica acerca de como a relação entre corpo e mundo, permeada pelos quatro elementos em Bachelard, a mim se mostra. A partir disso, problematizo modos redutores da experiência humana em habitar o mundo em linguagem e interrogo como a imaginação material e o devaneio sobre os quatro elementos pode oferecer a abertura para outras experiências de vida. Bachelard explora a imaginação material nos quatro elementos, com destaque ao fogo como metáfora da transformação. O fogo aquece memórias e convida ao devaneio consciente, evocando desejo, temor e renovação. Essa imaginação combina elementos e impulsiona a criação, transcendendo a necessidade imediata do cotidiano. Na travessia dos elementos, o devaneio se inscreve como experiência que excede o visível e ressoa no corpo, na matéria e no tempo. Do fogo que consome e transmuta à água que flui e dissolve, do ar que eleva ao solo que acolhe, cada um convoca gestos e afetos singulares, instaurando um campo sensível onde a imaginação se faz presença. Entre resistência e maleabilidade, a matéria não se deixa dominar sem oferecer sua própria vontade, e a mão que modela, sonha. A imaginação criadora não é mera reprodução do mundo dado, mas um convite ao encontro com aquilo que se revela no ato mesmo de fabricar. Assim, nos ritmos da mão e da matéria, a poética da experiência se realiza - não como fim, mas como errância incessante, onde o humano se dá a ver naquilo que insiste em sonhar. A pesquisa sobre a imaginação poética revela um retorno ao desconhecido, e a casa da infância emerge como metáfora potente para o retorno ao originário. A imaginação poética cria novas imagens que abrem portas para mundos possíveis, desafiando a percepção racional do mundo. A partir de tais considerações, penso que o fenômeno de habitar o mundo requer a emergência de um pensamento que considere o retorno ao originário, que busque e tensione sentidos outros para os modos como nos relacionamos com o mundo. Diante dos eventos climáticos que tornam-se, infelizmente, cada vez mais frequentes, urge a necessidade de repensarmos nossa relação com o mundo e a disposição imagética - do devaneio diante da materialidade do mundo - pode ser um potente modo de abertura para experiências mais mundanas.

**Palavras-chave:** Imaginação. Linguagem. Experiência. Mundo. Quatro elementos.

### Referências

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1989. BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BACHELARD, Gaston. *A psicanálise do fogo*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios da vontade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios do repouso*. São Paulo: Martins Fontes, 1990b.

BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1990a.



## CORPO-PAISAGEM: (GEO)POÉTICAS DO VIVER E NARRATIVAS DO ESPAÇO

*Jean Michel Valandro, Lucas George Wendt*

**Resumo:** Com a recorrência de desastres climáticos nos tempos atuais, cresce o interesse por debates que envolvem a conexão entre o sujeito e o território. Essas discussões buscam repensar as relações entre humanos e a natureza com base em vivências que contribuem para a formação da subjetividade dos indivíduos e, para tal, propõem uma visão em que o ser humano é compreendido como parte integrante e simbiótica do mundo natural ao seu redor. Nesse nexos, este estudo busca discutir como uma abordagem que preconiza uma produção artístico-literária, em que estão integradas as escrevivências e a geopoética, pode contribuir tanto para a conscientização e a transformação de hábitos quanto para o processo de cura por meio da escrita, especialmente no contexto de pessoas afetadas por desastres ambientais. Esta pesquisa está apoiada na teoria pós-estruturalista e na abordagem pós-qualitativa, que propõe linhas de fuga das metodologias mais estanques e é frequentemente utilizada em investigações envolvendo produções artísticas, por seu caráter mais aberto. Inspirada pelo pensamento pós-estruturalista e pós-humanista, essa perspectiva rejeita a ideia de que a realidade pode ser completamente capturada por narrativas ou categorias predefinidas. Em vez disso, enfatiza a fluidez, a experimentação e a co-criação do conhecimento, considerando múltiplas vozes e materialidades. Assim, a pesquisa torna-se um processo aberto, em que não são propostos métodos, mas sim percursos metodológicos que emergem a partir das interações e do próprio fluxo da investigação. Para esta pesquisa, tal abordagem é particularmente importante, pois ela considera de suma importância a textualidade, entendendo as reelaborações textuais como importantes resultados do processo investigativo. Nesse contexto, a escolha pela escrita de si - no papel das escrevivências - deu-se porque essa classe de produção artístico-textual atua como um instrumento de ressignificação do passado, permitindo a reconstrução de memórias e experiências em novos contextos que propiciam o debate, a reflexão e a visualização da questão tratada a partir de diversas perspectivas, hipótese já comprovada em pesquisas previamente desenvolvidas. Além disso, quando associada à geopoética, essa prática também incentiva uma maior compreensão sobre a forma como percebemos e nos conectamos aos ciclos ecológicos da Terra, o que permite (re)pensar nossos hábitos de consumo, a maneira como agimos com relação ao ambiente que nos cerca e de que maneira ele nos impacta nos acontecimentos do dia a dia ou nos mais pontuais, como no caso dos desastres climáticos ocorridos em maio de 2024.

**Palavras-chave:** Escrevivências. Geopoéticas. Desastres climáticos. Paisagem.

## ÍM(PAR): PROCESSOS COMPOSICIONAIS EM PARCERIA

*João Pinheiro Brod, Julio Herrlein*

**Resumo:** Este trabalho apresenta o processo de composição, desenvolvimento e produção do EP Ím(par), resultado do meu Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Música Popular na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Seu objetivo foi produzir um trabalho de canções autorais, com ênfase em parcerias musicais. Dessa forma, o EP conta com cinco composições minhas, em colaboração com parceiros e colegas da universidade que somam no projeto como letristas, cantores e instrumentistas. O trabalho também conta com um memorial descritivo que, em um momento biográfico, traz relatos da minha trajetória musical, desde meus primeiros contatos com a música até o desenvolvimento do projeto. Além disso, traz também as motivações da escolha do tema, aliadas a elementos e referências de pesquisas sobre a canção brasileira e sobre parcerias na música popular brasileira. Todas as composições seguiram um mesmo processo metodológico, baseado em parcerias como as de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, nas quais se observa que as funções de letrista e compositor da música costumavam ser bem definidas e claramente estabelecidas. Além disso, a música comumente antecedia a letra. Dessa maneira, buscou-se uma organização parecida para este projeto, no qual fiquei responsável pela construção da parte musical das composições, contando posteriormente com a participação de diferentes letristas para cada canção. Xico Chagas, Tiago Fischer, Sara Oliveira e Rodrigo Brod são os letristas de 4 das 5 composições do EP. O arranjo, a produção e a gravação das composições também fizeram parte do trabalho. Os arranjos, criados por mim, foram executados por colegas instrumentistas, em sessões de gravação que aconteceram nos estúdios da UFRGS, no estúdio Tec Áudio e até mesmo em nossas casas. Análises e referências das composições, depoimentos do processo de criação dos arranjos e registros das sessões de gravação também fazem parte do memorial descritivo. Enxergo Ím(par) como uma maneira que encontrei de amarrar tudo o que vivi antes e durante a universidade. É, de certa forma, uma colagem de diversas influências e memórias que acumulei durante minha trajetória. Também foi a minha primeira experiência como compositor e por isso, consegui me desprender de algumas inseguranças e compor livremente, sem nenhum julgamento. Embora tenha sido um processo bastante intuitivo, que envolveu diversas pessoas, vejo que conseguimos chegar a uma obra bastante sólida, que reúne diferentes propostas musicais e as organiza em uma roupagem característica, com instrumentação e arranjos que constroem uma textura comum a todas as canções. Ím(par) é um álbum de canções compostas em parceria, é a junção de duas (ou mais) peças que formam uma só, de um par que é único, que é Ím(par).

**Palavras-chave:** Música. Composição. Canção. Arranjo. Parceria.

## PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL PARA IMIGRANTES NO PROJETO VEM PRA CÁ: ANÁLISE DOS IMPACTOS NA COMUNIDADE

*Maristela Juchum*

**Resumo:** Na região do Vale do Taquari, atualmente, vive um número expressivo de refugiados e migrantes de diferentes nacionalidades, em especial, senegaleses, haitianos, angolanos e venezuelanos, que trabalham ou estão à procura de emprego. Segundo dados do Sistema de Registro Nacional Migratório, desde o ano de 2000, 2146 migrantes obtiveram o Registro Nacional Migratório como habitantes do município de Lajeado. Essa nova realidade, em um processo de migrações, fuga de áreas em conflito e miséria, instaurou uma nova demanda: implementação de projetos que visem ao ensino do português como língua adicional a esses migrantes e refugiados. Nesse contexto, visando à inserção social de grupos de refugiados e migrantes foi criado no ano de 2014 o Projeto de extensão Vem pra cá, vinculado ao Programa Arte, Linguagem e Memória, da Universidade do Vale do Taquari - Univates. Desde que foi criado, cerca de 850 migrantes e refugiados já participaram das aulas de português. No ano de 2024, o projeto teve 37 participantes — a média de frequência semanal era entre 10 e 20 alunos, com idades entre 18 e 50 anos. Trata-se, pois, de alunos provenientes de diferentes países, falantes de diferentes línguas e, em sua maioria, bilíngues ou multilíngues. A turma, cabe destacar, é miscigenada em muitos sentidos: culturas, vivências, idade e, também, níveis de escolaridade. Considerando se tratar de um projeto de extensão universitária, as aulas de língua portuguesa são planejadas por acadêmicos voluntários e pela bolsista, em conjunto com a coordenadora do projeto, que também ministra e acompanha as aulas. Para que as aulas de língua portuguesa ocorram, são realizadas reuniões semanais para estudo e planejamento. Partindo da visão sociointeracionista do ensino de língua portuguesa como língua adicional, o grupo de professores e voluntários planeja unidades didáticas com base em temáticas que sejam do interesse dos alunos e que propiciem a eles ser cidadãos, como: trabalho, saúde, alimentação e cultura. Este trabalho tem por objetivo apresentar alguns impactos do projeto na comunidade foco das ações extensionistas. Para dar conta desse objetivo, foram gerados dados por meio de um questionário. O questionário, composto por sete questões, foi respondido por 10 imigrantes que participaram regularmente das aulas do Vem pra cá no semestre B/2024. O referido instrumento foi aplicado no dia 19 de novembro, no decorrer da aula, de forma presencial. Os dados gerados denotam que o principal motivo que leva os imigrantes a procurar o Projeto Vem pra cá é o de aprender o português. Isso nos faz perceber que o desconhecimento da língua é algo extremamente complicado para quem chega ao Brasil e precisa se inserir na sociedade local. Conclui-se que as aulas de língua portuguesa, compreendendo o português como língua adicional, são, por sua vez, a possibilidade de esses sujeitos exercerem sua cidadania, integrarem-se na sociedade e no mercado de trabalho.

**Palavras-chave:** Projeto de extensão. Imigrantes. Impactos sociais.



## RUÍNAS E RESISTÊNCIA: O IMAGINÁRIO SIMBÓLICO NAS FOTOGRAFIAS DA ENCHENTE DE 2024

*Renata Lohmann, Carolina Alberton Leipnitz*

**Resumo:** A enchente de maio de 2024 no Vale do Taquari, a mais devastadora das últimas décadas, causou danos significativos a diversas cidades da região, incluindo Lajeado. O avanço das águas levou à evacuação de áreas ribeirinhas, interrupção de serviços básicos e destruição de infraestruturas públicas e privadas. Além disso, a tragédia mobilizou esforços de resgate, assistência humanitária e ações emergenciais por parte das autoridades e da sociedade civil. A catástrofe evidenciou a vulnerabilidade das populações atingidas e a importância da memória coletiva para ressignificar eventos de grande impacto. Diante desse cenário, este artigo propõe a análise de 10 fotografias registradas pela fotógrafa Carolina Leipnitz, buscando compreender o imaginário simbólico presente nessas imagens. O objetivo geral do estudo é identificar e interpretar os símbolos visuais nas fotografias, relacionando-os ao contexto histórico, social e cultural da enchente. A pesquisa questiona: como os registros fotográficos da tragédia evocam e constroem significados simbólicos sobre o evento e seus impactos? A abordagem metodológica adotada é qualitativa, ancorada na mitocrítica de Gilbert Durand. A pesquisa fundamenta-se em levantamento bibliográfico para embasamento teórico, análise simbólica das imagens e entrevista em profundidade com a fotógrafa Carolina Leipnitz. A partir da Teoria Geral do Imaginário, de vertente arquetipológica, busca-se compreender como a consciência da morte e a transitoriedade da vida se refletem na produção imagética da enchente. A mitocrítica permite o recenseamento de imagens simbólicas presentes nas fotografias, possibilitando situá-las em um contexto mais amplo de significações. Os resultados parciais indicam que as fotografias analisadas apresentam elementos simbólicos recorrentes, como ruínas, barro, vazios e destruição. São imagens que não evocam o movimento e a turbulência das águas, mas o silêncio e quietude após o desastre. Esses elementos reforçam um imaginário coletivo de destruição, solidão e permanência, caracterizando a enchente não apenas como um desastre natural, mas como um evento carregado de significados sociais e culturais. Além disso, as imagens destacam aspectos emocionais através de objetos e ressaltando ausências, expressando dor, resiliência e solidariedade. A análise revela que a fotografia documental desempenha um papel fundamental na construção da memória coletiva, preservando narrativas visuais que auxiliam na interpretação e ressignificação de tragédias. O estudo contribui para ampliar a compreensão sobre a função das imagens na formação de um imaginário social e na construção de identidades individuais e coletivas. Dessa forma, as fotografias não apenas documentam a destruição provocada pela enchente, mas também atuam como veículos de reflexão sobre os impactos emocionais e simbólicos desse evento na vida das comunidades atingidas.

**Palavras-chave:** enchente. fotografia documental. imaginário. simbologia. memória coletiva.

## ARTE NA UNIVERSIDADE: EXPERIMENTAÇÃO, REPERTÓRIOS E ENCONTROS

*Rosiene Almeida Souza Haetinger, Fabiane Olegário, Augusto Alves, Cristiano Zluhan Pereira*

**Resumo:** Este trabalho tem como intuito apresentar o evento “Arte na Universidade”, realizado na Universidade do Vale do Taquari (Univates), em Lajeado/RS, e refletir acerca das potencialidades das experiências estéticas no ambiente acadêmico. O evento visa promover a arte no contexto universitário, enfatizando a experiência estética como um elemento crucial na formação de estudantes, funcionários técnico-administrativos e da comunidade externa, permitindo a experimentação de diversas manifestações artísticas e culturais. Uma das premissas do “Arte na Universidade” é de que a experimentação artística amplia os sentidos e repertórios, sendo possível explorar o pensamento e estimular o senso crítico e estético. Ainda, procura-se mostrar aos participantes que a arte não está desassociada da vida e tampouco se encontra distante do cotidiano. Em função disso, as propostas artísticas e culturais do evento não se restringem aos artistas, porque entende-se que a arte também pode ser produzida por pessoas consideradas não artistas, pois se trata de “um convite à experimentação, [...], à invenção, a partir da forma pela qual cada pessoa se relaciona ou se reconhece na relação” (Ka, 2021, p.18). A Univates, que tem como visão institucional “ser uma universidade de impacto social, cultural, econômico e tecnológico”, promove anualmente o referido evento, que concentra em um único dia diversas atividades que mostram a riqueza que a arte pode oferecer. Desde 2017, com exceção dos anos 2020 a 2022 em função da pandemia de Covid-19, cada nova edição do Arte na Universidade oferece uma programação diversificada que abrange diferentes linguagens artísticas, como música, teatro, dança e artes visuais, destinada tanto à comunidade acadêmica quanto à comunidade externa. Em sua quarta edição, realizada em 2024, o evento juntou-se às comemorações alusivas aos 10 anos do Centro Cultural Univates e envolveu mais de mil pessoas em três dias de evento. Foram propostas diversas atividades: oficina de jogos, contação de história, oficina de grafite, oficina de stand up, oficina de pintura, teatro, palestras, música ao vivo, batalha de rima, aula de zumba, sarau, roda de capoeira, entre outras. Dentre elas, destacamos uma oficina de pintura mural, conduzida por um artista que desenvolveu a obra contando com a colaboração de estudantes de escolas da rede pública e privada. Mais do que simplesmente criar uma pintura na parede do prédio 3 da Univates, a ação envolveu os jovens no processo criativo, estabelecendo laços com o artista e contato com a arte em uma relação dialógica de grande significado para ambos. Nessa interlocução coletiva, podemos notar o quanto “a arte é polissêmica, [...] aberta a múltiplas variáveis” (Ka, 2021, p.17) e maneiras de interação, sem contar no movimento disruptivo que ela proporciona para aqueles(as) que se permitem a experimentar novas sensações a partir de encontros inusitados com a obra artística.

**Palavras-chave:** Arte. Arte na Universidade. Experimentação.

### Referências

KA, Sandro. *As coisas do mundo como coisas da arte*. In: CUNHA, Suzana Rangel Vieira da; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. *Arte contemporânea e docência com crianças: inventários educativos*. Porto Alegre: Zouk, 2021.

## AS BAGAGENS BOJUNGUIANAS DE “ANGÉLICA”

*Vanessa Weber Sebastiany, Darliana Sidicléa França, Ângela Cogo Fronckowiak*

**Resumo:** *Angélica* (1975) é a segunda obra de Lygia Bojunga. O livro integra o conjunto de obras da autora, reconhecido e premiado nacional e internacionalmente e marcado por temas fraturantes voltados para questões identitárias, estrutura familiar e escolar, desigualdades sociais e protagonismo feminino infantil e juvenil. Características como monólogo interior, personagens que vivenciam a arte, presentificam o universo onírico e inconsciente, além de enriquecer o espaço da imaginação, atuam como direcionadores sequenciais nas narrativas, já que estas não costumam seguir linearidade temporal. Os diversos níveis de leitura sem prejuízo frutivo possibilitados pela escrita bojunguiana atraem leitores de diferentes faixas etárias, o que as situa no universo da literatura crossover. Além disso, quando há a inserção de personagens animais, os atributos e comportamentos humanos são intensificados, o que confere maior percepção e valorização da infância e do seu devir para o público. Esses aspectos, aliados à experiência da autora no teatro, transparecem, vigorosamente, em *Angélica*. O enredo traz a elaboração psicológica da realidade cotidiana da cegonha Angélica e do porco, que se autoneomeou Porto. A criação e a apresentação de uma peça teatral que reflete as dificuldades enfrentadas por eles no cotidiano os conduz a transpor essas barreiras e aproximarem-se de si mesmos, tendo a arte como caminho. A obra vai traçando a busca por autoconhecimento, assumido conscientemente pelos personagens, indo ao encontro do que Carl Gustav Jung descreveu como individuação. É um processo que ocorre ao longo da vida e que visa integrar consciente e inconsciente de modo que um se acomode no outro, complementando-se mutuamente. Nesse sentido, a construção narrativa de personagens em *Angélica* se aproxima da concepção de Jung (1964), quando explica que os símbolos conduzem ao equilíbrio do ser, ao representarem tentativas naturais da reconciliação e união dos elementos antagônicos da psique. Tendo em vista tais considerações, este trabalho apresenta a relação da imagem simbólica da bagagem, recorrente no universo bojunguiano, com a percepção pelo leitor da completude humana dos personagens e do seu processo de individuação para responder de que forma essa simbologia aprofunda a complexidade sugerida pelo enredo. A pesquisa bibliográfica voltada para o estudo da obra *Angélica* sugere uma noção de bagagem mais ampla do que se costuma supor. Ela se liga também à imagem do ovo, do qual nasce (e quase desnasce) a protagonista Angélica e que, por sua vez, lembra a origem da ideia envolta por uma casca, presente que Porto dá para a protagonista, que leva à elaboração psicológica e às artes cênicas que acabam se encorajando e impulsionando mutuamente no movimento de descoberta.

**Palavras-chave:** Lygia Bojunga. Imagem simbólica da bagagem. Infância e personagens literários. Arte e individuação.

### Referências

- BOJUNGA, Lygia. *Angélica*. 25. ed, Ilustrações de Vilma Pasqualini. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2019.
- JUNG, Carl G. et al. *O Homem e seus símbolos*. Tradução Maria Lúcia Pinho. 6. ed, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1964.



## PROJETO DE EXTENSÃO LINGUAGENS: PALAVRAS E IMAGENS: O X FESTIVAL ESCOLAR REGIONAL DE CINEMA E LITERATURA: CRÔNICAS DE JOSÉ FALERO

*Vitoria Scherer Schmidt, Flávio Roberto Meurer, Rosiene Almeida Souza Haetinger*

**Resumo:** O objetivo do presente trabalho é apresentar o Projeto de Extensão Linguagens: palavras e imagens bem como as ações desenvolvidas no ano de 2024, quando este completou dez anos. O projeto tem como proposta máxima contribuir, por meio da arte, para a formação literária e audiovisual de estudantes do Ensino Médio de escolas da região do Vale do Taquari, com vistas à produção de uma adaptação literária em forma de curta-metragem para ser apresentado no Festival Escolar Regional de Cinema e Literatura, o qual ocorre no final do ano no Teatro Univates. Para isso, busca-se conectar estudantes do Ensino Médio de escolas da região às linguagens literária e audiovisual por meio de atividades e oficinas trabalhadas ao longo do ano, promovendo, também, um trabalho coletivo (GERBASE, 2012) entre esses estudantes. Após a produção dos curtas, o professor da turma participante envia o material para avaliação da equipe do projeto, composta pelos professores extensionistas e pela bolsista com o intuito de fazer uma pré-seleção e escolher os finalistas, que serão exibidos no referido Festival, que premia e celebra as atuações, produções e edições dos estudantes. No ano de 2024, o projeto teve como temática as crônicas da obra *Mas em que mundo tu vive?* (2021), do autor gaúcho José Falero. A partir dessa temática, diversas atividades e oficinas foram ofertadas para os alunos, tais como: “Conhecendo o autor”, “Linguagem audiovisual”, “Roteiro e escaleta”, “Fotografia”, “Cine-debate” e outras que foram ministradas pelos professores extensionistas, a bolsista e pelos voluntários do projeto. Ao todo cinco escolas participaram da noite do Festival, tendo seus curtas contemplados no telão do Teatro Univates. Como resultado, foi possível observar um aumento de qualidade das produções dos estudantes em relação ao ano anterior, tanto na técnica cinematográfica quanto na capacidade de apropriação da obra do referido autor. Para além disso, o processo de ensino-aprendizagem durante o ano mostrou ser uma experiência transformadora para todos os envolvidos, que puderam estabelecer trocas significativas com a comunidade escolar, com a literatura e com a linguagem audiovisual, compreendendo mais sobre as traduções intersemióticas (JAKOBSON, 1999) e sobre as interconexões dessas duas linguagens em pauta. Nesse sentido, acredita-se que o projeto contribui para formar leitores de imagens e palavras e, consequentemente, cidadãos críticos e criativos, preocupados em compor uma sociedade melhor e mais empática.

**Palavras-chave:** Cinema. Literatura. Ensino Médio. Extensão.

### Referências

GERBASE, Carlos. Cinema: primeiro filme - descobrindo, fazendo, pensando. São Paulo: Artes e Ofícios, 2012.  
JAKOBSON, Roman. Aspectos linguísticos da tradução. In: Linguística e comunicação. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.



# GT 5. Filosofia e Direitos Humanos

**IX DIÁLOGOS**  
na contemporaneidade

**POR OUTROS MODOS**  
*DE PENSAR A VIDA, A*  
**TERRA E NOSSO JEITO**  
*DE ESTAR NO MUNDO*



## EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: UMA EXPERIÊNCIA DE PARCERIA ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLAS

*Jovana Luísa Horst, Garine Keller, Márcia Solange Volkmer e Leila Viviane Scherer Hammes*

**Resumo:** A escola é um espaço para a construção de valores voltados à cidadania, à democracia e ao respeito às diversidades. No entanto, desafios como o bullying e a exclusão social ainda fazem parte da realidade de muitas instituições de ensino. O projeto de extensão “Educação em Direitos Humanos no Contexto Escolar”, iniciado em 2018, busca contribuir para a formação de um ambiente escolar mais inclusivo e democrático, promovendo a reflexão sobre os direitos fundamentais. O principal objetivo do projeto é criar um diálogo entre a universidade e as escolas, promovendo a troca de saberes entre professores, alunos da educação básica e estudantes universitários. Por meio de oficinas e debates, o projeto visa sensibilizar a comunidade escolar sobre a importância da educação em direitos humanos, abordando temas como bullying, interculturalidade e a promoção de uma cultura de paz. Metodologicamente, o projeto adota uma abordagem colaborativa e interdisciplinar, envolvendo acadêmicos do curso de Direito, por meio do componente curricular extensionista de Direitos Humanos, para atuar diretamente com os alunos da educação básica. As atividades são realizadas em parceria com as secretarias municipais de educação de Lajeado e Estrela e Rede Estadual de ensino, e incluem ações com estudantes do ensino fundamental e médio. As oficinas são planejadas conforme a faixa etária dos alunos, utilizando recursos didáticos diversos, como vídeos, dinâmicas interativas e discussões orientadas, garantindo que os temas abordados sejam acessíveis e instiguem a participação dos estudantes. Desde sua criação, o projeto já impactou mais de 800 alunos da educação básica e 70 estudantes universitários, além dos professores das escolas que se tornam parceiros no projeto. A experiência tem demonstrado que a interação entre os diferentes atores da comunidade escolar é essencial para transformar a maneira como os direitos humanos são compreendidos e vivenciados no dia a dia da escola. Os resultados obtidos até o momento indicam que a abordagem prática e dialógica adotada pelo projeto contribui significativamente para a conscientização dos alunos da educação básica. Além disso, a experiência dos acadêmicos envolvidos no projeto reforça a importância da extensão universitária como ferramenta de aprendizagem e transformação social. O maior desafio do projeto é despertar o interesse dos estudantes do ensino básico para a discussão de temas sociais, muitas vezes vistos como distantes de sua realidade, pouco relevantes para o dia a dia, ou irresolúveis. Para isso, buscamos metodologias interativas, como debates sobre situações concretas, estudos de caso e simulações que aproximem os direitos humanos de suas vivências. Ao tornar o aprendizado mais dinâmico e conectado às suas experiências, o projeto não apenas permite o conhecimento, mas também fomenta um engajamento genuíno, essencial para a construção de uma sociedade mais crítica e participativa.

**Palavras-chave:** Direitos Humanos. Educação. Universidade. Projeto de Extensão.



## EVASÃO NO ENSINO MÉDIO NOTURNO NA E.E.E.M. REYNALDO AFFONSO AUGUSTIN, TEUTÔNIA/RS

*Moacir Peters, Neli Teresinha Galarce Machado*

**Resumo:** A evasão escolar compromete a formação dos jovens e impacta o desenvolvimento socioeconômico das comunidades. O presente estudo, parte de uma dissertação de mestrado em andamento no PPGEnsino da Univates, investiga os fatores que influenciam a evasão escolar no turno noturno do Ensino Médio da EEEM Reynaldo Affonso Augustin, em Teutônia/RS, entre 2013 e 2023. A pesquisa adota uma abordagem analítica e considera fatores sociais, culturais e pedagógicos que impactam a permanência dos estudantes na escola. Os dados indicam um cenário preocupante: em 2023, 24,05% dos alunos matriculados no turno noturno foram reprovados e 18,86% abandonaram os estudos. Esses índices superam as médias estaduais e nacionais, refletindo uma crise educacional local. A taxa de infrequência de 78,43% entre os reprovados reforça a relação entre baixa assiduidade e fracasso escolar. A falta de funcionalidades no Sistema de Gestão da Rede Estadual de Ensino (ISE) para monitoramento da evasão escolar também compromete a eficácia das políticas públicas. No contexto estadual, 7,2% dos jovens entre 14 e 18 anos estão fora da escola e não concluíram o Ensino Médio. Esse fenômeno atinge de forma mais grave as comunidades quilombolas, indígenas e rurais, destacando desigualdades estruturais. Alguns fatores explicam os dados apresentados. A necessidade de trabalhar para ajudar no sustento da família é uma das principais razões para o abandono escolar, especialmente entre jovens que estudam à noite. A falta de recursos financeiros dificulta a conciliação entre trabalho e estudo. Além disso, conflitos familiares, instabilidade emocional, falta de apoio, cansaço e a ausência de pertencimento à comunidade escolar também contribuem para o fracasso escolar. Muitos estudantes do turno noturno se sentem diminuídos e excluídos ao compararem sua experiência de aprendizado com a do turno diurno, o que aumenta a evasão. Apesar dos bons índices educacionais gerais do município, a evasão noturna na EEEM Reynaldo Affonso Augustin aponta para desafios que exigem intervenções urgentes. A pesquisa utiliza documentos escolares e questionários online para compreender esse fenômeno e propor soluções que possam mitigar a evasão e promover a permanência dos estudantes. Conclui-se que políticas educacionais mais inclusivas e eficientes são essenciais para garantir o acesso e a continuidade dos estudos, especialmente entre as populações mais vulneráveis.

**Palavras-chave:** Evasão. Escola. Noturno. Permanência.



# GT 6. Decolonialidade: Histórias, Pessoas e Territórios

**IX DIÁLOGOS**  
na contemporaneidade

**POR OUTROS MODOS**  
*DE PENSAR A VIDA, A*  
**TERRA E NOSSO JEITO**  
*DE ESTAR NO MUNDO*



## ARREBANHANDO VIDA, MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE PELA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL ENTRE VALES E ARROIOS (RS)

*Ana Gelsemina Galafassi, Wallace Araujo de Oliveira*

**Resumo:** Os episódios ambientais ocorridos no Rio Grande do Sul (RS) em 2023 e 2024 são o reflexo da ação humana no planeta em que habita. Deixando marcas nas pessoas e territórios, transformam as paisagens internas e o exterior. Este estudo tem por objetivo propor um diálogo sob a perspectiva do patrimônio cultural, dada a possibilidade de refletir e agir no viés da educação patrimonial diante do que ainda resiste neste território. Partindo do questionamento se há relação entre espaço, cultura e educação patrimonial (sugerida numa disciplina da Pós-Graduação em Turismo Cultural e Educação Patrimonial, do Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos-IPN, do Rio de Janeiro), encontramos no Arrebanhando - Residência Artística Urbana (RAU), a convergência desses conceitos e o cenário das cheias no Vale do Taquari, RS. A educação patrimonial como instrumento para a consciência de cidadania, memória e valorização do local são algumas das problemáticas que se apresentam neste trabalho. Como a educação patrimonial pode contribuir com o olhar para este lugar e recuperar valores, saberes e fazeres dos povos que nos antecederam? Tendo como base teórica a territorialidade, que envolve as dimensões espacial e relacional entre os atores sociais (Haesbaert, 2010), o lugar que adquire um caráter subjetivo e das referências pessoais, a partir da afetividade e sentido de pertencimento (Bartoly, 2011) e a educação patrimonial no intuito de sensibilizar as pessoas sobre o nosso patrimônio material e imaterial, centrada na formação de vínculos (Fontal, 2003). O RAU, como objeto de pesquisa, é um território herdado da família Jung e que, supostamente, teria sido um lugar de vivências ancestrais de comunidades indígenas, transformou-se pela extração e uso do barro na confecção de tijolos, passou a ser um espaço criativo e ateliê de cerâmica e, com as chuvas, converteu-se como depósito da lama. Entende-se assim que a paisagem foi se transformando, e nos convidando a olhar e pensar a vida, ali localizada ou, quiçá, deslocalizada. O RAU integra o roteiro turístico Entre Vales e Arroios, na cidade de Arroio do Meio (RS) e, com as mudanças climáticas, ficou impossibilitado de voltar a ser habitado. A sua contribuição em resgatar os saberes das mulheres Guarani como a técnica do acordelado no processo de confecção de vasos com funções utilitárias e simbólicas, considera-se o encontro com uma prática da educação patrimonial. A água deixou à mostra, desvelou vestígios de comunidades ancestrais que habitaram o Vale do Taquari e, com isso, destacamos a importância de pesquisas e projetos que abordem o patrimônio material e imaterial deste território. Em relação ao objeto de estudo, infere-se que, através das mãos e do barro, a expressão humana e a arte, moldaram esta paisagem cultural. Com base no que foi apresentado, defende-se que existam outros “modos de pensar a vida, a terra e o nosso jeito de estar no mundo” e encontramos, na educação patrimonial, uma possibilidade.

**Palavras-chave:** Arrebanhando. Residência Artística Urbana. Território e Memória. Educação Patrimonial. Mulheres Guarani.

### Referências

- BARTOLY, F. S. Debates e perspectivas do lugar na geografia. GEOgraphia (UFF), v. 26, p. 66-91, 2011. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/454/325>>. Acesso em: 15/02/2025.
- FONTAL, O. M. La educación patrimonial centrada en los vínculos. El origami de bienes, valores y personas. Ediciones Trea, 2023. HAESBAERT, R. Território e multiterritorialidade: um debate. GEOgraphia, v. 9, n. 17, 8 fev. 2010. <<https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13531>>. Acesso em: 15/02/2025.



## SABERES ANCESTRAIS: A ETNOCIÊNCIA NA SECAGEM DA TRAÍRA NA BAIXADA MARANHENSE

*Fátima de Jesus Soares Corrêa, Jadson Fernando Rodrigues Reis, Jully Hellen dos Santos Carvalho, Jamilly Sara Froes Serra, Gabrielle Victoria Pereira Goes*

**Resumo:** Os estudos apresentados neste resumo são decorrentes do projeto de pesquisa “Análise dos saberes e técnicas envolvidos no processo de secagem da traíra por parte dos pescadores da cidade de Pinheiro (MA) na perspectiva da etnociência”, realizado no Instituto Federal do Maranhão (IFMA), com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA). A Baixada Maranhense é uma região caracterizada por uma grande diversidade de ecossistemas, que vão desde campos aluviais e manguezais até florestas de várzea e vastos babaçuais. Economicamente, a Baixada se sustenta principalmente pela agricultura, pecuária e pesca artesanal, destacando o consumo de peixes como a traíra (*Hoplias malabaricus*), valorizada por sua adaptabilidade e qualidade da carne. Esse peixe é preparado, sobretudo, cozido no leite de coco babaçu ou frito no óleo de babaçu. Uma importante forma de comercialização da traíra é a versão seca, considerada o “bacalhau maranhense”. No universo da pesca artesanal na Baixada, cabe aos homens escolher os locais de pesca e as técnicas de captura, enquanto o preparo da traíra para a secagem é uma atividade realizada pelas mulheres. Assim, a questão central desta pesquisa é: como os conhecimentos tradicionais dos pescadores da Baixada Maranhense sobre a secagem artesanal da traíra podem ser integrados à pesquisa científica para fins de preservação da cultura local e promoção do desenvolvimento sustentável da região? O objetivo da investigação é compreender e analisar os saberes populares dos pescadores, sob a ótica da etnociência, aplicados ao processo de secagem da traíra na Baixada Maranhense. A análise se fundamenta na etnomatemática, que, inserida no campo das etnociências, oferece uma abordagem integradora de saberes culturais, sociais e religiosos presentes nas práticas humanas, como música, arte, culinária e religiosidade, ampliando a compreensão das experiências vividas. A educação matemática, ao se relacionar com as etnociências, propõe um olhar dinâmico e contextualizado sobre o conhecimento, superando a visão de uma ciência estática. A metodologia da pesquisa foi baseada em uma abordagem qualitativa, com aproximações ao método etnográfico. Foram realizadas visitas de campo e entrevistas com pescadores(as) das comunidades de Pinheiro (rio Pericumã) e Santa Helena (rios Cocal e Juncal). Os resultados preliminares indicam que as práticas pesqueiras relacionadas à captura da traíra apresentam desafios no que se refere às técnicas e aos instrumentos utilizados, em virtude das mudanças ambientais e legais. Além disso, os saberes tradicionais transmitidos entre gerações não só garantem a continuidade da pesca artesanal, mas também refletem a identidade cultural e a relação simbiótica entre os pescadores e o ambiente natural. No campo educacional, a pesquisa nos conduziu a conceitos de matemática (unidade de medida - arroba), física (transferência de calor) e química (desidratação).

**Palavras-chave:** Etnociência. Etnomatemática. Secagem artesanal. Pesca artesanal.

## LIDERANÇAS KAINGANG NA TERRA INDÍGENA FOXÁ: DINÂMICA DE REPRESENTATIVIDADE

*Gabriel Ziem Cardoso de Siqueira, Luís Fernando da Silva Laroque.*

**Resumo:** O povo originário Kaingang é um dos maiores do Brasil Meridional, somando aproximadamente trinta e oito mil pessoas, conforme último censo do IBGE realizado em 2022. Pertencem ao tronco linguístico Macro-Jê e marcam forte presença no território dos estados do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina e São Paulo. A reaproximação do povo Kaingang com a cidade de Lajeado se deu por volta dos anos 2000, quando essa população se estabeleceu nas margens da RS-130 após se deslocarem das terras de Nonoai, Serrinha, Votouro e Guarita. A partir de 2004, negociações políticas entre os indígenas Kaingang e agentes públicos deram início a tratativas que culminaram no surgimento da Terra Indígena Foxá, instalada no bairro Jardim do Cedro, na cidade de Lajeado/RS. A T.I. Foxá representa uma emblemática formação de território indígena em espaços urbanos, em que é possível analisar desafios de representatividade política e social. As lideranças Kaingang na T.I. Foxá, assim como em outros territórios, buscam por processos de decolonialidade ao promoverem suas tradições, exigirem participação política ativa e reivindicando seu território enquanto sujeitos protagonistas da sua história e cultura. O objetivo do trabalho consiste em discorrer sobre as dinâmicas de representatividade e lideranças indígenas na T.I. Foxá, levando em consideração como esses papéis se configuram, se estabelecem e são consolidadas tanto no contexto interno das comunidades quanto no âmbito externo. A metodologia é qualitativa, aliando revisões bibliográficas com diários de campo nos procedimentos metodológicos, os quais vão ser analisados com base em autores da decolonialidade. Os dados empíricos foram adquiridos através de pesquisas de campo e registros fotográficos da Terra Indígena Foxá. Atualmente a Terra Indígena Foxá tem como liderança o cacique Valdomiro Gryg Nascimento, o vice-cacique Ronaldo Vaz, os sargentos e cabos, que revelam processos complexos de relações de poder, envolvendo adaptações, negociações e articulações em que os elementos culturalmente tradicionais e elementos contemporâneos coexistem. Por isso, o exercício da liderança não possui apenas caráter político, mas também tem o papel de manter vivas as práticas culturais de um povo que teve seus direitos suprimidos e, conseqüentemente, se veem de maneira constante tendo que reivindicar por aquilo que é deles. Essas reivindicações demandam uma revisitação histórica das relações entre brancos e indígenas, não apenas no intuito de viabilizar a sobrevivência dos povos originários, mas também para garantir a manutenção de suas práticas culturais e reafirmação de sua identidade.

**Palavras-chave:** Indígenas. Kaingang. Liderança. Foxá.

## ESCREVIVÊNCIAS E SUBJETIVAÇÃO DO SER-DOCENTE NEGRO: PRÁTICAS EDUCATIVAS E ANCESTRALIDADE EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAIS DE SANTA CRUZ DO SUL

*Jonas Daniel Pereira*

**Resumo:** Este resumo é um recorte de uma pesquisa de dissertação que toma a Escrevivência, conceito de Conceição Evaristo, como potência para a produção intelectual, tendo como objetivo analisar os processos de subjetivação do ser-docente negro em espaços não formais de educação. Busco analisar os atravessamentos que constituem o ser-docente e suas práticas de ensino nos espaços não escolarizados de Santa Cruz do Sul. Almejo desenvolver uma perspectiva analítica que considere os saberes populares e a ancestralidade como elementos constituintes da rede que conforma esses sujeitos como educadores. Para isso, tomamos a escrevivência, conceito de Conceição Evaristo, como potência para a produção de uma escrita que retome as minhas memórias, em especial a relação com minha mãe. Busco subsídios na filosofia de matriz africana, em especial nos conceitos de afroperspectivismo e afrocentricidade.

**Palavras-chave:** Saberes; Afroperspectivismo; Afrocentricidade.



## POLÍTICAS PÚBLICAS E SUSTENTABILIDADE NO TERRITÓRIO QUILOMBOLA: OS DESAFIOS DA EQUIDADE SOCIAL NO CASO DO QUILOMBO CAMPO REDONDO, EM BACABAL, MARANHÃO.

*Jucilane de Sousa Carlos, Luís Fernando da Silva Laroque*

**Resumo:** O Quilombo Campo Redondo situado em Bacabal, Maranhão, construiu sua territorialidade entre o Rio Mearim e o Rio Ipixuna. Está localizado na área rural, com 57 km de distância do centro urbano e seu contexto socioeconômico envolve principalmente a pesca, caça, agricultura, pecuária e extrativismo. O protagonismo dessa população ribeirinha iniciou em 2005 o processo para a regularização fundiária e na oportunidade incluía cinco povoados, sendo: Alto do Alfredo, Bacabal, Bacurizeiro, Campo Redondo e Escondido. Em 2024 o território recebeu o título definitivo, contudo, dois povoados estão desabitados, pois seus moradores migraram em decorrência da vulnerabilidade social. No Brasil em 2003 foi instituída a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial. O grupamento quilombola é atendido através do Programa Brasil Quilombola (PBQ), responsável por executar a Agenda Social Quilombola composta por quatro eixos, sendo: acesso à terra, infraestrutura e qualidade de vida, inclusão produtiva e desenvolvimento local, direitos e cidadania. Nas políticas públicas para território quilombola a equiparação social passou a considerar os impactos socioambientais gerados pelos eventos climáticos extremos. Para atender a essas e outras demandas, a Organização das Nações Unidas (ONU) promove a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, no Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 18, é atendida a demanda da promoção da igualdade étnico-racial. Assim, o objetivo geral desta pesquisa analisa a vulnerabilidade socioambiental e socioeconômica no território quilombola Campo Redondo. A problemática associa a repercussão desproporcional de eventos climáticos extremos sob o quilombo Campo Redondo. A metodologia utilizou a abordagem qualitativa, para a revisão da literatura e na pesquisa etnográfica. A pesquisa etnográfica consistiu na aplicação de entrevistas e atividades de campo com registros em diário de campo. Esta, ocorreu no Quilombo Campo Redondo e as entrevistas por amostragem envolveram 21 interlocutores, homens e mulheres, adultos a partir de 40 anos e idosos. Os motivos para as migrações que deixaram desabitados os dois povoados, envolve o restante da população, entre eles, está o aumento no volume de água do Rio Mearim, que durante os meses com os maiores índices pluviométricos, promove alagamentos que interdita a via terrestre de acesso ao território e inviabiliza diferentes atividades, a diminuição da quantidade e do tamanho dos peixes, o desmatamento nas propriedades vizinhas ao quilombo vem modificando as áreas de caça e de extrativismo em campos para a pecuária, o acesso à escolas com o Ensino Médio, aos serviços básicos de saúde, energia elétrica, saneamento básico, emprego e renda. Para que essa população permaneça no território ancestral as políticas públicas devem considerar que a sustentabilidade ocorre de maneira integrada e indivisível com a sua vulnerabilidade socioambiental e socioeconômica.

**Palavras-chave:** Quilombo. Vulnerabilidade Social. Políticas Públicas. ODS 18.

## TERRITÓRIO, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: O PENSAMENTO KAINGANG E OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

*Marina Invernizzi, Luís Fernando da Silva Laroque*

**Resumo:** Este trabalho trata da relação entre os Kaingang e seus territórios, com foco nas comunidades de Pãnónh Mág (Farroupilha) e Konhun Mag (Canela), no Rio Grande do Sul. O estudo investiga como a memória, a mitologia e a resistência estruturam a relação desse povo com a terra, compreendida não apenas como um espaço físico, mas como um território sagrado permeado por significados ancestrais. Para os Kaingang, os mitos não são apenas relatos sobre o passado, mas ferramentas vivas que sustentam sua identidade coletiva e orientam práticas sociais e rituais, reforçando a conexão com o território e fortalecendo a luta pela manutenção de suas terras. A pesquisa tem como objetivo analisar de que maneira as narrativas míticas e a memória coletiva fundamentam a territorialidade Kaingang e como esses elementos são mobilizados nos processos de resistência diante das pressões externas que ameaçam suas formas de vida e direito originário. Busca-se compreender como os Kaingang reinterpretem sua história e mitos para legitimar sua presença nos territórios tradicionais e estruturar as estratégias políticas de reivindicação e retomada de terras. O estudo integra uma pesquisa de doutorado em andamento e adota uma abordagem etnográfica e histórica, combinando revisão bibliográfica com trabalho de campo em Pãnónh Mág e Konhun Mag. A metodologia inclui diálogos com lideranças e membros das comunidades, bem como a análise de narrativas míticas que sustentam sua visão de mundo. O referencial teórico dialoga com perspectivas da etnologia ameríndia e dos estudos decoloniais, priorizando a compreensão da territorialidade indígena a partir de seus próprios conceitos e valores. Os resultados indicam que a resistência Kaingang está profundamente enraizada em sua memória ancestral e nas narrativas que estruturam sua relação com a terra. A luta pelo reconhecimento territorial se expressa tanto no enfrentamento político como na reafirmação simbólica de sua cultura, evidenciando que a territorialidade indígena transcende a posse material da terra e se fundamenta em um vínculo espiritual e identitário. As comunidades de Pãnónh Mág e Konhun Mag exemplificam como a relação dos Kaingang com o território é dinâmica, baseada em um equilíbrio entre tradição e adaptação às realidades contemporâneas. Ao destacar essas dimensões, este trabalho contribui para o debate sobre pertencimento, resistência e formas alternativas de habitar o mundo, reforçando a importância de reconhecer e valorizar as epistemologias indígenas nos diálogos sobre território e memória.

**Palavras-chave:** Kaingang. Território. Memória. Resistência. Decolonialidade.



# GT 7. Identidades, Gênero e Cultura

**IX DIÁLOGOS**  
na contemporaneidade

**POR OUTROS MODOS**  
*DE PENSAR A VIDA, A*  
**TERRA E NOSSO JEITO**  
*DE ESTAR NO MUNDO*



## REPRESENTAÇÕES MIDIÁTICAS DA DEPORTAÇÃO DE BRASILEIROS

*Gabriel Cavanus, Daniel Pierdoná, Jean Von Hohendorff*

**Resumo:** A deportação de brasileiros/as pelos Estados Unidos tem sido amplamente abordada na mídia recentemente. A forma como essas representações são estruturadas pode influenciar a percepção social sobre os/as imigrantes e as políticas públicas voltadas à imigração. Por meio da análise documental, analisou-se uma matéria, objetivando identificar o discurso midiático predominante, seus possíveis impactos na percepção pública e na integração dos deportados a partir da relação com outras bibliografias. A escolha de uma única matéria justifica-se por ser uma amplamente divulgada e com significativo alcance. Permitindo analisar como uma narrativa específica pode influenciar a percepção social sobre os deportados, oferecendo elementos consistentes para compreender os processos midiáticos de criminalização e revitimização. Assim, questiona-se: de que forma as representações midiáticas sobre a deportação de brasileiros/as pelos Estados Unidos podem reforçar os processos midiáticos de criminalização e revitimização, impactando diretamente sua integração social? O discurso da criminalização associa a imigração irregular a práticas ilegais, justificando políticas de deportação mais rígidas. Por outro lado, a revitimização enfatiza o sofrimento dos imigrantes, sem considerar suas trajetórias individuais. A matéria analisada reforça os padrões revitimizantes ao enfatizar o rigor das políticas migratórias estadunidenses e o impacto emocional da deportação sobre os brasileiros retornados. Além disso, também evidencia o uso de algemas e escolta policial, indicando um tratamento desproporcional aos deportados. Ao mesmo tempo, são minimizadas as razões que levaram essas pessoas a imigrarem e ignora os desafios que enfrentam ao retornar ao Brasil. Dessa forma, a matéria reforça uma visão do fenômeno migratório que não aprofunda seus aspectos estruturais, e a forma como os imigrantes são representados impacta diretamente sua aceitação social e a formulação de políticas migratórias. A criminalização pode levar a um aumento da rejeição social e à adoção de medidas mais repressivas, enquanto a revitimização pode limitar o debate sobre estratégias efetivas de integração. Nesse contexto, a deportação reflete desigualdades globais e seletividade nas políticas migratórias, afetando sobretudo grupos de imigrantes do sul global. Conclui-se que as matérias de deportação contribuem para reforçar estereótipos e dificultam uma compreensão mais ampla sobre os processos migratórios. A cobertura jornalística poderia ser aprimorada ao oferecer uma abordagem mais contextualizada e diversificada, garantindo que os/as imigrantes sejam representados de maneira mais plural. Desse modo, seria possível promover um debate público mais consciente, em que políticas públicas priorizem os direitos dos/as imigrantes, e o posicionamento midiático não seja excludente, mas que se coloque com o objetivo de informar contextualmente.

**Palavras-chave:** Deportação. Imigração. Mídia. Políticas Migratórias. Narrativas Midiáticas.



## O TRABALHO FEMININO E O BEM VIVER A PARTIR DE RELATOS DO COTIDIANO DE MULHERES TRABALHADORAS NO MUNICÍPIO DE LAJEADO/RS

*Juliana Baiocco Nascimento, Fernanda Storck Pinheiro*

**Resumo:** O tema da igualdade de gênero tem estado cada vez mais em evidência, como uma das formas de se pensar uma sociedade mais justa, igualitária e desenvolvida. Trata-se, inclusive, de um dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas, que busca alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas, reconhecendo e valorizando o trabalho doméstico não remunerado, bem como promovendo a responsabilidade compartilhada dentro do lar e da família (ODS 5). Ao mesmo tempo em que se trata de um tema global, os desafios para alcançar este objetivo se diferenciam de acordo com o contexto local e cultural das sociedades. O objetivo desta pesquisa é compreender como as mulheres trabalhadoras no Município de Lajeado/RS organizam sua rotina de vida entre trabalho, família e bem-estar. Para tanto, foram oportunizados espaços de escuta semiestruturados das mulheres participantes, nos seus locais de trabalho. A base teórica norteadora das reflexões parte das visões de micropolítica emancipatória de Antony Giddens (2002) e do bem viver de Alberto Acosta (2016); perpassando por uma pesquisa integrativa junto ao Portal da CAPES, dos últimos 3 anos; em português, a partir das palavras-chave desta pesquisa. Assim, a pesquisa foi do tipo qualitativa, tendo como procedimento os métodos exploratório e narrativo, e como instrumentos foram utilizados revisão bibliográfica e pesquisa documental, além do trabalho de campo por amostragem, onde se priorizou a qualidade dos relatos, sendo os dados quantitativos (idade, naturalidade, estado civil, escolaridade) tratados como complementares. O que se espera da pesquisa, e que perpassa pela observação preliminar de que há uma crescente de lares chefiados por mulheres, é contribuir com a construção de uma identidade coletiva tendente a eliminar as diferenças de gênero e entre os grupos sociais, bem como estimulando a construção de sociedades sustentadas na harmonia das relações pessoais e interpessoais, consigo, com os outros e com o meio. E isto parte da valorização dos relatos do cotidiano e os modos de realização do trabalho e do bem-estar destas mulheres trabalhadoras, que também serve de base para o aprimoramento das iniciativas voltadas à qualidade de vida, mantidas pela empresa financiadora da pesquisa. Como resultados, se observa que, efetivamente, a busca pelo bem viver vem gradativamente ganhando espaço em contraponto à busca desenfreada por resultados puramente materiais, abrindo-se para formas de tornar a vida mais leve e equilibrada. A relevância da pesquisa, na linha de Espaços e Problemas Socioambientais, está na valorização do trabalho feminino, muitas vezes invisível, tanto dentro quanto fora do lar, sendo ele vetor de desenvolvimento social. Uma pesquisa de cunho científico, busca compreender esta dinâmica e suas particularidades, contribuindo com reflexões e propostas voltadas ao empoderamento e à qualidade de vida de mulheres trabalhadoras.

**Palavras-chave:** Trabalho feminino; Qualidade de vida; Bem-estar; ODS 5; Bem viver.

## O CORPO FEMININO COMO UM JEITO DE ESTAR NA CIDADE: DIÁLOGOS ENTRE VISTA CHINESA, DE TATIANA SALEM LEVY, E GOSMA ROSA, DE FERNANDA TRÍAS

*Rafael Eisinger Guimarães*

**Resumo:** Embora apresentem tramas e cenários bastante distintos, *Vista Chinesa*, publicado pela brasileira Tatiana Salem Levy, e *Gosma rosa*, escrito pela uruguaia Fernanda Trías, são romances que podem ser aproximados em alguns aspectos, dentre os quais o fato de problematizar a presença e a livre circulação dos corpos femininos pelos grandes centros urbanos da América Latina. No caso do primeiro romance, o estupro sofrido por Julia na cidade do Rio de Janeiro, em meio aos preparativos para sediar os Jogos Olímpicos de 2016, é narrado, anos depois, ao casal de filhos da personagem. Já a trama de *Gosma rosa* centra-se no cotidiano de uma jovem que tem que lidar com complexas relações afetivas e familiares em meio a uma catástrofe ambiental que assola a cidade onde mora, cuja descrição remete a Montevideu. Guardadas suas especificidades, ambas as obras apresentam personagens que, ao mesmo tempo em que tentam resolver momentos de crise com maior ou menor grau de violência, buscam também recuperar o sentimento de pertencimento que tinham com o espaço urbano que ocupam, em um esforço para trazer, para o momento presente, a cidade que conheciam e com a qual se identificavam até pouco tempo atrás. Tendo em mente esse aspecto, o presente estudo buscará, a partir de uma análise comparativa, compreender a natureza das relações que se estabelecem entre o corpo feminino e o espaço urbano. De maneira mais específica, o que se questiona aqui é de que forma se constituem as relações entre corpo e cidade nos romances escritos por Tatiana Salem Levy e Fernanda Trías. Para tentar responder a esse problema de pesquisa, serão retomados as reflexões em torno da teoria dos afetos, em especial a partir das proposições de Leonor Arfuch (2014) e Sara Ahmed (2015), bem como as concepções sobre o imaginário acerca da cidade e a relação do feminino com o espaço urbano, tendo por base o pensamento de Michel de Certeau (1998), Jose Luiz Romero (2011), Angel Rama (2015), Josefina Ludmer (2013), Gisela Heffes (2008), Janet Wolff (1985), Elizabeth Wilson (2013) e Lauren Elkin (2022), dentre outros nomes. A partir da leitura dos dois textos literários, à luz das categorias propostas pelas pensadoras e pelos pensadores que compõem o referencial teórico deste estudo, é possível constatar o caráter ambíguo e complexo das economias afetivas que se estabelecem entre o corpo feminino e o espaço urbano, o qual é marcado pela alternância de sentimentos de identificação, nostalgia e repulsa das personagens em relação ao cenário urbano por onde circulam.

**Palavras-chave:** Teoria dos afetos. Imaginário da cidade. Escritoras latino-americanas. Tatiana Salem Levy. Fernanda Trías.

### Referências

- AHMED, Sara. La política cultural de las emociones. Tradução de Cecilia Olivares Mansuy. México: Universidad Nacional Autónoma de México. Programa Universitario de Estudios de Género, 2015.
- ARFUCH, Leonor. Cronotopías de la intimidad. In: ARFUCH, Leonor (org.). Pensar este tiempo: espacios, afectos, pertenencias. Buenos Aires: Prometeo, 2014, p. 239-290.
- CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano: artes de fazer. 3. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.



ELKIN, Lauren. *Flâneuse: mulheres que caminham pela cidade em Paris, Nova York, Tóquio, Veneza e Londres*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Fósforo Editora, 2022.

HEFFES, Gisela. *Las ciudades imaginarias en la literatura latinoamericana*. Rosario : Beatriz Viterbo Editora, 2008. LEVY, Tatiana Salem. *Vista chinesa*. São Paulo: Todavia, 2021.

LUDMER, Josefina. *Aqui América Latina: uma especulação*. Tradução de Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013. RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. Tradução de Emir Sader. São Paulo: Boitempo, 2015.

ROMERO, José Luis. *Latinoamérica: las ciudades y las ideas*. 3. ed. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2011. TRÍAS, Fernanda. *Gosma rosa*. Tradução de Ellen Maria Vascolcelos. Belo Horizonte: Moinhos, 2022.

WILSON, Elizabeth. O flâneur invisível. *ArtCultura, Uberlândia*, v. 7, n. 11, p. 137-157, jul.-dez. 2005. WOLFF, Janet. The invisible flâneuse: women and the literature of modernity. *Theory, Culture & Society*, v. 2, n. 3, p. 37-46, 1985.

## “CONTINUE ASSIM!” EXPECTATIVAS DE GÊNERO EM UM ARQUIVO DE BOLETINS ESCOLARES

*Rafael Padilha Ferreira, Eric Gabriel Schneider, Lara Dillmann Alves, Julia Ermila Gonzatti, Angélica Vier Munhoz*

**Resumo:** Esta pesquisa é um desdobramento do Projeto Brocantes: palavras e coisas da escola, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM/CNPq/Univates), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Vale do Taquari - Univates. O Brocantes tem por objetivo a criação de um arquivo digital público dedicado ao recolhimento, catalogação e disponibilização de documentos escolares, tanto pessoais quanto institucionais, produzidos a partir do início do século XX, abrangendo diferentes períodos e contextos geográficos. A experiência de arquivamento e de organização dos documentos doados ao Brocantes fez emergir algumas regularidades nos enunciados que compõem os boletins escolares, especialmente nas formas como meninos e meninas são avaliados. Diante disso, identificamos a necessidade de reunir e examinar sistematicamente esses documentos, a fim de compreender como os boletins (re)produzem regras discursivas que delimitam o que pode ser dito sobre meninos e meninas na escola. Nosso objetivo é investigar, a partir da perspectiva de arquivo de Michel Foucault, como os boletins escolares registram e reforçam distinções de gênero por meio de formas de governo dos corpos e dos processos de subjetivação que ficam evidentes nas avaliações de desempenho e de comportamento. Os boletins foram organizados em uma coleção específica, separada do restante de documentos disponíveis no arquivo do Brocantes. Essa coleção encontra-se arranjada em arquivamentos que reúnem informações como etapa de ensino, presença de notas quantitativas ou de pareceres descritivos, formas de referência aos estudantes e responsáveis, assinaturas de profissionais, localização e tipo de escola. O conjunto de documentos analisados compreende 91 boletins escolares, sendo 56 de meninas e 35 de meninos, produzidos entre 1968 e 2023. Esses boletins são provenientes de 19 cidades diferentes e refletem práticas avaliativas de escolas no Brasil, em sua maioria, mas também de uma instituição do Uruguai e uma do Haiti. A organização desses documentos permitiu identificar, logo de início, regularidades e deslocamentos nos enunciados acerca do gênero no ambiente escolar. Com a análise do material e a sistematização dos enunciados ainda em desenvolvimento, buscamos dar a ver, ao final da pesquisa, algumas das formas como esses registros de avaliação atuaram e ainda atuam na construção e na manutenção de normas e expectativas diferenciadas sobre estudantes dos sexos masculino e feminino, bem como algumas das formas como esses documentos incidem como operadores discursivos na produção de subjetividades e na operacionalização das normas de gênero na escola.

**Palavras-chave:** Arquivo. Gênero. Boletins escolares. Foucault.



## E SE EU NÃO FOR UM HOMEM COM “H”? AS CONSTRUÇÕES E NARRATIVAS DE SI DAS TRANSMASCULINIDADES DO VALE DO TAQUARI/RS

*Tainã de Souza, Fernanda Storck Pinheiro, Cândido Bronzoni de Mattos*

**Resumo:** Em 2024, pelo décimo sexto ano consecutivo, o Brasil liderou o ranking de assassinatos de pessoas trans no mundo (TGEU, 2025). Além das mortes, a violência estrutural sofrida pela comunidade trans, afeta os sujeitos em diferentes momentos da vida, como no acesso à educação e ao mercado de trabalho. Enquanto sujeito transmasculino e mestrando do Programa de Pós-graduação em Ambiente e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Taquari - Univates, é através da presente pesquisa que busco elucidar as vivências de um recorte da comunidade trans no Vale do Taquari, no Rio Grande do Sul. Sendo assim, o estudo busca compreender como acontecem as construções dos sujeitos e as narrativas de si de um grupo de pessoas transmasculinas do Vale do Taquari. Para isso, os objetivos traçados são: realizar um levantamento da bibliografia produzida na região do Vale do Taquari sobre a temática trans; entender como os estudos de Freud, Foucault, Butler e Preciado contribuíram para a compreensão de sujeito e de sexualidade e, por fim, analisar as narrativas de si de pessoas transmasculinas e registrar suas histórias de vida. Para atingir o primeiro objetivo, realizei um mapeamento dos estudos existentes sobre a temática LGBTQIAPN+ no Vale do Taquari em diferentes periódicos, nos quais encontrei onze trabalhos, destes apenas quatro foram analisados por serem os únicos que atingiam os critérios de inclusão que estabeleci. Em um segundo momento, para entender como os estudos de Freud, Foucault, Butler e Preciado contribuíram para a compreensão do sujeito e da sexualidade, realizei uma revisão bibliográfica das obras: Três ensaios sobre a sexualidade (1901-1905) (Freud, 2016), História da Sexualidade I: a vontade de Saber (Foucault, 1988), Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade (Butler, 2016) e Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas (Preciado, 2022) através dos quais compreendi os arranjos sociais e culturais que constituem o que entendemos como sujeito e sexualidade. Por fim, no primeiro semestre de 2025, pretendo realizar três entrevistas com sujeitos transmasculinos que residem no Vale do Taquari, para analisar suas narrativas de si e registrar suas histórias de vida, com o intuito de compreender de que maneira habitam e ocupam os espaços na região e entendem a sua própria existência enquanto sujeitos. Levando em consideração o cenário descrito, no qual a vida da população trans está constantemente colocada em risco, estudos como este, produzidos por pesquisadores trans, possibilitam um novo traçado da ciência, que passa a ver os sujeitos de gênero inconforme não mais apenas como sujeitos da pesquisa, ou objetos a serem pesquisados, mas sim como sujeitos que pesquisam, construindo a possibilidade de uma ciência com pessoas trans e não mais apenas sobre. Além disso, o estudo instiga novas pesquisas na área e o entendimento de como esta população se distribui e se constrói no Vale do Taquari/RS.

**Palavras-chave:** Transmasculinidade. LGBTQIAPN+. Gênero. Vale do Taquari.

### Referências

TRANSGENDER EUROPE, Trans Murder Monitoring Absolute Numbers, Berlim, 2025. Disponível em: <https://transrespect.org/en/map/trans-murder-monitoring/#> Acesso em: 20 jan 2025.



# GT 8. Saúde, Qualidade de Vida e Bem-estar

**IX DIÁLOGOS**  
na contemporaneidade

**POR OUTROS MODOS**  
*DE PENSAR A VIDA, A*  
**TERRA E NOSSO JEITO**  
*DE ESTAR NO MUNDO*



## HORTAS COMUNITÁRIAS: SAÚDE EM ESPAÇO URBANOS QUE SURGE DO CONTATO COM A TERRA

*Clara Margarida Gularte Gelati, João Vicente Couto, Jane Mazzarino, Luciana Turatti*

**Resumo:** Estima-se que até 70% das pessoas viverão em espaços urbanos nas próximas três décadas. O fenômeno da urbanização tem sido associado a impactos negativos na saúde mental. Por outro lado, pesquisas, em diversos países, apontam que atividades com hortas comunitárias podem oferecer uma ampla gama de benefícios à saúde. Nesses espaços são produzidos alimentos por meio do trabalho voluntário de pessoas que vivem nas proximidades. O objetivo deste trabalho é avaliar o efeito da relação com as hortas comunitárias na saúde dos hortelões de diversos grupos sociais e em diferentes locais do mundo. Realizou-se uma busca no Portal de Periódicos da CAPES utilizando-se as seguintes palavras-chave: “COMMUNITY GARDENS; COMMUNITY GARDEN; COMMUNITY GARDENING”. A coleta se deu sem restrição de ano de publicação. Os 745 artigos foram coletados até 10 de setembro de 2024, dos quais 275 tinham relação com o tema da saúde. Após a leitura dos resumos, foram eliminados os artigos não conclusivos, que tratavam da contaminação das hortas comunitárias, não encontrados ou sem acesso livre. A leitura dos 72 artigos selecionados indicam, como resultados preliminares, que as hortas urbanas ajudam a estimular o gosto pela alimentação saudável e pela preservação ambiental, aproximando a comunidade da natureza, melhorando as condições físicas, mentais e sociais. O contato com as hortas afeta positivamente múltiplos aspectos de saúde dos hortelões, refletindo-se em qualidade de vida, alegria, tranquilidade, autoestima, desenvolvimento da resiliência, alívio do estresse, melhora no humor; desta forma promove bem-estar emocional, além de físico, pelos exercícios que exige. Uma alimentação rica em hortaliças é importante para a saúde, pois são fonte de vitaminas, minerais, fibras e outros compostos bioativos, o que contribui para a prevenção de doenças crônicas, como diabetes, obesidade e doenças cardíacas. Alguns estudos comprovam que mexer com a terra diminui a ansiedade e a depressão. A disponibilidade de espaços verdes urbanos perto de casa está associada, ainda, à longevidade e à melhoria geral da saúde dos hortelões. A interação social promove integração e inclusão, ampliando as sociabilidades. As hortas urbanas comunitárias podem ser uma excelente estratégia para a promoção do bem-estar com reflexos psicológicos, sociais e físicos, representando uma estratégia de promoção da saúde pública. Evidenciou-se uma tendência da proliferação de hortas ou jardins comunitários em diferentes ambientes e locais do mundo, como os Estados Unidos, Reino Unido, Europa e China.

**Palavras-chave:** Saúde. Hortas. Cidades. Revisão Integrativa.

## REDUÇÃO DA JORNADA DE TRABALHO NO BRASIL: PROPOSTAS, DESAFIOS E EXPERIÊNCIAS

*Dara Diedrich, Fernanda Stork Pinheiro*

**Resumo:** A monografia investiga os impactos econômicos, jurídicos e sociais da redução da jornada de trabalho no Brasil em 2024, destacando propostas legislativas, desafios e experiências. O estudo explora aspectos históricos, políticos e sociais das relações de trabalho no Brasil, com breves apontamentos a partir da criação da Consolidação das Leis do Trabalho até os dias atuais. Examina as espécies de contrato de trabalho e cumprimento de jornada, além de falar sobre o excesso de jornada de trabalho e o dano existencial. Aborda a redução da jornada de trabalho, apresentando alguns conceitos e impactos, identifica os setores e atividades mais alcançados pela redução da jornada de trabalho, e demonstra legislações, projetos pilotos e experiências internacionais. A pesquisa avalia iniciativas legislativas, que visam reduzir a jornada semanal sem prejuízo salarial. São explorados os benefícios potenciais, como aumento da qualidade de vida e produtividade, e os riscos, como a precarização das condições laborais. Também são apresentadas experiências de empresas brasileiras que adotaram a redução da jornada, com resultados significativos para trabalhadores e empregadores, através da análise de cases como aqueles trazidos no relatório da 4 Day Week Brazil, além de outras empresas que possuem relatórios de seus resultados. Parte-se da abordagem dedutiva, utilizando pesquisa bibliográfica em literatura jurídica, artigos em revistas científicas, instrumental e integrativa, esta última realizada no site Google Acadêmico como principal ferramenta para a coleta de dados. Sem qualquer pretensão de esgotar o tema da pesquisa, conclui-se que os argumentos contrários à diminuição da jornada foram predominantemente de caráter econômico-financeiro. Por outro lado, diversas considerações de naturezas distintas apoiam a viabilidade e os benefícios dessa redução.

**Palavras-chave:** jornada de trabalho. redução da jornada. qualidade de vida.



## A REINTEGRAÇÃO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO PESSOAL DE APENADOS DO SISTEMA PRISIONAL GAÚCHO POR MEIO DA IMPLANTAÇÃO DE HORTAS

*João Vicente Couto, Luciana Turatti*

**Resumo:** A reintegração social dos apenados se coloca como um dos principais desafios atuais para o sistema prisional brasileiro, exigindo políticas públicas eficazes que tenham o intuito de promover o desenvolvimento pessoal e profissional dos reclusos. Neste cenário, algumas iniciativas vêm ganhando espaço como alternativas viáveis para proporcionar aprendizado, ocupação e transformação social para os residentes dos presídios. Destaca-se a implantação de hortas em unidades prisionais do Estado do Rio Grande do Sul. O presente estudo, tem como objetivo geral verificar como ocorre a implementação de hortas em unidades prisionais do Estado do Rio Grande do Sul, e se estas têm conseguido contribuir para promoção da reintegração social e do desenvolvimento pessoal dos apenados. A hipótese levantada é que a convivência e o trabalho realizado nessas hortas promovem capacitação profissional, melhoria da saúde mental, bem como o incentivo ao trabalho em equipe, a colaboração para a economia da unidade prisional e alimentação de qualidade dos reclusos, o que, ao cabo, pode contribuir para a redução da reincidência criminal e a melhoria da qualidade de vida destes. Para dar sequência ao objetivo proposto, num primeiro momento, enquanto procedimentos metodológicos, foi realizada uma vasta busca por artigos científicos que envolvem a temática de hortas comunitárias, destacando os que envolvem a ressocialização. A busca foi realizada junto ao Portal CAFe, presente na plataforma Capes, no dia 20 de fevereiro de 2024, onde foram aplicados os seguintes descritores: “Community Gardens”, “Community Garden” e “Community Gardening”. Como resultado foram identificados 316 trabalhos divididos em diferentes temas. Destes foram selecionados 17 para uma leitura mais aprofundada, uma vez que estes possuíam maior correlação com o tema proposto. A leitura dos artigos contribuiu para uma melhor definição dos procedimentos a serem adotados nos demais passos da pesquisa, tendo-se optado pela realização de uma pesquisa com abordagem qualitativa, método dedutivo e como principais instrumentos técnicos a aplicação de um questionário a coordenadores de unidades prisionais que já tenham adotado a prática das hortas, principalmente o Presídio Estadual de Lajeado/RS. Além destes procedimentos também serão realizadas entrevistas com os reclusos do sistema prisional de Lajeado e o acompanhamento da rotina dos apenados que participam das hortas a partir de observações participantes. Os resultados preliminares, oriundos das análises bibliográficas, indicam que a experiência no Presídio de Montenegro/RS é tida como modelo, pois foi replicada em diversas unidades do Rio Grande do Sul, evidenciando impactos positivos na ressocialização e desenvolvimento pessoal dos apenados. Espera-se que a presente pesquisa possa apresentar resultados capazes de contribuir para o aprimoramento dessa política e a ampliação de sua aplicação.

**Palavras-chave:** Reintegração social. Unidade prisional. Hortas. Política institucional. Ressocialização.

## ITINERÁRIO TERAPÊUTICO PARA PENSAR OUTROS MODOS DE CUIDADO EM SAÚDE MENTAL: UM ESTUDO DE CASO

*Lidia Maria Erbes, Gisele Dhein*

**Resumo:** De acordo com a Lei 8080/1990, que dispõe sobre o Sistema Único de Saúde (SUS), a saúde é de acesso universal, garantindo-se o acesso a toda população à rede de atenção à saúde (BRASIL, 1990). Apesar dos serviços estarem disponíveis para toda população de forma gratuita, é de conhecimento que ocorrem falhas ao longo do processo, como, por exemplo, indivíduos que não recebem o tratamento adequado, desinformação, longas filas de espera, diagnósticos tardios, medicalização excessiva, dentre outras situações de fragilidades. Assim, este trabalho objetiva apresentar um relato de Itinerário Terapêutico (IT), como forma de problematizar o acesso à saúde. O IT é o termo utilizado para referenciar as atividades, ações, estratégias que cada indivíduo realiza no seu processo de cuidado, incluindo tanto os serviços formais e previstos pelo SUS como estratégias que o sujeito entende ser relevantes a partir de sua cultura e possibilidade de acesso (GERHARDT, 2006), e, aqui, configurando-se também como percurso metodológico deste trabalho. Este resumo é parte de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de um Curso de Psicologia, cujo objetivo foi cartografar IT de usuários de um serviço de atenção secundária em saúde mental, com propósito de conhecer os percurso de cuidado que cada usuário percorreu até chegar ao serviço (ambulatório de saúde mental). No TCC foram descritos quatro IT, no entanto, apresenta-se para esta proposta a história de Belchior (nome fictício). Neste IT observou-se o cuidado centralizado em estratégias medicamentosas e de internação - várias ao longo de sua vida. A atenção primária à saúde (APS) não aparece em seu percurso, sendo que cabe à ela a gestão do cuidado. Embora o território que Belchior resida não possui cobertura total da estratégia de saúde da família (ESF), percebe-se uma falha na atenção terciária (hospital) em articular a alta hospitalar, seja com a APS ou com o ambulatório de saúde mental - serviços que demoram a aparecer no seu percurso de cuidado. Belchior apresenta algumas estratégias individuais para dar conta de seu sofrimento, encontrando na escrita uma saída. Ao longo da constituição da escrita do IT ficou visível o quanto as redes de apoio (resiliência, família, escrita, por exemplo) são importantíssimas e complementares ao cuidado. Assim, o IT de Belchior nos atenta para o desconhecimento da população tanto de seus direitos quanto dos serviços disponíveis, nesse caso, de atenção psicossocial. Ao pensarmos na importância da APS, o IT e a Clínica Ampliada podem ser estratégias para qualificação do cuidado ou mesmo para garantia de acesso. A ferramenta do IT pode servir de estratégia diagnóstica para qualificação da rede de cuidado.

**Palavras-chave:** Itinerário Terapêutico. SUS. Acesso à saúde.

### Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Lei Nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Lei Orgânica da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, set. 1990a. Disponível em: . Acesso em: 22 mar. 2025.

GERHARDT, Tatiana Engel; PINHEIRO, Roseni Pinheiro; RUIZ, Eliziane Nocolodi Francescato; DA SILVA JUNIOR, Aluisio Gomes (org). Itinerários terapêuticos: integralidade no cuidado, avaliação e formação em saúde. Rio de Janeiro: CEPESC/ IMS/ UERJ - ABRASCO, 2016. p. 185-186.



# GT 9. Inclusão e Diversidade nos Espaços Educacionais

**IX DIÁLOGOS**  
na contemporaneidade

**POR OUTROS MODOS**  
*DE PENSAR A VIDA, A*  
**TERRA E NOSSO JEITO**  
*DE ESTAR NO MUNDO*



## BEYOND FIXED IDENTITIES: DIFFRACTIVE ANALYSIS OF RURAL RELATIONALITIES IN KAZAKHSTAN

*Dilraba Anayatova*

**Resumo:** Dominant narratives in rural studies often portray rural spaces as static, isolated, and culturally homogenous. These framings uphold exclusionary perspectives that fail to capture the complexity and vitality of rural life, particularly in contexts shaped by historical and geopolitical transitions. This research challenges such reductive assumptions by employing a diffractive methodology to examine rurality not as a fixed category, but as a fluid, inclusive, and continuously unfolding process shaped through relationality, mobility, and materiality. The study is grounded in long-term fieldwork in a village in southeastern Kazakhstan, where Kazakh, Uyghur, and diasporic communities live alongside one another, navigating the multilayered legacies of Soviet collectivization, forced migrations, and ongoing state-building processes. Rather than viewing identities through fixed ethnic or national lenses, I explore how everyday practices—such as intergenerational care, shared agricultural labor, seasonal mobility, and communal rituals—produce forms of belonging that exceed rigid classifications. These practices highlight the emergent, dynamic nature of inclusion as it is enacted through the rhythms of daily life. By drawing on theories of spatial relationality and deterritorialization/reterritorialization, I show how rural subjectivities in Kazakhstan are not simply inherited or assigned but are co-produced through ongoing interactions with land, history, memory, and more-than-human worlds. Participants' narratives reflect how movements across time and space—such as experiences of Soviet schooling, military service, post-independence migration, and transnational family ties—contribute to reconfiguring what it means to belong in rural places. These ruralities are not static repositories of tradition but sites of negotiation, becoming, and experimentation. The village is not simply a bounded locale but a node in a web of socio-material entanglements that includes livestock trails, irrigation canals, oral storytelling, and seasonal weather patterns. Inclusion here is not about assimilation into a dominant identity but about participating in the ongoing labor of world-making—an activity that includes both human and more-than-human actors. This research contributes to decolonial and posthuman scholarship by disrupting essentialist binaries such as rural/urban, Kazakh/Uyghur, Soviet/post-Soviet, and insider/outsider. Ultimately, by centering inclusion as an emergent, affective, and processual phenomenon, this study reimagines rural spaces not as peripheries of progress but as vibrant, relationally constituted sites of possibility. These insights have broader implications for rethinking identity, education, and policy in rural settings shaped by histories of colonialism, mobility, and resilience.

**Palavras-chave:** Rural subjectivities. Relationality. Mobility. Diffractive analysis. Kazakhstan.



## DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS NA EDUCAÇÃO: INCLUSÃO, RESISTÊNCIA E A MAQUINARIA ESCOLAR

*Jheniffer Otilia Costa, Guilherme João Mantovani, Cláudia Inês Horn, Morgana Doménica Hattge, Neli Teresinha Galarce*

**Resumo:** A prática docente insere-se em um contexto de desafios constantes, que abrangem desde a inclusão escolar até a estrutura organizacional das instituições de ensino. A inclusão, a função social da escola e o conceito de “Maquinaria Escolar”, conforme discutido por Varela e Alvarez-Uría (2019), são aspectos fundamentais para compreender as dificuldades e possibilidades da prática pedagógica. Refletir sobre essas questões são essenciais para repensar a organização das instituições de ensino e as formas de atuação dos professores na redução das desigualdades, promovendo uma educação mais justa e acessível a todos os estudantes. Este estudo tem como objetivo analisar como a experiência docente dialoga com os desafios contemporâneos da educação, identificando estratégias para promover uma prática pedagógica mais inclusiva e crítica. Além disso, busca mapear as barreiras que dificultam a efetivação de um ensino que respeite a diversidade e contribua para a formação cidadã dos estudantes, apontando alternativas viáveis para superá-las. A pesquisa parte das seguintes questões norteadoras: de que maneira os docentes podem resistir à mecanização do ensino e fomentar uma educação mais democrática, inclusiva e reflexiva? Como as estruturas institucionais podem facilitar ou dificultar esse processo? Este trabalho foi realizado por meio de uma revisão bibliográfica, com abordagem hermenêutica, tendo como referência principal a obra “A maquinaria escolar” de Varela e Alvarez-Uría (2019). A interpretação dos conceitos apresentados pelos autores foi articulada com a experiência docente da pesquisadora, permitindo uma análise crítica sobre os desafios e as potencialidades da prática pedagógica no contexto educacional contemporâneo. O estudo foi desenvolvido como parte da avaliação da disciplina Ensino na Contemporaneidade do Mestrado PPG Ensino da Universidade do Vale do Taquari. Os resultados indicam que a resistência docente é um elemento essencial para transformar a educação. Apesar das limitações estruturais e institucionais, a adoção de metodologias ativas, como a aprendizagem baseada em problemas e a educação experiencial, pode contribuir significativamente para a promoção de uma educação mais humanizada. Como proposta de ação, destaca-se a importância da formação docente para garantir que os professores disponham de ferramentas adequadas para valorizar a diversidade e estimular o pensamento crítico nos estudantes. Além disso, a reflexão contínua sobre as próprias práticas pedagógicas possibilita uma atuação mais consciente e democrática diante dos desafios educacionais contemporâneos.

**Palavras-chave:** Inclusão escolar. Resistência docente. Maquinaria escolar. Ensino crítico. Metodologias ativas.

### Referências

VARELA, Julia; ALVAREZ-URÍA, Fernando. A maquinaria escolar e seus impactos na prática pedagógica. Educação e Sociedade, v. 10, n. 3, p. 98-112, 2019. Disponível em: <http://peadrecuperacao.pbworks.com/w/file/104642074/A%20Maquinaria%20Escolar.pdf>. Acesso em 13/01/25.

## CONTRIBUIÇÕES DE BELL HOOKS PARA PENSAR AS PRÁTICAS INCLUSIVAS NA SALA DE AULA COMUM

*Letícia Dell' Osbel*

**Resumo:** Esta escrita traça como problema a busca de possíveis contribuições teóricas da professora e pesquisadora estadunidense bell hooks para pensar os modos de escolar com surdos e ouvintes na escola comum. Para tal, compartilho um recorte analítico de uma dissertação de Mestrado em Educação (UFSM, 2020-2022) que operou com os conceitos de bell hooks de estado de presença, comunidade de aprendizado e ética amorosa, a partir de vivências de docência da pesquisadora na sala de aula comum. Nesta escrita, buscarei analisar três contribuições da autora estudada para problematizar os processos inclusivos com surdos e ouvintes. Começo movimentando o “estado de presença no corpo” (hooks, 2017), que foi analisado pensando no/a educador/a e nos diferentes encontros que mobiliza na sala de aula comum, especialmente atento/a ao que acontece no entre das relações. Conexões que são possíveis quando há um desejo de abertura, uma disponibilidade de reconhecer o outro, seja surdo ou ouvinte, na sua outriedade. Este estado de presença mobiliza uma mudança subjetiva para interrogar os espaços que ocupamos, os assujeitamentos surdos e as verdades ditas, a partir dos afectos e de uma docência presente e aberta aos acontecimentos e seus encontros. Neste viés, outra contribuição da autora é a “comunidade de aprendizado” (hooks, 2017), em que busquei pistas para pensar a sala de aula comum enquanto uma comunidade em que todos participem, onde não se apague a diferença e onde se estabeleçam propósitos coletivos pelo estar juntos. Tal conceito, na analítica, movimentou a importância de pensar a educação bilíngue para além dos processos linguísticos, pelos movimentos de vida, culturais e interculturais entre surdos e ouvintes. E, como terceira contribuição da autora, compartilho “a ética amorosa” (hooks, 2021), uma vez que simboliza todas as dimensões do amor: “cuidado, compromisso, confiança, responsabilidade, respeito e conhecimento”. A ética amorosa pode ser compreendida como um convite a pensar a docência e os processos inclusivos com práticas que reconheçam a presença-vida surda na sala de aula comum, para além da relação surdo-intérprete. Uma ética amorosa que mobiliza o/a educador/a a viver o encontro entre subjetividades surdas e ouvintes e experimentar a docência, deixando vibrar a diferença e seus possíveis. Desta forma, como resultados da analítica, reconheço que embora bell hooks não trate da inclusão de surdos em suas obras, ela traça contribuições potentes para problematizar modos outros de vida, de docência, de educação e que podem ser pensadas com surdos e ouvintes na sala de aula comum.

**Palavras-chave:** inclusão. surdos. ouvintes. sala de aula comum.

### Referências

DELL OSBEL, L. Trajetividades com outros-juntos: o que pode uma docência com a presença-vida surda na escola comum? **Dissertação** (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2022.

HOOKS, b. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática de liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, b. **Tudo sobre o amor:** novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021.



## AS CARACTERÍSTICAS DO DESENHO UNIVERSAL PARA A APRENDIZAGEM (DUA) E A CONSTRUÇÃO DE UMA SALA DE AULA MAIS INCLUSIVA

*Lisiane Armas de Lorenzi*

**Resumo:** Este estudo destaca as semelhanças entre o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) e as adaptações no ensino de língua inglesa, enfatizando seu papel na inclusão e acessibilidade. Embora sua implementação no Brasil enfrente desafios, o DUA representa uma estratégia promissora para uma educação mais equitativa. A pesquisa segue uma abordagem qualitativa e exploratória, baseada em revisão bibliográfica e análise teórica sobre o DUA e sua aplicação no ensino de línguas. Desde os anos 1990, a educação inclusiva tem sido debatida, reforçando a necessidade de práticas pedagógicas que garantam aprendizado para todos. A inclusão não se limita à matrícula de alunos com deficiência, mas exige adaptações que atendam às necessidades individuais. Um dos desafios centrais é a formação de professores capacitados para tornar as salas de aula mais acessíveis. Criado pelo CAST nos Estados Unidos na década de 1980, o DUA adapta o conceito de Desenho Universal da arquitetura para a educação. Seus três princípios fundamentais são: engajamento, que motiva o aluno a aprender; representação, que diversifica a apresentação dos conteúdos; e ação/expressão, que permite diferentes formas de demonstrar aprendizado. Esses princípios tornam o ensino mais flexível e equitativo. O CAST desenvolveu ferramentas para adaptação curricular, promovendo maior acessibilidade. Embora o DUA possa ser impulsionado pela tecnologia, ele não depende exclusivamente dela e pode ser aplicado a diversas metodologias que valorizam a diversidade. No ensino de línguas, o DUA possibilita múltiplas formas de instrução e avaliação. No Brasil, a implementação do DUA enfrenta obstáculos como a falta de recursos, apoio institucional e políticas públicas eficazes. A valorização limitada da educação dificulta sua adoção integral, tornando o comprometimento dos professores essencial para sua aplicação. Apesar das dificuldades, a adoção gradual do DUA pode tornar a educação mais equitativa. Conhecer seus princípios e aplicá-los progressivamente ajuda os educadores a superar barreiras e promover um ensino mais inclusivo. Ao valorizar a diversidade e adotar estratégias pedagógicas flexíveis, o DUA se consolida como uma ferramenta essencial para transformar a educação. A análise dos resultados evidencia que o DUA tem impacto positivo na promoção de um ensino mais inclusivo. Seus princípios oferecem estratégias eficazes para atender à diversidade dos alunos, garantindo maior equidade na aprendizagem. No entanto, desafios como a falta de formação docente, escassez de recursos e ausência de políticas públicas estruturadas ainda dificultam sua implementação no Brasil. Assim, sua adoção depende não apenas do empenho dos professores, mas também do suporte institucional e de iniciativas governamentais que incentivem práticas pedagógicas mais inclusivas e flexíveis.

**Palavras-chave:** Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA). Educação inclusiva. equidade no ensino. Contexto educacional brasileiro.

## MEMÓRIAS DA PLANTAÇÃO: PROBLEMATIZANDO O PACTO DA BRANQUITUDE

*Luana Docena Reis, Giorgio Huwe de Paoli, Morgana Domênica Hattge,  
Suzana Feldens Schwertner*

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência de um grupo de estudos desenvolvido no ano de 2023, em meio à última edição do evento Diálogos na Contemporaneidade. À época, o simpósio abordou o tema da decolonialidade e proporcionou reflexões sobre diferentes vozes, territórios e modos de existência. A partir de tal proposta, o grupo se mostrou incentivado a estudar autoras negras e discutir sobre racismo e preconceito no Brasil e no mundo contemporâneo. Para tal, a cada 15 dias, o grupo se reuniu para ler e explorar duas obras selecionadas: em 2023A, o livro “Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano”, de Grada Kilomba, e em 2023B, a obra “O pacto da branquitude”, de Cida Bento. Com a duração de 1h30 e a participação de estudantes do Ensino Médio, da graduação, professoras, pesquisadoras e voluntárias, os estudos mobilizaram discussões tais como: racismo estrutural e social, percepção do racismo, lugar de fala e possibilidades de mudança e reparação, muitas vezes intercalando tais discussões com exemplos práticos vistos e sentidos no dia-a-dia. Além disso, foi organizada coletivamente uma lista de livros de literatura de autoras e autores negros, onde cada participante foi convidado a ler uma das obras ao longo do ano e compartilhar suas experiências de estudo. Iniciou-se com a reflexão proposta por Grada Kilomba (2019), que enfatiza a importância de se conhecer os discursos racistas para superar a negação e, coletivamente, em um processo de responsabilização, efetivar reparação e mudanças. Depois, Cida Bento (2022) nos alertou acerca da cumplicidade não verbalizada entre pessoas brancas, que perpetuam opressões e mantêm a dominação. Com isso, e por meio de reflexões pessoais e compartilhadas ao longo dos encontros, os participantes puderam reconhecer suas relações com o racismo e aprender através de diversos outros autores, como Djamila Ribeiro, Itamar Vieira Junior, bell hooks e Jeferson Tenório sobre pactos estabelecidos, vidas severamente injustiçadas, sobre a mercantilização do medo, o feminismo negro, entre outros. Dentro dessa dinâmica, transbordaram questionamentos a respeito do nosso papel como indivíduos, da nossa posição não só como não-racistas, mas como anti-racistas e os movimentos de luta contra o preconceito enraizado em nossa concepção de mundo. Foi importante também a articulação entre a leitura técnica e a leitura de literatura, não só para auxiliar na sensibilização e no estudo de temas emergentes e necessários em nossa época, mas também para fazer deste um momento de ler e escutar autores que, por muitas vezes, são silenciados. Assim, agora, segue-se nessa jornada de aprendizado e responsabilidade, buscando cada vez identificar mais os racismos dentro de nós para, de fato, eliminá-los.

**Palavras-chave:** Decolonialidade. Inclusão. Antirracismo. Desigualdade racial.

### Referências

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.



## ETNOMATEMÁTICA E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: ESTRATÉGIAS ADAPTATIVAS PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA A ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA VISUAL

*Mara Luane dos Santos Souza, Ieda Maria Giongo*

**Resumo:** A matemática está presente em diversas vivências cotidianas e, no contexto da educação inclusiva, é essencial que seu ensino seja adaptado às necessidades específicas dos estudantes, especialmente aqueles com deficiência visual. A presente pesquisa de mestrado, atualmente em andamento, tem como objetivos a elaboração de atividades adaptativas voltadas a estudantes com deficiência visual, considerando as particularidades culturais em que estão inseridos; propor estratégias pedagógicas inclusivas fundamentadas na Etnomatemática para melhorar o processo de ensino e aprendizagem; e avaliar a efetividade das adaptações de materiais pedagógicos no ensino da matemática para esse público, identificando os impactos positivos dessas práticas na educação inclusiva. O estudo está sendo desenvolvido com uma aluna com deficiência visual matriculada no 1º ano do ensino fundamental em uma escola de Itaituba/PA, onde é atendida na Sala de Recurso Multifuncionais, espaço que favorece a implementação de práticas pedagógicas adaptadas. A pesquisa fundamenta-se na teoria da Etnomatemática, proposta por Ubiratan D'Ambrosio (2001), que reconhece a matemática como uma construção social vinculada aos saberes e práticas culturais de diferentes grupos sociais. Essa abordagem amplia as possibilidades pedagógicas ao integrar elementos culturais e do cotidiano ao ensino da matemática, tornando o aprendizado mais significativo e próximo da realidade da aluna. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa com metodologia descritiva, que permitiu relatar e analisar detalhadamente as vivências da aluna durante as atividades. A coleta de dados foi realizada por meio de uma entrevista semiestruturada conduzida pela pesquisadora, que possui conhecimentos no sistema Braille, possibilitando uma comunicação eficaz. Durante a entrevista, foram explorados aspectos do cotidiano da aluna e suas percepções sobre as práticas matemáticas vivenciadas. A utilização de materiais concretos e manipuláveis destacou-se como uma estratégia eficiente, permitindo que a aluna explorasse conceitos matemáticos de forma tátil e interativa. A análise de dados, conduzida por meio da análise de conteúdo matemático, revelou que esses recursos contribuem para a compreensão dos conceitos explorados e proporcionam avanços significativos no desenvolvimento de suas habilidades matemáticas. Os resultados parciais têm evidenciado que a utilização de materiais concretos e manipuláveis, associada ao sistema Braille, tem gerado impactos positivos no processo de aprendizagem da aluna. Esses recursos têm facilitado a compreensão de conceitos matemáticos, possibilitando que a estudante explore de forma tátil elementos como quantidades, formas e operações. Essa abordagem tem promovido maior autonomia na realização das atividades e fortalecido sua autoconfiança, resultando em maior engajamento e participação ativa nas práticas pedagógicas.

**Palavras-chave:** Etnomatemática. Deficiência Visual. Matemática. Braille. Sala de Recursos Multifuncionais.

### Referências

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática**: elo entre as tradições e a modernidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.112p.

## COM A PALAVRA, AS CRIANÇAS

*Morgana Domênica Hattge, Suzana Feldens Schwertner, Ana Caroline Krenczinski de Lima,  
Augusto André Pacheco, Maysa Franco*

**Resumo:** A relação das infâncias com a creche e a pré-escola tem sido amplamente estudada por pesquisadores, professores e entidades. Porém, ao cruzarem o portal que divide a escola de educação infantil e a dos anos iniciais do ensino fundamental, as crianças passam a integrar um contexto que, na maior parte das vezes, ignora as necessidades das infâncias, atendendo aos apelos de uma educação mercadológica e marcada pela competitividade. Este projeto trata da relação que se estabelece entre as infâncias e a escola, buscando problematizar as práticas pedagógicas, os modos de ensinar e aprender, as formas como as diferenças são tratadas nos contextos vivenciados pelas crianças, estudantes do Ensino Fundamental. O problema central do estudo se expressa da seguinte forma: De que modo a cultura escolar é compreendida por crianças de 6 a 11 anos, estudantes do Ensino Fundamental, Anos Iniciais? A pesquisa vincula-se ao Grupo de Pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM/CNPq), aprovada na Chamada CNPq/MCTI Nº 10/2023 - Edital Universal CNPq e Parecer 6.872.603 do Comitê de Ética em Pesquisa (COEP), sendo desenvolvida no âmbito do Grupo de Trabalho I - Ensino e Diferenças. A partir da escuta atenta e sensível espera-se perceber a compreensão das crianças acerca de como se dão as práticas pedagógicas, os processos de ensino e aprendizagem e a forma como a escola acolhe as diferenças. A hipótese inicial é a de que as crianças têm muito a dizer quando um ambiente acolhedor se institui e que os seus ditos podem contribuir sobremaneira na problematização das práticas vigentes e na construção de modos outros de ser e estar na escola. Em projeto de pesquisa anteriormente conduzido por um dos grupos proponentes deste estudo foi possível perceber a potência das manifestações das crianças, atentas ao que se passa nos espaços em que estão inseridas (Horn, Hattge e Schwertner, 2021). A estratégia metodológica a ser adotada na investigação é a escuta atenta e sensível de crianças de 6 a 11 anos, estudantes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, tomando-se como materialidade de análise desenhos, escritas e manifestações orais das crianças em momentos de interação com as pesquisadoras e demais participantes do estudo. Até o momento foram realizados dois encontros em um espaço da Universidade do Vale do Taquari - Univates, conhecido como Labrinque (Laboratório de Experimentação e Brinquedoteca) contando com a participação de 9 crianças de escolas públicas e privadas da cidade de Lajeado. Resultados provisórios e iniciais demonstram que não é possível generalizar a natureza e o sentido das práticas escolares, dado que num mesmo tempo histórico convivem práticas potentes e respeitadas para com as infâncias e práticas normalizantes que patologizam a conduta dos sujeitos ao mínimo desvio daquilo que é considerado esperado.

**Palavras-chave:** Infâncias. Escuta. Anos Iniciais. Diferenças. Práticas pedagógicas.

### Referências

HORN, Cláudia Inês; HATTGE, Morgana Domênica; SCHWERTNER, Suzana Feldens. Oitentena: brincando de salvar o mundo do coronavírus. In: Samantha Dias de Lima. (Org.). **Notas sobre o brincar:** experiências na constituição de uma brinquedoteca. 1ed. Estância Velha (RS): Z Multi Editora, 2021, v. 1, p. 116-124.



## MODELOS DA DEFICIÊNCIA E OS EFEITOS DO PROCESSO DE MEDICALIZAÇÃO NAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS INCLUSIVAS

*Nadine Silva dos Santos, Kamila Lockmann*

**Resumo:** Este trabalho resulta do recorte de uma pesquisa que teve como objetivo geral apresentar a análise acerca dos modelos médico, social e biopsicossocial da deficiência, articulando-os aos discursos que fundamentam algumas políticas educacionais inclusivas no cenário brasileiro. Localizado no contexto da perspectiva pós-estruturalista, mais precisamente nos estudos do filósofo francês Michel Foucault e demais autores foucaultianos, este trabalho destaca dois movimentos como procedimentos metodológicos: I) A breve contextualização histórica acerca da concepção de normalidade e anormalidade, a partir da noção de norma e dos modelos da deficiência e II) A análise de algumas políticas educacionais inclusivas brasileiras, que definem o público-alvo de suas estratégias. No contexto das análises, alguns documentos que avaliam e classificam as deficiências foram incorporados à discussão, sendo eles: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5); Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID-10); Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF); e Índice de Funcionalidade Brasileiro (IFBr-M). O acionamento desses documentos enfatizou a produção de nomeações e classificações sobre os sujeitos, fomentando para além da noção do direito escolar à pessoa com deficiência, a proliferação de alguns efeitos que demarcam e capturam qualquer tipo de “anormalidade” apresentada pelos indivíduos. Frente aos resultados, foi observado que apesar dos saberes médicos expressarem uma importante relação com o benefício da saúde, bem-estar e provimento de direitos às pessoas com deficiência, a utilização demasiada desses saberes na escola pelas áreas clínicas tende a produzir o processo de medicalização. Nesse processo, não só o uso de psicofármacos pode ser utilizado como meio ajustar as condutas, como também, é produzido o enquadramento dos sujeitos em identidades patológicas com a finalidade de gerenciar os possíveis riscos oferecidos pelos desvios comportamentais, cognitivos e psicológicos. Assim, concluiu-se que outras questões de nível individual e social que atravessam a vida dos sujeitos são desconsideradas, pois alinhado ao provimento do direito à inclusão escolar, o processo de medicalização atua como um efeito das políticas educacionais inclusivas para classificação do público-alvo de suas ações. Essa relação, destaca a ânsia por encaixar todo e qualquer desvio apresentado pelos sujeitos, patologizando as condutas diante da nomeação e classificação das existências.

**Palavras-chave:** Avaliação da deficiência. Medicalização. Inclusão.

## THE AFFORDANCES OF INCLUSION IN RHIZOMATIC CURRICULUM

*Ruta Gajauskaitė*

**Resumo:** For this theoretical-philosophical paper, inclusion comes in between the concept of rhizomatic curriculum and posthumanism. One of the building blocks in the tracing of rhizomatic curriculum is direction, which on the end of the planned curriculum may take the shape of a learning objective, and on the end of the lived curriculum may appear as a subjective or a collective. I see these three as actualizations of the centre during the unfolding of a lesson. Both objectives and subjectives relate to individual learning; however, while the former is ruled by and goes back to the regulated, disciplined curriculum, the latter is informed by an individual learner's knowledge of themselves and indicates how they wish to be shaped by the learning or what they see themselves gaining from it. Sticking to the subjectives alone grants learning multidirectionality, but also dispersion, and in this way contributes to a decentring of learning. For this reason, I propose considering a collective as a learning outcome. Doing so raises the question of, to paraphrase Braidotti (2019b), what can we learn in this classroom knowing we are not one and the same? I maintain that between the three forms of direction-objectives, subjectives and collectives-one is not better than others; instead, affirmatively, I challenge myself to see(k) ways how teachers might be aware of them and work with them within the spacetime of a lesson. In the space of rhizomatic curriculum, the act of claiming the centre discloses an actualization of power relations. By choosing to direct learning towards curriculum-informed objectives and away from subjectives and collectives, it must be asked what collective learning takes place and whether, and if so - how much, it is accessible to all participants in the lesson. It is not only that the teacher and the learners are embedded within the space of the classroom, but learning directions are equally embedded, be it virtually or in actuality. One of the tasks that Braidotti (2019) sets is an intentional inclusion of the missing. Following this, I ask what is missing on the edges of either planned or lived rhizomatic curriculum and what requires to be included to allow for affirmative relations in the classroom. Moreover, it contributes to the ongoing production of subjectivity. Since learners are multiple, subjectivities are heterogeneous. Tapping into the embodied subjectivities and the embeddedness of the lesson is already affirmative. However, affirmation does not remove power relations. Thus, questions related to whose embodiment is affirmed and who and how is allowed to claim the centre must be continuously addressed.

**Palavras-chave:** Rhizomatic curriculum. Posthumanism. Affirmation.

### Referências

BRAIDOTTI, Rosi. A theoretical framework for the critical posthumanities. **Theory, culture & society**, vol. 36, n.6, p. 31-61, 2019. BRAIDOTTI, Rosi. *Posthuman knowledge*. Cambridge: Polity Press, 2019b.



## A PLANET FOR ALL - BEFORE IT IS TOO LATE: BRIEF NOTES ON CITIZENSHIP, EDUCATION, AND CHILDREN'S LITERATURE

*Suzana Feldens Schwertner, Gustavo Fischman*

**Resumo:** Como imaginar um futuro em um planeta ameaçado por crises climáticas e outras tantas destruições causadas pelos humanos? Ainda podemos seguir pensando na delimitação tão polarizada entre natureza e humanidade? E se criássemos um novo modo de enxergar nossas relações entre humanos e não humanos? Podemos aproveitar a literatura infantil, para imaginar e desenhar novos mundos? Essas são as questões iniciais de um escrito que se propõe curioso e atento ao mundo nos cerca, tal como uma criança que pergunta sem parar. O presente trabalho parte das concepções teóricas de François Taddei (2022) acerca dos questionamentos em torno do conceito de cidadania. O autor nos leva a perguntar sobre um senso de pertencimento e de inclusão que se expanda para além das fronteiras dos países, dos limites geográficos e que possa ser aplicado a todo planeta Terra. Por meio de suas ideias, estudadas no segundo semestre de 2024 na disciplina Planetizen Citizenship, e durante as pesquisas realizadas durante a bolsa Fulbright, na Arizona State University, Estados Unidos, foi realizada a elaboração de uma produção literária para crianças de todas as idades. Inicialmente, a narrativa foi escrita na língua inglesa e em seguida adaptada para o idioma português. A produção literária será, em seguida, traduzida para outros idiomas a partir das parcerias internacionais realizadas no período de estudos no exterior, como o espanhol, o lituano, o alemão e o russo, reforçando o processo de inclusão e de internacionalização. A história tem como protagonista uma criança que percebe as mudanças climáticas em seu entorno, questionando os adultos acerca dos sofrimentos que as consequentes transformações impõem, tais como as secas, as inundações, as migrações e a fome. Uma vez que os adultos se mostram impotentes para responder suas perguntas, a menina decide criar propostas para um novo mundo, um planeta para todos, sem cidadania definida por zonas de fronteira, mas com regras próprias, que busquem respeitar cada ser que o constitui, com destaque para as plantas, os animais, os idosos e as crianças. Por meio da ficção é possível imaginar um outro mundo, bem mais inclusivo e interessado na coexistência dos seres. Como destaca Todorov (2009), a aprendizagem pela literatura não necessariamente transforma aquilo que se percebe, mas o aparelho perceptivo daquele que lê, proporcionando uma nova capacidade de comunicação com diferentes seres. Ao final, destaca-se que a literatura voltada para as infâncias pode inspirar pessoas de todas as idades a repensar sobre sua relação com a natureza e com seus modos de cuidar do planeta - antes que seja tarde.

**Palavras-chave:** emergências climáticas. literatura infantil. inclusão. cidadania.

### Referências

TADDEI, François. **Learning Planetizen Manifesto**. Paris: Learning Planet Institute, 2022.

TODOROV, Tzvetan. O que pode a literatura? In: TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009. p. 73-82.

## BECOMING PLANETIZEN

*Victoria Desimoni, Ruta Gajauskaitė, Cheyla Daverman, Iveta Silova, Suzana Feldens Schwertner*

**Resumo:** What does it mean to be or to become a “planetizen”? What does it entail? Who can be a “planetizen”? Planetizen is an emerging concept; it has been used by the Learning Planet Institute for some years now, especially the concept of Learning Planetizens by François Taddei (2022) and Emmanuel Daviendkoff. When discussing Planetizenship there seems to be three main components that are discussed: the citizen element that focuses on migration and human belonging and its connections to climate change; the rights of non-humans and how to acknowledge, protect and conserve their rights to life; and the functionality, what does planetizen look like practically. The main goal of this paper is to think with the emerging concept of being a “planetizen”, based on the ideas that emerged from a multidisciplinary and multigenerational class that spent a semester thinking and reading about it, in order to make the concept accessible and useful. The class, Planetizen Citizenship, was held at Arizona State University from August to December last year (2024) and involved 35 students from a variety of graduate and undergraduate programs. At the end of the semester, in two workshops, students were invited to elaborate on their approaches to the concept, from writings, music, paintings, and applying different materials, as Lego and modeling clay. From this data, we examined the relationships defined and interpreted between all elements of Planetizenship. They followed a similar pattern, discussing the human role intergenerationally and our responsibility, the rights of non-humans and raising ideas about how planetizenship relates to the climate crisis and the understanding that limits apply to humans as well. The initial findings raise new questions: how can we talk about this concept in another language? How can we communicate this idea of global togetherness across cultures and people? How do we bridge the scientific benefits of planetary citizenship with the demands of law, policy, and government? The emphasis on rights and freedoms reflects a strong commitment to justice - whether for the environment, people, or communities-and challenges systems that undermine these freedoms, making us think on the process of inclusion. Education and awareness play a central role in developing critical perspectives, fostering open-mindedness, and inspiring transformative thinking about social and environmental issues. Citizenship is complex and incomplete, which makes it harder to disrupt the idea of Planetizenship. We need to weave Planetizenship into the normalcy of our world and re-cultivate a truly symbiotic relationship with the Earth.

**Palavras-chave:** Planetizenship. Environmental issues. Inclusion.

### Referências

TADDEI, François. **Learning Planetizen Manifesto**. Paris: Learning Planet Institute, 2022.



## EDUCAÇÃO INCLUSIVA: AS REPRESENTAÇÕES DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA EM LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS

*Yuri Jorge Almeida da Silva, Jackson Ronie Sá da Silva*

**Resumo:** Os livros didáticos desempenham um papel importante na formação educacional, pois são instrumentos que, não apenas transmitem conhecimento, mas também ajudam a moldar valores, atitudes e visões de mundo. Nesse sentido, entende-se que esses materiais podem promover a educação inclusiva. O principal objetivo deste trabalho é analisar como a representação das pessoas com deficiência é construída nos livros didáticos de Ciências. A pesquisa é de natureza qualitativa, documental e adota técnica de análise de conteúdo. Foram analisados dezessete livros didáticos de Ciências aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), utilizados nas séries iniciais do ensino fundamental. O processo envolveu a leitura minuciosa de textos e a observação cuidadosa de imagens, buscando identificar padrões de representação e a presença (ou ausência) de discursos inclusivos sobre a deficiência. As informações coletadas foram categorizadas e interpretadas à luz dos Estudos Culturais, o que permitiu uma problematização dos resultados obtidos. As análises apontam para a predominância de representações visuais limitadas e estereotipadas das pessoas com deficiência, com foco quase exclusivo na figura do cadeirante. Essa abordagem homogênea desconsidera a diversidade de deficiências e experiências, reforçando uma visão biomédica centrada na falta e na inaptidão. Ademais, a pesquisa também revelou que as representações de cadeirantes nos livros didáticos vão além de estereótipos comuns, evitando tanto a imagem do indivíduo vitimizado — retratado como alguém que sofre devido à sua condição física e frequentemente visto como objeto de piedade e compaixão — quanto a do “herói” que precisa ser exaltado como modelo de superação. Em oposição a isso, as representações buscam promover uma visão mais realista e respeitosa, destacando a autonomia e a independência das pessoas com deficiência para realizar diversas atividades, apesar das limitações de locomoção. Ademais, por meio de ilustrações e descrições, esses materiais didáticos enfatizam a participação ativa das pessoas com deficiência no ambiente escolar, mostrando-os engajados em atividades educativas, recreativas e sociais. Dessa forma, essas representações podem ajudar a combater preconceitos e promover o respeito à diversidade, preparando as crianças para interações mais empáticas e conscientes, desde que sejam problematizadas pelos professores. Conclui-se que há uma necessidade urgente de ampliar e diversificar essas representações nos livros didáticos. Um passo fundamental nesse processo é a capacitação de autores, editores e professores na abordagem de conteúdos inclusivos. Assim, será possível promover uma educação que reconheça e valorize a diferença, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes, empáticos e preparados para atuar em uma sociedade plural.

**Palavras-chave:** Deficiência. Inclusão. Representação. Educação.



# GT 10. Gestão de Riscos, Emergências e Desastres

**IX DIÁLOGOS**  
na contemporaneidade

**POR OUTROS MODOS**  
*DE PENSAR A VIDA, A*  
**TERRA E NOSSO JEITO**  
*DE ESTAR NO MUNDO*



## VÍNCULOS DA RECONSTRUÇÃO: O SENTIDO NA UNIÃO DE ESFORÇOS DO CURSO DE PSICOLOGIA E DE ARQUITETURA E URBANISMO NO ENFRENTAMENTO AO DESASTRE NO VALE DO TAQUARI

*Jamile Maria da Silva Weizenmann, Gisele Dhein, Bárbara Delazeri, Luiza Malvessi Lagemann.*

**Resumo:** Os eventos climáticos extremos afetam em diferentes escalas as cidades, com maiores consequências nas comunidades de áreas periféricas e de maior vulnerabilidade social. O sul do Brasil tem vivenciado sucessivos desastres nos últimos anos, principalmente com inundações e movimentos de massa por chuvas de alto volume. Em 2023 e 2024, o Vale do Taquari, conjunto de municípios na região central do Estado do Rio Grande do Sul, também registrou tais eventos, que afetaram diretamente inúmeras famílias, com um dos aspectos mais impactantes sendo o déficit habitacional consequente. Em geral, o cenário habitacional no Brasil se agrava a cada ano, marcado pelo crescimento expressivo na falta de habitações dignas, bem como a precariedade dos domicílios e a elevação dos custos de aluguel, potencializados pela especulação imobiliária, aspectos que são intensificados após as inundações. Vale ressaltar que, a moradia digna é um direito assegurado pela Constituição do Brasil, na qual prevê o direito à moradia, garantido pela União, Estados e municípios. A partir dessa perspectiva, o projeto de pesquisa “Da cidade à moradia - resiliência urbana frente à crise climática”, com fomento externo da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), objetiva estabelecer diretrizes no tema da moradia no contexto de enfrentamento dos desastres climáticos na região do Vale do Taquari, com foco nos municípios de Arroio do Meio, Cruzeiro do Sul, Encantado, Estrela, Lajeado, Muçum e Roca Sales. A metodologia de trabalho é dividida em três etapas: (1) revisão integrativa na área de habitação e apoio psicossocial; (2) abordagem das estratégias utilizadas pelos municípios em relação ao enfrentamento dos desastres climáticos de 2023 e 2024, sob o aspecto habitacional nas comunidades periféricas e lindeiras ao rio. Para tanto, serão entrevistados gestores e/ou técnicos dos municípios para reconhecer essas estratégias. Além disso, será realizada a análise dos mapeamentos e dados produzidos pelo Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Vale do Taquari - Univates, em parceria com o Governo do Estado do Rio Grande do Sul; (3) elaboração das diretrizes para abrigos provisórios e novas implementações de conjuntos habitacionais, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento urbano sustentável. O trabalho encontra-se na finalização da etapa 1 e na estruturação dos dados das etapas 2 e 3. A pesquisa se revela com uma abordagem inovadora na temática, ao articular as áreas da Arquitetura e Urbanismo e da Psicologia, permitindo pensar a cidade para as pessoas num contexto pós-desastre. Espera-se provocar transformações no modo que atualmente é enfrentada a problemática da Habitação de Interesse Social, a partir do entendimento e reconhecimento das áreas suscetíveis à ocorrência de desastres na região foco, associada aos impactos das mudanças climáticas e a necessidade da promoção de adaptação e cidades resilientes.

**Palavras-chave:** Mudanças climáticas. Inundações. Moradia. Apoio psicossocial. Reconstrução.

### Referências

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil** de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2023]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm) . Acesso em: 20 fev. 2025.

WEIZENMANN, Jamile Maria da Silva; et al. **A cidade e a água: vivências do Semeia EMAU no enfrentamento dos eventos climáticos de 2024**. 1. ed. Lajeado, RS: Univates, 2024. E-book. ISBN: 978-85-8167-327-1 Disponível em: <https://www.univates.br/editora-univates/publicacao/434>. Acesso em: 20 fev. 2025.



## ENTRE A PROTEÇÃO E A EXPOSIÇÃO: A FRAGILIDADE DA INFRAESTRUTURA EM ABRIGOS PARA POPULAÇÕES DESABRIGADAS EM CONTEXTOS DE DESASTRES NATURAIS

*Lidia Maria Erbes, Bianca Luiza Anschau, Joana Bücker*

**Resumo:** Apresentação do tema: Os abrigos de acolhimento desempenham papel crucial na proteção de populações afetadas por desastres naturais e crises humanitárias, oferecendo refúgio temporário para indivíduos vulneráveis (Sahin, Kabakci, 2024; Wang, Xi, Chen, 2024; Cornwall, 2022; He, Xie, 2022). No entanto, muitos desses abrigos apresentam condições precárias, como superlotação, falta de privacidade, barreiras de acessibilidade e instalações sanitárias inadequadas (Sahin, Kabakci, 2024; Wang, Xi, Chen, 2024; Cornwall, 2022; He, Xie, 2022), o que impacta diretamente o bem-estar dos acolhidos. Esses problemas aumentam os riscos de violência, especialmente contra mulheres desacompanhadas e crianças, que ficam mais expostas a abusos e assédios (Cornwall, 2022). Além disso, eventos como furacões, terremotos e incêndios exacerbam essas vulnerabilidades, destacando a necessidade de aprimorar a infraestrutura dos abrigos. A revisão da literatura sobre o tema contribui para entender os desafios enfrentados nesses espaços e a importância de medidas para garantir mais segurança e dignidade aos acolhidos (Sahin, Kabakci, 2024; Wang, Xi, Chen, 2024; Wheeler et al., 2021; Holmes et al., 2022; Chowdhury et al., 2022; Cerna-Turoff et al., 2021; Cornwall, 2022; He, Xie, 2022; Milburn et al., 2023; Seddighi et al., 2019). Objetivo geral: O objetivo deste estudo é analisar os impactos psicológicos das condições precárias nos abrigos de acolhimento, investigando como a superlotação, a falta de privacidade, as instalações inadequadas e a vulnerabilidade à violência afetam o bem-estar emocional, a segurança e a recuperação psicológica dos indivíduos acolhidos, com foco em grupos mais vulneráveis, como mulheres e crianças. Problema: os abrigos são realmente ambientes seguros para as populações afetadas por desastres naturais? Procedimentos metodológicos: A pesquisa foi realizada com base em uma busca no PubMed entre 2020 e 2025, utilizando as palavras-chave “natural disaster” e “shelters” e resultou em 217 artigos. Após a seleção, 16 artigos foram escolhidos, excluindo-se 4 por serem pagos e 2 por não se encaixarem no tema proposto. Conclusão: A conclusão do estudo é que as condições precárias dos abrigos podem prejudicar significativamente a segurança e o bem-estar dos indivíduos afetados. A superlotação, a falta de privacidade e a infraestrutura inadequada dificultam a recuperação dos acolhidos e aumentam os riscos de violência, especialmente contra mulheres e crianças. Por isso, é fundamental o desenvolvimento de políticas públicas e diretrizes para construir abrigos mais seguros, acessíveis e adequados, minimizando os riscos e garantindo condições dignas para aqueles que dependem desses espaços em momentos de crise.

**Palavras-chave:** Desastre natural. Abrigos. Vulnerabilidades.

### Referências

- CERNA-TUROFF, Ilan et al. The pathways between natural disasters and violence against children: a systematic review. *BMC Public Health*, v. 21, n. 1, p. 1249, jul. 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34247619/>. Acesso em: 28 fev. 2025.
- CHOWDHURY, Tazrina Jahan et al. Lived-Experience of Women’s Well-Being in the Cyclone Shelters of Coastal Bangladesh. *Prehosp Disaster Med*, v. 37, n. 4, p. 437-443, ago. 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35477492/>. Acesso em: 28 fev. 2025.
- CORNWALL, Warren. Shelter from the storm. *Science*, v. 378, n. 6621, p. 698-702, nov. 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36395234/>. Acesso em: 28 fev. 2025.

HE, Lei; XIE, Ziang. Optimization of Urban Shelter Locations Using Bi-Level Multi-Objective Location-Allocation Model. *Int. J. Environ. Res. Public Health*, v. 19, n. 7, p. 4401, 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35410078/>. Acesso em: 28 fev. 2025.

HOLMES, Tisha Joseph et al. Assessment of an evacuation shelter program for people with access and functional needs in Monroe County, Florida during Hurricane Irma. *Soc Sci Med*, v. 306, p. 115108, 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35717825/>. Acesso em: 28 fev. 2025.

MILBURN, Ashlea Bennett et al. Health-Care and Supportive Services in General Population Disaster Shelters. *Disaster Med Public Health Prep*, 2023. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37605973/>. Acesso em: 28 fev. 2025.

SAHIN, Berrak Mizrak; KABAKCI, Esra Nur. Breastfeeding Experiences of Mothers Staying in Temporary Shelter Areas in Disaster-Affected Provinces in the 2023 Türkiye Earthquake. *J Hum Lact*. 2024 Nov;40(4):613-622. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/39257022/>. Acesso em: 28 fev. 2025.

SEDDIGHI, Hamed et al. Child Abuse in Natural Disasters and Conflicts: A Systematic Review. *Trauma Violence Abuse*, v. 22, n. 1, p. 176-185, jan. 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30866745/>. Acesso em: 28 fev. 2025.

WANG, Donghai; XI, Menghao; CHEN, Yingzhen. A Dynamic Shelter Location and Victim Resettlement Model Considering Equitable Waiting Costs. *Int J Environ Res Public Health*, v. 17, n. 2, p. 471, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31936871/>. Acesso em: 28 fev. 2025.

WHEELER, Amanda J. et al. Can Public Spaces Effectively Be Used as Cleaner Indoor Air Shelters during Extreme Smoke Events? *Int. J. Environ. Res. Public Health*, v. 18, n. 8, p. 4085, 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33924413/>. Acesso em: 28 fev. 2025.



## DESLOCADOS CLIMÁTICOS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A PROTEÇÃO INTERNACIONAL

*Matheus Felten Fröhlich*

**Resumo:** As mudanças climáticas têm impulsionado deslocamentos forçados em diversas regiões do mundo, criando um novo desafio para o direito internacional e as políticas migratórias. Os chamados “deslocados climáticos” são indivíduos que deixam suas áreas de origem devido a eventos ambientais extremos, como furacões, secas prolongadas e elevação do nível do mar. No entanto, o regime internacional de refugiados, estabelecido pela Convenção de 1951, não reconhece explicitamente essa categoria, o que gera lacunas na proteção jurídica dessas populações. Diante desse cenário, organismos internacionais, como a ONU, vêm promovendo debates para ampliar os mecanismos de proteção e adaptação. A Plataforma sobre Deslocamento por Desastres (PDD) e o Pacto Global para Migração Segura, Ordenada e Regular são exemplos de iniciativas que buscam oferecer soluções para esses fluxos migratórios. Além disso, alguns países têm adotado políticas internas de reassentamento para populações vulneráveis, ainda que sem um enquadramento jurídico consolidado. Este artigo analisa os principais desafios enfrentados pelos deslocados ambientais, destacando a necessidade de uma redefinição do conceito de refúgio e a ampliação das responsabilidades estatais e multilaterais. Argumenta-se que a governança global das migrações climáticas deve ser fortalecida, incorporando princípios de justiça climática e direitos humanos. A pesquisa baseia-se em uma revisão crítica da literatura e na análise de iniciativas internacionais emergentes. Dessa forma, conclui-se que, embora os refugiados climáticos ainda enfrentam barreiras institucionais para o reconhecimento e a proteção, há avanços significativos na construção de um arcabouço normativo mais inclusivo. A cooperação internacional e o compromisso político serão fundamentais para garantir soluções duradouras para essa crescente realidade global.

**Palavras-chave:** Migrações Climáticas. Refugiados Climáticos. Mudanças Climáticas. Migrações Internacionais. Deslocados Climáticos.

## SEMINÁRIO COMPARTILHAR: PROPORCIONAR O AMPLO CONHECIMENTO DAS AÇÕES INSTITUCIONAIS, COLETIVAS E INDIVIDUAIS DURANTE E APÓS AS CHEIAS DE MAIO DE 2024

*Cristiano Zluhan Pereira, Luciana Turatti, Merlin Janina Diemer*

**Resumo:** No dia 27 de abril de 2024, as chuvas fortes tiveram início na região dos Vales. A partir desse dia, presenciou-se uma sequência de acontecimentos que incluíram o resgate dramático de vítimas, montagem de abrigos, falta de informações, informações divergentes, incertezas sobre a necessidade de desocupação, e a interrupção do abastecimento de água, energia e comunicação. As ações emergenciais de salvamento, ajuda, acolhimento e encaminhamentos, que vão desde a proteção da vida até a organização de lugares seguros com o mínimo de infraestrutura física e atendimento das necessidades básicas, partiram de diversas frentes de enfrentamento, incluindo setores públicos, coletivos, entidades, organizações, universidades e voluntariado. A Universidade do Vale do Taquari - Univates esteve à frente em diversas ações, encaminhamentos, pesquisas e estudos relacionados ao cenário posto. Com a situação controlada e o restabelecimento da rotina possível, percebeu-se que muito foi feito, mas pouco se sabia sobre o conjunto das ações da instituição. A primeira iniciativa, frente a isso, foi identificar que era necessário o compartilhamento. A partir de uma reunião com a Reitoria da universidade validou-se a pertinência de tornar coletivo o conhecimento sobre todas as ações, sejam elas institucionais, de grupos de professores ou funcionários, de setores ou cursos da instituição, e até mesmo individuais, para que se tivesse ciência do que foi realizado. Na sequência foi realizada uma pesquisa com professores e funcionários, além de publicações e informações veiculadas na mídia interna e local, para levantar, se não todas, a maioria das ações. Isso proporcionou uma dimensão do que foi feito, corroborando a necessidade de compartilhamento. O seminário foi organizado para acontecer em uma das reuniões bimestrais da Reitoria, que já tinha data marcada antes dos acontecimentos. Devido a uma nova condição de impossibilidade no dia 17 de junho de 2024, em decorrência das chuvas torrenciais que impediriam a participação de muitos, optou-se por realizar a apresentação dessa atividade de forma virtual. A apresentação foi organizada em agrupamentos, como: informações disponibilizadas pela mídia em geral, ações de setores e cursos, e projetos de extensão e pesquisa. Junto à apresentação, somaram-se depoimentos, outras informações ainda não levantadas, resultados de algumas ações, mas, sobretudo, ficou evidente o quanto a Universidade, a partir das pessoas que a formam, foi importante no enfrentamento da emergência e, acima de tudo, na sequência de demandas que estavam latentes ou por vir. Participaram mais de cem professores e funcionários que entenderam, como fechamento da atividade, a necessidade de uma organização interna para gerenciar essas ações, de forma a torná-las mais efetivas e assertivas caso tenhamos episódios semelhantes no futuro.

**Palavras-chave:** Crise climática. Gestão de riscos. Ensino. Pesquisa. Extensão.



## AS ENCHENTES E A ESCOLA: UM ARQUIVO DE IMAGENS

*Natália Schultz, Daiane Ribas, Angélica Vier Munhoz, Sônia Matos*

**Resumo:** Entre as chuvas e as enxurradas, o Rio Grande do Sul viveu, nos meses de abril e maio de 2024, o maior desastre climático de sua história. A rotina de milhares de gaúchos foi deixada de lado, a fim de conseguir sobreviver às águas e aos seus efeitos devastadores. Com vistas a documentar alguns fragmentos deste acontecimento, buscou-se construir um desdobramento do Projeto Brocantes: palavras e as Coisas da Escola, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM CNPq/ Univates), em parceria com os Programas de Pós-Graduação em Educação da UCS, Unisinos e UFRGS, cujo propósito é criar um arquivo digital público com documentos escolares produzidos pela escola desde o início do século XX. O projeto toma como referencial teórico-metodológico o arquivo em Foucault. Trabalhar com arquivo, na perspectiva de Foucault (2015), é estar atento aos acontecimentos, pois entre o arquivo e o fato, entre o arquivo e o acontecido, não há uma verdade absoluta, mas lacunas que mostram a impossibilidade de se reconstruir o passado. Parte-se, portanto, do Projeto Brocantes para, em parceria com a Universidade de Caxias do Sul (UCS), produzir um arquivo digital com imagens de escolas gaúchas que foram afetadas pelas cheias, o qual foi nomeado “As escolas e as Enchentes: imagens dos eventos climáticos extremos”. O processo de recolha das imagens ocorreu por meio de um formulário online compartilhado em redes sociais e também, como Projeto de Curricularização da Disciplina Docência: Teoria e Prática (2024/4) dos cursos de licenciatura da UCS, disciplina essa, ministrada por uma das pesquisadoras do projeto. Como resultado desses processos, o projeto recebeu 141 fotos de escolas das mais diversas cidades do Rio Grande do Sul, entre elas Porto Alegre, Ivoti, São Leopoldo, Lajeado e também dos municípios mais afetados pelas águas: Estrela e Cruzeiro do Sul. As fotos doadas advêm de imagens feitas pelos próprios doadores mas também, fotografias que foram divulgadas em veículos de comunicação como telejornais. Cada imagem recebida é digitalizada, catalogada, legendada e tarjada para então ser inserida no arquivo digital, de acordo com a taxonomia (ano, local, tipo de imagem). Todos os doadores assinam os termos de consentimento e indicam, se for o caso, os dados sensíveis a serem retirados. A intenção é que esse arquivo digital público continue sendo alimentado com novas imagens e que diversos usos acadêmicos possam ser feitos por cada pesquisador que busca acessá-lo. Também pretende-se produzir um livro-arquivo, em forma de catálogo, com as imagens das escolas atingidas pelas cheias. Acredita-se que o arquivo que vem sendo produzido poderá servir para a construção de uma memória coletiva ou para a preservação dessas imagens para o futuro, mas principalmente possibilitar que a leitura dessas imagens nos ajude a pensar e problematizar o presente.

**Palavras-chave:** Arquivo. Enchentes. Escola.

### Referências

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos V: Estratégia, poder-saber**. Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015, p. 199 - 217.

## CIÊNCIA CIDADÃ E DESASTRES NATURAIS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA NO MAPEAMENTO DE ÁREAS AFETADAS NOS EVENTOS HIDROLÓGICOS EXTREMOS DE 2023 E 2024 NO VALE DO TAQUARI, RS, BRASIL

*Sofia Royer Moraes, Lucas George Wendt, Walter Collischonn, Masato Kobayama*

**Resumo:** Neste trabalho, busca-se apresentar uma experiência adquirida em duas oportunidades após os eventos hidrológicos extremos que aconteceram na Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas, Rio Grande do Sul, Brasil, entre os anos de 2023 e 2024, quando, por meio da ciência cidadã, alunos e a população local foi convocada a unir esforços para mapear a extensão do impacto dos eventos. A ciência cidadã tem se consolidado como uma ferramenta para a coleta e análise de dados científicos, especialmente em contextos de desastres naturais. Iniciativas dessa configuração foram aplicadas nas inundações, enxurradas e deslizamentos ocorridos no Vale do Taquari em 2023 e 2024, envolvendo a participação da população na identificação e mapeamento de áreas afetadas. O projeto de pesquisa teve como principal objetivo a construção de um Mapa Cidadão, desenvolvido por meio de um banco de dados georreferenciado alimentado por informações enviadas por voluntários que percorreram a região e identificaram os pontos de inundações, enxurradas e deslizamentos. A metodologia baseou-se no uso de dispositivos móveis para o envio de localização, fotografias e descrições das áreas atingidas, seguindo um protocolo simples e acessível via WhatsApp com conexão à internet. Essa ação colaborativa, coordenada por instituições acadêmicas como a UFRGS e a Univates, permitiu mapear mais de 600 pontos afetados pelas inundações, enxurradas e deslizamentos. Todos os processos exercidos e o produto final, isto é, o mapa foram importantes tanto no âmbito técnico-acadêmico quanto no social. A integração dos dados fornecidos pela população com softwares especializados possibilitou a validação e aprimoramento de modelagens hidrológicas e geotécnicas realizadas pela equipe acadêmica. Além disso, o Mapa Cidadão obteve grande visibilidade. No aspecto social, a iniciativa promoveu o engajamento comunitário e ampliou a conscientização sobre os impactos ambientais e a necessidade de políticas públicas mais eficazes para lidar com eventos climáticos extremos, e consequentemente fortalecendo a resiliência da sociedade. Essa ciência cidadã demonstrou ser uma ferramenta eficiente para a coleta de dados em situações emergenciais, oferecendo informações em detalhe nos aspectos intensivos e extensivos, que dificilmente seriam obtidas apenas por cientistas. Sendo assim, o projeto evidenciou o alto potencial da colaboração entre cientistas e cidadãos na busca de soluções para problemas ambientais complexos, reforçando a importância da participação comunitária na gestão de riscos e de desastres. Destaca-se que iniciativas como essa, devem ser incentivadas e aprimoradas em quaisquer sociedades, para fortalecer a resiliência das comunidades diante dos desafios impostos pelas mudanças climáticas. Isso certamente contribuirá para o atendimento à Agenda 2030.

**Palavras-chave:** Mapa cidadão; eventos extremos; inundações; enxurradas; deslizamentos.



# ARTIGOS

## GT 1. Complexidades e Transversalidades

**IX DIÁLOGOS**  
na contemporaneidade

**POR OUTROS MODOS**  
*DE PENSAR A VIDA, A*  
**TERRA E NOSSO JEITO**  
*DE ESTAR NO MUNDO*



## IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO: UMA INTERVENÇÃO LITERÁRIA E SUAS REVERBERAÇÕES PARA A FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA

KESSLER, Arthur Hoffmann<sup>1</sup>;  
ZANELATTO, Elisângela Mara<sup>2</sup>  
DHEIN, Gisele<sup>3</sup>

<sup>1</sup> UNIVATES, arthur.kessler1@universo.univates.br;

<sup>2</sup> UNIVATES, giseled@univates.br;

<sup>3</sup> UNIVATES, elisangelamarazanelatto@gmail.com

### Tema: Complexidades e Transversalidades

**Resumo:** As Diretrizes Curriculares (Brasil, 2023) destacam a transversalidade temática como parte da constituição de um psicólogo, capacitando-o para além do tratamento de disfunções clínicas, exigindo postura ética e crítica frente aos contextos onde o sofrimento se materializa. Apresenta-se aqui uma produção desenvolvida na disciplina de Psicologia Social da Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES/Lajeado/RS, com base na obra de Ailton Krenak (2019), que propõe a reinvenção de uma série de discursos que imperam na contemporaneidade, influenciados por uma visão eurocêntrica que impõe padrões universais, desconectando o sujeito de seu próprio território. Entende-se que a literatura permite questionar o modo dominante de pensar e produzir ciência, e a sua inserção em espaços formativos é urgente para repensar o papel da Psicologia no enfrentamento e reprodução desses discursos, reconhecendo os efeitos dos atravessamentos sociais na constituição de sofrimento psíquico.

**Palavras-chave:** Psicologia Social; Direitos Humanos; Literatura.

**Abstract:** The Curriculum Guidelines for Psychology graduation in Brazil highlight thematic transversality as an essential part of a psychologist's education, which makes them ready for situations beyond clinical occurrences, since it demands ethical and critical perspectives towards the contexts where suffering emerges. This article presents a study developed in the Social Psychology class at UNIVATES/Lajeado/RS, based on the work of Ailton Krenak (2019), which proposes the reinvention of a series of contemporary and dominant discourses, influenced by Eurocentric worldviews that imposes universal standards, disconnecting people from their territories. Literatura is here understood as a means to question these dominant ways of thinking and producing science, and its inclusion in educational settings is urgent to rethink the role of psychology in confronting and reproducing these discourses, while recognizing the effects of social intersections in the constitution of psychological suffering.

**Keywords:** Social Psychology; Human Rights; Literature.

### Introdução

Sabe-se que a graduação em psicologia habilita o/a profissional a compreender e auxiliar pessoas experimentando algum sofrimento em alguma modalidade a encontrar estratégias que os/as permitam viver de modo mais funcional e saudável. A partir da abordagem teórico-metodológica escolhida pelo profissional, este amparo pode ser executado de diversas formas e em diversos contextos. Por outro lado, o que com frequência escapa das discussões ao longo da formação em Psicologia, ou acaba sendo visto sob outra perspectiva, muitas vezes não resistindo às imposições das diretrizes que classificam temáticas como não suficientemente científicas, a partir da formatação de evidências impostas pelo modelo tradicional positivista de ciência, é a exigência de um olhar



atento, crítico e sensível frente aos atravessamentos que os contextos onde os sujeitos se constituem atuam na gestão dos sofrimentos experimentados. A seção VIII, do Art. 24 das Diretrizes Curriculares Nacionais institui a fundamentalidade da Transversalidade Temática na graduação em Psicologia, ou seja, procura assegurar que /ao estudante e futuro/a profissional em psicologia se comprometa e seja capaz de analisar criticamente a realidade à sua volta, apropriando-se de temas tangenciais ao objeto de estudo da psicologia como um alicerce fundamental para o trabalho e estudo em matéria de saúde. Sendo assim, entende-se que o ensino de algo tão sensível e complexo, além de constante e necessariamente fluido, encontra uma série de dificuldades no espaço acadêmico. Percebe-se uma falta, e até uma certa estranheza, ao abarcar tais temas no ensino superior em psicologia, tendo em vista que a formação com bastante frequência é pautada e embasada em modelos biomédicos de cuidado e estudo, além de primordialmente voltada para a prática clínica.

Neste contexto, procurando alternativas em dispositivos para materializar o estudo e prática de um olhar sensível frente a diferentes realidades, nota-se que a literatura surge como uma aliada com enorme potência, capaz de voltar os olhos à dimensão sensível das expressões, à história que contextos e territórios possuem e aos atravessamentos e transversalidades que afetam na constituição do universo psíquico de um sujeito inserido em território, tornando-se mais do que relevante no processo de trabalho desempenhado por um/a profissional psicólogo/a no cuidado de sujeitos em condição de sofrimento. A experiência relatada neste escrito aconteceu no componente curricular intitulado Psicologia Social, na modalidade Ateliê, no segundo semestre de 2024, no curso de Psicologia da Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES. A proposta da professora foi instigar os/as alunos/as do componente a selecionarem uma obra literária, dentre as opções: “Quarto de Despejo”, de Carolina de Jesus (1960); “Becos da Memória” de Conceição Evaristo (2006); “A Vida não é útil” e “Ideias para adiar o fim do mundo”, de Ailton Krenak (2020; 2019). Sendo todos os/as autores/as dos livros propostos sujeitos pertencentes a minorias, as duas primeiras mulheres negras e o último um homem indígena, entende-se que a proposição entregava um convite a (re)olhar o mundo sob outras perspectivas e lugares, frequentemente marginalizados ou não constituídos como modo científico e, portanto, correto, de se produzir conhecimento. A reflexão em questão surge a partir da escolha do livro “Ideias para adiar o fim do mundo”, de Ailton Krenak, Editora Companhia das Letras, uma parábola contemporânea que alerta para os problemas das tentativas de separar a humanidade da natureza.

## Descrição do trabalho/pesquisa ou da Experiência

A proposta da leitura de uma obra literária, uma produção sensível, diversa e aberta à experimentação e contato com a dimensão humana de uma maneira artística - de um modo que toca, afeta e se afasta um pouco rigor metodológico-científico que com frequência embasa e norteia os trabalhos científicos, foi recebida com bastante mistério e estranheza pelos/as alunos/as do componente curricular. Percebeu-se uma reação de confusão frente aos critérios da atividade, pois constatou-se que se trataria de uma avaliação acadêmica que exigiria mais da nomeada como *subjetividade dos/as alunos/as*, dado o fato que os/as estudantes teriam de entregar percepções pessoais, sob a pergunta “Quais as afetações produzidas a partir da leitura?”, além de uma análise crítica do conteúdo da obra, fazendo uso de referenciais estudados em sala de aula assim como repertórios próprios, concebendo uma possibilidade bastante autêntica e livre de compartilhar as afetações a partir das obras lidas.

A partir da leitura do livro em questão, pontua-se aqui uma série de invenções, no sentido de escapar à ideia de reflexão, como algo que simplesmente se pensa sobre uma coisa, assim como um relato das contribuições da intervenção literária na formação superior em psicologia. A ideia de invenção aqui parece um conceito mais apropriado, pois se vê as afetações produzidas como algo

além do pensar sobre a obra, percebendo-as como algo potencialmente materializável nas práticas do/a estudante já na graduação, com efeitos também na posterior atuação como profissional psicólogo/a, ao passo em que o contato com dispositivos artísticos toca de um modo humano, sendo um objeto desenvolvido a partir da subjetividade de uma pessoa que entra em contato, relaciona-se com a subjetividade do outro sujeito que experimenta a expressão de arte.

Enxerga-se a partir da leitura e também da discussão ocorrida em sala de aula, onde os colegas compartilharam suas impressões e detalharam suas experiências com a leitura das obras propostas, uma nova possibilidade de se sensibilizar com a constituição de mundo, diferente das diversas identidades e modos de existir, que vão para muito além da hegemonia branca europeia que com frequência protagoniza os modos de se produzir ciência e, a partir disso, ancora dimensões como o ensinar e aprender e o cuidado em saúde.

Uma das afetações mais notáveis é a constatação da preferência por modos duros e por muitas vezes sub humanos de se produzir ciência e conhecimento. Desde a década de 1960, com movimentos culturais e políticos, como *Woodstock* e *Maio de 1968*, já era nítido que o modelo imperial, os resquícios do eurocentrismo e a ciência positivista já haviam esgotado suas desculpas em muitos lugares e esferas, dada a série de acontecimentos violentos que marcaram o século XX. Diante da insatisfação, diversas frentes e grupos levantavam bandeiras revolucionárias, um pedido de basta e inovação, um apelo pelo retorno da alegria em viver, pela liberdade de dançar sem música e cantar desafinado. Cazuza, falecido poeta e cantor brasileiro, alertou-nos de perto sobre o processo de desmoralização na música “O tempo não para (1988)”, ao cantar que por diversas vezes o discurso de preconceito contra classes sociais menos favorecidas em termos de privilégios econômico-sociais, assim como contra a população LGBTQIAPN+<sup>1</sup> possuem o intuito de indiretamente ridicularizar as expressões de sujeitos que pertencem a estes grupos, determinando quem tem poder de decisão e quem não tem, em prol da manutenção de instituições hegemônicas, tradicionais e coerentes com o modelo econômico vigente. Indiretamente, os discursos são desvalorizados a partir da desmoralização do sujeito que o coloca em ação, que é condenado por estar colocando-se no mundo de uma maneira que não é tradicionalmente concebida como a correta.

Os linchamentos ganham força, ao passo em que são fundamentados e autorizados pela distorção de conceitos tão naturais ao ser humano quanto a própria existência. As diversas culturas vivas, que ainda insistem em preservar a revolucionária ainda que básica conexão vital com a terra, nas mais diversas formas, desde o contexto prático e material dos alimentos e água quanto das dimensões espirituais que dão sentido à existência de muitas pessoas, nas mais variadas linguagens, tornam-se marginalizados sob taxações conservadores, que ditam e rotulam corpos como desviantes, usando como regra padrões heteronormativos e de brancura europeia. A partir do desmonte, é possível ridicularizar um grupo e, por sequência, desacreditar suas ideias e modos de estar no mundo.

Em um vídeo de 2020, a professora e filósofa Rita Von Hunty convida a refletir sobre a relatividade da realidade, colocando o modo como a experiência da realidade é pautada pelo discurso, sendo a realidade em si, não-experienciável. Deste modo, entende-se que cada sujeito apenas entra em contato com o real sob a ótica do discurso que lhe atravessa. Desta forma, cabe pontuar a possibilidade de moldar a realidade através da seleção dos discursos afirmados, separando corpos que detêm a palavra, portanto vivem a realidade, de corpos não pertencentes ao meio, negligenciado discursos contrários aos poderes dominantes e vigentes.

1 Sigla que representa uma diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais (e aromânticos), Panssexuais e Não-binários. O sinal “+” indica a inclusão de outras identidades e expressões de gênero que não estão representadas explicitamente na sigla, reconhecendo a pluralidade dentro da comunidade.



A reflexão em sala de aula transitou por entre a experiência de ler autores/as que vêm da periferia, assim como autores/as que possuem um modo de existir desviante, para os quais o modo unicultural de existir não faz sentido. A possibilidade de lê-los/as, através de uma provocação que coloca os/as estudantes no centro de uma experiência, entrando em contato com realidades e sentimentos que frequentemente escapam dos âmbitos acadêmicos, além da riqueza de permissão de poder afetar-se pela experiência da leitura e produzir crítica a partir dela, oferece a expansão dos modos de fazer e produzir psicologia. Sendo esta uma ciência que opera com e a partir, essencialmente, da subjetividade das pessoas, torna-se categórico que o/a profissional psicólogo/a possa abrir-se para realidades das quais não pertence: não no intuito de colocar-se no lugar do outro, e sim no sentido de poder olhar para aquele lugar *com* este sujeito. Defende-se aqui que apenas a partir da sensibilização oferecida pelo estudo e contato com expressões artísticas, como a literatura, é possível conceber e (re)imaginar formas menos nocivas de se estar no mundo, de acordo com o que os direitos humanos estabelecem.

## Resultados

Deste modo, elenca-se aqui uma série de reinvenções encontradas a partir dos efeitos que o livro em questão produziu. Enxerga-se na série de questões, uma necessária e bastante acentuada pertinência no que toca a problematização, análise e reinvenção de uma série de conceitos já consolidados no imaginário da população, coerentes com um modo hegemônico de estar e existir no mundo. Do modo como foi descrito nas seções anteriores, aqui se entende o discurso como forte ferramenta de manipulação e manutenção de modos de existir, por muitas vezes concebendo maneiras violentas mas *corretas* de existir, agindo de forma incoerente com o que se entende como a multidimensionalidade da subjetividade humana, que não aceita modos únicos e corretos de existir, ainda que por vezes se submeta a isso para escapar de espaços marginalizados e violentos de se estar.

## Humanidade

Krenak (2019) nos fala de um discurso presente no imaginário coletivo desde o século XV, importado do renascimento europeu, sobre um determinado “jeito certo de estar no mundo” (p. 12). É a partir desta doutrina que Pedro Álvares Cabral *descobriu* nosso país em 1500, salvando os povos indígenas da sua suposta violenta barbárie e sub-humanidade. O que é interessante e bastante óbvio, apesar de sempre ser dito, é o modo como os pré-renascentistas ignoraram um mar inteiro e milhares de quilômetros de distância, além do modo particular e completamente humano de *fazer e viver* o mundo que os povos originários mantinham. Observar esta formatação é crucial, pois apesar dos parâmetros acima elencados já estarem em processo de revisão nos livros de história, os discursos se desdobram e implicam a nível mais fundamental, atravessando as barreiras do tempo e se consagrando no intelecto humano, traduzindo expressões de preconceito que ainda operam com bastante força nos tempos atuais.

O conceito de salvação só é possível sob a ótica da possibilidade de um povo superior a outro, sendo o primeiro o salvador e o segundo aquele a ser salvo. A máxima de Nietzsche (2002), de que *Deus* havia sido morto para dar lugar dos homens, ainda é lida e mantida como uma das maiores verdades da humanidade: uma ciência exata e, à princípio, replicável em todos os lugares. Ao fazer a constatação, o filósofo alemão deu legitimidade ao protagonismo humano em sua missão de salvação, uma posição que o torna superior ao mundo e sua mundanidade, uma quebra na unidade da natureza e uma marcante divisão entre homens e resto. Neste modo de viver, o homem é o único responsável por sua integralidade, abrindo justificativa para macabras práticas de exploração e dominação, em favor do próprio sucesso, medido pela quantidade de capital obtido.

É impressionante observar a incoerência como resultado do processo. De um lado, se encara uma existência vazia, produtificada ao máximo, incessantemente consumista e vampírica, ao passo em que se alimenta da precificação até do próprio tempo livre, dando nenhum lugar para o descanso e para o ócio. Por outro lado, temos uma existência mais pesada do que nunca, com lazer transformado em preguiça e trabalho traduzido em cansaço. Esgotado em meio à materialidade das coisas, o sujeito moderno bastante desconectado, de algum modo, encontra-se mais *online* do que nunca.

## Sonho

A fenomenologia do sonho tem um sentido primeiro maravilhoso. De acordo com Krenak (2019), é uma implosão do casulo humano, uma possibilidade da vida não limitada. Um lugar ainda bastante nebuloso, não nomeado. Entretanto, como já explicado, o lugar quando não nomeado torna-se irreal, não mediado pelo discurso e, dessa forma, não experimentado. A relevância e potência deste espaço, que talvez seja o maior vínculo com o que chamamos e concebemos como natureza, tem sido subvertida pela necessidade humana de possibilidade. Ao que parece, um sonho apenas se torna sonho se for realista, se puder ser alcançado a médio e longo prazo e estiver de acordo com o que se espera de um sujeito de sucesso, frequentemente associado ou acúmulo de riquezas. A experiência natural do sonho foi inexoravelmente atrelada à ímpar insuficiência constante. O sonho tornou-se um sinônimo para objetivo, perpetuado pelo fazer-se constante e útil, entregando ao sujeito médio contemporâneo talvez um motivo para manter-se vivo e operando. Estando a serviço de inúmeros instituições, é um discurso a favor da sociedade contemporânea, fundador de outra série de costumes e culturas, limitando completamente a experiência transcendental que ousou provocar, falando de coisas incomparáveis e sem preço.

## Natureza e Subjetividade

Em um dos trechos mais interessantes do livro, Krenak (2019) afirma que a ânsia por consumir a natureza, é seguida pela ânsia em consumir subjetividades, apresentando com ênfase a indissociabilidade entre seres humanos e natureza. Para prosseguir, será feito uso das contribuições de Merleau-Ponty (2006), que reitera o aspecto corpóreo e material da consciência e da subjetividade, no intuito de ampliar o pensamento de Krenak e defender sua tese de que consumir a natureza é propriamente consumir a subjetividade humana. Tornar a consciência elemento da relação corpo-mundo nos permite discutir com maior materialidade as produções de subjetividade, as libertando da dimensão exclusivamente interior e abstrata. Segundo o autor francês, “o sujeito que percebe deixa de ser um sujeito pensante acósmico (...) seu corpo está inexoravelmente enraizado no mundo (...)” (Merleau-Ponty, 2006, p. 50).

Dessa forma, podemos observar a profundidade do vínculo entre corpo e sentido, traduzida ou metaforizada pela conexão humano-natureza. Com a perversão linguística elencada, constata-se diversas alterações nos modos de produzir subjetividades e, portanto, corpos, culturas e povos. Ao passo em que só aquilo que pode ser comprado ganha valor, a necessidade de sentido parece ultrapassada ou, nas piores hipóteses, desnecessária.

Assim, com Krenak (2019), compreendemos que a ausência ou a subversão nos nossos vínculos ancestrais provoca rupturas, quebra referenciais que solidificam e produzem ativamente a experiência humana. Na falta dos vínculos, estamos soltos por um mundo prestes a acabar, convencidos de que é a única forma permitida e, portanto, possível, de existir. Ainda neste sentido, Krenak chama a atenção do leitor para a necessidade atual de justificar, com uma vasta gama de argumentos, embasamentos e repercussão, o motivo pelo qual alguma área natural precisa ser preservada, ou seja, convencer os órgãos competentes do porquê aquela terra não serviria de melhor forma se estivesse capitalizada. Neste trecho, o autor provoca a pensar sobre a incoerência



da necessidade de defender, solicitar que uma área que se constitui não apenas como ambiente, pois também integra nossa própria constituição como seres humanos, não seja destruída em função de novas construções e empreendimentos.

Ainda neste sentido, o autor alerta para o mito da sustentabilidade, um conceito que serve como justificativa para as atrocidades cometidas contra nós mesmos. A falácia da sustentabilidade é tida como caminho mais favorável é possível frente a crimes ambientais cada vez maiores e mais frequentes. O discurso fundamentado em bases capitalizadoras, mascara a real luta contra o impedimento dos atentados à natureza. O mito da sustentabilidade deve ser encarado como um pedido de desculpas das corporações frente à capitalização do mundo. Entretanto, é também necessário encarar e reinventar muitas decisões que estão legitimadas porque estão, supostamente, de acordo com a humanidade que pensamos ser, que nos foi dita e vendida como, novamente, o jeito certo de estar no mundo.

## Considerações

Precisa-se encarar que a natureza, seres humanos, corpos-vivos, não são organizados e nem vivem de acordo com a lógica do capital, que valoriza discursos de produção em massa e lucro maximizado. Não há recompensas nem punições, há apenas consequências. Nas entrelinhas, o que se criou é um desvio do conceito divino, transpondo para os próprios seres humanos decidir qual o jeito *certo* de estar no mundo, mesmo que acabe por consumi-lo. Krenak, que tanto nos alerta do assalto cometido à natureza, nos alerta que sejamos capazes de resistir a este roubo capitalizado, que sejamos capazes de aguentar com arte, luta e subjetivação. Dessa maneira, entende-se que conceber novas formas de existir como uma resistência, uma constituição para enfrentar os frequentes assaltos à subjetividade humana sem se tornar assaltante, de compor a educação como libertação e não como caminho do opressor (FREIRE, 2004). Tendo apenas uma vida, um planeta, e um final inevitável, parece muito essencial pensar em adiá-lo.

Diante disso, torna-se necessário entender a expressão literária como dispositivo fundamental no estudo e trabalho em psicologia, ainda durante o período da graduação. Dessa maneira, pode-se encontrar autores e personalidades de outras áreas, de realidades menos privilegiadas, subjugadas em função do que se entende como jeito correto de estar no mundo. Talvez, neste encontro, seja possível encontrar alternativas para as percepções cada vez mais pessimistas diante do que se enxerga nos horizontes do futuro. Nota-se como entrave, o entendimento de que o material artístico não seja científico o suficiente para ser instrumentalizado como conteúdo ou repertório nas aulas da graduação. A doutora em educação Luciana G. Loponte (2017) ensina que:

No campo da educação, a excessiva valorização do racional em detrimento do sensível ganha maior visibilidade quando, por exemplo, os espaços curriculares para as artes (...) são subestimados e minimizados no contexto escolar, inversão até mesmo legitimada por políticas educacionais calcadas na suposta “objetividade” de índices de avaliação, como no caso brasileiro. ( p. 431)

Concordando com as colocações da autora, ao mesmo tempo em que se experimenta e explicita as consequências de um modelo de educação e sociedade paulatinamente agarrado aos discursos de extrema racionalidade e produtividade cada vez mais alta, provoca-se aqui a repensar e reinventar modos de produzir conhecimento no âmbito acadêmico. Se, na contemporaneidade, torna-se difícil pensar em jeitos mais saudáveis de se estar no mundo, de uma maneira mais humana e o que entendemos como natureza, sendo parte dela, talvez esteja na hora de pensar em como reinventar este tipo de relação. Neste sentido, a arte se revela como uma potente aliada. “Ter diversidade, não

isso de uma humanidade com o mesmo protocolo. Porque isso até agora foi só uma maneira de nos homogeneizar e tirar nossa alegria de estar vivos” (KRENAK, 2019, p. 21).

## Agradecimentos

Quero expressar meus sinceros agradecimentos à minha família, que tornou tudo isso possível.

Agradeço também às minhas professoras, Gisele e Elisângela, por sua orientação, provocações e apoio durante todo o processo de escrita

## Referências

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Psicologia**. Resolução Conselho Nacional de Educação/Câmara Ensino Superior, nº 1, de 11 de outubro de 2023. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia;

CAZUZA. **O tempo não para**. Rio de Janeiro: Philips Records, 1988;

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019;

LOPONTE, Luciana G. **Tudo isso que chamamos de formação estética: ressonâncias para a docência**. Revista Brasileira de Educação, v. 22, n. 69, p. 1–18, abr./jun. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/F6qJ3ZSjrQjgwPn5nzsQywj/?lang=pt>. Acesso em: 09 abr. 2025.;

MERLEAU-PONTY. Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 3ª ED. São Paulo: Martins Fontes, 2006;

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002;

VON HUNTY, Rita. **A realidade é subjetiva**. Youtube, 21 de Janeiro de 2020. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=kdHmy0\\_Rkcw](https://www.youtube.com/watch?v=kdHmy0_Rkcw). Acesso: 23 de Setembro de 2024;



# O DESPERTAR GEOPOÉTICO COMO UM DISPARADOR PARA RESSIGNIFICAR A RELAÇÃO HUMANO-NATUREZA NO ANTROPOCENO DO RIO GRANDE SUL, BRASIL

WENDT, Lucas George<sup>1</sup>;

VALANDRO, Jean Michel<sup>2</sup>

<sup>1</sup> UFRGS, lucas.george.wendt@gmail.com;

<sup>2</sup> PUCRS, jeanmvalandro@gmail.com

## Tema: Complexidades e Transversalidades

**Resumo:** Os desastres climáticos crescentes, evidentes no Rio Grande do Sul em 2023/2024, urgem repensar a relação humano-natureza no Antropoceno. Este estudo debate a geopoética como resposta aos desafios do Antropoceno, buscando ressignificar essa relação para promover maior consciência ambiental e práticas sustentáveis em um contexto de crise climática. A metodologia é uma revisão bibliográfica, conectando geopoética a novas formas de relacionamento. Conclui que a geopoética, unindo reflexão e ação, é um instrumento para reconstruir o elo entre comunidades e a Terra, reconhecendo-a como sujeito, e não mero objeto. Ela catalisa mudanças culturais, valoriza saberes locais e transforma a memória de desastres em recurso para o fortalecimento comunitário e resiliência, promovendo um habitar mais integrado e sensível ao ambiente. Aplica-se em políticas ambientais e educação ambiental para cultivar ética e cuidado com o planeta.

**Palavras-chave:** Territorialidade; Subjetividades; Paisagem; Desastres; Vale do Taquari.

**Abstract:** The increasing climate disasters, evident in Rio Grande do Sul in 2023/2024, urge us to rethink the human-nature relationship in the Anthropocene. This study discusses geopoetics as a response to the challenges of the Anthropocene, seeking to redefine this relationship to promote greater environmental awareness and sustainable practices in a context of climate crisis. The methodology is a bibliographic review, connecting geopoetics to new forms of relationship. It concludes that geopoetics, uniting reflection and action, is an instrument to rebuild the link between communities and the Earth, recognizing it as a subject, and not a mere object. It catalyzes cultural changes, values local knowledge and transforms the memory of disasters into a resource for community strengthening and resilience, promoting a more integrated and environmentally sensitive way of living. It is applied in environmental policies and environmental education to cultivate ethics and care for the planet.

**Keywords:** Territoriality; Subjectivities; Landscape; Disasters; Taquari Valley.

## Introdução

A crescente frequência e intensidade dos desastres climáticos são sintomas inequívocos das transformações ambientais que caracterizam o Antropoceno. Dados do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) indicam que eventos extremos, como ondas de calor, ciclones e enchentes, tornaram-se mais frequentes e intensos nas últimas décadas. No Brasil, o número desses desastres triplicou entre 1991 e 2020, segundo o Atlas Brasileiro de Desastres Naturais.

Essas condições causam destruição imediata e evidenciam a urgência de repensar as relações humanas com a Terra. Nesse sentido, os eventos ocorridos no Rio Grande do Sul, em 2023 e 2024, com enchentes e deslizamentos que afetaram cerca de 90% dos municípios, são um alerta sobre a fragilidade dessa relação. Diante desse cenário, torna-se importante modificar as práticas humanas que impactam o planeta, e também fortalecer a resiliência comunitária por meio de novas formas de percepção e de interação com o ambiente. Nesse contexto, a geopoética emerge como um instrumento

de mudança, propondo uma reconfiguração simbólica da relação entre o ser humano e a natureza, uma vez que une reflexão, emoção e ação, estimulando uma consciência mais profunda sobre o papel do humano no mundo e no tempo.

Pensando nesse cenário, este estudo tem como objetivo debater a importância da geopoética como resposta aos desafios do Antropoceno e das mudanças climáticas induzidas pelo ser humano a partir do seguinte problema de pesquisa: de que modo a geopoética pode contribuir para a ressignificação da relação entre humanidade e natureza, promovendo maior consciência ambiental e práticas sustentáveis em um contexto de crise climática?

Nosso olhar é detido especialmente ao Vale do Taquari, na região Centro-Oeste do Rio Grande do Sul, que se constitui em um território de expressiva relevância ambiental, histórica e cultural no estado. Sua vasta rede hidrográfica molda a paisagem física e, ao longo do tempo, também estruturou os modos de vida e as dinâmicas socioculturais das populações que nela se estabelecem. A interação entre os elementos naturais e os processos históricos de ocupação territorial revela-se como um campo fértil para a compreensão das transformações ambientais e sociais ocorridas ao longo dos séculos.

A complexidade socioambiental da região do Vale do Taquari remonta aos tempos anteriores à colonização europeia, quando os povos indígenas Jê-Meridionais, como os Kaingang e os Xokleng, desenvolveram uma relação simbiótica e espiritual com o território. Posteriormente, os Guaranis passaram a ocupar as regiões de várzea, construindo grandes aldeias, manejando a floresta de forma sustentável e cultivando uma ampla variedade de alimentos. Essa relação cosmológica com a terra evidencia que, para os povos originários, o solo e os recursos naturais não representavam apenas subsistência material, constituindo-se como elementos centrais de sua organização social e espiritual (Kreutz; Machado, 2017).

A partir do século XIX, a ocupação intensificou-se com a chegada dos colonos europeus. Portugueses foram os primeiros a estabelecerem-se na região, principalmente nas áreas mais próximas à confluência dos rios Taquari-Antas e Jacuí. A partir da década de 1830, colonos alemães ocuparam as áreas do Vale do Taquari, onde fundaram vilas e desenvolveram atividades agropecuárias. Já os italianos, instalando-se nas regiões mais elevadas da bacia a partir da década de 1880, promoveram uma adaptação das técnicas agrícolas às encostas e aos vales profundos da Serra Gaúcha (Kreutz; Machado, 2017).

Além dos imigrantes europeus, a presença negra também marcou significativamente a história da região. Conforme apontam Pires e Machado (2021), entre 1857 e 1890, o município de Taquari – que então compreendia quase todo o Vale do Taquari – abrigou uma expressiva população negra escravizada. Estes indivíduos desempenhavam funções estratégicas nos setores de navegação fluvial, serviços domésticos e na produção agrícola. Apesar das tentativas de apagamento histórico, suas heranças permanecem vivas nas comunidades quilombolas ainda existentes, que preservam práticas culturais, saberes ancestrais e modos de vida pautados na coletividade e na resistência.

A maneira como o território da região entendida hoje como o Vale do Taquari foi sendo ocupado impactou diretamente no uso e no manejo dos recursos naturais, especialmente do solo e da cobertura vegetal. A introdução de técnicas agrícolas europeias, baseadas na monocultura e na mecanização, acarretou a remoção intensiva da vegetação nativa e a exposição do solo a processos erosivos. Conforme discutido por Trombini e Laroque (2022), a repetição desses padrões de uso da terra ao longo de gerações consolidou um modelo de produção que, embora tenha contribuído para o desenvolvimento econômico da região, também resultou em impactos ambientais cujas consequências, atualmente, a população local tem vivido com a intensificação das mudanças climáticas globais.



Ademais, os desmatamentos históricos, inicialmente impulsionados pela necessidade de áreas agricultáveis e, mais recentemente, pela expansão urbana e industrial, reduziram drasticamente a cobertura florestal da região, especialmente nas matas ciliares, que são fundamentais para a conservação dos recursos hídricos e serviços ambientais, como a diminuição da velocidade de água em caso de enchentes.

Em 2023, alguns meses antes de um acontecimento ainda mais marcante que viria a se desenrolar na região, o Vale do Taquari, localizado no interior do Rio Grande do Sul, foi atingido por uma das maiores enchentes já registradas na região. Na virada do dia 4 para o dia 5 de setembro, uma quantidade de chuva com poucos precedentes concentrou-se nas cabeceiras do rio Taquari, provocando uma elevação súbita e drástica do seu nível. Em poucas horas, as águas atingiram 29,62 metros entre os municípios de Lajeado e Estrela – mais que o dobro do nível considerado normal, que gira em torno de 13 metros (Segabinazzi, 2024).

Essa elevação repentina provocou a expansão do leito do rio, resultando na destruição de cidades situadas próximas às margens. Municípios como Roca Sales e Muçum foram praticamente dizimados, com perdas materiais e humanas. O episódio, atribuído à passagem de um ciclone extratropical, causou a morte de 54 pessoas. Milhares de famílias perderam tudo o que tinham – casas, móveis, documentos, memórias – e viram-se obrigadas a recomeçar suas vidas. Naquele momento, o desastre foi classificado como o maior da história do Rio Grande do Sul em termos de impactos climáticos e sociais (Segabinazzi, 2024).

Apesar de sua magnitude e da comoção que gerou, aquela enchente não foi um evento totalmente inédito. O Vale do Taquari, ao longo de sua história, já convive com cheias frequentes – não é incomum que a região enfrente duas ou até três enchentes por ano. Além disso, o imaginário coletivo dos gaúchos é marcado pela lembrança de um episódio ainda mais antigo: a grande enchente de 1941. Conforme Segabinazzi (2024), naquele ano, o nível do rio Taquari atingiu 29,92 metros, configurando-se como o maior já registrado até então. O impacto foi tão intenso que se estendeu para além do interior do estado, afetando também a região metropolitana de Porto Alegre. As chuvas persistentes, que duraram mais de vinte dias em quase todo o estado, causaram o transbordamento de diversos rios e tornaram lento o escoamento das águas, criando uma “situação atípica” que favoreceu o agravamento dos eventos.

Entretanto, o que ocorreu em maio de 2024 superou todos os eventos anteriores – tanto em extensão territorial quanto em danos humanos, materiais e infraestruturais, dessa vez, não apenas em uma, duas ou três regiões – mas, sim, no estado do Rio Grande do Sul como um todo. A enchente daquele mês ultrapassou os índices registrados em 1941 e 2023, e foi amplamente reconhecida como o maior evento climático da história do Rio Grande do Sul e provavelmente a maior do Brasil. Quase 95% dos municípios gaúchos foram direta ou indiretamente afetados. Foram contabilizadas 183 mortes, além de mais de 620 mil pessoas que precisaram abandonar suas casas, muitas das quais jamais retornaram (Segabinazzi, 2024).

As áreas próximas aos leitos dos rios sofreram com a força arrasadora das águas, que destruíram milhares de pontes, estradas, acessos e edificações com brutalidade. Porém, as consequências mais duradouras manifestaram-se na região metropolitana. O lago Guaíba, que recebe o escoamento de vários rios do interior, alcançou seu maior nível histórico: 5,37 metros. A água demorou mais de um mês para baixar e sair da chamada “cota de inundação”, prolongando o estado de calamidade.

Esses acontecimentos recentes evidenciam a vulnerabilidade do território gaúcho diante de eventos climáticos extremos, e também o modo como o passado e o presente dialogam na construção de uma memória coletiva marcada pela recorrência das enchentes. Assim, evidencia-se a necessidade de estratégias que possam auxiliar no convívio e na ressignificação desse tipo de situação – bem como de suas causas. O que antes era percebido como algo “atípico” ou “excepcional” parece cada vez mais

fazer parte de uma nova normalidade climática, exigindo reflexão, planejamento e ação efetiva para que as eventos do passado não se tornem rotina no futuro, já que o Rio Grande do Sul é apontado por pesquisas como uma das áreas mais vulneráveis do Brasil aos efeitos das mudanças climáticas. Por isso, defendemos a geopoética como estratégia.

A pesquisa que propomos adota como metodologia a análise documental da bibliografia existente sobre o tema, por meio de uma revisão de literatura assistemática, na qual buscamos conectar a geopoética a novas formas de relacionamento.

## Referencial teórico

Desastres climáticos são conjunturas que expõem as relações intrincadas entre humanos e seus ambientes. Causam perdas e destruição física, assim como impactos psicológicos de médio e longo prazo, com estudos mostrando que até 60% das vítimas adultas de terremotos, por exemplo, sofrem de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) (Bödvardsdóttir; Elklit, 2004; Sweet; Caudwell, 2017). O medo de recorrência cria ansiedade e tensiona as relações das pessoas com seu ambiente, desafiando suas visões de mundo e desencadeando várias reações cognitivas e emocionais (Sweet; Caudwell, 2017).

Os humanos existem em vários ambientes interconectados – o ambiente e o terreno físicos, paisagens modificadas, estruturas construídas e contextos culturais – onde mudanças em um inevitavelmente afetam os outros (Hoffman, 2016; Spoon *et al.*, 2020). Essa perspectiva de sistemas reconhece as relações constantes e mutáveis entre os humanos e seu ambiente, com feedbacks duplos em que as ações humanas impactam o ambiente e vice-versa (Spoon *et al.*, 2020). Quando ocorrem mudanças ambientais, particularmente por meio de desastres, elas desafiam o bem-estar das pessoas e os laços emocionais com o lugar, alterando drasticamente paisagens familiares e criando desconexão entre os residentes e seu ambiente (Qian; Zheng; Lai; Guo, 2021).

O conceito de “paisagem de risco” ajuda-nos a entender como as pessoas constroem e percebem os riscos ambientais por meio de suas ações no espaço e no tempo, transformando o risco em riscos geológicos regionais (Ratter, 2013). Isso manifesta-se no espaço físico onde os efeitos dos humanos são sutil e irreversivelmente tecidos na própria evolução da paisagem (Cutter; Mitchell; Scott, 2004; Ratter, 2013). É importante ressaltar que a vulnerabilidade a perigos não depende apenas da proximidade de ameaças ou de sua natureza física – fatores sociais desempenham um papel preponderante.

Desastres climáticos destacam a interdependência humana e social ao mesmo tempo em que revelam como interpretamos o risco e agimos de acordo com essas interpretações (Eiser *et al.*, 2012). A frequência e intensidade crescentes de desastres naturais nas últimas décadas, especialmente no Brasil, sugerem que as abordagens atuais para o desenvolvimento sustentável têm sido insuficientes, exigindo uma reconsideração das formas de existência humana e estilo de vida (Axinte; Mehmood; Marsden; Roep, 2019). As idealizações da natureza – seja como um Éden harmonioso ou uma força hostil e incontrolável – comumente servem como álibis para evitar a responsabilidade por nossas ações (Pievani, 2012).

Embora os desastres naturais não possam ser amplamente inevitáveis, eles podem ser antecipados, em grande medida, e ações humanas mais conscientes têm a capacidade de mitigá-los. Ainda, neste contexto, mesmo que esses desastres aconteçam, fornecem experiências úteis para minimização de impactos e desenvolvimento de estratégias de enfrentamento (Rahman, 2019). A respeito de ações ambientalmente mais conscientes, desenvolver um senso de pertencimento ao planeta requer reconhecer nossa conexão com o meio ambiente, uma vez que dele somos parte, e reconhecer nossas responsabilidades éticas em vez de ver os desastres climáticos como fenômenos



além da influência humana ou como naturais (Pievani, 2012). Uma abordagem cultural para educar o público sobre cuidados e manutenção ambiental pode ajudar a desenvolver essa mentalidade, aproveitando memórias e experiências coletivas para interpretar e responder às mudanças ambientais de forma holística (Rahman, 2019).

Desastres climáticos alteram o contexto físico de orientação das pessoas, destruindo paisagens familiares e criam desconexões entre os moradores e seu território, ao mesmo tempo que, em alguma medida, são produtos dessa mesma desconexão social com o seu entorno. Esses eventos provocam desorientação e uma sensação de perda de lugar, desafiando os laços emocionais das pessoas com seus arredores e bem-estar geral (Qian; Zheng; Lai; Guo, 2021). O conceito de “senso de lugar”, que fornece uma estrutura para entender os laços humanos-lugar, tornou-se cada vez mais importante na pesquisa de desastres para prever respostas psicológicas pós-eventos e processos de recuperação (Qian; Zheng; Lai; Guo, 2021).

Os lugares que fazem parte da vida cotidiana das pessoas, carregados de sentido e significado por meio das práticas sociais que os constituem, tornam-se fraturados quando atingidos por desastres. Nesses contextos, as múltiplas identidades moldadas por percepções individuais e coletivas desses espaços entram em ruptura (Clemente; Salvati, 2017). Até mesmo territórios familiares podem tornar-se inquietantes quando se reconhece que não são tão estáveis quanto supúnhamos, desafiando nosso senso de segurança (Badcoe *et al.*, 2020). Em última análise, o principal objetivo da reconstrução sustentável deve ser promover a habitabilidade territorial para as comunidades locais e contribuir para o (re)desenvolvimento socioeconômico de áreas destruídas, com a coesão social e as paisagens culturais servindo como forças motrizes para o desenvolvimento sustentável após eventos traumáticos (Clemente; Salvati, 2017).

A esse respeito, a geopoética surge como uma estrutura conceitual que permite reimaginar e reconfigurar as relações humano-ambiente, particularmente no contexto de desastres climáticos. Ela funciona como uma abordagem transdisciplinar que opera na “zona liminar entre ciência, sociedade, ecologia e arte”, fundindo perspectivas racionais e imaginativas para revelar dimensões ocultas das relações humanas/não humanas (Roe; Lyons, 2021). Essa consciência torna-se potente para repensar a relação humano-natureza, mudando do paradigma de controle do ambiente para um de adaptação e resiliência (Casareale *et al.*, 2022).

Neste tocante, a geopoética compartilha território conceitual com a geoética, que evoluiu de uma estrutura específica de disciplina das ciências da Terra para uma ética global mais ampla que promove o uso sustentável de recursos, a redução do risco de desastres e a disseminação científica (Lugeri; Farabollini; Amadio; Greco, 2018; Peppoloni; Di Capua, 2020; Casareale *et al.*, 2022). Ambas as abordagens incentivam a responsabilidade pessoal e coletiva em relação à natureza e podem orientar mudanças culturais e operacionais em como nos relacionamos com nosso ambiente (Casareale *et al.*, 2022).

Ao construir uma linguagem que tem o potencial de capturar o aparentemente inimaginável e transformá-lo em conteúdo poético e sensibilizante, em narrativas cotidianas, a geopoética pode ajudar a preencher essa lacuna que distancia as pessoas do conhecimento científico (linguagem técnica e especializada) sobre o ambiente – os riscos inerentes – em que vivem, tornando o conhecimento ambiental mais acessível e relacionável para comunidades que enfrentam riscos de desastres (Kan; Lejano, 2021).

Desastres climáticos criam oportunidades para mudanças sociais e a reconstrução de relacionamentos humanos com o ambiente. Em vez de interpretar esses desastres como eventos puramente destrutivos, uma perspectiva geopoética reconhece-os como catalisadores potenciais para evolução e desenvolvimento cultural (Wilkinson *et al.*, 2021). Essa visão alinha-se às observações de como as sociedades indígenas historicamente responderam a mudanças na paisagem, desenvolvendo

estratégias adaptativas e abordagens de resiliência que estão cada vez mais sendo incorporadas em políticas modernas de redução de riscos de desastres em diferentes lugares do mundo (Becker *et al.*, 2008; Walshe; Nun, 2012; Rahman; Sakurai; Munadi, 2017; Wilkinson *et al.*, 2021).

Já a arte e a expressão criativa, nesse nexos, surgem como ferramentas para a construção geopoética a fim de processar traumas coletivos e reimaginar relacionamentos humanos-ambiente, uma vez que práticas criativas podem ajudar comunidades a confrontar seus medos mais íntimos e reconceitualizar a vida após desastres naturais (Topal, 2016). Entende-se que intervenções artísticas desse tipo, aliadas à perspectiva centrada no papel do humano no mundo, podem facilitar o bem-estar emocional e, ao mesmo tempo, promover novos entendimentos da condição humana em relação às forças ambientais.

A memória coletiva também é outro ponto que desempenha papel relevante na recuperação de desastres e no desenvolvimento de comunidades mais resilientes. Narrativas sobre desastres passados e respostas apropriadas podem salvar vidas ao preservar e transmitir o conhecimento sobre sinais de alerta e comportamentos de proteção (Holzhausen; Grecksch, 2021). Por isso, destaca-se a importância da instituição de espaços de memória que sirvam de estímulo ao não esquecimento. O conhecimento histórico de desastres permite que as comunidades desenvolvam uma ‘cultura de desastres’ pela qual as sociedades humanas se adaptam a ambientes de risco, embora esse processo de adaptação varie significativamente entre diferentes épocas e culturas (Moscaritolo, 2020)

Ao incorporar histórias e narrativas da comunidade, bem como conhecimento local aos esforços de reconstrução e mitigação, ou seja, dar espaço às vozes de quem perdeu ou foi atingido, os planejadores e agentes públicos de decisão podem evitar abordagens puramente técnicas que podem “colocar em risco a identidade já ferida” das populações afetadas por desastres (Moscaritolo, 2020).

O conjunto desses elementos locais conecta as memórias das pessoas, a identidade cultural e os relacionamentos emocionais com novos arredores, com paisagens modificadas por desastres e com a incerteza do futuro. O choque de vivenciar um desastre climático e todo o conjunto de experiências traumáticas que podem advir desse contexto pode desencadear novas consciências e comportamentos ambientais que, uma vez atrelados ao despertar para a geopoética, têm potencial de melhorar a convivência humana com o seu ambiente natural. Estudos com moradores afetados por enchentes descobriram que a interrupção da complacência ambiental levou muitos a adotar comportamentos pró-ambientais que eles acreditam que não teriam ocorrido sem a experiência do desastre (Haney, 2021).

Para uma abordagem eficaz de recuperação de desastres, é fundamental considerar os saberes locais e os vínculos afetivos e simbólicos que as comunidades mantêm com seus territórios. A geopoética, nesse contexto, oferece uma perspectiva crítica e sensível que permite compreender os desastres como eventos físicos e objetivos, mas também como rupturas nos modos de habitar, nas memórias coletivas e nas relações entre pessoas e paisagens.

Segundo Moscaritolo (2020), os atores locais são importantes para a preservação e transmissão da memória social, elemento central para qualquer processo de reconstrução territorial e cultural. Ao priorizar as narrativas das populações afetadas, abre-se espaço para o reconhecimento de formas alternativas de conhecimento e de existência que são, muitas vezes, negligenciadas pelas abordagens técnicas convencionais.

Wilkinson *et al.* (2021) ressaltam que grandes transformações na paisagem, embora frequentemente traumáticas, também configuram oportunidades para a reconfiguração de relações socioecológicas. Tais eventos podem catalisar mudanças culturais, promovendo novas formas de engajamento com o território, o que inclui práticas mais respeitadas com os ciclos naturais.



Nesse sentido, a geopoética contribui para a construção de um paradigma de recuperação que reconhece a complexidade do vivido, valoriza os saberes situados e as experiências de dor e estimula uma visão mais integrada entre natureza, cultura e sociedade.

## Discussão

A literatura analisada permite-nos apresentar alguns exemplos de práticas que utilizam o que entendemos como despertar geopoético para mediar o que aconteceu após desastres de diferentes ordens e magnitudes. Desastres climáticos frequentemente criam aberturas para reimaginar relacionamentos dos seres com a natureza por meio de práticas geopoéticas concretas. Após o furacão Katrina, que ocorreu nos Estados Unidos, movimentos de justiça social e ambiental desafiaram narrativas convencionais de desastres ao destacar os motivadores econômicos e políticos racializados por trás dos impactos desiguais do evento, que causou cerca de 1,8 mil mortes. Essas iniciativas comunitárias lutaram para refazer espaços coletivos em sua cidade, ao mesmo tempo em que rejeitavam a noção de desastres como fenômenos puramente “naturais” (Luft, 2009; Houston, 2013; Rusca *et al.*, 2023).

Abordagens semelhantes conduzidas pela comunidade surgiram em Ōtautahi Christchurch, Nova Zelândia, após um terremoto de 7,4 na escala Richter, em 2010. Apesar das tentativas do governo de fechar espaços democráticos, iniciativas de recuperação lideradas pela comunidade geraram reflexão crítica sobre a identidade da cidade. Esse processo de reflexão levou à reimaginação de espaços públicos de maneiras que desafiaram o status quo, ao mesmo tempo em que criaram novas relações ambientais baseadas em valores locais (Cretney, 2017; Rusca *et al.*, 2023).

Desastres relacionados à água – sua falta ou o excesso de chuva – catalisam de forma semelhante novas relações ambientais. Secas extremas geraram novas alianças entre movimentos sociais, promovendo novas éticas e culturas de água que olham além de seu valor econômico. Esses movimentos surgiram em diversos contextos, incluindo Catalunha (Espanha), Ontário (Canadá) e São Paulo (Brasil) (Saurií, 2003; Cohen, 2016; Jaffee; Case, 2018; Rusca *et al.*, 2023). Em São Paulo, a crise hídrica nos últimos anos levou à experimentação com cooperação entre movimentos de moradia e ambientalistas antes afastados, propondo abordagens democráticas para a distribuição de água que desafiam arranjos de poder mais amplos (Cohen, 2016; Rusca *et al.*, 2023).

As atividades de administração ambiental representam outra abordagem que pode ser aliada à geopoética como uma ferramenta para criar novos relacionamentos entre humanos e meio ambiente. Pesquisas em várias disciplinas mostram que humanos e natureza podem cocriar um ao outro, visto que ambientes saudáveis contribuem para a saúde humana, o que, por sua vez, apoia a formação de relações sociais mais fortes que ajudam a remediar injustiças ambientais (Selman; Knight, 2006; Shi *et al.*, 2023). Assim, reconhece-se que a saúde humana, a identidade, a espiritualidade, a cultura e a autoeficácia derivam, em parte, das interações com a natureza (Shi *et al.*, 2023). Reconhecer a interdependência entre o funcionamento social e ecológico, em que impactar um pode melhorar ou degradar o outro, é primordial para um convívio saudável.

Esses exemplos demonstram que as abordagens que se alinham à perspectivas geopoéticas para criar novos relacionamentos ambientais após desastres compartilham várias características: elas desafiam as narrativas dominantes sobre desastres e relacionamentos ambientais; enfatizam o conhecimento local e a agência comunitária; reconhecem a interdependência dos sistemas sociais e ecológicos; e trabalham para criar um estado de bem-estar humano e ambiental.

## Conclusões

A frequência e a intensidade dos desastres climáticos são sintomas inequívocos das transformações ambientais que marcam o Antropoceno. Dados do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) indicam que eventos extremos, como ondas de calor, ciclones e enchentes, têm se tornado mais frequentes e intensos nas últimas décadas. No Brasil, por exemplo, o número de desastres naturais triplicou entre 1991 e 2020, segundo o Atlas Brasileiro de Desastres Naturais. Essas são condições que causam destruição imediata, e evidenciam a urgência de repensar as relações humanas com a Terra.

Os eventos que atingiram o Rio Grande do Sul em 2023 e 2024, com enchentes e deslizamentos que afetaram cerca de 90% dos municípios, representam mais do que crises localizadas: são um alerta urgente sobre a fragilidade das relações entre os humanos e o próprio planeta que habitam. Frente a essa realidade, surge a necessidade, para além de uma mudança de atitude em relação aos impactos das atividades humanas no mundo e a promoção da resiliência comunitária por meio de suas relações com o ambiente, de um despertar geopoético – o instrumento que, defende-se, permitirá uma reconfiguração simbólica da interação humana com a natureza. Nesse contexto, a geopoética desponta como um paradigma que une reflexão, emoção e práxis, para estimular uma consciência mais profunda da relação entre o ser humano e o ambiente, e o lugar do humano no mundo e no tempo.

A geopoética é “teoria-prática” que, ao mesmo tempo, confronta a fragmentação moderna das práticas, das ciências e das artes e propõe uma reorientação radical das relações humanas com a Terra. Ela afirma que o contato sensível, inteligente e sutil entre o espírito humano e o planeta pode produzir um “mundo” no sentido pleno do termo. Diante de desastres como os do Rio Grande do Sul, a geopoética torna-se uma ferramenta para reconstruir o elo entre comunidades e seus territórios. Na medida em que estimula a percepção da Terra como base comum e essencial – uma “base central” capaz de transcender divisões ideológicas, religiosas ou culturais –, ela fornece uma perspectiva reflexiva, mas também prática para lidar com o lugar do humano durante crises ambientais, com os ciclos da Terra aos quais estamos integrados e dos quais nos afastamos em direção a uma vida desacoplada. O despertar geopoético vai na direção da interpretação e da ressignificação de experiências com o meio ambiente, sejam elas as positivas ou causadoras de dor ou sofrimento mas, mesmo assim, todas condicionadas à experiência do existir ou da desmaterialização.

Os desastres climáticos revelam, com clareza, os limites do modelo dominante de desenvolvimento econômico. Um modelo que privilegia o crescimento econômico a qualquer custo, incentivando o consumo e a exaustão da natureza, deixa claro que é preciso reavaliar as prioridades e práticas promovidas por ele para evitar novas tragédias que, num momento são aqui, em outro são acolá, mas que, sem sombra de dúvidas, são mais frequentes, mas intensas e mais imprevisíveis pela agência humana. O modelo atual, fundado na exploração desenfreada dos recursos naturais e na separação entre ser humano e natureza, é diretamente responsável por agravar as condições que levam a eventos extremos. Quando enchentes destroem cidades inteiras e ceifam vidas, como ocorreu no Rio Grande do Sul, a relação instrumental e utilitarista com o meio ambiente revela-se insustentável.

Aí, a geopoética propõe um contramodelo baseado no reconhecimento da Terra como sujeito, e não como mero objeto de exploração. Trata-se de cultivar um pensamento geopoético que enxergue o planeta como um organismo vivo, complexo e interconectado (inclusive conosco), cujas dinâmicas exigem respeito e cuidado. Nesse sentido, o desastre deixa de ser apenas uma tragédia hidrogeológica e passa a ser visto também como sintoma de uma desconexão mais ampla entre humanidade e ambiente. O despertar geopoético, nesse contexto, é um processo de reconstrução dessa conexão perdida, que oferece um novo fundamento simbólico para a ação e a reflexão humanas.



Os eventos climáticos extremos deixam marcas profundas nas comunidades afetadas, tanto materiais quanto simbólicas. A memória coletiva dessas experiências, entretanto, é frequentemente negligenciada pelas respostas institucionais, que privilegiam soluções técnicas e imediatas. Inserir a geopoética nesse contexto significa trabalhar para transformar a memória do desastre em um recurso para o fortalecimento comunitário por meio do estímulo à reflexão mediado pela arte. Um exemplo são oficinas que integram práticas artísticas e narrativas locais para ressignificar eventos traumáticos. Em áreas rurais, projetos de reflorestamento participativo podem envolver e mover os moradores para a recuperação do ambiente enquanto reconstroem laços com a natureza. A geopoética pode ser traduzida em práticas concretas – com implicações subjetivas – que fortalecem a resiliência comunitária e promovem uma relação mais integrada com o ambiente. A geopoética é potente como instrumento para que as comunidades possam revisitar seus territórios, reencontrar as marcas deixadas pelo desastre e integrá-las à narrativa coletiva de forma construtiva.

A sensibilização para as relações entre humanos e o ambiente não ocorre de forma espontânea, ela requer um processo que amplie a percepção e a compreensão dessas relações, que ao estarem postas, nem sempre são apreendidas de forma espontânea. Nesse modelo, ciências, artes e humanidades dialogam para criar uma compreensão mais ampla e sensível da Terra. O despertar geopoético, nesse sentido, não se restringe à educação formal.

A aplicação da geopoética é extensível a todas as áreas e especificidades da atuação humana. Uma delas é a criação de políticas ambientais, que requerem, na atualidade, uma reconceitualização das bases normativas que sustentam as decisões públicas. Essa reconceitualização envolvendo o despertar poético pode ser implementada por meio da incorporação de valores culturais, espirituais e ecológicos nas políticas públicas, priorizando abordagens que reconheçam a interdependência entre sociedade e ambiente. Como? Em vez de priorizar soluções técnicas e economicamente viáveis, uma política geopoética colocaria em primeiro plano os valores culturais, espirituais e existenciais associados à Terra, reconhecendo que a “racionalidade” tecnocrática, muitas vezes, ignora as dimensões mais profundas e subjetivas da relação humana com o ambiente, perpetuando uma desconexão que contribui para a degradação ecológica.

A geopoética, entendemos, emerge como uma resposta aos desafios do Antropoceno – o tempo do humano e, talvez por causa dele, cada vez mais intenso e imprevisível –, oferecendo um paradigma que combina reflexão, sensibilidade e prática para reconstruir as relações humanas com a Terra. O despertar geopoético é uma chamada à ação – um convite para criar outras possibilidades de interação entre a humanidade e o espaço que ela ocupa.

Vislumbra-se, também, a possibilidade de, nas escolas, desde o começo da trajetória de aprendizagem das crianças, o entrelaçamento da geopoética com a educação ambiental, uma vez que ambas as abordagens compartilham o objetivo de reconectar o ser humano com o mundo natural e cultivar uma sensibilidade ética, estética e ecológica diante da vida e do planeta. Um ponto central de convergência entre essas abordagens está na valorização da experiência do lugar. A geopoética trabalha com a ideia de um “habitar poético do mundo” – uma forma de estar presente e consciente no território, que vai além do olhar técnico ou utilitário, o que amplia a capacidade de compreensão das pessoas sobre as dinâmicas que estão postas e que permeiam dado lugar. Na educação ambiental, especialmente em práticas como a ecopedagogia ou a educação do campo, essa noção de “lugar vivido” é essencial para formar vínculos afetivos e éticos com o meio ambiente. Ao desenvolver o sentido de pertencimento, ambas práticas incentivam o cuidado e a responsabilidade ecológica.

Outro aspecto importante é a transdisciplinaridade e a valorização da sensibilidade. Ambas as abordagens dialogam com saberes diversos – arte, ciência, filosofia, ecologia, literatura – e apostam em formas de conhecimento que integrem o pensar e o sentir. A geopoética propõe uma aproximação

estética e sensível ao mundo, o que pode enriquecer as práticas educativas ambientais, tornando-as mais criativas e significativas para aquele que aprende.

Além disso, tanto a geopoética quanto a educação ambiental crítica partilham uma postura de resistência à racionalidade dominante, fragmentada e técnico-científica, que frequentemente isola o conhecimento da experiência vivida. Ambas questionam modelos educativos e epistemológicos que desconsideram a dimensão simbólica, afetiva e relacional da existência. Nesse sentido, elas abrem espaço para práticas de aprendizagem que envolvem o corpo, a imaginação, a escuta e a criação poética. Por fim, a geopoética, ao convidar à escuta atenta do território e à expressão por meio da arte, da escrita e da contemplação, fortalece a educação ambiental ao favorecer o sentimento de pertencimento. As pessoas tendem a cuidar melhor daquilo que conhecem e com o que desenvolvem laços afetivos.

## Referências

AXINTE, Lorena F.; MEHMOOD, Abid; MARSDEN, Terry; ROEP, Dirk. Regenerative city-regions: a new conceptual framework. **Regional Studies, Regional Science**, v. 6, p. 117-129, mar. 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21681376.2019.1584542>. Acesso em: 8 abr. 2025.

BADCOE, Tamsin; GEORGE, Ophelia A.; DONKIN, Lucy; PEGNA, Shirley; KENDALL, John Michael. Good vibrations: living with the motions of our unsettled planet. **Geoscience Communication**, v. 3, p. 303-327, nov. 2020. Disponível em: <https://gc.copernicus.org/articles/3/303/2020/>. Acesso em: 8 abr. 2025.

BECKER, Julia; JOHNSTON, David M.; LAZRUS, Heather; CRAWFORD, George; NELSON, Dave. Use of traditional knowledge in emergency management for tsunami hazard: a case study from Washington State, USA. **Disaster Prevention and Management an International Journal**, v. 17, n. 4, p. 488-502, ago. 2008. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/235314323\\_Use\\_of\\_traditional\\_knowledge\\_in\\_emergency\\_management\\_for\\_tsunami\\_hazard\\_A\\_case\\_study\\_from\\_Washington\\_State\\_USA](https://www.researchgate.net/publication/235314323_Use_of_traditional_knowledge_in_emergency_management_for_tsunami_hazard_A_case_study_from_Washington_State_USA). Acesso em: 8 abr. 2025.

BÖDVARSDÓTTIR, Íris; ELKLIT, Ask. Psychological reactions in Icelandic earthquake survivors. **Scandinavian Journal of Psychology**, v. 45, n. 1, p. 3-13, mar. 2004. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-9450.2004.00373.x>. Acesso em: 8 abr. 2025.

CASAREALE, Cristina; GIOIA, Eleonora; COLOCCI, Alessandra; MARCHETI, Noemi; CARONE, Maria Teresa; MARINCIONI, Fausto. Fostering geoethics in flood risk reduction: lessons learned from the EU project LIFE PRIMES. **Géosciences**, v. 12, n. 3, 2022. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2076-3263/12/3/131>. Acesso em: 8 abr. 2025.

CLEMENTE, Matteo; SALVATI, Luca. 'Interrupted' landscapes: post-earthquake reconstruction in between urban renewal and social identity of local communities. **Sustainability**, v. 9, n. 11, p. 1-13, nov. 2017. Disponível em: <https://ideas.repec.org/a/gam/jsusta/v9y2017i11p2015-d117453.html>. Acesso em: 8 abr. 2025.

COHEN, Daniel Aldana. The rationed city: the politics of water, housing, and land use in drought-parched São Paulo. **Public culture**, v. 28, n. 2, p. 261-269, maio 2016. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/301798843\\_The\\_Rationed\\_City\\_The\\_Politics\\_of\\_Water\\_Housing\\_and\\_Land\\_Use\\_in\\_Drought-Parched\\_Sao\\_Paulo](https://www.researchgate.net/publication/301798843_The_Rationed_City_The_Politics_of_Water_Housing_and_Land_Use_in_Drought-Parched_Sao_Paulo). Acesso em: 8 abr. 2025.



CRETNEY, Raven. Towards a critical geography of disaster recovery politics: perspectives on crisis and hope. **Geography Compass**, v. 11, n. 1, jan. 2017. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/313111830\\_Towards\\_a\\_critical\\_geography\\_of\\_disaster\\_recovery\\_politics\\_Perspectives\\_on\\_crisis\\_and\\_hope\\_Towards\\_a\\_Critical\\_Geography\\_of\\_Disaster\\_Recovery\\_Politics](https://www.researchgate.net/publication/313111830_Towards_a_critical_geography_of_disaster_recovery_politics_Perspectives_on_crisis_and_hope_Towards_a_Critical_Geography_of_Disaster_Recovery_Politics). Acesso em: 8 abr. 2025.

CUTTER, Susan L.; MITCHELL, Jerry T.; SCOTT, Michael S. Revealing the vulnerability of people and places: a case study of Georgetown County, South Carolina. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 90, n. 4, p. 713-737, nov. 2004. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/0004-5608.00219>. Acesso em: 8 abr. 2024.

EISER, J. Richard; BOSTROM, Ann; BURTON, Ian; JOHNSTON, David M.; MCCLURE, John; PATON, Douglas; VAN DER PLIGT, Joop; WHITE, Mathew P. Risk interpretation and action: a conceptual framework for responses to natural hazards. **International Journal of Disaster Risk Reduction**, v. 1, p. 5-16, 2012. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2212420912000040?via%3Dihub>. Acesso em: 8 abr. 2024.

HANEY, Timothy J. Disrupting the complacency: disaster experience and emergent environmentalism. **Socius: Sociological Research for a Dynamic World**, v. 7, n. 4, mar. 2021. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/2378023121992934>. Acesso em: 8 abr. 2025.

HOFFMAN, Susanna M. The question of culture continuity and change after disaster: further thoughts. **Annals of Anthropological Practice**, v. 40, n. 1, p. 39-51, out. 2016. Disponível em: <https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/napa.12086>. Acesso em: 8 abr. 2025.

HOLZHAUSEN, Jessica P.; GRECKSCH, Kevin. Historic narratives, myths and human behavior in times of climate change: a review from northern Europe's coastlands. **WIREs Climate Change**, v. 12, n. 5, jun. 2021. Disponível em: <https://wires.onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1002/wcc.723>. Acesso em: 8 abr. 2025.

HOUSTON, Donna. Crisis is where we live: environmental justice for the Anthropocene. **Globalizations**, v. 10, n. 3, p. 439-450, jul. 2013. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14747731.2013.787771>. Acesso em: 8 abr. 2024.

JAFFEE, Daniel; CASE, Robert A. Draining us dry: scarcity discourses in contention over bottled water extraction. **Local Environment**, v. 28, n. 4, p. 458-501, fev. 2018. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13549839.2018.1431616>. Acesso em: 8 abr. 2025.

KAN, Wing Shan; LEJANO, Raul P. How land use, climate change, and an ageing demographic intersect to create new vulnerabilities in Hong Kong. **Land**, v. 10, n. 4, abr. 2021. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2073-445X/10/4/391>. Acesso em: 8 abr. 2025.

KREUTZ, Marcos Rogério; MACHADO, Neli Teresinha Gallarce. **O povoamento do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul**. Lajeado: Editora Univates, 2017.

LUFT, Rachel E. Beyond disaster exceptionalism: social movement developments in New Orleans after Hurricane Katrina. **American Quarterly**, v. 63, n. 3, p. 499-527, set. 2009. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/236782662\\_Beyond\\_Disaster\\_Exceptionalism\\_Social\\_Movement\\_Developments\\_in\\_New\\_Orleans\\_after\\_Hurricane\\_Katrina](https://www.researchgate.net/publication/236782662_Beyond_Disaster_Exceptionalism_Social_Movement_Developments_in_New_Orleans_after_Hurricane_Katrina). Acesso em: 8 abr. 2025.

LUGERI, Francesca Romana; FARABOLLINI, Piero; AMADIO, Vittorio; GRECO, Roberto. Unconventional approach for prevention of environmental and related social risks: a geoethic mission. **Geosciences**, v. 8, n. 2, 2018. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2076-3263/8/2/54>. Acesso em: 8 abr. 2025.

MOSCARITOLO, Gabriele Ivo. Reconstruction as a long-term process. Memory, experiences and cultural heritage in the Irpinia post-earthquake (November 23, 1980). **Géosciences**, v. 10, n. 8, ago. 2020. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2076-3263/10/8/316>. Acesso em: 8 abr. 2025.

PEPPOLONI, Silvia; DI CAPUA, Giuseppe. Geoethics as global ethics to face grand challenges for humanity. **Geological Society, London, Special Publications**, v. 508, p. 13-29, nov. 2020. Disponível em: <https://www.lyellcollection.org/doi/abs/10.1144/sp508-2020-146>. Acesso em: 8 abr. 2024.

PIEVANI, Telmo. Geoethics and philosophy of Earth sciences: the role of geophysical factors in human evolution. **Annals of Geophysics**, v. 55, n. 3, 2012. Disponível em: [https://www.annalsofgeophysics.eu/index.php/annals/issue/view/482?\\_gl=1\\*5kss72\\*\\_up\\*MQ..\\*\\_ga\\*NTE4NzU0NDgxLjE3NDQxNjQzMDE.\\*\\_ga\\_S1M3446D2W\\*MTc0NDE2NDMwMC4xLjAuMTc0NDE2NDMwMC4wLjAuMA...](https://www.annalsofgeophysics.eu/index.php/annals/issue/view/482?_gl=1*5kss72*_up*MQ..*_ga*NTE4NzU0NDgxLjE3NDQxNjQzMDE.*_ga_S1M3446D2W*MTc0NDE2NDMwMC4xLjAuMTc0NDE2NDMwMC4wLjAuMA...) Acesso em: 8 abr. 2024.

PIRES, Karen Daniela; MACHADO, Neli Teresinha Galarce. Fontes documentais da história negra em Taquari, Rio Grande do Sul. **Tecnologia e Ambiente**, v. 27, p. 1-18, jul. 2021. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/tecnoambiente/article/view/6511/pdf>. Acesso em: 8 abr. 2025.

QIAN, Lili; ZHENG, Chunhui; LAI, Qin; GUO, Juncheng. A county town in ruins: memories, emotions, and sense of place in post-earthquake Beichuan, China. **Sustainability**, v. 13, n. 20, out. 2021. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2071-1050/13/20/11258>. Acesso em: 8 abr. 2025.

RAHMAN, Alfi; SAKURAI, Aiko; MUNADI, Khairul Indigenous knowledge management to enhance community resilience to tsunami risk: lessons learned from Simeulue island, Indonesia. **IOP Conference Series Earth and Environmental Science**, v. 56, n. 1, 2017. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s13753-012-0019-x>. Acesso em: 8 abr. 2025.

RAHMAN, Fathu. Save the world versus man-made disaster: a cultural perspective. **IOP Conference Series: Earth and Environment**, v. 235, 2019. Disponível em: <https://iopscience.iop.org/article/10.1088/1755-1315/235/1/012071>. Acesso em: 8 abr. 2025.

RATTER, Beate M. W. Surprise and uncertainty—framing regional geohazards in the theory of complexity. **Humanities**, v. 1, n. 1, p. 1-19, jan. 2013. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/259475039\\_Surprise\\_and\\_Uncertainty\\_Framing\\_Regional\\_Geohazards\\_in\\_the\\_Theory\\_of\\_Complexity](https://www.researchgate.net/publication/259475039_Surprise_and_Uncertainty_Framing_Regional_Geohazards_in_the_Theory_of_Complexity). Acesso em: 8 abr. 2024.

ROE, Maggie; LYONS, Antony. Dark ecologies: creative research in multi-species water environments. Green Letters. **Studies in Ecocriticism**, v. 25, n. 1, p. 33-52, mar. 2021. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14688417.2021.1893205>. Acesso em: 8 abr. 2024.



RUSCA, Maria; MAZZOLENI, Maurizio; BARCENA, Alejandro; SAVELLI, Elisa; MESSORI, Gabriele. Speculative political ecologies: (re)imagining urban futures of climate extremes. **Journal of Political Ecology**, v. 30, n.1, p. 581-608. 2023. Disponível em: <https://journals.librarypublishing.arizona.edu/jpe/article/id/4827/>. Acesso em: 8 abr. 2024.

SAURÍ, David. Lights and shadows of urban water demand management: the case of the metropolitan region of Barcelona. **European Planning Studies**, v. 11, n. 3, p. 229-243, jul. 2003. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09654310303639>. Acesso em: 8 abr. 2025.

SEGABINAZZI, Tiago. Enchente, acontecimento e signo. In: 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 47., 2024, Itajaí. **Anais [...]**. Itajaí, SC: Univali/Intercom, 2024. Disponível em: [https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link\\_aceite/nacional/17/100820240000016704a031aac57.pdf](https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/17/100820240000016704a031aac57.pdf). Acesso em: 8 abr. 2024.

SELMAN, Paul; KNIGHT, Melanie. On the nature of virtuous change in cultural landscapes: exploring sustainability through qualitative models. **Landscape Research**, v. 31, n. 3, p. 295-307, 2006. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01426390600783517>. Acesso em: 8 abr. 2025.

SHI, Linda; SYLMAN, Shanasia; HULET, Carri; BRENNER, Rebecca Morgenstern; SAFI, Amelia Greiner; CORSI, Paul. Integrating social and ecological considerations in floodplain relocation and restoration programs. **Socio-Ecological Practice Research**, v. 5, p. 239-251, maio 2023. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s42532-023-00152-y>. Acesso em: 8 abr. 2025.

SPOON, Jeremy; HUNTER, Chelsea E; GERKEY, Drew; CHHETRI, Ram B.; RAI, Alisa; BASNET, Umesh; DEWAN, Anudeep. Anatomy of disaster recoveries: tangible and intangible short-term recovery dynamics following the 2015 Nepal earthquakes. **International Journal of Disaster Risk Reduction**, v. 51, dec. 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2212420920313819>. Acesso em: 8 abr. 2025.

SWEET, Tonya; CAUDWELL, Catherine. Resilient design: mitigating trepidation about environmental disasters. **The Design Journal**, v. 20, n. sup. 1, jul. 2017. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/319561396\\_Resilient\\_Design\\_Mitigating\\_Trepidation\\_About\\_Environmental\\_Disasters](https://www.researchgate.net/publication/319561396_Resilient_Design_Mitigating_Trepidation_About_Environmental_Disasters). Acesso em: 8 abr. 2024.

TOPAL, Hakan. Artistic responses to natural disasters: the case of New Orleans. **MaHKUscript Journal of Fine Art Research**, v. 1, n. 2, dez. 2016. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/311626590\\_Artistic\\_Responses\\_to\\_Natural\\_Disasters\\_The\\_Case\\_of\\_New\\_Orleans](https://www.researchgate.net/publication/311626590_Artistic_Responses_to_Natural_Disasters_The_Case_of_New_Orleans). Acesso em: 8 abr. 2025.

TROMBINI, Janaine; LAROQUE, Luis Fernando da Silva. “La terra nuova”: fatores climáticos e os imigrantes italianos e seus descendentes no Vale do Taquari/Rio Grande do Sul, Brasil. **História Unisinos**, v. 26, n. 2, p. 217-226, maio/ago. 2022. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/24540/60749086>. Acesso em: 8 abr. 2025.

WALSHE, Rory A.; NUNN, Patrick. Integration of indigenous knowledge and disaster risk reduction: a case study from Baie Martelli, Pentecost Island, Vanuatu. **International Journal of Disaster Risk Science**, v. 3, p. 185-194, fev. 2012. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s13753-012-0019-x>. Acesso em: 8 abr. 2025.

WILKINSON, Clare; MACFARLANE, Angus H.; HIKUROA, Daniel C. H. Hikuroa; MCCONCHIE, Clint; PAYNE, Maiti; HOLMES, Huata; MOHI, Rose; HUGHES, Matthew W. Landscape change as a platform for environmental and social healing. **Journal of Social Sciences Online**, Kōtuitui, v. 17, dez. 2021. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1177083X.2021.2003826>. Acesso em: 8 abr. 2025.



# GT 2. Educação, Comunicação e Tecnologias

**IX DIÁLOGOS**  
na contemporaneidade

**POR OUTROS MODOS**  
*DE PENSAR A VIDA, A*  
**TERRA E NOSSO JEITO**  
*DE ESTAR NO MUNDO*



# A PRODUÇÃO DE VÍDEOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA CONSCIÊNCIA CORPORAL E AMBIENTAL

Neuenfeldt, Derli<sup>1</sup>  
Fell, Willian<sup>2</sup>;  
Kowalski, Rafael<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Univates, derlijul@univates.br

<sup>2</sup> Univates, willian.fell@univates.br;

<sup>3</sup> Univates, rdk@univates.br;

## Tema: Educação, Comunicação e Tecnologias

**Resumo:** Este estudo analisa a produção de vídeos em aulas de Educação Física por estudantes do Ensino Médio como estratégia para promover consciência corporal e ambiental. A pesquisa, qualitativa e com aproximações à pesquisa-ação, ocorreu com uma turma de terceiro ano de uma escola particular de Lajeado/RS. Para a produção de informações utilizaram-se questionários, diários de campo e análise dos roteiros e vídeos produzidos sobre os seguintes temas: Slackline, Yoga, Ciclismo, Calistenia e Trilhas Sensitivas. Os alunos pesquisaram, gravaram vídeos e conduziram vivências dos temas de estudo. Apesar de desafios técnicos, como edição e organização do tempo, a produção de vídeos desenvolveu habilidades de planejamento, trabalho em equipe e autonomia dos estudantes. Constatou-se maior sensibilidade em relação ao corpo e ao meio ambiente, fortalecendo o protagonismo estudantil e contribuindo para a consolidação de práticas pedagógicas inovadoras.

**Palavras-chave:** Educação Física. Produção de vídeos. Consciência corporal. Consciência ambiental. Ensino.

**Abstract:** This study analyzes the production of videos in Physical Education classes by high school students as a strategy to promote body and environmental awareness. The research, qualitative and with approaches to action research, was conducted with a third-year class from a private school in Lajeado/RS. To produce information, questionnaires, field diaries and analysis of scripts and videos produced on the following topics were used: Slackline, Yoga, Cycling, Calisthenics and Sensitive Trails. The students researched, recorded videos and conducted experiences on the study topics. Despite technical challenges, such as editing and time management, video production developed planning skills, teamwork and autonomy among students. Greater sensitivity to the body and the environment was observed, strengthening student protagonism and contributing to the consolidation of innovative pedagogical practices.

**Keywords:** Physical Education. Video Production. Bodily Awareness. Environmental Awareness. Teaching.

## Introdução

Este trabalho apresenta uma experiência pedagógica desenvolvida no âmbito da Educação Física escolar, focada na utilização da produção de vídeos como estratégia de ensino-aprendizagem no Ensino Médio. Em uma sociedade cada vez mais atravessada pelas tecnologias digitais, conforme destaca Santaella (2021), torna-se necessário que a educação repense suas metodologias para integrar práticas que dialoguem com a cultura da imagem e com a dinâmica interativa do ambiente digital.

Na Educação Física, tradicionalmente centrada na experiência corporal, essa necessidade se apresenta de maneira ainda mais desafiadora. Incorporar tecnologias digitais de forma crítica e criativa pode ampliar as possibilidades pedagógicas da área, favorecendo o protagonismo dos



estudantes e a construção de saberes que transcendam o mero domínio técnico dos gestos motores. A produção audiovisual, nesse sentido, configura-se como uma linguagem potente para expressar, refletir e ressignificar as vivências corporais dos alunos.

Considerando essas premissas, este trabalho analisa a produção de vídeos em aulas de Educação Física por estudantes do Ensino Médio como estratégia para promover consciência corporal e ambiental. Partindo do entendimento de que a interação entre corpo, natureza e tecnologia pode potencializar aprendizagens significativas e críticas, o projeto buscou articular experimentação prática, reflexão ecológica e produção de conteúdos digitais, promovendo novas formas de aprender e se relacionar com o mundo.

As experiências relatadas neste texto resultam de uma pesquisa-ação desenvolvida com estudantes do terceiro ano do Ensino Médio em uma escola privada da cidade de Lajeado, no Rio Grande do Sul. Os vídeos produzidos pelos alunos abordaram práticas corporais como Slackline, Yoga, Ciclismo, Calistenia e Trilhas Sensitivas, tendo como fio condutor a pergunta problematizadora: “Como a vivência de práticas corporais com a natureza pode contribuir para a formação de pessoas conscientes de sua responsabilidade ambiental?”. As reflexões construídas a partir dessa experiência oferecem subsídios importantes para pensar a Educação Física escolar de forma integrada às demandas do presente, na interface entre corpo, ambiente e tecnologias digitais.

## Procedimentos Metodológicos

A pesquisa foi conduzida com uma abordagem qualitativa, fundamentada nos princípios da pesquisa-ação, conforme proposta por Thiollent (2011). A escolha dessa perspectiva metodológica se justifica pela ênfase no caráter participativo e na possibilidade de transformação do contexto educativo a partir da ação-reflexão dos próprios sujeitos envolvidos.

O trabalho foi realizado em uma escola privada de Ensino Médio localizada em Lajeado, no estado do Rio Grande do Sul, integrante da Rede Sinodal de Educação. A instituição mantém convênio com a Universidade do Vale do Taquari (Univates), no âmbito da implementação do Novo Ensino Médio, o que possibilitou o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras. Participaram da pesquisa 33 estudantes do terceiro ano do Ensino Médio e o professor responsável pelo componente curricular de Educação Física.

O processo metodológico iniciou-se em 2023 com reuniões entre os pesquisadores e a coordenação pedagógica da escola, visando à apresentação dos objetivos da proposta e à solicitação das autorizações necessárias para sua realização. Após a aprovação institucional, foi realizado um diagnóstico inicial para verificar a familiaridade dos alunos com práticas corporais em ambientes naturais e com a produção de vídeos, por meio da aplicação de um questionário online.

Com base nas informações coletadas, estruturou-se uma proposta de intervenção que envolveu a divisão da turma em cinco grupos. Cada grupo ficou responsável por escolher uma prática corporal que pudesse ser vivenciada ao ar livre e articulada a reflexões sobre a responsabilidade ambiental. As práticas selecionadas foram: Slackline, Yoga, Ciclismo, Calistenia e Trilhas Sensitivas.

Os grupos elaboraram roteiros para seus vídeos a partir de um modelo orientativo fornecido pelos pesquisadores. O roteiro previa a demonstração prática da atividade, a articulação com a temática ambiental e o registro audiovisual em ambientes externos do campus da Univates, já que o ginásio da escola estava indisponível em razão de circunstâncias emergenciais locais. A comunicação e o acompanhamento do desenvolvimento dos roteiros e das gravações foram facilitados por meio de um grupo criado no aplicativo *WhatsApp*, permitindo o suporte contínuo aos estudantes.

Após a produção dos vídeos, estes foram apresentados e debatidos em sala de aula, seguidos pela realização da vivência das práticas corporais, temas de estudo e produção dos vídeos, conduzidas

pelos próprios grupos com seus colegas. Ao final da experiência, os estudantes responderam a um novo questionário, refletindo sobre os desafios enfrentados, os conhecimentos construídos e as aprendizagens proporcionadas pelo processo.

Para a análise das informações, foi utilizada a metodologia da Análise Textual Discursiva (Moraes; Galiazzi, 2007), que possibilitou a organização e a interpretação das percepções dos estudantes em categorias emergentes, visando compreender os sentidos atribuídos à experiência de produção audiovisual nas aulas de Educação Física.

Todos os procedimentos da pesquisa seguiram as normas éticas vigentes para pesquisas com seres humanos, sendo aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Taquari (Parecer nº 6.471.497, CAEE 74588323.1.0000.5310), garantindo o sigilo e o anonimato dos participantes.

## **Análise e discussão dos resultados**

Durante o desenvolvimento da pesquisa, diversos desafios surgiram, exigindo dos estudantes atitudes de flexibilidade, cooperação e resolução criativa de problemas. Entre os principais entraves, destacaram-se questões logísticas relacionadas à conciliação de horários entre os membros dos grupos e à adaptação às condições climáticas, que interferem diretamente no cronograma de gravações em espaços abertos. Diante de situações como ventos fortes e chuvas ocasionais, os alunos precisaram reorganizar suas atividades, escolher novos locais para filmagens e ajustar seus roteiros, demonstrando capacidade de improvisação e tomada de decisão em tempo real.

Além das questões externas, o tempo disponível para preparar os roteiros, memorizar falas e realizar as gravações foi apontado como uma dificuldade recorrente. A gestão do tempo revelou-se um fator determinante para o bom andamento do projeto, evidenciando a importância de um planejamento eficiente. Essas dificuldades, longe de comprometerem a experiência, transformaram-se em oportunidades formativas, pois incentivaram o trabalho colaborativo e a autonomia dos estudantes diante de tarefas complexas.

Do ponto de vista técnico, a produção dos vídeos envolveu aprendizados significativos relacionados à gravação e à edição audiovisual. A busca por enquadramentos adequados, o uso da iluminação natural, o controle de ruídos externos e a clareza na captação de áudio se apresentam como desafios para muitos grupos, especialmente para aqueles com pouca familiaridade com recursos de gravação. O momento da edição, por sua vez, exigiu domínio de ferramentas digitais e sensibilidade narrativa para alinhar imagem, som e mensagem de maneira coerente.

Apesar das dificuldades, os estudantes demonstraram empenho e criatividade ao experimentarem diferentes estratégias até alcançarem resultados satisfatórios. O processo de tentativa e erro, característico de produções audiovisuais, tornou-se um caminho pedagógico fértil, no qual o aprendizado técnico caminhou lado a lado com o desenvolvimento de competências como persistência, escuta ativa e espírito de equipe.

Esses desafios também reforçaram o papel da tecnologia digital como linguagem educativa, conforme apontam Neuenfeldt, Schuck e Miorando (2020), ao mesmo tempo em que exigiram dos estudantes uma postura crítica diante da organização e veiculação do conhecimento. A experiência não se limitou à captação de imagens, mas demandou intencionalidade na construção de sentidos, conforme destacam Camargo e Daros (2021). Assim, as dificuldades encontradas não apenas enriquecem a vivência, como contribuíram para que os estudantes compreendessem a complexidade envolvida na produção de conteúdos educativos mediados por tecnologias digitais.

Desse modo, os obstáculos enfrentados no percurso tornaram-se elementos pedagógicos essenciais do projeto. Ao confrontarem-se com problemas reais, os alunos puderam desenvolver



habilidades socioemocionais e técnicas, reafirmando que o erro e a superação fazem parte do processo formativo. Essa vivência prática reforçou a ideia de que os desafios, quando acompanhados de suporte e reflexão, potencializam aprendizagens significativas e duradouras.

Os resultados obtidos na experiência de produção audiovisual nas aulas de Educação Física demonstraram a efetividade da proposta em relação aos objetivos traçados, que buscaram desenvolver a autonomia dos estudantes, integrar práticas corporais ao meio ambiente e promover o protagonismo juvenil no uso das tecnologias digitais. A análise das respostas ao questionário final, bem como a observação das produções realizadas e das vivências práticas, revela avanços no processo de aprendizagem dos alunos.

Em primeiro lugar, constatou-se que o planejamento coletivo e a execução dos vídeos estimularam o desenvolvimento de habilidades de organização, trabalho em equipe e gestão de projetos. Os estudantes precisaram negociar ideias, distribuir funções e articular ações para cumprir as etapas de elaboração dos vídeos, exercitando competências que extrapolam o campo da Educação Física e são fundamentais para sua formação integral. Tal dinâmica favoreceu um ensino mais ativo e colaborativo, onde o aluno não apenas executa tarefas, mas também se envolve criticamente em todas as fases da atividade.

No âmbito da apropriação das práticas corporais em interação com a natureza, os vídeos revelaram a capacidade dos estudantes de refletir sobre o corpo como meio de expressão e conexão com o ambiente. A experiência ao ar livre, associada à prática de modalidades como Slackline, Yoga e Trilhas Sensitivas, possibilitou um contato mais sensível com o meio natural e gerou reflexões importantes sobre a sustentabilidade e o cuidado ambiental. Essa dimensão da vivência foi reforçada nas falas dos alunos, que relataram ter ampliado sua percepção sobre o valor da natureza para a prática corporal e para o bem-estar individual e coletivo.

A experimentação técnica, necessária para a produção dos vídeos, também representou um desafio pedagógico relevante. Aspectos como o manuseio de equipamentos de gravação, a necessidade de considerar fatores ambientais (como vento e iluminação natural) e a edição dos vídeos exigiram dos alunos novas aprendizagens. Embora muitos tenham relatado dificuldades iniciais, especialmente na edição, as estratégias de enfrentamento adotadas — como o trabalho em grupo, a divisão de tarefas e a busca de soluções criativas — foram fundamentais para a superação desses obstáculos, evidenciando a capacidade adaptativa dos estudantes diante de contextos imprevistos.

Quanto à contribuição para o ensino de Educação Física, destaca-se que o projeto ampliou a visão tradicional do componente curricular ao integrar corpo, tecnologias digitais e meio ambiente. Os vídeos produzidos pelos alunos, além de registrarem práticas corporais, tornaram-se objetos de aprendizagem, funcionando como dispositivos de reflexão sobre temas amplos e contemporâneos, como responsabilidade ecológica, saúde e autonomia juvenil. Essa abordagem permitiu tensionar o entendimento das práticas corporais para além da lógica esportiva ou de rendimento, favorecendo uma perspectiva crítica e educativa.

Nesse contexto, a produção audiovisual não se limitou à documentação das atividades realizadas, mas constituiu-se como parte do processo pedagógico, no qual os estudantes assumiram papel ativo na construção do conhecimento. Conforme apontam Neuenfeldt, Schuck e Miorando (2020), a produção de vídeos pode configurar-se como objeto digital de ensino e aprendizagem potencialmente significativo, sobretudo quando envolve o engajamento dos estudantes e promove a ressignificação dos conteúdos curriculares. Ao articularem corpo, natureza e linguagem audiovisual, os alunos foram provocados a refletir criticamente sobre suas experiências, ampliando os sentidos atribuídos à Educação Física no contexto escolar.

Além disso, o uso de recursos digitais como ferramentas pedagógicas favoreceu a expressão de múltiplas linguagens e competências, permitindo que os estudantes articulassem elementos técnicos, criativos e reflexivos em suas produções. A autonomia concedida na escolha dos temas, no planejamento das cenas e na condução das gravações incentivou a corresponsabilidade e o protagonismo juvenil, aspectos fundamentais para práticas educativas emancipatórias. Ao lidar com os desafios da produção — como o domínio técnico das ferramentas, a cooperação em grupo e a adequação das ideias ao tempo e espaço disponíveis — os alunos foram levados a mobilizar habilidades comunicativas, organizacionais e socioemocionais.

Para os professores, a experiência também representou uma ampliação de possibilidades metodológicas, demonstrando como o uso de mídias digitais pode mediar processos de ensino e aprendizagem de forma significativa e situada. Trata-se, portanto, de uma prática que rompe com a linearidade das aulas expositivas, promovendo a escuta, a criação colaborativa e o reconhecimento da diversidade de formas de vivenciar o corpo, o movimento e a própria escola.

Em termos de questionamentos surgidos da experiência, destaca-se a necessidade de maior apoio técnico aos estudantes na fase de edição de vídeos. Muitos grupos relataram dificuldades em lidar com softwares de edição ou em construir uma narrativa audiovisual coesa. Tal desafio aponta para a importância de incluir no planejamento pedagógico momentos de formação específica em linguagem audiovisual, garantindo que a proposta não apenas exija resultados, mas também instrumentalize os alunos para alcançá-los de maneira mais qualificada.

Outra reflexão que emergiu foi sobre a gestão dos espaços e horários para gravação. Em função da ocupação do ginásio da escola por forças militares (devido às enchentes ocorridas no Vale do Taquari em maio de 2024), os alunos precisaram recorrer a outros locais da universidade para gravar suas produções. Essa situação, ainda que adversa, trouxe como aprendizado a importância da flexibilidade e da adaptação, habilidades indispensáveis em projetos educativos inovadores.

Como possíveis desdobramentos futuros, sugere-se a ampliação da proposta para outras turmas e níveis de ensino, bem como a integração dos componentes curriculares que integram a área de Linguagens, possibilitando a realização de projetos interdisciplinares que articulem Educação Física, Artes e Letras. Além disso, recomenda-se a realização de oficinas técnicas sobre produção audiovisual antes da etapa de gravações, a fim de fortalecer as competências dos estudantes nesse campo.

## **Considerações Finais**

A produção de audiovisuais nas aulas de Educação Física revelou-se uma prática pedagógica potente, capaz de expandir os sentidos da aprendizagem corporal e tecnológica no contexto escolar. O envolvimento dos estudantes em todas as etapas do projeto, desde a concepção das ideias até a execução técnica, demonstrou a eficácia de propostas que apostam no protagonismo juvenil como motor de processos educativos significativos. A iniciativa também evidenciou a importância de integrar novas linguagens, como a audiovisual, às práticas escolares, não apenas como suporte didático, mas como ferramenta de expressão, criação e reflexão crítica.

A pesquisa destacou a necessidade de se planejar cuidadosamente ações que envolvam tecnologias digitais, assegurando aos estudantes suporte adequado para o desenvolvimento de competências técnicas e narrativas. Além disso, a articulação entre práticas corporais e meio ambiente reforçou o potencial da Educação Física para atuar na formação de sujeitos conscientes e críticos diante dos desafios socioambientais contemporâneos. A experiência apontou que, para além do domínio técnico, o mais relevante foi o exercício da autonomia, da colaboração e da capacidade dos estudantes de traduzirem suas experiências corporais em produções audiovisuais.



Portanto, iniciativas que incentivem a autoria, o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento e a experimentação sensível com o ambiente são fundamentais para ressignificar o papel da escola na contemporaneidade. Pesquisas como esta demonstram que, quando a prática pedagógica é aberta à criação, ao movimento e à reflexão, ela é capaz de transformar a aprendizagem em um processo vivo e conectado com as demandas do presente.

## Referências

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

CAMARGO, F.; DAROS, T. **A sala de aula digital: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo, on-line e híbrido**. Porto Alegre: Penso, 2021.

HILDEBRANDT, R. (Org.). **Educação Física aberta à experiência: uma concepção didática em discussão**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2009.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Unijuí, 2007.

NEUENFELDT, A. E.; SCHUCK, R. J.; MIORANDO, T. M. Produção de vídeos como objetos digitais de ensino e de aprendizagem potencialmente significativos. **Revista Dynamis**, v. 26, n. 1, p. 170-191, 2020.

SANTAELLA, L. **Humanos hiper-híbridos: linguagens e cultura na segunda era da internet**. São Paulo: Paulus, 2021.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.



# GT 3. Modos de Ensinar e Modos de Aprender

**IX DIÁLOGOS**  
na contemporaneidade

**POR OUTROS MODOS**  
*DE PENSAR A VIDA, A*  
**TERRA E NOSSO JEITO**  
*DE ESTAR NO MUNDO*



## ESPAÇOS AO AR LIVRE DA CIDADE: INVESTIGANDO POSSIBILIDADES PARA O ENSINO

NEUENFELDT, Derli Juliano<sup>1</sup>  
PEIXE, Ângelo de Oliveira<sup>2</sup>  
ROSA, Eduarda Gregory da<sup>3</sup>  
SANTOS, Robson Leal dos<sup>4</sup>  
KLEIN, Jaqueline Luiza<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Univates, derlijul@univates.br;

<sup>2</sup>Univates, angelo.peixe@universo.univates.br;

<sup>3</sup>Univates, eduarda.rosa8@universo.univates.br;

<sup>4</sup>Univates, robson.santos6@universo.univates.br;

<sup>5</sup>Univates, jaqueline.klein@universo.univates.br

### Tema: Modos de ensinar e modos de aprender

**Resumo:** Este estudo teve como objetivo analisar se as escolas da rede municipal de um município do Vale do Taquari/RS/BR estão utilizando espaços ao ar livre da cidade para o ensino e, em caso positivo, identificar quais são os ambientes com potencial para o desenvolvimento dessas vivências corporais. Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa qualitativa, cuja técnica de produção de informações consistiu na realização de entrevistas semiestruturadas com as equipes diretivas das escolas da rede municipal de um município do Vale do Taquari/RS/BR. Das 18 escolas, 10 participaram da pesquisa. Constatou-se que 9 realizam saídas para espaços externos. Os locais mais citados foram o Jardim Botânico, o Parque do Imigrante, a Aldeia do Papai Noel e a Univates. Algumas escolas utilizam apenas espaços aos arredores da unidade. Conclui-se que a localização geográfica influencia a viabilização de vivências fora da escola, mas a maioria delas utiliza-se de espaços da cidade para atividades pedagógicas.

**Palavras-chave:** Cidade educadora; Educação Ambiental; Educação Física; Ensino em espaços não formais.

**Abstract:** The aim of this study was to analyze whether schools in the municipal network of a municipality in Vale do Taquari/RS/BR are using the city's outdoor spaces for teaching and, if so, to identify which environments have the potential to develop these bodily experiences. As for the methodology, this is a qualitative study, whose information production technique consisted of semi-structured interviews with the management teams of the municipal schools in a municipality in the Taquari Valley/RS/BR. Of the 18 schools, 10 took part in the research. It was found that 9 of them went outdoors. The most frequently mentioned places were the Botanical Garden, Imigrante Park, Santa Claus Village and Univates. Some schools only use spaces in the vicinity of the unit. It can be concluded that geographical location influences the feasibility of out-of-school experiences, but most of them use spaces in the city for educational activities.

**Keywords:** Educating city; Environmental education; Physical education; Teaching in non-formal spaces.

### Introdução

Vivemos uma crise ambiental sem precedentes, iniciada na Idade Moderna, momento em que houve a afirmação do paradigma antropocêntrico, que exacerbou o valor do intelecto e rompeu com a concepção teocêntrica da Idade Média. Nesse período, o homem colocou-se como capaz de conhecer o mundo pela razão. Esta concepção, que trouxe avanços na ciência e no desenvolvimento de tecnologias, também influenciou a forma como nos relacionamos com o meio em que vivemos, sendo a natureza relegada à condição de objeto, e o homem, se colocando fora dela. Essa desintegração

do ser humano em relação à natureza, reflete-se, hoje, em ações inconsequentes, desrespeitosas e predatórias, que tem causado desequilíbrios ambientais que comprometem o futuro do planeta.

Há de se fazer um esforço para reconhecermos novamente que fazemos parte da natureza, que há uma relação de interdependência entre todos os seres vivos e não vivos. Como exemplo de que a vida é sistêmica, Capra (2012) menciona que não se pode tirar uma fotografia da teia da vida, porque ela é uma teia de relações. A essência da vida está nos padrões e processos de articulações, não no material. Capra (2012, p. 231) ressalta a necessidade de o homem tornar-se ecologicamente alfabetizado ou eco-alfabetizado, que [...] “significa entender os princípios de organização das comunidades ecológicas (ecossistemas) e usar estes princípios para criar comunidades humanas sustentáveis”.

É por meio da experiência<sup>1</sup> que cada pessoa toma consciência de que faz parte da teia da vida, de que está inserida em um ecossistema, em um determinado contexto social e natural. A alfabetização ecológica estimula a criação de vínculos emocionais com a natureza e, a partir disso, espera-se que as pessoas se tornem cidadãos responsáveis e capazes de utilizar os conhecimentos ecológicos para preencher a lacuna entre a prática humana e os sistemas da natureza ecologicamente sustentáveis. A experiência da ecologia na natureza proporciona um senso de lugar a que se pertence (Capra, 2006).

A construção de vínculos com o ambiente que vivemos também é enfatizado por Tuan (1980) que destaca a necessidade de o homem compreender-se a si mesmo. Sem essa autocompreensão, é difícil esperar soluções para os problemas ambientais, pois são problemas humanos. Um conceito importante apresentado por esse autor é o de topofilia, definido como “[...] o elo entre a pessoa e o lugar ou ambiente, difuso como conceito, vivido e concreto como experiência” (Tuan, 1980, p. 05). O meio ambiente não é a causa direta da topofilia, menciona Tuan (1980), mas ele fornece o estímulo sensorial. Os conceitos de lugar e espaço se fundem e se diferenciam pelo fato de o lugar ser um espaço que nos é familiar, que tem significado para a pessoa, tal como nossa casa. É a experiência como o espaço que o torna um lugar.

Dessa forma, o sentido de lugar, de acordo com Tuan (2011), é adquirido após um período de tempo, que não pode ser definido; porém, quanto mais tempo se permanece em determinada localidade, mais e melhor ela se torna conhecida e, conseqüentemente, mais significativa para quem lá está. Portanto, espaço, tempo e lugar são categorias sobrepostas da experiência humana.

A partir do que Capra e Tuan nos apresentam, entendemos que duas questões são cruciais se desejamos construir uma forma diferente de nos relacionarmos e convivermos com o mundo ao nosso redor: a) as pessoas precisam de uma alfabetização ecológica, e b) precisamos reconstruir laços afetivos com os espaços onde vivemos, para que esses se tornem lugares.

Contudo, como reconstruir esses laços afetivos se vivemos cada vez mais distantes da natureza? O próprio brincar na natureza que para gerações passadas era algo comum, Louv (2016) nos diz que, hoje, se tornaram momentos cada vez menos frequentes, chegando a afirmar que há um desencorajamento das crianças e, de certa forma, inúmeras restrições são criadas para dificultar que isso ocorra. Por isso, Louv (2016) ressalta a necessidade de resgatarmos nossas crianças dos transtornos ocasionados pelo déficit de natureza e que, estudos já apontam, como exemplo, que a natureza pode ser útil inclusive como recurso terapêutico para o TDAH (transtorno do déficit de atenção e hiperatividade). Outros autores, tais como Cornell (2008), Tiriba (2017), Neuenfeldt e Martins (2016) também têm destacado a necessidade de uma formação que por meio de vivências com a natureza, na relação direta do corpo com a natureza e na exploração dos sentidos corporais.

1 “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (LARROSA, 2014, p. 18, grifo nosso). Experiência é aquilo que “ao nos passar, nos forma e transforma”, nos diz Larrosa (2014).



Nessa perspectiva, essa proposta de pesquisa se propõe a investigar analisar se as escolas da rede municipal de um município do Vale do Taquari/RS/BR estão utilizando espaços ao ar livre da cidade para o ensino e, em caso positivo, identificar quais são os ambientes com potencial para o desenvolvimento dessas vivências corporais. Nesse sentido, a cidade pode tornar-se educadora:

Uma cidade pode ser considerada como uma cidade que educa quando, além de suas funções tradicionais — econômica, social, política e de prestação de serviços — exerce uma nova função cujo objetivo é a formação para e pela cidadania. Para uma cidade ser considerada educadora, ela precisa promover e desenvolver o protagonismo de todos — crianças, jovens, adultos, idosos — na busca de um novo direito, o direito à cidade educadora [...] (Gadotti, 2006, p. 134).

O papel da escola, nesse contexto, de acordo com Gadotti (2006, p. 136), “[...] é contribuir para criar as condições que viabilizem a cidadania, por meio da socialização da informação, da discussão, da transparência, gerando uma nova mentalidade, uma nova cultura, em relação ao caráter público do espaço da cidade”. Portanto, percebemos que o uso dos espaços ao ar livre da cidade pelas escolas, a promoção de vivências corporais e da criticidade dos alunos a partir desses ambientes é algo possível. Essa relação direta com os espaços da cidade permite abordarmos temas que tratam do cuidado, da preservação do patrimônio cultural e ambiental, do lazer de consumo e das oportunidades que os alunos/cidadãos de diferentes bairros possuem de acesso aos espaços ao ar livre.

Se almejamos que os alunos tenham uma alfabetização ecológica, que estabeleçam vínculos afetivos com os espaços que vivem, precisamos olhar para as potencialidades da cidade e dos espaços ao ar livre para eles se tornarem educadores. Mas, isso não se dá de forma espontânea, precisamos investigar possibilidades de uso desses espaços, construir e experimentarmos propostas pedagógicas com escolas, professores e alunos. Essa proposta de ensino reconhecerá que o corpo é lugar de aprendizagem, ou seja, que vivências corporais desenvolvem um conhecimento de outra ordem, da ordem sensitiva. Portanto, essa pesquisa relaciona-se diretamente ao tema gerador – modos de ensinar e modos de aprender – pois se propõe a debater sobre um ensino possível em outros espaços que os formais da escola de maneira que possamos olhar para os espaços da cidade com uma extensão da sala de aula.

## Procedimentos Metodológicos

Esta pesquisa é qualitativa, que conforme Bogdan e Biklen (1994, p.13), “[...] envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”. Essa abordagem de pesquisa possibilita ao investigador a descrição do fenômeno tal como ele se apresenta em toda a sua complexidade e em seu contexto natural, no caso desta pesquisa, a escola.

O contexto da pesquisa é uma rede de ensino pública municipal do Vale do Taquari-RS/BR. Opta-se por essa rede municipal devido a parcerias que existem com a Universidade na qual os pesquisadores atuam, tais como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), ações que envolvem a realização de estágios das licenciaturas e relacionadas à formação continuada de professores

Quanto aos participantes da investigação, das 18 escolas do município, 10 participaram da pesquisa. Todas foram convidadas, mas 8 não aderiram. Enquanto técnica de produção de informações, utilizou-se a entrevista semiestruturada realizada com um membro da equipe diretiva de cada escola. As entrevistas foram previamente agendadas, conduzidas de forma presencial ou remota por videoconferência, gravadas, transcritas e posteriormente disponibilizadas às equipes para validação das informações ou ajustes. Optou-se pela entrevista semiestruturada pois ela, de

acordo com Triviños (1987, 146), “[...] parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante”.

Em relação à análise das informações faremos a análise textual discursiva (ATD) proposta por Moraes e Galiazzi (2016). A análise textual discursiva é um processo de aprofundamento de processos discursivos a partir da leitura de materiais textuais, objetivando “[...] descrevê-los e interpretá-los no sentido de atingir uma compreensão mais elaborada dos fenômenos e dos discursos no interior dos quais foram produzidos” (Moraes, 2007, p. 89).

O conjunto de material submetido à análise é denominado *corpus*, que inclui materiais já existentes ou materiais produzidos na própria pesquisa. Constituiu o *corpus*: pesquisa bibliográfica os registros das falas dos participantes nas entrevistas.

Para Moraes (2007), fazer uma análise textual implica definir e identificar unidades de análise, que dependem dos objetivos da pesquisa. Da classificação das unidades de análise, resultam as categorias, que são aspectos ou dimensões importantes de um fenômeno que o pesquisador decide pesquisar. Em relação ao sistema de categorias, se optará pelas categorias emergentes (Moraes, 2007), nas quais o pesquisador constrói suas categorias a partir das múltiplas vozes emergentes nos textos que analisa.

Quanto aos cuidados éticos, as abordagens e os instrumentos metodológicos utilizados obedeceram aos procedimentos éticos estabelecidos para a pesquisa científica em Ciências Humanas. A pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética da Univates (Parecer n.º 7.175.563, 22/10/2024). O estudo somente iniciou após a anuência da Secretaria de Educação e da direção das escolas. Todos os participantes consentiram a sua participação mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). No momento da divulgação dos resultados, os nomes dos integrantes das equipes diretivas não são divulgados, utilizando-se a seguinte nomenclatura: equipe diretiva EMEF 1, equipe diretiva EMEF 2... e assim por diante.

## Resultados

A pesquisa encontra-se em andamento, mas a análise preliminar realizada até o momento nos permitiu evidenciar que 9 escolas participantes do estudo realizaram saídas com os alunos para espaços externos. Os locais mais citados incluem praças, parques, tais como o Jardim Botânico, o Parque do Imigrante, a Aldeia do Papai Noel e a Universidade do Vale do Taquari - Univates do município de Lajeado/RS. Também são mencionadas viagens de estudos a outros municípios, como Porto Alegre. Abaixo imagens de alguns desses espaços:

Figura 1 – Espaços da cidade, na sequência: Jardim Botânico, Parque dos Dick e Univates.



Fonte: dos autores.



Nas entrevistas, as equipes diretivas comentaram sobre as saídas que realizam para esses espaços:

A nossa escola é muito próxima ao Jardim Botânico, nós acabamos fazendo várias oficinas no Jardim Botânico. Na própria Univates, os nossos alunos frequentam os laboratórios, a brinquedoteca, o Museu de Ciências Naturais. Também fazemos viagens de estudo para Porto Alegre com os alunos de algumas turmas, saídas também para sítios pedagógicos, essas foram algumas das que foram feitas esse ano (Entrevista, equipe diretiva EMEF 1).

Dentro do nosso município, fica muito o parque histórico, o Jardim Botânico, a Praça do Papai Noel, né? Que vai à pré-escola, que tá um lugar muito bonito também (Entrevista, equipe diretiva, EMEF 2).

Mas a nossa escola também trabalha com projetos investigativos, tá? Então, esses projetos investigativos, eles surgem sempre de saídas, seja aqui ao redor da escola, ou seja, na Univates a gente vai muito, no Museu de Ciências da Univates, com os alunos, com professores também (Entrevista, equipe diretiva, EMEF 3).

Nas falas acima constata-se que as escolas estão realizando saídas para espaços externos à escola. É importante destacar que na fala da EMEF 3 se identifica que há uma intencionalidade pedagógica nas saídas, no caso vinculada a projetos investigativos. O educar pela pesquisa é defendido por Demo (2007), ou seja, que o fazer e refazer-se na e pela pesquisa é o que melhor distingue a educação escolar de outros tipos e espaços educativos, tais como a família, a roda de amigos, o ambiente de trabalho etc. “A pesquisa inclui sempre a percepção emancipatória do sujeito que busca fazer e fazer-se oportunidade, à medida que começa e se reconstitui pelo questionamento sistemático da realidade” (Demo, 2007, p. 08).

Outra questão evidenciada na pesquisa foi o uso de espaços que se localizam nos arredores da escola. Nesse sentido, o ensino sai dos muros escolares e desloca-se para praças e espaços públicos do bairro onde a escola se situa. Isso pode ser constatado nas falas abaixo e a figura 2 é um desses espaços:

A gente usa o campinho aqui, a gente usa a pracinha... E, sempre que a gente pode, a gente participa das variadas atividades que nos convidam (Entrevista, equipe diretiva, EMEF 4).

A gente tem o campo aqui do lado, então, os professores de educação física também, às vezes, fazem caminhada até no campo, fazem uma atividade lá, retornam. [...] a gente leva, a gente tem a pracinha do bairro, que a gente tenta levar também (Entrevista, equipe diretiva, EMEF 5).

Figura 2 - Campo de futebol próximo a uma EMEF que é utilizado para atividades pedagógicas.



Fonte: dos autores.

Dessa forma, é importante destacar que as atividades que ocorrem no bairro da escola possibilitam construir com os alunos o sentimento de pertencimento, de lugar. Para Tuan (2013) uma praça pública deve ser compreendida para além de um mero espaço físico, ela é um lugar, carregado de significados produzidos a partir da convivência, das relações humanas, da socialização, do afeto que se constitui. As vivências e as experiências desenvolvidas nos espaços públicos, fortalecem vínculos afetivos com esses lugares, constroem um sentimento de conexão com o ambiente urbano.

Por outro lado, constatou-se que uma escola não realizou saídas depois da enchente de 2024 que aconteceu no Rio Grande do Sul e comprometeu a estrutura física dessa instituição, exigindo adequações. Isso foi evidenciado na fala abaixo:

Então, falando em 2024, a gente tem dois momentos, um até maio, né, e depois de maio [...]. Lá, na escola, até maio, nós ainda, nós tínhamos programado saídas, mas depois disso, né, não, acabou não acontecendo. Porque perto a gente tem campos, um campo de futebol, o professor sai para fazer caminhadas, né, faz atividades pelo bairro, tem uma, uma, uma academia também ali, que às vezes eles vão (Entrevista EMEF 6)

Por fim, destacamos que o município investigado possui outros espaços além dos mencionados que podem ser utilizados para atividades pedagógicas escolares (figura 3). Entendemos que a formação cidadã passa também pelos estudantes conhecerem outros espaços da cidade, diferentes do bairro que vivem, problematizando as condições ambientais desses espaços. Abaixo apresentamos imagens de alguns espaços da cidade que entendemos ter potencial para o ensino.



Figura 3 - Na sequência: Parque do Engenho, Pico do Oito e Parque Ney Arruda.



Fonte: Os autores.

## Considerações Finais

Constatamos que a maioria das escolas faz uso de espaços externos a ela para realização de atividades pedagógicas. Os espaços utilizados são praças e parques, que possuem áreas verdes, brinquedos infantis, academias de ginástica ao ar livre e campos de futebol. Destaca-se também a busca por espaços que ofereçam atividades formativas, tais como o Jardim Botânico e a Universidade. Entende-se que a localização geográfica influencia a escolha dos lugares, podendo facilitar ou dificultar a viabilização destas vivências. Porém, também há escolas que realizam viagens de estudos em outros municípios.

Na continuidade do estudo, investigar-se-á quais práticas corporais estão sendo desenvolvidas nos espaços da cidade e, em especial, como a Educação Física Escolar está abordando a unidade temática das práticas corporais de aventura. Entende-se que o ensino em espaços ao ar livre da cidade oferece a oportunidade de abordar temas importantes, como o cuidado e a preservação do patrimônio cultural e ambiental, o lazer de consumo e as desigualdades no acesso aos espaços públicos, considerando as diferentes realidades dos alunos e cidadãos de diversos bairros.

## Agradecimentos

Esta pesquisa contou com apoio da Fapergs e CNPq.

## Referências

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **A investigação qualitativa em educação**. Porto/Portugal: Porto Editora, 1994.

CAPRA, F. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

CAPRA, F. Como a natureza sustenta a vida. In.: STONE, M. K.; BARLOW, Z. (Orgs). Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 13-15.

CORNELL, J. **Vivências com a natureza 1**: guia de atividades para pais e educadores. 3 ed. São Paulo: Aquariana, 2008.

GADOTTI, M. **A escola na cidade que educa**. Cadernos Cenpec: educação, cultura e ação comunitária, v. 1, n. ja/ju 2006, p. 133-139, 2006 Tradução. Disponível em: <https://doi.org/10.18676/cadernoscenpec.v1i1.160>. Acesso em: 02 maio 2025.

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica. 2014.

LOUV, R. **A última criança na natureza**: resgatando nossas crianças do transtorno do deficit de natureza. São Paulo: Aquariano, 2016.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. do C. **Análise textual discursiva**: 3 ed. Ijuí: Unijuí: 2016.

MORAES, R. Mergulhos discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. In: GALIAZZI, M. do C.; FREITAS, J. V. **Metodologias emergentes de pesquisa em Educação Ambiental**. Ijuí: Unijuí, 2007, p. 85-114.

NEUENFELDT, D. J.; MARTINS, C. C. Educação física escolar e vivências com a natureza: contribuições para a formação ecológica de estudantes. **Revista Didática Sistemática**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 56-70, 2017. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/7157>. Acesso em: 8 mar. 2024.

TIRIBA, L. Educação Infantil como direito e alegria. Sorocaba, **Laplage em Revista**, v. 3, n.1, jan.-abr., p.72-86, 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6193612>. Acesso: 08 mar. 2024.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa. São Paulo: Atlas, 1987.

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. RJ: DIFEL, 1980.

TUAN, Y. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. **Geograficidade**, Niterói, v. 01, n. 1, Inverno, p. 04-15, 2011. Disponível em: <http://www.uff.br/posarq/geograficidade/revista/index.php/geograficidade/article/view/1>. Acesso em: 08 mar. 2024.

TUAN, Y. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**; tradução de Lívia Oliveira. – Londrina: Eduel, 2013.



## NARRATIVAS SOBRE PRÁTICAS EDUCACIONAIS EM DIFERENTES TEMPOS E ESPAÇOS

OHLWEILER, Mariane Inês<sup>1</sup>;

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, mariane.ohlweiler@ufrgs.br

### Tema: Modos de ensinar e modos de aprender

**Resumo:** Este trabalho é oriundo de um projeto de pesquisa que tem como objetivo principal analisar as percepções e compreensões discursivas sobre práticas educacionais que permeiam a formação docente de alunas/os de Cursos de Licenciatura. O problema de pesquisa foi delineado a partir da seguinte pergunta: de que modos as percepções e compreensões sobre práticas educacionais permeiam a formação docente de alunas/os de Cursos de Licenciatura? Trata-se de um projeto a ser desenvolvido através de entrevistas – por meio de narrativas – com os/as estudantes. Por se tratar de um projeto em andamento, ainda não obtiveram-se resultados, mas pode-se inferir, por ora, que os espaços de escuta e produção de narrativa constituem-se em práticas de interlocução e compreensão das subjetividades contemporâneas e em especial dos sujeitos em processos de formação de professores.

**Palavras-chave:** Formação Docente; Subjetividades; Experiência.

### Introdução

As práticas educacionais e escolares sofrem mudanças sob os mais diversos campos de influência, entre os quais destacam-se: o econômico, o político, o social e o cultural. Estes campos convergem em relação a algumas mudanças e em outras instâncias servem de barreira para que determinadas rupturas não ocorram. Oriundo de um projeto de pesquisa que tem como objetivo principal analisar as percepções e compreensões discursivas sobre práticas educacionais que permeiam a formação docente de alunas/os de Cursos de Licenciatura, este trabalho procura tensionar como os diferentes modos de ensinar e aprender tem perpassado as práticas educacionais e permeado os discursos dos sujeitos em processo de formação de professores.

Destaco o uso da expressão práticas educacionais e escolares neste trabalho, no sentido de que práticas escolares são concomitantemente práticas educacionais e estas por sua vez perpassam transformações e expectativas oriundas de outros espaços, para além do espaço escolar, tais como: o familiar, o religioso, o geográfico, o cultural, entre outros. As práticas educacionais contemplam um campo amplo de pesquisa, mas há uma intencionalidade nisso, trata-se exatamente de fazer as/os alunas/os narrarem o que compreendem por práticas educacionais e a partir disso analisar suas percepções.

### Descrição da pesquisa

Para contextualizar a pesquisa apresentada neste trabalho, proponho um diálogo entre as áreas de Educação, Psicologia e Filosofia e em quatro conceitos-chave: narrativa, subjetividade, experiência e formação. Estes conceitos se entrelaçam e serão brevemente explanados na sequência.

Inicialmente trago o conceito de narrativa pela perspectiva de Jeanne-Marie Gagnebin (2006), autora que rememora um trecho da Odisséia em que Ulisses, após muito navegar, não tem nada a oferecer para quem o hospeda. Mas esse “nada” é compensado por narrativas de histórias, ou seja, as narrativas constituem-se em um “elemento rico de troca”.

Para além de uma noção de troca, as narrativas, o ato de narrar algo e narrar-se são ações diretamente ligadas à subjetividade. Somos constituídos e nos constituímos ininterruptamente por narrativas. Desde o nascimento até nossa morte encontramos respaldo em uma estrutura narrativa. Não só encontramos como também buscamos ancoragem em narrativas. Para Paul Ricoeur (1997), a narrativa constitui-se em um guardião do tempo, “[...] na medida em que só haveria tempo pensado quando narrado” (p. 417).

Nesse sentido, pensando a narrativa como aquilo que “marca, organiza e esclarece a experiência temporal” (KEARNEY, 2002, s/p.), o material empírico da pesquisa serão as narrativas de estudantes de Cursos de Licenciatura, considerando-o como material profícuo de análise para compreender a herança de determinados discursos sobre práticas educacionais.

O conceito de discurso é utilizado aqui a partir da concepção de Michel Foucault (2008, 1995), como um conjunto de práticas que produzem e constituem os sujeitos, o que denota a constituição subjetiva atrelada aos discursos pelos quais os sujeitos são interpelados. Da mesma forma, a análise dos dados a ser desenvolvida será discursiva, procurando atentar para as relações entre discursos de diferentes campos e os modos como estes são reiterados, reproduzidos, questionados, relativizados ou negados.

A produção discursiva se dá em redes complexas de relações, o que me remete às palavras de Walter Benjamin (1987, p. 62), que afirma que onde “há experiência, no sentido próprio do termo”, não há cisão entre a memória individual e a memória coletiva, visto que “[...] determinados conteúdos do passado individual entram em conjunção, na memória, com os do passado coletivo” (BENJAMIN, 1987, p. 62).

Trago as palavras de Benjamin (1987) para refletir sobre as compreensões e percepções coletivas que virão à tona em narrativas individuais, partindo-se do pressuposto que nos constituímos subjetiva e discursivamente em contextos coletivos. Esses elementos dizem respeito à memória, a qual pode perpassar décadas e até séculos, sendo individual e coletiva ao mesmo tempo; memória que se mescla com a história e, aliada ao ato narrativo, é enriquecida de dados específicos, os quais também dizem respeito à construção de identidade, de cultura e de subjetividades.

Para Girardello (1998), inspirada em Ricoeur, a narrativa pode ser interpretada como uma instância intermediária entre o imaginário e a cultura. Ou seja, as narrativas de estudantes podem elucidar representações do imaginário cultural sobre práticas educacionais. Vale (2008) corrobora com esta ideia ao afirmar que tanto quanto com o futuro, nossa relação com o passado é lugar de criação: “Apropriar-se do passado, reatualizando e reinventando valores, construindo a memória, esta é uma tarefa que compete tanto aos afetos quanto à razão” (p. 40). Como afirma Finocchio (2005), a narrativa permite um discurso mais ligado à vida, às vivências, à experiência, além de abrigar pensamentos, sentimentos e desejos particulares.

Tal qual a busca pelo foco de uma imagem ao ajustar uma câmera fotográfica, trata-se de sondar o que vem à tona sem saber de imediato qual a “imagem” ao fundo. Em suma: quais os espaços, sujeitos, tempos, aprendizagens e perspectivas educacionais descritas em narrativas sobre práticas educacionais? E que relações podemos estabelecer partindo da análise das compreensões e percepções discursivas de alunas/os de Cursos de Licenciatura?

Conforme destaca Pimenta (1999, p. 19):

Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Mas também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas.



Ou seja, algumas práticas se manterão como ações significativas no contexto educacional durante muitos anos e não sofrerão modificações, o que denota que agiremos de forma muito semelhante aos nossos colegas e até mesmo aos nossos ex-professores. Mas, ao partir do pressuposto de que a educação escolar se constitui por atos intencionais, nos impelimos a pensar antecipadamente sobre nossas ações (ou minimamente sobre algumas delas) e sobre os modos como pretendemos nos afirmar enquanto professores, no sentido de qual identidade iremos assumir, compreendendo que esta se constitui conforme os tempos e espaços que habitamos e com os sujeitos com os quais interagimos.

Luckesi (2012, p. 28) afirma que “a ação pedagógica não poderá ser, em hipótese alguma, entendida e praticada como se fosse uma ação neutra”, o que quer dizer que inevitavelmente prática e teoria estão imbricadas e coexistem em nossas ações como professores. Afinal,

[...] o educador não poderá exercer as suas atividades isento de explícitas opções teóricas: uma opção filosófica-política pela opressão ou pela libertação; uma opção por uma teoria do conhecimento norteadora da prática educacional, pela repetição ou pela criação de modos de compreender o mundo; uma opção, coerente com as anteriores, pelos fundamentos específicos de sua prática; e finalmente, uma opção explícita na escolha dos meios de processar a práxis educativa, que não poderá estar em desacordo com as opções anteriores. (LUCKESI, 2012, p. 28).

Neste aspecto, ressalta-se a pertinência da pesquisa a ser desenvolvida, no sentido de analisar os conhecimentos sobre práticas educacionais que os/as alunos/as possuem e fazer com que estes/as percebam a relação entre teoria e prática.

As descrições de práticas educacionais de diferentes tempos podem trazer à tona relações intergeracionais, sociais, econômicas, políticas e de vertentes ideológicas presentes nos processos que envolvam de alguma forma, processos de ensino e aprendizagem, de transmissão de conhecimentos culturais e sociais. Como futuros professores, é importante que os/as alunos/as não vejam as possibilidades de formação inicial e continuada como mera teoria e um mundo isolado do futuro campo de atuação. Nesse sentido, o movimento inicial de produção de narrativas dos alunos poderia viabilizar um movimento seguinte, qual seja, de produção de narrativas de professores em atuação a partir da ação de pesquisa e intervenção dos/das alunos/as em formação. Esta ação possibilitaria a interlocução da Universidade com o futuro campo de atuação das/dos estudantes, além de valorizar os saberes de quem já atua na área.

A produção de dados será realizada através de entrevistas – por meio de narrativas – com estudantes de Cursos de Licenciatura, com posterior exercício de análise das características elencadas, no sentido de procurar sondar particularidades e especificidades das práticas educacionais descritas, como:

- Espaços: escolar, comunitário, social ou de cunho familiar? De âmbito público e/ou doméstico e privado? Formal ou informal?
- Sujeitos envolvidos: há uma instância responsável pela “garantia” da educação? Quem é/são ela(s)? Qual a implicação dos sujeitos nas práticas educacionais? Como são tecidas as relações entre os sujeitos em diferentes contextos de ensino e aprendizagem e quais os meandros que perpassam estas relações?
- Temporalidades: quais as mudanças e heranças históricas e geracionais atreladas às práticas educacionais? Que relações sócio culturais podemos estabelecer com o(s) tempo(s) narrado(s)?
- Aprendizagens: quais configurações de ensino e aprendizagem emergem no contexto familiar, escolar e social?

- Perspectivas educacionais: mesmo que não sejam nomeadas conceitualmente, há a predominância de alguma perspectiva no campo da Psicologia da Educação nas práticas educacionais mencionadas?

As/os participantes serão convidadas/os a participar por meio da divulgação do projeto e seus objetivos junto a veículos de comunicação no espaço da universidade, através de redes sociais, cartazes e pessoalmente em salas de aula. Os participantes deverão autorizar sua participação através de um termo de consentimento livre e esclarecido (o mesmo consta no final do presente projeto), no qual constam as principais informações da pesquisa. Serão elaborados roteiros prévios com perguntas norteadoras para a produção dos depoimentos. Todas as entrevistas serão gravadas em áudio, transcritas e armazenadas em arquivos digitais, mas somente a equipe de pesquisa terá acesso às mesmas.

O material empírico da pesquisa será constituído de entrevistas narrativas, as quais serão obtidas a partir de entrevistas semi-estruturadas, a serem produzidas com estudantes que se disponibilizem a participar da pesquisa. Conforme descrição de Uwe Flick, a metodologia de entrevistas narrativas para coleta de dados caracteriza-se em um “caminho diferente para descobrir opiniões subjetivas dos participantes [...]. O fundamental aqui não são as perguntas. Em vez disso, os entrevistados são convidados a apresentar relatos mais longos e coerentes [...] na forma de uma narrativa” (FLICK, 2013, p. 116).

Os relatos biográficos poderão estar associados a espaços educacionais, situações familiares, cenas de ensino e aprendizagens variadas, mas que em certa medida abarquem elementos de práticas educacionais. Em outras palavras, é a narrativa enquanto processo metodológico que possibilitará esculpir determinados momentos transformando-os, como diria Andrea Sabisch (2009), em um método de tradução da experiência, considerando que a experiência não é algo imediatamente acessível.

Pretendo realizar a análise das narrativas pelo viés da análise do discurso de Michel Foucault, que compreende a linguagem como constituinte da realidade, de forma a compreender os depoimentos obtidos como fruto de práticas discursivas. O discurso é, segundo Foucault (2007, p. 61), um conjunto no qual “[...] podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos”. Um olhar analítico que pretende contemplar um tempo “estendido”, que considere a multiplicidade, a descontinuidade, enfim, estes elementos ricos de análise de que já tratava Foucault (2007), elementos transbordantes de qualidade como pensava Bergson (2006) e como desejava Benjamin (1987), para manter a riqueza da narrativa e do passado.

Os dados que serão obtidos na pesquisa contribuirão para o conhecimento e problematização de práticas legitimadas historicamente, reiteradas ou modificadas conforme o contexto espaço temporal. A título de exemplo, dados referentes à organização escolar, às práticas didática-metodológicas de ensino e aprendizagem, à relação entre os segmentos professor-aluno, aluno-aluno, professor-professor e escola-família contribuem para que possam ser repensadas práticas adotadas atualmente.

O projeto exige, portanto, um exercício de análise das características elencadas, no sentido de procurar sondar particularidades e especificidades das práticas educacionais. Afinal, quais momentos perduram em nossa memória a ponto de serem elencados como percepções sobre práticas educacionais, situações de aprendizagem e experiência formativa? Em que medida, quando narradas, as práticas educacionais vivenciadas podem se transformadas em novos momentos e/ou cenas de experiência formativa para outros sujeitos? Existem marcas específicas ou aspectos cruciais que possam ser mencionados ou descritos como inerentes a momentos de aprendizagem e experiência formativa? Até que ponto as narrativas sobre aprendizagens e experiência formativa



são perpassadas por espaços e instituições educacionais? Que relações podemos estabelecer entre práticas educacionais pessoais e formação docente?

A partir destes e demais questionamentos, destaco aqui a pergunta que se delineou como problema de pesquisa: De que modos as percepções e compreensões sobre práticas educacionais permeiam a formação docente de alunas/os de Cursos de Licenciatura?

Dominar uma técnica ou uma arte implica determinados conhecimentos e exercícios práticos. Em se tratando do “fazer docente” e da arte e técnica de ensinar, ressaltamos que ninguém nasce professor ou com um “dom” de ser professor. A formação e profissão docente implica um conjunto de conhecimentos, pois, segundo Luckesi (2012, p. 26), “educador é o profissional que se dedica à atividade de, intencionalmente, criar condições de desenvolvimento de condutas desejáveis, seja do ponto de vista do indivíduo, seja do ponto de vista do grupamento humano”.

Os saberes que passam a ser adquiridos pelos futuros professores constroem-se social, cultural e historicamente, o que denota o surgimento de saberes que fazem mais sentido em determinado tempo ou lugar. Ou seja, há saberes que passam a ser legitimados a partir de um dado contexto histórico, cultural ou situação social.

Da mesma forma, assim como os conhecimentos que nos constituem como professores sofrem nuances e são frutos das necessidades de um tempo, também os conhecimentos que ensinamos precisam fazer sentido no contexto em que são desenvolvidos e pela intencionalidade como são desenvolvidos. Ou seja, o que queremos com o que ensinamos?

As pedagogias tradicionais tinham como cerne de seus processos de ensino a transmissão de verdades incontestáveis da Igreja e da Ciência positivista, o que se dava principalmente através de contínuos exercícios de repetição. Somente a partir da década de 70 do século passado é que teóricos franceses crítico-reprodutivistas questionam a escola como espaço de reprodução de determinadas desigualdades sociais. A partir de então, a intencionalidade do que ensinamos e para que ensinamos, tornou-se ainda mais pertinente. As práticas que traduzem intencionalidade refletem “que o professor delibera apoiado nas teorias e experiências que tecem seu compromisso com sua função social, posição forjada mediante a concepção que ele tem das relações entre escola, sociedade e conhecimento” (FARIAS et al., 2001, p. 11).

Neste ponto de nos perguntarmos sobre o “porquê” de nossas práticas, é que pode se instaurar a autoria e a criação docente. Para tanto, é necessário romper com a ideia de receita, de uma fórmula única e ideal de como ser um/a bom/boa professor/a. O professor está sempre em processo de construção e formação a partir das práticas que permeiam sua constituição. Para Luckesi (2012, p. 29), a preparação e maturação do educador “se faz no dia a dia, na meditação teórica sobre a sua prática. A sua constante atualização se fará pela reflexão diuturna sobre os dados de sua prática”. Ou seja, muito antes de se confirmar a “aplicação” de uma técnica, de um saber exato, o professor crescerá em sua profissão a partir da reflexão sobre seu contexto específico de atuação, sobre a forma como consegue interagir com os seus alunos e dialogar com a realidade dos mesmos.

## Resultados

No que diz respeito à formação atual de alunas/os de cursos de licenciatura, o levantamento de dados contribuirá para o conhecimento e problematização de práticas legitimadas historicamente, reiteradas ou modificadas conforme o contexto espaço temporal.

Um desmembramento possível desta proposta de pesquisa é o retorno à comunidade participante através da apresentação de algumas narrativas (com consentimento prévio dos participantes). Esta apresentação poderia se dar a partir de elementos estéticos e de linguagens variadas, como a produção de imagens, encenações teatrais, produções escritas, etc., as quais

poderiam ocupar espaços expositivos da Universidade, de escolas ou outros espaços públicos da cidade. Este desmembramento poderia constituir-se em um projeto (ou dada a variedade de atividades promovidas, em um programa) de extensão atrelado ao projeto de pesquisa.

Outro resultado esperado é o estabelecimento de vínculos com os estudantes em formação, que ao participar como interlocutores na produção dos dados possa-se dar vez e voz àqueles que por vezes são considerados sujeitos em falta, no sentido dos reiterados discursos educacionais que apontam para como os futuros professores “devem ser” e “o que devem fazer”. Ou seja, dita-se como estes profissionais deveriam atuar, mas pouco escuta-se os sujeitos da ação, ou seja, os futuros professores que estão em processo de inserção no contexto educacional.

As narrativas sobre práticas educacionais poderão viabilizar a um só tempo a reflexão sobre a própria prática e um resgate histórico, com possibilidade de registro sobre os modos como os professores concebem e/ou compreendem as práticas educacionais, como se sentem mobilizados (ou não) a mudanças e como se sentem pertencentes aos seu campo de atuação. Narrativas nesse sentido evocarão inevitavelmente os problemas latentes na educação, bem como poderão trazer à tona demandas por vezes desconhecidas por quem produz conhecimento acadêmico.

## Conclusões

Por se tratar de um projeto em andamento, ainda não obtiveram-se resultados, mas pode-se inferir, por ora, que os espaços de escuta e produção de narrativa constituem-se em práticas de interlocução e compreensão das subjetividades contemporâneas e em especial dos sujeitos em processos de formação de professores.

Suponho que os resultados da pesquisa poderão vir a contribuir no aprofundamento de determinadas questões em aula ou ainda na explanação e discussão de outras que venham ao encontro das compreensões e percepções dos/das alunos/as.

## Referências

- BENJAMIN, W. O narrador. In: Obras escolhidas. Vol. 1. **Magia e técnica, arte e política** – Ensaaios sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 197-221.
- BERGSON, H. **Matéria e memória** – Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução Paulo Neves. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- GAGNEBIN, J. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- GIRARDELLO, G. **Televisão e imaginação infantil: Histórias da Costa da Lagoa**. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 1998. Tese de Doutorado.
- FARIAS, I. M. S. et al. **Didática e docência: aprendendo a profissão**. 3. Ed. Brasília: Liber Livro, 2011.
- FINOCCHIO, S. **Maestros e alumnos – Contemos nuestras histórias**. In: \_\_\_\_\_. *Cómo se cuenta la Historia*. Libros del Rojas, 2005. (versão digital, sem paginação).
- FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa**. Trad. Magda Lopes. Porto Alegre: Penso, 2013.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola: São Paulo, 2008.



FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

KEARNEY, R. **A narrativa faz diferença**. Tradução de Gilka Girardello. In: \_\_\_\_\_. *On Stories*. London: Routledge, 2002. Capítulo 11.

LUCKESI, C. C. O papel da didática na formação do educador. In: CANDAU, V. M. (Org.) **A didática em questão**. 33 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 25-34.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S. G. (Org). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez Editora, 1999. p. 15 a 34.

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa** (tomo 3). Tradução Roberto Leal Ferreira; revisão técnica Maria da Penha Villela Petit. Campinas, SP: Papirus, 1997.

SABISCH, A. Aufzeichnung und ästhetische Erfahrung. In: **Kunstpädagogische Positionen 20**. Hamburg Universität Press, 2009. p.1-45.

VALE, L. **A escola imaginária**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2008.

## UMA AULA QUE SOBREVIVE: NOTAS INACABADAS DE UM SEMINÁRIO

PEDERIVA, Bianca Isabel <sup>1</sup>;  
RODRIGUES, Elisandro <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pederivabianca@gmail.com;

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, elisandromosaico@gmail.com.

### Tema: Modos de ensinar e modos de aprender

**Resumo:** Como uma aula sobrevive no tempo? Este ensaio tem como objetivo movimentar essa questão a partir da apresentação dos vestígios de um seminário, que aconteceu entre setembro e novembro de 2024, no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O seminário “*Palavras inacabadas: habitar a pesquisa com Marília Garcia, Elida Tessler e Georges Didi-Huberman*” tinha como propósito estudar obras desses artistas, tencionando a criação de possíveis interlocuções com práticas de pesquisa. Para tanto, elaborou-se um arquivo coletivo composto por escritas desenvolvidas pelos alunos a partir de exercícios de pensamento, em meio a processos de montagem. Este trabalho procura uma continuidade de montagens possíveis, ensaiando breves notas sobre os inacabados de uma aula, após seu encerramento. O que resiste de um seminário? De efeito, trata-se de uma aposta nos vestígios enquanto rastros que aparecem e que desaparecem, (re)convocando nossa escrita para a aula.

**Palavras-chave:** Aula. Seminário. Pesquisa. Aprender. Escrever.

### Uma aula que sobrevive

De repente, algo aparece. Por exemplo, uma porta abre-se e uma borboleta passa batendo as asas. Basta este nada. E já o pensamento experimenta o perigo. Corre o risco de se enganar uma primeira vez, acreditando apropriar-se do que acaba de aparecer e abstendo-se de considerar o que se segue, que é desistência, desaparecimento. Porque é um erro acreditar que, uma vez *aparecida*, a coisa *está*, permanece, resiste, persiste tal qual no tempo, como no nosso espírito que a descreve e a conhece. Sabemos bem que não é assim: uma porta não se abre senão para a qualquer momento se voltar a fechar, uma coisa não aparece, como uma borboleta, senão para no instante seguinte desaparecer. Mas o pensamento desorienta-se uma segunda vez realizando com a coisa *desaparecida* a mesma abstração que com a coisa *aparecida*. Também aqui terá que se ter em conta o que se segue, quer dizer, a maneira como essa coisa que *já não está* permanece, resiste, persiste tanto no tempo como na nossa imaginação que a rememora (Didi-Huberman, 2015, p. 9, grifos do autor).

Esta escrita apresenta vestígios de um seminário do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), intitulado “*Palavras inacabadas: habitar a pesquisa com Marília Garcia, Elida Tessler e Georges Didi-Huberman*”, e elaborado pelo professor Elisandro Rodrigues. Com início em 26 setembro de 2024, as 10 aulas desse seminário aconteceram semanalmente nas quintas-feiras, no turno noturno, de maneira mista, sendo algumas presenciais, as quais tomaram espaço na Faculdade de Educação da UFRGS, e outras virtuais, síncronas e assíncronas, com encerramento em 21 de novembro de 2024. Contudo, apesar do seminário ter sido oficialmente finalizado em novembro, podemos considerar os dias subsequentes como continuações,



uma vez que eles foram destinados para “encontrar palavras e frases” para a escrita de um pequeno ensaio “final”, o qual poderia ser desenvolvido até a virada do ano de 2024.

O que na presente escrita se coloca, agora na forma de um trabalho que se enuncia como “completo”, são algumas reverberações desse processo de ensaiar realizado ao final desse seminário. Contudo, para além de pensar nas palavras e nas frases encontradas nas obras dos três autores e artistas estudados durante as aulas, orientação do ensaio que se disse “final”, procuramos problematizar, aqui, a própria produção do escrever acerca de uma aula, especialmente em sua relação com a persistência das coisas, das leituras, dos pensamentos, e de tudo mais que poderia se encontrar nesse espaço que, para nós, em uma hipótese, pode ser de escrita.

Como uma aula persiste no tempo? Como uma aula pode ser rememorada, pela escrita, meses depois de seu encerramento? O que escrever? Ou então, como escolher o que escrever acerca de um conjunto de aulas de um seminário, povoado de muitos elementos, que já finalizou? Como escolher um assunto, como eleger uma questão ou uma perspectiva, dentre os estudos e as escritas de três autores, os quais também artistas, entre uma série de outros que, pelas margens, também apareceram durante o seminário?

Como escolher aquilo que desejamos ver mais uma vez, e quiçá pela última, mantendo em consideração que não sabemos, exatamente, o que virá em seguida? Será que podemos escolher do que nos despedir? Ou é alguma coisa como uma imposição, ou uma força daquilo que acaba que, de certa forma, obriga-nos ao confronto? Escrever, talvez, seja um verbo confinante de confrontar. Para Duras (2021, p. 63), certo confronto com o desconhecido: “é o desconhecido que carregamos dentro de nós: escrever, é isso que se alcança. É isso ou nada”.

É isso, ou nada se coloca: esta é uma escrita de vestígios. E é (somente) nesse sentido que se encontra o objetivo de pensar como uma aula pode sobreviver no tempo. Como aquilo que habitamos, depois que partimos, permanece? Como uma aula, depois que acaba, pode ainda ser algo de inacabada? Quem sabe, no confronto de nossas despedidas, o que com efeito realizamos é um novo encontro.

## Uma aula inacabada

De palavras inacabadas, o seminário tinha o intuito de habitar a pesquisa com as obras de três autores-artistas: Marília Garcia, Elida Tessler e Georges Didi-Huberman. Marília Garcia é uma poeta, tradutora e artista brasileira, que publicou obras como: “20 poemas para o seu walkman” (2007); “Um teste de resistores” (2014); “Parque das ruínas” (2018); “Expedição: nebulosa” (2023), entre outras. Elida Tessler é uma artista visual, também brasileira. Algumas de suas exposições são: “Língua Solta” (2021); “Estratégias do Feminino” (2019); “Recortar Copiar Colar” (2017) e “Word Work World” (2024). Já Georges Didi-Huberman é um filósofo francês, historiador da arte e docente da *École de Hautes Études en Sciences Sociales*, em Paris.

Em cada aula, ao longo do seminário, escritas dos três autores-artistas eram dispostas em uma mesa de estudos, tanto virtualmente, quanto presencialmente. Não era o intuito esgotá-las; ou de outra forma se tornar algo como um “conhecedor” desses autores-artistas. Para habitar a pesquisa, tratava-se menos de uma aprendizagem de conceitos, metodologias e perspectivas, do que de um manuseio das possibilidades que se mostravam a partir dos conceitos, metodologias e perspectivas trabalhados pelos autores-artistas, desde o encontro com os desejos e com os interesses de cada estudante, os quais eram mestrandos e estudantes especiais (ou seja, sem vínculo com a pós-graduação da UFRGS). O que se poderia movimentar a partir do contato com as leituras, com as imagens, com os fragmentos? O que nos toca a partir do encontro com um diferente estilo de pensamento e de escrita?

Do que nos tocava, constituiu-se um arquivo coletivo de palavras, de escritas e de imagens no formato de um pequeno fichário físico, com fichas ordenadas alfabeticamente, escritas manualmente. Essas fichas permaneciam dispostas, sempre acessíveis aos estudantes do seminário, que inclusive podiam levá-las para casa para escrevê-las posteriormente. Além disso, foram propostos pelo professor, como também pelos participantes, alguns exercícios. Por exemplo: escrever com restrições de letras, de palavras, de pontuações; escrever a partir de objetos escolhidos pelos colegas; escrever a partir do ritmo de um estilo; escrever a partir de acontecimentos do cotidiano; e na dúvida, escrever.

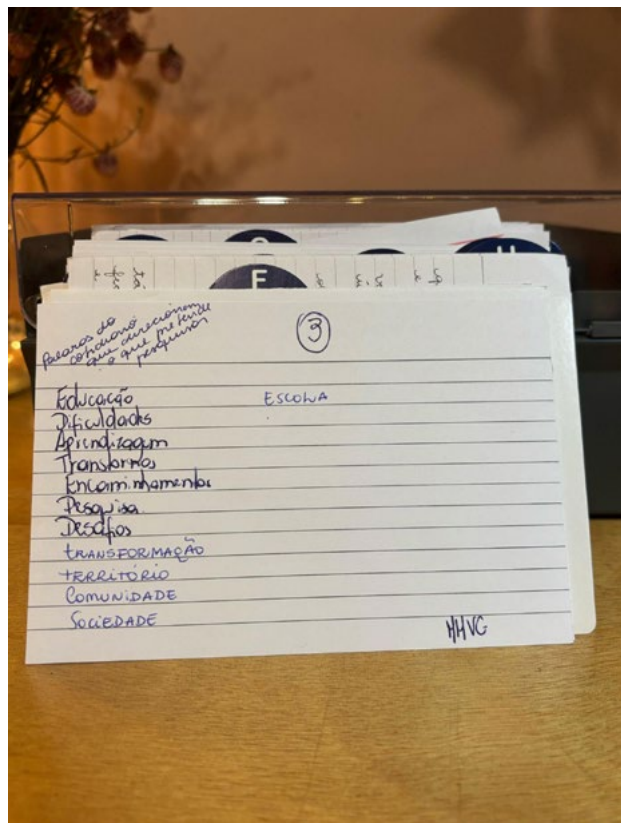
Imagem 1 - Fichário de Palavras Inacabadas



Fotografia de Elisandro Rodrigues



Imagem 2 - Ficha: “Palavras do cotidiano que direcionam o que pretende pesquisar”



Fotografia de Elisandro Rodrigues

Em especial, um desses exercícios de escrita aconteceu em uma visita da turma à exposição “*Word Work World*” (2024), de Elida Tessler, na aula do dia 07 de novembro de 2024, contando com a presença da autora-artista. Na exposição, os estudantes contribuíram com o trabalho “Você me dá a sua palavra?”, o qual foi iniciado em 2004 e ainda se encontra em andamento<sup>1</sup>. Nele, a autora-artista solicita a diversas pessoas que escrevam uma palavra em um prendedor de roupas de madeira. Embora aparente ser algo simples, tal incumbência demanda uma introspecção daquele que escreve, pois “[...] “qualquer palavra, quando escrita em um prendedor de roupas, torna-se subitamente uma palavra especial”, sendo que “aquele que solicita a palavra sabe que não está pedindo pouco, e quem escreve deposita uma confiança ímpar em seu destinatário” (Tessler, 2024, p. 29).

Distribuídas em um varal, as mais de sete mil palavras-prendedores colecionadas por Elida Tessler, a cada nova exposição construída, aumentam, movem-se e constituem uma outra configuração. Naquela quinta-feira de visitação, algumas das novas palavras que passaram a compor o varal, escolhidas naquele momento pelos participantes do seminário, foram as seguintes: *comunhão*; *infância*; *desconectar*; *conexão*; *ojos* (olhos); *encanto*; e *escrita*.

1 Informações adicionais sobre este trabalho de Elida Tessler, como também de outras de suas produções, podem ser encontradas no seguinte site: <https://www.elidatessler.site/>.

Imagem 3 - Exposição “Word Work World” de Elida Tessler



Fotografia de Elisandro Rodrigues

Como no trabalho de Elida Tessler, no decurso do seminário também eram tecidos diferentes arranjos a cada vez que novos fragmentos apareciam nas aulas; na concretude possibilitada pelo fichário, da mesma maneira. De fato, o estudo desses autores-artistas não tinha a pretensão de ser completo, íntegro, fechado. Pelo contrário, uma aprendizagem de seus conceitos e de suas teorias, se assim podemos colocar, era menos significativa do que o primeiro, o segundo, o terceiro encontro com alguns de seus pensamentos, de suas palavras e de seus fragmentos – os quais compunham rearranjos, conforme eram sentidos e trabalhados por cada estudante-pesquisador.

Dessa forma, estudar, pesquisar, ler e escrever eram compreendidos enquanto procedimentos demandantes de “[...] um tatear permanente de cada instante”, como diz Didi-Huberman (2020, p. 174) acerca do conceito de montagem. Quiçá, isso era alguma coisa do que estávamos procurando exercitar, a partir de um manuseio de possibilidades, ao longo do seminário: algumas aproximações de um processo de montagem, desde experiências de montar o pensamento e a escrita.

A montagem percorre, de modos diferentes, o trabalho de Marília Garcia, Elida Tessler e Georges Didi-Huberman. Contudo, podemos encontrar esse conceito, de maneira mais significativa, nos escritos do filósofo. No livro “Imagens apesar de tudo” (2020, p. 198), em capítulo que abre com o questionamento “mas por que uma montagem?”, expressa Didi-Huberman que a “montagem é a arte de produzir esta forma que pensa”, em referência a uma citação do cineasta Jean-Luc Godard, no que este comunica sobre o cinema. Ou seja, montar é algo que proporciona o movimentar do pensamento; e podemos pensar que isso ocorre de acordo com ritmos distintos, a partir de uma infinitude de possibilidades provenientes dos manuseios daquele que desloca esses possíveis, daquele que os escreve, que os monta sobre uma mesa de estudos, que os coloca em questão para serem pensados. Para Didi-Huberman (2020), montar diz de uma ação, se assim podemos enunciar, de certa “mostração das diferenças”:

Precisamos *montar* o que não podemos ver, para, se possível, dar a *pensar* as diferenças entre algumas mônadas visuais – separadas, lacunares – como uma forma de dar a *conhecer apesar de tudo* aquilo que é impossível de ver inteiramente, aquilo que permanece inacessível como um *todo* (Didi-Huberman, 2020, p. 197, grifos do autor).



Podemos pensar que aquilo que não podemos ver, como escreve o autor na citação logo acima, não nos estará disponível sem que façamos algum deslocamento. No caso de uma aula e, inclusive, de um processo de pesquisa, trata-se de movimentar saberes, conceitos, palavras, imagens e outras coisas mais, para que algo de novo possa acontecer. Um novo que não se quer absoluto, do mesmo modo, mas imanente, e que aparece e desaparece desde a produção de gestos criadores, despreocupados em manter uma visão única daquilo que manuseiam. Um novo que, ao acessarmos, desarranja-se, e uma vez mais demanda outras operações de pensamento, outros modos de montagem.

Sobre o conhecimento por montagem, na companhia da perspectiva de Didi-Huberman, Rodrigues e Costa (2017, p. 42) escrevem que ele “[...] parte das diferenças, da conexão de fragmentos, de intervalos e instantes quaisquer sem buscar a totalidade, a universalidade, a unidade”, e sugerem que nós “montamos o pensamento colando nossas coleções de palavras (lidas, ouvidas, roubadas, pensadas, traduzidas)” (2017, p. 43). Assim, quem sabe, a montagem do pensamento a partir do recorte e da colagem, do aparecimento e do desaparecimento (nos entres daquilo que vemos e do que não vemos), possa se dar enquanto um método potencial para operar com o que persiste do mundo, apesar de tudo; e com o que permanece de uma aula e de um seminário, após seu encerramento. Quais são os possíveis de uma aula? E como podemos deslocá-los?

## Para ver o que está ali: dos vestígios, tomar nota

Na melhor das hipóteses, os possíveis de uma aula permanecem inacessíveis como um todo (Didi-Huberman, 2020), bem como propriamente a aula, se ainda inacabada. Quanto mais não seja, pensamos que aquilo que podemos dizer, desde o questionamento de como uma aula pode sobreviver no tempo, é algo que parte dos seus vestígios, tomando-os como rastros da “[...] maneira como essa coisa que *já não está* permanece, resiste, persiste tanto no tempo como na nossa imaginação que a rememora” (Didi-Huberman, 2015, p. 9, grifos do autor).

Na obra “Parque das ruínas” (2018, p. 16), escreve Marília Garcia que “[...] é difícil olhar as coisas diretamente”, e complementa: “ainda mais quando estão destruídas”. No caso de uma aula que acaba, não é que a aula passe a estar destruída, e quem sabe ela ainda esteja bem conservada na memória e em outros modos de registro. Contudo, algo dela se despedaça, desmorona, sucumbe – acontecimentos que já lhe passavam, mas que agora acontecem de outra distância. Dos acontecimentos, restam alguns vestígios, os quais podem ser vistos a partir de outros olhares, de outros pontos de pensamento.

Junto de Georges Perec, desde suas escritas sobre o infraordinário, Marília Garcia (2018, p. 37) questiona como podemos “[...] fazer para ver o que está ali?” – provocação que marcou a abertura do seminário, logo indicando uma outra maneira de olhar para o que ele iria movimentar. Nesse sentido, não se trata de pensar a aula a partir do seu todo; ou seja, do conteúdo, dos conceitos e das metodologias propostas aos estudantes, ao menos em suas versões exemplares, referenciais; mas se trata de pensar a aula a partir do que marca sua passagem, dos pormenores de uma aula que nos tocam e que nos fazem mover o pensamento e produzir diferentes montagens, no entre daquilo que foi e daquilo que persistiu.

No espaço do “entre”, os vestígios são elementos suscetíveis a outros elementos; eles se transformam a cada novo olhar. São partículas que se alteram no encontro com outras partículas. Quem sabe, algo como uma constelação imprecisa de componentes que convocam nosso olhar, reiteradamente. Na escrita, uma constelação com uma capacidade movente, produzida de acordo com nossos interesses, nossas criações, nossas imaginações de como cada corpo poderia relacionar-se com o segundo, com o terceiro, montando diferentes conjuntos. Para Serres (1993, p. 12), “a verdadeira passagem ocorre no meio” e o nadador, “[...] no meio da travessia, mesmo o solo lhe

falta, acabam os domínios. Então o corpo voa e esquece o que é sólido, não mais na expectativa das descobertas estáveis, mas como instalando-se para sempre em sua vida estrangeira [...].

O estrangeiro difere; ele transita entre lugares. E para continuar algo estrangeiro, ele necessita de rastros, restos, vestígios. Já dizia Benjamin (2000, p. 73) da arte de perder-se em uma cidade: “[...] o nome das ruas deve soar para aquele que se perde como o estalar do graveto seco ao ser pisado”. Assim, há algo para ser visto, ou então algo para ser sentido, nos pequenos traços das ações e dos objetos, nos resquícios infraordinários que nos deparamos cotidianamente, e nos indícios de que “aqui aconteceu uma aula”. O que será que restou dela?

Se pensarmos os vestígios enquanto sobrevivências, estas podem nos ensinar “[...] que a destruição nunca é absoluta – mesmo que ela fosse contínua –, as sobrevivências nos dispensam justamente da crença de que uma ‘última’ revelação ou uma salvação ‘final’ sejam necessárias à nossa liberdade” (Didi-Huberman, 2011, p. 84). Dessa forma, pensar uma aula a partir dos seus vestígios, pode nos possibilitar, potencialmente, uma outra perspectiva da aprendizagem: uma aprendizagem que não aparece como uma consequência final do processo de ensinar, e nem apenas como uma aquisição de conhecimentos ou então reconhecimento dos saberes já representados e previamente determinados.

De outra maneira, atentar-se aos vestígios é atentar-se àquilo que afeta; aos sons dos gravetos que somente estalam ao modo de pisar de cada um, desde ritmos singulares de deslocamento. Aqui, trata-se de uma aprendizagem pelo encontro com os signos (Deleuze, 2022), em que os afetos e as intensidades dizem tanto dos processos (de ensinar, de aprender, entre outros), quanto daquilo que resta. Como para o nadador de Serres (1993), que talvez encontra inspiração no nadador de Deleuze (2024), trata-se de partir e de lançar-se à errância: “parte, e tudo então começa, pelo menos a tua explosão em mundos à parte. Tudo começa por este nada” (Serres, 1993, p. 14-15).

Como fazer para ver o “nada”? Como fazer para ver o que ali não estava de antemão? E se algo já estava, como fazer para ver novamente, com outros olhos, de outros ângulos? Como fazer existir, em nossos campos de sensação e de percepção, o infraordinário? Como fazer existir algumas microexplosões, de modo que, momentaneamente, nossos pedaços não sejam mais nossos? E como fazer existir pedaços outros, partes diferentes de nós e do mundo?

Talvez, Marília Garcia (2018, p. 23), caminhando pelas ruínas a partir da escrita, oferece-nos algumas pistas: “(se a gente começa a escrever anotar | e nomear o que acontece | será que consegue fazer as coisas | existirem de outro modo?)”.



Imagem 4 - Conjunto de notas-fichas dos participantes do Seminário



Fotografia de Elisandro Rodrigues

## Escrever, apesar do final

Neste ensaio, voltamos nossa atenção para um seminário que apostou no inacabado como algo que merece ser habitado nos processos de estudar, pesquisar, ler e escrever, pelo menos momentaneamente. A partir disso, questionamos o que pode permanecer quando uma aula finaliza, e tomamos os vestígios enquanto pistas daquilo que pode sobreviver, desde uma outra forma de pensar sobre a aprendizagem.

De início, apresentamos o seminário e seus processos que consideramos de montagem. Após, trabalhamos uma indagação do próprio seminário: “como podemos fazer para ver o que está ali?”, inspirada nos escritos de Marília Garcia (2018), deslocando a pergunta para pensar de que modos podemos perceber os pormenores, eles mesmos enquanto vestígios que nos tocam e que nos fazem movimentar o pensamento. De certa maneira, a própria autora-artista possibilita uma espécie de alternativa, mas na direção de outro questionamento, e a escrita surge como um possível para que as coisas existam de modo diferente.

Por fim, nesta escrita que é também inacabada, esperamos, ainda com Marília Garcia, Elida Tessler e Georges Didi-Huberman, mas junto de uma composição imprecisa de partículas e na abertura para suas transformações, que possamos “*não olhar sempre da mesma maneira para as palavras*” (Tavares, 2023, p. 42, grifos do autor), mas percebê-las como elementos que aparecem e que desaparecem, e dos quais podemos tomar nota.

## Referências

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas II / Rua de mão única**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2024.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. São Paulo: Editora 34, 2022.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Falenas** - Ensaios sobre a aparição. Portugal: KKYM, 2015.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Imagens apesar de tudo**. São Paulo: Editora 34, 2020.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivências dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DURAS, Marguerite. **Escrever**. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

GARCIA, Marília. **Parque das ruínas**. São Paulo: Luna Parque, 2018.

RODRIGUES, Elisandro; COSTA, Luciano Bedin da. Gestos e resistência: imagem e montagem do pensamento. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP)**, Belém, v. 04, n. 02, p. 28-48, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/182191/001076586.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 05 de maio de 2025.

SERRES, Michel. **Filosofia Mestiça**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

TAVARES, Gonçalo. **Atlas do corpo e da imaginação**: teoria, fragmentos e imagens. Porto Alegre: Dublinense, 2021.

TESSLER, Elida. Word Work World: o universo da palavra dada. **Revista de Comunicação e Linguagens**, n. 52, 23 Mai. 2020. Disponível em: <https://rcl.fcsh.unl.pt/index.php/rcl/article/download/36/34/>. Acesso em: 05 de maio de 2025.



## VIVÊNCIAS COM A NATUREZA COMO PROPOSTA DE FORMAÇÃO ECOLÓGICA DE PROFESSORES

FERNANDES, Leonardo<sup>1</sup>;  
NEUENFELDT, Derli Juliano<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Univates, leonardo.fernandes@universo.univates.br;

<sup>2</sup> Univates, derlijul@univates.br

### Tema: Modos de ensinar e modos de aprender

**Resumo:** A necessidade de desenvolver essa pesquisa emerge da preocupação com a formação continuada de professores relacionada com a preservação do meio ambiente e a sua sustentabilidade. A intenção é elaborar e experimentar uma proposta formativa para professores a partir de vivências com a natureza, partindo da realidade escolar e analisar a compreensão deles sobre a relevância da proposta vivenciada para o ensino. O objetivo geral da pesquisa é investigar contribuições de vivências com a natureza para a formação continuada de professores de uma escola de Ensino Fundamental em relação à atuação com Educação Ambiental no contexto escolar. Dessa forma, tem-se como problema: Quais as contribuições de uma proposta a partir de vivências com a natureza para a formação continuada dos professores, visando à atuação com Educação Ambiental no contexto escolar? Esta pesquisa é qualitativa e tem aproximações com a pesquisa-ação pois busca contribuições para um problema em comum.

**Palavras-chave:** Educação ambiental; sustentabilidade; sujeito ecológico; ensino; formação continuada de professores.

### Introdução

Atualmente, vivenciamos um cenário de intensas alterações climáticas, cujas consequências se traduzem em desastres naturais que impactam severamente a sociedade. Como exemplo, podemos citar o que o Rio Grande do Sul viveu no ano de 2024, o que pode ser considerado um dos maiores desastres naturais da história do Brasil. O volume intenso de chuvas provocou enchentes na maioria das regiões do Estado, inundando cidades e causando muita destruição.

Observando o mundo ao nosso redor, é evidente o desequilíbrio ecológico que domina a Terra e a Sociedade. Constata-se um mal-estar cultural generalizado, pois catástrofes podem acontecer a qualquer momento, inclusive estudiosos já vêm chamando atenção há bastante tempo das consequências das alterações climáticas ocasionadas pela ação humana.

Por séculos, o ser humano, em nome do progresso e do desenvolvimento, apenas explorou os recursos naturais disponíveis. A desintegração do ser humano da natureza trouxe como consequência o que está acontecendo hoje e ocorrerá cada vez com mais frequência. Conforme Nobre (2024), vivemos num tempo de emergência climática, pois as mudanças recentes são generalizadas, rápidas e intensas. Sem precedentes em milhares de anos, o homem vem aquecendo descontroladamente o planeta. As ações inconsequentes, desrespeitosas e predatórias vêm causando desequilíbrios ambientais que comprometem a vida e o futuro do nosso planeta.

Nesse contexto, a Educação Ambiental se apresenta como um tema de fundamental importância, tematização transversal para o ensino. Esse trabalho trata de uma proposta de formação ambiental para professores, que está sendo desenvolvida através de uma pesquisa de mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Univates/RS. Como objetivo geral investiga-

se contribuições de vivências com a natureza para formação continuada de professores em uma Escola de Educação Básica, em relação à atuação com a Educação Ambiental no ambiente escolar.

A necessidade de desenvolver essa pesquisa surge da realidade profissional do pesquisador<sup>1</sup>, diretor de uma escola do campo, que percebe a necessidade de articular teoria e prática aliadas ao currículo escolar e a realidade local dos alunos como caminho para potencializar processos de ensino e aprendizagem, através de projetos interdisciplinares, que visam à preservação do meio ambiente e sua sustentabilidade. Apesar da escola já desenvolver projetos com foco na Educação Ambiental, evidencia-se que práticas rotineiras, focadas na razão, não são suficientes para desenvolver um sujeito ecológico. Portanto, busca-se alternativas e, entre elas, está criar conexões mais íntimas com a natureza, estimulando os sentidos, despertando emoções, proporcionando um ambiente que possibilite o sujeito se conectar com a natureza.

Entendemos que o processo de formação continuada de professores não precisa ser realizado somente em espaços fechados e climatizados, com palestras, cursos e “palestras show” com foco motivacional. Ela também pode ocorrer no ambiente de trabalho, com os pares, ressignificando a prática, socializando práticas exitosas, aprendendo com os colegas mais experientes e, na prática, experimentando e vivenciando, potencializando o corpo como lugar de aprendizagem.

Acreditamos ser pertinente investigar como as vivências com a natureza podem contribuir para a formação de professores, a fim de desenvolver a Educação Ambiental no meio escolar e despertar para a necessidade de um ensino que se preocupe com a sustentabilidade do planeta.

### **Caminho Metodológico e Formação Continuada de Professores**

Na presente pesquisa, estamos desenvolvendo uma proposta de formação continuada a partir de vivências com a natureza, formação vivencial, a partir de métodos que exploram vivências com a natureza como proposta formativa, criada pelo naturalista norte-americano Joseph Cornell (Cornell, 2008a, 2008b), integrando o corpo como lugar de aprendizagem (Neuenfeldt, 2016), para a formação de um sujeito ecológico e crítico.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, tendo como foco principal a formação continuada de professores, articulada com a busca por uma formação em Educação Ambiental. Ela está sendo realizada com a equipe docente da Escola Estadual de Ensino Fundamental Adolfo Mânica de Linha Araçá, interior do município de Boqueirão do Leão-RS, que conta com dez professores. Quanto ao tipo, tem aproximações com a pesquisa-ação pois o problema emerge do coletivo e as vivências estão sendo construídas e definidas em conjunto com os participantes da pesquisa, ou seja, é uma pesquisa na qual a dialogicidade, a escuta e o planejamento coletivo preponderam.

Os professores participantes da pesquisa trabalham com cinco turmas multisseriadas da escola, Educação Infantil (nível A e B), Anos Iniciais (1º e 2º ano; 3º, 4º e 5º ano) e Anos Finais (6º e 7º ano; 8º e 9º ano), e, ainda está incluída, a professora do Atendimento Educacional Especializado-AEE.

A escola, organizada com base num currículo disciplinar, devido à falta de formação dos professores e de tempo para planejar atividades pedagógicas, apresenta dificuldades para desenvolver, de forma transversal, integradora e interdisciplinar, o tema Educação Ambiental. Por isso, entende-se que é importante que a escola passe por uma transformação, que passa, principalmente, pela formação dos professores. Para Nóvoa (2019), é necessário criar um novo ambiente escolar, que oportunize novos espaços de aprendizagem, práticas colaborativas que aproximem os estudos,

1 Leonardo Fernandes, mestrando em ensino na Universidade do Vale do Taquari - Univates, sob a orientação do professor Dr. Derli Juliano Neuenfeldt.



pesquisas e conhecimentos, o que implica uma nova proposta de formação de professores, que precisam ser preparados para interagir com essa nova realidade.

Essa nova proposta de formação pode melhorar a autoestima dos professores, à medida que forem valorizados seus saberes e suas experiências, incentivando-os a integrar suas vivências e contextos locais na prática. Além disso, conforme menciona Tardif (2014), é importante levar em consideração as trajetórias pessoais dos professores, reconhecendo que cada um traz uma perspectiva única e valiosa para o fazer docente.

Ambos os autores, Tardif (2014) e Nóvoa (2019), ressaltam a necessidade de formação continuada, na perspectiva de reconhecer os professores como os sujeitos mais importantes para transformar o ambiente escolar, considerando suas experiências profissionais, integradas a uma proposta interdisciplinar. A escola é o lugar para desenvolver valores e atitudes que possam despertar a consciência crítica em relação às questões ambientais. É na escola que os professores podem ajudar os alunos a enxergarem o meio ambiente como um bem essencial para a vida, adotando hábitos e atitudes de cuidados com ele.

Grün (2012) reforça que a Educação Ambiental precisa ser contextualizada e vinculada aos locais onde as pessoas vivem, trabalham e interagem, a fim de facilitar a compreensão das questões ambientais e promover práticas sustentáveis. Ou seja, a Educação Ambiental deve levar em conta a realidade local e a diversidade cultural, respeitando as particularidades de cada comunidade e o seu entorno. Assim, no ambiente escolar, os estudantes são encorajados a refletir sobre o impacto de suas ações no meio ambiente e a desenvolver soluções que considerem o contexto em que estão inseridos.

Carvalho (2012), destaca que um dos objetivos mais importantes da Educação Ambiental é a formação de uma atitude ecológica. As relações sociais dos sujeitos diante dos ambientes físicos e da natureza nos remetem às atitudes e aos comportamentos, que constituem a forma de agir, de conviver e de habitar.

Além disso, a Educação Ambiental visa promover a formação de uma sociedade mais justa, solidária e sustentável, incentivando a cooperação e o diálogo entre os diversos envolvidos na gestão e na conservação do meio ambiente. Assim, a Educação Ambiental contribui para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e cognitivas, fundamentais para construir um futuro mais equitativo e harmonioso entre os seres humanos e o planeta.

A Educação Ambiental, na atualidade, é essencial para enfrentar os desafios ambientais globais; porém, conforme Grün (2012), pouco se discute sobre a origem dos problemas ambientais, sobre por que passamos por tantos problemas ambientais. Esse tema, pouco abordado no contexto escolar, deveria ser mais discutido, alicerçado no contexto histórico.

A escola, a partir da sua organização curricular, envolvendo todos os membros que constituem a comunidade escolar, principalmente os professores, têm o potencial de colaborar com o processo de recuperação do nosso planeta. No entanto, a classe docente necessita de mais apoio para desenvolver a Educação Ambiental, através de políticas públicas que considerem a importância dessa temática, principalmente, na promoção de formação continuada de professores, assunto a ser abordado na sequência.

Inserida nesse processo, a escola, como espaço educativo, pode ajudar a construir identidades e valores voltados para a sustentabilidade, promovendo a integração do conhecimento científico com a realidade local (Grün, 2012). Através de atividades práticas, projetos interdisciplinares, exploração de locais de importância ambiental, a escola pode aumentar a percepção dos estudantes sobre a importância de preservar os recursos naturais, a biodiversidade e a cultura local. Essa abordagem

também permite valorizar as experiências e os saberes tradicionais, fortalecendo o vínculo dos estudantes com seu território.

Nesse contexto, é essencial que a Educação Ambiental seja integrada às práticas pedagógicas, visando estimular a reflexão e a ação dos estudantes frente aos desafios socioambientais, conforme Grün (2012). Isso exige uma abordagem transdisciplinar, que incorpore temas relacionados ao meio ambiente e à sustentabilidade em todas as áreas do conhecimento. Além disso, é essencial que a escola incentive a participação ativa dos estudantes na identificação e na resolução de problemas ambientais locais, cultivando neles o senso de responsabilidade, a empatia e a capacidade de cooperação.

Nessa direção, o papel da escola é fomentar a participação da comunidade no processo educativo, envolvendo os pais, os educadores, as organizações locais e outras instituições, na discussão e na implementação de ações voltadas à sustentabilidade. Essa participação contribui para a criação de redes de apoio e a construção de uma cultura de responsabilidade compartilhada, que fortalece a noção de pertencimento e a consciência ambiental entre os membros da comunidade (Grün, 2012). Ao reconhecer a importância dos lugares na Educação Ambiental, a escola desempenha um papel fundamental na formação de cidadãos comprometidos com a preservação do meio ambiente e a construção de um futuro sustentável.

Nesse contexto, o professor tem um papel fundamental no desenvolvimento da Educação Ambiental, ao estabelecer relações entre os estudantes e a natureza, fazendo-os perceber a importância da interdependência existente entre eles. Ou seja, é preciso fazer com que os estudantes compreendam as relações entre a sociedade e a natureza, para que possam identificar e intervir nos problemas e nos conflitos ambientais.

A educação, na atualidade, exige novas ações, novas concepções, a revisão das práticas pedagógicas, que não podem mais ser as mesmas de épocas passadas. Esse processo passa pela formação continuada de professores, cuja função é central na reorganização das bases que fundamentam as ações dos ambientes educativos.

As escolas, conforme Nóvoa (2019), devem ser espaços de aprendizagem, de inovação e de criatividade; precisam passar por um processo de renovação, por uma complexa metamorfose, por mudanças significativas que perpassam a organização estrutural. Tais mudanças são necessárias numa tríade de formação constituída por professores, universidade e escola. A universidade proporciona o diálogo com a escola e os professores, incentivando a formação e o desenvolvimento profissional. Já a escola compromete-se a acolher e a trabalhar com os professores, pois ser professor é um compromisso com a vida do outro, com o seu futuro, com a sua aprendizagem e com o seu desenvolvimento.

A formação continuada centrada na escola contribui para a criação de espaços de reflexão e de participação, onde é possível refletir sobre a prática, com o objetivo de recompô-la, justificá-la ou destruí-la. O processo de revisão do conhecimento teórico que apoia a prática educativa pode favorecer uma melhor interpretação do ensino e da aprendizagem, bem como a aquisição de maior autonomia profissional, conforme explica Imbernón (2022).

Tardif (2014), referindo-se à formação docente e aos saberes docentes, coloca que são constituídos por instituições de formação, pela formação profissional, pelos currículos e pela prática cotidiana; no entanto, todos se reconstituem a partir dos saberes experienciais, referendados pela própria prática. O autor ressalta que os professores, cotidianamente, compartilham suas práticas, suas estratégias de como organizam a sala de aula, trocam informações sobre os alunos; portanto, socializam entre si um saber prático sobre a atuação.



Diante do exposto, Imbernón (2022) diz que, quando os docentes trabalham juntos, eles socializam suas práticas e cada um pode aprender com o outro, compartilhando evidências e informações para buscar soluções e enfrentar os problemas que os afetam. Em conjunto, apresentam uma maneira eficiente de formação continuada.

Para o sucesso deste novo ambiente formativo, a formação continuada de professores, numa reflexão coletiva sobre o trabalho pedagógico, com a participação de todos os membros envolvidos, permite o compartilhamento de experiências docentes, oportuniza a formação e o desenvolvimento profissional, proporcionando aos professores participarem ativamente da metamorfose da escola.

Nesta perspectiva, podemos almejar que a Educação Ambiental seja desenvolvida como tema transversal e de maneira interdisciplinar, proporcionando práticas educativas exitosas, que envolvam todos os integrantes que constituem a comunidade escolar. Nesse viés, é possível pensar na formação do sujeito ecológico, integrando o corpo como lugar de aprendizagem e conhecimento. O aprendizado não precisa restringir-se somente ao intelecto, ou seja, também podemos aprender por meio do corpo, dos sentidos, da percepção mais sutil de si mesmo. O momento vivencial possibilita compreensão, interação e sensibilização com relação aos problemas ambientais e à natureza.

O corpo, de acordo com Neuenfeldt (2016, p. 28), “[...] precisa ser entendido como lugar de aprendizagens, um caminho para a construção de um novo sujeito, que se compreenda parte da natureza e responsável pelo futuro da Terra”. A integração do corpo nas propostas vivenciais se justifica se considerarmos que o corpo é um elemento muito importante na aprendizagem, pois propicia a aprendizagem vivencial, que se distingue de abordagens tradicionais.

A estrutura educacional atual, conforme aponta Neuenfeldt (2016), concentra-se principalmente na aquisição de conhecimento de forma passiva, sem oferecer oportunidades para a vivência e a experiência corporal. O aprendizado acontece, em grande parte, em ambientes fechados, onde as informações são transmitidas sem que os alunos as experimentem ou as conectem com a realidade.

Nosso corpo, situado no mundo, numa condição corpórea, experiencia com todos os sentidos. Conforme Le Breton (2016), a sensorialidade corpórea se constitui socialmente, historicamente, culturalmente e individualmente, porque exploramos universos sensoriais diferentes. O corpo não é apenas um receptáculo passivo de estímulos sensoriais, mas um mediador ativo de percepção.

O corpo não é uma entidade separada do mundo ao seu redor. Em vez disso, ele está inserido no fluxo constante do movimento das coisas, indicando uma interconexão dinâmica entre o corpo e o ambiente. Segundo Le Breton (2016), o corpo desempenha um papel ativo nesse processo de conexão com o mundo, utilizando os sentidos como uma via de acesso fundamental. É a partir dessas percepções sensoriais que construímos nossa experiência e a nossa compreensão da realidade.

Desenvolver os sentidos contribui significativamente para aproximar o ser humano da natureza, fortalecendo essa conexão essencial. Conforme Le Breton (2016, p.16), “o homem vê, ouve, sente, saboreia, toca, experimenta a temperatura ambiente, percebe o murmúrio interior do seu corpo, e assim faz do mundo uma medida de sua experiência”.

O ser humano explora o mundo por meio dos sentidos; as experiências sensoriais favorecem a formação de conexões neurais, estimulando o pensamento criativo e a capacidade de resolver problemas. O corpo humano é intrinsecamente conectado ao mundo sensível, participando ativa e continuamente do fluxo e da transformação das coisas, percebendo e interagindo com elas, através de uma profusão de experiências sensoriais.

De acordo com Le Breton (2016, p.11), “o indivíduo só toma consciência de si através do sentir; ele experimenta a sua existência pelas ressonâncias sensoriais e perceptivas que não cessam de atravessá-lo”. Não somos seres isolados em nossa mente, nossa percepção de nós mesmos e do

mundo é continuamente moldada pelas interações sensoriais que temos com o ambiente. A maneira como percebemos através dos sentidos varia de acordo com a cultura, a história individual e o contexto social.

Diante disso, entendemos que a formação também passa pelo corpo, que é possível aprender com o corpo. Dessa forma, entende-se que o corpo é um caminho para desenvolver o sujeito ecológico, ao aproximar o sujeito da natureza e proporcionar atividades em que ele possa sentir, conhecer, tocar e criar vínculos, valorizar e cuidar do ambiente natural, sentindo-se pertencente e dependente da natureza.

De acordo com Carvalho (2012), o sujeito ecológico identificado socialmente e individualmente com valores ecológicos passa por um processo de formação que é desenvolvido a todo momento, na escola e no cotidiano. A formação do sujeito ecológico deve contemplar a valorização das relações de cuidado e de respeito, tanto entre os seres humanos quanto em relação aos demais seres vivos. Trata-se de um processo contínuo que inicia na infância e se estende ao longo da vida.

É importante que os educadores proporcionem atividades que estimulem a observação, a investigação e a problematização de questões ambientais. Através dessas práticas, as crianças podem pensar sobre a importância e a preservação dos recursos naturais, reconhecer que todos fazem parte de um sistema interdependente e que as ações individuais podem impactar coletivamente. Ao desenvolver uma consciência crítica e uma relação de cuidado com a natureza, formamos indivíduos capazes de serem agentes de transformação e adeptos de práticas sustentáveis.

Na formação do sujeito ecológico, as experiências são entendidas como oportunidades, para que as pessoas possam vivenciar, explorar e interagir com a natureza de maneira profunda e sensorial. Por meio da exploração do ambiente natural, elas podem desenvolver e criar vínculos emocionais e afetivos com o mundo natural, estabelecendo uma relação de cuidado e de respeito. As interações com o ambiente proporcionam oportunidades de percepção da interdependência entre os seres vivos e o reconhecimento da necessidade de conservar a biodiversidade.

De acordo com Cornell (2008a), os indivíduos que vivem experiências com a natureza, ao compartilharem essas experiências, reforçam o sentimento de encantamento e criam vínculos entre si. Essas experiências fazem emergir qualidades positivas das pessoas, que são reflexo da aproximação e de vivências proporcionadas pela experiência com a natureza.

A educação pelos sentidos corporais é uma abordagem pedagógica que reconhece a importância do corpo como lugar de conhecimento e aprendizagem. Ela valoriza a experiência sensorial e motora, promovendo a integração entre o corpo, a mente e o ambiente. Para Carvalho (2012), na perspectiva da relação homem- natureza e da crise ambiental, a educação pelos sentidos corporais desempenha um papel importante na formação da consciência ambiental e na promoção de práticas sustentáveis.

Na mesma linha, Cornell (2008b) defende a importância das experiências com a natureza e da educação sensorial, pois os ensinamentos proporcionados pelo ambiente natural são inestimáveis. As pessoas absorvem e internalizam esses ensinamentos através dos sentidos, o que resulta em experiências significativas que contribuem para o seu desenvolvimento.

E as atividades de Vivências com a Natureza, ao brincarem com nossos sentidos e afetos, nos tocam fundo pelos aspectos belos, ricos em diversidade, alegres, além de profundos e elevados, dos elementos da natureza. Aprendemos com a simplicidade do natural, do diálogo e de compartilhar experiências e conhecimentos (Cornell, 2008b, p. 11).



Entendemos que a formação continuada em Educação Ambiental pode propiciar vivências nas quais os professores podem voltar a brincar, proporcionando um clima de liberdade e de criatividade através da interação. Também fazem parte do processo formativo, os momentos de estar só, conectado com as próprias emoções ou expressando os sentimentos, que podem ser compartilhados de forma escrita ou oral, possibilitando o autoconhecimento. Todos esses processos também podem fazer parte do processo formativo.

Cornell (2008b), em sua proposta vivências com a natureza, traz sugestões de atividades e brincadeiras, como possibilidades formativas em que a natureza é educadora. Numa formação continuada para a educação ambiental, é possível observar os participantes e identificar os que são mais racionais, mais lógicos, os que são mais sensíveis à beleza e à harmonia, bem como aqueles que são profundamente tocados pela sabedoria das grandes tradições, entre outras situações que criam conexão entre o sujeito e a natureza.

O processo de formação na área ambiental passa pelo corpo como lugar de aprendizagem, inserido num lugar constituído por seus habitantes, carregados de saberes, que têm condições de viver em harmonia com a natureza, respeitando sua continuidade, desenvolvendo ações sustentáveis para sua permanência, sendo verdadeiramente um sujeito ecológico preocupado com o futuro do planeta. Trata-se de uma proposta razoável para organizar uma formação continuada com os professores, que podem desenvolvê-la com os alunos, no dia a dia escolar.

Pretende-se experimentar uma proposta de formação continuada a partir de um método que explora vivências com a natureza como proposta formativa, criada pelo naturalista norte americano Joseph Cornell (2008a, 2008b). As vivências com a natureza, atividades práticas, são baseadas em Cornell (2008a, 2008b) e Neuenfeldt (2022). Pretende-se, antes das vivências, apresentar as atividades aos professores participantes da pesquisa, para analisarmos em conjunto o planejamento, espaços de escuta a sugestões, para acrescentar ou até mesmo modificar alguma atividade proposta.

Em cada encontro das vivências são proporcionados momentos de discussão, para analisar a compreensão dos professores com relação à relevância da proposta vivenciada para o ensino. As vivências são norteadas pela proposta da *Sharing Nature*, que desenvolve o método, Aprendizado sequencial, desenvolvido por Cornell (2008a, 2008b).

As vivências com a natureza, ao promoverem a interação sensível e reflexiva, possibilitam a construção de uma prática pedagógica mais humanizada, ecológica e interdisciplinar. Formações continuadas que integram teoria (conceitos) e prática (vivência) são fundamentais para desenvolver professores e estudantes mais conscientes de seu papel na preservação da vida, potencializando uma cultura de sustentabilidade.

## Resultados Preliminares

Quanto aos resultados parciais, a primeira etapa da pesquisa foi realizada na primeira semana de fevereiro de 2025, momento de formação continuada da rede estadual de ensino do RS. A partir dos relatos realizados nas rodas de conversa, registros no diário de campo, áudios e vídeos, evidencia-se que todos os participantes da pesquisa estão entusiasmados com a proposta de formação diferenciada das que já conheciam. Os professores participaram com dedicação e comprometimento, desde o planejamento das atividades até o desenvolvimento.

Constata-se a relevância desta proposta de formação continuada para os professores. Ao realizar as vivências com a natureza, eles demonstram, através de suas atitudes, expressões corporais e relatos, uma sensibilização e conexão com a natureza, bem como empolgação e desejo de realizar as atividades vivenciadas na natureza com seus alunos, tornando-se uma proposta significativa para o ensino.

Dessa forma, a pesquisa ainda não possui resultados finais, pois a formação está em andamento e se está em desenvolvimento o processo de análise dos dados produzidos, através da Análise Textual Discursiva - ATD. Contudo, até o momento, constata-se que estamos alcançando os objetivos propostos, porque os professores já estão desenvolvendo vivências com a natureza com seus alunos em diferentes componentes curriculares. Ao desenvolver as atividades criam conexão com objetos de ensino, tematizando a Educação Ambiental como tema transversal inserida no contexto interdisciplinar.

## Referências

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

CORNELL, Joseph. **Vivências com a natureza 1**: guia de atividades para pais e educadores. 3. ed. São Paulo: Aquariana, 2008a.

CORNELL, Joseph. **Vivências com a natureza 2**: novas atividades para pais e educadores. São Paulo: Aquariana, 2008b.

GRÜN, Mauro. **Ética e Educação Ambiental**: a conexão necessária. 14. ed. Campinas: Papyrus, 2012.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional** [livro eletrônico] : formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2022. (Coleção questões da nossa época, v. 14).

LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. Petrópolis: Vozes, 2016.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do C. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Unijuí, 2020. *E-book*. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786586074192/>. Acesso em: 04 nov. 2024.

NEUENFELDT, Derli Juliano. **A potência do corpo na Educação Ambiental**: compartilhando experiências de ensino. In: CANDIANI, Giovano; VIESBA, Letícia (org.). Ciências Ambientais: estudos e inspirações em Educação Ambiental e Sustentabilidade. Diadema: V&V, 2022. p. 61-78.

NEUENFELDT, Derli Juliano. **Educação Ambiental e Educação Física Escolar**: uma proposta de formação de professores a partir de vivências com a natureza. 2016. 234f. Tese (Doutorado em Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, 2016.

NOBRE, Carlos Afonso. Palestra de Abertura: **Mudanças Climáticas**, Desafios para a Humanidade. In: Congresso de Ciência, Tecnologia & Conhecimento, 7., 08 a 10 jul. 2024, Lajeado. Youtube, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/-51kFY9rTAK>. Acesso em: 18 ago. 2024.

NÓVOA, António. **Os Professores e a sua Formação** num Tempo de Metamorfose da Escola. Educação & Realidade, [S.l.], v. 44, n. 3, p. e84910, 2019.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes** e formação profissional. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2011.



# GT 4. Arte e Linguagens

**IX DIÁLOGOS**  
na contemporaneidade

**POR OUTROS MODOS**  
*DE PENSAR A VIDA, A*  
**TERRA E NOSSO JEITO**  
*DE ESTAR NO MUNDO*



## A DOBRA EPIGRÁFICA: PRODUZINDO UM ÁLBUM DE EPÍGRAFES COM TESES E DISSERTAÇÕES DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UFRGS

BORGES, Isadora Yasmin de Mello<sup>1</sup>;  
COSTA, Cristiano Bedin da<sup>2</sup>

<sup>1</sup> UFRGS, isadora.melloborges@gmail.com;

<sup>2</sup> UFRGS, cristianobedindacosta@gmail.com

### Tema: Arte e Linguagens

**Resumo:** Escrito em forma rapsódica, ao modo de um álbum barthesiano (fragmentado, circunstancial, descontínuo), o texto apresenta alguns resultados de pesquisa em desenvolvimento no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O objetivo é inventariar, analisar e escrever com epígrafes de pesquisas de Mestrado e Doutorado desenvolvidas no Programa, durante os 50 primeiros anos de sua existência (1972-2022). No trabalho em tela, focaliza-se o período compreendido entre os anos de 2012 e 2022. Desde a perspectiva inventariante defendida por Walter Benjamin, Georges Perec e Maria Esther Maciel, acrescida da poética citacional proposta por nomes como Antoine Compagnon e Marjorie Perloff, defende-se o trabalho de montagem epigráfica como um gesto de renovação dos modos de leitura de produções passadas e de reconfiguração das matrizes expressivas e modelos de autoria presentes.

**Palavras-chave:** Epígrafe; Dobra; Arquivo; Apropriação; Montagem.

### Introdução: de uma ilha à outra

Ellis Island é uma ilhota de catorze hectares, localizada a algumas centenas de metros de Manhattan. Entre 1892 e 1954, aproximadamente dezesseis milhões de emigrantes pobres – sobretudo europeus – desembarcaram na ilha, onde os serviços do Escritório Federal de Imigração estadunidense tinham instalado o seu centro de acolhimento. “Nesse estreito banco de areia na foz do rio Hudson, a poucos passos da então recém-inaugurada Estátua da Liberdade, ficavam agrupados por algum tempo todos os que, a partir daquele momento, constituíram a nação americana” (Perec, 2023, p. 16). A América, terra prometida, tinha uma antessala de inspeção e clausura. Apenas dois por cento dos emigrantes foram barrados em Ellis Island. No entanto, isso corresponde a mais de duzentas e cinquenta mil pessoas. Entre 1892 e 1924, três mil suicídios foram registrados. Décadas depois, em 1978, o escritor Georges Perec desembarca na ilha pela primeira vez, em companhia do diretor de cinema Robert Bober. O que os une é o desejo de registrar os vestígios dos que por ali passaram. Diante do desafio, Perec (2023, p. 38) lança mão de um artifício que, malgrado as inúmeras diferenças existentes entre os dois gestos analíticos, serve ao estudo aqui em tela:

“No início, só nos resta tentar  
nomear as coisas, uma  
a uma, prosaicamente,  
enumerá-las, recenseá-las,  
da maneira mais  
banal possível,  
da maneira mais precisa  
possível,  
tentando não esquecer  
nada”.



Em nossa pesquisa com Teses e Dissertações produzidas no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, temos navegado por um número imenso de arquivos disponibilizados pelo repositório digital da instituição. O que temos buscado são as epígrafes utilizadas pelas pesquisas, utilizando como critério a presença de citação alógrafa situada em destaque, no início do trabalho – o *local comum* da epígrafe, tal como sugere Gérard Genette (2009), é o mais próximo do texto, geralmente na última página par antes de seu início. Tais citações funcionam como ilhas ao redor das quais navegamos, e nas quais aportamos de modo a encontrar, através delas, vestígios afetivos da cultura educacional em relevo.

## Dobra epigráfica

Maria Cecília de Moraes Pinto (2003), em ensaio publicado nas *Lettres Françaises*, sugere dois sentidos principiais de uma epígrafe: sendo uma citação, ela invoca uma autoridade (o escritor de segunda mão parece pedir amparo ao escritor primeiro); grafada no início do trabalho (Genette compara a epígrafe a um vestíbulo, que oferece a cada um a possibilidade de entrar ou retroceder), ela serve muitas vezes para revelar o espírito que preside o texto e, nesse caso, é um modo de direcionar a leitura. De qualquer forma, trata-se da indicação de um primeiro empréstimo, o ponto inicial de um “tecido de citações, oriundas dos mil focos da cultura” (Barthes, 2004, p.62). Toda escrita é colagem e glosa, citação e comentário (Compagnon, 2007). Escrever é sempre reescrever, isto é, citar. A epígrafe é um gesto inaugural.

No âmbito de um Programa de Pós-Graduação, entendemos a epígrafe como uma dobra formada por aspectos institucionais (tema, problema e desenvolvimento geral do estudo) e circunstâncias íntimas de uma vida (gostos pessoais, interesses mais ou menos privados, a parcela de saber *livre* da avaliação). No limite entre o dentro e o fora do trabalho, a citação epigráfica demarca a borda do texto, mantendo com ele uma relação tanto de igualdade quanto de subordinação, na medida em que, inscrevendo a fronteira da pesquisa, ela faz e ao mesmo tempo não faz parte dela.

Em seu *Dicionário Etimológico Nova Fronteira de Língua Portuguesa*, Antônio Geraldo da Cunha (2011) observa que a palavra epígrafe é derivada do grego ἐπιγραφή, termo relacionado ao mesmo tempo com as ideias de *inscrição* e *inscrever acima de*. Tal definição originária, que sobrevive até hoje, permite-nos destacar algo que nos parece fundamental: sendo inscrição de um texto no outro, uma epígrafe é um ponto de encontro entre corpos, tempos e espaços diversos, uma *zona indecisa* entre a tradição e o novo, e onde se misturam o código acadêmico, em seus aspectos formais e reguladores do texto, e o código social mais amplo (e sem dúvida mais livre), regulado pela fruição e pelas preferências de quem escreve.

No presente trabalho, destaca-se as pesquisas defendidas entre 2012 e 2022. Trata-se dos dez anos finais perspectivados pelo estudo, que abarca os cinquenta primeiros anos de existência do Programa (1972-2022). Em razão dos limites desta publicação, apenas a listagem dos 408 nomes referenciados nas epígrafes é o que será apresentado. 1101 trabalhos defendidos nesse período estão disponíveis para consulta online. Neles, 720 epígrafes foram encontradas.

## Lista

Abdias Nascimento; Adélia Prado; Adriana Calcanhoto; Adriana Friedmann; Adrienne Rich; Affonso Romano de Sant’Anna; Alain Touraine; Alba Maria Pinho de Carvalho; Albert Einstein; Alberto Caeiro; Albine Novarino; Aldous Huxley; Alexander Shulgin; Algirdas Julien Greimas; Alice Ruiz; Aline Bei; Aline Rocheddo Pachamama; Almir Sater; Ana Caldas Lewinsohn; Ana Claudia Quintana Arantes; Ana Maria Machado; Ana Martins Marques; Ana Tijoux; Ana Vilela; André Comte-Sponville; Andrés Barba; Angela de Castro Gomes; Angela Pradelli; Angelus Silesius; Antero de Quental; Antoine Saint-

Exupéry; Anton Pavlovitch Tchekhov; Antoniette Errante; Antonio Gramsci; António Lobo; António Machado; António Nóvoa; Aristóteles; Armando Freitas Filho; Arnaldo Antunes; Arthur Nestrovski; Arthur Rimbaud; Arthur Schopenhauer; Augusto Boal; Augusto J. Cury; Aurora Nunes Wagner; Bedeu; Belchior; bell hooks; Bertolt Brecht; Beto Belinatti; Boaventura de Sousa Santos; Bráulio Bessa; Buenaventura Durruti; C. Wright Mills; Caetano Veloso; Camila Alves de Melo; Carla Biancha Angelucci; Carla Rinaldi; Carlo Ginsburg; Carlos Drummond de Andrade; Carlos Skliar; Carlos Taylor; Carmen Craidy; Carola Saavedra; Carolina Maria de Jesus; Catherine Walsh; Cecília Meireles; Charles Andrade Froehlich; Charles Chaplin; Charles Handy; Chico Buarque; Chidelson Philippe; Chimamanda Adichie; Christine Delory-Momberger; Cícero Linsp; Cidade Negra; Clarice Cohn; Clarice Lispector; Clarice Traversini; Claude Fischler; Conceição Evaristo; Consuelo Lins; Cora Coralina; Criolo; Cris Pizzimenti; Cristina Freire dos Santos Souza; D.Helder Câmara; Dalai Lama; Daniel Assunção; Davi Perez; Denise Leite; Denise Rosana Wolf; Dilmar Luiz Lopes; Djavan; Djonga; Dora Paines; Dorothy Cohen; Dylan Thomas; Ecléa Bosi; Edgar Morin; Eduardo Galeano; Edward Paul Thompson; Eleanor Rosch; Elena Ferrante; Eliane Brum; Elizabeth Ellsworth; Elizabeth Teixeira; Emília Ferreiro; Emmanuelle Laborit; Enrique Leff; Érico Veríssimo; Ernesto Che Guevara; Ésquilo; Eunice Leite; Evan Thompson; F. Michael Connelly; Félix Guattari; Fernanda Melchionna; Fernando Bárcena; Fernando Becker; Fernando Pessoa; Fernando Sabino; Fernando Teixeira de Andrade; Fiódor Dostoiévski; Fito Paez; Florbela Espanca; Florestan Fernandes; Francisco Azevedo; Francisco Luiz Pezoa; Francisco Varela; Francisco Xavier e espíritos diversos; Frida Kahlo; Friedrich Nietzsche; Gabriel Garcia Márquez; Gabriel Perissé; Gaiola das Popozudas; Gaston Bachelard; Gaudêncio Frigotto; Georges Didi-Huberman; Germán Mariño; Gianni Rodari; Gilberto Freyre; Gilberto Gil; Gilles Deleuze; Gilles Lipovetsky; Giovanni Pico della Mirandola; Giulia y Los Tellarini; Gloria Anzaldúa; Gonzaguinha; Grace da Ré Aurich; Graciliano Ramos; Gregory Bateson; Guacira Lopes Louro; Guilherme Castelo Branco; Guimarães Rosa; Guisela López; Guy Debord; Hannah Arendt; Hellen Keller; Henfil; Henri Jenkins; Heráclito; Herbert de Souza; Herberto Helder; Hernan Rivera Letelier; Hilda Hilst; Humberto Maturana; I Ching; Ira Shor; Isabel Allende; Isael Pinheiro Guarani; István Mészáros; Italo Calvino; Jack London; Jacques Derrida; Jacques Fontanille; Jacques Lacan; Jacques Rancière; James Carse; James Joyce; Jayme Paviani; Jean Piaget; Jean Serroy; Jean-Claude Passeron; Jean-Luc Nancy; Jean-Paul Sartre; Jeanne Marie Gagnebin; Jerome Bruner; Jesus Raimundo; Joe Gray; Joe Kincheloe; Joe Wood; Joel Houston; Johann Wolfgang von Goethe; John Dewey; John Donne; John Keats; John Stott; Johnny Hooker; Jonathan Silva; Jorge Drexler; Jorge Larrosa; Jorge Luis Borges; Jorge Onifade; José Chagas; José Craveirinha; José Emilio Pacheco; José Martí; José Moran; José Ortega y Gasset; José Pacheco; José Régio; José Saramago; Josué Carvalho; Júlio Cortázar; Jum Nakao; Jürgen Habermas; Kabengele Munanga; Kamau; Karl Marx; Kazuo Ohno; Khalil Gibran; Kleber Lucas; Lee Shulman; Legião Urbana; Lélia Gonzalez; Léon Bloy; Leonardo Boff; Leonardo da Vinci; Lev Vygotsky; Lewis Carroll; Liana Gonçalves; Lígia Assumpção Amaral; Lino de Macedo; Loris Malaguzzi; Louis Pasteur; Lucia Gouvêa Pimentel; Ludwig Wittgenstein; Luís Augusto Fischer; Luis Camnitzer; Luís de Camões; Luiz Antônio Simas; Luiz Carlos Cagliari; Luiz Gonzaga; Lulu Santos; Machado de Assis; Mahatma Gandhi; Maiakovski; Malala Yousafzai; Manoel Bandeira; Manoel de Barros; Manuell Castells; Marcel Proust; Marcelo Jeneci; Marcelo Nova; Maria Bethânia; Maria Ester de Freitas; Maria Gadú; Maria Isabel Edelweiss Bujes; Maria Nestrovsky Folberg; Marilyn Monroe; Marina Abramovic; Mario Benedetti; Mário Quintana; Marion Cunha; Martha Graham; Martim César; Martin Heidegger; Martin Luther King; Martinho da Vila; Maura Corcini Lopes; Mauro Iasi; Merion Bordas; Merion Campos Bordas; Mestre Patinho; Mia Couto; Michael Guy Chislett; Michael Walzer; Michel de Certeau; Michel de Montaigne; Michel Foucault; Michel Maffesoli; Michel Ondaatje; Michel Pêcheux; Michel Serres; Michelle Perrot; Miguel de Cervantes; Miguel Torga; Mikhail Bakhtin; Milton Nascimento; Milton Santos; Mirian Celeste Martins; Moacyr Scliar; Moisés António; Muriel D. Lezak; Natalia Jimenez; Natalino Góg Crespo; Nego Bispo; Nelson Dacio Tomazi; Nilma Lino Gomes; Noam Chomsky; Noemi



Jaffe; Octavio Paz; Oliveira Silveira; Oliver Sacks; Oscar Niemeyer; Osho; Pablo Gentili; Pablo Neruda; Padre Senna Freitas; Paul Auster; Paul Simon; Paul Valéry; Paul Zumthor; Paula Jiménez España; Paula Rego; Paulina Chiziane; Paulinho da Viola; Paulo Freire; Paulo Leminski; Paulo Ricardo de Moraes; Pedro Abrunhosa; Pedro Demo; Pedro Goergen; Pedro Jairo da Silva; Pedro Tierra; Peter Drucker; Peter Jarvis; Peter McLaren; Peter Sloterdijk; Petra Scherer; Philippe Dubois; Philippe Lejeune; Pierre Bourdieu; Platão; Raul Pompeia; Rebecca Solnit; Regina Orgler Sordi; Renato Teixeira; Ricardo Antunes; Ricardo Reis; Richard Schechner; Rita Lee; Rita Maria Ribes Pereira; Rita Ponce de León; Robert C. Solomon; Roberto Carlos; Roberto Fernández Retamar; Rodolfo Kusch; Roland Barthes; Romário José Borelli; Rosa Luxemburgo; Rosa Maria Bueno Fischer; Rubem Alves; RuPaul; Ruth Rocha; Samuel Beckett; Sandra Mara Corazza; Sandra Richter; São Francisco de Assis; Sarah Kane; Sérgio Vaz; Shirin Neshat; Shirley Steinberg; Sigmund Freud; Simone de Beauvoir; Slavoj Žižek; Sófocles; Solange Jobin Souza; Sônia Miriam Draibe; Sosa Elizaga; Stephen Michael King; Tai Hsuan-an; Taiguara; Tércia Montenegro; Terezinha Rios; Theodore Roosevelt; Thiago de Mello; Thomas Mann; Tim Ingold; Tomás Hirsch; Tomaz Tadeu; Ulpiano Bezerra de Meneses; Umberto Eco; Wagner de Almeida; Valter Hugo Mãe; Vanessa da Mata; Vera Regina Waldow; Verônica Fabrini; Vinicius de Moraes; Virginia Stern; Virginia Woolf; Viviane Mosé; Walt Whitman; Walter Benjamin; Walter Kohan; Wendy Woon; William E. Henley; William Shakespeare; Wisława Szymborska; Władimir Kourganoff; Władimir Lenin; Zé Ramalho; Zélia Duncan; Zuleika Alambert; Zygmunt Bauman.

## Ilhas

Sozinha na página, a epígrafe representa a pesquisa. Ela infere, sintetiza: se não o texto, certamente a mão que a recolhe.

Sozinha na página, a epígrafe é a base sobre a qual repousam os anos de pesquisa, a extremidade entre dois mundos, base sobre a qual o pensamento ergue seus pilares.

Sozinha na página, solene, a epígrafe é algo do outro em mim: “em uma epígrafe, o essencial muitíssimas vezes não é o que ela diz, mas a identidade de seu autor e o efeito de caução indireta que sua presença determina à margem de um texto” (Genette, 2009, p.143).

Sozinha na página, a epígrafe é um sinal de cultura, uma senha para a intelectualidade.

Sozinha na página, “antes de tudo, ela é um grito, uma palavra inicial, um limpar de garganta antes de começar realmente a falar, um prelúdio ou uma confissão de fé: eis aqui a única proposição que mantereí como premissa, não preciso de mais nada para me lançar” (Compagnon, 1996, p.121).

Sozinha na página, a epígrafe é o sinal mais íntimo de autoria e cultura: a frase que, no aguardo de uma arguição e de uma defesa, foi escolhida como a sagração inicial de um pesquisador, que pode meio dela elegeu seus pares, sua linhagem intelectual, o estilo de presença de seu texto nas lutas de seu tempo.

## O princípio inventariante

A afinidade que a palavra *inventário* mantém com as palavras *invento* e *invenção* permite que o termo indique tanto o “gesto taxonômico de *inventariar* coisas quanto o de *inventar* formas poéticas alternativas, híbridas” (Maciel, 2009, p.70), trabalho que aqui assumimos através da própria operação do texto.

Em certo sentido, inventariar é se aproximar da figura do colecionador benjaminiano, cujos esforços empreendem ao mesmo tempo “a luta contra a dispersão” (Benjamin, 2018, p.358) e o desligamento do elemento apropriado “de todas as suas funções primitivas, a fim de travar a relação mais íntima que se pode imaginar com aquilo que lhe é semelhante” (Benjamin, 2018, p.347). Um

coleccionador é alguém que propõe novos contextos relacionais, e a intimidade que aí se estabelece, independente de quaisquer utilidades e sentidos originais, situa-se sob a categoria singular do que Benjamin (2018, p.348) denomina *completude*: “uma grandiosa tentativa de superar o caráter totalmente irracional de sua mera existência através da integração em um sistema histórico novo, criado especialmente para este fim: a coleção”.

Para Benjamin (2000, p.228), a existência do colecionador é baseada em “uma relação com as coisas que não põe em destaque o seu valor funcional ou utilitário”, ao mesmo tempo em que a renovação do mundo velho – o impulso “mais enraizado no colecionador ao adquirir algo novo” – só se faz possível pelo entendimento da própria coleção como o cenário no qual a vida das coisas que nele se encontram adquire um novo sentido. É ao mesmo tempo que a coleção e as peças que ela reúne ganham nova força, com a qual a mão de quem coleciona inscreve seu próprio estilo de presença nas lutas de seu tempo. Daí toda coleção ser também um diário, tal com sugere Italo Calvino (2000, p.13): o gesto persistente que atende à “necessidade de transformar o escorrer da própria existência numa série de objetos salvos da dispersão, ou numa série de linhas escritas, cristalizadas fora do fluxo contínuo dos pensamentos”.

Assim, o inventário de epígrafe é regido por princípios mais espaciais que temporais. Trata-se de deslocá-las de seus contextos originais em favor de um novo arranjo textual, de transportá-las para o *aqui e agora* da cena de escritura.

A coleção epigráfica faz as vezes de um “teatro da memória” (Blom, 2003, p.219), no qual são dramatizadas as vozes, os empréstimos e encontros passados. Mais do que uma simples recuperação das epígrafes, o princípio inventariante incide diretamente sobre os dispositivos institucionalizados de classificação e organização do conhecimento, interferindo em sua ordem, em suas estratégias de controle e modos de existência delas derivados.

Fixando as palavras como palavras, as frases como frases, as citações como citações, todas elas distantes do murmúrio confuso do vivido, talvez possamos tentar entender como e em que medida um mundo que não existe mais ainda encontra em tantas peças soltas o seu fundamento e modelo. Esse seria, parece-nos, um modo de garantir a nossas escritas presentes certa *hereditariedade*, tal como o termo é defendido por Barthes (2005): aceitação e cuidado de uma condição *filial* do próprio pensamento, que se expressa através de apropriações e desvios de uma *linhagem* específica.

Questão de responsabilidade, mas também de enaltecimento, afinal, tal como nos lembra Benjamin (2000, p.234), “a transmissibilidade de uma coleção é a qualidade que sempre constituirá seu traço mais distinto”.

## Traços

Inventariar epígrafes é se curvar diante de um acervo do que foi deixado como rastro existencial de mestrandos e doutorandos, durante o desenvolvimento de suas pesquisas. Ao mesmo tempo, trata-se de um laboratório experimental de investigação (Pato, 2020) feito de frases que, mesmo destacadas no posto avançado de uma pesquisa, percorrem o tempo em certo limbo da memória. São traços biográficos dispersos, condenados a um distanciamento crescente de seus epigrafadores.

“como descrever?  
como contar?  
como olhar?  
[...]  
como ler esses rastros?  
como ir além,  
ir por trás



não parar perante o que está ao  
alcance da nossa vista  
não ver somente o que já se sabia  
que se veria?" (Perec, 2023, p. 35).

Tais questões suscitam posturas, e não respostas. É necessário enveredar pelos documentos sem vasculhar por detrás ou além das citações inventariadas em busca de um sentido latente ou perdido, sem tentar legitimá-las ou as invalidar (Aquino, 2019). Voltando-se para uma outra direção, temos entendido nosso trabalho como um compromisso de colocar em cena os traços constituintes de uma superfície de inscrições-limite, feita de citações localizadas dentro-e-fora da obra, e que funcionam como pontos de contato entre a massa documental e o texto que escrevemos no presente.

Fim último (mas certamente não final) do *corpus* epigráfico em causa: funcionarem uma vez mais como princípios de escrita, não da maneira como significaram em seu tempo (para aqueles que as escreveram ou para aqueles que as citaram), mas sim pelo deslocamento e pelos efeitos do novo arranjo do qual elas farão parte.

## Álbum

Nos últimos cursos de Roland Barthes (2005), encontramos a defesa do Álbum como forma de escrita caracterizada por dois critérios fundamentais:

a) o texto como um conjunto de elementos cuja ordem e presença obedecem a uma lógica não hierárquica e fragmentária. Nesse sentido, o álbum constitui uma forma de expressão circunstancial, que cresce através da disseminação antológica de suas peças;

b) a construção textual rapsódica, marcada pela costura das partes, sem que haja um centro delimitado (descentradas, tornadas próximas desde sua dispersão espaço-temporal, as partes do álbum ganham sentido nos encontros, na permutabilidade e nos contágios).

Temos nos apropriado desses critérios para elaborar álbuns com as epígrafes inventariadas nas Teses e Dissertações consultadas. Organizadas por ano, as montagens não obedecem a nenhuma pretensão de linearidade ou progressão narrativa: as citações são peças soltas, aproximadas apenas pela mão que as encontra e as reposiciona – o apelo do rapsódico que assombra o álbum faz dele algo da ordem do *assim*, do *jeito que vem*, arbitrariamente (Barthes, 2005). Ainda assim, uma vez que todo inventário está radicalmente eivado pela invenção – sendo em parte uma coisa imaginada, criada e engendrada –, estando assim próximo dos campos do fazer poético e ficcional (Maciel, 2009), faz-se inevitável ler nos cruzamentos e encontros entre matérias até então incomunicáveis, um novo texto, feito de outros sentidos. Como forma de dar a ver esses movimentos, listamos abaixo as oito primeiras epígrafes que fazem parte do álbum de 2012. Na lista, por ordem, as citações de Romário José Borelli, Clarice Lispector, Cícero Lins, Manoel de Barros, Jean Piaget, Roland Barthes, Frantz Fanon e Michel Foucault:

O sol preparou o dia

No verde desta querença

Lá vem João Maria,

A bença, a bença!

[...] a aproximação, do que quer que seja, se faz gradualmente e penosamente

– atravessando inclusive o oposto daquilo que se vai aproximar.

Mas tudo bem

O dia vai raiar

Pra gente se inventar de novo.

Depois veio a ordem das coisas e as pedras têm que rolar seu destino de pedra para o resto dos tempos. Só as palavras não foram castigadas com a ordem natural das coisas. As palavras continuam com seus deslimes.

[O senhor crê na investigação solitária?]

- Ah, não! Necessitam-se contatos, e sobretudo os que nos contradigam. E ademais, se necessita uma equipe. Creio na investigação interdisciplinar, creio na investigação coletiva.

Sabemos agora que um texto não é feito de uma linha de palavras, libertando um sentido único, de certo modo teológico (que seria a “mensagem” do Autor-Deus), mas um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escritas variadas, nenhuma das quais é original: o texto é um tecido de citações, saídas dos mil focos da cultura.

Cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos.

É uma lei da história: mais a vontade de um povo não é simples, mais a tarefa dos políticos é complexa. Talvez porque a política não é o que pretende ser – a expressão de uma vontade coletiva; ela só respira bem lá onde essa vontade é múltipla, hesitante, confusa e obscura para si mesma.

“Jamais representar, jamais falar em nome de outrem, jamais submetê-lo a qualquer grilhão hermenêutico”. As palavras do professor Julio Groppa Aquino (2021, p. 13), marcadas pelo princípio arquivístico legado por Michel Foucault, são aqui resgatadas para afirmar o princípio básico que anima o trabalho com as epígrafes cuja apresentação ora finda: encarar essas peças como um espaço narrativo aberto, povoado por vidas inacabadas, incompletas, violentamente aderentes.

Em outras palavras: a epígrafe como matéria de escrita, o álbum como a marca de um fazer presente.

## Referências

AQUINO, Julio Groppa. *Educação pelo arquivo: ensinar, pesquisar, escrever com Foucault*. São Paulo: Intermeios, 2019.

AQUINO, Julio Groppa. *Discurso educacional contemporâneo: inventário analógico*. São Paulo: FEUSP, 2021.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BARTHES, Roland. *A preparação do romance II: a obra como vontade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única – Obras escolhidas II*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

BLOM, Philipp. *Ter e manter: uma história íntima de colecionadores e coleções*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CALVINO, Italo. *Coleção de areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lexikon, 2011.



GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

MACIEL, Maria Esther. *As ironias da ordem*: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

PATO, Ana. *Práticas artísticas e a violência contida nos arquivos*. Disponível em: [https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/13907\\_MEMORIA+E+ARQUIVO+NA+ARTE](https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/13907_MEMORIA+E+ARQUIVO+NA+ARTE). Acesso em: 22 dez. 2020.

PEREC, Georges. *Ellis Island*. São Paulo: Círculo de poemas, 2023.

PINTO, Maria Cecília de Moraes. Victor Hugo e a poesia brasileira. *Lettres Françaises*, no 5 - 2003, p. 117-128.

## **CORPO-PAISAGEM: (GEO)POÉTICAS DO VIVER E NARRATIVAS DO ESPAÇO**

VALANDRO, Jean Michel<sup>1</sup>;  
WENDT, Lucas George<sup>2</sup>

<sup>1</sup> PUCRS, jeanmvalandro@gmail.com;  
<sup>2</sup> UFRGS, lucas.george.wendt@gmail.com

### **Tema: Arte e Linguagens**

**Resumo:** Devido à ocorrência reiterada de desastres climáticos, muitos olhares têm se voltado para discussões que abarcam temas como a relação entre sujeito e território, principalmente no sentido de reelaborar essas relações, propondo uma perspectiva que concebe o humano como parte simbiótica com relação ao mundo que o cerca. Nesse nexo, este estudo propõe debater como as escritas e a geopoética, analisadas à luz da abordagem pós-qualitativa, podem configurar-se como um elemento tanto na tomada de consciência para mudança de hábitos quanto no processo curativo mediado pela escrita, envolvendo os atingidos por desastres ambientais. Isso porque a escrita de si pode ser entendida como um meio de reconfiguração do passado, em que aspectos humanos como memórias e experiências são reelaborados em novos contextos e, com a adição da geopoética, busca-se também despertar para o entendimento de como percebemos e como estamos ligados aos ciclos ecológicos da Terra.

**Palavras-chave:** Escritas. Geopoéticas. Desastres climáticos. Paisagem.

**Abstract:** Due to the repeated occurrence of climatic disasters, many eyes have turned to discussions that cover themes such as the relationship between subject and territory, mainly in the sense of reworking these relationships, proposing a perspective that conceives of the human being as a symbiotic part in relation to the world around them. In this context, this study proposes to discuss how writing experiences and geopoetics, analyzed in the light of the post-qualitative approach, can be configured as an element both in raising awareness to change habits and in the healing process mediated by writing, involving those affected by environmental disasters. This is because self-writing can be understood as a means of reconfiguring the past, in which human aspects such as memories and experiences are re-elaborated in new contexts and, with the addition of geopoetics, it also seeks to awaken an understanding of how we perceive and how we are connected to the Earth's ecological cycles.

**Keywords:** Escritas. Geopoetics. Climate disasters. Landscape.

### **1 Provocações iniciais para pensar as narrativas do território**

Desde os primórdios, a humanidade constrói seu mundo por meio das histórias. Narrativas são formas de entretenimento, fios que tecem a memória coletiva, preservam saberes e moldam identidades. Contar histórias é um ato ancestral, um ritual que conecta gerações e traduz experiências em símbolos compreensíveis. Seja ao redor do fogo, nas páginas de um livro ou nos pixels de uma tela, as histórias nos ensinam sobre quem somos, quem fomos e quem podemos nos tornar. Elas criam sentido para o caos da existência e transformam eventos - local e temporalmente situados - em construções que atravessam o tempo e o espaço.

Mais do que relatos de fatos, as histórias estruturam nossa percepção do mundo. Elas influenciam crenças, orientam escolhas e constroem os imaginários que sustentam sociedades inteiras. Por meio delas, compartilhamos emoções e perspectivas, nos reconhecemos no outro e cultivamos empatia. Além disso, ao mesmo tempo que somos moldados pelas histórias que herdamos,



também as reinventamos, narrando nossas próprias versões, reescrevendo passados e sonhando futuros. Afinal, contar histórias é, no fundo, um modo de existir.

Se prestarmos atenção, não é difícil encontrar uma porção de narrativas em que elementos do ambiente, seja ele natural ou urbano, recebem um grande destaque ou são primordiais na história contada. Contudo, se as narrativas mais primitivas viam elementos do mundo natural como representação de seres divinos – por exemplo, nos mitos de criação do mundo de diversas culturas ancestrais, ou nas lendas dos encantados que são propagadas Brasil adentro –, nos dias atuais temos visto crescer exponencialmente outras formas de relacionar-se com o ambiente.

Nossa sociedade, em grande parte pelos valores coloniais perpetuados ainda atualmente, tem deixado de lado essa relação de encanto, de respeito de pertencimento com relação ao mundo natural e temos nos encaminhado mais para relações que nos fazem pensar que estamos sobre a terra, que agimos sobre ela, que ela nos pertence. Por conseguinte, essas relações geram um modo de pensar e viver que vê a natureza unicamente como fonte inesgotável de recursos naturais, que podem ser explorados para benefício do ser humano, reforçando um pensamento mercantil-utilitarista.

Por conta disso, algo que acontece em escala global, hoje estamos vivenciando a antecipação de uma série de acontecimentos catastróficos de proporções que, segundo modelos científicos, deveriam acontecer daqui a várias décadas. Exemplo disso, são as cheias constantes que temos enfrentado na região sul do Brasil, as secas prolongadas na região Norte, dentre outros fenômenos – como ondas de calor e outros tantos que não eram comuns até pouco tempo atrás.

Considerando esse cenário, é fundamental repensar na maneira como concebemos o ambiente que nos cerca, seja na porção natural ou na porção urbana, e também nossas ações enquanto ocupantes desse mesmo ambiente, individual e coletivamente. Isso porque, por mais que tentemos nos imaginar à parte de tudo que está acontecendo, é impossível fugir da relação simbiótica que desenvolvemos ao longo da existência da humanidade nesse território que estamos ocupando nesse exato momento, enquanto este texto toma forma. É claro que, por menores que ainda sejam algumas iniciativas, diversas áreas têm tomado parte em movimentos para repensar e reelaborar nossos modos de existir no mundo, os quais sabemos que seguem um ritmo próprio porque, para o bem e/ou para o mal, nós seres humanos somos criaturas de hábitos, e mudar hábitos de maneira global podem levar muito tempo, pois envolve questões sociais, culturais e políticas em cada recanto no nosso planeta.

Na tentativa de colaborar com essas mudanças, surge a área (acadêmica e de prática) da geopoética, que para buscar conversar com o humano em diversos níveis, estabelece diálogos entre diferentes narrativas e territórios para além da mera descrição dos eventos, ampliando o olhar para os modos como os corpos e paisagens se entrelaçam em um dado espaço, esteja ele em seu estado natural ou ferido, como na ocasião dos desastres naturais ou por conta de degradações antrópicas. Por exemplo, frente ao impacto das enchentes, dos deslizamentos e das perdas materiais e imateriais sofridas no RS, a geopoética oferece uma chave para compreender como os sujeitos significam suas existências diante do colapso ambiental. Escrever sobre si, nesse contexto, é também escrever o território — um território que se move, que sangra e que, apesar da devastação, resiste. Assim, os relatos e poéticas que emergem dessas experiências configuram um testemunho do desastre, e um gesto de criação e pertencimento, ainda que em meio a um caos que, mesmo depois de um ano, ainda afeta inúmeras pessoas.

As escritas de si, que mencionamos brevemente no parágrafo anterior, tornam-se dispositivos para a elaboração de sentidos diante de experiências marcadas pelo trauma e pela perda enquanto práticas de narrativa e testemunho, como as que sofremos em 2024. No contexto dos desastres climáticos que assolaram o Rio Grande do Sul, essas escritas surgem como formas de reelaboração subjetiva e coletiva das memórias da catástrofe. Ao registrá-las, assim também como afetos e

deslocamentos, os sujeitos constroem uma cartografia de si em meio aos escombros, buscando reconhecer-se nas fissuras do território transformado. Nesse processo, a palavra não apenas documenta, mas também se faz abrigo, configurando uma geopoética da resistência e do recomeço.

Por conta disso, este texto propõe debater como as escriturivências e a geopoética, analisadas à luz da abordagem pós-qualitativa, podem configurar-se como um importante elemento tanto na tomada de consciência para mudança de hábitos quanto no processo curativo mediado pela escrita, envolvendo os atingidos por desastres ambientais. Para tal, começamos apresentando o que é a geopoética e seguimos com o enfoque metodológico, quando também falamos da potencialidade de valer-se das escriturivências como instrumento e materialidade de pesquisa, o que está integrado à abordagem pós-qualitativa das ciências e conversa com a perspectiva pós-estruturalista. Na sequência, falamos de alguns resultados preliminares, visto que, apesar de o instrumento de pesquisa já ter sido validado, a proposta de utilização dele em temas atrelados às questões atinentes ao campo das geopoéticas conforme proposto aqui ainda está em implementação. Por fim, buscamos dar um fechamento à proposta de escrita, mesmo sabendo que as questões da relação humano-ambiente estão em constante movimento no mundo atual.

## 2 Geopoética: gênese e breves definições

Você acha que matar é difícil, huh? [...] Tente curar algo, isso é difícil. Requer paciência. Você pode quebrar algo em dois segundos, mas levar a eternidade para consertá-lo, uma vida inteira, gerações. É por isso que devemos ser cuidadosos nesse planeta, e gentis (Beatriz, 2017, texto digital, tradução nossa).

A Geopoética pode ser compreendida como um campo transdisciplinar que busca explorar as interseções entre as geociências, a geografia – tanto física quanto humana – e a poética (em suas mais variadas manifestações), conectando o geoespaço a diversas formas de expressão artística. Nesse sentido, trata-se de uma abordagem que investiga como a Geologia, a Geografia, os lugares, as paisagens e as geografias influenciam a criação poética e artística, assim como a maneira pela qual a arte pode transformar nossa percepção e experiência dos espaços geográficos.

O termo “Geopoética”, tal como é entendido hoje, surgiu a partir das reflexões de muitos autores, que o correlacionam a diversas áreas, porém um deles bastante ligado à arte da escrita foi Kenneth White (1936-2023), em 1979. Poeta, escritor e acadêmico escocês, White passou grande parte da vida em contato com o pensamento de Dugald Semple (1884-1964), naturalista e defensor da vida simples e do bem-estar animal. As ideias de Semple tiveram um impacto sobre White, influenciando sua visão acerca da relação entre o ser humano e o ambiente.

Ressaltaamos que a poética presente no termo geopoética, segundo Collot (2013) pode ser compreendida como uma dinamização da essência do pensamento, um movimento criativo que nasce da relação sensível com a Terra. Esse processo envolve a combinação de todas as capacidades físicas e mentais do ser humano, mantendo um vínculo entre ideia e sensação, pensamento e a emoção vivenciada no corpo.

A teoria geopoética de White (1989) fundamenta-se na ideia de uma mudança de perspectiva – uma espécie de despertar – que convida à reavaliação da relação entre humanidade e natureza. Para o autor, essa transformação ocorre à medida que cultivamos uma percepção mais sensível e integrada aos ambientes naturais, reconhecendo a simbiose que sempre existiu entre nós e o mundo ao nosso redor. No entanto, essa conexão muitas vezes se dilui no cotidiano urbano e nos modos de vida acelerados, tornando-se invisível ou secundária. A Geopoética, portanto, propõe um retorno ao essencial: uma forma de estar no mundo que reconhece na terra, nas paisagens e nos lugares



não apenas um cenário, mas um elemento ativo na construção do imaginário, das vivências e das experiências humanas.

Podem me dizer, talvez, que nem todo mundo tem acesso a um contexto natural. Mas, é o reconhecimento da importância de um contexto como este que pode servir de ponto de partida a uma conscientização radical, logo a uma política, a uma educação diferentes. E mesmo em contextos urbanos mais desfavoráveis, sempre há signos, marcas que se podem localizar, aos quais podemos nos sensibilizar uma vez que o espírito foi despertado e orientado (White, 1989, texto digital).

A Geopoética não se limita apenas a repensar a relação entre humanidade e natureza, mas também busca compreender como os espaços – sejam naturais ou urbanos – são representados na Literatura e nas Artes, já que os lugares atuam como catalisadores da imaginação, despertando sentimentos e influenciando a criatividade. Esse campo de estudo, portanto, abrange a análise das expressões artísticas que carregam um profundo senso de lugar, investigando de que forma a paisagem, os territórios e as geografias moldam a sensibilidade e a experiência estética. Nessa perspectiva, Kenneth White, em *Le Plateau de l'Albatros*, desenvolve essa reflexão ao afirmar que

‘A ênfase aqui não está na definição, mas no desejo, num desejo de vida e do mundo, e no impulso’. Não se trata de fundar um movimento literário, até porque a ‘poética’ deve ser tomada no sentido de ‘formação e dinâmica fundamental’ que se pode manifestar tanto nas ciências como nas artes ou na linguagem - não no sentido de ‘em relação à poesia’. Também não se trata de fundar um sistema, pelo contrário: permanecemos abertos e recusamos o dogmatismo porque a teoria geopética é inseparável da sua prática, é ‘uma ideia básica que não pode ser definida em abstracto mas que toma forma in vivo, com base em vários contextos’ (Poulet, 2022, texto digital).

Nesse campo, exploram-se temas como identidade cultural e regional, geomitologias, memória coletiva ligada a determinados lugares, expressões do patrimônio e a interação entre o ser humano e o ambiente (Kozel, 2012; Macedo, 2020). As geopoéticas constituem, assim, um território de pesquisa amplo e transdisciplinar, no qual diferentes áreas do conhecimento – como Geociências (Geologia e Paleontologia), Geografia, Literatura, Filosofia, Antropologia, Museologia, Patrimônio e Ecologia – se entrelaçam para investigar as múltiplas formas de percepção e vivência do espaço.

É essa abertura ao diálogo entre diversas disciplinas que confere à Geopoética seu caráter transdisciplinar, disruptivo. Mais do que um estudo segmentado, ela propõe uma abordagem que dissolve fronteiras entre ciência, pensamento e poesia, buscando superar a fragmentação do conhecimento. Seu olhar se volta para a totalidade da existência humana e sua relação com o mundo, considerando tanto a experiência sensível quanto às múltiplas formas de interação e agência do ser humano na trama da vida terrestre.

Quando fundou o Instituto Internacional de Geopoética em 1989, Kenneth White buscava ampliar a disseminação e o escopo dessa área do conhecimento, promovendo estudos que investigassem as relações entre o ser humano e o espaço em que está inserido (Macedo, 2020). Em seus escritos fundamentais, White (1989) define a natureza não como elementos isolados, mas como a totalidade do planeta Terra. Nessa perspectiva, a Geopoética propõe uma abertura “para sentir essa percepção profunda da nossa conexão com todos os elementos bióticos e abióticos do planeta Terra, e que nós também correlacionamos com uma melhoria na qualidade de vida” (Tomaz; Cerqueira; Ponciano, 2021, p. 79-80).

Embora a Geopoética tenha conquistado maior reconhecimento em âmbito internacional, no Brasil sua presença ainda é menos expressiva. No entanto, nas últimas décadas, o tema vem ganhando

mais espaço, especialmente no campo da Geografia, onde Lúcia Helena Batista Gratão foi uma das primeiras pesquisadoras a abordá-lo (Paula, 2015), a partir da perspectiva da Geografia Cultural. No universo artístico, porém, a influência geopoética já se fazia presente há mais tempo, com autores como Euclides da Cunha (1866-1909), que explorou as paisagens sertanejas em *Os Sertões*, e Cora Coralina (1889-1985), cuja escrita dialoga com uma geopoética marcada pela relação entre espaço e finitude. Atualmente, novas vozes continuam expandindo essa abordagem no Brasil, como José Pedro Rodrigues Gonçalves, que escreve sobre o Pantanal; Ana Carolina Brugnera, que em 2015 deu vida a uma geopoética amazônica ao retratar o caboclo ribeirinho; e Paulo Nunes Batista, cordelista paraibano-goiano que desenvolve uma geopoética voltada para a região Centro-Oeste.

Ainda, da relação do humano com a geopoética surge um importante conceito que dá nome a este texto: o corpo-paisagem. Para entender esse conceito, vamos, primeiramente, refletir sobre o termo paisagem. Bueno (2001, p. 411) define-o como “Paisagem, s.f. Espaço de território que se abrange num lance de vista; pintura, desenho ou gravura que representa cenas campestres ou urbanas”. Todavia, acreditamos que, no contexto desta pesquisa, o termo deva ser entendido de maneira mais profunda, pois o que propomos aqui está intimamente ligado com o desenvolvimento da subjetividade humana. Por isso, defendemos que

[...] no universo subjetivo estão incluídos os sentimentos em relação às paisagens, ou seja, afetividades, vivências, experiências, valores, a cultura simbólica, as representações, identidades e territorialidades, que, segundo o tipo de experiência com a Natureza, ou percepção, reflete diferentes sentimentos e comportamentos em relação a ela. Para cada pessoa ou grupo a paisagem terá um significado, porque as pessoas atribuem valores e significados diferentes às suas paisagens, traduzidos em sentimentos de enraizamento ou desapego aos lugares (Risso, 2008, p. 72-73).

Partindo dessa noção de paisagem entremeada com a subjetividade humana, vamos para a definição do conceito de corpo-paisagem. Para Rolim (2019), o corpo-paisagem é aquele que está perpassado pelo território, o que faz com que um se movimente e sofra mudanças juntamente com o outro, numa relação simbiótica e ecossistêmica. Para a autora, esse corpo é aquele que se integra, que recupera e que se relaciona de inúmeras formas com o ambiente que o cerca e, consequentemente o produz, de maneira que o corpo-paisagem não está sobre o lugar, ele não somente o ocupa, mas sim é parte integrante e importante do território. De modo que suas agências estão imbricadas em cada pequeno detalhe do ambiente, seja de maneira física ou nas construções simbólico-culturais que se fazem – tanto dos corpos quanto das paisagens e das relações entre eles. E é precisamente esse raciocínio que estamos tentando resgatar, visto que “fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza” (Krenak, 2019, p. 16-17).

Ainda nesse nexos, segundo Collot (2013), a geopoética refere-se à maneira como os sujeitos manifestam-se sensivelmente no espaço, atribuindo-lhe novos significados. A paisagem, nesse contexto, é composta pela interação entre o lugar, a percepção do observador e a imagem gerada a partir dessa experiência. Assim, um ambiente só se transforma em paisagem quando é apreendido pelos sentidos humanos.

## 2.1 Geopoética e subjetividade: algumas confluências

Deleuze e Guattari (1995), em sua obra *Mil Platôs*, introduzem o conceito de territorialidade como parte de sua teoria sobre a natureza da realidade e da subjetividade. Para eles, a territorialidade



não se limita apenas aos espaços geográficos ou físicos, ela também se estende aos domínios sociais, culturais e psicológicos.

Eles exploram a territorialidade como um processo dinâmico de criação e de manutenção de fronteiras e limites, não apenas entre espaços físicos, mas também entre indivíduos, grupos sociais e sistemas de pensamento. Essas fronteiras não são estáticas, mas sim fluidas e mutáveis, sujeitas a constantes negociações e reconfigurações. Os autores, em suas análises, examinam como os indivíduos e os grupos constroem e mantêm seus territórios, sejam eles físicos, emocionais, políticos ou ideológicos. Eles argumentam que esses territórios não são apenas espaços de controle e de poder, mas também locais de resistência e criação.

Além disso, Deleuze e Guattari (1995) enfatizam a interconexão entre diferentes territorialidades, sugerindo que os territórios individuais e coletivos estão sempre em relação uns com os outros, formando redes complexas de interação e influência mútua. Em resumo, para esses autores, a territorialidade é um conceito fundamental para entender a forma como os indivíduos e os grupos relacionam-se com o mundo ao seu redor, construindo, contestando e negociando fronteiras e limites em múltiplos níveis de realidade.

Entendendo o que é territorialidade, aqui, o que propomos é outro conceito caro a esses autores: uma desterritorialização, isto é, desejamos – com esta pesquisa –, provocar processos nos quais as fronteiras, limites e estruturas tradicionais sobre quem somos e como agimos nos diferentes ambientes são desfeitas ou desestabilizadas para que se possa, com isso, instituir novos modos de pensar e agir.

A desterritorialização, como enfatizamos, pode abrir espaço para novas possibilidades, criatividade e liberdade ao romper com estruturas rígidas e opressivas (lembremos aqui da nossa relação mercantil-utilitarista com o ambiente mencionada na introdução). No entanto, a desterritorialização também pode gerar instabilidade, ansiedade e desconforto, especialmente quando as pessoas se veem confrontadas com a incerteza e a falta de referências familiares.

Deleuze e Guattari (1995) não veem a desterritorialização como um processo completo ou absoluto, mas sim como algo que ocorre constantemente em interação com a territorialidade. Na verdade, eles falam de um “movimento rizomático”, em que a DEsterritorialização e a REsterritorialização estão sempre entrelaçadas, formando um processo contínuo de mudança e transformação.

Outro ponto bastante importante ao pensar sobre geopoética e processos subjetivos é o porquê da escolha da escrivência como materialidade de pesquisa. Afirmamos, aqui, que uma das principais motivações está intimamente ligada aos escritos de Suelly Rolnik (2018), quando propõe a ideia de marcas-feridas como inscrições afetivas que se imprimem nos corpos e subjetividades ao longo da vida, especialmente em contextos de opressão, violência (como os desastres ambientais que têm acontecido) ou silenciamento. Essas marcas não são apenas cicatrizes individuais, constituindo-se em traços coletivos que carregam memórias de dor, exclusão e apagamento, muitas vezes transmitidas por gerações.

No entanto, para além do sofrimento, essas marcas também carregam um potencial de reinvenção e resistência, são estados subjetivos inéditos e potentes que, ao serem acolhidos, sentidos e trabalhados, podem abrir caminhos para a criação de novas formas de existir e se relacionar com o mundo. Assim, na perspectiva de uma geopoética sensível, as marcas-feridas deixam de ser apenas resquícios do passado e tornam-se uma matéria para o gesto criador, que emerge do contato com a Terra, com o território e com a memória do corpo. Nesse mesmo viés, Rolnik (1993, p. 247) também afirma que “[...] a escrita, enquanto instrumento do pensamento, tem o poder de penetrar nestas marcas, anular seu veneno, e nos fazer recuperar nossa potência”. Isso porque, “nesta aventura

encarna-se um sujeito, sempre outro: escrever é traçar, é devir sempre outro. Escrever é esculpir com palavras a matéria-prima [...] escrever é fazer letra para a música do tempo” (Rolnik, 1993, p. 246).

### 3 Enfoque metodológico: como fazer uma pesquisa outra?

A presente investigação ancora-se na perspectiva pós-estruturalista, adotando a abordagem pós-qualitativa, uma vertente ainda em consolidação no cenário acadêmico brasileiro. Mais do que uma metodologia tradicional de produção de conhecimento, essa abordagem valoriza a documentação, a provocação e o estímulo à imaginação como estratégias investigativas. Ao mobilizar um futuro sensorial, torna visível o especulativo e o performativo, ressaltando a potência inventiva do ato de pesquisar (Coleman, 2013). Em outras palavras, a investigação pós-qualitativa não se restringe a protocolos fixos, mas abre-se para a fluidez e a imprevisibilidade dos processos de pensamento e criação.

Para Lather e St. Pierre (2013), a pesquisa pós-qualitativa não pode ser reduzida a um conjunto de procedimentos rigidamente estabelecidos, pois sua essência reside na sensibilidade ao fluxo das ideias e na constante reelaboração dos conceitos mobilizados. Nas pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, há um movimento contínuo de sensibilização e assimilação, ancorado na leitura constante e na análise crítica da realidade com base nesses conceitos. Segundo as autoras, esse processo deve evoluir até que se estabeleça uma diferenciação nítida e uma oposição efetiva em relação à perspectiva tradicional, sustentada pelos princípios do que ela chama de paradigma humanista.

A esse respeito St. Pierre (2018) argumenta que a metodologia nunca pode ser dissociada da epistemologia e da ontologia, sob o risco de se tornar uma prática mecânica e instrumentalizada, reduzida a meras técnicas e protocolos. Dessa forma, o pesquisador deve imergir em uma pluralidade de referenciais teóricos até que sua própria percepção do mundo passe a ser informada por essas novas lentes conceituais, rompendo com os paradigmas humanistas tradicionais baseados em verdades absolutas, intenções fixas e representações estáveis (Moreno, 2015). Esse processo exige uma postura investigativa que desafia convenções e acolhe a incerteza como parte do próprio método, uma ideia defendida por Meyer e Paraíso (2012, p. 32) ao enfatizarem que, como pesquisadores, devemos ter a “coragem necessária para, em nossas metodologias, encontrarmos saídas contra o aprisionamento e a fixidez de sentidos, os essencialismos, o ‘é isso’ ou o ‘deve-se fazer assim’”.

A abordagem pós-qualitativa está intrinsecamente ligada ao pensamento pós-estruturalista, que opera na transgressão e busca subverter a lógica da Modernidade, fortemente pautada em estruturas rígidas e discursos de verdade. Corazza (2007) ressalta que, ao considerar a pesquisa sob esse viés, não se trata de escolher um método específico, mas sim de reconhecer que cada prática investigativa é atravessada por discursos e contextos históricos que moldam a forma como produzimos conhecimento. Nesse sentido, caminhar por essa senda implica questionar normas científicas tradicionalmente aceitas, trazendo para o centro da investigação elementos como a subjetividade, a experiência vivida e os detalhes íntimos dos processos de pesquisa (Ellingson; Ellis, 2008). Como defendem Hernández-Hernández e Benavente (2019), essa postura permite a ampliação das formas de representar a realidade, que deve ser constantemente revisitada e ressignificada à medida que novos sentidos emergem ao longo do tempo, uma vez que, como diz Antonio Machado (2014, texto digital, tradução nossa), “caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar”.

Nesta pesquisa, optamos por uma abordagem mais aberta e fluida para compreender as relações entre ontologia, epistemologia e metodologia — uma escolha que nos afasta de modelos metodológicos engessados. Isso porque entendemos que a escrevivência emerge da poesia do cotidiano, entrelaçada à pluralidade de experiências dos sujeitos que escrevem e são escritos. Dentro dessa perspectiva, aplicar métodos que apenas busquem evidências nos textos, sem considerar a potência poética das vivências, parece limitador diante do que se propõe aqui. Por causa disso,



optamos por “tomar um desvio, um atalho, um jardim que se bifurca [...]. Só pelo agri-doce prazer da experimentação, do inesperado e do imprevisível” (Corazza, 2004, p. 129).

Vale lembrar que, nessa abordagem, a revisão teórica não se restringe a um único momento da pesquisa, permeando toda a construção do estudo, permitindo a emergência de novos sentidos a partir dos textos dos participantes e das experiências do próprio pesquisador. Esse processo contínuo de reflexão e escrita possibilita a interpretação dos dados e a criação de saberes que desafiam estruturas hegemônicas, revelam dinâmicas de poder invisibilizadas e ampliam as possibilidades discursivas.

Na pesquisa pós-qualitativa, tampouco há uma separação rígida entre coleta e análise de dados, pois ambos ocorrem simultaneamente. O pesquisador interage com textos, imagens e discursos desde os primeiros momentos da investigação, de forma que a análise se dá em um movimento vivo e relacional ao longo de todo o texto. Dessa forma, a pesquisa pós-qualitativa não se apresenta como um território de neutralidade, mas como um espaço de resistência e transformação.

### 3.1 Escrivência como forma de superação: pensando a materialidade da pesquisa

O termo “escrevivência”, inventado pela escritora Conceição Evaristo (2008), é um conceito que reforça o papel das experiências vividas na construção das subjetividades de coletivos. Sobre essa gênese do termo, Evaristo afirma: “[escrevivência] era um jogo que eu fazia entre a palavra ‘escrever’ e ‘viver’, ‘se ver’ e culmina com a palavra ‘escrevivência’. Fica bem um termo histórico” (Evaristo *apud* Santana; Zapparoli, 2020, on-line). Essa forma de narrativa pode ser considerada uma espécie de escrita de si, mas deve-se atentar sempre para o fato de que o retrato apresentado na escrita busca simbolizar os quereres de grupos sociais. Dito de outra maneira, a escrevivência retrata “o lugar de enunciação de um eu coletivo, de alguém que evoca, por meio de suas próprias narrativas e voz, a história de um ‘nós’ compartilhado” (Soares; Machado, 2017, p. 207). Justamente por isso ela pode ser considerada um ato político que tensiona estruturas, desafia silenciamentos e abre caminhos para a transformação coletiva.

Nesse sentido, a escrevivência revela-se como prática potente, pois permite que memórias atravessadas por afetos, dor e subjetividade sejam compartilhadas. Ao resgatar essas narrativas, desloca-se o foco da verdade absoluta para a vivência situada, possibilitando novas leituras do mundo. Aliás, podemos ampliar ainda mais essa ideia e afirmar que a escrevivência possibilita, para além de leituras de mundo, repensar elementos que estruturam nossa vida cotidiana, nossos hábitos, configurando-se como “o ponto exato de culminância entre escrita e vida, em que a primeira se oferece como modo e ocasião para a vertiginosa multiplicação de formas da segunda” (Aquino, 2011, p. 647).

Embora nascida das experiências de mulheres negras, a escrevivência expandiu-se como uma possibilidade de expressão para diversos grupos historicamente silenciados. A própria criadora do termo legitima essa ampliação ao afirmar que seu contexto de origem “não impede que outras pessoas também, de outras realidades, de outros grupos sociais e de outros campos para além da literatura experimentem a escrevivência” (Evaristo *apud* Santana; Zapparoli, 2020, texto digital). Assim, o termo torna-se um recurso metodológico e político que dá visibilidade a diferentes sujeitos.

Nesta pesquisa, contudo, partiremos desses pressupostos, agregando-lhes a teoria da escrevivência geopoética (Lopes; Njeri; Ponciano, 2020), que é uma forma de escrita situada que entrelaça a memória encarnada no corpo com os sentidos do território vivido. Nessa perspectiva, o ato de escrever nasce do chão e do corpo – é ao mesmo tempo raiz e fluxo, cicatriz e caminho. Inspirada pela noção de escrevivência, como propôs Conceição Evaristo, essa escrita ancora-se nas experiências concretas de sujeitos historicamente atravessados por violências, mas também por afetos, resistências e pertencimentos.

Quando atravessada pela geopoética, a escrevivência se abre a uma escuta sensível dos lugares, dos ventos, das águas, dos cheiros e das texturas da vida cotidiana. É a escrita como território em movimento, em que o gesto poético não é mero ornamento, mas uma prática de conhecimento – uma forma de pensar e sentir o mundo desde dentro, desde as margens, desde o chão.

Assim, a escrevivência geopoética é escrita que se faz ao ritmo do caminhar, da lembrança e da paisagem. Ela afirma a potência dos corpos em sua relação com o espaço, e dos territórios em sua força de marcar os corpos. É a escrita que se enraíza e se expande, que narra o vivido com uma ética do sensível e uma política do pertencimento.

#### 4 Achados preliminares: o que emergiu da pesquisa até o momento?

A pesquisa sobre geopoética revelou um campo transdisciplinar que conecta geociências, geografia e expressão artística, explorando a relação entre paisagem, subjetividade e criação poética. Fundamentada nas ideias de Kenneth White (1989), a geopoética propõe uma mudança de perspectiva na relação entre humanidade e natureza, enfatizando a experiência sensível dos espaços. Além disso, destaca-se a importância da territorialidade e da desterritorialização, conceitos de Deleuze e Guattari (1995), para compreender as dinâmicas de identidade, subjetividade e pertencimento.

A abordagem também se desdobra na noção de corpo-paisagem, que expressa a fusão entre sujeito e ambiente, reforçando a dimensão afetiva da interação com o território. Metodologicamente, a pesquisa alinha-se à abordagem pós-qualitativa, que valoriza a experimentação e a performatividade como formas de produção de conhecimento.

Além disso, alguns termos e relações-chave que emergiram desta primeira parte do estudo foram:

- **Paisagem e subjetividade:** a paisagem é percebida como cenário e como elemento ativo na construção da experiência humana, sendo que o ambiente somente se torna paisagem à medida que o humano interage com ele;
- **Escrevivência (geopoética) e marcas-feridas:** a escrita como forma de ressignificar experiências e transformar memórias de dor em potência criativa assume um viés mais centrado no despertar geopoético quando está baseada nas teorias apresentadas anteriormente;
- **Metodologia pós-qualitativa:** abordagem normalmente voltada para investigações que contemplam elementos da área das artes e que rompe com modelos tradicionais, enfatizando a experimentação, a sensibilidade e a criação de novas possibilidades de conhecimento para além dos métodos canônicos já estabelecidos.

#### 5 Considerações para seguir escrevivendo nossas experiências telúricas

A pesquisa evidenciou que a geopoética não se restringe a um campo teórico, mas manifesta-se como uma prática de existência que ressignifica a relação entre corpo, território e escrita. Ao reconhecer a paisagem como agente ativo na experiência humana, rompe-se com a visão dicotômica entre natureza e cultura, promovendo um olhar mais sensível e integrado sobre o mundo. Esse deslocamento epistemológico, esse despertar geopoético, abre espaço para a valorização de saberes situados e experiências encarnadas, ampliando as possibilidades de produção de conhecimento e de sentido daquilo que acontece às pessoas.

Além disso, ao articular conceitos como territorialidade, desterritorialização e corpo-paisagem, a pesquisa revelou a potência da geopoética como ferramenta de reconfiguração identitária e expressiva em contextos de dor e de trauma, pois entende-se que escrever é terapêutico e pode



auxiliar em processos de ressignificação desses sentimentos. A escrita surge, nesse contexto, como um ato de atravessamento e inscrição no mundo, permitindo que memórias, afetos e marcas-feridas transformem-se em matéria poética. Assim, a geopoética alinha-se, ainda, a perspectivas decoloniais ao desafiar fronteiras impostas e reivindicar outras formas de relacionar-se com o espaço e com a própria existência - já que processos colonialistas e capitalistas que estimulam a desigualdade social moldam dinâmicas que culminam com a vulnerabilidade climática e ambiental de certos grupos mais do que outros.

Por fim, a geopoética, como um fator agregador entre arte, filosofia e territorialidade, propõe um caminho alternativo para pensar e sentir o mundo, desestabilizando certezas e convidando à imersão em novas formas de habitar e narrar a realidade. Dessa forma, os resultados da pesquisa não apenas ampliam o entendimento sobre o tema, mas também estimulam práticas que reafirmam a potência da escrita como ato de existência e resistência.

## Referências

- AQUINO, Julio Groppa. A escrita como modo de vida: conexões e desdobramentos educacionais. **Educ. Pesqui.**, v. 37, n. 3, dez. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022011000300013>. Acesso em: 4 abr. 2025.
- BEATRIZ at dinner. Direção de Miguel Arteta. Produzido por Christine Vachon. EUA/Canadá: Killer Films, 2017. 1 DVD.
- BUENO, Francisco da Silveira. **Silveira Bueno**: minidicionário da língua portuguesa. 3. ed. São Paulo. FTD 2001.
- COLEMAN, Rebecca. A sensory sociology of the future: affect, hope and inventive methodologies. **The Sociological Review**, v. 65, n. 3, 525-543, 2013. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1111/1467-954X.12445>. Acesso em: 4 abr. 2025.
- COLLOT, Michel. **Poética e filosofia da paisagem**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel. 2013.
- CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos I**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 135-131.
- CORAZZA, Sandra Mara. Plano de imanência para o currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu; CORAZZA, Sandra Mara; ZORDAN, Paola (org.). **Linhas de escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 127-205.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- ELLINGSON, Laura L.; ELLIS, Carolyn. Autoethnography as constructionist project. In: HOLSTEIN, James A.; GUBRIUM, Jaber F. (eds.). **Handbook of constructionist research**. New York: The Guildford Press, 2008. p. 445-465.
- EVARISTO, Conceição. Escrivivências da afrobrasilidade: história e memória. **Revista Releitura**, Belo Horizonte, n. 23. 2008.
- HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, Fernando; BENAVENTE, Beatriz Revelles. La perspectiva post-cualitativa en la investigación educativa: genealogía, movimientos, posibilidades y tensiones. **Educatio Siglo XXI**, v. 37, n. 2, p. 21-48 21, 2019. <http://doi.org/10.6018/educatio.387001>. Acesso em: 4 abr. 2025.

KOZEL, Salete. Geopoética das paisagens: olhar, sentir e ouvir a “natureza”. **Caderno de Geografia**, v.22, n.37, p. 65-78, 2012. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/3418/3866>. Acesso em: 4 abr. 2025.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LATHER, Patti; ST. PIERRE, Elizabeth. Post-qualitative research. **International Journal of Qualitative Studies in Education**, v. 26, n. 3, p. 629-633, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09518398.2013.788752>. Acesso em: 4 abr. 2024.

LOPES, Maria Luiza de Oliveira Costa; NJERI, Aza; PONCIANO, Luiza Corral de Oliveira Martins. Luas de Ashanti: as Escrivivências geopoéticas no Ensino de Biologia. In: 7 JORNADA DE EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS DO MAR. n. 7, 2020. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Museu de Arte do Rio, 2020. p. 193-198.

MACEDO, Clarissa Moreira. Geopoética: contraponto à necropolítica. **Perspectivas**, v. 5, n. 2, dez. 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/perspectivas/article/view/11377/18289>. Acesso em: 4 abr. 2025.

MACHADO, Antonio. **Los proverbios y cantares de Antonio Machado**. Granada: Dauro Ediciones, 2014.

PAULA, Fernanda Cristina de. Sobre geopoéticas e a condição corpo-terra. **Geograficidade**, v. 5, n. especial, set./dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12928>. Acesso em: 4 abr. 2025.

POULET, Regis. A geopoética ou como abrir um mundo. **Institute International de Géopoétique**, 2022. Disponível em: <https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores/281-a-geopoetica-ou-como-abrir-um-mundo>. Acesso em: 4 abr. 2025.

RISSO, Luciene Cristina. Paisagens e cultura: uma reflexão teórica a partir do estudo de uma comunidade indígena amazônica. **Espaço e cultura**, Rio de Janeiro, nº 23. pp. 67-76, 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/3523>. Acesso em: 4 abr. 2025.

ROLIM, Conceição Myllena Fernandes. **Corpo paisagem**. 129 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal da Pernambuco, João Pessoa, 2019. Disponível em: [https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/19075/1/Concei%c3%a7%c3%a3oMyllenaFernandesRolim\\_Dissert.pdf](https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/19075/1/Concei%c3%a7%c3%a3oMyllenaFernandesRolim_Dissert.pdf). Acesso em: 4 abr. 2025.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 241-251, set./fev. 1993. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensamentocorpodevir.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2025.



SANTANA, Tayrine; ZAPPAROLI, Alecsandra. CONCEIÇÃO EVARISTO – “A escrevivência serve também para as pessoas pensarem”. **Itaú Social**, 9 dez. 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>. Acesso em: 4 abr. 2025.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. “Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Psicologia Política**, v. 17, n. 39, p. 203-219, maio/ago. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v17n39/v17n39a02.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2025.

ST. PIERRE, Elizabeth A. Uma história breve e pessoal da pesquisa pós-qualitativa: em direção à “pós-investigação”. **Revista Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 13, n. 3, p. 1044-1064, set./dez., 2018. <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.13i3.0023>. Acesso em: 4 abr. 2025.

TOMAZ, Camila Reis; CERQUEIRA, Danilo Rocha; PONCIANO, Luiza Corral de Oliveira Martins. Desporto da floresta: por uma orientação geopoética nas unidades de conservação. **Temas em Educação Física Escolar**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 76-91, ago./dez. 2021. Disponível em: [https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasemedfisicaescolar/article/view/3090/pdf\\_33](https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasemedfisicaescolar/article/view/3090/pdf_33). Acesso em: 4 abr. 2025.

WHITE, Kenneth. O grande campo da geopoética. **Institute International de Géopoétique**, 1989. Disponível em: <https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores/56-o-grande-campo-dageopoetica>. Acesso em: 4 abr. 2025.

## OS QUATRO ELEMENTOS E A IMAGINAÇÃO MATERIAL EM BACHELARD

KAPPAUN, Ivan Jeferson<sup>1</sup>;

<sup>1</sup> PPGEdU/Unisc, Bolsista PROSUC/CAPES – Modalidade II, e-mail: ivankappaun@gmail.com

### **Tema: Arte e Linguagens**

**Resumo:** O presente trabalho propõe uma reflexão fenomenológica sobre a imaginação material dos quatro elementos em Gaston Bachelard, visando tensionar modos de relação entre corpo e mundo. A partir da descrição fenomenológica, o estudo investiga como fogo, água, ar e terra configuram experiências sensíveis que excedem a racionalidade e revelam a potência poética da matéria. O devaneio emerge como experiência fundante, onde a criação se dá na errância e na escuta da vontade da matéria. Defende-se que a imaginação não reproduz o mundo dado, mas instaura mundos possíveis, convocando o humano a um retorno ao originário. Em meio a crises ambientais, argumenta-se que tal disposição imagética pode abrir outras formas de habitar o mundo. A casa da infância, enquanto imagem arquetípica, simboliza esse retorno sensível, em que a poética da experiência se realiza no gesto de fabricar, pensar e sonhar o mundo de forma encarnada na relação entre artes e educação.

**Palavras-chave:** Imaginação; Linguagem; Experiência; Mundo; Quatro elementos.

### **Introdução**

A imagem emerge e se enraíza no instante mesmo de sua criação, assim como o poeta só o é em ato, nem antes e nem depois. É o ato poético que inventa seus meios - irrepetíveis - e que faz do humano, que habita a linguagem poética, poeta. Desse modo, a temática do presente trabalho discorre acerca da imaginação material dos quatro elementos a partir dos escritos de Gaston Bachelard, para pensar sobre como nos relacionamos com o mundo, propondo uma relação mais encarnada com o mesmo e nos lançando em direção ao originário. Como modo de circunscrever um campo de pensamento assumo a abordagem fenomenológica, que me coloca como partícipe do fenômeno na pretensão de retornar às coisas mesmas. Da descrição fenomenológica, quero propor uma reflexão filosófica acerca de como a relação entre corpo e mundo, permeada pelos quatro elementos em Bachelard, a mim se mostra e se abre como possibilidade de habitar, na relação entre artes e educação, os tempos e espaços da escola com outros. A partir disso, problematizo modos redutores da experiência humana em habitar o mundo em linguagem e interrogo como a imaginação material e o devaneio sobre os quatro elementos pode oferecer a abertura para outras experiências de vida. Bachelard (1989; 1990a; 1990b; 1991; 1999) explora a imaginação material nos quatro elementos, com destaque ao fogo como metáfora da transformação. O fogo aquece memórias e convida ao devaneio consciente, evocando desejo, temor e renovação. Essa imaginação combina elementos e impulsiona a criação, transcendendo a necessidade imediata do cotidiano. Na travessia dos elementos, o devaneio se inscreve como experiência que excede o visível e ressoa no corpo, na matéria e no tempo. Do fogo que consome e transmuta à água que flui e dissolve, do ar que eleva ao solo que acolhe, cada um convoca gestos e afetos singulares, instaurando um campo sensível onde a imaginação se faz presença. Entre resistência e maleabilidade, a matéria não se deixa dominar sem oferecer sua própria vontade, e a mão que modela, sonha. A imaginação criadora não é mera reprodução do mundo dado, mas um convite ao encontro com aquilo que se revela no ato mesmo de fabricar. Assim, nos ritmos da mão e da matéria, a poética da experiência se realiza - não como



fim, mas como errância incessante, onde o humano se dá a ver naquilo que insiste em sonhar. A pesquisa sobre a imaginação poética revela um retorno ao desconhecido, e a casa da infância emerge como metáfora potente para o retorno ao originário. A imaginação poética cria novas imagens que abrem portas para mundos possíveis, desafiando a percepção racional do mundo. A partir de tais considerações, penso que o fenômeno de habitar o mundo requer a emergência de um pensamento que considere o retorno ao originário, que busque e tensione sentidos outros para os modos como nos relacionamos com o mundo. Diante dos eventos climáticos que tornam-se, infelizmente, cada vez mais frequentes, urge a necessidade de repensarmos nossa relação com o mundo e a disposição imagética - do devaneio diante da materialidade do mundo - pode ser um potente modo de abertura para experiências mais mundanas.

## Da imaginação material como aderência ao mundo

Para Bachelard (1988), o poeta não confia o passado de sua imagem, mas suas imagens se enraízam imediatamente em mim. Assim como o poeta, de acordo com Paz (1982), não o é antes do poema, tampouco o é depois; é o poema que faz o poeta no ato mesmo de criação do poema. “Cada poema é um objeto único, criado por uma ‘técnica’ que morre no instante mesmo da criação. A chamada ‘técnica poética’ não é transmissível porque não é feita de receitas, mas de invenções que só servem para seu criador” (Paz, 1982, p. 20). A imagem, portanto, emerge no próprio ato poético, na intencionalidade gestual do poeta que, como metáfora de si, se faz. É relação: a imagem não pertence a seu criador, tampouco a própria imagem - assim como o sabor da maçã não está na maçã, nem na boca, mas sim na mordida. É esse mistério do entre, das relações, que assumo o gesto poético como modo de exitar e exercitar a liberdade. Vale destacar que a liberdade aqui defendida em nada deve a ditames e paradigmas, mas emerge da repetição, do exercício, da experiência de e em linguagem. O poético é manifestação da liberdade no vivido - experiência estésica de habitar o mundo que, por sua vez, é modo de pensamento. Toda vivência produz um saber que permite ao humano aprender modos de habitar a existência e sem a qual a vida seria impossível. E é essa intencionalidade de estar sendo no mundo que garante o caráter ontológico do humano.

Para Bachelard (1988), é preciso viver a imagem no minuto da imagem. De acordo ainda com o pensador francês, é preciso que se aprenda a imaginar, uma vez que não é um atributo humano hereditário. Creio tratar-se de uma habilidade recursiva, na qual o humano aprende a imaginar como exigência de habitar e conhecer o mundo. E aqui pontuo a abertura para discorrer brevemente acerca da imaginação material em Bachelard (1999; 1989; 1990a; 1990b; 1991), motivado por meus devaneios e memórias aquecidos pela chama da rememoração, lembrando que toda narrativa se manifesta no presente, ainda que se refira a um passado que já não nos pertence. Acredito importante destacar que o pensamento de Bachelard vai mudando conforme escreve suas obras dedicadas aos quatro elementos e vai substituindo a busca pela verdade e explicação da imaginação material pela questão do sentido, mesmo porque a escrita é modo de pensar - para pensar diferente.

Em *A psicanálise do fogo*, Bachelard (1999) nos oferece várias imagens e provoca ao propor que o fogo esquentar a memória. “O fogo é bem-estar e respeito. É um deus tutelar e terrível, bom e mau. Pode contradizer-se, por isso é um dos princípios de explicação universal” (Bachelard, 1999, p.12). Lembro do fascínio que o fogo sempre me provocou e ainda provoca. O que posso lembrar desse fascínio são os ecos dessa experiência mundana de enfrentamento e medo. Sempre que podia fazia fogueiras, só pelo prazer de ver a matéria se transformando - o prazer do devaneio contemplativo diante do fogo. “O fogo encerrado na lareira foi certamente o primeiro tema de devaneio para o homem, símbolo do repouso, convite ao repouso” (Bachelard, 1999, p.23), mas o filósofo alerta para que, diante do fogo, é preciso repousar sem dormir. É convite ao devaneio que, diferente do sonho, requer certo grau de consciência. Minha lareira foi o fogo a lenha.

Bachelard faz fenomenologia, não oferece explicações. Da palavra escrita, vai contornando aspectos de como o fenômeno da imaginação material se lhe apresenta. Isso não significa que, para o filósofo francês, se um poeta esteja associado à imaginação ígnea não possa se relacionar com as demais dimensões elementares - seja a imaginação aérea, hídrica ou terrestre. “O rochedo é indispensável para contemplar o mar” (Bachelard, 1991, p.303). Também não afasta a dimensão originária dos quatro elementos, assim como o fizeram, a seu modo, os filósofos pré-socráticos.

A imaginação material, a imaginação dos quatro elementos, ainda que favoreça um elemento, gosta de jogar com as imagens de suas combinações. Quer que seu elemento favorito impregne tudo, quer que ele seja a substância de todo o mundo. Mas, apesar dessa unidade fundamental, a imaginação material quer guardar a variedade do universo. A noção de combinação serve para esse fim. A imaginação formal tem necessidade da ideia de composição. A imaginação material tem necessidade da ideia de combinação (Bachelard, 1989, p.97).

Do fogão a lenha na cozinha de minha antiga morada, a chama que convidava ao devaneio, assim como o devaneio atualizado diante do fogo, me remete a uma dimensão originária. Da sedução da chama insinuante, há o desejo de estar em relação com ela - uma amante exigente que convida e, ao mesmo tempo, repele. Dialética entre o aconchego e a dor - transcende a necessidade habitual. “O homem é uma criação do desejo, não uma criação da necessidade” (Bachelard, 1999, p.25).

Por ser o elemento que provoca a transformação mais radical, o fogo convoca o desejo de mudança, acelera o tempo e leva a vida a seu termo e além. Transcendência e transformação que, pelo devaneio, põe o humano frente ao originário. Pelo fogo a transformação é dramática e destrutiva, mas também é o apelo para a renovação, para vir a ser tudo aquilo que antes não podia. O mesmo fogo que queima, arde e destrói, é aquele que desde tempos imemoriais, possui todo tipo de virtudes - proporciona saúde, purificação, bem-estar, segurança, força. É do devaneio diante do fogo que a humanidade, como podemos imaginar, também imaginou e imaginou-se. “A fenomenologia primitiva é uma fenomenologia da afetividade: fabrica seres objetivos com fantasmas projetados pelo devaneio, imagens com desejos, experiências materiais com experiências somáticas e fogo com amor” (Bachelard, 1999, p.58).

Pelo fogo tudo muda - é penetrante e se insinua ao interior das coisas, à intimidade do ser - chega onde o olhar não chega e a mão não entra. As mudanças pelo fogo são profundas e definitivas. O fogo convoca o zelo, o cuidado para ativá-lo ou abrandá-lo quando necessário. Que fenomenológico era o jogo de manter a chama ativa depois de quase deixá-la perder-se - como a fênix que ressurgue das cinzas, com um pouco de combustível, o fogo retomava sua graciosa e sedutora dança, consumindo a si mesma para ser - “é preciso encontrar o ponto de fogo que marca uma existência” (Bachelard, 1999, p.86). Que poder inebriante esse do devaneio pelo fogo e é no limiar extremo do devaneio que a imaginação opera, como uma chama - é metáfora da metáfora, quando transforma formas anteriormente transformadas, em pleno exercício de experiência.

O fogo, por ser imemorial, “constitui a matéria privilegiada do *rêve* e da *rêverie* e que se manifesta nas lendas, nos mitos, nas “teorizações” inconscientes da infância” (Felicio, 1994, p.20). Para Bachelard (1989a), o fogo é uma força que nos força a imaginar e um dos maiores “operadores de imagens”. Todo devaneio diante da chama é filho de uma admiração que se enraíza nos mais profundos redutos do ser. “A chama é um mundo para o homem só” (Bachelard, 1989a, p.12). Da admiração diante do fogo, o sonhador inflamado fala consigo mesmo, momento em que emerge o poético.

Do fogo à água, acredito ser este o elemento que mais me identifico, ou pelo menos, aquele que me provoca imagens mais primordiais. Não foram poucas as vezes que me vi à beira do arroio



que ficava próximo da velha morada. A fluidez da água que segue seu curso é um convite ao devaneio. “Não posso sentar perto de um riacho sem cair num devaneio profundo, sem rever minha ventura... Não é preciso que seja o riacho da nossa casa, a água da nossa casa. A água anônima sabe todos os segredos. A nossa lembrança sai de todas as fontes” (Bachelard, 1989, p.9). O devaneio diante da água é melancólico - “o sofrimento da água é infinito” (Bachelard, 1989, p.7). A água é o elemento da transitoriedade por essência e educa uma imaginação aberta tanto ao mistério do insondável quanto o milagre de uma força que jamais cessa. A vertigem do devaneio pela água substancializa o ser que morre a cada instante. “Contemplar a água é escoar-se, é dissolver-se, é morrer” (Bachelard, 1989, p.49). No eterno fluir, sempre a correr, sempre a cair, a horizontalidade mórbida da água nos expõe diretamente à transitoriedade da vida, mas não como interrupção da vida e sim do reconhecimento da finitude como modo de viver verdadeiramente. E é por isso que a água que flui também nos oferece o sentimento de pureza.

Para que o devaneio encontre eco, é preciso que vá ao encontro de sua matéria, que encontre seu elemento material que lhe ensine sua poética. Para Bachelard (1989), há certas formas poéticas que se alimentam de um duplo materialismo que insiste na imaginação material - é um jogo em que o elemento busca uma união ou um combate, modos de apaziguar ou de excitar. Desse modo, uma gota de água pura é suficiente para purificar um oceano inteiro e uma gota de água impura pode contaminar um universo. A água imaginária aparecerá como o elemento das transações, cerne das misturas. Bachelard dará especial atenção para a mistura entre água e terra e anuncia a abertura para pensar a amassadura e a modelagem como modo relacional entre a causa formal e a causa material. “Na experiência das massas, a água surgirá claramente como a matéria dominadora. É nela que pensaremos quando desfrutamos, graças a ela, da docilidade da argila” (Bachelard, 1989, p.15).

Na amassadura, não há geometria, nem aresta, nem corte. É um sonho contínuo. É um trabalho em que se pode fechar os olhos. É, pois, um devaneio íntimo. E depois, ele é ritmado, num ritmo que toma o corpo inteiro. É, portanto, vital. Tem a característica predominante da duração: o ritmo (Bachelard, 1989, p.112).

Ritmo que só o corpo em ato pode aprender e operar. Aquilo que a visão nomeia só a mão pode conhecer. Verticalismo da experiência de habitar a existência - “O passado de nossa alma é uma água profunda” (Bachelard, 1989, p.55). Pelo corpo, pela mão que sonha, se institui a dialética entre os mais doces devaneios e o mais pesado labor. Para Bachelard (1989), a mão também sonha; conhece a matéria em sua mais profunda intimidade. Matéria que, para o filósofo francês, é o inconsciente da forma. O escultor, diante da dureza de sua materialidade específica, é servidor da causa formal, busca a forma pela eliminação do informe. Já o modelador, encontra a forma pela deformação, por um estofo que sonha o amorfo. “O modelador é quem está mais perto do sonho íntimo, do sonho vegetante” (Bachelard, 1989, p.113).

Não é gratuitamente que a argila é tema recorrente de devaneios - centralidade na potência plástica da imaginação criadora. Devaneios que jamais se esgotam esse da imaginação material e que o humano jamais cessa de trabalhar, pois nunca finda de sonhá-la. “As formas se completam. As matérias, nunca. A matéria é o esquema dos sonhos indefinidos” (Bachelard, 1989, p.118). Entretanto, para uma apreensão de um fenômeno, são necessários a simultaneidade de uma intenção formal, uma intenção dinâmica e uma intenção material. Da intencionalidade do gesto que conheço o mundo e o que posso conhecer dessa relação é a simultaneidade das forças e resistências que a matéria me oferece e permite. Desse jogo material emerge o mundo, como espelho do meu tempo e como reação às forças que aplico; como manifestação da minha vontade, mas também como resistência adversa a essa vontade. “Que seria uma resistência se não tivesse uma persistência, uma profundidade substancial, a profundidade mesma da matéria?” (Bachelard, 1991, p. 17).

No âmbito da imaginação, a resistência sensível provoca devaneios dinâmicos na mesma medida que os devaneios vão despertar uma resistência adormecida no cerne da matéria. E é pela mão que o humano desperta a matéria em um gesto genésico que transcende a árida cisão entre sujeito e objeto. Pela fabricação, mão e matéria animam-se mutuamente e a mão que insiste desfruta do acolhimento da matéria. Na imaginação há um equilíbrio, uma síntese de resistência e maleabilidade, em um jogo de forças que se aceitam e se repelem. É importante compreender que, para Bachelard (1991), a mão tem seus devaneios e sua poesia.

Todo pensamento que desencadeia uma transfiguração da realidade é transformativo do corpo e dos acontecimentos mundanos: na simultaneidade que engendra pensamentos, inventa realidades através do corpo operante que transforma a matéria, trazendo à tona a valorização da mão artesã, trabalhadora, ativa, capaz de metamorfosear as coisas em outra ordem. (Pohlmann; Richter, 2008, p. 916)

A ação imaginante que nos fala Bachelard nos põe em relação com a imagem nova. A imaginação não é a capacidade de formar imagens, mas antes de libertar-nos das imagens primeiras, de mudar as imagens. Lembrando que a imagem é variacional. Desse modo, a imaginação é fundamentalmente aberta e evasiva, ou melhor, é a própria experiência de abertura, a própria experiência da novidade. A imagem acabada e estável faz morrer a imaginação. O poético aspira, essencialmente, imagens novas. “Pela imaginação abandonamos o curso ordinário das coisas. Perceber e imaginar são tão antitéticos quanto presença e ausência. Imaginar é ausentar-se, é lançar-se a uma vida nova” (Bachelard, 1990a, pg. 03). Tal lançamento exige imersão para além das formas, exige requisitar a matéria como modo de materializar o imaginário. Essa imaginação criadora dos quatro elementos engendra complexas imagens que transcendem em muito uma filiação direta a um ou outro elemento, pois nenhum dos quatro elementos é imaginado em sua inércia. Cada elemento é imaginado em um dinamismo particular.

Pensar o dinamismo elementar me leva, invariavelmente, à casa da infância. Da imaginação ígnea, passando pela imaginação hídrica, subo no pé de plátano<sup>1</sup> e me lanço ao devaneio aéreo. Ainda que o fogo se projete para cima, são os fenômenos aéreos que nos oferecem imagens de subida, de ascensão. Do alto do plátano assumo o devaneio do voo como modo de acolher o mundo que vem ser mundo em mim. “O ser voante, em seu próprio sonho, declara-se inventor de seu voo. Forma-se assim, na alma do sonhador, uma consciência clara do homem que voa” (Bachelard, 1990a, pg. 21). Da dialética da leveza e do pesado, o sonhador aéreo experimenta todas as dialéticas da alegria e da dor, do bem e do mal, da atividade e da passividade. Para voar, é preciso desejar. Um desejo genuíno de remontar ao imemorial.

É isso que nos faz a imaginação ao nos devolver as imagens dinâmicas primeiras - “a aglomeração das nuvens só é uma escada quando se deseja subi-la, quando se deseja - do fundo da alma - ir mais alto” (Bachelard, 1990a, p. 46). Para a imaginação dinâmica do voo, o primeiro que voa é o próprio sonhador. O voo onírico tem princípios profundos, admite que as asas são consequência do voo - não se voa porque se tem asas, mas se tem asas porque se voa. O voo onírico é originário, institui imagens primordiais. O desejo e a imaginação são aspectos de uma mesma força - só deseja quem sabe imaginar, e a imaginação que instaura o desejo se junta ao desejo de imaginar - de viver o que se imagina. Desejo de voo que me lançava ao devaneio de enfrentar a vertigem da verticalidade dialética entre o leve e o pesado no alto do plátano - “a alegria aérea é liberdade” (Bachelard, 1990a, p. 136).

1 Na frente da minha casa de infância havia um grande plátano centenário, palco de muitas brincadeiras e reduto de muitas imagens primeiras.



Liberdade que emerge do exercício, da disciplina, da repetição necessária para alcançar o diferente. A mão aprende seus meios e, pela repetição, vai apreendendo a matéria. Do devaneio terrestre emerge a argila do outro lado do arroio. Aquela que me molda e convida para ser um. Aquela que veio ser argila em mim, na intencionalidade mesma do gesto modelador. Bachelard (1990b), em *A terra e os devaneios do repouso*, dirá que as matérias terrestres excitam no corpo a vontade de trabalhá-las - tornam-se íntimas. A imaginação terrestre tem suas bases calcadas nas imagens da dureza e da moleza. “Com a palavra duro, o mundo expressa a sua hostilidade e, em resposta, começam os devaneios da vontade” (Bachelard, 1991, p.51). Vontade que exige a ação do gesto intencional da mão que insiste contra essa dureza. Para Pessanha (1988), a mão criadora e autônoma - por isso feliz - sonha seus próprios sonhos, enfrenta os desafios concretos de um mundo concreto, movida pela vontade de poder e pelo poder da vontade - motor dos devaneios.

Para Bachelard (1991), o devaneio da imaginação material é o que adere o humano ao mundo e lamenta que os sistemas educacionais não ofereçam diferentes materialidades para que a mão possa aprender a se aderir ao mundo, tal como o faziam os alquimistas. “A alquimia contém igualmente inumeráveis lições para uma doutrina da imaginação material, imaginação tanto mais sincera pois solicita uma adesão total à vida do universo” (Bachelard, 1991, p.202). Bachelard diz da imaginação terrestre como criadora de imagens do repouso, do refúgio e do enraizamento – é o arquétipo da mãe terra. A casa, o ventre, a caverna, são imagens que bebem nas fontes do repouso e conservam a marca do retorno à mãe. Talvez seja essa a força originária do retorno à morada que proponho. “A gruta é uma morada. É a imagem mais clara. Mas exatamente por causa do apelo dos sonhos terrestres, essa morada é ao mesmo tempo a primeira e a última morada. Torna-se uma imagem da maternidade, da morte” (Bachelard, 1990b, p.159). Vale lembrar que as imagens que emergem do exercício imaginativo são antes purificações dos arquétipos do que reproduções da realidade.

Uma pesquisa em educação que propõe pensar a imaginação poética adentra o desconhecido, o incerto, o instável e as imagens da velha morada, da casa natal, da paisagem que um dia habitamos, nos oferecem segurança e conforto diante da instabilidade que é ultrapassar o reino dos fatos. Nessa comunhão do humano com a casa - do eu com a casa de pedra - as relações transcendem em muito e ignoram qualquer referência à formas geométricas e conceitos arquitetônicos - o espaço habitado não é geométrico. A fenomenologia da imaginação nos alerta para não transformar as imagens em meros meios de expressão - é preciso viver as imagens como acontecimentos da própria vida, como um vir a ser originário - quando a imagem é nova, é gênese de um novo mundo. É tentador considerar a casa pelos meios racionais e não se pode ignorar sua dimensão material - visível e tangível. “É feita de sólidos bem talhados, de vigas bem encaixadas. A linha reta predomina. O fio de prumo deixou-lhe a marca de sua sabedoria, de seu equilíbrio” (Bachelard, 1993, p.63). Entretanto, a casa não escapa da metáfora e o humano é transportado imediatamente para um espaço de conforto íntimo - o humano é transportado para o âmbito do onirismo e da imaginação.

O que tensiono interrogar acerca da imaginação poética a partir de Bachelard é compreender como o meu retorno à morada perpassa a imaginação material e como isso emerge na relação entre artes e educação nos tempos e espaços da escola. “O ser do devaneio atravessa sem envelhecer todas as idades do homem, da infância à velhice. Eis por que, no outono da vida, experimentamos uma espécie de recrudescimento do devaneio quando tentamos fazer reviver os devaneios da infância” (Bachelard, 1988, p.96). A admiração diante de imagens novas, que me confrontaram com meu eu da infância, e o esforço fenomenológico diante do maravilhamento de habitar a existência, me conduziu a um retorno a mim mesmo. Desse modo, penso que a imagem da casa da infância é potente metáfora para o retorno ao originário. Originário como modo de pôr mundo - “uma imagem poética pode ser o germe de um mundo, o germe de um universo imaginado diante do devaneio de um poeta” (Bachelard, 1988, p.1). E é justamente essa a exigência fenomenológica em relação às

imagens: enfatizar a virtude de origem que é a imaginação. Para Bachelard (1988), a imagem poética, justamente por ser nova, cria abertura para o vir a ser da linguagem.

Para Pessanha (1988), é tarefa da filosofia e das artes recuperar e incorporar as raízes primordiais dos mitos e devaneios na originária aderência do humano ao corpo do mundo. E é nessa intenção que Bachelard (1993) resgata o espaço como lugar singular de intimidade e abrigo - seja a casa, a concha, o cofre, o ninho, a gaveta, todos cenários onde a vida insiste no corpo e se tornam moradas dos afetos e da imaginação poética. Mundo que amplifica sentidos quando “tocado de perto em sua concretude diversifica-se, decompõe-se, pela ação da mão que escolhe, arbitra, decide, cria, em pleno reino da imaginação material, que reconhece a resistência do mundo” (Pessanha, 1988). Reconhecimento que só pode ser feito pela mão, no qual o corpo opera e atualiza a própria ação imaginante. Intencionalidade gestual da mão obreira que “aprende a dinamogenia essencial do real, ao trabalhar uma matéria que, ao mesmo tempo, resiste e cede como uma carne amante e rebelde” (Pessanha, 1988).

## Considerações finais

Das virtudes dos começos, do devaneio poético e da imaginação material, da admiração diante do fenômeno de ser corpo no e do mundo, do sentimento de intimidade e conforto que o retorno à morada oferece, da verticalidade da imaginação criadora, da errância como modo fenomenológico de caminhar, quero conservar o mistério que é adentrar ao mundo e, em linguagem, fundar o mundo. É essa a potência do devaneio que me lança à infância na velha morada, de restituir a beleza das imagens primeiras. “Numa filosofia dialética do repouso e do ato, do devaneio e do pensamento, a lembrança da infância afirma bem claramente a utilidade do inútil” (Bachelard, 1988, p.110). Dimensão arquetípica que nos faz acreditar e amar o mundo e, não somente, como também promove aberturas e nos faz criar o mundo. “E o devaneio voltado para a infância devolve-nos às virtudes dos devaneios primeiros. A água da criança, o fogo da criança, as árvores da criança, as flores primaveris da criança...” (Bachelard, 1988, p.119). Que potência languageira de habitar a existência em um mundo comum!

Diferentemente do sonho (*rêve*) noturno, a *rêverie* não se reduz ao seu ser derivado, isto é, como um pouco de matéria noturna esquecida na clareza do dia. Não há continuidade do *rêve* para a *rêverie* sob a forma de uma queda do primeiro com relação à segunda. A *rêverie* diurna é estudada diretamente, enquanto necessária ao equilíbrio psíquico. Não se identifica com uma atividade do espírito emigrando do mundo material para o da lembrança ou da imagem, mas, pelo contrário, designa um retorno ofensivo do espírito à matéria. É afrontamento ativo, dinâmico, penetrando no mundo das coisas, e não uma evasão para o vago e difuso. É a concepção de que a *rêverie* toma em *La Terre et les rêveries du repos*; em *La Poétique de la rêverie*, a adjunção da *rêverie* ao *rêve* é o índice de uma necessidade de se colocar no feminino tudo que há de envolvente, além da designação muito masculina de nossos estados de alma. O que se apreende é que o instrumento da *rêverie* é o corpo em sua função sensível. Para este, a matéria não é objeto de uma percepção objetiva, mas é “lida” e conhecida através da memória corporal. A imaginação material está intrinsecamente ligada a *rêverie*, que por sua vez se liga o corpo em sua função sensível de mediação, dificilmente transcritível. Para descrever as mediações, há necessidade de uma linguagem que seja ao mesmo tempo invenção constante e deciframento profundo. E, para que essa linguagem seja possível, é preciso que possa comunicar em termos racionais o que é “obscuro” e intransmissível, porque “subjetivo”. O lugar da *rêverie* bachelardiana não é somente o corpo, mas mais exatamente o corpo como linguagem (Felicio, 1994, p.39-40, grifos da autora).



O trecho acima faz uma boa síntese do caminho percorrido por Bachelard, até chegar ao corpo como linguagem - discussão que muito me interessa. Por admitir a polissemia da linguagem, a compreensão do mundo pela razão se desfaz como modo unívoco e adequado. Pela poética do devaneio, Bachelard (1988) substitui o problema da verdade pelo do sentido. Para Paz (1982, p.120), “a realidade poética da imagem não pode aspirar à verdade. O poema não diz o que é e sim o que poderia ser”.

A poética de Bachelard inicia um trabalho de decifração dos elementos enquanto arquétipos inconscientes e, por conseguinte, enquanto formações simbólicas que nada tem a ver com os mesmos elementos considerados do ponto de vista científico, isto é, de sua natureza físico-química. Os elementos poéticos se constituem como sentido, e não como dados ou constructa científicos. A poética busca o elemento em sua “intimidade” simbólica. Assim, por exemplo, descobrir-se como pertencente ao Fogo é sentir-se chama, impulso, brilho. O elemento que domina as rêveries é portanto uma disposição íntima tanto quanto uma realidade objetiva; daí a relação micro-macrocosmo. Estabelece-se a união eu-coisa em um determinado elemento privilegiado, que não é de ordem puramente física. O elemento se torna orientação, tendência. E o que orienta as tendências são as imagens primitivas (arquétipos). (Felicio, 1994, p.41, grifos da autora).

Bachelard entende a imaginação material como algo profundamente enraizado em nossas experiências cotidianas, memórias e emoções, que vão moldando os espaços e nos confrontando com novas experiências. Penso que essa seja a grande contribuição da imaginação material à educação em artes, uma vez que permite ex-pôr o corpo ao mundo na errância de operar linguagem na dialética entre insistência e resistência – entre a mão operante que aprende a manusear a matéria que, por sua vez, oferece uma resistência necessária para a efetivação de mundo. A imaginação, desse modo, vai ao material não somente para moldá-lo, mas também para se nutrir dele. Não é demais repetir: a imaginação vai ao real e não provém dele.

## Referências

BACHELARD, Gaston. A água e os sonhos. São Paulo: Martins Fontes, 1989. BACHELARD, Gaston. A poética do devaneio. São Paulo: Martins Fontes, 1988. BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1993. BACHELARD, Gaston. A psicanálise do fogo. São Paulo: Martins Fontes, 1999. BACHELARD, Gaston. A terra e os devaneios da vontade. São Paulo: Martins Fontes, 1991. BACHELARD, Gaston. A terra e os devaneios do repouso. São Paulo: Martins Fontes, 1990b.

BACHELARD, Gaston. O ar e os sonhos. São Paulo: Martins Fontes, 1990a.

FELICIO, Vera Lucia G. A imaginação simbólica nos quatro elementos bachelardianos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

PAZ, Octávio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PESSANHA, José Américo Motta. *Bachelard e Monet: o olho e a mão*. 1988. Artepensamento. Disponível em: <https://artepensamento.ims.com.br/item/bachelard-e-monet-o-olho-e-a-mao/>. Acesso em: 18 nov. 2023.

## **“RETRATOS DESCONHECIDOS” NO VALE DO TAQUARI: A FOTOGRAFIA COMO SUPORTE E EXPRESSÃO DE MEMÓRIA**

MENEGUZZI, Guilherme Martins<sup>1</sup>  
RIBEIRO, Paola Caroline Soares da Silva<sup>2</sup>,  
WENDT, Lucas George<sup>3</sup>

<sup>1</sup> UFRGS, guilherme.meneguzzi@gmail.com;

<sup>2</sup> UFRGS, paolacs.ribeiro@gmail.com

<sup>3</sup> UFRGS, lucas.george.wendt@gmail.com

### **Tema: Arte e Linguagens**

**Resumo:** O presente artigo investigou o papel da fotografia na preservação da memória coletiva em comunidades afetadas por desastres ambientais, com foco nos registros produzidos por Brian Baldrati durante as inundações de 2024 no Vale do Taquari (RS). O objetivo foi analisar como os retratos e relatos coletados contribuíram para a construção de narrativas de pertencimento, resiliência e continuidade. Para isso, foram examinadas quatro amostras visuais, observando-se aspectos éticos, técnicos e simbólicos. Os resultados evidenciam que, ao evitar a espetacularização da dor, as imagens promoveram representações dignas dos sujeitos fotografados, atuando como âncoras visuais da memória local. Concluiu-se que essas fotografias possuem potencial para uso em práticas educativas e culturais voltadas à justiça ambiental, contribuindo para o fortalecimento de vínculos comunitários e para o estímulo de políticas públicas voltadas à prevenção e ao cuidado em contextos de crise.

**Palavras-chave:** Imagens; Memória; Enchentes; Vale do Taquari; Documentação Visual.

### **Introdução**

A fotografia surgiu no século XIX como uma ferramenta documental, mudando como as pessoas se relacionam com a passagem do tempo. À medida que a tecnologia se tornou mais acessível, a fotografia se estabeleceu como um meio de registrar histórias pessoais, práticas culturais e eventos históricos — incluindo o ser humano, as suas relações e o ambiente. A capacidade da imagem de criar registros que se perpetuam a tornou útil tanto para a preservação da memória individual quanto coletiva, uma vez que a fotografia serve como elo entre o passado e o presente. Atua também como evidência de momentos vividos e como catalisadora para a produção da memória. Embora as fotografias em si não sejam memórias, são ferramentas para estabelecer a memória pessoal e coletiva. Elas auxiliam as pessoas a processar, a preservar e a reconstruir suas experiências. Ademais, dados os recentes desastres ambientais de 2023 e de 2024 ocorridos no Rio Grande do Sul (RS), considera-se a região do Vale do Taquari como um exemplo de lugar de perpetuação das memórias traumáticas da população local que passou por duas inundações recentes.

Diante do cenário de pós-destruição imediata, o fotógrafo Brian Baldrati registrou, no projeto Retratos Desconhecidos, amostras da história visual e da história oral de gaúchos desta região. Com atuação no campo há mais de 10 anos, Baldrati tem como um dos seus focos retratar a diversidade de experiências e a vida do povo brasileiro. A motivação para vir ao RS surgiu pelo desejo de utilizar a fotografia e o alcance do próprio trabalho em prol de uma contribuição social que fosse capaz de alcançar alguém anônimo, pelo menos até o momento. Sem ter anteriormente presenciado uma catástrofe dessa magnitude, o fotógrafo (psicólogo de formação) partiu rumo ao RS ciente que encontraria fragilidades com as quais é necessário cuidado ao abordar. Evidentemente, a formação



na área da psicologia o qualifica como um profissional com conhecimento e com habilidade de lidar com o ser humano. Logo, isso se reflete no resultado delicado do seu trabalho.

O universo de imagens de fotografias documentais — de paisagens e de retratos — é autoral. Brian Baldrati reconhece a fotografia como arte e como recurso para a expressão de sentimentos. Usa a câmera com liberdade e com flexibilidade como um instrumento para se unir às pessoas, uma a uma. Após viajar por 60 países, o artista carrega consigo, simbolicamente, uma bagagem cultural evidenciada pela singularidade de seu olhar, materializado na diversidade de pessoas capturada pelas lentes de sua câmera, cuja experiência é parte do processo compartilhado nas redes sociais. Não menos importante, Baldrati está desvinculado da imprensa e de qualquer veículo de comunicação. Dessa forma, o fotógrafo garante autonomia nos princípios que guiam suas decisões e está desassociado de produções destinadas a uma abordagem midiática tendenciosa, o que seria um indício relevante numa situação de desastre ambiental.

A Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA), assim como outros órgãos e instituições, registra o desastre hidrológico de 2024 como o maior do estado do RS, superando o marcante desastre anterior ocorrido em 1941. As consequências do evento recente vão desde o óbito de quase 200 pessoas até milhares de desalojados e de desabrigados. No que tange a infraestrutura, houve centenas de escolas danificadas, mais de 250 estradas com trechos comprometidos e 140 pontes afetadas, o que significa localidades temporariamente isoladas e sem acesso a suprimentos e a serviços básicos. Os setores de energia, de pecuária, de indústrias, de comércios e de serviços públicos, incluindo hospitais, não foram imunes aos prejuízos, que foram estimados na ordem de bilhões de reais em relação ao PIB.

Esse cenário trágico trouxe para o debate público, inclusive através de especialistas, uma contextualização para situar o estado gaúcho e o Brasil em relação à suscetibilidade com a qual certamente teremos que lidar ao longo dos próximos anos no universo das mudanças climáticas. O RS possui características de bacias hidrográficas com “grandes altitudes, elevadas declividades e baixa profundidade dos solos” singulares no país. A combinação disso com chuvas de grande magnitude, duração, intensidade e abrangência formaram as condições que resultaram no desastre das inundações.

Dada a extensão da tragédia no Rio Grande do Sul e o impacto que teve no país — um exemplo para um futuro próximo no qual o convívio com os impactos das mudanças climáticas será a tônica —, o trabalho de Baldrati é uma forma de registrar e de interpretar as vivências desses milhares de brasileiros. Sendo assim, questiona-se: como a fotografia pode ser uma ferramenta de preservação da memória em contextos de desastres ambientais? Portanto, esta pesquisa objetiva analisar o papel da fotografia documental na construção e na preservação da memória de comunidades afetadas por desastres ambientais, com foco nos registros visuais e orais, compreendendo como isso auxilia na formulação de estratégias de construção de memória social. Os resultados preliminares são baseados na interseção entre os campos da História, da Memória e da Fotografia, e as imagens de Baldrati. Com a análise inicial permite-se identificar que as fotografias e os registros audiovisuais do fotógrafo, como documentos históricos das inundações, são fontes de informação, de expressão de memória, de preservação e de difusão de experiências individuais e coletivas representativas da população local. Logo, estas imagens são elementos destes momentos que trazem para o debate público e auxiliam na compreensão de um conjunto de questões sociais atreladas a essa tragédia. Percebe-se, ainda, o potencial de capitalizar e de promover a consciência social para que outras pessoas vejam, compreendam e ajam no auxílio e na reconstrução local, buscando amenizar o sofrimento vinculado à catástrofe.

## **Fotografia e Memória em Diferentes Contextos**

Fotografia e memória estão interligadas, compartilhando processos de registro e preservação de imagens que nos permitem relembrar eventos e experiências passadas. Como Frihammar (2020) observa, fotografia, arquivo e memória estão conectados. Memória e fotografia envolvem o processo de registro de imagens que podem ser usadas para relembrar o passado. Neste aspecto, a própria memória é frequentemente caracterizada como um arquivo: um depósito de coisas, significados e imagens (Frihammar, 2020). Essa conexão forma a base para entender como a fotografia funciona na documentação de crises e desastres ambientais.

A evolução da tecnologia fotográfica transformou esse relacionamento. O que antes era um bem raro e valioso tornou-se comum e, finalmente, um meio abundante (Adams, Kopelman, 2021). Esse avanço tecnológico democratizou a fotografia, tornando-a uma ferramenta cada vez mais importante para registrar experiências fora dos arquivos institucionais tradicionais (Adams, Kopelman, 2021; Reading, 2003; Benzaquen, 2014). À medida que a documentação visual se tornou mais acessível, a fotografia assumiu papéis além da manutenção da memória pessoal, estendendo-se à documentação social e à formação de identidade. À medida que as fotografias foram reconhecidas como ferramentas de memória, elas servem como estruturas para moldar tanto a experiência quanto a própria memória (Adams, Kopelman, 2021). Essa função é particularmente significativa no contexto de desastres ambientais, onde a fotografia cria registros visuais que se perpetuam no tempo e que moldam a compreensão individual e coletiva desses eventos.

A capacidade da fotografia de documentar desastres ambientais decorre de sua possibilidade de capturar evidências visuais imediatas e brutas que relatos escritos não conseguem transmitir completamente. Como Takakura e Boret (2021) explicam, as imagens oferecem ao observador informações vívidas sobre uma catástrofe passada e os danos sofridos por suas vítimas, o que de outra forma seria difícil de imaginar (Takakura, Boret, 2021). De uma perspectiva sociológica, a fotografia de desastres serve como uma maneira de refletir os desastres enquanto revela conscientemente o estado de existência das pessoas no ambiente (Liu, 2021).

Enquanto documentos que registram a destruição física, também captam as experiências humanas em meio à catástrofe. A fotografia pessoal e amadora durante desastres geralmente apresenta perspectivas que diferem significativamente da documentação profissional ou institucional. Como Görgen (2020) observa em um estudo de álbuns do terremoto de 1906 em São Francisco, a fotografia cidadã ou amadora pode fornecer um contrapeso à massa de fotografias que tende a ser resumida de forma abrangente como imagens românticas de ruína, documentação espetacular de incêndio, vida lúdica em campos de refugiados e reconstrução otimista.

O poder documental da fotografia de desastres se estende além do registro para informar os esforços de recuperação. A pesquisa sobre a destruição urbana do pós-guerra demonstra o poder inerente da fotografia para capturar a realidade crua da devastação urbana, transmitindo a magnitude dos desafios enfrentados pelos habitantes da cidade após a guerra ou mesmo após desastres ambientais (Nadolny, Słuchocka, 2024).

Algumas fotografias de desastres transcendem sua função documental imediata para se tornarem icônicas na memória cultural. Mahdavinejad et al. (2014) observam que os fotógrafos capturaram imagens que nunca desaparecerão da memória visual da sociedade, com certas fotografias se tornando persistentes na história pictórica. Registros particularmente impactantes podem lembrar alguns conceitos do evento para o público sempre e em qualquer momento, servindo como âncoras visuais para a memória coletiva sobre desastres ambientais (Mahdavinejad et al., 2014).



A relação da fotografia com os arquivos cria uma base para manter a memória cultural, particularmente no contexto de desastres ambientais. Ao contrário da memória coletiva, que normalmente desaparece com as últimas testemunhas oculares, a memória cultural se estende ainda mais no tempo e requer suporte material - ou digital - de documentos, incluindo fotografias e arquivos (Garnier, Lahournat, 2022). Essa função de preservação se torna especialmente crítica após catástrofes ambientais, onde a fotografia serve como registro e como dado, como um testemunho de memória coletiva e também como um meio eventual de recuperação e recriação do patrimônio cultural danificado (Magalhães, 2016).

A função arquivística da fotografia de desastres assume várias formas, de coleções institucionais oficiais a registros não oficiais e, também, ao trabalho de amadores. Pesquisas sobre memórias de enchentes demonstram como eventos de enchentes são preservados por meio de diversas mediações, incluindo arquivos (oficiais e não oficiais) e materializados por meio de mídia doméstica (Garde-Hansen et al., 2017), sendo práticas de geração de arquivos que criam documentação em camadas que incorporam a memória do desastre em paisagens e narrativas pessoais.

Por meio de sua função arquivística e memorialística — e também como fontes de informação e suporte de memória (Wendt, Sehn e Silva, 2025), ou como expressão de memória (Wendt, 2024) —, as fotografias de desastres ambientais contribuem para a formação da memória cultural, fornecendo documentação visual que ajuda as comunidades a entender, contextualizar, se preparar e se recuperar de perigos e de desastres (Garnier, Lahournat, 2022), processo que transforma eventos em registros que se perpetuam no tempo e que podem informar e contribuir para a construção de estratégias de resiliência e preservar a compreensão cultural da mudança ambiental ao longo das gerações.

A fotografia também surgiu como um meio para aumentar a conscientização pública sobre a degradação ambiental e defender a proteção ecológica, uma vez que a documentação visual de danos ambientais serve como evidência — convincente — que pode transcender barreiras linguísticas e comunicar questões complexas de forma eficaz. Como Walby e Davis (2022) observam, a fotografia pode aumentar a conscientização sobre contaminação e poluição ao mesmo tempo que desafia a amnésia histórica sobre a destruição ambiental.

Neste nexos, o poder da fotografia ambiental reside em sua capacidade de servir como evidência visual que pode mobilizar a resposta pública. As fotografias funcionam como uma forma de documentação que pode testemunhar danos ambientais, com Jenkins (2023) observando que as fotografias são amplamente consideradas uma forma particularmente convincente de evidência que funciona para forjar solidariedades através do tempo e do espaço (Jenkins, 2023; Thomas, 2020).

A partir disso, também se pode relacionar o papel da fotografia com a educação ambiental, que se estende para além da documentação, funcionando como uma ferramenta pedagógica que pode moldar a consciência e os comportamentos sociais em relação ao ambiente. Como Marchi, Pimentel e Nascimento (2022) observam, a fotografia não é somente um meio de informação e documentação visual, ela oportuniza a aplicação das imagens como uma forma de mudar comportamentos e atitudes em relação a problemas ambientais e ecológicos.

A fotografia de desastres ambientais, embora importante para a documentação e estabelecimento de estratégias que visem reduzir impactos, apresenta desafios éticos que os fotógrafos devem enfrentar. Existe uma tensão fundamental entre o imperativo de documentar a destruição ambiental e o risco de explorar comunidades ou paisagens vulneráveis. Esse dilema ético surge do que Thompson (2022) descreve como a tradição da fotografia preocupada e do documentário social, onde acredita-se que as fotografias documentais ajudam a criar conhecimento, compreensão e encorajam a empatia por um sujeito — por meio de uma combinação de “fato e sentimento” (Thompson, 2022), abordagem que reconhece a natureza dupla da fotografia como documentação factual e apelo emocional, criando um terreno ético complexo. O testemunho fotográfico de desastres

ambientais levanta questões sobre consentimento e representação, principalmente ao documentar comunidades afetadas por catástrofes. Assim, os fotógrafos devem considerar se suas imagens respeitam a dignidade e a agência dos sujeitos ou, em vez disso, os retratam principalmente como vítimas.

Essa consideração se estende a questões de quem tem o direito de documentar o sofrimento ambiental e cujas perspectivas são privilegiadas em narrativas visuais de desastres. Fotografias que centralizam as experiências de comunidades afetadas em vez de impor narrativas externas podem ajudar a lidar com esses desequilíbrios de poder. A fotografia de desastres ambientais também confronta a ética do espetáculo e do *voyeurismo*. Imagens de destruição ambiental podem inadvertidamente transformar o sofrimento ecológico em objetos estéticos para consumo de espectadores distantes. Assim, corre o risco de normalizar a catástrofe ambiental enquanto dessensibiliza o público por meio da exposição repetida a imagens dramáticas. Os fotógrafos devem considerar se seu trabalho serve para testemunhar e motivar a ação ou apenas para satisfazer a curiosidade sobre a destruição, sem promover uma compreensão ou resposta mais profunda. A dimensão temporal da fotografia de desastres ambientais apresenta considerações éticas adicionais. Fotógrafos envolvidos no que Thompson (2022) descreve como testemunhar e reimaginar a mudança ambiental, visível ou não. Essas abordagens reconhecem que a fotografia ambiental envolve mais do que capturar desastres visíveis — requer engajamento ético com dimensões temporais e espaciais complexas de mudança ecológica.

Uma vez publicadas, as fotografias de desastres podem perpetuar estereótipos sobre regiões afetadas, potencialmente dificultando a recuperação ao consolidar percepções de devastação permanente. Fotógrafos consideram não somente o valor documental imediato de seu trabalho, como também suas implicações de longo prazo para como os desastres ambientais são lembrados e compreendidos. Esta abordagem ética reconhece que a fotografia está entrelaçada com entendimentos espaciais e temporais do lugar (Thompson, 2022) e carrega uma responsabilidade significativa para moldar a memória coletiva da mudança ambiental.

## Resultados

As quatro imagens apresentadas são retratos que expressam, simultaneamente, o impacto dos eventos ambientais e a resiliência humana diante do colapso de suas estruturas materiais, afetivas e simbólicas, carregando elementos que permitem uma leitura rica, tanto sob o aspecto técnico-fotográfico quanto sob o prisma ético e narrativo.

Com o casal da imagem 01, o contato inicial feito por Brian Baldrati ilustra a preocupação ética e o esclarecimento quanto às razões da conversa. Raquel e Roque estão casados há mais de 40 anos. Vivem em Cruzeiro do Sul (RS). Têm um filho, uma nora e dois netos. Possuem um terreno e (possuíam) uma casa própria ao lado do terreno do filho. O pano de fundo da referida imagem é a parte de alvenaria que sobrou da residência do casal. A condição meteorológica nublada é um indício da dúvida sobre o que deve ser feito a seguir num cenário de tragédia. Com um guarda-chuva em mãos estão preparados para uma chuva imprevisível. Em primeiro plano, foca-se no casal. Raquel e Roque carregam materiais de limpeza e itens que estão levando para a casa da irmã de Raquel, onde estão vivendo temporariamente. O sorriso de quem é grato por não ter perdido alguém da família contrasta com o cenário, resquício de um lar devastado. O sorriso é, ainda, junto com o retorno aos escombros, uma atitude denotativa da força e da resiliência que são imperativas para começar uma reconstrução, mesmo sem saber quais são os próximos passos a trilhar. Destacando menos a paisagem e a destruição do entorno imediato e mais a relação do casal, Brian contribui para promover a memória individual e familiar ao invés de estereotipar o local. Dessa forma, o registro fotográfico transmite (em níveis diferentes) tanto a devastação quanto a esperança.



Imagem 01: Raquel e Roque.



Fonte: Baldrati, 2024.

Imagem 02: Roque, Brian e Raquel.



Fonte: Baldrati, 2024.

A imagem 02 foi feita dois dias após a divulgação do conteúdo nas redes sociais, onde foram arrecadados mais de R\$100 mil com a contribuição de 1835 apoiadores em um sítio eletrônico de doações. Nessa sequência, após almoçar na casa da irmã da Raquel a convite do casal, Baldrati sai de trás das lentes da câmera e aparece no registro com o bolo que ganhou de presente. Essa continuidade busca apresentar uma expressão da solidariedade do povo gaúcho. Sob o prisma da resiliência, ressalta-se a presença discreta da pequena Santa Rita de Cássia em uma gruta — o que foi narrado pela mulher — vestígio que resistiu intacto ao desastre e símbolo da fé do casal. Percebe-se, portanto, o suporte da fotografia para a construção de uma narrativa baseada na história local.

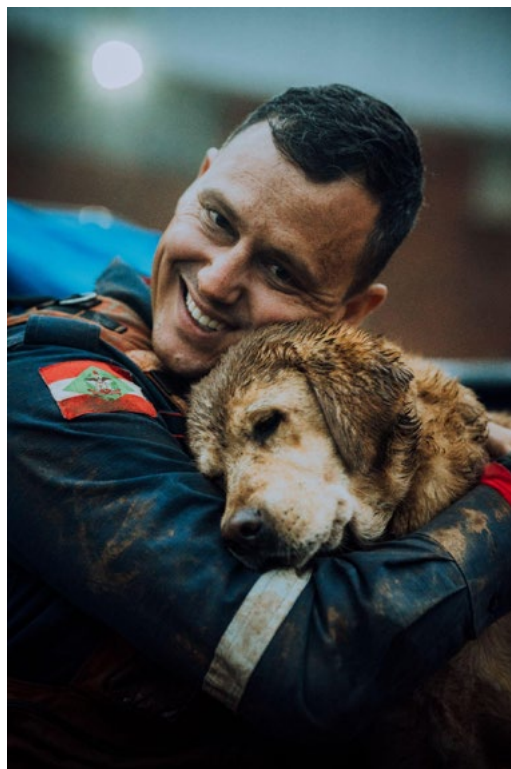
Enquanto Thiago Amorim encara a lente do fotógrafo na imagem 03, o que Moana fita é uma incógnita. O suporte da fotografia registra e expressa a captura de um momento pungente. Deveras doloroso para os dois seres. O bombeiro militar catarinense é um representante entre os inúmeros voluntários que chegaram ao Rio Grande do Sul vindo de outros estados brasileiros. O contato com o fotógrafo ocorreu em Cruzeiro do Sul, um dia após Moana ter encontrado o corpo sem vida de uma filha que foi devolvida à sua mãe. O impacto devastador de uma experiência dessas está contido no rosto de Thiago. O clima que causou as enchentes está parcialmente representado na atmosfera cinza e na lama do chão. A lama está por todo lado. Está no uniforme do bombeiro e nos pelos da Moana. Essa lama é uma marca temporária do rastro da chuva e da inundação que devastaram espaços físicos e vidas. A iluminação natural difusa não suaviza os tons marcantes do veículo. Os recursos, tanto (não) humanos como operacionais, são enquadrados como símbolos de uma missão de resgate tensa e exigente. Nesta amostra visual, a impossibilidade de se relacionar o registro fotográfico isolado e sem contexto com os desastres concretos da inundações reforça um cuidado que dá voz para atores que estavam na linha de frente nos períodos em que mais se necessitava de pessoas altamente capacitadas para lidar com diversos tipos de urgências.

Imagem 03: Thiago Amorim e Moana com veículo ao fundo.



Fonte: Baldrati, 2024.

Imagem 04: Thiago Amorim abraçando Moana.



Fonte: Baldrati, 2024.

O sorriso estampado no rosto de Thiago na imagem 04 é fruto do diálogo inerente que Brian estabelece com o interlocutor antes de fotografá-lo. Esse estabelecimento de conexão é um meio de articular a História, a Memória e a Fotografia no fragmento temporal e espacial onde esta criação excepcional ocorre. Parte dessa História recente é um relacionamento carinhoso e respeitoso de 5 anos entre o bombeiro e a Moana, o que se imagina ser essencial para operações sérias e delicadas com as quais eles devem lidar como parte de uma rotina profissional. Se por um lado Thiago ofereceu um sorriso que decorre da exaltação dos próprios atributos heroicos de Moana, o drama se repete no corpo dela. Vislumbra-se o exaurimento do animal decorrente de um trabalho árduo, mas também como uma expressão do ser senciente. Essa memória expressa não é mais exclusivamente individual. É coletiva, social e cultural. Transcende barreiras ao buscar lidar com as emoções impactantes do desastre. O fundo desfocado é mais um recurso utilizado para repetir a decisão de protagonizar os devidos personagens do que poderia ser uma obra audiovisual de ficção científica.



Imagem 05: Jorge e Marlene, de Cruzeiro do Sul - RS.



Fonte: Baldrati, 2024.

Imagem 06: Izete e Antonio, moradores de Lajeado - RS.



Fonte: Baldrati, 2024.

Na imagem 05, vemos um homem e uma mulher posicionados sobre um tronco de árvore caído, cercado por escombros. O enquadramento privilegia os personagens em plano médio, criando uma linha visual forte que destaca o casal em primeiro plano, cercado por ruínas de madeira, tijolos, telhas e resíduos diversos. Há uma tensão visual clara: o sorriso do casal contrasta diretamente com a paisagem devastada. A linha do horizonte ao fundo, com o céu carregado, reforça a atmosfera de incerteza e transição, funcionando como elemento dramático que ancora a narrativa em um espaço liminar entre o antes e o depois, entre o que foi destruído e o que poderá ser reconstruído.

Na imagem 06, o enquadramento é mais fechado, quase claustrofóbico. O casal aparece encostado em uma parede danificada, ambos em postura estática, quase como uma fotografia de estúdio improvisada em meio aos escombros. A cena carrega uma estética crua e intimista, destacando detalhes como as expressões faciais, as mãos entrelaçadas, os trajes de trabalho e os elementos (como a cuia de chimarrão) que sugerem rotina em meio ao caos. O ambiente desbotado e gasto da parede dialoga com as marcas de desgaste e exaustão estampadas nos rostos dos retratados.

Em ambas as imagens, Brian Baldrati evita a espetacularização da tragédia. Ao invés de focar nos destroços enquanto espetáculo, ele centra a atenção nos sujeitos e em suas micro-histórias apresentadas por meio dos retratos. O sorriso discreto na primeira imagem e o olhar pensativo da mulher na segunda reforçam narrativas de resistência e dignidade. São expressões que dialogam com o conceito de «memória ativa» — em que os sujeitos sobrevivem ao desastre e constroem ativamente narrativas de continuidade e pertencimento ao território, mesmo quando tudo ao redor foi levado pela força da água.

As imagens estabelecem um contraponto entre a fragilidade humana frente às forças naturais e a força subjetiva desses indivíduos em ressignificar seus espaços e seus afetos. A inclusão do chimarrão na imagem 06 é um detalhe cultural carregado de significado que funciona como símbolo

de pertencimento, de cotidiano e de vínculo comunitário — de continuidade. Ele reafirma a imanência dos rituais mesmo em meio ao colapso, funcionando como âncora de identidade local.

Ambas as fotos utilizam luz natural difusa, com predomínio de tons terrosos, marrons, cinzas e azuis dessaturados, criando uma atmosfera melancólica, mas sem recorrer a filtros que exageram esse sentimento. Essa escolha, entende-se, ressalta o compromisso ético do fotógrafo em não romantizar a destruição ou fetichizar a dor alheia, fenômeno que foi muito presente na cobertura midiática dos eventos. A luz é honesta, sem artifícios dramáticos, permitindo que os próprios elementos da cena — os rostos, os gestos, as vestimentas — falem por si. A paleta cromática em sintonia com a textura dos materiais (lama, tijolos, madeiras, tecidos envelhecidos) gera uma sensação tátil que aproxima o espectador da materialidade da tragédia, funcionando quase como uma documentação sensorial da devastação.

Um aspecto de destaque na análise das imagens é o cuidado com a dignidade dos retratados. Baldrati não os posiciona como vítimas passivas. Ao contrário, confere-lhes protagonismo, centralidade e agência na construção das narrativas visuais. Esse aspecto dialoga diretamente com a reflexão ética proposta por autores como Thompson (2022) e Spiegel (2019), que defendem a importância de imagens que descentralizam a lógica de *voyeurismo* e promovem representações baseadas na escuta, no consentimento e no respeito aos sujeitos fotografado.

Assim, ao posicionar os personagens em posturas que reforçam vínculos familiares, gestos de acolhimento mútuo e expressões que denotam resiliência, percebe-se que Baldrati rompe com estereótipos visuais comuns em narrativas de desastres ambientais, frequentemente centradas na desolação pura ou na vitimização excessiva. Aqui, o fotógrafo capta nuances emocionais que atravessam a dor, alcançando camadas mais sutis de esperança, solidariedade e reconstrução.

## Conclusões

No contexto dos desastres ambientais, a fotografia enfrenta o desafio de documentar sem explorar. O trabalho de Baldrati se posiciona dentro do que a literatura especializada define como fotografia preocupada, que busca criar pontes de empatia sem suprimir a complexidade das experiências dos sujeitos fotografados. O fotógrafo age como mediador ético entre o evento e o público, sem impor narrativas externas ou distorcidas sobre o que ocorreu. A forma como o autor se coloca fora dos enquadramentos tradicionais da grande imprensa, atuando de maneira independente e horizontal, permite-lhe construir imagens que respeitam a intimidade dos retratados e devolvem a eles uma narrativa própria, em que não são coadjuvantes da tragédia, mas protagonistas de suas histórias de vida, perda e reconstrução.

Assim, essas imagens produzidas dos eventos transcendem o valor documental imediato, já que possuem potencial para se tornarem âncoras visuais da memória coletiva local, auxiliando no registro do que aconteceu, assim como também na reconstrução do imaginário social acerca das enchentes de 2024. Imagens como essas podem ser mobilizadas em processos educativos, museológicos, culturais, patrimonialistas, memorialísticos e, assim, contribuem para reforçar o vínculo comunitário e promover debates sobre resiliência, justiça ambiental, políticas públicas de prevenção e preparação para desastres.

São fotografias que carregam uma vocação de produção de memória de longo prazo, na medida em que condensam, em pequenos gestos e olhares, a densidade de uma experiência traumática que não deve ser esquecida, mas sim transformada em aprendizado social e em estímulo para ações futuras de cuidado, solidariedade e prevenção.

As mídias sociais do fotógrafo foram um vetor de impulsão benéfico que influenciou pessoas físicas e pessoas jurídicas de várias partes do país. Brian Baldrati, por meio da fotografia documental



e do registro oral, personificou uma amostra de pessoas afetadas pelo desastre ambiental que foi a inundação de 2024 no Rio Grande do Sul. Entre essas pessoas estão os moradores locais, os animais e os voluntários vindos do Brasil afora. Baldrati documentou a pungência impactante impregnada na atmosfera e a esperança, por vezes latente, de quem carece impulso para a reconstrução da vida.

As fotografias analisadas não são parte de arquivo institucional. Elas contém, entretanto, uma vocação de médio e de longo prazo (que necessita de acompanhamento para verificação) de se tornar âncora visual relacionada à memória coletiva do desastre ambiental, principalmente a nível hiperlocal. Isso tem o potencial de se concretizar com ações pedagógicas que utilizem as fotografias para vencer dificuldades inerentes da escrita no que tange a transmissão de mensagens ligadas a desastres e seus respectivos danos ao meio ambiente e ao ser humano.

## Referências

ADAMS, Tracy; KOPELMAN, Sara. Remembering COVID-19: Memory, crisis, and social media. **Media, Culture & Society**, v. 44, n. 2, p. 266-285, 2022. Disponível em: . Acesso em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/01634437211048377> . 16 mai. 2025.

BENZAQUEN, Stephanie. Looking at the Tuol Sleng Museum of genocidal crimes, Cambodia, on Flickr and YouTube. **Media, Culture & Society**, v. 36, n. 6, p. 790-809, 2014. Disponível em: [https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0163443714532983?casa\\_token=aIebfpZmzzYAAAAA:tt0ZclHsG4RU3Ag0gpbV3GlQzJ\\_J9G6dimHEfqUuVN6yN\\_mMKfcybnU3lzpGExUl6oWHnXb0ATnQ&casa\\_token=pmNhN8800usAAAAA:N5GDGJua1-CMpm3Q6xnzzdgv24yyvspRnU46P4hz9FdFvEDiXhDuXShZG-6B4-11mihqXMmWvLC](https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0163443714532983?casa_token=aIebfpZmzzYAAAAA:tt0ZclHsG4RU3Ag0gpbV3GlQzJ_J9G6dimHEfqUuVN6yN_mMKfcybnU3lzpGExUl6oWHnXb0ATnQ&casa_token=pmNhN8800usAAAAA:N5GDGJua1-CMpm3Q6xnzzdgv24yyvspRnU46P4hz9FdFvEDiXhDuXShZG-6B4-11mihqXMmWvLC) . Acesso em: 16 mai. 2025.

FRIHAMMAR, Mattias. Introduction: Archive and Method (s). **Culture Unbound**, v. 12, n. 1, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://journal.ep.liu.se/CU/article/view/951/1565> . Acesso em: 16 mai. 2025.

GARDE-HANSEN, Joanne et al. Sustainable flood memory: Remembering as resilience. **Memory Studies**, v. 10, n. 4, p. 384-405, 2017. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1750698016667453> . Acesso em: 16 mai. 2025.

GARNIER, Emmanuel; LAHOURNAT, Florence. Japanese stone monuments and disaster memory—perspectives for DRR. **Disaster Prevention and Management: An International Journal**, v. 31, n. 6, p. 1-12, 2022. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/dpm-03-2021-0089> . Acesso em: 16 mai. 2025.

GÖRGEN, Carolin. Everyday Photography? Politicizing a ‘vernacular’ photo album of the San Francisco Earthquake and Fire of 1906. **Interfaces. Image Texte Language**, n. 44, p. 29-51, 2020. Disponível em: <https://journals.openedition.org/interfaces/1458> . Acesso em: 16 mai. 2025.

JENKINS, Katy. Between hope and loss: Peruvian women activists’ visual contestations of extractive-led development. **Progress in Development Studies**, v. 24, n. 1, p. 48-67, 2024. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/14649934231193813> . Acesso em: 16 mai. 2025.

LIU, Jiani. Research on the Emotional Expression and Innovation of Digital Technology under Visual Communication——Taking the fight “epidemic” image as an example. In: **E3S Web of Conferences. EDP Sciences**, 2021. p. 05088. Disponível em: [https://www.e3s-conferences.org/articles/e3sconf/abs/2021/12/e3sconf\\_icersd2020\\_05088/e3sconf\\_icersd2020\\_05088.html](https://www.e3s-conferences.org/articles/e3sconf/abs/2021/12/e3sconf_icersd2020_05088/e3sconf_icersd2020_05088.html). Acesso em: 16 mai. 2025.

MAGALHAES, Isabel Raposo. Cultural Heritage and its survival: image, memory, archetype. **CONSERVAR PATRIMONIO**, n. 23, p. 109-117, 2016. Disponível em: [https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://arp.org.pt/revista\\_antiga/en/artigos/2015020.html&ved=2ahUKEwjCieysn6iNAXfqpUCHXNHC08QFnoECBMQAQ&usg=AOvVaw0MOp7d8XlXB-7G4TtYsvV4](https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://arp.org.pt/revista_antiga/en/artigos/2015020.html&ved=2ahUKEwjCieysn6iNAXfqpUCHXNHC08QFnoECBMQAQ&usg=AOvVaw0MOp7d8XlXB-7G4TtYsvV4). Acesso em: 16 mai. 2025.

MAHDAVINEJAD, Mohamadjavad et al. The Functions of Art in Conveying the Meanings to Audience (Case Study: Some Selected Images from the Earthquake of Bam, 2003). **American Journal of Educational Research**, v. 2, n. 2, p. 66-72, 2014. Disponível em: <https://citeseerx.ist.psu.edu/document?repid=rep1&type=pdf&doi=b4fddc19d1e0dc72c427e2ce6b384219534bad82>. Acesso em: 16 mai. 2025.

MARCHI, Cristina Maria Dacach Fernandez; PIMENTEL, Patrícia Carla Barbosa; NASCIMENTO, Márcia Cristina Pinheiro. Solid Waste in the Context of Environmental Education, the Mangrove Ecosystem, and Photography. **Ambiente & Sociedade**, v. 25, p. e01022, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/asoc/a/PwzdHbpWPvmN8f8fRL5QqtK/?lang=en>. Acesso em: 16 mai. 2025.

MARIA THOMPSON, Linda. (In) visible powers: witnessing the ‘tourist-waters’ of Nämforsen. **Cultural geographies**, v. 30, n. 2, p. 325-332, 2023. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/14744740221126991>. Acesso em: 16 mai. 2025.

NADOLNY, Adam; SŁUCHOCKA, Katarzyna. Post-WWII Ruins on Photography: An Introduction to the Reconstruction of the City of Poznań. Case Study Old Town. **International Journal of Conservation Science**, v. 15, p. 277-290, 2024. Disponível em: [https://ijcs.ro/public/IJCS-24-SI\\_21\\_Nadolny.pdf](https://ijcs.ro/public/IJCS-24-SI_21_Nadolny.pdf). Acesso em: 16 mai. 2025.

READING, Anna. Digital interactivity in public memory institutions: the uses of new technologies in Holocaust museums. **Media, Culture & Society**, v. 25, n. 1, p. 67-85, 2003. Disponível em: [https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/016344370302500105?casa\\_token=\\_F3lXsPWOVQAAAAA:5SoD4xPcYYo4Lk2CS1Lj7Y2nnheiaPdn-gwmz5Syeb-gHojFL3M2kmuResAOgHv2QOyRpaRSPjXg](https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/016344370302500105?casa_token=_F3lXsPWOVQAAAAA:5SoD4xPcYYo4Lk2CS1Lj7Y2nnheiaPdn-gwmz5Syeb-gHojFL3M2kmuResAOgHv2QOyRpaRSPjXg). Acesso em: 16 mai. 2025.

SPIEGEL, Samuel J. Visual storytelling and socioenvironmental change: Images, photographic encounters, and knowledge construction in resource frontiers. **Annals of the American Association of Geographers**, v. 110, n. 1, p. 120-144, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/24694452.2019.1613953>. Acesso em: 16 mai. 2025.

TAKAKURA, Hiroki; BORET, Sebastien Penmellen. The value of visual disaster records from digital archives and films in post-3/11 Japan. **International Journal Sustainable Future for Human Security**, v. 7, n. 3, p. 58-65, 2020. Disponível em: [http://www.j-sustain.com/files/pub/file/2020/Vol%207%20no%203%20Special%20Issue/J-Sustain\\_Vol7No3\\_Special%20Issue\\_58-65\\_1.pdf](http://www.j-sustain.com/files/pub/file/2020/Vol%207%20no%203%20Special%20Issue/J-Sustain_Vol7No3_Special%20Issue_58-65_1.pdf). Acesso em: 16 mai. 2025.



THOMAS, Kylie. Bitter emotion: affective archives and transnational solidarity against Apartheid. **Interventions**, v. 23, n. 1, p. 42-60, 2021. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1369801X.2020.1813616>. Acesso em: 16 mai. 2025.

WALBY, Kevin; DAVIS, Ben. Tailings and tracings: Using art and social science to explore the limits of visual methods at mining and industrial ruins. **Visual Communication**, v. 23, n. 2, p. 265-288, 2024. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/14703572211071117>. Acesso em: 16 mai. 2025.

WENDT, Lucas George.; SEHN, Ana Paula Sehn.; SILVA, Maurício Coelho da. Fotografia: entre fontes de informação e suportes de memória. **Revista Fontes Documentais**, [S. l.], v. 8, n. Ed. Especial, p. e81253, 2025. DOI: 10.9771/rfd.v8i0.64651. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/RFD/article/view/64651>. Acesso em: 16 maio. 2025.

WENDT, Lucas George. Fotografias como expressão de memória. In: MASSONI, Luis Fernando; BORGES, Jussara. **Expressões da Memória**. Pimenta Cultural, 2024. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=NRauEQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA7&dq=WENDT,+Lucas+George.+Fotografias+como+express%C3%A3o+de+mem%C3%B3ria.+In:+MASSONI,+Luis+Fernando%3B+BORGES,+Jussara.+Express%C3%B5es+da+Mem%C3%B3ria.+Pimenta+Cultural,+2024.&ots=YXcb2DjWKV&sig=57NHX2OObT604NAy4qiWjZXbM7c>. Acesso em: 16 mai. 2025.



# GT 6. Decolonialidade: Histórias, Pessoas e Territórios

**IX DIÁLOGOS**  
na contemporaneidade

**POR OUTROS MODOS**  
*DE PENSAR A VIDA, A*  
**TERRA E NOSSO JEITO**  
*DE ESTAR NO MUNDO*



## **SABERES ANCESTRAIS: A ETNOCIÊNCIA NA SECAGEM DA TRAÍRA NA BAIXADA MARANHENSE**

CORRÊA, Fátima de Jesus Soares<sup>1</sup>;  
REIS, Jadson Fernando Rodrigues<sup>2</sup>;  
CARVALHO, Jully Hellen dos Santos<sup>3</sup>;  
SERRA, Jamilly Sara Froes<sup>4</sup>;  
GOES, Gabrielle Victoria Pereira<sup>5</sup>.

<sup>1</sup> UNIVATES, fatima.correa@universo.univates.br;

<sup>2</sup> IFMA, jadson,reis@ifma.edu.br;

<sup>3</sup> UNIVATES, jully.carvalho@universo.univates.br;

<sup>4</sup> IFMA, serra.sara@acad.ifma.edu.br;

<sup>5</sup> IFMA, gabriellevictoria@acad.ifma.edu.br.

**Tema: Decolonialidade: Histórias, Pessoas e Territórios**

**Resumo:** O presente artigo resulta do projeto “Análise dos saberes e técnicas envolvidos no processo de secagem da traíra por parte dos pescadores da cidade de Pinheiro (MA) na perspectiva da etnociência”, desenvolvido no IFMA com apoio da FAPEMA. A pesquisa busca compreender os saberes tradicionais aplicados à secagem da traíra (*Hoplias malabaricus*), peixe de grande relevância na Baixada Maranhense, região rica em biodiversidade e sustentada pela pesca artesanal. Com base na etnomatemática e nas etnociências, a investigação valoriza os conhecimentos transmitidos entre gerações, que revelam não apenas estratégias de subsistência, mas também uma profunda relação cultural e simbiótica com o meio ambiente. A metodologia qualitativa, com inspiração etnográfica, incluiu entrevistas com pescadores(as) de Pinheiro e Santa Helena. Os dados evidenciam a presença de conceitos científicos, como unidade de medida (arroba), transferência de calor e desidratação, integrando ciência e cultura local.

**Palavras-chave:** Saberes tradicionais. Pesca artesanal. Educação contextualizada.

**Abstract:** This article is the result of the research project “Analysis of the knowledge and techniques involved in the drying process of traíra by fishermen from the city of Pinheiro (MA) from the perspective of ethnosciences,” developed at IFMA with support from FAPEMA. The study aims to understand the traditional knowledge applied to the drying of traíra (*Hoplias malabaricus*), a fish of great relevance in the Baixada Maranhense, a region rich in biodiversity and sustained by artisanal fishing. Grounded in ethnomathematics and ethnosciences, the research values knowledge passed down through generations, revealing not only subsistence strategies but also a deep cultural and symbiotic relationship with the natural environment. The qualitative methodology, inspired by ethnography, included interviews with fishermen from the communities of Pinheiro and Santa Helena. The data reveal the presence of scientific concepts such as units of measurement (arroba), heat transfer, and dehydration, integrating science and local culture.

**Keywords:** Traditional knowledge; Artisanal fishing; Contextualized education.

### **Introdução**

O Instituto Federal do Maranhão – IFMA – Campus Pinheiro possui cursos como o Técnico em Meio Ambiente (ensino integrado) e Tecnólogo em Gestão Ambiental (superior), que permite os estudos na área da Educação Ambiental e em outras Ciências. Ao analisar o perfil dos formandos, uma de suas competências é desenvolver e programar políticas e programas de educação ambiental, pois essas ações contribuem para a melhoria da qualidade de vida e a preservação da natureza (IFMA Campus Pinheiro, 2020).

A educação ambiental é uma vertente educacional cujo propósito é difundir o conhecimento sobre o meio ambiente, visando à sua preservação e à utilização sustentável de seus recursos. Trata-se de um processo contínuo no qual os indivíduos e a comunidade desenvolvem consciência ambiental e adquirem conhecimentos, habilidades, experiências e valores que os capacitam a agir tanto individualmente quanto coletivamente na busca de soluções para os desafios ambientais presentes e futuros (Rossini; Ceni, 2020). O diálogo entre a educação ambiental e os saberes tradicionais promove uma conexão profunda com a natureza, respeitando e preservando os ensinamentos ancestrais para um futuro sustentável e harmonioso.

Nessa perspectiva, a Baixada Maranhense se destaca por uma complexa interação de ecossistemas, que vão desde campos aluviais, manguezais e florestas de várzea até densas florestas de galeria e vastas áreas de babaçuais. Essa diversidade abriga uma rica fauna e flora, incluindo espécies raras, além de aves litorâneas e migratórias continentais. A região é predominantemente plana e abriga o maior conjunto de bacias lacustres do Nordeste brasileiro. No entanto, sua fertilidade natural é baixa, tornando-a um ambiente ecologicamente desafiador e vulnerável. Sua complexidade está diretamente ligada à alternância entre períodos chuvosos e secos, o que confere à Baixada um forte caráter sazonal (Instituto da Baixada Maranhense, 2025).

Em relação à economia, a Baixada Maranhense é principalmente baseada na agricultura e na pecuária, com a criação e comercialização de peixes ocorrendo predominantemente de forma artesanal e familiar. O consumo de peixe tornou-se uma das iguarias regionais, com destaque para a traíra recheada e a piaba frita no óleo de babaçu. Vale ressaltar a comercialização e o consumo do peixe seco, especialmente da traíra (*Hoplias malabaricus*), que pode ser considerada uma espécie de “bacalhau maranhense”.

A traíra é um tipo de peixe de água doce encontrado na América do Sul. É valorizada por sua adaptabilidade, taxa de crescimento e qualidade de carne, tornando-a uma escolha popular para consumo humano e possível candidata para a aquicultura. Como fonte de lipídios e proteínas importantes para a nutrição humana, é considerada valiosa. No entanto, devido à sua composição química, requer cuidados especiais desde a captura até a comercialização para evitar deterioração (Mendonça et al., 2020).

Uma das formas mais populares de conservação e comercialização é a traíra seca, na qual o peixe passa pela secagem que visa a remoção da água do produto, realizada por evaporação, impulsionada pela circulação forçada de ar, devido aos processos simultâneos de transferência de calor e massa (Martins, 2020).

O processo de secagem do peixe é realizado de forma artesanal, refletindo os conhecimentos e técnicas dos pescadores locais para a conservação e manipulação desse alimento. Nesse contexto, busca-se uma fonte de conhecimento e valorização cultural, permitindo que a comunidade se empodere tanto na economia quanto no campo científico.

Explorando o universo dos pescadores da Baixada Maranhense e baseando-se na etnociência, em diálogo com outras áreas do conhecimento científico, o projeto visa compreender o processo de secagem do peixe, especialmente da traíra. O prefixo “etno-” em etnociência refere-se aos indivíduos de um mesmo grupo cultural que possuem sua própria língua, rituais e conhecimentos distintos. Cada grupo possui suas características peculiares e diferenciadas. Diversos campos da etnociência investigam o desenvolvimento de diferentes culturas para nomear e descrever animais (etnozoologia), plantas (etnobotânica), meio ambiente (etnoecologia) e outros. No Brasil, os estudos de Ubiratan D’Ambrósio sobre etnomatemática têm contribuído para o reconhecimento e a pesquisa nessa área (Silva; Fraxe, 2013).



Nesta pesquisa, o grupo étnico em foco são os pescadores da Baixada Maranhense, e o conhecimento a ser investigado refere-se ao processo de secagem do peixe, especialmente da traíra. Os seus saberes populares podem ser associados a diversas áreas do conhecimento científico, e através da aplicação de métodos de pesquisa e análise de dados, busca-se aproximar esses conhecimentos populares para uma área específica da ciência.

Neste trabalho apresentaremos um recorte do projeto de pesquisa “Análise dos saberes e técnicas envolvidos no processo de secagem da traíra por parte dos pescadores/as da cidade de Pinheiro (MA) na perspectiva da etnociência”. Primamos por identificar os saberes dos pescadores sobre a secagem da traíra, incluindo seus equipamentos e métodos, além de reconhecer a diversidade de conhecimentos científicos e tradicionais presentes em sua cultura. Também se busca relacionar as leis das ciências às práticas adotadas na conservação dos peixes e analisar o impacto das mudanças tecnológicas e ambientais na prática da secagem de peixes pelos pescadores locais.

## Descrição do trabalho/pesquisa ou da Experiência

A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, com ênfase em métodos etnográficos e descritivos, a fim de compreender os saberes dos pescadores artesanais sobre a pesca e a secagem da traíra na região de Pinheiro (MA). A construção dos dados seguiu as seguintes etapas metodológicas:

**Reuniões de planejamento e análise:** Realizaram-se encontros periódicos com a equipe de pesquisa para definição das estratégias de investigação, planejamento das visitas de campo e análise dos dados coletados.

**Estudo teórico:** A equipe realizou leituras, discussões e produções de resumos ou resenhas de obras científicas sobre etnociência, etnomatemática, etnofísica, saberes populares e escolares, piscicultura, pesca artesanal, espécies de peixes e técnicas de secagem do pescado.

**Roteirização e elaboração de entrevistas:** Foram elaborados roteiros semiestruturados para orientar as entrevistas e visitas de campo com pescadores(as) artesanais do Rio Pericumã e seus afluentes, como o Cocal, com base nos objetivos da pesquisa.

**Trabalho de campo:** As visitas ocorreram em dois contextos:

Afluentes do Pericumã – Cocal e Juncal: realizadas nos dias 07/11/2024 e 01/12/2024, durante o verão, período de maior atividade pesqueira. Foram entrevistados três pescadores, observou-se o preparo da traíra e o processo de secagem. Também houve conversas informais com outros pescadores(as), respeitando suas rotinas de trabalho.

Instituições locais de pesca em Pinheiro: visitas realizadas para obter informações sobre regulamentações e organização dos pescadores. As atividades ocorreram nos dias 28/08/2024 (entrevista com a Associação de Pescadores Piscicultores e Aquicultores do Povoado Boa Vista); 04/09/2024 e 23-24/10/2024 (não houve atendimento devido à ausência de representantes); e 13/10/2024 (entrevista com a Associação de Pescadores Artesanais e Trabalhadores da Pesca de Pinheiro).

**Sistematização dos dados:** Os resultados foram organizados em relatórios técnicos, conforme as normas estabelecidas pelo Edital e pela Resolução do Instituto Federal do Maranhão (IFMA), assegurando a integridade e a clareza dos dados obtidos.

A escolha da metodologia etnográfica justifica-se pela necessidade de compreender os saberes locais no seu contexto natural, sendo a observação participante um recurso essencial para a coleta de dados genuínos sobre práticas culturais específicas, como a pesca artesanal e a secagem da traíra.

## Resultados

Nesta seção, mergulhamos no cotidiano dos pescadores artesanais para entender como a pesca da traíra acontece na Baixada Maranhense para as cidades de Pinheiro e Santa Helena. Vamos explorar os desafios que esses trabalhadores enfrentam as estratégias que utilizam e como seus conhecimentos foram sendo aprimorados ao longo do tempo.

Mais do que uma atividade econômica, a pesca carrega um forte valor cultural e identitário, transmitido de geração em geração. Os saberes tradicionais não apenas garantem a continuidade dessa prática, mas também revelam a profunda conexão entre os pescadores e o ambiente onde vivem. Com isso, buscamos não apenas relatar as técnicas e dificuldades da pesca, mas também evidenciar sua importância social, econômica e ambiental para as comunidades ribeirinhas da Baixada Maranhense.

### A - Instituições vinculadas a piscicultura na Baixada Maranhense

A organização e representação dos pescadores em Pinheiro (MA) são regidas por diversas entidades que asseguram os direitos e interesses da categoria, conforme a Lei Nº 11.699, de 13 de junho de 2008, que regula a criação de sindicatos e associações, garantindo a liberdade sindical e a não intervenção estatal. Dentre as principais instituições de apoio à pesca e piscicultura em Pinheiro, destacam-se as seguintes:

**Colônia de Pescadores Z 13 Dr. Mário Bezerril:** Fundada em 1982, a Colônia é um dos pilares de apoio aos pescadores locais, com foco na defesa dos direitos sociais dos pescadores e promoção de atividades culturais e artísticas. Sua sede, localizada na Rua Benedito Durans, oferece suporte aos pescadores e pescadoras, sendo presidida por Selma Maria Rodrigues Durans.

**Sindicato dos Pescadores (as) Profissionais, Artesanais, Marisqueiros e Criadores de Peixe e Marisco:** do Município de Pinheiro (SINPAMPI): Fundado em 2005, o SINPAMPI atua principalmente em apoio à pesca em águas salgadas e à aquicultura em água doce. A gestão da instituição é conduzida por Ana Celia Pereira Mendes e Fábrica Lorena Melo Durans, com foco na organização e representação dos pescadores na região.

**Associação de Pescadores e Pescadoras Profissionais Artesanais e Trabalhadores da Pesca:** de Pinheiro (ASSOPESCA): Criada em 2006, a ASSOPESCA visa prestar serviços sociais aos pescadores, com unidades também em municípios vizinhos, como Palmeirândia. A associação realiza reuniões periódicas para decisões administrativas e organiza suas atividades através de uma diretoria composta por presidente, vice-presidente, tesoureiros, secretarias e diretores gerais.

**Associação de Pescadores Piscicultores e Aquicultores do Povoado Boa Vista (APAB):** Fundada em 1998, a APAB é voltada para a defesa dos direitos dos pescadores artesanais de água doce, com sede em Campinho. A associação trabalha para melhorar as condições de trabalho e de vida de seus membros, oferecendo suporte e representação nas demandas enfrentadas pela categoria.

**Federação dos Sindicatos de Pesca do Estado do Maranhão (FESPEMA):** Embora não tenha sido possível realizar uma entrevista formal, uma conversa informal com uma funcionária revelou que a FESPEMA coordena os sindicatos de pescadores do estado, atuando na defesa dos interesses da categoria em âmbito estadual.

Além dessas entidades, a **Universidade Federal do Maranhão (UFMA)**, por meio do Bacharelado em Engenharia de Pesca, oferece formação técnica e científica para a gestão e aproveitamento sustentável dos recursos aquáticos. Com uma nota 4 no Enade 2020, o curso prepara profissionais para atuar nas áreas de aquicultura, pesca e gestão ambiental, contribuindo com pesquisas e soluções práticas para a piscicultura regional.



Essas instituições, ao trabalharem em conjunto, formam uma rede importante de apoio e representação para os pescadores de Pinheiro, contribuindo não apenas para a melhoria das condições de trabalho, mas também para o desenvolvimento sustentável da pesca artesanal na região.

## B - Dinâmicas da pesca da traíra na Baixada Maranhense

Considerando que a pesca artesanal é uma das atividades econômicas na região, investigamos a traíra em sua forma de comercialização que chamam de seca. Os pescadores chegam no período de verão e ficam durante 5 a 6 meses realizando a pesca e comercialização. O Pescador 1 relata que “verão é como eu estou dizendo a gente chega aqui no final de agosto. Agora no dia 25 nós vamos embora”(Entrevista de campo 07/11/2024). Durante esse período, eles aproveitam as condições favoráveis para a pesca, incluindo o nível das águas e a maior disponibilidade de peixes.

Outro ponto pertinente, é permanência no local que também é influenciado pelas condições climáticas como ressalta o Pescador 3 “não até agora só que o que eu estou achando que está custando é só a chuva, agora que o sol esse está muito” (Entrevista de campo 07/11/2024). O pescador afirma que não há chuva como em outros anos e por isso ficará mais tempo no local. A permanência dos pescadores na região está diretamente ligada à sazonalidade da atividade, à demanda do mercado e às condições climáticas, que influenciam tanto a quantidade capturada quanto a viabilidade do transporte e armazenamento do pescado.

Na região os pescadores durante o verão fazem uma moradia que chamam de barraca, para viverem no período de pesca e comercialização do peixe. A construção é feita com madeira e palha do coco babaçu e acomoda os pescadores, seus utensílios de pesca e local para guarda do peixe seco. Após o período verão, quando iniciam as chuvas e o rio começa a encher, os pescadores desfazem a moradia e retornam para suas casas em Pinheiro ou Santa Helena.

Em relação aos equipamentos utilizados na pesca da traíra, estes variam de acordo com o tipo de local, os principais são socó (para lugares com pouca água, que eles chamam de pulsão), malhadeira (para o leito do rio) e tarrafa (para o rio ou pequenas lagoas). O socó (Figura 1a) é um tipo de armadilha de pesca muito comum em áreas de rios, lagoas e estuários. Ele é caracterizado por ser uma espécie de rede de armadilha com formato de funil, utilizada para capturar peixes que nadam em direção à sua boca. A armadilha é colocada de forma que a entrada fique voltada para o fluxo da água, fazendo com que os peixes, ao se moverem, entrem na rede e não consigam sair.

Figura 1 - Instrumentos de pesca: a) Socó b) Malhadeira c) Tarrafa



Fonte: Dos autores (Observação de campo 07/11/2024).

A malhadeira (Figura 1b) é uma rede de pesca usada para capturar peixes pela técnica de arrasto ou cerco, sendo muito utilizada por pescadores que trabalham em barcos ou em praias. A malhadeira é uma rede de malhas que pode ser lançada no mar ou em rios. Ela pode ser de diferentes tamanhos e malhas, dependendo do tipo de peixe que se deseja capturar. Em algumas versões, ela pode ser utilizada com boias e lastros, para se manter na posição desejada durante a pesca.

Outro instrumento de pesca é a tarrafa (Figura 1c) é um tipo de rede de pesca manual muito utilizada em rios, lagos e até no mar. Ela é feita de uma rede circular, com um cordão ou cabo que permite ao pescador lançá-la com grande precisão. A tarrafa é composta por uma rede circular que é jogada sobre o cardume de peixes. Ela é amarrada a um cabo que o pescador segura e que é usado para lançar a rede e depois recolhê-la com os peixes capturados. A tarrafa pode ter malhas de tamanho variável, de acordo com o tipo de peixe que se deseja capturar.

O Pescador 3 relata que “trabalhei primeiro a pescaria nossa aqui era com rede pescava de rede depois de rede nós passamos a pescar de tarrafa depois de tarrafa, passamos a pescar agora com nós pescamos de malhadeira” (Entrevista de campo 07/11/2024). Observamos que, ao longo dos anos, houve mudanças nos instrumentos de pesca e os pescadores se adaptaram às novas técnicas. Essas transformações refletem tanto a necessidade de otimização do trabalho quanto a influência de fatores ambientais e econômicos na escolha dos equipamentos.

A substituição gradual das redes pela tarrafa e, posteriormente, pela malhadeira indica um processo de adaptação às condições do rio, à disponibilidade dos peixes e às exigências do mercado. Além disso, essa evolução sugere uma busca por maior eficiência na captura, permitindo que os pescadores alcancem melhores resultados com menor esforço físico e maior produtividade.

Após a pesca, cabe às mulheres o cuidado com o peixe, são elas que realizam o tratamento de acordo com a sua utilização. O primeiro passo é retirar as escamas e suas vísceras, posteriormente escolher o tipo de corte: “tique” para peixe que será cozido ou frito, “escalado” para os que serão utilizados para assar ou secar. Ainda é considerado que alguns tipos de peixes só são feitos o tiques como o caso das tapiaca, bodó, cascudo, e escaldo como traíra, surubim.

Além da pesca, as mulheres realizam a prática de fazer carvão com o coco babaçu (Figura 2), assim se preparam para o inverno e também utilizam para cozinhar na beira do rio. Uma forma interessante de fazer carvão é com a reutilização de túneis de óleo que são retirados à tampa e o fundo para colocar o coco, adicionar fogo e depois cobre com areia e folhas. Depois de um dia está pronto para uso e comercialização, quando possível.

Figura 2 - Carvão a base de coco babaçu

a) Mulheres quebrando o coco babaçu



b) Túnel com o carvão em repouso



c) Carvão de coco babaçu



Fonte: Dos autores (Observação de campo 07/11/2024).



Além da atividade pesqueira, atividades adicionais, como a fabricação de carvão a partir do coco babaçu e a edificação de residências provisórias no período de verão, demonstram a conexão profunda entre as comunidades ribeirinhas e os recursos naturais existentes. Esta interação equilibrada com o meio ambiente enfatiza a necessidade de ações que fomentem a gestão sustentável dos recursos pesqueiros, assegurando a continuidade desta atividade para as próximas gerações.

## C - Conhecimentos tradicionais na prática da pesca artesanal

Os pescadores artesanais detêm um conhecimento profundo sobre os ciclos naturais, as técnicas de captura e o manejo sustentável dos recursos pesqueiros. Seus saberes são construídos a partir da experiência cotidiana, transmitidos entre gerações e moldados pelas particularidades do ambiente em que vivem. Essa riqueza de conhecimentos abrange desde a identificação das espécies e seus comportamentos até a escolha das melhores estratégias para garantir a subsistência da pesca.

Neste contexto, compreender e valorizar esses saberes é essencial para fortalecer a atividade pesqueira, promover a sustentabilidade e preservar a cultura das comunidades ribeirinhas. Quando se fala em valorizar também é importante abordar como esse conhecimento foi aprendido, os pescadores relatam que aprenderam com seus pais:

Pescador 1: *"Foi finado do meu pai, está vendo tem uns compadre sempre vinham tinham os mais velhos pescavam de rede antigamente rede de fio. Depois foi proibido veio a malhadeira que a gente pesca".*

Pescador 2: *"Eu aprendi com meus pais e minha mãe que é falecida. "Está certo porque não tinha época Nessa época é porque se eu aprendi por eu mesmo mas não pelos pai, meu pai era pescador. Minha mãe era quebradeira de coco e eu era do mato também".*

Pescador 3: *"Isso eu aprendi com meus pais".*

(Entrevista de campos 07/11/2024)

Os saberes dos pescadores artesanais são transmitidos de geração em geração, conforme relatados pelos Pescadores 1 e 2, sendo aprendidos desde a infância por meio da convivência com pais e familiares. Esse conhecimento empírico, construído na prática diária, envolve desde a escolha dos locais de pesca até as técnicas de captura e conservação do pescado. Assim, considerando o nosso objeto de estudo, que é a traíra, apresentamos na Figura 3 o passo a passo para seu cuidado.

Figura 3 - Preparo da traíra para secagem



Fonte: Dos autores (Observação de campo 01/12/2024).

Os pescadores relatam de forma sucinta como é o preparo da traíra para secar, conforme observamos na transcrição:

Pescador 1: *“A gente traz ele concerta escala bem escaladinho, passa o sal passa assim mais duas 3h a gente, lava ele e bota no sol para secar.”*

Pescador 2: *“É escamar ela tira a cabeça dele, escala ele e vira pra cima passa sal e coloca no sol”.*

Pescador 3: *“Aí a gente conserta, ele salga bota no sol seca ele tira a cabeça”.*  
(Entrevista de campos 07/11/2024).

Contudo, foi possível observar o processo de preparo da traíra para secar bem como conversar com as pescadoras, assim mediante análise da Figura 3, podemos deduzir o passo-a-passo:

-Escolha e Preparo do Peixe: as pescadoras competem à função prepara a traíra para secar, assim elas escolhem as traíras frescas, de preferência de tamanho médio a grande, pois peixes muito pequenos podem secar rápido demais e perder sabor (Figura 3a);

- Escamação: a traíra pode ser escalada com ou sem escamas, dependendo da preferência. Se optar por removê-las, use uma faca ou um raspador de escamas (Figura 3b);

- Corte: o peixe é cortado ao meio pelo dorso, do rabo até a cabeça, sem separar completamente as metades (mantendo a barriga intacta). Esse corte facilita a secagem, pois expõe mais superfície à ação do sol e do vento (Figura 3 c, e, f);



- Remoção de vísceras: elas cuidadosamente para evitar perfurações no trato digestivo, o que poderia comprometer o sabor e a conservação (Figura 3d);

- Lavagem e salmoura: após abrir o peixe, lavam novamente para remover qualquer resíduo interno. Colocam uma leve solução salina para ajudar a eliminar microrganismos que elas chamam de salmoura (Figura 3g);

- Salga: a salga é essencial para a conservação. A traíra pode ser salgada de duas formas principais:

a) Salga seca: esfregue sal grosso ou fino em toda a parte interna do peixe e deixe-o descansar por algumas horas ou até um dia para absorver bem o sal.

b) Salga úmida: Deixe o peixe imerso em uma salmoura (água com alta concentração de sal) por algumas horas antes de secá-lo.

- Secagem: colocam a traíra no estaleiro exposto ao sol (Figura 3h) e o tempo de secagem varia conforme o clima. Em regiões mais quentes e secas, pode levar de 2 a 5 dias. Se houver umidade alta, pode demorar mais.

- Armazenamento: depois de seco, guardam o peixe em local seco e arejado, no caso em cofos.

Em relação à secagem do peixe, até o momento numa análise preliminar, os saberes que emergiram podem se conectar à Física, a Química e a Matemática, conforme Quadro 1. Essa técnica tradicional, além de preservar o alimento, transforma suas propriedades físicas e químicas, garantindo um produto típico da culinária.

Quadro 1 - Conceitos de física e química associados à secagem da traíra.

Física	Química	Matemática
<p><b>Evaporação</b> – A secagem do peixe ocorre porque a água presente nos tecidos evapora devido à exposição ao sol e ao vento. A taxa de evaporação aumenta com a temperatura e a ventilação.</p> <p><b>Transferência de Calor</b> – O calor do sol aquece o peixe, acelerando a evaporação da água. Esse processo pode envolver condução (calor passando para o peixe diretamente da superfície onde ele está apoiado) e convecção (o ar quente circulando ao redor do peixe).</p>	<p><b>Desidratação</b> – A perda de água nos tecidos reduz a atividade microbiana e enzimática, ajudando na conservação do peixe.</p> <p><b>Oxidação Lipídica</b> – Durante o processo de secagem, as gorduras presentes no peixe podem reagir com o oxigênio, o que pode levar ao ranço se o peixe não for corretamente armazenado.</p>	<p><b>Unidade de medida:</b> arroba;</p> <p><b>Geometria:</b> formato do cofo, tarrafa e malhadeira;</p> <p><b>Comercial:</b> cálculo de preço.</p>

Fonte: Dos autores.

Assim, nota-se que a técnica tradicional de secagem da traíra, além de ser um saber cultural profundamente arraigado nas comunidades locais, também proporciona uma rica oportunidade de interação com os saberes escolares. Com essa prática, podemos investigar conceitos científicos de maneira contextualizada e relevante, fomentando um aprendizado que aprecia tanto os conteúdos escolares quanto os conhecimentos populares. Esta fusão de ciência e cultura expande o entendimento dos alunos acerca dos fenômenos naturais e sociais, consolidando a interdisciplinaridade e a instrução fundamentada em práticas tangíveis e locais.

## Conclusões

Os estudos apresentados neste resumo são decorrentes do projeto de pesquisa “Análise dos saberes e técnicas envolvidos no processo de secagem da traíra por parte dos pescadores da cidade de Pinheiro (MA) na perspectiva da etnociência”, realizado no Instituto Federal do Maranhão (IFMA),

com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA).

Os resultados preliminares indicam que as práticas pesqueiras relacionadas à captura da traíra apresentam desafios no que se refere às técnicas e aos instrumentos utilizados, em virtude das mudanças ambientais e legais.

Além disso, os saberes tradicionais transmitidos entre gerações não só garantem a continuidade da pesca artesanal, mas também refletem a identidade cultural e a relação simbiótica entre os pescadores e o ambiente natural. No campo educacional, a pesquisa nos conduziu a conceitos de matemática (unidade de medida - arroba), física (transferência de calor) e química (desidratação).

## Agradecimentos

Agradecemos ao Instituto Federal do Maranhão (IFMA) e Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA).

## Referências

INSTITUTO DA BAIXADA MARANHENSE. **Baixada Maranhense**. Disponível em: <https://baixada.org.br/>. Acesso em 20 fev2025.

INSTITUTO FEDERAL DO MARANHÃO. **Sobre o campus**. Disponível em: <https://pinheiro.ifma.edu.br/sobreocampus/>. Acesso em 20 fev2025.

MARTINS, Mayara Galvão. **Estudo das etapas de obtenção e de armazenamento do pirarucu salgado-seco**. 2020. 128 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciência e Tecnologia de Alimentos, Instituto de Tecnologia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.

MENDONÇA, W. C. B. et al. (2020). Defumação da traíra (*Hoplias malabaricus*) como método alternativo de conservação. **Revista on Line De Extensão E Cultura - RealizAção**, 7(13), 53–61. Disponível em: <<https://doi.org/10.30612/realizacao.v7i13.10863>>. Acesso em: 15 fev. 2024.

ROSSINI, C. Maria; CENCI, D. Rubens. Interdisciplinaridade e educação ambiental: um diálogo sustentável. **Revista Prática Docente**, [S. l.], v. 5, n. 3, p. 1733–1746, 2020. DOI: 10.23926/RPD.2526-2149.2020.v5.n3.p1733-1746.id830. Disponível em: <https://periodicos.cfs.ifmt.edu.br/periodicos/index.php/rpd/article/view/396>. Acesso em: 15 fev. 2024.

SILVA, F. J. P.; FRAXE, T. J. **Saberes de populações tradicionais: etnociência em processos de bioconservação**. Contribuciones a las Ciencias Sociales, n. 2013-08, 2013.



# GT 7. Identidades, Gênero e Cultura

**IX DIÁLOGOS**  
na contemporaneidade

**POR OUTROS MODOS**  
*DE PENSAR A VIDA, A*  
**TERRA E NOSSO JEITO**  
*DE ESTAR NO MUNDO*



## ETNOMATEMÁTICA E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: ESTRATÉGIAS ADAPTATIVAS PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA A ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA VISUAL

SOUZA, Mara Luane dos Santos<sup>1</sup>;  
GIONGO, Ieda Maria<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade do Vale do Taquari - Univates, mara.souza1@universo.univates.br;

<sup>2</sup> Universidade do Vale do Taquari - Univates, igiongo@univates.br

**Tema: Identidade, Gênero e Cultura**

**Resumo:** A matemática desempenha um papel fundamental tanto no cotidiano quanto no ambiente escolar, sendo utilizada intuitivamente nas atividades diárias e formalmente no contexto educativo. A etnomatemática, proposta por Ubiratan D'Ambrosio (2001), destaca a importância de integrar os saberes matemáticos escolar e não escolar, considerando os aspectos culturais e sociais na construção do conhecimento matemático. A pesquisa de mestrado em andamento tem como objetivo desenvolver atividades pedagógicas adaptativas para estudantes com deficiência visual, com ênfase na integração da etnomatemática para aprimorar o processo de ensino. O estudo está sendo conduzido com uma aluna do 1º ano do ensino fundamental em Itaituba/PA, atendida na Sala de Recurso Multifuncionais. A pesquisadora, que possui conhecimento do sistema braille, realiza as atividades e coleta os dados por meio de observações diretas e registros descritivos. Os resultados parciais indicam que o uso de materiais táteis, manipuláveis e simbólicos tem favorecido significativamente o engajamento da estudante e contribuído para a construção dos conceitos matemáticos, como o reconhecimento dos símbolos numéricos em braille e sua associação com as quantidades. No entanto, identificou-se a necessidade de adaptações adicionais para potencializar a aprendizagem autônoma, destacando a importância de práticas pedagógicas inclusivas e contextualizadas.

**Palavras-chave:** Saberes culturais; Materiais táteis; Inclusão escolar.

**Abstract:** Mathematics plays a fundamental role both in everyday life and in the school environment, being used intuitively in daily activities and formally in the educational context. ethnomathematics, proposed by Ubiratan D'Ambrosio (2001), highlights the importance of integrating school and non-school mathematical knowledge, considering the cultural and social aspects in the construction of mathematical knowledge. The ongoing master's research aims to develop adaptive pedagogical activities for students with visual impairment, with emphasis on the integration of ethnomathematics to improve the teaching process. The study is being conducted with a student of the 1º year of elementary school in Itaituba/PA, attended in the Multifunctional Resource Room. The researcher, who has knowledge of the braille system, performs the activities and collects the data through direct observations and descriptive records. The partial results indicate that the use of tactile, manipulable and symbolic materials has significantly favored the student's engagement and contributed to the construction of mathematical concepts, such as the recognition of numerical symbols in braille and their association with quantities. However, the need for additional adaptations to enhance autonomous learning was identified, highlighting the importance of inclusive and contextualized pedagogical practices.

**Keywords:** Cultural knowledge; Tactile materials; School inclusion.

### Introdução

A matemática é uma disciplina essencial tanto no cotidiano quanto no ambiente educacional, sendo aplicada de maneira intuitiva nas atividades diárias e de forma sistemática no contexto escolar. No âmbito da educação inclusiva, especialmente no ensino de matemática para estudantes com deficiência visual, é fundamental que o ensino seja adaptado às necessidades desses estudante,



levando em consideração suas especificidades culturais e sociais. Nesse contexto, a etnomatemática, proposta por Ubiratan D'Ambrosio (2001), destaca a importância de integrar os saberes matemáticos cotidianos com os conhecimentos escolares, reconhecendo os aspectos culturais como elementos essenciais no processo de construção do conhecimento matemático. Assim, D'Ambrósio enfatiza que:

[...] cada cultura desenvolveu sua própria maneira, estilos e técnicas de fazer, e respostas à procura por explicações, entendimentos e aprendizagem. Estes são os sistemas de conhecimento. Todos esses sistemas usam inferência, quantificação, comparação, classificação, representação, medida. É claro que a matemática ocidental é um desses sistemas de conhecimento, como nos mostra uma visão ampla de sua história. Mas outras culturas desenvolveram, também, outros sistemas de conhecimento com os mesmos objetivos. Isto é, são outras 'matemáticas', usando diferentes maneiras de inferir, quantificar, comparar, classificar, representar, medir. Todos esses sistemas de conhecimento poderiam ser chamados etnomatemáticas. Eles são as 'matemáticas' de diferentes ambientes naturais e culturais, todos motivados pela busca por sobrevivência e transcendência (D'Ambrósio, 1999a, p. 52).

A etnomatemática, portanto, oferece uma compreensão integrada da matemática, conectando o saber formal às realidades culturais e históricas. Segundo Bortoli, Marchi e Giongo (2014), essa abordagem busca valorizar os saberes matemáticos de diferentes grupos culturais, reconhecendo-os como componentes essenciais no processo educativo. Dessa forma, a matemática deixa de ser vista como um conceito isolado, passando a ser entendida como um conhecimento diretamente relacionado aos contextos históricos e culturais.

No campo da etnomatemática, como destaca Wanderer (2014, p. 208), "as matemáticas produzidas em diferentes formas de vida são diferentes jogos de linguagem", sugerindo que essas variações matemáticas refletem as particularidades de cada comunidade. D'Ambrósio (2002) reforça essa perspectiva ao enfatizar que os saberes matemáticos são construções culturais que emergem a partir das necessidades práticas e dos contextos históricos de cada grupo.

No contexto da educação para deficientes visuais, esse entendimento se amplia, pois a matemática assume uma configuração própria, mediada pelo uso do sistema braille. Para os indivíduos com deficiência visual, o braille não é apenas uma ferramenta de leitura e escrita, mas um recurso essencial para a transmissão de informações de forma tátil e para a construção de um conhecimento matemático adaptado às suas necessidades. Assim, a matemática para deficientes visuais se distancia das abstrações do ensino tradicional, transformando-se em uma prática dinâmica e contextualizada, ajustada às necessidades culturais e comunicativas dessa comunidade, configurando-se, portanto, como um "jogo de linguagem" específico.

Com base nessas premissas, a presente pesquisa de mestrado em andamento, tem como objetivo investigar e implementar atividades pedagógicas adaptativas, com enfoque na integração da etnomatemática, para aprimorar o ensino de matemática de uma estudante com deficiência visual. O estudo é conduzido com uma aluna do 1º ano do ensino fundamental, matriculada em uma escola no município de Itaituba/PA, e atendida na Sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE). A pesquisa iniciou em 2024 e se estende ao longo de 2025, envolvendo a aplicação de atividades pedagógicas adaptadas, respeitando as especificidades da aluna por meio do uso do sistema braille, materiais táteis e manipuláveis.

A mestranda, com conhecimentos no sistema braille, é responsável pela execução das atividades pedagógicas e pela coleta de dados por meio de observações diretas e registros descritivos. Esses dados serão essenciais para a análise e adaptação contínua das práticas pedagógicas, permitindo um acompanhamento detalhado do desenvolvimento da estudante e ajustes conforme suas necessidades.

A justificativa para a realização desta pesquisa está fundamentada na crescente necessidade de práticas pedagógicas inovadoras que favoreçam a inclusão e o desenvolvimento das habilidades matemáticas de estudantes com deficiência visual. Ao integrar saberes culturais no contexto do ensino adaptativo, a pesquisa busca oferecer contribuições significativas para o campo da educação inclusiva, promovendo um ensino de matemática mais acessível e relevante para este público.

A proposta da pesquisa se caracteriza na utilização recursos pedagógicos adaptativos, como materiais táteis e manipuláveis, que incentivem a exploração sensorial e a construção do conhecimento matemático. Esses materiais, em combinação com o sistema braille, têm o potencial de criar um ambiente de aprendizagem interativo, permitindo que a aluna participe ativamente das atividades e desenvolva suas habilidades matemáticas de maneira autônoma.

Ao longo da pesquisa, está sendo dada especial atenção à adaptação das atividades pedagógicas, com o objetivo de permitir que a aluna se envolva de forma ativa no processo de ensino, desenvolvendo suas habilidades matemáticas em um contexto culturalmente significativo. Essa abordagem não busca apenas ensinar matemática de forma tradicional, mas também promover uma educação mais inclusiva, na qual todos os saberes, incluindo os culturais, sejam reconhecidos e integrados ao processo de aprendizagem.

Dessa forma, a pesquisa visa ampliar a compreensão das potencialidades do ensino adaptativo no contexto da educação inclusiva. Ao integrar a etnomatemática ao ensino de matemática para deficientes visuais, pretende-se contribuir significativamente para o campo educacional, criando novas estratégias que facilitem o acesso à matemática e promovam um ambiente de aprendizagem mais equitativo e eficaz. A pesquisa, portanto, não apenas aprimora a prática pedagógica inclusiva, mas também amplia as possibilidades de ensino de matemática para estudantes com deficiência visual, garantindo um processo de aprendizagem mais significativo e relevante.

## **Descrição do trabalho/pesquisa ou da Experiência**

A pesquisa está sendo desenvolvida em uma escola localizada no município de Itaituba/PA, como foco em uma estudante totalmente cega, matriculada no 1º ano do ensino fundamental, atendida na Sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE). A Sala de AEE constitui-se em um espaço pedagógico adaptado, que oferece suporte especializado a estudantes com necessidades educacionais específicas, como no caso da aluna com deficiência visual. Este ambiente favorece a implementação de práticas pedagógicas adaptadas, visando atender às particularidades da estudante e garantir sua plena inclusão no processo educacional. A estudante está sendo acompanhada durante o período de 2024 a 2025, com o intuito de promover o ensino de matemática de forma acessível, utilizando recursos pedagógicos adaptativos, tais como o sistema braille e manipuláveis (memória textura, material dourado e alfabeto braille em M.D.F.). Segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico:

Materiais manipuláveis de diversos tipos são, ao longo de toda a escolaridade, um recurso privilegiado como ponto de partida ou suporte de muitas tarefas escolares, em particular das que visam promover atividades de investigação e a comunicação matemática entre os alunos (Brasil, 2001a, p. 71).

A adoção desta perspectiva é especialmente relevante para compreender, de maneira sensível e contextualizada, as dinâmicas pedagógicas e sociais que envolvem a trajetória da estudante com deficiência visual, especialmente no campo da etnomatemática. Conforme Salvador (1980), o sujeito é o agente que interage com o objeto de estudo, e essa interação é condicionada por um contexto social que influencia e molda o processo. A relação entre o sujeito e seu contexto social torna-se,



portanto, um elemento fundamental para definir o posicionamento epistemológico do pesquisador, orientando as escolhas metodológicas aplicadas no estudo.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com ênfase na observação e intervenção pedagógica, que se constitui na metodologia escolhida devido à sua capacidade de proporcionar uma análise profunda e contínua das práticas pedagógicas em ação. As observações são realizadas de forma sistemática durante as atividades de ensino, registrando as interações da estudante com os materiais e seu progresso de ensino educacionais dos conceitos matemáticos, como a associação entre números e quantidades. A intervenção pedagógica é conduzida pela pesquisadora, que, como mestrande com conhecimento do sistema braille, é responsável pela elaboração e execução das atividades adaptativas. A coleta de dados é realizada por meio de observações diretas, filmagens, fotos e registros descritivos, permitindo uma análise detalhada e abrangente do processo de ensino. De acordo com, Ludke e André (2017, p. 30),

[...] a observação ocupa um lugar privilegiado nas novas abordagens de pesquisa educacional. Usada como o principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coleta, a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens. Em primeiro lugar, a experiência direta é, sem dúvida, o melhor teste de verificação da ocorrência de determinado fenômeno. “Ver para crer” diz o ditado popular.

As metodologias de observação, aliada à intervenção pedagógica, possibilita um acompanhamento contínuo do desenvolvimento da estudante, permitindo que as atividades sejam ajustadas dinamicamente de acordo com suas necessidades e avanços no processo educativo. Essa abordagem garante uma análise detalhada e em tempo real das interações da estudante com os materiais didáticos, promovendo ajustes pedagógicos que atendem às suas particularidades.

Além disso, as metodologias de observação e intervenção desempenham um papel crucial na garantia da acessibilidade do ensino, proporcionando um ambiente onde a estudante pode se engajar ativamente nas práticas matemáticas. A utilização de materiais táteis e manipuláveis, combinada com o sistema braille, assegura que o conteúdo matemático seja acessado de forma concreta e tangível, respeitando as especificidades da deficiência visual da estudante.

Esse formato de ensino não apenas facilita a inclusão, mas também contribui para a construção de uma compreensão mais profunda dos conceitos matemáticos. Ao oferecer um ensino que vai além das abordagens tradicionais, promove-se uma educação matemática que é sensível às diversidades cognitivas e sensoriais da estudante. Dessa forma, a pesquisa fortalece práticas pedagógicas inovadoras e inclusivas, que, ao incorporar recursos adaptativos, tornam o aprendizado de matemática acessível e significativo.

A utilização de recursos táteis e manipuláveis permite que a estudante explore e internalize os conceitos matemáticos de forma sensorial e prática, promovendo uma aprendizagem ativa e envolvente. Essa abordagem, ao valorizar o uso desses recursos, não apenas facilita a compreensão de conceitos abstratos, mas também estimula a autonomia e a capacidade de resolução de problemas, aspectos fundamentais para o desenvolvimento cognitivo. Ao possibilitar a interação direta com os objetos, essa metodologia favorece a construção do conhecimento por meio da experiência concreta, sendo essencial para um aprendizado efetivo, especialmente em contextos de educação inclusiva. A seguir, apresenta-se a Figura 01 que ilustra essa metodologia em ação.

Figura 01: Exploração tátil de materiais pedagógicos



Embora a pesquisa ainda esteja em andamento, os resultados parciais já indicam avanços significativos no engajamento da aluna e no desenvolvimento de habilidades matemáticas básicas. A aluna tem demonstrado progressos no reconhecimento e na associação dos símbolos numéricos em Braille com as respectivas quantidades, além de apresentar um aumento gradual na sua autonomia na manipulação dos materiais. No entanto, também foram identificadas áreas em que são necessárias adaptações adicionais para maximizar a aprendizagem autônoma da aluna, como o aprimoramento das estratégias que favoreçam a aplicação independente dos conceitos aprendidos.

Para a análise e interpretação dos dados, foi optada a utilização da pesquisa descritiva, conforme Gil (2008), que tem como objetivo registrar as características de um fenômeno de maneira detalhada, destacando aspectos específicos do contexto investigado. A pesquisa descritiva, portanto, se revela especialmente adequada para este estudo, pois permite a compreensão das práticas pedagógicas e dos resultados educacionais em situações reais, sem a manipulação de variáveis. Dessa forma, a pesquisa descritiva tem sido empregada para documentar, de maneira precisa e clara, as práticas adotadas, os materiais didáticos utilizados e as respostas da estudante durante as atividades matemáticas, proporcionando uma visão detalhada e contextualizada do processo de ensino.

Esse desenvolvimento está evidenciando a relevância das práticas pedagógicas inclusivas, utilizando materiais adaptativos, para tornar o ensino de matemática mais acessível para estudantes com deficiência visual. A pesquisa, portanto, continua a ser relevante para o avanço das estratégias de ensino inclusivo, buscando criar um ambiente de aprendizagem mais equitativo e eficaz para todos os estudantes com deficiência visual.

## Resultados

Os resultados parciais da pesquisa indicam que o uso de materiais concretos e manipuláveis, juntamente com o sistema braille, tem promovido o engajamento da estudante e facilitado a compreensão de conceitos matemáticos básicos, como a associação entre números e quantidades. A estudante tem mostrado progressos na manipulação dos materiais e na associação dos símbolos



numéricos em braille com as respectivas quantidades, refletindo uma melhoria no seu desempenho educacional.

No entanto, a pesquisa também aponta para a necessidade de adaptações adicionais para otimizar a aprendizagem autônoma da estudante. Embora tenha demonstrado avanços no reconhecimento de números e quantidades, a aplicação dos conceitos em operações matemáticas mais complexas, como adição e subtração, ainda está em desenvolvimento. Isso sugere que, embora existam progressos iniciais, é necessário dar continuidade às estratégias de ensino para que a aluna possa aplicar os conhecimentos de forma mais autônoma em uma variedade de contextos matemáticos.

Além disso, foi observada uma crescente autonomia da estudante na manipulação dos materiais, o que indica que ela está se familiarizando cada vez mais com os recursos e desenvolvendo suas próprias estratégias de interação com eles. No entanto, sua capacidade de aplicar esses materiais de forma independente ainda necessita de ajustes, especialmente em tarefas que exigem maior concentração e a aplicação dos conceitos em novas situações.

Esses resultados podem ser interpretados dentro do contexto da etnomatemática, que destaca a importância de reconhecer e valorizar as práticas culturais e as formas de conhecimento matemático que emergem das vivências de diferentes grupos sociais. A matemática, quando mediada pelo sistema braille, torna-se um reflexo da cultura e das experiências da estudante, permitindo que ela interaja com o conhecimento de maneira tangível e acessível. A escrita e leitura em braille representam uma forma de comunicação e de construção de conhecimento matemático que é específica à sua cultura, uma vez que adapta o saber formal da matemática às necessidades sensoriais e cognitivas de um estudante cego.

Dessa forma, a utilização de materiais táteis e manipuláveis, juntamente com o sistema braille, possibilita que a estudante construa e internalize conceitos matemáticos de forma concreta, respeitando sua cultura e a forma única pela qual ela interage com o mundo. A inclusão do Braille no ensino de matemática não é apenas uma adaptação pedagógica, mas uma validação da maneira como a estudante percebe, interage e compreende a matemática dentro do seu contexto cultural, promovendo um aprendizado significativo e culturalmente relevante.

Esses resultados ressaltam a eficácia das práticas pedagógicas adotadas, que integram recursos adaptativos com o sistema Braille, criando um ambiente de ensino mais acessível e tangível. No entanto, para que o aprendizado se torne mais autônomo e completo, é essencial a introdução de novas adaptações e estratégias pedagógicas. O desenvolvimento de atividades que integrem de forma mais eficaz os conceitos matemáticos básicos com suas aplicações práticas no cotidiano será crucial para garantir um aprendizado mais abrangente e significativo.

Em síntese, a pesquisa sugere que, embora os recursos pedagógicos utilizados tenham sido eficazes no desenvolvimento inicial de habilidades matemáticas, há necessidade de um trabalho contínuo para promover maior autonomia à aluna. Isso permitirá que ela aplique os conceitos em situações mais complexas e cotidianas, sendo fundamental para a evolução do processo de ensino-aprendizagem. A continuidade da pesquisa possibilitará o aprimoramento das intervenções pedagógicas e a avaliação de como essas práticas podem ser ajustadas para atender melhor às necessidades da aluna e de outros estudantes com deficiência visual.

## Conclusões

A pesquisa evidenciou que o uso de materiais táteis e manipuláveis, juntamente com o sistema Braille, tem contribuído significativamente para o desenvolvimento inicial das habilidades matemáticas da estudante. O engajamento com esses recursos tem permitido uma interação

mais concreta com conceitos matemáticos, facilitando a associação entre números e quantidades. Contudo, os resultados também indicam que a aluna ainda enfrenta desafios na aplicação desses conhecimentos em situações mais complexas, como operações de adição e subtração, o que destaca a necessidade de ajustes nas estratégias pedagógicas para promover maior autonomia.

Apesar dos progressos iniciais, ficou claro que a transição para uma aprendizagem mais autônoma requer o aprimoramento contínuo das práticas pedagógicas. A crescente familiarização da estudante com os materiais manipulativos e o sistema Braille é um ponto positivo, mas a aplicação desses recursos de forma independente ainda necessita de refinamento. A pesquisa sugere que a integração de estratégias mais eficazes para a aplicação de conceitos matemáticos em situações cotidianas será essencial para o avanço no processo de ensino-aprendizagem.

Em perspectiva, a pesquisa reforça a importância de práticas pedagógicas inclusivas que respeitem as especificidades culturais e cognitivas dos estudantes com deficiência visual. A inclusão do sistema Braille no ensino de matemática não deve ser vista apenas como uma adaptação, mas como uma validação da maneira única pela qual a estudante interage com o conhecimento matemático. O aperfeiçoamento contínuo das intervenções pedagógicas será fundamental para garantir que a aluna possa aplicar seus conhecimentos em situações práticas e cotidianas, promovendo, assim, um aprendizado mais significativo e autônomo.

## Referências

BORTOLI, Gládis; MARCHI, Miriam Inês; GIONGO, Ieda Maria. **Entrecruzamentos do pensamento etnomatemático e da história da matemática: possibilidades para uma prática pedagógica.**

Zetetiké, Campinas, v. 22, n. 41, p. 71-88, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/zet.v22i41.8646578>. Acesso em: 3 maio 2025.

BRASIL. **Ministério da Educação.** Departamento de educação básica. Currículo Nacional do Ensino Básico. Brasília: Distrito Federal, 2001.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 112p.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática e seu primeiro congresso internacional.** Zentralblatt für Didaktik der Mathematik, ZDM. 31(2), 1999a, p. 50-53

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Etnomatemática: Um enfoque antropológico da matemática e do ensino.** In: FERREIRA, Mariana Leal. (Org). *Idéias matemáticas de povos culturalmente distintos.* São Paulo: Global, 2002. PP. 25-36.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2017.

SALVADOR, Ângelo Domingos. **Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica: elaboração de trabalhos científicos;** 8ª Ed. Porto Alegre: Sulina, 1980.

WANDERER, Fernanda. **Educação matemática, jogos de linguagem e regulação.** São Paulo: Editora Livraria da Física, 2014.



## O TRABALHO FEMININO E O BEM VIVER A PARTIR DE RELATOS DO COTIDIANO DE MULHERES TRABALHADORAS NO MUNICÍPIO DE LAJEADO/RS

Juliana Baiocco Nascimento<sup>1</sup>

Fernanda Storck Pinheiro<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Graduada em Direito pela Univates. Especialista em Direito Público e de Estado pela UFRGS. Atualmente é advogada e assessora jurídico-administrativa. Mestre em Ambiente e Desenvolvimento pela Univates.

<sup>2</sup>Graduada e Mestre em Direito pela UNISC. Doutora em Direito pela PUCRS. Atualmente é professora do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento – Mestrado e Doutorado da Universidade do Vale do Taquari – Univates.

### Tema: Identidades, Gênero e Cultura

**Resumo:** O tema da igualdade de gênero tem estado cada vez mais em evidência, como uma das formas de se pensar uma sociedade mais justa, igualitária e desenvolvida. Trata-se, inclusive, de um dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas, que busca alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas, reconhecendo e valorizando o trabalho doméstico não remunerado, bem como promovendo a responsabilidade compartilhada dentro do lar e da família (ODS 5). Ao mesmo tempo em que se trata de um tema global, os desafios para alcançar este objetivo se diferenciam de acordo com o contexto local e cultural das sociedades. O objetivo desta pesquisa é compreender como as mulheres trabalhadoras no Município de Lajeado/RS organizam sua rotina de vida entre trabalho, família e bem-estar. Para tanto, foram oportunizados espaços de escuta semiestruturados das mulheres participantes, nos seus locais de trabalho. A base teórica norteadora das reflexões parte das visões de micropolítica emancipatória de Antony Giddens (2002) e do bem viver de Alberto Acosta (2016); perpassando por uma pesquisa integrativa junto ao Portal da CAPES, dos últimos 3 anos; em português, a partir das palavras-chave desta pesquisa. Assim, a pesquisa foi do tipo qualitativa, tendo como procedimento os métodos exploratório e narrativo, e como instrumentos foram utilizados revisão bibliográfica e pesquisa documental, além do trabalho de campo por amostragem, onde se priorizou a qualidade dos relatos, sendo os dados quantitativos (idade, naturalidade, estado civil, escolaridade) tratados como complementares. O que se espera da pesquisa, e que perpassa pela observação preliminar de que há uma crescente de lares chefiados por mulheres, é contribuir com a construção de uma identidade coletiva tendente a eliminar as diferenças de gênero e entre os grupos sociais, bem como estimulando a construção de sociedades sustentadas na harmonia das relações pessoais e interpessoais, consigo, com os outros e com o meio. E isto parte da valorização dos relatos do cotidiano e os modos de realização do trabalho e do bem-estar destas mulheres trabalhadoras, que também serve de base para o aprimoramento das iniciativas voltadas à qualidade de vida, mantidas pela empresa financiadora da pesquisa. Como resultados, se observa que, efetivamente, a busca pelo bem viver vem gradativamente ganhando espaço em contraponto à busca desenfreada por resultados puramente materiais, abrindo-se para formas de tornar a vida mais leve e equilibrada. A relevância da pesquisa, na linha de Espaços e Problemas Socioambientais, está na valorização do trabalho feminino, muitas vezes invisível, tanto dentro quanto fora do lar, sendo ele vetor de desenvolvimento social. Uma pesquisa de cunho científico, busca compreender esta dinâmica e suas particularidades, contribuindo com reflexões e propostas voltadas ao empoderamento e à qualidade de vida de mulheres trabalhadoras.

**Palavras-chave:** trabalho feminino; qualidade de vida; bem-estar; ODS 5; bem viver.

**Abstract:** The gender equality theme of theme has been increasingly in evidence as one of the ways to think about a fairer, more egalitarian and developed society. It is also one of the United Nations 2030 Agenda's Sustainable Development Goals, which seeks to achieve gender equality and empower all women and girls, recognizing and valuing unpaid domestic work, as well as promoting shared responsibility within the home and

family (SDG 5). While it is a global issue, the challenges to achieving this goal differ according to the local and cultural context of societies. The objective of this research is to understand how women workers of Lajeado/RS organize their life routine between work, family and well-being. To this end, semi-structured listening spaces will be provided for the participating women in their workplaces. The theoretical basis guiding the reflections is based on Antony Giddens' (2002) visions of emancipatory micropolitics and Alberto Acosta's (2016) living well; going through integrative research within the CAPES portal, from the last 3 years, in Portuguese, on the keywords of this research. Thus, the research will be qualitative, having as a procedure the exploratory and narrative method, and as instruments were used bibliographic review and documentary research, in addition to fieldwork by sampling, where the quality of the reports was prioritized, and the quantitative data (age, place of birth, marital status, education) will be treated as complementary. What is expected from the research, which goes through the preliminary observation that there is a growing number of households headed by women, is to contribute to the construction of a collective identity tending to eliminate gender differences and those among social groups, as well as stimulating the construction of societies based on the harmony of personal and interpersonal relationships, with oneself, with others and with the environment. And this starts from the validation of the daily life reports and the ways of carrying out the work and well-being of these working women, which also serves as a basis for the improvement of initiatives aimed at quality of life, maintained by the company funder of the research. As a result, it is observed that, effectively, the search for living well has been gradually gaining space in counterpoint to the unbridled search for purely material results, opening up to ways to make life lighter and more balanced. The relevance of the research, in the line of Socio-environmental Spaces and Problems, lies in the valorization of women's often invisible work, both inside and outside the home, being a vector of social development. The scientific research seeks to understand this dynamic and its particularities, contributing with reflections and proposals aimed at the empowerment and quality of life of working women.

**Keywords:** women's work; quality of life; welfare; SDG 5; good living.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As necessidades humanas modificam-se permanentemente, o ser humano cada vez mais busca autodeterminar sua vida, suas vontades, suas escolhas. E neste contexto, as mulheres demandam um esforço maior do que os homens na busca por este ideal de vida, pois carregam consigo a marca da histórica desigualdade de gênero.

Em que pese o desejo latente de buscar seu espaço, qualificando-se e realizando-se profissional e pessoalmente, suas obrigações com o lar seguem permanentes, sendo sua jornada extra diária não remunerada.

O tema da igualdade de gênero tem estado cada vez mais em evidência, como uma das formas de se pensar uma sociedade mais justa, igualitária e desenvolvida. Trata-se, inclusive, de um dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU, 2015). Ao mesmo tempo em que se trata de um tema global, os desafios para alcançar este objetivo se diferenciam de acordo com o contexto local e cultural da sociedade.

Neste sentido, o que se observa é que a luta pela igualdade de gênero precisa seguir avançando dia a dia, e, a evolução da sociedade como um todo, precisa contribuir com este processo.

Com base nestas considerações iniciais, delimitou-se o tema da pesquisa centrado no estudo das inter-relações entre trabalho e bem viver na vida de mulheres trabalhadoras no município de Lajeado/RS. Para tanto, o recorte selecionado foram mulheres trabalhadoras que atuam na rede municipal de educação (Escolas Municipais de Educação Infantil, Escolas Municipais de Ensino Fundamental e Projetos Vida de contraturno escolar), abrangendo as que exercem as funções de apoio, de: zeladoria, preparação de alimentos, limpeza e assistência educacional. De modo geral a pesquisa centra-se na seguinte questão: Quais são os desafios à igualdade de gênero diante das



inter-relações entre trabalho e bem viver na vida de mulheres trabalhadoras de serviços públicos terceirizados no município de Lajeado/RS?

Isto porque, dentre os objetivos e metas da Agenda 2030 (ONU, 2015), estabelecidas pela Assembleia Geral das Nações Unidas, que estimulam ações globais em 5 (cinco) áreas de importância crucial para a humanidade (pessoas, prosperidade, paz, parcerias e planeta), de dimensões social, ambiental, econômica e institucional, estão: garantir que todos os seres humanos possam realizar o seu potencial em dignidade e igualdade; garantir vidas prósperas e plenas; promover sociedades pacíficas, justas e inclusivas. Sendo o enfoque principal desta pesquisa o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 5, que busca alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas, reconhecendo e valorizando o trabalho doméstico não remunerado, por meio da disponibilização de serviços públicos, infraestrutura e políticas de proteção social, bem como a promoção da responsabilidade compartilhada dentro do lar e da família.

Com o recorte selecionado, de trabalhadoras de serviços públicos no município de Lajeado/RS, trabalhando em ambientes que atendem às futuras gerações, sendo rede de apoio para outras mulheres trabalhadoras, através de revisão teórica acerca do papel da mulher, e da análise das informações levantadas, entende-se ser possível compreender como mulheres trabalhadoras organizam sua rotina de vida entre trabalho, família e bem viver, e quais os desafios para a igualdade de gênero, a partir deste grupo pesquisado.

O objetivo geral da pesquisa será compreender como mulheres trabalhadoras no município de Lajeado/RS organizam sua rotina de vida entre trabalho, família e bem viver, e quais os desafios para a igualdade de gênero para este grupo de mulheres. Para atingir este objetivo geral, a pesquisa buscará: identificar o perfil comportamental de mulheres trabalhadoras de serviços públicos no município de Lajeado/RS; e, identificar os principais desafios à igualdade de gênero para o grupo estudado, através da observação do seu acesso aos direitos sociais; sendo estes seus objetivos específicos.

Isto porque, as áreas de estudo: trabalho e bem viver, relacionam-se diretamente com os direitos sociais, esculpidos na Constituição Federal Brasileira de 1988, em Capítulo específico dentro do Título “Dos Direitos e Garantias Fundamentais” (Brasil, 1988). Trabalho, saúde, educação, lazer, segurança, previdência social, proteção à maternidade e à infância, assistência aos desamparados, estão ligados à possibilidade de melhoria das condições de vida, e no caso das mulheres, são vetores de empoderamento.

Assim, a relevância da pesquisa, na linha de Espaços e Problemas Socioambientais, está na observação de que há uma crescente de lares chefiados por mulheres. Sendo uma pesquisa de cunho científico, busca compreender esta dinâmica e suas particularidades, contribuindo com outras pesquisas científicas, reflexões acadêmicas e propostas de políticas públicas, voltadas à qualidade de vida das mulheres trabalhadoras.

## **2 ANÁLISE DOS RELATOS DO COTIDIANO DAS PARTICIPANTES DA PESQUISA**

Em termos gerais, a pesquisa é qualitativa, tendo como procedimento os métodos exploratório e narrativo, buscando compreender como mulheres trabalhadoras no Município de Lajeado/RS organizam sua rotina entre trabalho, família e bem viver, e quais os desafios para a igualdade de gênero para este grupo de mulheres a partir do exercício destes direitos.

Como instrumentos de pesquisa, além da revisão bibliográfica e pesquisa documental integrativa, utilizou-se um trabalho de campo por amostragem, com mulheres que exercem suas funções de apoio nas Escolas Municipais de Educação Infantil, nas Escolas Municipais de Educação Fundamental, e nos Projetos Vida de contraturno escolar do município de Lajeado/RS, através

de espaços de escuta semiestruturados nos seus locais de trabalho, priorizando-se a qualidade dos relatos, sendo os dados quantitativos (idade, estado civil, escolaridade) tratados como complementares.

As entrevistas semiestruturadas, de acordo com Bardin (2011), são mais curtas, de menos de uma hora, gravadas e transcritas:

Lidamos então com uma fala relativamente espontânea, com um discurso falado, que uma pessoa – o entrevistado – orquestra mais ou menos à sua vontade. Encenação livre daquilo que esta pessoa viveu, sentiu e pensou a propósito de alguma coisa. A subjetividade está muito presente: uma pessoa fala.

Antes deste trabalho de campo apresentado neste capítulo, foi aplicado um teste anterior, em dezembro de 2022. Naquele teste, foi enviado convite de participação por mensagem de WhatsApp, para todas as trabalhadoras que exercem suas funções no Bairro Jardim do Cedro, para entrevistas fora do horário de trabalho, em área pública de lazer do próprio bairro. Na ocasião, a adesão foi de pouco mais de 10% (dez por cento).

Então, para o trabalho de campo de 2023 foi alterada a estratégia, tendo sido a abordagem presencial, nos locais de trabalho, em horário de expediente. A ideia inicial era começar pelas instituições de ensino municipal dos Bairros Santo André, Campestre, seguindo para os Bairros Centenário, Olarias, Igrejinha, Planalto; para, com a média de adesão do teste, atingir aproximadamente 12 (doze) relatos.

Ocorre que, ao chegar na quarta escola, tendo coberto apenas os Bairros Santo André e Campestre, já havia passado o número proposto de entrevistas, pois a adesão foi de 100% (cem por cento) das trabalhadoras. Observou-se que, a apresentação pessoal e individual da pesquisa, prontamente motivou estas mulheres a falarem. Neste sentido, em cada local foi disponibilizada uma sala reservada para atendimento individual.

O material obtido totalizou aproximadamente 7 (sete) horas de gravação, em 4 (quatro) locais distintos, tendo sido assegurado o atendimento às questões éticas de pesquisa, “com a garantia de participação voluntária e sem riscos, anonimização e direito de permanecer ou abandonar a pesquisa a qualquer momento mediante comunicação prévia” (Nganga et al., 2023, p. 5). Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Quanto à anonimização, a pesquisadora optou por adotar pseudônimos que fizessem referência a mulheres que, cada uma a seu tempo, contestaram hábitos tradicionais e agiram de forma diferenciada, adotando outros hábitos sociais, políticos, pessoais e comportamentais. Mulheres que, dentre inúmeras outras, inclusive anônimas, assumiram protagonismo e decidiram agir em público, quer seja empunhando armas, quer seja engajando-se no ativismo político, ou ainda usando da dedicação à ciência, à palavra escrita e à expressão artística.

O que estas mulheres têm em comum é que todas recusaram o lugar subalterno que lhes fora reservado, tendo então participação na construção de uma identidade coletiva tendente a eliminar as diferenças de gênero e entre os grupos sociais, bem como estimulando a construção de sociedades sustentadas na harmonia das relações pessoais e interpessoais, consigo, com os outros e com o meio.

Segundo Bardin (2011, p. 120), o processo de decifração estrutural é centrado em cada entrevista, sendo que, “quando se faz análise de entrevistas, raramente é possível estabelecer um quadro categorial único e homogêneo, devido à complexidade e a multidimensionalidade do material verbal”.

Ainda conforme a autora, o material verbal obtido a partir de questões abertas é significativamente mais vasto em informações do que respostas a questões fechadas:



A análise das coocorrências procura extrair do texto as relações entre os elementos da mensagem, ou mais exatamente, dedica-se a assimilar as presenças simultâneas (coocorrência ou relação de associação) de dois ou mais elementos na mesma unidade de contexto, isto é, num fragmento de mensagem previamente definido (Bardin, 2011, p. 260).

E assim, é possível “ouvir a música de múltiplas vozes que brota de seres humanos que comunicam” (Bardin, 2011, p. 276).

Segundo Kaplan e Davidoff (2014), o trabalho social de mudar a consciência das pessoas e as relações em vários níveis, deve ser realizado não através da tentativa de convencer, mas oferecendo abertamente oportunidades de autoconhecimento e de um real engajamento, através de escuta atenta, e, principalmente, e sobre tudo, proximidade do pesquisador com o objeto pesquisado:

Nós sabíamos que tínhamos que praticar aquilo que queríamos que emergisse e assim praticamos simples atos de humanidade. [...] Sem saber o significado exato de ‘praticar simples atos de humanidade’ e sem saber realmente como lidar com as complexidades que tinham diante de si, eles sabiam que tinham que se embeber de uma atitude de observação (e aprendizado). Toda interação, todo ato, toda relação era sujeita a um intenso escrutínio. Eles sabiam que não podiam simplesmente entrar para mudar outros. Ao invés disso, eles tinham que entrar com uma abordagem que contemplasse uma abertura para aprender a sua prática a partir da situação na qual estavam praticando. Esta aparente contradição não pode ser simplesmente afastada se o desejo do profissional de desenvolvimento social é o de trabalhar com processos de mudança complexos. Essa contradição tem, que ser sustentada com integridade pelo profissional de desenvolvimento. [...] Pois toda situação é absolutamente única e toda situação é viva. [...] Eles se dedicaram a observar e conversar. Tudo que eles observavam era compartilhado, tudo que eles aprendiam mudava o que vinha a seguir, e assim eles continuavam mudando a medida em que enxergavam um novo aspecto do fenômeno. [...] O esforço maior estava em se manter aberto e intencionado (simultaneamente). Então ao invés de trabalhar de modo planejado em direção a um objetivo ou meta, eles trabalhavam responsivamente, mas a partir de suas mais profundas intenções – para permitir que o todo encontrasse sua integridade, não importando o aspecto que ele tivesse. [...] Existe, sim, uma intenção, existe atividade (observar também é um ‘fazer’); mas a atividade é uma receptividade ativa, o exato reverso do que normalmente imaginamos ser central em uma intervenção efetiva. Logicamente há uma participação em muitas atividades, mas no cerne de todas elas está essa receptividade ativa, essa qualidade observacional, essa abordagem reversa [...] (Kaplan; Davidoff, 2014, p. 28-29).

A todo instante traz-se algo para o mundo e ele devolve algo, e desta relação saem todos ganhando, tanto os sujeitos quanto o mundo, pois tornam-se mais do que eram, pois é por meio desta relação dinâmica da vida como ela é, vivida, compartilhada, analisada, e repensada, que tudo melhora, “tanto dentro de nós mesmos, quanto dentro do mundo que está fora de nós” (Kaplan; Davidoff, 2014, p. 13).

Assim, foram ouvidas 16 (dezesseis) mulheres, sendo que, as suas trajetórias de vida “impactam e são impactadas pelas pessoas à sua volta, pelos processos vividos e pelos sentidos e significados que atribuem (e que são atribuídos) aos seus percursos” (Nganga et al., 2023, p. 5).

Inicialmente apresentam-se quadros resumos de informações e pontos individuais relevantes, para a partir deles tecer paralelos entre as histórias de vida das entrevistadas.

Quadro 1 - Dados complementares 1

Pseudônimo	Idade	Escolaridade	Estado civil	Filhos	Duração da entrevista
Ana Néri	49 anos	fundamental	casada	1 filho e 2 netos	35:10
Anita Garibaldi	47 anos	médio	convivente	2 enteadas	46:47
Chiquinha Gonzaga	47 anos	médio	casada	5 filhos	43:30
Cora Coralina	35 anos	superior	casada	2 filhas	25:39
Dandara dos Palmares	33 anos	superior	casada	ainda não	23:11
Elza Soares	25 anos	médio	convivente	1 filho	25:45
Frida Kahlo	39 anos	médio	separada	1 filha	18:52
Malala Yousafzai	25 anos	superior	convivente	ainda não	25:01
Maria da Penha	25 anos	superior	separada	1 filha	24:42
Maria Quitéria	21 anos	médio	solteira	ainda não	23:16
Marie Curie	23 anos	médio	casada	1 filha	45:12
Mietta Santiago	40 anos	superior	separada	1 filho	25:47
Myrthes Gomes de Campos	30 anos	superior	casada	1 filha	21:46
Narcisa Amália de Campos	43 anos	superior	casada	2 filhos	24:17
Nise da Silveira	47 anos	superior	casada	2 filhos	46:22
Simone de Beauvoir	34 anos	superior	casada	2 filhos	29:31

Fonte: Elaboração da autora (2023).

Quadro 2 - Dados complementares 2

Pseudônimo	Onde reside	De onde vieram	Função
Ana Néri	Bairro Conservas	veio com esposo do interior de Muçum/RS	cozinheira
Anita Garibaldi	Bairro Planalto	veio com pais e irmãos do interior de Três Passos/RS	servente de limpeza
Chiquinha Gonzaga	Bairro Campestre	veio com esposo e filhos do nordeste brasileiro	assistente educacional
Cora Coralina	Bairro Santo André	nasceu no bairro, pais vieram do interior de Sério/RS	assistente educacional
Dandara dos Palmares	Bairro Olarias	veio de Pouso novo/RS	assistente educacional
Elza Soares	Bairro Centenário	veio com companheiro do interior de Muçum/RS	servente de limpeza
Frida Kahlo	Bairro Olarias	veio de Alegrete/RS	servente de limpeza
Malala Yousafzai	Bairro Universitário	família natural de Lajeado/RS	assistente educacional
Maria da Penha	Bairro Campestre	família natural de Lajeado/RS	zeladora
Maria Quitéria	Bairro Jardim do Cedro	família natural de Lajeado/RS	assistente educacional
Marie Curie	Bairro Moinhos	família natural de Lajeado/RS	assistente educacional
Mietta Santiago	Bairro Moinhos	família natural de Lajeado/RS	cozinheira
Myrthes Gomes de Campos	Bairro Campestre	família natural de Lajeado/RS	servente de limpeza
Narcisa Amália de Campos	Estrela/RS	família natural de Estrela/RS	assistente educacional
Nise da Silveira	Bairro São Cristóvão	família natural de Lajeado/RS	servente de limpeza
Simone de Beauvoir	Bairro Conventos	veio com esposo e filhos de Fontoura Xavier/RS	assistente educacional

Fonte: Elaboração da autora (2023).



Pontos individuais relevantes relacionados ao trabalho feminino dentro e fora de casa, na família extensa e nuclear, bem como repetição e mudança de hábitos:

História de Vida 01 – ANA NÉRI era a mais velha de 10 (dez) irmãos, cuidava da casa e dos irmãos pequenos, enquanto os irmãos maiores iam para a roça com os pais. Seus afazeres domésticos desde tenra idade, consistiam em limpar a casa, lavar roupa, fazer comida, que consistia em cozinhar feijão e amassar pão todos os dias, sob um banco para alcançar a mesa. Com 15 (quinze) anos foi para a cidade trabalhar como babá e não parou mais de trabalhar fora em turno integral. Conheceu o esposo em uma fábrica, casou aos 18 anos e vieram trabalhar em Lajeado/RS. Tem 1 (um) filho de 26 (vinte e seis) anos, este com 2 (dois) filhos pequenos de 2 (dois) relacionamentos. A nora atual e a anterior trabalham na mesma empresa que Ana Néri, todas as 3 (três) na função de serviços gerais (limpeza e preparação de alimentos), sendo que a matriarca ajuda a criar os netos. Seu filho e seus netos foram para a escola de educação infantil em turno integral aos 4 (quatro) meses de idade. Há alguns anos tentou parar de trabalhar, mas retornou, pois em casa acabava passando o tempo todo em função dos afazeres domésticos; e, trabalhando fora consegue conciliar os afazeres domésticos, além de auferir renda, pois entende que tudo é uma questão de organização. Tem tempo para si, gosta de fazer suas caminhadas, e gosta também de estar em família curtindo a natureza no sítio aos finais de semana. Seu esposo é parceiro, cada um tem seu jeito e se respeitam.

História de Vida 02 – ANITA GARIBALDI veio do interior de Três Passos/RS aos 15 (quinze) anos, com os pais e os 6 (seis) irmãos, sendo uma das mais novas. Saíram de lá em razão de uma crise na agricultura na ocasião, quando muitos três-passenses viram para Lajeado/RS pela oferta de emprego. Por não terem mais como tirar o sustento do campo, todos da família foram trabalhar na indústria, exceto a mãe que foi doméstica e babá até o fim da vida. No caso da sua família extensa, todos auxiliavam desde pequenos em casa e no campo. Tentou empreender por um período, mas optou por retornar ao mercado de trabalho. Optou por não ter filhos, pois viveu um relacionamento conturbado na região metropolitana que durou aproximadamente 10 (dez) anos. Atualmente vive um relacionamento conjugal maduro e sadio, dividindo com o companheiro a criação das 2 (duas) enteadas. Cuida de si, faz academia de manhã cedo, antes de iniciar a sua jornada de trabalho na função de serviços gerais (limpeza e preparação de alimentos). Ao final do dia, seu companheiro chega em casa antes, e já adianta a rotina doméstica e a espera com o chimarrão pronto para conversarem e assistirem televisão. A limpeza mais detalhada da casa ela organiza e ambos se dividem na execução, assim como as enteadas também participam, e aos finais de semana fazem as compras de mercado juntos. As despesas também são divididas. Aos finais de semana tem por hábito sair com amigos e familiares, tanto juntos quanto separados.

História de Vida 03 – CHIQUINHA GONZAGA veio do nordeste brasileiro há 2 (dois) anos, com o esposo e os 5 (cinco) filhos, estes com idade entre 19 (dezenove) e 4 (quatro) anos, após não terem mais os pais e os sogros para cuidar. Sua mãe sempre foi dona de casa e o pai comerciante. A mãe ficou viúva muito cedo, com 6 (seis) filhos pequenos, nunca mais casou-se e dedicou-se a criar os filhos; faleceu de Covid-19. Viveram do patrimônio deixado pelo pai, pois lá tinham o costume de deixar já tudo organizado para cada filho, enquanto hoje ensinam os filhos a construírem sua vida por si, dando-lhes a base de valores. Nunca lhe faltou o essencial, que é comida, roupa limpa e amor. O sogro, deficiente visual que ficava aos cuidados dela e do esposo, foi o último ascendente a falecer, também de Covid-19. A partir daí, vieram para cá em busca de melhor qualidade de vida. No nordeste sempre trabalhou meio turno, enquanto os filhos ficavam na escola, para ajudar nas finanças, e ao mesmo tempo cuidar da casa, da mãe, dos sogros, dos filhos. Aqui o casal concilia os horários de trabalho para acompanhar a criação dos filhos e se dividir nos demais afazeres domésticos; muito embora compara que aqui tem escola integral para todos, bem como acesso à saúde e lazer em todos os bairros; enquanto lá tem muito menos disponibilidade destes serviços públicos. Refere não entender como as pessoas daqui reclamam tanto. Afirma ser a primeira vez

que tem um filho na escola de educação infantil. No nordeste conseguia trabalhar apenas 4 (quatro) horas, enquanto os filhos ficavam na escola de ensino fundamental; enquanto aqui as mães podem deixar os filhos nas escolas de educação infantil quase que por 12 (doze) horas, para trabalhar, para fazer o afazeres domésticos e até ir para a academia. Com relação à sua família nuclear, reitera que tudo é dividido de igual para igual, com relação à criação dos filhos e aos afazeres domésticos, que não precisa dizer nem deixar organizado, pois o esposo já sabe o que fazer; pois refere que lá no nordeste a criação é diferente do que percebe aqui: se o casal vive junto, são divididas as atribuições; e quando a mãe cria os filhos sozinha, aí conta com a ajuda da família extensa. Afirmar com relação ao auto-cuidado, que por ser mãe, vive 24 (vinte e quatro) horas pelos filhos, mas tem um momento sempre na semana para si, sozinha, que lhe faz bem e recarrega suas energias, que é quando sai para fazer uma caminhada, passear, olhar vitrines, tomar um sorvete, sentar em um parque, e toda a família compreende e apoia. Reafirma que não é um peso para ela o fato de ser mãe, pois assumiu esta responsabilidade conscientemente; não vê como perda de oportunidades como colegas daqui vêm, para ela foi uma escolha consciente, um propósito de vida.

História de Vida 04 – CORA CAROLINA exerce a função de assistente educacional e está cursando uma especialização na área de educação inclusiva. Sua mãe foi doméstica, seu pai foi pedreiro, e seu esposo é caminhoneiro. No seu caso, todos os afazeres domésticos, o que inclui o cuidado com filhas e os ascendentes de ambos os lados é exclusivo dela, não há divisão de tarefas com o esposo. Trabalha fora desde os 16 (dezesesseis) anos de idade, tendo parado de trabalhar apenas nos 2 (dois) primeiros anos de vida de cada filha. O seu tempo livre é sempre com as filhas, é bem difícil ter um tempo só para si.

História de Vida 05 – DANDARA DOS PALMARES veio de Pouso Novo/RS aos 16 (dezesesseis) anos para estudar, seus pais adotivos ainda residem naquele município; tem muitos irmãos de sangue, mas não tem contato. Casou aos 18 (dezoito) anos, e para o próximo ano o casal está planejando o primeiro filho. Ambos sempre trabalharam fora, e todos os afazeres domésticos são executados em parceria, mas são organizados por ela. Semanalmente vão ao mercado para as compras da semana; muito embora o esposo não goste de fazer as compras, a leva e a aguarda no carro.

História de Vida 06 – ELZA SOARES tem 1 (um) filho de 11 (onze) anos que divide os afazeres domésticos com os pais. Estão os 3 (três) sempre juntos para tudo, o lazer é junto da natureza no sítio da família. Não tem um tempo só para si e não sente falta.

História de Vida 07 – FRIDA KAHLO mora com a mãe que também trabalha fora em turno integral, e com a filha de 9 (nove) anos que fica na escola em turno integral; em um turno frequenta a aula regular, e no turno inverso frequenta o projeto de atividades de contraturno. Divide com a mãe todas as atividades domésticas e despesas da casa. Veio para Lajeado em busca de melhores oportunidades de emprego e melhor qualidade de vida. Residem em um condomínio fechado popular com segurança, área verde e área de lazer.

História de Vida 08 – MALALA YOUSAFZAI mora com os pais, irmãos e o namorado. Os pais sempre trabalharam fora e em casa os afazeres domésticos sempre foram a cargo de sua mãe; agora todos adultos morando juntos, as tarefas são divididas entre todos. O tempo livre é desfrutando entre o jovem casal e sua cachorrinha, passeando na área de lazer do bairro, pois estão economizando para começarem a vida sozinhos.

História de Vida 09 – MARIA DA PENHA tem uma filha de 3 (três) anos e após se separar, voltou a morar com os pais. Seus pais sempre trabalharam fora. Quando pequena ficava na escola e os afazeres domésticos sempre ficavam a cargo exclusivamente de sua mãe, até seus 11 (onze) anos, quando passou a dividir com ela as tarefas; seu pai nunca participou. Durante seus 9 (nove) anos de casamento, os afazeres domésticos sempre ficaram a seu cargo, seu ex-esposo nunca auxiliou, o que acabou desgastando a relação, tendo optado por reconstruir sua vida sem ele.



História de Vida 10 – MARIA QUITÉRIA mora com os pais e todos trabalham fora. Os afazeres domésticos são divididos entre as 2 (duas) mulheres da casa, pois o pai é machista, e entende que os afazeres domésticos não lhe cabem. Tem um irmão mais velho que é casado, não residindo mais na casa dos pais. Porém, quando ainda moravam todos juntos, ele dividia as tarefas com elas, e hoje ele divide as tarefas com a esposa.

História de Vida 11 – MARIE CURIE mora com o esposo e a filha bebê que passa o dia na escola de educação infantil. O casal trabalha durante o dia e ela faz faculdade à noite, se dividem nos afazeres domésticos. Aos finais de semana, utilizam um dos dias para organização da casa, e o outro para descansarem e/ou passearem. Da família de onde ela veio, a mãe sempre assumiu a organização dos afazeres domésticos, com o apoio da avó que sempre morou perto, seu pai e depois seu padrasto nunca participaram destas atividades. A diferença entre seu pai e seu padrasto, é que seu pai também não contribuía nem com as despesas; enquanto seu padrasto, embora não divida os afazeres, divide as despesas e proporciona para sua mãe, uma diarista 1 (uma) vez por semana, para a limpeza pesada.

História de Vida 12 – MIETTA SANTIAGO vem de uma família onde todos sempre trabalharam fora e dividiram as despesas e os afazeres domésticos, crescendo juntos. Atualmente mora apenas com o filho de 15 (anos) que já trabalha fora e divide com ela as responsabilidades da casa. Separou-se do marido porque ele nunca colaborou nem com os cuidados com a casa e nem com os cuidados com o filho; era machista, e entendia que a mulher é que deveria servir o homem. Está em paz com a vida que escolheu levar, tem seus momentos de lazer, toma chimarrão e passeia com as amigas, sai para jantar e gosta de ir para o interior com o filho.

História de Vida 13 – MYRTHES GOMES DE CAMPOS é casada e tem uma filha pequena que passa o dia na escola de educação infantil. Seus pais sempre trabalharam fora, e as tarefas domésticas sempre foram divididas entre todos, inclusive o pai. Começou a trabalhar fora com 15 (quinze) anos e desde que casou divide todas as tarefas domésticas e as despesas da casa com seu esposo. Um dia do final de semana o casal utiliza para descanso e lazer em família.

História de Vida 14 – NARCISA AMÁLIA DE CAMPOS vem de uma família onde a mãe sempre foi do lar e o pai sempre trabalhou fora. O pai, além de nunca ter ajudado nos afazeres domésticos, sendo exclusivamente o provedor financeiro, sempre foi muito agressivo. Com isto, Narcisa Amália de Campos cresceu tendo para si que homem nenhum mandaria nela, que se governaria, pois cresceu vendo a mãe sendo governada. Recentemente procurou se trabalhar psicologicamente, com ajuda de profissionais, para entender que ela não era a parte masculina da casa; refere que tornou-se “o homem” em sua família nuclear, inconscientemente talvez para fazer justiça pela mãe; até buscar tratamento, afirma que era extremamente “mandona”, “só não batia no marido”. Atualmente tem uma relação mais de parceria, apagando aquela imagem masculina do pai. Começou a trabalhar fora com 15 (quinze) anos, buscou a formação que desejou, com o apoio do esposo, teve os filhos já mais madura. Com o esposo sempre dividiu os afazeres domésticos, ele inclusive fica com a maior parte das tarefas. Tem seus momentos semanais de prática de futebol feminino que a realiza, e no mais, à noite e aos finais de semana prioriza o convívio entre o casal e com os filhos, com momentos de qualidade, evitando o uso do celular.

História de Vida 15 – NISE DA SILVEIRA tem 2 (dois) filhos adultos que ainda moram em casa, e seu esposo é caminhoneiro, passando muitos dias em viagem; porém, na atualidade, diariamente falam por chamada de vídeo, decidindo em conjunto o dia a dia; mas adverte que nem sempre foi assim. Começou a trabalhar com 14 (catorze) anos como babá e doméstica, e em casa fazendo e decidindo tudo sozinha, por todos; até que não aguentou mais e “pediu socorro” ao esposo. A partir daí, com apoio psicológico através da empresa que o esposo trabalha, todos se propuseram a melhorar, convivendo de forma sadia e participando da rotina diária em comunhão de esforços. Ao

mesmo tempo, o esposo apoiou Nise da Silveira para que estudasse e pudesse se formar e ter um trabalho que não fosse mais braçal; atualmente é formada em pedagogia e trabalha como assistente educacional meio turno.

História de Vida 16 – SIMONE DE BEAUVOIR veio do interior de Fontoura Xavier/RS, com o esposo e os filhos em busca de mais oportunidades de emprego na sua área, pois é formada em pedagogia. Dividem as tarefas domésticas e as despesas da casa, e o lazer é em família, com os filhos, em praças, parques, jogos de futebol que todos eles gostam. Costumam com frequência voltar ao interior onde residem os familiares, mas não se vêem mais morando lá, apenas passeando. Também gostam de terem momento de descanso em casa, tomando um chimarrão; e ela gosta de ler um livro.

Respostas às 2 (duas) questões de fechamento de cada entrevista, relativas ao presente ideal – bem viver, e, ao futuro – sonho:

#### 01 – ANA NÉRI:

“Viver bem é ter saúde, sem saúde ‘tu não é nada’, tendo saúde o resto se resolve”. Refere que cuida da sua saúde, vai ao médico e faz os exames de rotina, tem uma alimentação saudável sem exagero, “porque a pessoa é o que a pessoa come”. Lembra que sua mãe morreu jovem por problemas de saúde; relaciona à falta de acesso à informação. Afirma que dinheiro é relativo, pois “tem gente que vive com mil reais e tem gente que não vive com dez mil”.

Seu sonho diz que já conquistou, pois tem “2 (duas) casas”, tem carro e moto, conquistado do zero, junto com o marido, sempre ambos trabalhando fora; tem saúde e se sente realizada, diz que “não precisa muito mais do que isso”; quer continuar com saúde.

#### 02 – ANITA GARIBALDI:

Refere que viver bem é estar bem consigo mesma, se sentir bem independente do que se tem (financeiramente), e estar bem com os seus, poder se cuidar, ter um tempo para si.

Seu sonho é poder se formar na faculdade, retornar à psicologia.

#### 03 – CHIQUINHA GONZAGA:

Para ela viver bem é estar bem consigo mesma. Refere que tem o hábito de agradecer pelo dia, “por tê-lo aproveitado e por ter acrescentado no outro”. Também para ela viver bem é ter uma qualidade de vida, nas coisas básicas: ter saúde, ter um trabalho de onde possa tirar o sustento seu e da família, ter uma família para compartilhar e se fortalecer, “um teto para morar”; procurar não se “aperrear” demais, não sofrer por antecipação.

Seu sonho é ver os filhos bem, ver eles construírem o caminho deles, formarem suas famílias; entende que este é o ciclo da vida, pois “quando a gente forma família”, o objetivo é encaminhar os filhos para também se realizarem.

#### 04 – CORA CAROLINA:

Para ela viver bem é as filhas estando bem e a casa “andando como tem que andar”, aí está tudo certo.

Sonhos, de pronto, respondeu que “tem vários”: terminar a casa, o quiosque, colocar uma piscina no pátio, porque adora receber as pessoas.

#### 05 – DANDARA DOS PALMARES:

Afirma que viver bem é ter propósitos, se formar, ter uma casa, fazer o casamento, enfim, “ter tudo meio organizado” para poder dar uma vida mais estável ao filho; refere ainda que viver bem é estar bem no casamento, ter uma boa rotina de vida, poder tomar um chimarrão, poder sair para jantar, poder estar com os amigos, poder ter o tempo de trabalho e o tempo de lazer, poder resolver as situações de trabalho e em casa, para estar bem; e procurar cumprir isto todos os dias.



Quanto ao sonho, por já ter conseguido se formar, ter sua casa própria, ter feito seu casamento como planejou; agora o próximo é ser mãe e se manter com saúde.

06 – ELZA SOARES:

Para ela viver bem é não deixar faltar nada para o filho, “e para o casal também”.

Seu sonho é concluir a faculdade, para com isto evoluir na profissão; assim como, que seu filho também consiga se realizar em uma profissão.

07 – FRIDA KAHLO:

Refere que viver bem é poder ter um bom emprego “para poder dar as coisas” para a filha (se emocionou); a filha não recebe pensão do pai.

Sonha em ter a casa própria, para parar de pagar aluguel; gostaria de cursar enfermagem; e gostaria de cuidar mais de si, porque hoje a sua preocupação é só com a filha.

08 – MALALA YOUSAFZAI:

Afirma que viver bem “é não faltar comida”, e ter uma casa.

Seu sonho é concluir a casa que ela e o namorado estão construindo, para se mudarem da casa dos seus pais.

09 – MARIA DA PENHA:

Para ela, viver bem é estar de bem com a vida e ver a filha bem.

E seu sonho é ter uma casa para si e para a filha.

10 – MARIA QUITÉRIA:

Refere que viver bem é poder ter paz, relaxar, ter uma casa.

E que tem vários sonhos: ter a sua casa, seu carro, sua moto, ter uma família com pai, mãe e filhos.

11 – MARIE CURIE:

Diz que viver bem é ter saúde para aproveitar a família, e a filha principalmente.

O sonho é ter uma boa condição financeira para dar uma condição melhor de vida para a filha: bom estudo, uma casa própria, enfim, dar o que não teve, principalmente, uma família estruturada com pai presente. Refere que o seu esposo cumpre exemplarmente este papel (se emocionou), ele se adapta, é presente, quer o bem da família, “faz hora extra” para dar uma condição melhor para elas, “mas faz de manhã bem cedo”, porque no fim do dia ele tem a responsabilidade de buscar a filha na escola porque ela trabalha até mais tarde; de manhã é ela quem leva a filha para a escola.

12 – MIETTA SANTIAGO:

Para ela viver bem é ter saúde, ter um emprego para ter e dar ao filho uma estabilidade financeira, e estar em paz.

Sonha em comprar a casa própria para ela e para o filho, pois o ex-esposo não quis sair de casa na separação, e então comprou a parte dela.

13 – MYRTHES GOMES DE CAMPOS:

Afirma que viver bem é sua família estar bem.

Sonha em melhorar a casa que já possuem e poder encaminhar o futuro da filha.

14 – NARCISA AMÁLIA DE CAMPOS:

Refere que viver bem é ter saúde, ter paz, ter uma casa harmoniosa, poder ter momentos de qualidade em família.

E seu sonho é “ver os filhos bem sucedidos”, construindo suas famílias também.

15 – NISE DA SILVEIRA:

Diz que viver bem é estar bem com todos da família, ter paz, ter diálogo dentro de casa.

E pondera que seu sonho ela já alcançou, que era se formar e ter um trabalho mais leve e prazeroso; mas tem o objetivo de manter a família bem e poder continuar ajudando cada um dos filhos a se encaminhar.

16 – SIMONE DE BEAUVOIR:

Para ela viver bem é estar em paz consigo mesma, e também ver os filhos bem.

Seu principal sonho já alcançou, que era se formar “professora”; o próximo passo é ter uma casa própria aqui em Lajeado/RS, além de ver os filhos formados, encaminhados e felizes.

Ao analisar as histórias de vida destas mulheres trabalhadoras no município de Lajeado/RS, procura-se ter em mente os 4 (quatro) passos da metodologia TQR – Trabalho que Reconecta, da obra *Esperança Ativa: como encarar o caos que vivemos sem enlouquecer* (Macy; Johnstone, 2020), que são: gratidão (reconhecer o que temos, olhar apreciativo sobre a vida); honrar a dor (reconhecer o que não está bem, ouvir nosso eu); ver com outros olhos (re-conectar-se, há recursos e há aliados); seguir adiante (agir, ir além):

Ao Honrar Nossa Dor pelo Mundo, nós quebramos os tabus que silenciam nossa angústia. [...] O termo honrar implica boas-vindas respeitadas, reconhecermos o valor de algo. A nossa dor pelo mundo não apenas nos alerta para o perigo, mas também revela nossa dimensão profunda de cuidado. E esse cuidado deriva de nossa interconexão com toda a vida. Nós não precisamos temê-lo. [...] nós nos aprofundamos no giro perceptual que reconhece nossa dor pelo mundo como uma expressão saudável de nosso pertencimento à vida. [...] Quando você vê com novos olhos, você sabe que não é o único lidando com isto. Você é apenas uma parte de uma história muito maior, um fluxo contínuo de vida na Terra que fluiu por mais de três bilhões de anos e que sobreviveu a cinco extinções em massa. Quando você adentra este fluxo mais profundo e mais forte e percebe a si mesmo como parte dele, um conjunto diferente de possibilidades emerge. Ampliar sua visão aumenta recursos que lhe são disponíveis, já que pelos mesmos canais de conexão, pelos quais a dor pelo mundo flui, também fluem força, coragem, determinação renovada e ajuda de aliados (Macy; Johnstone, 2020, p. 45-46).

Como panorama geral do grupo pesquisado, tem-se mulheres, de 21 (vinte e um) a 49 (quarenta e nove) anos, com escolaridade desde o ensino fundamental ao nível superior, com e sem relacionamento conjugal, com e sem filhos, de naturalidade tanto do interior quanto da cidade, e residentes em diferentes bairros da cidade de Lajeado/RS com diferentes padrões de vida. Neste tocante, importante esclarecer que oportunizou-se a escuta de todas que se propuseram a falar, independente de idade e estado civil.

Percebe-se que, independentemente da época e do local onde viveram a infância, umas mais e outras menos, todas desde tenra idade iniciaram o trabalho doméstico auxiliando a mãe de alguma forma.

Das histórias de vida ouvidas, é interessante observar que a divisão do trabalho doméstico com o parceiro, nos cuidados com a casa e com a família (filhos e ascendentes), parece não ter relação com a idade cronológica do casal e o tempo de relacionamento conjugal. Neste sentido, pode-se destacar 2 (dois) exemplos com mais idade e mais tempo de convívio, que referiram que no seus casos a parceria nas obrigações domésticas é uma constante – Ana Néri, 49 (quarenta e nove) anos de



idade, casada há mais de 30 (trinta) anos, e, Chiquinha Gonzaga, 47 (quarenta e sete) anos, casada há mais de 20 (vinte) anos; e, 2 (dois) exemplos mais jovens que experimentaram e/ou experimentam realidade totalmente oposta, onde todos os afazeres domésticos recaem sobre a mulher – Cora Carolina, 35 (trinta e cinco) anos, e, Maria da Penha, 25 (vinte e cinco) anos.

Contudo, das 16 (dezesseis) entrevistadas, a maioria, refere parceria do casal em relação aos cuidados com a casa e com a família. Da mesma forma, nos casos em que na família extensa não houve divisão das tarefas domésticas entre os pais, na família nuclear a maioria das entrevistadas busca formas de incentivar a igualdade de gênero, na tentativa de mudar a realidade anteriormente vivenciada.

Neste ponto, observa-se também na pesquisa de campo, o que a revisão integrativa do estado da arte apontou, de que a participação masculina no espaço doméstico vem gradativamente aumentando. Porém, diferentemente da realidade macro pesquisada no segundo capítulo, a realidade local pesquisada neste terceiro capítulo parece mais positiva.

Outra observação pontual, especificamente no relato de Chiquinha Gonzaga, que veio do nordeste brasileiro há 2 (dois) anos, é de que a rede de apoio lá na sua terra natal é quase que exclusivamente da família nuclear e/ou extensa. Enquanto que aqui no município de Lajeado a entrevistada reconhece expressiva participação do poder público, com escolas funcionando 12 (doze) horas por dia; além de espaços públicos de lazer e opções de atividades públicas diversificadas nas áreas de saúde, assistência social e cultura.

Percebe-se também que as entrevistadas, cada uma ao seu modo, buscam formas de colocar o autocuidado em prática, tendo momentos só seus; à exceção de um único relato no sentido de que não tem um tempo só para si e não sente falta – Elza Soares, 25 (vinte e cinco) anos.

Importante destacar que o termo autocuidado não havia aparecido até então neste estudo, tendo surgido de maneira um tanto recorrente nos relatos. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), “o autocuidado é a capacidade dos indivíduos, das famílias e das comunidades de manter ou promover sua própria saúde, e prevenir doenças” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022, texto digital). Muito embora tornando-se usual atualmente, esteve conectado nos anos 80 ao movimento feminista negro, através da escritora feminista, mulherista e ativista dos direitos civis e homossexuais Audre Lorde. Porém, assim como os termos bem-estar e qualidade de vida, já vem sendo cooptado pela mercantilização; de modo que, este estudo procurou manter-se focado no termo bem viver.

Com relação a conciliar o trabalho fora com o trabalho doméstico, observa-se também, na maioria das histórias, manifestações no sentido de que é viável, pois referem que as mulheres conseguem organizar esta dinâmica, para si e com os demais membros da família nuclear, e, que o trabalhar fora faz bem e realiza, pessoal e financeiramente, estas mulheres.

Convidadas, na parte final da entrevista individual, a dividir o que para cada uma seria bem viver, obteve-se, por ordem decrescente de referência, 10 (dez) menções a estar bem com os seus, 7 (sete) menções a estar bem consigo mesma, 4 (quatro) menções a ter saúde, 2 (duas) menções a ter um emprego, 2 (duas) menções a ter casa, e 1 (uma) menção a ter comida.

E ainda, como fechamento de cada encontro, foram externalizados os sonhos de cada uma destas mulheres trabalhadoras. Sendo que, as aspirações mais recorrentes são com relação à casa própria e confortável, além de encaminhar os filhos, seguidas da saúde e do desejo de evoluir nos estudos, e, por consequência, na carreira profissional.

Mas, entre as aspirações, ainda, a mais presente nas falas parece ser efetivamente encaminhar os filhos, para quiçá dar a eles uma realidade diferente, comprovando a afirmação de Davis (2017, p. 69) de que “em todas as culturas do mundo, as crianças representam a promessa de riquezas materiais e espirituais que suas mães e pais foram incapazes de alcançar”.

Em que pesem os limites do método, de fala livre semiestruturada, com mínima intervenção da pesquisadora apenas para manter o alinhamento do tema, considera-se que o objetivo da pesquisa de campo, de coletar histórias de vida, para delas extrair impressões relativas ao trabalho feminino norteador pela política emancipatória de Giddens, e ao bem viver defendido por Acosta (2016), tenha sido alcançado. Mesmo que se tratem de questões de ordem intrassubjetiva, que impliquem em barreiras culturais, sociais e psicológicas, percebeu-se as entrevistadas felizes em compartilhar suas histórias, com casos de evidenciada emoção ao referirem fatos marcantes.

Abrindo-se para uma reflexão acerca da vida das mulheres, a partir do grupo pesquisado, sopesada com a constante evolução do seu lugar no mundo, amparado pela proteção legal da igualdade de gênero, percebe-se ser possível a mulher ir se libertando da sensação de que precisa dar conta de tudo, voltando assim sua atenção em redescobrir seu papel.

E assim, entre erros e acertos, mas, sobretudo, na busca constante pela evolução como sujeito de direito, as mulheres vão se reinventando dia após dia, e, quando pensam que não podem mais, elas ressurgem vigorosas; e, quanto mais vão adiante, mais se expandem e são capazes de grandes realizações, para si e para todas as mulheres.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em que pesem os esforços formais nacionais pela busca da igualdade de gênero, desde 1974, quando foi subscrita a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher, aprovada pela ONU, como a Carta dos Direitos das Mulheres; perpassando pela Constituição Federal de 1988; e, aderindo à Agenda 2030 com seus Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ONU, 2015), esta luta precisa seguir avançando dia após dia, com a participação de todos, mulheres e homens.

Do referencial teórico norteador, em Giddens (2002) buscou-se a teoria da política emancipatória, que é a libertação, no caso, das mulheres, das formas tradicionais de opressão e permitir que elas participem no mesmo nível que os homens em áreas da atividade social antes dominadas só por eles; contudo, esta libertação pressupõe agir responsavelmente em relação aos outros e reconhecer as obrigações coletivas. Enquanto em Acosta (2016) buscou-se na contribuição da teoria do bem viver, a possibilidade de reflexões de que um novo estilo de vida é possível, que não tolera a exploração do ambiente e das pessoas, nem a existência de grupos privilegiados às custas do trabalho e sacrifício de outros.

Da revisão integrativa do estado da arte através do Portal da Capes buscou-se pesquisas afins ao tema mulher e trabalho, voltadas ao bem-estar e à qualidade de vida, que pudessem se relacionar às histórias de vida locais evidenciadas na presente pesquisa. Neste sentido, destacaram-se as ponderações de Garcia; Marcondes (2022), que percebem um leve movimento tendente ao compartilhamento de atividades domésticas pelos homens.

Porém, Franco, Souza e Gomes (2022) advertem que as atividades domésticas, historicamente entendidas como missão das mulheres, ainda acabam por ser a sua dupla ou tripla jornada de trabalho, esta última quando a mulher, além de trabalhar fora, estuda. Dias et al. (2022) ponderam que, ainda que existam inúmeros conflitos que permeiam a vida materna, a carreira profissional, e/ou as dificuldades em conciliar estas duas realidades, ser mãe é algo que permanece sendo elementar para a identidade feminina, para a realização pessoal, pois segue enraizada a crença social de que toda mulher deva ser mãe. Complementam Nganga et al. (2023) por fim que, as mulheres que são mães, tendem a organizar seus estudos e seu trabalho remunerado em torno das necessidades da prole, acabando normalmente por renunciar e/ou prejudicar a carreira profissional e seu bem-estar.



Da presente pesquisa de campo, que ouviu 16 (dezesseis) mulheres que exercem suas funções de apoio nas Escolas Municipais de Educação Infantil, nas Escolas Municipais de Educação Fundamental, e nos Projetos Vida de contraturno escolar do Município de Lajeado/RS, pode-se corroborar o que os autores pesquisados, tanto os norteadores Giddens e Acosta, quanto os da revisão integrativa do estado da arte através do Portal da Capes, vêm produzindo sobre a temática.

Percebeu-se que as crenças sociais acerca do papel da mulher seguem fortes em pleno século XXI, mas, por outro lado, a maioria das entrevistadas expressou o desejo no sentido de mudar esta realidade, principalmente com relação ao compartilhamento com o parceiro das atividades domésticas, deixando para trás os modelos mais conservadores dos pais, com relação ao papel de cada um na família. E, quando a realidade se apresentou retrógrada, as entrevistadas que passaram por tal situação externalizaram nas suas falas que não hesitaram em sair dela, seguindo outros caminhos.

Ou seja, o que se observou na presente pesquisa é que, para o grupo pesquisado, a tentativa de compartilhamento das atividades domésticas é uma realidade ascendente. Fazendo com que, as entrevistadas, cada uma a seu modo, consigam organizar e conciliar o exercício da profissão, com os afazeres domésticos, procurando formas de praticar, de certo modo, a política emancipatória, e, a busca pelo bem viver, tendo momentos só seus, para recarregarem as energias, de suas duplas ou triplas jornadas, que seguem existindo. Porém, imperioso referir, que estas formas eleitas pelas entrevistadas espelham comportamentos de autocuidado individualizados.

Efetivamente, a busca pelo bem viver vem gradativamente ganhando espaço em contraponto à busca desenfreada por resultados puramente materiais, abrindo-se para formas de tornar a vida mais leve e equilibrada; porém, frise-se, ainda de forma individualista, que descompassa com a proposta de ações coletivas da política e da teoria estudadas, como base para a pesquisa de campo local. Logo, tem-se ainda um longo caminho pela frente em busca destes ideais, para todos.

Ainda, assim como constatado por Nganga et al. (2023), para o grupo pesquisado, as entrevistadas que são mães, se organizam em torno dos filhos, passo seguinte pensando em si. Para elas a maior referência de bem viver foi “estar bem com os seus”, seguida de “estar bem consigo mesma”. Da mesma forma as aspirações foram, além da casa própria para si e sua família, o maior desejo é encaminhar os filhos.

E quanto a ausência de referências a melhorias no trabalho vinculadas à qualidade de vida e bem-estar, nenhuma das entrevistadas sugeriu alguma contribuição que poderia vir do trabalho, e isto pode ter relação com o fato de que a entrevista estava ocorrendo no próprio local de trabalho, onde talvez elas não tenham se sentido tão à vontade para referir melhorias neste sentido.

Por fim, importante mencionar, que durante a realização desta pesquisa, houve 2 (dois) eventos com repercussão pública que reforçam a relevância da temática, que foram: o tema da redação do ENEM 2023 “Desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil” (Brasil, 2023); e, o Prêmio Nobel de Economia 2023 (Nogueira, 2023), concedido à economista e historiadora americana, Doutora Claudia Goldin, por suas pesquisas abrangentes sobre mulheres no mercado de trabalho e os motivos que fazem perdurar o degrau entre os gêneros, dentre eles questões como casamento, maternidade e histórico familiar.

E é com uma afirmação certa da pesquisadora americana que se conclui o presente estudo sobre como as mulheres organizam sua rotina de vida entre trabalho, família e bem viver; bem como, com uma fotografia recente que retrata a temática da presente pesquisa, tendo sido vencedora de um concurso regional.

“Não haverá igualdade de gênero até que não haja igualdade entre casais!”.

## REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Constituição de 1988**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Presidência da República, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 20 mar. 2022.

BRASIL. **Tema da Redação ENEM 2023**. Brasília: INEP, 2023. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/enem/provas\\_e\\_gabaritos/tema\\_redacao\\_2023.pdf](https://download.inep.gov.br/enem/provas_e_gabaritos/tema_redacao_2023.pdf). Acesso em: 10 dez. 2023.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017.

DIAS, Ana Cleide da Silva; SANTOS, Iraneide Nascimento dos; RUELA, Guilherme de Andrade; GURGEL, Aline do Monte. Semelhanças e diferenças intergeracionais entre mães e filhas trabalhadoras rurais: características sociodemográficas e reprodutivas. **Esc. Anna. Nery**, São Paulo, v. 26, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/N9Jz9BHVZH6v5KdV4fzjzXk/?lang=pt>. Acesso em: 18 ago. 2023.

FRANCO, Julia Guarani; SOUZA, Solange de Cassia Inforzato de; GOMES, Magno Rogério. Determinantes de participação materna no mercado de trabalho brasileiro: fatores identitários importam? **Revista de Estudos Sociais**, Cuiabá, v. 24, n. 49, p. 4-19, 2022. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/res/article/view/14926/12279>. Acesso em: 18 ago. 2023.

GARCIA, Bruna Carolina; MARCONDES, Glaucia dos Santos. As desigualdades da reprodução: homens e mulheres no trabalho doméstico não remunerado. **R. Bras. Est. Pop.**, [S.l.], v. 39, p. e0204, 2022. Disponível em: <https://rebep.org.br/revista/article/view/1936/1179>. Acesso em: 18 ago. 2023.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

KAPLAN, Allan; DAVIDOFF, Sue. **O ativismo delicado**. Cidade do Cabo: Proteus Initiative, 2014. Disponível em: <https://new.institutofonte.org.br/o-ativismo-delicado-uma-abordagem-radical-para-mudancas/>. Acesso em: 26 jan. 2023.

MACY, Joana; JOHNSTONE, Chris. **Esperança ativa**: como encarar o caos em que vivemos sem enlouquecer. Rio de Janeiro: Bambual, 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Segurança do paciente**: valorização do autocuidado é tema de campanha do Ministério da Saúde em 2022. Brasília: Gov.br, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/abril/seguranca-do-paciente-valorizacao-do-autocuidado-e-tema-de-campanha-do-ministerio-da-saude-em-2022#:~:text=Segundo%20a%20OMS%2C%20o%20autocuidado,de%20um%20profissional%20de%20sa%C3%BAde>. Acesso em: 20 ago. 2023.



NGANGA, Camilla Soueneta Nascimento; NOVA, Siliva Pereira de Castro Casa; SILVA, Sandra Maria Cerqueira da; LIMA, João Paulo Resende de. Há tanta vida lá fora! work-life conflict, mulheres e pós-graduação em contabilidade. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 27, n. 2, p. e210318, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/MVrqHZ4qmtTNQzDDzXJBpMK/?lang=pt>. Acesso em: 18 ago. 2023. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. **Agenda 2030**. 2015. Disponível em: <http://ods.cnm.org.br/agenda-2030>. Acesso em: 3 jun. 2022.

NOGUEIRA, Pablo. Pesquisa sobre história da participação feminina no mercado de trabalho recebe o Nobel de economia de 2023. **Jornal da Unesp**, 2023. Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2023/10/09/pesquisa-sobre-historia-da-participacao-feminina-no-mercado-de-trabalho-recebe-o-nobel-de-economia-de-2023/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. **Agenda 2030**. 2015. Disponível em: <http://ods.cnm.org.br/agenda-2030>. Acesso em: 3 jun. 2022.



# GT 9. Inclusão e Diversidade nos Espaços Educacionais

**IX DIÁLOGOS**  
na contemporaneidade

**POR OUTROS MODOS**  
*DE PENSAR A VIDA, A*  
**TERRA E NOSSO JEITO**  
*DE ESTAR NO MUNDO*



## MODELOS DA DEFICIÊNCIA E OS EFEITOS DO PROCESSO DE MEDICALIZAÇÃO NAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS INCLUSIVAS

SANTOS, Nadine Silva dos<sup>1</sup>;  
LOCKMANN, Kamila<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande (FURG), nadinesilvarg@gmail.com;

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande (FURG), kamila.furg@gmail.com

### Tema: Inclusão e diversidade nos espaços educacionais

**Resumo:** Este trabalho apresenta a análise dos modelos da deficiência, articulados aos discursos de algumas políticas educacionais inclusivas no Brasil. Como procedimentos metodológicos situa-se: Uma breve contextualização histórica sobre a noção de norma e dos modelos da deficiência e a análise de algumas políticas educacionais inclusivas, que situam seu público-alvo, aliadas a alguns documentos que avaliam e classificam as deficiências, sendo: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5); Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID-10); Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF); e Índice de Funcionalidade Brasileiro (IFBr-M). Como resultados, destacamos a nomeação e a classificação dos indivíduos, para além da noção do direito escolar, como efeito do uso demasiado dos saberes médicos na escola, que promovem o processo de medicalização, patologizando questões inerentes a vida dos indivíduos.

**Palavras-chave:** Avaliação da deficiência; Medicalização; Inclusão.

### Introdução

Preparar para o futuro! Essa é a frase que costumamos ouvir em relação ao papel da instituição escolar. Entretanto, para além do fim citado, dentro do contexto neoliberal, a escola também emprega o papel de observar, avaliar, disciplinar e conduzir os comportamentos, para que os indivíduos que nela estão inseridos correspondam ao padrão esperado para o bom desenvolvimento social (Freitas, 2013). Diante dessa questão, a presença de comportamentos alheios ao esperado, coloca em risco o projeto do bom desempenho e qualificação satisfatória dos estudantes, demandando sobre essa instituição o dever justificar a finalidade do seu papel, capturando, corrigindo e normalizando os comportamentos.

A partir disso, o processo de medicalização da vida tem assumido grande ênfase no ambiente escolar, incitado pela busca contínua por nomear e classificar todo e qualquer desvio de padrão. Como consequência, a busca por diagnósticos e a consolidação da necessidade desenfreada de identificar os indivíduos a partir dos laudos médicos, ultrapassa o contexto da promoção do bem-estar e saúde, repercutindo na produção intensa de rótulos que marcam e condicionam a existência de determinados indivíduos. Frente a essa problemática, este trabalho apresenta o recorte de uma pesquisa que teve como objetivo geral a análise acerca dos modelos médico, social e biopsicossocial da deficiência, articulando-os aos discursos que fundamentam algumas políticas educacionais inclusivas no cenário brasileiro. Contexto que destaca o processo de medicalização da vida como um “ruído” proveniente desses documentos.

Salientamos, que essa discussão não tem como finalidade, propor o enfraquecimento da importância das políticas inclusivas e tampouco se coloca contra a inclusão e aos saberes da área médica que proporcionam qualidade de vida a milhares de indivíduos. Nosso interesse, está contribuir com as discussões que atravessam o campo da inclusão e da diversidade nos espaços

educacionais, tensionando as questões que promovem o processo de medicalização na escola, sob a ênfase da avaliação e da classificação das existências, problemática que tem produzido, cada vez mais, indivíduos patologizados pelo apontamento de possíveis diagnósticos.

Nesse sentido, nossa análise se desenvolve sob o aporte teórico dos estudos foucaultianos, aliados a autores que compartilham discussões no contexto da perspectiva pós-estruturalista. Assim, como procedimentos metodológicos, escolhemos organizar as discussões a partir de dois movimentos. No primeiro apresentamos uma breve contextualização histórica sobre a concepção de normalidade e anormalidade, a partir da noção de norma e dos modelos da deficiência. No segundo movimento, destacamos a análise de algumas políticas educacionais inclusivas brasileiras, que definem o público-alvo de suas estratégias, sendo elas: Política Nacional de Educação Especial (1994); Diretrizes Nacionais de Educação Especial na Educação Básica (Resolução nº2 de 11 de setembro de 2001); Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008).<sup>1</sup>

Para potencializar a discussão acerca dos documentos destacados, selecionamos alguns manuais que são utilizados como instrumentos para avaliação e classificação das deficiências: o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID-10); Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF); e o Índice de Funcionalidade Brasileiro (IFBr-M). Essa articulação se estabelece devido às ênfases produzidas pelos manuais sobre a identificação dos indivíduos, que para além da noção do direito escolar, também promovem efeitos que versam na captura de qualquer tipo de “anormalidade” aparente.

Destacamos que a escolha pela análise dos documentos representa um eixo importante para a discussão, pois estes oferecem uma percepção histórica, fornecendo informações relevantes sobre os acontecimentos da época e da sociedade em que foram instituídos (LE GOFF, 1990). Pontuamos também, a noção foucaultiana de discurso, visto que a ordem discursiva regula o que é dito em uma determinada época, através de procedimentos que interditam, proíbem, validam e controlam tudo aquilo o que é tomado como verdade. Nessa lógica, destacamos que [...]em toda a sociedade, a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função, conjurar seus poderes e perigos” (Foucault (2014, p. 8-9), capturando tudo aquilo que se mostra diverso do ideal. É a partir dos caminhos apresentados, que apresentamos os resultados obtidos no estudo.

## Resultados

Compondo o primeiro procedimento metodológico, destacamos que proliferação de nomenclaturas que servem para identificar e classificar as particularidades dos indivíduos, vem encontrando proporções consideráveis nos últimos anos. Essa ocorrência encontra o respaldo na invasão dos discursos próprios da área médica na escola, que tomam a partir da definição do público-alvo da educação especial, o lugar de provimento das ações pedagógicas, buscando justificar todo e qualquer desvio apresentado pelos indivíduos (Rodrigues, 2020).

A circulação dos famosos laudos médicos, conhecidos como documentos que descrevem as anormalidades, materializam a identificação de patologias que, muitas vezes, são utilizadas como uma forte estratégia de normalização da vida (Ramos, 2014). Assim, compreendendo que os discursos que compõem esses documentos possuem a condição de posicionar os indivíduos, não só dentro

1 Tais políticas foram selecionadas para análise devido ao marco histórico que representam (Rech, 2010), efetivado pela criação das primeiras estratégias voltadas a inserir a pessoa com deficiência na escola comum, até o marco de criação da política que subsidia o processo de inclusão escolar atual.



dos saberes médicos, mas também dentro dos aspectos relativos à sociedade, entendemos que a ação de nomear e classificar as peculiaridades dos indivíduos, sem o devido cuidado, possibilita não apenas o conhecimento sobre seus desajustes, mas reivindica a utilização de estratégias que tendem a individualizar e produzir ações de exclusão.

Foucault (2005) explica que a ação de normalizar é viabilizada por meio da noção de norma. A norma pode ser descrita como um elemento que atua entre a disciplina e a regulamentação, exercendo ações que regulam tanto os corpos individuais, como o corpo social. Isso compreende que a norma age como um “princípio de comparação, de comparabilidade, uma medida comum que se institui na e para referência de um grupo a si próprio, a partir do momento em que só se relaciona consigo mesmo, sem exterioridade, sem verticalidade” (Ewald, 2000, p. 86). Assim, sua atuação serve para a condução dos sujeitos, podendo ser entendida como uma operação que detêm o poder de classificação, baseada em um modelo único e ideal, utilizado como parâmetro para a identificação daquilo que é apontado como normal ou anormal (Foucault, 2008).

Olhando para o contexto histórico, a operação da norma pode ser identificada nas sociedades disciplinares dos séculos XVI e XVII e nas sociedades de seguridade do século XVIII. Na primeira, o seu funcionamento atuava como um aparato das instituições disciplinadoras e coercitivas, que buscavam o disciplinamento dos corpos a partir de um “domínio de valor e utilidade”. Compreendida como a primeira face de um poder dedicado a fazer viver, o Biopoder, a norma, produziu uma anátomo-política do corpo humano. Em outras palavras, a partir da produção dos conhecimentos científicos da época, sua ação se desenvolveu a partir de técnicas de normação, que objetivavam “tornar as pessoas, os gestos, os atos, conformes esse modelo, sendo normal precisamente quem é capaz de se conformar a essa norma e anormal quem não é capaz” (Foucault, 2008, p. 75).

As instituições disciplinares, como é o caso da escola, buscavam aproximar da “zona de normalidade” os indivíduos que consideravam anormais (RECH, 2010, p. 75). Essa estratégia, permitia a produção conhecimentos sobre as especificidades de cada indivíduo, para assim descrevê-los, identificá-los e posicioná-los em um lugar social e controlável. Porém, com a chegada do século XVIII, uma segunda face do Biopoder ganhou espaço, criando a necessidade de deslocamentos mais incisivos no desenvolvimento e crescimento econômico dos Estados. Na sociedade de seguridade, o fenômeno do aparecimento da noção de população promoveu o crescimento de interesses vinculados à produção de um novo tipo de corpo, não mais individual, mas coletivo, composto por múltiplas cabeças, e que deveria ser conduzido para o cumprimento de “uma sociedade disciplinar generalizada” (FOUCAULT, 2008, p. 514).

A partir de um processo chamado de normalização, a norma passou então a ser estabelecida de forma flexível, definida a partir das divergências ocorridas dentro dos grupos de sujeitos. Diante desse funcionamento, passou-se a promover a interação com as diferentes atribuições de normalidade, procurando que as mais desfavoráveis se assemelhem às mais favoráveis (Foucault, 2004, p. 83). Nesse quesito, a definição sobre a normalidade foi estabelecida em primeiro lugar como referência, e a norma passou a ser deduzida a partir disso, criando um jogo onde as diferenças passaram a ser exaltadas e os sujeitos comparados entre si.

Contudo, essa ação de trazer as diferenças para o mesmo espaço dos ditos normais, no contexto da Contemporaneidade, produziu a criação e a intervenção das políticas de apoio, que no campo da educação foram direcionadas a garantir o direito educacional para esses indivíduos. Assim, sob a consolidação de um papel normativo, o funcionamento da norma promoveu a produção de leis, decretos, portarias e vários outros documentos oficiais que, até os dias de hoje, possibilitam “o controle e a regulação do Estado sobre a vida de cada um e da população” (Waldschmidt, 2005, *apud* Lopes; Fabris, 2013, p. 44).

A partir disso, entendemos que a ação de normalizar a anormalidade, posiciona e regula a vida humana, governando não só o contexto individual, como também o coletivo. Nesse destaque, visualizamos que ainda hoje a produção de saberes científicos sobre a vida dos indivíduos atua com propriedade, incidindo na busca por corpos individualmente dóceis, úteis e submissos, como também por indivíduos que sejam regulados coletivamente, satisfazendo as exigências da sociedade e dos saberes científicos. É essa questão que nos faz pensar sobre a necessidade de normalização no contexto da ação escolar.

Conforme Nozu (2014) e Rodrigues (2020), as estratégias de poder-saber exercidas na ação de nomear e classificar os indivíduos, exercem, historicamente, diversas contribuições para o nosso entendimento sobre as ações reguladoras das deficiências. Os modelos, médico, social e biopsicossocial da deficiência (Nozu, 2014; Rodrigues, 2020), demonstram como foi e ainda vem sendo produzida, a disseminação do processo de medicalização, auxiliando-nos a observá-lo no contexto escolar.

Para compreender, Bisol, Pegorini e Valentini (2017, p. 90), destacam que o modelo médico da deficiência foi demarcado a partir do momento em que as concepções “religiosas de mundo cederam espaço para concepções científicas”, no período da Modernidade. Produzido no contexto do aparecimento da sociedade disciplinar, onde os saberes científicos passaram a exercer influência sob o corpo individual dos sujeitos, os saberes médicos produzidos sobre as deficiências foram os responsáveis pela criação de marcas biologicistas sobre as condutas. Como resultado, as questões inerentes às capacidades e às incapacidades dos indivíduos passaram a corresponder às características biológicas de cada um, produzindo ações de reclusão e exclusão.

Todavia, na sociedade de seguridade, os desajustes à norma, começaram a exercer, através do avanço dos saberes médicos, a identificação desses indivíduos como sujeitos patológicos. Isso corresponde à ocasião na qual o diferente passou a ser reconhecido a partir do seu encaixe em um perfil diagnóstico, firmado sob a aparência de uma doença (Luengo, 2010). Essa caracterização, disseminou sobre os corpos individuais e também coletivos “um conjunto de teorias e práticas de cunho assistencial em saúde” (Bampi; Guilhem; Alves, 2010, p. 3).

Assim, dentro de um discurso hegemônico, o modelo médico da deficiência foi sendo naturalizado, criando importantes proporções de ajustamento dentro de diversos cenários institucionais, como é o caso da escola (Nozu, 2014). Foucault (2005, p. 302) explica a atuação da medicina como “um saber-poder que incide ao mesmo tempo sobre o corpo e sobre a população, sobre o organismo e sobre os processos biológicos e que vai, portanto, ter efeitos disciplinares e efeitos regulamentadores”. Logo, sem se limitar a ser apenas um produto das estratégias disciplinares, o modelo médico passou, na sociedade de seguridade, a executar suas estratégias de regulação sobre os riscos inerentes aos indivíduos, tornando a escola um ambiente propício para tal ação.

Nozu (2014) e Rodrigues (2020) destacam que nesse modelo, a deficiência se tornou uma questão associada às dificuldades de convívio social, apresentadas pelas condições biológicas dos indivíduos. Assim, passou-se a acreditar que, tratando os comportamentos desajustados como patologias, as transformações nas condutas dos indivíduos os tornariam capazes de acessar os espaços dos ditos normais, tornando-os ativamente produtivos. Entretanto, em contraponto a esse modelo, encontramos no modelo social da deficiência, outro discurso, onde as dificuldades de acesso da pessoa com deficiência na sociedade não são vinculadas apenas às suas condições biológicas, mas aos aspectos de cunho social e ambiental (Diniz; Medeiros; Squinca, 2007).

Para esse modelo, “[...] a deficiência deixa de ser um problema trágico, de ocorrência isolada de alguns indivíduos menos afortunados, para os quais a única resposta social apropriada é o tratamento médico (modelo médico)” (Bampi; Guilhem; Alves, 2010, P. 6). Consolidando um outro olhar sobre a deficiência, entende-se que esta pode “[...]ser abordada como uma situação de discriminação coletiva



e de opressão social para a qual a única resposta apropriada é a ação política” (BAMPI; GUILHEM; ALVES, 2010, p. 6). Segundo Canguilhem (2009), vista pelo ângulo da sociedade, a deficiência, nesse contexto, passa a corresponder à concepção de que as diferenças físicas, sensoriais e intelectuais não são e não devem ser observadas apenas como representação de doenças. Embora haja os aspectos biológicos e psicológicos dos sujeitos, para esse modelo discursivo, a deficiência foi compreendida a partir dos elementos que fazem parte da esfera social, política e econômica. Tem-se, com isso, as limitações da pessoa com deficiência como fruto de ações externas e não internas ao indivíduo (Rodrigues, 2020).

Nesse sentido, o discurso do modelo social passou a sustentar que a transformação deveria ocorrer primeiro pela reestruturação social e política e não diretamente sobre o quesito biológico e físico do indivíduo (Rodrigues, 2020). No campo da educação, esses discursos começaram a produzir efeitos não mais direcionados à responsabilização apenas dos indivíduos com deficiência, enfatizando que o ambiente necessariamente deveria promover a “acessibilidade e criação de novos métodos, técnicas e práticas de ensino que se atentem ao ambiente social e suas relações com o aluno com deficiência” (Rodrigues, 2020, p. 50).

[...] o modelo social permitiu a apreensão da deficiência como uma experiência de desigualdade e exclusão que pode ser compartilhada por um grupo de pessoas independentes dos seus diferentes tipos de particularidades corporais, podendo uma pessoa com impedimento corporal não experimentar a deficiência se a sociedade acomodar sua diferença, já que para este modelo a causa da deficiência são as desigualdades e restrições de participação impostas pela organização social, que desconsidera (ou pouco comporta) a diversidade humana (Diniz; Barbosa; Santos, 2009 *apud* Rodrigues, 2020, p. 51).

Contudo, apesar dos modelos apresentados (médico e social), no modelo biopsicossocial da deficiência, as estratégias dos modelos anteriores encontram-se articuladas, tornando as causas da deficiência não mais centralizadas somente nos aspectos biológicos ou só nos processos sociais. Conforme Diniz, Barbosa e Santos (2009, p. 72), no terceiro modelo, os “impedimentos corporais e a avaliação das barreiras sociais de socialização” passam a ser descritos como condições que conjuntamente dificultam a participação dos sujeitos na sociedade. A deficiência, então, passa a ser tratada duplamente como uma questão social e política, no que tange às oportunidades oferecidas para o desenvolvimento dos sujeitos, sem desconsiderar seus aspectos físicos e individuais frente às capacidades biológicas para o aprendizado (Santos, 2018; Rodrigues, 2020).

A partir disso, vemos que no viés do modelo biopsicossocial, ocorre uma atualização contemporânea das estratégias biopolíticas para a condução da anormalidade. Sendo assim, a medicalização dos sujeitos se estabelece como uma necessidade e a possibilidade de reabilitá-los impõe aos espaços sociais, como é o caso da escola, a indispensabilidade da preparação adequada para o recebimento da pessoa com deficiência. Nesse sentido, ao apresentarmos os três modelos da deficiência dentro de uma breve contextualização histórica, evidenciamos que o conhecimento sobre eles oferece alguns subsídios para compreender não só os deslocamentos ocorridos na constituição do processo de inclusão escolar, mas também, como certas verdades foram sendo construídas sobre as causas das deficiências.

Desse modo, compondo o segundo movimento metodológico da pesquisa, que corresponde a análise das políticas educacionais inclusivas brasileiras, evidenciamos a partir dos discursos presentes nos documentos, a atuação dos modelos da deficiência diante da definição do público-alvo da educação especial. Esse pressuposto que endereça a quais pessoas devem ser efetivados os suportes e serviços garantidos pela lei, diante do processo de medicalização repercute na definição de

como devem ser os indivíduos e as práticas exercidas sobre eles. Sendo assim, destacamos a análise referente aos documentos: Política Nacional de Educação Especial (1994), Diretrizes Nacionais de Educação Especial na Educação Básica (Resolução nº 2 de 11 de setembro de 2001) e Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008).

Ao olharmos para a Política Nacional de Educação Especial instituída no Brasil em 1994, compreendemos que esta foi fruto das ações internacionais promovidas pela Unesco em 1990, diante da reivindicação do acesso à educação para todas as pessoas. Nesse sentido, a constituição da política brasileira visou promover o acesso escolar ao público “genericamente chamados de portadores de necessidades educativas especiais”, classificados como “portadores de deficiência (mental, visual, auditiva, física, múltipla), portadores de condutas típicas (problemas de conduta) e portadores de altas habilidades (superdotados)” (Brasil, 1994, p.13). Entretanto, embora implementada como um passo importante no acesso escolar, a política foi movimentada nesse contexto histórico, com o discurso de que a participação desse público-alvo no espaço da escola comum deveria ocorrer a partir de um processo de adaptação aos currículos e ao ritmo escolar. Assim, as capacidades de adaptação ou não dos indivíduos seriam determinantes para acomodá-los nas classes comuns ou encaminhá-los às salas ou escolas especiais. De acordo com a política esses espaços podem ser compreendidos como:

Classes comuns: Ambiente dito regular de ensino/aprendizagem, no qual também estão matriculados, em processo de integração instrucional, os portadores de necessidades especiais que possuem condições de acompanhar e desenvolver atividades curriculares programadas do ensino comum, no mesmo ritmo que os alunos ditos normais (Brasil, 1994, p. 19).

Classes especiais: Sala de aula em escola de ensino regular, organizada de forma a se constituir em ambiente próprio e adequado ao processo ensino/aprendizagem do alunado da educação especial. Nesse tipo de sala, os professores capacitados, selecionados para essa função, utilizavam métodos, técnicas e recursos pedagógicos especializados e, quando necessário, equipamentos e materiais didáticos específicos (Brasil, 1994, p.19).

A partir disso, observamos que o processo de inclusão proposto se alinhava a ênfase do modelo médico de deficiência, onde as capacidades e as condições de permanência dos indivíduos eram avaliadas, incitando sobre eles, a superação de suas limitações biológicas e cognitivas, responsabilizando-os pela satisfação ou não de seus desempenhos escolares. Porém, com o passar dos anos, outras políticas foram dando forma ao processo de inclusão escolar, promovendo o aprimoramento dos serviços e das práticas educacionais dirigidas à pessoa com deficiência na escola comum.

Com a chegada dos anos 2000, observamos que as ações inclusivas começaram a ser mais direcionadas a reestruturação das escolas, mobilizando esse espaço como um ambiente mais democrático e competente para o atendimento da diversidade (Menezes, 2011). A inclusão da pessoa com deficiência na escola comum passa a se alicerçada no fortalecimento do status de inquestionabilidade, tornando-se algo que deveria ser aceito e desejado por todos (Menezes, 2011). Nesse sentido, as Diretrizes Nacionais de Educação Especial na Educação Básica, instituídas pela Resolução nº 2 de 11 de setembro de 2001, assumiram algumas dessas deliberações, como modelo de operacionalidade da educação especial dentro da escola regular.

Art. 2º Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais



especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos (Brasil, 2001, n.p).

Art. 3º Por educação especial, modalidade da educação escolar, entende-se um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da educação básica (Brasil, 2001, n.p).

Art. 9º As escolas podem criar, extraordinariamente, classes especiais, cuja organização fundamente-se no Capítulo II da LDBEN, nas diretrizes curriculares nacionais para a Educação Básica, bem como nos referenciais e parâmetros curriculares nacionais, para atendimento, em caráter transitório, a alunos que apresentem dificuldades acentuadas de aprendizagem ou condições de comunicação e sinalização diferenciadas dos demais alunos e demandem ajudas e apoios intensos e contínuos (Brasil, 2001, n.p).

§ 1º Nas classes especiais, o professor deve desenvolver o currículo, mediante adaptações, e, quando necessário, atividades da vida autônoma e social no turno inverso (Brasil, 2001, n.p).

Na constituição desse cenário, visualizamos que as estratégias para a inclusão escolar se deslocam sobre a premissa do modelo social de deficiência. Embora ainda fosse possível observar o encaminhamento dos estudantes com deficiência às classes especiais, a priorização pela eliminação de barreiras sociais e escolares assume um movimento importante para que a pessoa com deficiência possa desfrutar do direito de estar incluído na escola e na sala de aula comum. Esse dado demonstra um deslocamento na compreensão da deficiência e sobre o papel processo da inclusão escolar.

Contudo, o marco mais substancial, movimentado pela ideia de uma escola de todos e feita para todos, ocorreu a partir do ano de 2008, com a implementação da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Nesse momento, o direito educacional à pessoa com deficiência começa a ser direcionado ao modelo da escola que se adapta totalmente para incluir, organizando-se de forma mais efetiva para oferecer uma estrutura adequada às especificidades dos sujeitos nela incluídos, além do provimento da matrícula obrigatória.

Ao reconhecer que as dificuldades enfrentadas nos sistemas de ensino evidenciam a necessidade de confrontar as práticas discriminatórias e criar alternativas para superá-las, a educação inclusiva assume espaço central no debate acerca da sociedade contemporânea e do papel da escola na superação da lógica da exclusão. A partir dos referenciais para a construção de sistemas educacionais inclusivos, a organização de escolas e classes especiais passa a ser repensada, implicando uma mudança estrutural e cultural da escola para que todos os estudantes tenham suas especificidades atendidas (Brasil, 2008, p.1).

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva tem como objetivo assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação (Brasil, 2008, p.14).

Nesse cenário, a educação especial assume a categoria essencialmente complementar e/ou suplementar para o processo educacional dos alunos com deficiência:

O atendimento educacional especializado tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos estudantes, considerando suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos estudantes com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela (Brasil, 2008, p. 11).

Essa nova condição de direito, nos leva ao entendimento de que a ampliação das condições de atendimento da pessoa com deficiência passa a englobar a articulação com modelo biopsicossocial da deficiência. Isso porque, ao propor a adequação de práticas escolares às necessidades dos sujeitos, a instituição escolar toma como movimento a exaltação das diferenças. Com isso, a busca por conhecer, identificar e classificar os sujeitos que nela estão sendo incluídos se torna o cerne para situá-los frente às estratégias de atendimento, de organização curricular e de participação no ambiente escolar.

Assim, vemos que a Política Nacional de Educação Especial, na perspectiva da Educação Inclusiva de 2008, constituiu o passo responsável por promover uma “reconfiguração da educação especial no contexto educacional brasileiro” (Menezes, 2001, p. 56), reorganizando as práticas inclusivas para o atendimento dos alunos com deficiência. Com esse evento, outras novas normativas<sup>2</sup> foram direcionando práticas e serviços como o Atendimento Educacional Especializado (AEE), que passou a ser compreendido como uma condição de garantia para a efetivação da inclusão, dentro da escola regular.

Todavia, embora isso possa demonstrar consideráveis deslocamentos para a permanência da pessoa com deficiência na escola comum, parece-nos que a definição de público-alvo da educação especial apresenta uma redução dos indivíduos ao nível de suas patologias. Em outras palavras, observamos que no modelo biopsicossocial da deficiência, a pessoa com deficiência ao mesmo tempo em que dispõe do direito de acesso pleno ao espaço comum, a partir da eliminação de barreiras sociais e escolares, por outro lado, não escapa de ser classificada pelo atributo dos diagnósticos clínicos, materializados pelos laudos médicos.

Desse modo, mesmo que sejam observáveis os deslocamentos ocorridos frente às concepções de inclusão, ainda vemos a existência de uma necessidade contínua sobre a “marcação” dos indivíduos. A partir disso, percebemos que a busca indiscriminada por inserir todo e qualquer indivíduo que se desvie dos padrões de normalidade, sob a lógica da medicalização, reflete o predomínio dos saberes médicos na escola em detrimento dos saberes pedagógicos. Como exemplo disso, encontramos subsídio a essa condição em alguns manuais utilizados como referência para a avaliar e classificar as deficiências.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) e a Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID-10), são instrumentos que apesar de sua importância para a definição de diversos diagnósticos, representam no contexto do processo de medicalização instrumentos que sob a ênfase clínica, nomeiam as subjetividades pelo uso de termos de cunho psicológico, comportamental e de desenvolvimento, reduzindo a existência humana a uma sigla, um código e um rótulo (Lockmann; Klein, 2023).

2 Citamos como exemplo dessas normativas: Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial (Resolução CNE/CEB n.º 4 de 2 de outubro de 2009) e Decreto n.º 7.611 de 17 de novembro 2011 (Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências).



Além deles, no caráter do modelo biopsicossocial da deficiência, destacamos a referência de outros dois instrumentos, a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF) e o Índice de Funcionalidade Brasileiro (IFBr-M). A partir de Bampi, Guilhem e Alves (2010, p.4), nesses manuais a incapacidade dos indivíduos não é focada somente nas suas características biológicas, mas é atribuída como resultado da “interação entre a disfunção apresentada pelo indivíduo, a limitação de suas atividades, a restrição à participação social e os fatores ambientais que podem atuar como facilitadores ou barreiras para o desempenho das atividades e da participação”.

Diante das exposições apresentadas pela análise, ao olharmos para o processo de medicalização, visualizamos que a compreensão sobre os modelos da deficiência nos situa frente ao modo como a deficiência passa a ser concebida em cada momento histórico, movimentando práticas e ações que ora promovem a inclusão e ora a exclusão. Nesse sentido, ao passo que as políticas educacionais inclusivas assumem importantes conquistas para as pessoas com deficiência, pois a definição do público-alvo detém um caráter político, também proporcionam a abertura para a necessidade de identificar, classificar e normalizar os indivíduos.

## Conclusões

Concluimos que os saberes médicos detêm o poder de capturar os desvios apresentados pelos indivíduos, dando a eles o aspecto de doenças que precisam de tratamento. Entretanto, a perversidade do processo de medicalização reside nessa forma de articular esse saber, desconsiderando os aspectos individuais, culturais, de gênero, raça, etnia e etc, que atravessam a vida dos indivíduos. Essa relação, destaca na ânsia por patologizar as condutas diante da nomeação e classificação das existências.

Sendo assim, entendemos que o processo de medicalização no contexto escolar, se sustenta pela legitimidade científica que o saber médico apresenta em todos os espaços da sociedade e que a escola, sendo uma instituição normalizadora, reproduz tais discursos como uma estratégia para ajustar os comportamentos “desviantes” que possam produzir não só o fracasso escolar, mas também riscos futuros à sociedade.

## Agradecimentos

Agradecemos a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento da pesquisa.

## Referências

BAMPI, Luciana Neves da Silva; GUILHEM, Dirce; ALVES, Elíoenai Domelles. Modelo social: uma nova abordagem para o tema deficiência. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 18, n. 4, 2010.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial**: Livro 1/MEC/SEESP. Brasília, 1994.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: Ministério da Educação MEC/SECADI, 2008.

BRASIL. **Resolução nº 2 de 11 de setembro de 2001**: Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica. Brasília: Portal do MEC, 2001.

BISOL, Claudia Aquati; PEGORINI, Nicoli Naji; VALENTINI, Carla Beatriz. Pensar a deficiência a partir dos modelos médico, social e pós-social. **Cad. Pes.**, São Luís, v. 24, n. 1, 2017.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2009.

CIF: **Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde** / [Centro Colaborador da Organização Mundial da Saúde para a Família de Classificações Internacionais em português, org.; coordenação da tradução Cássia Maria Buchalla]. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

DINIZ, Debora; MEDEIROS, Marcelo; SQUINCA, Flávia. Reflexões sobre a versão em Português da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde. **Cad. Saúde Pública**. v. 23, n.10, Rio de Janeiro, 2007.

DINIZ, Débora; BARBOSA, Livia; SANTOS, Wederson Rufino dos. Deficiência, direitos humanos e justiça. **SUR - Revista Internacional de Direitos Humanos**, São Paulo, v. 6, n. 11, p. 65-77, 2009.

DSM-5, **Manual Diagnóstico E Estatístico De Transtornos Mentais**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

EWALD, François. **Foucault, a norma e o direito**. 2 ed. Lisboa: Veja, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. O cuidado com a verdade. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**: ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 240-251.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território e População**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREITAS, Claudia Rodrigues de. A Medicalização Escolar – Epidemia de nosso tempo: O conceito de TDAH em debate. 36ª Reunião Nacional da ANPed. **Anais...** Goiânia – GO, 2013.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão *et al.* Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LOCKMANN, Kamila; KLEIN, Rejane. A clinicalização da existência: problematizações e atualizações acerca do olhar médico sobre o público da Educação Especial. In: **Revista Educação Unisinos** – v.27, 2023.

LOPES, Maura Corcini; FABRIS, Eli Henn. **Inclusão & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LUENGO, FC. **A vigilância punitiva: a postura dos educadores no processo de patologização e medicalização da infância** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

MENEZES, Eliana da Costa Pereira de. **A maquinaria escolar na produção de subjetividades para uma sociedade inclusiva**. Tese de Doutorado em Educação - Instituição de Ensino: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo Biblioteca Depositária: Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 2011.



NOZU, Washington Cesar Shoiti. O poder da palavra: o discurso médico e o discurso social da deficiência e suas implicações para as políticas e práticas educacionais. *In*: NOZU, Washington Cesar Shoiti; BRUNO, Marilda Moraes Garcia (orgs.). **Educação Especial e inclusão escolar**: tensões, desafios e perspectivas. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 41-59, 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**: CID-10 Décima revisão. Trad. do Centro Colaborador da OMS para a Classificação de Doenças em português. 3 ed. São Paulo: EDUSP; 1996.

RAMOS, Carolina Lehnemann. O “laudo” na inclusão de alunos no ensino regular: uma estratégia de governamentalidade biopolítica. X ANPED SUL, **Anais...** Florianópolis, 2014, p. 01-15.

RECH, Tatiana Luisa. **A emergência da inclusão escolar no governo FHC**: movimentos que a tornaram uma “verdade” que pertence. Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2010.

RESOLUÇÃO Nº 01, DE 05 DE MARÇO DE 2020. **Dispõe sobre a aprovação do Índice de Funcionalidade Brasileiro Modificado IFBrM como Instrumento de Avaliação da Deficiência**. Disponível em: [http://www.ampid.org.br/v1/wp-content/uploads/2020/03/SEI\\_MDH-1100672-CONADE\\_Resoluc%CC%A7a%CC%83o.pdf](http://www.ampid.org.br/v1/wp-content/uploads/2020/03/SEI_MDH-1100672-CONADE_Resoluc%CC%A7a%CC%83o.pdf). Acesso em: 14 mai. 2025.

RODRIGUES, Fernanda Martins Castro. **Programa BPC (na escola?)**: Biorregulamentação no município de Dourados/MS. Dissertação (Mestrado em Fronteiras e Direitos Humanos). Universidade Federal da Grande Dourados, 2020.

SANTOS, Francieli Lunelli. História da deficiência: do modelo biomédico ao modelo biopsicossocial – concepções, limites e possibilidades. *In*: Encontro regional de história: tempos de transição, 16, 2018, **Anais...** Ponta Grossa: ANPUH/PR, 2018.

UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação para todos**: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem. Jontien, 1990.

WALDSCHMIDT, A. Who is normal? Who is deviant? “Normality” and “risk” in generic diagnostics and counseling. *In*: TREMAIN, S. (ED.). **Foucault and the government of disability**. University of Michigan (USA), 2005, p. 191-207.



# **IX DIÁLOGOS**

na contemporaneidade

**POR OUTROS MODOS**  
*DE PENSAR A VIDA, A*  
**TERRA E NOSSO JEITO**  
*DE ESTAR NO MUNDO*

